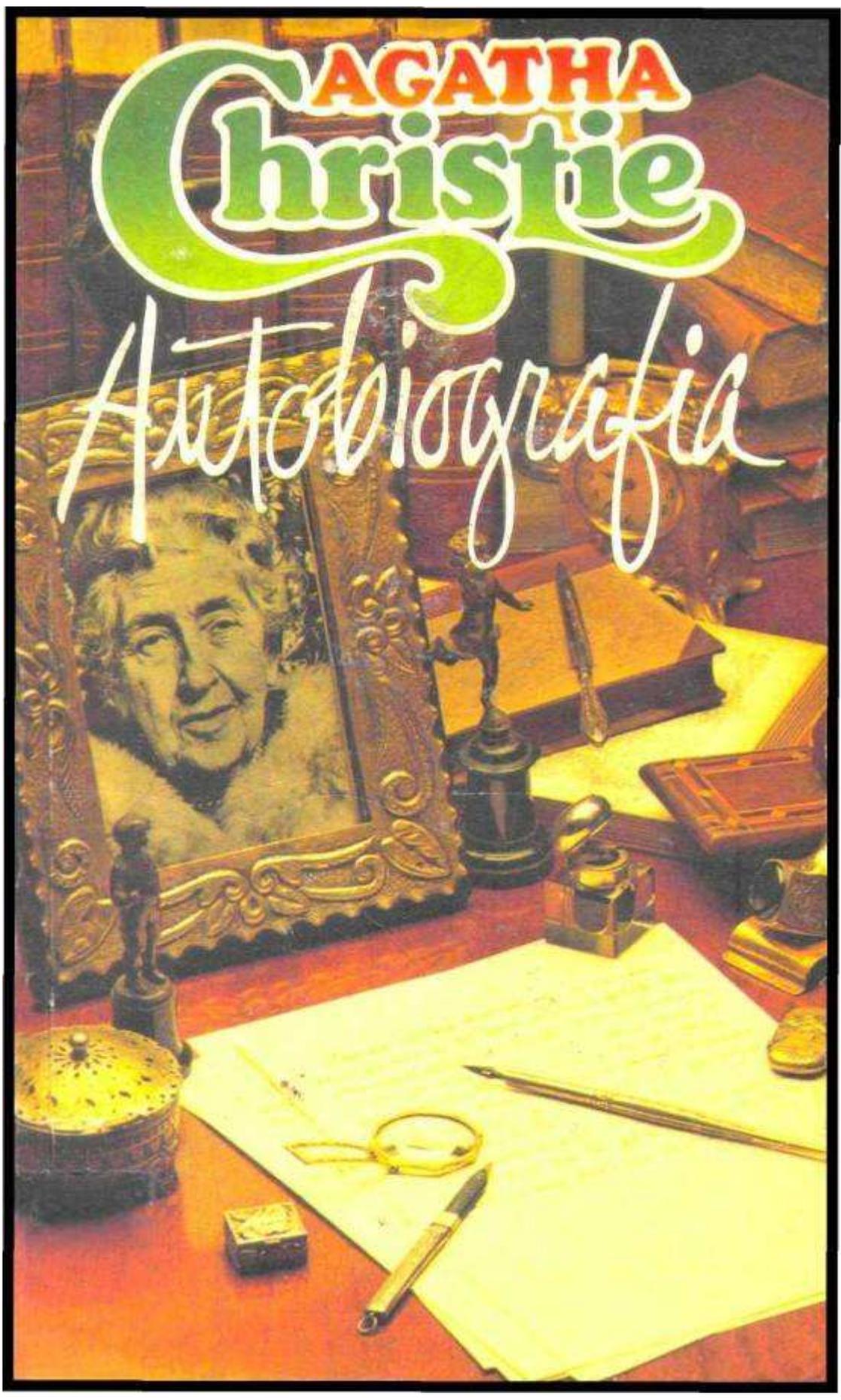


AGATHA
Christie

Autobiografia



Autobiografia



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Agatha Christie

Autobiografia

CÍRCULO DO LIVRO

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa posta 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "An autobiography"

Copyright © 1977 by Agatha Christie Limited

Tradução: Maria Helena Trigueiros

Layout da capa: Natanael Longo de Oliveira

Foto: Thor Crespi

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Editora Nova Fronteira S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

86 88 89 87 85

Introdução

Nimrod, Iraque, 2 de abril de 1950.

Nimrod é o nome moderno da antiga cidade de Calach, a capital militar dos assírios. Nossa casa da expedição é construída com tijolos de lama. Ela estende-se para o lado leste da colina artificial¹, e é constituída por uma cozinha, uma sala de estar e uma de jantar, uma pequena copa, uma sala de trabalho, outra de desenho, um galpão grande, uma sala para guardar as cerâmicas e uma minúscula câmara escura para as fotografias (nós todos dormíamos em tendas de campanha). Este ano foi acrescentado mais um quarto à casa da expedição, um cômodo que mede aproximadamente três metros quadrados. O teto é de gesso, com esteiras de junco e alguns alegres tapetes rústicos. Na parede está suspenso um quadro de um jovem artista do Iraque, representando dois burros caminhando através do *sucq*², tudo isso pintado como um labirinto de cubos de intenso colorido. Há uma janela que dá para leste, para as montanhas do Curdistão, cujos píncaros se cobrem de neve. Na parte exterior da porta acha-se afixado um cartão quadrado onde se lê, impresso em caracteres cuneiformes, BEIT AGATHA (Casa de Agatha).

Esta, portanto, é “minha casa”, e é minha intenção usufruir dentro dela de uma privacidade absoluta para poder dedicar-me à importante tarefa de escrever.

¹ *Colina artificial feita pelo acúmulo de terra e detritos, ao longo dos séculos, em ruínas de antigas cidades ou povoados. (N. da T.)*

² *“Mercado.” Em árabe no original. (N. do E.)*

Pelo ritmo em que a escavação prossegue, provavelmente não terei tempo. Terei que limpar e reconstituir objetos. Terei que revelar fotografias, rotulando-as, catalogando-as e empacotando-as. Mas, na primeira semana ou nos primeiros dez dias, devo dispor de algum tempo.

É verdade que existem alguns empecilhos à minha concentração...

No telhado, por cima de mim, os trabalhadores árabes se movem aos pulos, gritando alegremente uns para os outros e alterando a posição de escadas inseguras... Há cachorros latindo, perus que não param de fazer gluglu. O cavalo do policial faz tilintar a corrente que o prende, e a janela e a porta recusam-se a ficar fechadas, abrindo-se alternadamente, com grande ruído. Estou sentada diante de uma mesa de madeira razoavelmente firme, e a meu lado tenho uma caixa de lata, pintada em cores alegres, das que os árabes costumam levar consigo quando viajam. É dentro dela que me proponho guardar minhas páginas datilografadas, à medida que meu trabalho progredir.

Deveria estar escrevendo um romance policial; no entanto, com aquela natural tendência do escritor para escrever seja o que for, exceto aquilo que deveria estar escrevendo, inesperadamente senti vontade de escrever minha autobiografia. Esse anseio de escrever a própria biografia, ouço dizer, tarde ou cedo se apossa da gente. Subitamente, tomou conta de mim.

Pensando melhor, a palavra “autobiografia” é por demais pomposa. Sugere o propósito de elaborar um estudo acerca da própria vida. Implica escrever nomes, datas e lugares em cuidadosa ordem cronológica. Porém, o que desejo mesmo é mergulhar minha mão em uma espécie de caverna maravilhosa e daí extrair um punhado das mais diversas recordações.

Em meu entender, a vida consiste em três partes: o presente, absorvente e habitualmente agradável, que corre minuto a minuto com velocidade fatal; o futuro, obscuro e incerto, para o qual podemos fazer inúmeros planos interessantes, e tanto melhor se forem insólitos e improváveis — afinal, nada virá a ser como esperávamos que fosse, e ao menos nos divertimos enquanto planejávamos; e a terceira parte, o passado, as recordações e as realidades que são os alicerces da vida presente e que nos surgem de repente, trazidas por um perfume, pela forma de uma colina, qualquer canção antiga, trivialidades que nos fazem de súbito murmurar: “Eu me lembro...”, com um peculiar e quase inexplicável prazer.

Esta é uma das compensações que a idade nos dá e, certamente, é muito agradável: recordar.

Infelizmente, muitas vezes não só desejamos recordar como também desejamos *falar* de nossas recordações. E isso, há que repetirmos a nós próprios, é maçante para os outros. Por que deveriam estar interessados, afinal, em recordações alheias, se se trata de *nossa* vida, e não da vida deles? Porém, quando são jovens, eles costumam conceder às nossas recordações certa curiosidade histórica.

“Suponho”, diz demonstrando interesse uma moça bem-educada, “que se lembra de tudo acerca da Guerra da Criméia, não?”

Um pouco melindrada, replico que não sou assim tão velha que me lembre da Guerra da Criméia. Também nego ter conservado qualquer lembrança da Revolta dos Sipaios. Mas admito vagas recordações da Guerra dos Bôeres — coisa inevitável, pois meu irmão participou de seus combates.

A primeira lembrança que surge na minha memória é uma

visão-clara de mim mesma caminhando pelas ruas de Dinard em dia de feira, com minha mãe. Um moço que carregava um grande cesto, cheio de variadas coisas, esbarrou violentamente em mim, machucando um pouco meu braço e quase me jogando ao chão. Meu braço doeu. Comecei a chorar. Creio que tinha então aproximadamente sete anos de idade.

Minha mãe, que gostava de comportamentos estóicos em lugares públicos, chama minha atenção:

“Pense”, diz ela, “em nossos bravos soldados na África do Sul!”

Respondi, indignada: “Não quero ser um bravo soldado. Quero ser uma covarde!”

Que fatores governam a escolha de nossas recordações? Viver é como estar sentado em um cinema. Clique! Aqui estou eu, criança ainda, comendo doces de creme no dia de meu aniversário. Clique! Passaram-se dois anos, e estou nos joelhos de minha avó, no ato de ser solenemente amarrada com um barbante como um frango chegado da loja do sr. Whiteley, e quase histérica de tanto rir com essa brincadeira.

São apenas momentos que nos chegam do passado — e entre eles imensos espaços vazios, de meses ou até de anos. Onde estamos, então? Isso nos leva à pergunta de Peer Gynt: “Onde estava eu, eu próprio, o homem total, o homem verdadeiro?”

Jamais conhecemos o ser total, embora às vezes, com a rapidez do relâmpago, possamos conhecer o ser verdadeiro. Acho que nossa memória nos apresenta momentos que, apesar de parecerem insignificantes, representam o verdadeiro ser interior de uma pessoa, aquilo que ela é em sua realidade.

Hoje, sou a mesma pessoa que era, a menina solene com cachos louros, de um louro muito claro, que desciam até os

ombros como salsichas. A morada onde a mente habita cresce, desenvolve instintos e gostos, emoções e capacidades intelectuais, mas eu própria, a verdadeira Agatha, continuo a mesma. Não conheço a Agatha total. A Agatha total, acredito, apenas Deus a conhece.

Portanto, aqui estamos, todas nós, a pequena Agatha Miller e a Agatha Miller já crescida e a Agatha Christie e a Agatha Mallowan, seguindo nosso caminho — para onde? Isso nós não sabemos, mas é o que torna a vida interessante. Sempre achei a vida interessante, e ainda a acho.

Como sabemos muito pouco da vida — apenas nossa ínfima parte —, cada um de nós é como um ator que tem algumas falas para dizer no primeiro ato. Ele dispõe de um *script* datilografado com suas deixas, e isso é tudo quanto sabe. Não leu a peça inteira. Por que iria lê-la? Terá apenas que dizer: “O telefone está enguiçado, minha senhora”, e depois retirar-se para a obscuridade.

Quando, porém, o pano subir, ele escutará a peça à medida que ela for sendo representada, e terá que contracenar com todos os outros atores e falar quando escutar sua deixa.

Participar de algo que não entendemos totalmente é, penso, uma das coisas mais interessantes da vida.

Gosto de viver. Tenho, por vezes, experimentado violentos desesperos e sofrido desgostos brutais, tenho me sentido destrocada pela tristeza, mas, em meio a tudo isso, ainda guardo a certeza de que o simples fato de estar *viva* é uma grande coisa.

Por isso, meu plano é gozar os prazeres que a memória me proporciona, não me apressando — escrevendo algumas páginas de vez em quando. É uma tarefa que provavelmente levará anos. Mas por que lhe chamarei eu uma *tarefa*? É um privilégio! Uma

vez vi um antigo rolo de pergaminho chinês de que gostei muito. Representava um ancião sentado sob uma árvore, brincando com um pedaço de barbante. Chamava-se *Homem velho gozando os prazeres do ócio*. Jamais o esqueci.

Já que decidi divertir-me, talvez fosse melhor começar logo. E, apesar de não me sentir capaz de manter uma continuidade cronológica, posso tentar começar do princípio.

Primeira parte

ASHFIELD

“Ô ma chère maison; mon nid, mon gîte,
le passé l’habite... Ô ma chère maison.”¹

¹ *“Minha querida casa, meu ninho, meu abrigo. O passado a habita, minha querida casa.” Em francês no original. (N. da T.)*

I

Uma das melhores coisas que nos podem acontecer na vida é ter uma infância feliz. Eu tive uma infância feliz. Possuía uma casa e um jardim que eu amava; uma babá sábia e paciente; meu pai e minha mãe eram duas pessoas que se amavam ternamente, e tornaram o casamento e a paternidade verdadeiros êxitos.

Olhando para o passado, sinto que nossa casa era de fato um lar feliz. Isso se devia largamente a meu pai, pois tratava-se de um homem muito agradável — qualidade, aliás, pouco apreciada hoje em dia. Atualmente, as pessoas se interessam mais em saber se um homem é inteligente, se é trabalhador, se contribui para o bem-estar da comunidade, se ele “conta” no esquema geral. Charles Dickens, porém, trata esse assunto de uma maneira deliciosa em *David Copperfield*:

“— Seu irmão é um homem agradável, Peggotty? — inquiri cautelosamente.

— Oh! Meu irmão é um homem muito agradável! — exclamou Peggotty”.

Pergunte a si próprio se a maioria de seus amigos e pessoas conhecidas são agradáveis, e ficará surpreso porque raramente sua resposta poderá ser igual à de Peggotty.

Pelos padrões modernos, meu pai provavelmente não seria uma pessoa bem-conceituada. Era um homem preguiçoso. Naquele tempo existia gente que vivia de rendas, e quem possuía

rendas não trabalhava. Nem ficava bem trabalhar. Tenho fortes suspeitas de que meu pai não teria sido muito bem sucedido no trabalho, caso o tentasse.

Saía todas as manhãs de casa, em Torquay, e encaminhava-se para seu clube. Regressava de táxi para almoçar, e de tarde ia de novo para o clube, jogava uíste a tarde toda e só vinha para casa a tempo de se vestir para o jantar. Durante a temporada, passava os dias no clube de críquete, do qual era presidente. Ocasionalmente, também organizava grupos de teatro amador. Tinha uma imensa turma de amigos, e adorava convidá-los à sua casa. Todas as semanas havia em nossa casa um grande jantar, e habitualmente meu pai e minha mãe saíam para jantar com amigos duas ou três vezes por semana.

Só mais tarde entendi o quanto meu pai era amado. Depois de sua morte, chegaram cartas de todos os cantos do mundo. E repetidas vezes apareciam comerciantes locais, motoristas de táxi, empregados antigos e velhotes, que me diziam: “Ah! Recordo-me muito bem do sr. Miller. Jamais o esquecerei. Não existem pessoas como ele nos dias de hoje”.

Todavia, ele não exibia características fora do comum. Não era especialmente inteligente. Acho que seu coração era simples e cheio de amor, e que realmente se interessava pelo próximo. Possuía agudo senso de humor, e facilmente fazia as pessoas rirem. Não havia nele mesquinhez alguma, nem inveja, e era quase inacreditavelmente generoso. Possuía também uma serenidade e uma alegria como que inatas.

Minha mãe era inteiramente diferente. Sua personalidade era enigmática e cativante — mais poderosa do que a de meu pai —, extremamente original em suas idéias. No entanto, sua falta de confiança em si própria era terrível; era tímida e, no fundo, creio,

sofria de uma melancolia congênita.

Empregados e crianças eram-lhe dedicados, e a menor de suas ordens era prontamente cumprida. Era uma educadora de primeira categoria. Qualquer coisa que dissesse se tornava imediatamente interessante e significativa. A rotina a entediava, e freqüentemente pulava de um assunto para outro, de tal maneira que sua conversa por vezes se tornava desconcertante. Como meu pai costumava dizer-lhe, ela não possuía senso de humor. Contra essa acusação, minha mãe protestava com voz magoada: “Só porque não acho algumas de suas histórias engraçadas, Fred...”, e então as risadas de meu pai retumbavam pela sala.

Minha mãe era uns dez anos mais jovem que meu pai, e amava-o devotadamente desde os dez anos de idade. Durante todo o tempo em que ele fora um jovem que preferia se divertir, movimentando-se constantemente entre Nova York e o sul da França, minha mãe, uma menininha tímida, ficara em casa pensando nele, escrevendo ocasionalmente um poema em seu diário, bordando uma bolsinha para ele — a propósito, ela guardou essa bolsinha por toda a vida.

Um romance tipicamente vitoriano, mas enraizado em sentimentos profundos.

Interesso-me por meus pais não apenas porque eram *meus* pais, mas porque conseguiram obter êxito nessa obra rara que é um casamento feliz. Até hoje só conheci quatro casamentos completamente bem-sucedidos. Será que existe uma fórmula para o êxito? Não creio. Dos quatro exemplos que citei, um era o de uma moça de dezessete anos, casada com um homem quinze anos mais velho. A princípio, ele protestara que ela não poderia ter certeza do que queria. Ela replicou que sabia perfeitamente o que queria, pois havia já três anos decidira casar-se com ele. Sua vida

de casados foi complicada porque se mudaram para a casa deles, primeiro uma, depois a outra sogra — motivo bastante para fazer soçobrar a maior parte dos matrimônios. Essa mulher tem um temperamento calmo e de profunda intensidade. Lembra-me um pouco minha mãe, não fosse pela ausência de brilho e interesses intelectuais. O casal tem três filhos, todos eles já espalhados pelo mundo. Esse casamento dura há mais de trinta anos, e eles permanecem devotados um ao outro. Outro dos casamentos felizes que conheci foi o de um jovem casado com uma mulher quinze anos mais velha que ele, uma viúva. A princípio, ela recusou-o por vários anos; finalmente, aceitou-o, e viveram felizes até a morte dela, trinta e cinco anos mais tarde.

Minha mãe, Clara Bohemer, foi muito infeliz quando criança. Seu pai, oficial do Regimento de Argyll Highlanders, foi derrubado pelo cavalo e morreu em consequência disso; minha avó ficou viúva ainda jovem e bonita, com quatro filhos, aos vinte e sete anos de idade, contando, para manter toda a família, apenas com a pensão. Foi por essa época que sua irmã mais velha, recém-casada com um americano rico, de quem era a segunda esposa, lhe escreveu, oferecendo-se para adotar uma das crianças e criá-la como se fosse sua.

Aquela jovem e angustiada viúva, que trabalhava desesperadamente com costuras para alimentar e educar quatro crianças, achou que não tinha o direito de recusar. Dos quatro filhos — três meninos e uma menina —, escolheu a menina; em primeiro lugar, porque lhe parecia que os rapazes podiam mais facilmente lutar pela vida, ao passo que uma menina necessitava das vantagens de uma vida mais confortável. Em segundo, como minha mãe sempre acreditou, essa escolha se devia ao fato de que minha avó gostava mais dos rapazes. Minha mãe partiu de Jersey

e foi morar no norte da Inglaterra, em uma casa estranha. Penso que o ressentimento que sentiu, a profunda ferida por se julgar rejeitada, sempre impregnou sua atitude perante a vida. Foi essa a causa de sua falta de confiança em si própria e de suas suspeitas quanto ao afeto dos outros para com ela. Sua tia era uma mulher boa, bem-humorada e generosa, mas sem o menor talento para compreender os sentimentos de uma criança. Minha mãe usufruía as chamadas vantagens de morar em uma casa confortável e receber uma boa educação — mas o que perdera, e nada poderia substituir, era a vida despreocupada com seus irmãos, *em sua própria casa*. Muitas vezes tenho visto, nas colunas de cartas ao redator dos jornais, pais ansiosos perguntando se deveriam entregar seus filhos a outras pessoas, porque “não podem proporcionar-lhes certas vantagens — uma educação de primeira categoria, por exemplo”. Sempre sinto irreprimível vontade de gritar: “Não deixe partir seu filho. O que vale a melhor educação comparada ao sentimento de segurança que dá a própria casa, a família, o amor dos seus e a sensação de *pertencer* a tudo isso?”

Minha mãe foi profundamente infeliz em sua nova vida. Todas as noites chorava quando ia se deitar, acabou ficando magra e pálida, e por fim tão doente que sua tia chamou o médico. Esse médico, homem já de certa idade, com vasta experiência, depois de conversar um pouco com a menina, falou à tia: “A criança está sofrendo de saudades de casa”. A tia ficou espantada e descrente. “Oh! não”, respondeu, “Clara é uma menina muito boa e muito quieta, não dá trabalho algum, e acredito que se sente muito feliz aqui.” O velho doutor foi de novo conversar com Clara. Ela tinha irmãos, não tinha? Quantos? Quais eram os nomes deles? E, subitamente, a criança rompeu em prantos e contou a história toda. Falar do que a atormentava abrandou-lhe a tensão,

mas o sentimento de “não ser querida” permaneceu para sempre. Creio que conservou esse ressentimento toda a vida em relação a minha avó, até a sua morte. Por outro lado, porém, minha mãe ficou muito ligada a seu “tio” da América. Era então um homem doente; gostava muito da pequena e tranqüila Clara, e ela costumava ler-lhe seu livro preferido, *The king of the golden river*. Mas naquele tempo, o verdadeiro consolo para minha mãe eram as visitas do enteado de sua tia — Fred Miller —, o chamado “primo Fred”, rapaz de aproximadamente vinte anos e sempre inexcedivelmente amável com sua “priminha”. Um dia, tinha ela onze anos, ele disse à madraستا:

“Como são lindos os olhos de Clara!”

Clara, que sempre se considerara muito feia, subiu para o quarto da tia e foi mirar-se no grande espelho do toucador. Talvez, realmente, seus olhos fossem bonitos... Sentiu-se muito animada. Desde então, seu coração entregou-se irrevogavelmente a Fred.

Nos Estados Unidos, um velho amigo da família disse ao despreocupado rapaz: “Freddie, um dia você se casará com sua priminha inglesa”.

Espantado, ele replicou: “Clara? Mas ela é uma criança!”

Contudo, ele sempre manteve um sentimento especial por essa criança que o adorava. Guardava suas cartas infantis e os poemas que ela lhe escrevia e, depois de uma longa série de namoros com as beldades sociais e as espirituosas moças de Nova York (entre as quais Jenny Jerome, mais tarde Lady Randolph Churchill), regressou à Inglaterra e pediu à sua priminha para ser sua mulher. Como era de esperar do caráter de minha mãe, a princípio recusou firmemente.

“Por quê?”, perguntei-lhe uma vez.

“Porque eu era uma pessoa melancólica”, respondeu.

Uma razão extraordinária, mas para ela suficientemente válida.

Meu pai, no entanto, não se deu por vencido. Voltou a pedi-la em casamento, minha mãe superou suas apreensões e, apesar de continuar com dúvidas e ainda convencida de que o “decepcionaria”, consentiu em casar-se com ele.

Casaram-se, portanto, e o retrato que guardo dela vestida de noiva mostra um lindo e sério rosto, de cabelos negros e olhos cor de avelã.

Antes do nascimento de minha irmã, foram para Torquay, local então na moda para passar o inverno, e que gozava do prestígio mais tarde concedido à Riviera; alugaram ali um apartamento mobiliado. Meu pai ficou encantado com Torquay. Amava o mar. Muitos de seus amigos moravam ali, e outros, alguns americanos, vinham passar o inverno. Minha irmã Madge nasceu em Torquay, e pouco depois minha mãe e meu pai foram para a América, onde pensavam fixar residência. Os avós de meu pai ainda viviam; depois da morte de sua mãe, na Flórida, ele fora criado por eles na tranqüila região da Nova Inglaterra. Meu pai era muito dedicado a seus avós, e sentia-se ansioso para que eles conhecessem sua mulher e o bebê. Meu irmão nasceu quando ainda se encontravam na América. Algum tempo depois, meu pai decidiu regressar à Inglaterra. Mal chegado, porém, complicações de negócios fizeram com que voltasse a Nova York. Sugeri então a minha mãe que alugasse permanentemente um apartamento mobiliado em Torquay e nele se instalasse, até que ele pudesse regressar definitivamente.

De acordo com essa decisão, minha mãe passou a procurar casas mobiliadas em Torquay, até que anunciou triunfalmente: “Fred, comprei uma casa!”

Meu pai quase caiu de espanto. Ele ainda não desistira de morar na América.

“Mas por que você fez isso?”, perguntou.

“Porque gostei da casa”, respondeu minha mãe.

Ela visitara, parece, aproximadamente trinta e cinco casas; só gostara de uma, e esta estava para vender, não para alugar. Então minha mãe, a quem a tia do marido deixara de herança duas mil libras, apelara para minha tia, que era a depositária, e comprou a casa.

“Mas só iremos morar lá um ano”, resmungou meu pai, “um ano no máximo.”

Minha mãe, a quem sempre consideramos quase vidente, replicou que poderiam então vendê-la de novo. Quem sabe ela não previa, confusamente, que sua família viveria naquela casa ainda por muitos anos?

“Adorei essa casa logo que entrei nela”, insistia minha mãe. “Ela possui uma atmosfera maravilhosamente pacífica.”

A casa pertencia a certas pessoas de nome Brown, que eram quacres; quando minha mãe, hesitante, manifestou à sra. Brown seu pesar pelo fato de que eles iriam abandonar a casa, a velha respondeu gentilmente:

“Fico feliz pensando em você e em seus filhos morando aqui, minha querida”.

Na verdade, creio que essa casa recebera uma bênção. Era do tipo *villa* italiana, bastante comum, e não ficava na parte mais elegante de Torquay — em Warberrys ou Lincombes —, mas no outro extremo da cidade, na parte velha de Tor Mohun. Nesse tempo, a estrada junto à qual se situava conduzia quase imediatamente para a rica região de Derby, com suas pradarias e seus campos cultivados. O nome da casa era Ashfield, e foi meu

lar, desde sempre, toda a minha vida.

Isso porque meu pai não mais quis morar na América. Ele gostava tanto de Torquay que decidiu não sair mais de lá. Instalou-se em seu clube, jogando uíste com seus amigos. Minha mãe odiava morar junto do mar, não apreciava as reuniões sociais, e era incapaz de jogar qualquer jogo de cartas. Mas vivia feliz em Ashfield, e oferecia grandes jantares, cumprindo com suas obrigações sociais; além disso, nos serões tranquilos que passavam em casa, costumava perguntar a meu pai, com ávida impaciência, quais eram os acontecimentos locais e o que havia sucedido durante o dia no clube.

“Nada”, respondia meu pai, bem feliz por isso.

“Mas certamente, Fred, *alguém* deve ter dito algo de interessante, não?”

De boa vontade, meu pai vasculhava sua mente, mas não encontrava nada. Contava então que M. era tão somítico que não comprava o jornal, indo lê-lo no clube e, pior, sempre contava as notícias aos outros membros: “Vocês viram que na fronteira do noroeste...” Todo mundo ficava aborrecido com ele, porque M. era um dos sócios mais ricos.

Minha mãe, que já escutara antes tudo isso, não ficava satisfeita. Meu pai recaía em seu tranqüilo e silencioso contentamento. Aconchegava-se em sua cadeira, estendia as pernas para o fogo e cocava suavemente a cabeça (um passatempo proibido por minha mãe).

“Em que está pensando, Fred?”, perguntava ela.

“Em nada”, respondia meu pai, com absoluta sinceridade.

“*Não é possível pensar em nada!*”

Muitas vezes essa declaração desconcertava minha mãe. Para ela, era inadmissível. Em sua própria mente, os pensamentos

surgiam com a velocidade de andorinhas em pleno vôo. Jamais estivera pensando em *nada*; pelo contrário, freqüentemente pensava em três coisas ao mesmo tempo.

Como verifiquei anos depois, as idéias de minha mãe eram sempre ligeiramente diferentes da realidade. Ela via o universo com cores mais brilhantes do que as reais, as pessoas, melhores ou piores do que realmente eram. Talvez por ter sido tranqüila demais na infância, retraída, com as emoções trancafiadas em seu íntimo, ela tendia a encarar o mundo em termos dramáticos, por vezes até melodramáticos... Sua imaginação era tão forte que jamais a deixava ver as coisas de um ângulo vulgar ou incolor. Também tinha curiosos rasgos de intuição — por exemplo, sabia, de repente, o que as outras pessoas estavam pensando. Quando meu irmão ainda era moço e estava no exército, encontrou-se em dificuldades financeiras que não desejava revelar aos pais, e ela um dia, olhando-o, sobressaltou-se, vendo-o cabisbaixo e preocupado. “Monty, você andou pedindo dinheiro aos agiotas? Andou levantando dinheiro sobre o testamento de seu avô? Não devia fazer uma coisa dessas. É melhor falar com seu pai e contar tudo a ele.”

Essa sua faculdade de fazer tal gênero de declarações sempre surpreendeu nossa família. Minha irmã, um dia, disse: “Quando não quero revelar algum assunto a mamãe, sequer *penso* nele em sua presença”.

II

É difícil saber qual é nossa primeira recordação. Lembro distintamente o dia em que completei três anos. Lembro-me de quanto me senti importante. Tomávamos o chá no jardim — uma

parte do jardim em que, anos mais tarde, uma rede balançava, suspensa entre duas árvores. A mesa estava repleta de doces, o bolo de aniversário era coberto de glacê e exibia as tradicionais velas. Três Velas. E uma excitante ocorrência — uma minúscula aranha vermelha, tão pequena que eu mal podia enxergá-la, surgira correndo pela toalha. E minha mãe dissera: “É uma aranha que dá sorte, Agatha, um bom augúrio para seu aniversário...”

Depois, a memória se esvai, guardando apenas as reminiscências fragmentárias de uma interminável discussão mantida com meu irmão, relacionada com o número de doces de creme que ele tinha licença de comer.

Encantador, seguro e, no entanto, excitante mundo da infância! Em meu mundo, talvez a coisa mais absorvente fosse o jardim. Cada ano que passava, esse jardim significava mais para mim. Conhecia cada árvore, e a cada uma delas atribuía um significado especial. Desde muito cedo, em meu pensamento, o jardim se dividia em três partes.

Existia a horta, limitada por um muro alto, que confinava com a estrada. Não despertava o menor interesse em mim, exceto como manancial de framboesas e maçãs verdes, que eu comia em grandes quantidades. Era a horta e nada mais. Não oferecia possibilidades mágicas.

Depois existia o jardim propriamente dito, um trecho de gramado que descia a encosta, repleto de coisas interessantes: a azinheira, o cedro, a wellingtônia (que me entusiasmava por ser tão alta). Podia-se subir na árvore de Monty. (Isto é, podíamos suspender-nos cautelosamente em três de seus galhos.) A árvore de Madge, depois de nos entocarmos com muita precaução nela, possuía um lugar para nos sentarmos, num galho curvado de

forma convidativa, e daí, sem sermos vistos, olhávamos para o mundo exterior. Existia aquela a que chamo a árvore da terebintina, que segregava uma substância pegajosa, de aroma forte, que eu colhia cuidadosamente e guardava em folhas, e que eu chamava de “precioso bálsamo”. Finalmente, o ápice de toda essa glória, a faia — a maior árvore do jardim, e que espalhava uma agradável quantidade de sementes, que eu comia deliciada. Havia também uma faia acobreada, mas, por uma razão qualquer que hoje desconheço, jamais teve importância no mundo de minhas árvores.

Terceiro: o bosque. Em minha imaginação — e, na verdade, ainda hoje me parece assim — era tão grande quanto New Forest. Composto em sua maioria por freixos, era percorrido por uma senda sinuosa. Possuía tudo o que habitualmente está relacionado com bosques: mistério, terror, encanto secreto, inacessibilidade e distância...

O atalho através do bosque levava ao campo de tênis e ao gramado onde se jogava croqué, no cimo de uma pequena elevação de terreno, bem em frente à janela da sala de jantar. Quando se emergia à altura da janela, terminava o encanto. Estávamos de volta ao mundo de todos os dias, e uma vez mais as senhoras, com as saias levemente arregaçadas e seguras por uma das mãos, estavam jogando croqué, ou então, portando enormes chapéus de palha, jogavam tênis.

Exauridos os encantos de “brincar no jardim”, eu regressava à *nursery*¹, onde se achava a *nursie*², um ponto de referência inalterável. Talvez por ser uma mulher de certa idade e reumática, eu brincava junto e ao redor da *nursie*, mas não “com” a *nursie*.

¹ “Nursery”: quarto de crianças, aposento onde as crianças brincam. (N. do E.)

² “Nursie”: diminutivo carinhoso de nurse, “ama-seca”. (N. do E.)

Todas as minhas brincadeiras eram de faz-de-conta. Desde que me lembro, tive vários companheiros que eu própria inventava. Os primeiros, de quem já mal me recordo, exceto do nome que lhes dava, eram os “gatinhos”. Nem sei mais como eram os “gatinhos”, nem se eu própria era uma “gatinha”, mas recordo seus nomes: Clover, Blackie e três outros. O nome da mãe deles era sra. Benson.

A *nursie* era sábia demais para conversar comigo a respeito deles, ou para tentar entrar em nossas conversas murmuradas, enquanto caminhávamos à roda dela. Provavelmente, ficava até agradecida por eu me entreter tão facilmente.

No entanto, foi um choque horrível para mim, um dia em que eu subia as escadas do jardim, escutar Susan, a empregada, dizendo:

“Não parece ligar muito para brinquedos, não é mesmo? Com o que ela brinca, afinal de contas?”

E a voz da *nursie* explicou:

“Oh! Costuma fazer de conta que é uma gatinha brincando com outros gatinhos”.

Por que será que existe no espírito de toda criança uma necessidade inata de segredo? Saber que alguém, mesmo a *nursie*, tinha conhecimento da existência dos “gatinhos” perturbou-me profundamente. A partir desse dia, tive o cuidado de jamais fazer-me audível em minhas brincadeiras. Os gatinhos eram *meus* gatinhos, e somente meus. Ninguém deveria saber nada a respeito deles.

Certamente, devo ter possuído brinquedos. Fui uma criança mimada e querida, e devo ter tido grande quantidade deles, mas não me lembro de nenhum, exceto, vagamente, de uma caixa de contas variadas que eu enfiava, fazendo colares. Lembro também

uma prima muito maçante, já adulta, que me arreliava, insistindo que minhas contas azuis eram verdes, e que as verdes eram azuis. Meu modo de sentir em relação a ela era o de Euclides: “É uma lógica absurda”; cortesmente, porém, não a contradizia. A implicância acabava por si própria.

Recordo algumas de minhas bonecas: Phoebe, de que eu não gostava muito, e uma chamada Rosalind, ou Rosy: de cabelos longos e louros, eu a admirava imensamente, embora não brincasse muito com ela. Preferia os “gatinhos”. A sra. Benson era muito pobre, e sua vida era muito triste. O capitão Benson, o pai dos gatinhos, fora capitão de marinha e afogara-se no mar — por isso, ficaram em tão grande penúria. Era nisso, mais ou menos, que consistia a “saga” dos gatinhos, mas devo dizer que existia, em minha mente, um final glorioso, que seria o retorno do capitão Benson, o qual na verdade não morreria, e voltava com grandes riquezas justamente quando no lar dos gatinhos já se instalara o desespero.

Dos gatinhos passei para a sra. Green. A sra. Green tinha uma centena de filhos, dos quais os importantes eram Poole, Squirrel e Tree. Esses três acompanhavam-me em todas as minhas expedições pelo jardim. Não eram bem crianças nem cachorros, e sim criaturas indeterminadas entre essas duas naturezas.

Um dia, como toda criança bem-educada, fui “dar um passeio”. Isso era coisa que eu detestava, especialmente por ter de abotoar minhas botas — requisito absolutamente necessário. Demorava-me, ficando para trás e arrastando os pés, e a única coisa que me salvava do tédio total eram as histórias da *nursie*. Seu repertório constava de seis histórias, todas centradas nas várias famílias das crianças com quem havia morado. Não me

recordo agora de nenhuma, mas sei que uma delas tinha algo a ver com um tigre na Índia, outra era sobre macacos, e outra, acerca de uma cobra... Eram emocionantes, e eu podia escolher qual delas preferia escutar. A *nursie* contava-as sem parar e sem o menor sinal de enfado.

Algumas vezes, como grande favor, era-me permitido tirar a touca da *nursie*, uma touca de babados, alva como neve. Sem ela, a *nursie* parecia ingressar na vida normal e perder seu *status* oficial. Então, com meticoloso cuidado, atava uma fita de cetim azul na cabeça dela — com enorme dificuldade e sustendo minha respiração, porque atar um laço não é tarefa fácil para alguém com quatro anos de idade. Depois, dava um passo para trás e exclamava em êxtase: “Oh! *nursie*, você está linda!”

Ela sorria e dizia com sua voz suave: “Estou mesmo, meu amor?”

Depois do chá, vestiam-me de musselina engomada, e aparecia na sala para que minha mãe brincasse comigo.

Se o encanto das histórias que a *nursie* contava consistia em serem sempre as mesmas, de tal modo que ela representava um rochedo de estabilidade em minha vida, o encanto de minha mãe se devia a que suas histórias eram sempre diferentes, e praticamente jamais fizemos qualquer jogo duas vezes. Uma das histórias, recordo-me, era acerca de um camundongo chamado Olhos Brilhantes. Olhos Brilhantes teve várias aventuras, mas subitamente, um dia, para meu desespero, minha mãe declarou que não tinha mais histórias de Olhos Brilhantes para contar. Estava a ponto de chorar quando minha mãe disse: “Mas vou contar-lhe uma história a respeito da Vela Curiosa”. Fui brindada com dois capítulos da história da Vela Curiosa, que era, creio, uma espécie de romance policial, quando, desgraçadamente,

vieram hóspedes para nossa casa e nossas brincadeiras e histórias ficaram temporariamente suspensas. Tão logo os hóspedes partiram, perguntei pelo final da história da Vela Curiosa, interrompida no momento mais palpitante, quando o vilão lentamente esfregava veneno na vela; minha mãe, porém aparentemente não lembrava mais nada acerca do assunto. Essa série inacabada ainda assedia minha mente. Outro jogo delicioso era o das “casas”, em que apanhávamos toalhas de banho por toda a casa e com elas cobríamos as cadeiras e as mesas, de modo a fazermos sob elas nossas residências, das quais emergíamos andando de gatinhas.

Pouco me lembro acerca de meu irmão e de minha irmã, e presumo que seja porque eles estavam no colégio. Meu irmão encontrava-se em Harrow, e minha irmã, em Brighton, no colégio da srta. Lawrence, que depois se tornou o Colégio Roedean. Minha mãe era considerada muito avançada por mandar sua filha para um *colégio interno*, e meu pai um espírito muito aberto por ter consentido nisso. Mas minha mãe encantava-se com tudo o que significasse novas experiências.

Suas principais experiências ocorriam em matéria de religião. Ela era, creio, de natureza mística. Tinha o dom da oração e da contemplação, embora para sua fê ardente e sua devoção fosse difícil selecionar uma forma conveniente de adoração. Meu pobre e sofredor pai consentia em segui-la nesta ou naquela nova forma de culto.

Muitos desses flertes religiosos deram-se antes de minha vinda ao mundo. Minha mãe quase se tornara uma católica romana; passou depois para o unitarismo (por isso meu irmão nunca foi batizado) e, em seguida, tornou-se teosofista embrionária, mas não gostou da sra. Annie Besant quando ouviu

uma das suas conferências. Depois de breve mas intenso interesse pelo zoroastrismo, regressou, para grande alívio de meu pai, ao porto seguro da Igreja da Inglaterra, embora com certa preferência pela Católica Romana. Junto de sua cama existia um quadro que representava São Francisco, e ela lia a *Imitação de Cristo* à noite e pela manhã. Esse livro jamais saiu de junto de minha cama.

Meu pai era homem de coração simples e cristão ortodoxo. Dizia suas orações todas as noites, e ia à igreja todos os domingos. Sua religião era prática e sem as inquietações de minha mãe, mas, se minha mãe gostava de elaborar seus sentimentos religiosos, ele não via por que discordar: meu pai, como já disse, era um homem muito agradável.

Acredito que se sentiu aliviado quando minha mãe regressou à Igreja da Inglaterra a tempo para que eu fosse batizada na igreja da paróquia. Fui chamada Mary, porque era o nome de minha avó; Clarissa, porque era o nome de minha mãe; e Agatha surgiu posteriormente, sugerido já a caminho da igreja por uma amiga de minha mãe, apenas porque o achava bonito.

Minhas próprias idéias a respeito de religião derivam principalmente da *nursie*, que era uma cristã afeiçoada à Bíblia. Não ia à igreja, mas lia a Bíblia em casa. Guardar o dia de sábado era-lhe muito importante, e ser apegado aos prazeres do mundo constituía grave ofensa aos olhos do Todo-Poderoso. Eu própria era insuportavelmente presunçosa em minha certeza de ser uma das almas que se “salvaria”. Recusava participar dos jogos aos domingos, ou cantar, ou tocar piano, e sentia terríveis temores quanto à salvação final de meu pai, que jogava croqué jovialmente nas tardes de domingo e contava piadas a respeito de padres — uma vez, até acerca de um bispo!

Minha mãe, que fora entusiasta da instrução das moças,

havia agora, segundo sua maneira típica de ser, mudado para opinião oposta. Achava que não se deveria permitir que criança alguma aprendesse a ler até ter atingido os oito anos de idade: era muito mais saudável para os olhos, e também para a mente.

Quanto a isso, todavia, as coisas não se passaram segundo seus planos. Quando alguém me lia uma história e eu gostava, pedia o livro e estudava as páginas dele, que, a princípio, não tinham para mim o menor significado; gradualmente, porém, elas começaram a ganhar sentido. Quando saía com a *nursie*, perguntava-lhe que palavras estavam escritas por cima das lojas ou dos armazéns. O resultado foi que, um dia, descobri que estava lendo um livro chamado *The angel of love*, sozinha e com muito bons resultados. Continuei lendo em voz alta para a *nursie*.

“Receio, minha senhora”, disse a *nursie* quase pedindo desculpas, no dia seguinte, “que a srta. Agatha já saiba ler.”

Minha mãe ficou muito abalada, mas não havia mais nada a fazer. Eu não tinha ainda cinco anos, e o mundo dos livros de histórias já se abrira para mim. A partir daí, como presente de Natal e de aniversário, sempre pedi livros.

Meu pai disse que, como eu já sabia ler, seria melhor aprender também a escrever — coisa que não era tão agradável. Cadernos cobertos com letras trêmulas e garranchos ainda aparecem de tempos a tempos, em velhas gavetas, cheios de linhas de letras *B* e *R*, que, segundo parece, era-me difícil distinguir, visto que aprendera a ler decorando as palavras, e não as letras.

Então, meu pai declarou que eu devia começar a aprender aritmética; todas as manhãs, depois do café, sentava-me junto da janela da sala de jantar, divertindo-me muito mais com os algarismos do que com as recalcitrantes letras do alfabeto.

Meu pai sentia-se contente e orgulhoso com meus progressos. Fui promovida ao acesso de um pequeno livro marrom de *Problemas* Adorava “problemas”! Apesar de serem somas disfarçadas, possuíam um encanto intrigante: “John tem cinco maçãs, George tem seis; se John tirar duas maçãs a George, quantas terá George no fim do dia?” E assim por diante. Hoje em dia, pensando nesses problemas, sinto uma vontade quase irreprimível de responder: “Depende do quanto George gosta de maçãs”. Mas naquele tempo, eu escrevi “quatro”, ficando com a sensação de alguém que acabara de cortar o nó górdio, e acrescentei por minha própria conta: “e John ficou com sete”. Meu gosto pela matemática parecia estranho a minha mãe, que jamais, como ela mesma abertamente confessava, sentiu o menor interesse por números, tendo tanta dificuldade com as contas da casa que meu pai foi obrigado a substituí-la.

A grande emoção seguinte de minha vida foi o presente que me fizeram de um canário. Chamava-se Goldie e era muito manso; pulava pela *nursery*, pousando algumas vezes na touca da *nursie* ou no meu dedo, quando o chamava. Para mim não foi apenas um pássaro, mas o começo de uma nova e secreta “aventura”. As principais personagens eram Dickie e a dona de Dickie. Percorriam em cavalos de batalha todo o país (o jardim), participavam de grandes aventuras e sempre escapavam por um triz de quadrilhas de assaltantes.

Um dia ocorreu a suprema catástrofe. Goldie desapareceu. A janela estava aberta, a porta de sua gaiola, também. Parecia plausível que tivesse voado para longe. Ainda recordo o horrível, lento arrastar desse dia interminável. Parecia não acabar mais. Eu chorava, chorava, chorava. A gaiola foi colocada fora da janela, com um pedaço de açúcar preso nas grades. Minha mãe e eu

percorríamos e jardim chamando: “Dickie, Dickie, Dickie”. A empregada foi ameaçada de demissão imediata por minha mãe, porque disse em tom que nos pareceu alegre: “Foi comido por algum gato, talvez”, o que me fez chorar mais ainda.

Foi quando eu já estava na cama e ainda fungava espasmodicamente, agarrada à mão de minha mãe, que se escutou um leve pipilar. Descendo da vara da cortina, surgiu o sr. Dickie. Voou ao redor da *nursery* e depois entrou em sua gaiola. Oh! Que inacreditável, que deslumbrante maravilha! Durante todo o dia — horrível e infundável dia —, Dickie estivera na vara da cortina.

Minha mãe aproveitou a ocasião, como era costume nessa época:

“Você está vendo”, disse, “como foi boba? Que desperdício todo esse pranto! Não chore nunca, por coisa nenhuma, sem ter certeza”.

Garanti-lhe que jamais faria aquilo novamente.

Algo mais eu ganhei, então, além do regresso de Dickie: a certeza e a força da compreensão de minha mãe nas horas de aflição.

No negro abismo da infelicidade, segurar sua mão fora meu único conforto. Havia algo de mágico e de benéfico ao tocá-la. Na doença, ninguém era como ela. Minha mãe tinha o poder de nos comunicar sua própria força e vitalidade.

III

A figura mais destacada de meus tempos de infância foi a *nursie*. E em nosso redor, da *nursie* e de mim, existia nosso

mundo especial, a *nursery*.

Parece que ainda vejo o papel da parede — com íris cor de lilás. Costumava ficar na cama, à noite, olhando aquelas flores à luz da lareira ou à mitigada luz do lampião a óleo da *nursie*, pousado sobre a mesa. Achava esse papel lindo. Na verdade, por toda a minha vida tenho tido paixão pela cor lilás.

A *nursie* ficava junto da mesa, costurando ou cerzindo. Um biombo circundava minha cama, e supunha-se que eu estivesse dormindo, mas, habitualmente, ficava acordada, admirando as íris, tentando descobrir *como* elas se entrelaçavam e imaginando novas aventuras para os gatinhos. Às nove horas e trinta minutos, Susan, a empregada, trazia a bandeja com a ceia da *nursie*. Susan era uma moça grandona, de movimentos bruscos e desajeitados, propensa a derramar tudo no chão. Ela e a *nursie* conversavam um pouco em voz baixa e, depois que ela saía, a *nursie* vinha espiar por trás do biombo.

“Eu sabia que você não estava dormindo! Quer provar um bocadinho?”

“Oh! Sim, *nursie*, por favor!”

Um pedacinho de carne suculenta e deliciosa era então colocado na minha boca. Imagino que a *nursie* não comia filé todas as noites, mas em minha memória ela ficou como se sempre comesse filé.

Outra pessoa importante na casa era Jane, a cozinheira, que governava a cozinha com a calma superioridade de uma rainha. Entrou para o serviço de minha mãe quando era uma esbelta jovem de dezenove anos, recém-promovida de ajudante de cozinha a cozinheira. Permaneceu conosco quarenta anos e, quando nos deixou, pesava pelo menos noventa quilos. Jamais, durante todo esse tempo, demonstrou a menor emoção, mas quando finalmente

cedeu às instâncias de seu irmão e foi embora tomar conta da casa dele na Cornualha, lágrimas rolaram em silêncio por suas faces. Levou com ela uma mala — provavelmente a mala com que chegara. Em todos aqueles anos não acumulara nenhum bem pessoal. Pelos critérios dos dias de hoje, era uma cozinheira maravilhosa, embora às vezes minha mãe se queixasse de que fosse destituída de imaginação.

“Meu Deus, que doce faremos para o jantar desta noite? Tem alguma sugestão, Jane?”

“Que acha se fizermos um bom *Stone pudding*, senhora?”

O *stone pudding* era a única sugestão que Jane sempre propunha, mas, não sei por quê, minha mãe tinha aversão a esse pudim e sempre dizia que não, que não queria nada disso, que queria algo diferente. Até hoje, jamais soube o que era o *Stone pudding* — minha mãe também não, aliás; ela apenas dizia que esse nome soava como algo muito sem graça¹.

Quando conheci Jane, ela era enorme — uma das mulheres mais gordas que já vi. Seu rosto era calmo, e ela usava os cabelos repartidos ao meio — lindos cabelos, naturalmente ondulados e escuros, apanhados na nuca em um coque. Suas faces moviam-se ritmicamente, porque ela sempre estava mastigando algo — um pedacinho de pastel, um *scone*² acabado de fazer, um bolo qualquer, como uma enorme e mansa vaca ruminando a ração.

Na cozinha, nunca faltava a mais esplêndida comida. Depois de um abundante café da manhã, às onze horas havia a delícia de um chocolate e um prato de bolos recém-saídos do forno, ou qualquer doce recheado de geléia.

¹ “Stone pudding”: literalmente, “pudim de pedra”. (N. da T.)

² “Scone”: bolo leve de farinha de trigo ou cevada, assado na chapa. (N. da T.)

A refeição do meio-dia vinha depois que nós, crianças, terminávamos nosso almoço e, segundo a etiqueta, a cozinha se transformava em tabu até as três horas da tarde. Eu fora ensinada por minha mãe a jamais invadir a cozinha durante as refeições dos empregados: “Esse tempo pertence-lhes, e não devemos interrompê-los”.

Se, por qualquer acaso imprevisto — por exemplo, o cancelamento de um jantar —, havia necessidade de enviar uma mensagem a cozinha, minha mãe pedia desculpa por incomodá-los e, cumprindo alguma lei não escrita, nenhum empregado se levantava quando ela entrava, se estivessem sentados à mesa da refeição.

Os empregados trabalhavam muito. Jane cozinhava jantares de cinco pratos para sete ou oito pessoas como rotina diária. Para os grandes jantares de doze ou mais pessoas, cada prato comportava duas alternativas: duas sopas, dois pratos de peixe, etc. A arrumadeira limpava aproximadamente quarenta molduras de prata e os inúmeros objetos também de prata do toucador, trazia e depois despejava uma pequena banheira redonda (havia um banheiro, mas à minha mãe repugnava usar a banheira que outros também usavam), trazia água quente para os quartos de dormir quatro vezes por dia, acendia as lareiras dos quartos se era inverno, cerzia a roupa, etc., todas as tardes. A copeira arreava quantidades incríveis de prataria e lavava os copos com amoroso cuidado em uma bacia de *papier mâché*, além de ser impecável quando servia à mesa.

A despeito dessas árduas tarefas, os empregados eram, estou convencida, realmente felizes, principalmente porque sabiam que eram apreciados como “peritos”. Assim, possuíam esse atributo algo misterioso: prestígio. Olhavam com desprezo

para os vendedores das lojas e seus semelhantes.

Uma das coisas de que mais sentiria falta nos dias de hoje, se fosse criança, seria a ausência de empregados. Para as crianças, eles eram a parte mais colorida da vida cotidiana. As *nurses* forneciam a banalidade; os empregados providenciavam a parte dramática, divertimento e toda espécie de conhecimentos difíceis de especificar, mas não menos interessantes. Longe de serem uma espécie de escravos, não raro eram eles os tiranos. “Conheciam seu lugar”, como se costumava dizer, mas conhecer seu lugar significava ter orgulho profissional. Os empregados nos princípios de 1900 eram altamente especializados. As copeiras tinham que ser altas, mostrar certa elegância natural, treinamento perfeito e a voz correta para murmurarem: “*Hock* ou *sherry*?” O atendimento dos *gentlemen* exigia milagres.

Duvido que ainda exista hoje uma *verdadeira* empregada doméstica. Existirão possivelmente algumas, entre as idades dos setenta ou oitenta anos, mas, fora isso, o que existe são diaristas, empregadas que parecem fazer-nos favores, ajudantes domésticas, governantas e encantadoras jovens que pretendem conciliar o ganho de algum dinheiro extra com um horário que lhes convenha e convenha também às necessidades de seus próprios filhos. São amadoras gentis; freqüentemente se tornam amigas nossas, mas é raro que inspirem o respeito com que olhávamos nossos empregados domésticos de antigamente.

É claro que, então, ter empregados não significava luxo especial — não eram apenas os ricos que podiam ter empregados: a única diferença era que os ricos tinham *mais* empregados. Tinham mordomos e criados e copeiras e arrumadeiras e auxiliares e ajudantes de cozinha, e assim por diante. À medida que se ia descendo os degraus da fortuna, acabava-se por chegar

àquelas criadas tão bem descritas nos deliciosos livros de Barry Pain, *Eliza* e *Eliza's husband*, sob o nome de “A moça”.

Nossos vários empregados são muito mais reais para mim do que as amigas de minha mãe ou meus parentes mais afastados. Basta-me fechar os olhos para ver Jane movendo-se majestosamente em sua cozinha, com seu vasto busto, ancas colossais e uma faixa engomada que lhe cingia a cintura. Não me parece que essa gordura a houvesse um dia afligido, nunca se queixou de dores nos pés, nos joelhos ou tornozelos e, se tinha pressão alta, certamente jamais tomou conhecimento disso. Tanto quanto me lembro, Jane nunca ficou doente. Era olímpica! Se tinha emoções, jamais as manifestou; não era pródiga em carinhos nem dada a maus humores; quando se absorvia na preparação de um grande jantar, notava-se apenas um leve rubor em seu rosto. A calma intensa de sua personalidade era de longe em longe, transtornada por aquilo que eu descreveria como algo que a deixava “levemente arrepiada”, isto é, seu rosto ficava levemente mais rosado, os lábios, apertados, aparecia na testa uma leve ruga. Nesses dias eu era banida da cozinha com decisão: “Agora, menina Agatha, não tenho tempo, tenho muito o que fazer. Eu lhe darei um punhado de passas, e a menina irá para o jardim e não virá de novo aqui perturbar-me”. Imediatamente eu deixava a cozinha, impressionada pelo tom de Jane.

As principais características de Jane eram a discrição e a distância em que se colocava. Sabíamos que tinha um irmão, mas pouco mais sabíamos acerca de sua família. Não falava nunca a esse respeito. Era da Cornualha. Nós a chamávamos de sra. Rowe, mas era apenas um tratamento de cortesia. Como todos os outros empregados, conhecia bem seu lugar: era um lugar de comando, e ela deixava bem claro para todo mundo que trabalhava em nossa

casa que pretendia mesmo exercer o comando.

Jane deveria sentir-se orgulhosa pela esplêndida comida que fazia, mas jamais exibiu esse orgulho. Aceitava, na manhã seguinte, as felicitações pelo jantar da véspera sem o menor sinal de satisfação, embora eu esteja convencida de que ficava realmente feliz quando meu pai vinha à cozinha e lhe dava os parabéns.

Depois havia Barker, outra de nossas empregadas, que me abriu uma nova perspectiva de vida. O pai de Barker pertencia a uma seita particularmente severa, e ela se preocupava muito com o pecado, afligindo-se por vezes pelo modo como se libertara, sob vários aspectos, de certos preconceitos. “Serei danada por toda a Eternidade, sem dúvida”, dizia, com uma espécie de deleite. “Não sei que diria meu pai se soubesse que assisto às cerimônias da Igreja da Inglaterra. E, o que é mais, *gosto* das cerimônias! Gostei do sermão do padre no último domingo, e gostei dos cânticos também!”

Uma criança que passou algum tempo em nossa casa foi um dia surpreendida por minha mãe dizendo a uma das empregadas: “Você não passa de uma *empregada!*”, e logo foi severamente repreendida.

“Espero nunca escutar você falando desse jeito com uma empregada. Os empregados devem ser tratados com a maior cortesia. Fazem um trabalho especializado que você própria não saberia fazer, senão depois de longo treino. E lembre-se também de que não podem responder a você do mesmo modo. Você deve ser polida com as pessoas cuja posição lhes proíbe serem rudes com você. Se for mal-educada, desprezarão você, porque não soube se comportar como uma verdadeira senhora.”

“Ser uma senhorita” era assunto bastante repisado em casa

naquele tempo. Incluía alguns aspectos curiosos.

Começando pela cortesia para com aqueles que estavam em posição subalterna, chegava a pormenores como estes: “Deixe sempre algo no prato para a sra. Boas-Maneiras. Não beba nunca quando tiver a boca cheia. Lembre-se de que não deve colocar dois selos de meio pênì em carta alguma, a não ser em uma conta para um comerciante”. E, é claro, “não se esqueça de usar roupa limpa quando for viajar, para o caso de acontecer algum acidente”.

A hora do chá, na cozinha, era freqüentemente uma reunião social. Jane tinha inúmeros amigos, e um ou dois deles, quase todos os dias, apareciam lá por casa. Do forno saíam tabuleiros de biscoitos fofos e quentes. Jamais comi biscoitos como os de Jane. Eram crocantes, chatinhos e recheados de passas, e, quando degustados ainda quentes, eram celestiais. Jane, com seus suaves modos bovinos, era afinal de uma disciplina prussiana; se alguém se levantava da mesa, uma voz dizia: “Ainda não terminei, Florence”, e Florence, envergonhada, sentava-se novamente, murmurando: “Desculpe, sra. Rowe”.

As cozinheiras menos jovens eram sempre tratadas por “senhora”. As outras empregadas deveriam ter nomes apropriados, tais como Jane, Mary, Edith, etc. Nomes como Violet, Muriel, Rosamund não eram considerados próprios, e então dizia-se firmemente a essas jovens: “Enquanto você estiver a meu serviço, seu nome será Mary”. As empregadas, quando de certa idade, eram quase sempre tratadas pelo sobrenome. Atritos entre a *nursery* e a cozinha não eram raros, mas a *nursie*, embora não abdicasse de seus direitos, era pessoa pacífica, respeitada e consultada pelos empregados mais jovens.

Querida *nursie*! Conservo o retrato dela em minha casa de Devon. Foi pintado pelo mesmo artista que pintou os retratos de

toda a minha família, um pintor bastante conhecido naquele tempo, N. H. J. Baird. Minha mãe criticava bastante a arte do sr. Baird: “Ele faz com que todo mundo pareça tão *sujo!*”, dizia. “Parece que vocês todos não se lavam há *semanas!*”

E havia algo de verdade no que minha mãe dizia. O azul forte as sombras esverdeadas na carnção do rosto de meu irmão sugerem, realmente, certa relutância no emprego de água e sabão, e meu retrato, com a idade de dezesseis anos, sugere em meu rosto a presença de uns bigodes incipientes, defeito de que jamais sofri. O retrato de meu pai, em compensação, é tão rosado, branco e resplandecente que bem poderia servir para um comercial de sabonetes Suspeito que o artista não sentia prazer especial em pintar, e que minha mãe convencera o pobre sr. Baird apenas pela força de sua personalidade. Os retratos de meu irmão e minha irmã não tinham grande semelhança com os retratados, mas o de meu pai era sua própria imagem, embora pouco significativo enquanto retrato.

O retrato da *nursie* era, tenho certeza, um trabalho de amor por parte do sr. Baird. A cambraia transparente de sua touca de babados e de seu avental está pintada de maneira encantadora, e o enquadramento é perfeito para o sábio rosto enrugado, com seus olhos fundos — o todo fazendo lembrar a obra de um antigo mestre flamengo.

Não sei que idade teria a *nursie* quando veio morar conosco, nem por que minha mãe escolheu alguém de tanta idade, mas ela sempre dizia: “Desde o momento em que a *nursie* veio para esta casa, nunca mais me preocupei com vocês. Sabia que estavam em boas mãos”. Muitos bebês haviam passado por aquelas mãos — eu seria o último.

Quando chegou o questionário do censo, meu pai teve que

registrar os nomes e as idades de todos os que habitavam nossa casa.

“Um assunto muito espinhoso”, explicava meu pai, depois de ter resumido para a *nursie* a finalidade do censo. “Tenho que escrever a idade de todo mundo. Que devo dizer a seu respeito?”

“Diga o que quiser, senhor”, respondeu polidamente.

“Sim, mas... tenho que *saber*.”

“Escreva o que achar melhor, senhor.” Ela não se deixou perturbar.

Segundo os cálculos de meu pai, ela deveria ter, pelo menos, setenta e cinco anos, e ele arriscou nervosamente: “Digamos... devo dizer... cinqüenta e nove? Algo assim?”

Uma expressão de desgosto perpassou pelo rosto enrugado.

“Pareço realmente assim tão velha?”, perguntou, espirituosamente.

“Não, não. Bem... o que devo escrever, então?”

A *nursie* insistiu ainda, com muita dignidade:

“Qualquer coisa que o senhor ache certo”.

Meu pai então escreveu sessenta e quatro anos.

As atitudes da *nursie* têm seu eco no tempo presente. Quando meu marido, Max, lidava com os pilotos poloneses e iugoslavos, durante a última guerra, encontrou a mesma reação.

“Idade?”

O piloto fez um gesto amistoso com a mão: “O que você quiser, vinte, trinta, quarenta, que importância tem?”

“E onde é que você nasceu?”

“Escreva qualquer coisa: Cracóvia, Varsóvia, Belgrado, Zagreb, como quiser.”

A falta de importância desses pormenores fatuais não poderia ser mais bem demonstrada.

Os árabes, nisso, são muito semelhantes.

“Seu pai está passando bem?”

“Oh! Sim! Mas ele é *muito* velho!”

“Qual é a idade dele?”

“Oh! É um homem muito velho, noventa, noventa e cinco anos!”

E, afinal de contas, esse pai contava apenas cinqüenta anos.

Mas é assim mesmo que encaram a vida. Quando você é jovem, você é *jovem*; enquanto se mantém vigoroso, você é um homem *muito* forte; quando seu vigor começa a desfalecer, você é *velho*. Se é *velho*, então você é, provavelmente, tão velho quanto possível.

Quando completei quinze anos, deram-me de presente um cachorrinho. Foi a coisa mais arrebatadora que jamais me sucedeu; uma alegria incrível, tanta que fiquei incapaz de pronunciar uma só palavra. Quando tomei conhecimento do surrado lugar-comum “fulano ficou mudo”, entendi que afinal pode ser uma simples declaração de fato. *Eu fiquei muda*. Nem sequer consegui dizer: “obrigada”. Mal podia olhar para meu lindo cachorro. Em vez disso, afastei-me dele. Necessitava urgentemente ficar sozinha e encarar de frente minha inacreditável felicidade. (Fiz a mesma coisa, freqüentemente, durante toda a minha vida. Por que seremos tão idiotas?) Creio que me refugiei no banheiro — local perfeito para uma tranqüila meditação, onde ninguém viria perseguir-me. Os banheiros eram confortáveis, eram quase apartamentos residenciais naqueles tempos. Fechei a pesada tampa de mogno em forma de concha e sentei-me em cima dela, olhando sem enxergar o mapa de Torquay, suspenso na parede, e

entreguei-me à realização de minha felicidade.

“Possuo um cachorro... um cachorro... Esse cachorro é meu... É o meu cachorro... É um *yorkshire terrier*... meu cachorro... um cachorro muito meu...”

Minha mãe contou-me mais tarde que meu pai ficou muito desapontado com minha reação a seu presente.

“Sempre pensei que a menina iria adorar”, disse ele. “Parece que não ligou a mínima importância.”

Mas minha mãe, sempre compreensiva, disse-lhe que eu necessitava de tempo. “Ela ainda não entendeu bem.”

Esse cachorrinho *yorkshire terrier*, de quatro meses de idade, vagueava enquanto isso desconsoladamente pelo jardim, onde se afeiçoara ao nosso jardineiro, um homem mal-humorado chamado Davey. O cão fora criado por um jardineiro, e a visão de uma enxada entrando na terra fê-lo sentir-se em casa. Sentou-se no atalho do jardim e ficou contemplando com ar muito atento o homem que cavava.

Foi aí que o encontrei, e travamos conhecimento. Éramos ambos tímidos, e só fizemos algumas tentativas de aproximação. Mas, no final da semana, Tony e eu já éramos inseparáveis. Seu nome oficial, dado por meu pai, era George Washington — Tony era o apelido, contribuição minha. Tony era um cão admirável para uma criança: bem-humorado, afetuoso, tolerava de bom grado todas as minhas fantasias. A *nursie* foi poupada de certas provações: laços, fitas e outros adornos passaram a ser aplicados a Tony, que os aceitava de boa vontade, como se se tratasse de sinais de apreço, e, ocasionalmente, comia pedaços deles, além de sua ração de chinelos. Teve o privilégio de ser introduzido em minha nova saga secreta: Dickie (Goldie, o canário) e a dona de Dickie (eu) ganhamos mais um membro, Lorde Tony.

A lembrança de minha irmã é menos vivida do que a de meu irmão, no correr dos anos de minha infância. Minha irmã era gentil comigo, ao passo que meu irmão me tratava de “guria” e era distante, de modo que naturalmente me grudava a ele tão logo ele o permitia. O principal de que me lembro a respeito dele era que criava ratos-brancos. Fui apresentada à sra. e sr. Bigodes e sua família. A *nursie* não concordava com essa criação. Dizia que cheiravam mal. E cheiravam mesmo!

Tínhamos em casa outro cão, um velho *dandie-dinmont* chamado Scotty, propriedade de meu irmão. Meu irmão, cujo nome era Louis Montant, nome do melhor amigo americano de meu pai, foi sempre conhecido pelo apelido de Monty; ele e Scotty eram inseparáveis. Quase automaticamente, minha mãe murmurava: “Não encoste seu rosto nesse cachorro, nem permita que ele o lamba, Monty”. Monty, porém, deitado de barriga no chão junto ao cesto de Scotty, com o braço passado amorosamente em torno do pescoço do cão, não fazia o menor caso. Meu pai dizia: “Esse cão tem um cheiro horrível!” Scotty estava então com quinze anos de idade, e só um fervoroso apaixonado por cães poderia negar essa acusação. “Rosas!”, murmurava Monty com amor. “Rosas! É esse o cheiro dele. Cheira a rosas!”

Sucedeu, porém, uma tragédia com Scotty. Vagaroso e sem olhar para nada, ele caminhava junto da *nursie* e de mim, quando, atravessando a estrada, uma carreta de um vendedor surgiu disparada numa curva, atropelando-o. Trouxemo-lo para casa em um táxi e chamamos o veterinário, mas Scotty morreu poucas horas depois. Monty não estava, pois fora velejar com uns amigos.

Minha mãe mostrava-se perturbada pela idéia de lhe comunicar a má notícia. Mandou que o corpo de Scotty fosse colocado na lavanderia, e esperou ansiosamente o regresso de meu irmão. Infelizmente, em vez de vir diretamente para casa, como de costume, ele deve ter dado a volta ao pátio e entrou na lavanderia, procurando umas ferramentas de que precisava. Aí encontrou Scotty morto. Monty saiu e deve ter caminhado horas e horas. Só chegou perto da meia-noite. Meus pais eram bastante compreensivos, e por isso não falaram com ele da morte de Scotty. Foi ele próprio quem cavou a sepultura de Scotty, no cemitério dos cães, num canto do jardim, onde todos os cachorros da família eram enterrados, e onde se colocava uma placa com o nome do animal numa pedra tumular.

Meu irmão era dado, como já disse, a implicar com as pessoas, sem remorsos, e costumava chamar-me de “frango magricela”. Eu o obsequiava rompendo invariavelmente em prantos. Por que tal epíteto me enfurecia, não sei. Como, porém, era um pouco bebê-chorão, costumava arrastar-me atrás de minha mãe, soluçando: “Não sou um frango magricela, sou, mamãe?” Minha mãe, imperturbável, respondia simplesmente: “Se não quer que ele implique com você, por que anda sempre correndo atrás de Monty?”

Essa pergunta era irrespondível, mas o fascínio que meu irmão exercia sobre mim era tal que não conseguia separar-me dele. Monty estava na idade em que se desprezam totalmente as irmãs menores — achava-me um verdadeiro flagelo. Algumas vezes, mostrava-se bondoso a ponto de me admitir em sua “oficina”, onde tinha um torno, deixando-me segurar pedaços de madeira e ferramentas e passá-las para suas mãos. Contudo, mais cedo ou mais tarde, o “frango magricela” era enviado embora.

Certa vez, condescendeu em convidar-me a sair com ele em seu barco. Monty possuía um pequeno bote a remo em que passeava em Torquay. Para surpresa de todo mundo, deram-me licença de ir com ele. A *nursie*, que por essa altura ainda estava conosco, era contra essa expedição, opinando que iria sujar-me, molhar-me, rasgar meu vestido, machucar meus dedos e, quase com absoluta certeza, afogar-me. “Jovens cavalheiros não sabem tomar conta de uma menininha!”

Minha mãe retrucou que eu já tinha juízo para não me deixar cair pela borda, e que considerava a expedição uma boa experiência. Em minha opinião, ela também queria demonstrar apreço por esse ato de gentileza de Monty, tão incomum. De modo que fomos ambos Até a cidade e depois até o cais. Monty trouxe o barco para junto das escadas e a *nursie* ajudou-o a pegar-me. No último momento, minha mãe sentiu-se apreensiva.

“Tenho certeza de que você será cuidadoso, Monty. Muito cuidadoso, não é mesmo? E não demore muito. Tome bem conta dela, sim?”

Meu irmão, que já estava, suponho, arrependido de seu generoso oferecimento, respondeu sobriamente: “Ela ficará bem comigo”. Para mim, disse: “Sente-se onde está e fique quieta e, pelo amor de Deus, não mexa em nada!”

Depois fez várias coisas com as cordas. O barco tomou posição num ângulo em que me era praticamente impossível continuar sentada onde estava e ficar quieta, como ele dissera, e também me assustei um bocado, mas, à medida que fomos deslizando velozmente sobre as águas, encorajei-me e senti-me muito feliz.

Minha mãe e a *nursie* permaneceram no cais, olhando para nós, semelhantes a figuras de uma tragédia grega, a *nursie* quase

chorando, a profetizar catástrofes, minha mãe procurando aliviar seu terror, acrescentando finalmente, talvez a lembrar-se de que era péssima marinheira: “Não me parece que ela terá vontade de ir novamente com ele. O mar está bastante agitado”.

Sua afirmação foi verdadeira. Regressei pouco depois, o rosto verde, tendo “dado de comer aos peixes” — como disse meu irmão — por três vezes. Ajudou-me a desembarcar, muito enojado, proclamando que as mulheres eram todas iguais.

IV

Foi pouco antes de fazer cinco anos que, pela primeira vez, senti medo. A *nursie* e eu colhíamos prímulas, num dia de primavera. Havíamos passado os trilhos do trem e caminhado até o prado de Shiphay, arrancando as prímulas das cercas vivas, onde cresciam em abundância.

Entramos numa cancela aberta e continuamos a colher flores. Nosso cesto se enchia, quando uma voz gritou para nós, zangada e rude:

“Que pensam vocês que estão fazendo?”

Vi diante de mim um homem que me pareceu um gigante, zangado, o rosto todo vermelho.

A *nursie* respondeu que não estávamos fazendo nada de mau, apenas colhendo prímulas.

“Estão devassando uma propriedade privada, é o que estão fazendo. Saiam imediatamente! Se não estiverem fora dessa cancela dentro de um minuto, vou queimá-las vivas, entendem?”

Puxei desesperadamente pela mão da *nursie* enquanto saíamos. Ela não podia caminhar depressa e, na realidade, nem

sequer tentou fazê-lo. Meu terror aumentava. Quando, finalmente, ficamos a salvo na pradaria, quase desmaiei de alívio. Estava muito branca, nauseada, quando, de repente, a *nursie* reparou em mim.

“Queridinha”, disse docemente, “você não acreditou no que ele disse, acreditou? Acreditou que ele nos queimaria vivas?”

Acenei que sim com a cabeça. Era como se estivesse vendo: um grande caldeirão fervendo no fogo, e eu jogada lá dentro. Quase podia escutar meus próprios gritos de agonia. Tudo isso era mortalmente real para mim.

A *nursie* começou a conversar suavemente comigo. Aquilo fora apenas uma maneira de falar, uma espécie de brincadeira. Esse homem não era gentil, era até rude e desagradável, mas jamais tivera a intenção de fazer o que dissera. Tudo não passara de uma brincadeira.

Para mim, todavia, não fora uma brincadeira, e ainda agora, quando me encontro numa pradaria parecida com aquela, um leve arrepio percorre minha espinha. Desde esse dia, nunca mais senti um terror tão real.

No entanto, em meus pesadelos jamais revivi essa experiência. Todas as crianças sofrem de pesadelos, e duvido que sejam resultado de sustos que lhes fazem as babás ou quaisquer outras pessoas, ou até de algo que lhes tenha realmente acontecido. Meu pesadelo predominante estava centrado em alguém a quem eu chamava de Homem do Fuzil. Jamais li qualquer história a respeito de algo desse gênero. Eu o chamava de Homem do Fuzil porque ele carregava um fuzil, e não por receio de que atirasse em mim, ou por qualquer outro motivo atinente ao fuzil. O fuzil fazia parte de sua aparência, que agora me parece ter semelhanças com a de um soldado francês, vestindo uma farda

azul-cinza, de cabelos empoados, com trancinha atrás e uma espécie de tricórnio, o fuzil semelhante a um mosquete antiquado. Era apenas sua presença que me apavorava. O sonho não tinha nada de especial — um chá, ou um passeio com várias pessoas, habitualmente qualquer evento social desse gênero. De súbito, acometia-me uma sensação de mal-estar. Havia alguém — alguém *que não deveria estar ali* — e eu era tomada por um horrível sentimento de medo. E então, eu o via — sentado à mesa do chá, ou caminhando ao longo da praia, ou juntando-se a nós em nossas brincadeiras. Seus olhos de um azul pálido fixavam-se nos meus, e eu acordava gritando: “O Homem do Fuzil! O Homem do Fuzil!”

“A srta. Agatha teve esta noite um de seus sonhos com o Homem do Fuzil”, comunicava a *nursie* a minha mãe na manhã seguinte, com sua voz plácida.

“Por que é que esse homem assusta você, querida?”, perguntava minha mãe. “Que acha que lhe fará?”

Mas eu não sabia por que ele me assustava. Mais tarde, o sonho mudou. O Homem do Fuzil nem sempre usava farda. Algumas vezes estávamos sentados ao redor de uma mesa de chá, eu olhava para um amigo ou para um membro de minha família e, de repente, tinha consciência de que *não* era Dorothy, ou Phyllis, ou Monty, ou minha mãe, ou qualquer outra pessoa. Nesse rosto familiar, os pálidos olhos azuis encontravam-se com os meus. *Era o Homem do Fuzil.*

Aos quatro anos de idade, apaixonei-me. Foi uma terrível, maravilhosa experiência. O objeto de minha paixão era um jovem oficial de Dartmouth, amigo de meu irmão. De olhos azuis e cabelos louros, atraía todos os meus instintos românticos. Ele não fazia a menor idéia das emoções que provocava. Olimpicamente

desinteressado da menininha irmã de seu amigo Monty, provavelmente teria respondido, se lhe perguntassem a esse respeito, que eu não gostava dele. O excesso de emoção fazia com que me dirigisse para o lado oposto quando o via chegar e, quando sentada à mesa, mantinha meu rosto resolutamente virado para outra direção. Minha mãe repreendia-me gentilmente.

“Sei que você é encabulada, queridinha, mas deve procurar ser cortês. É tão mal-educada, virando o rosto a Philip o tempo todo e apenas resmungando quando ele fala com você! Mesmo que não goste dele, tem que ser polida!”

Não gostar dele! Quão pouco sabiam a meu respeito! Quando hoje em dia penso nisso, revejo a felicidade que pode provocar um amor infantil. É um amor sem exigências, que não reclama nada, nem uma palavra sequer! É pura adoração. Parece que caminhamos nas nuvens, sustentadas por esse amor, criando em nossas mentes ocasiões em que poderemos servir heroicamente à pessoa adorada. Por exemplo: tratá-lo se ele ficar com peste. Salvá-lo de um incêndio. Servir-lhe de escudo a uma bala fatal. Qualquer situação que, em qualquer história do nosso conhecimento, suscitasse nossa imaginação. Essas histórias imaginárias não terminam bem. Nelas se morre queimado, baleado, ou se sucumbe à peste. O herói jamais percebe o sacrifício supremo que se fez por ele. Eu ficava por vezes sentada na *nursery*, brincando com Tony, com uma aparência solene e severa, enquanto em minha mente fervilhavam, numa exaltação gloriosa, fantasias extravagantes. Os meses passaram. Philip foi promovido a aspirante de marinha e deixou o *Britannia*. Durante algum tempo, a imagem dele ainda persistiu, mas já começava a definhar. O amor desvaneceu-se para reaparecer três anos mais tarde, quando eu amava sem esperanças um capitão do exército,

alto e moreno, que cortejava minha irmã.

Ashfield era considerada nosso lar por todos nós. Nem por isso Ealing deixava de ser emocionante. Exibia todo o romanesco de um país estrangeiro. Um dos principais atrativos era o banheiro. Tinha um esplêndido e enorme vaso sanitário com tampa de mogno. Sentada nele, eu me sentia exatamente como uma rainha em seu trono e, rapidamente, promovi a dona de Dickie a rainha Margarida e Dickie se tornou seu filho, o príncipe Goldie, herdeiro do trono. Ele ficava a seu lado direito, no pequeno círculo onde se encaixava a linda asa de louça Wedgwood que servia para puxar a descarga. Retirava-me para esse aposento pela manhã e aí ficava sentada, fazendo cumprimentos com a cabeça, concedendo audiências e dando minha mão a beijar, até que alguém impacientemente me intimasse a sair, porque outros queriam entrar. Na parede havia um mapa colorido da cidade de Nova York, também objeto de meu interesse. Em nossa casa havia várias gravuras americanas e, no quarto de hóspedes, um conjunto de gravuras coloridas pelas quais sentia grande afeto. Uma delas, intitulada *Esportes de inverno*, representava um homem que parecia sentir muito frio, em um campo de gelo, pescando um peixe para fora de um pequeno buraco. Parecia a meus olhos um esporte muito melancólico. Por outro lado, Grey Eddy, o cavalo trotador, era fascinante.

Visto que meu pai se casara com a sobrinha de sua madrasta (a inglesa que era a segunda mulher de seu pai americano), e visto que ele a chamava de mãe e a mulher dele continuava chamando-a de tia, ela era oficialmente conhecida por tia-avó. Meu avô passara os últimos anos de sua vida cruzando o

Atlântico de um lado para o outro, ocupado pelos seus negócios em Nova York e sua sucursal inglesa em Manchester. Fora protagonista de uma dessas romanescas histórias de um moço pobre que fica rico na América. Sendo, como acabei de dizer, um rapaz pobre, de família de Massachusetts, viera para Nova York, fora contratado como *boy*, e subira pelos seus próprios méritos, até se fazer sócio da firma. “Das mangas de camisa à cadeira giratória, em três gerações” foi uma ascensão real em nossa família. Meu avô amealhou grande fortuna. Meu pai, devido principalmente à sua boa-fé na humanidade, deixou essa fortuna desaparecer, e meu irmão devorou o pouco que restava com a velocidade de um relâmpago.

Pouco antes de morrer, meu avô comprara uma grande mansão Cheshire. Era então um homem doente, e sua segunda esposa ficou viúva relativamente jovem. Ela continuou morando em Cheshire por algum tempo, e finalmente comprou uma casa em Ealing, que naquele tempo ficava praticamente no interior. Como ela muitas vezes dizia, quando foi morar ali, em volta de Ealing só existiam campos cultivados. Contudo, no tempo em que a visitei, era difícil acreditar nisso. Filas de casas espalhavam-se em todas as direções.

A casa de vovó e seu jardim exerciam sobre mim tremendo fascínio. Dividi a *nursery* em vários “territórios”. A parte da frente tinha uma grande janela de sacada, fechada por vidraças, e no chão estendia-se um alegre tapete listrado, de lã rústica. A essa parte chamei de “Quarto de Muriel” (possivelmente porque eu ficara encantada com o termo janela de sacada¹).

¹ Jogo de assonâncias entre *Muriel* (nome próprio) e “*oriel*”, *balcão coberto e envidraçado, geralmente de estilo ogival.* (N. do E.)

A parte dos fundos da *nursery*, coberta por um tapete de Bruxelas, era o salão de banquetes. Vários pequenos tapetes e pedaços de linóleo representavam para mim aposentos diferentes. E eu me deslocava, atarefada e importante, de um aposento para outro, murmurando entre dentes. A *nursie*, pacificamente como sempre, permanecia sentada com um trabalho qualquer nas mãos.

Outra fascinação para mim era a cama de titia-vovó, imensa, de mogno, com baldaquino e cortinas de damasco vermelho. De manhã cedo, eu chegava antes de me vestir e metia-me na cama dela. Vovó acordava por volta das seis horas da manhã, e eu era sempre bem recebida. No andar de baixo havia uma sala repleta de móveis embutidos e de porcelana de Dresden, perpetuamente mergulhada na obscuridade, por causa da estufa que havia do lado de fora. Essa sala só era usada para festas. Junto dela ficava a sala em que habitualmente nos reuníamos, e onde invariavelmente se ocultava uma costureira. Creio que, naquele tempo, uma costureira era parte inevitável de qualquer família. De certo modo, todas se assemelhavam entre si, eram sempre muito bem-educadas, não viviam muito bem e eram tratadas com cuidadosa cortesia pela dona da casa e pela família, e sem cortesia nenhuma pelos empregados; suas refeições eram-lhes levadas em bandejas e, tanto quanto me lembro, essas costureiras eram incapazes de produzir qualquer peça de vestuário que nos servisse ou nos assentasse bem. Tudo o que faziam ficava apertado demais ou pendia em largas pregas. A resposta a qualquer queixa nossa quanto ao trabalho delas era quase sempre: “Sim, mas devemos pensar na vida infeliz da srta. James!”

A srta. James, pois, sentava-se na sala e costurava, rodeada de moldes, e com uma máquina de costura à sua frente.

Na sala de jantar, vovó passava a vida num contentamento

vitoriano. O mobiliário era de mogno pesado, consistindo em uma mesa, ao centro da sala, com cadeiras em redor. As janelas eram recobertas por fartas cortinas drapeadas, de renda de Nottingham. Vovó sentava-se à mesa, numa cadeira de espaldar de couro, para escrever cartas, ou então numa grande poltrona de veludo, junto à lareira. Pequenas mesas, sofás e algumas das cadeiras ficavam apinhadas de livros, que pareciam ter sido colocados ali para ficarem, e outros que transbordavam de pacotes mal-embrulhados. Vovó vivia comprando livros, para si própria, para dá-los de presente, e depois acabava por esquecer a quem queria dar os livros — ou então descobria que “o encantador filhinho da sra. Bennett”, sem que ela tivesse percebido, já estava com dezoito anos e, portanto, não seria indicado oferecer-lhe *The boys of St. Guldred's* ou *The adventures of Timothy Tiger*.

Complacente companheira de folguedos, vovó punha de lado a longa carta que rabiscava (muito pesadamente sublinhada, para “poupar papel de anotações”), e entrava gostosamente no delicioso passatempo do “frango do sr. Whitely”. Não será necessário dizer que o frango era eu. Seleccionada por vovó, que apelava ao vendedor para saber se realmente eu era novinha e macia, ela me trazia para casa, depenava-me, preparava-me (com gritinhos deliciados de minha depenada pessoa), colocava-me no forno e trazia-me, depois de . assada, à mesa, aprontando-se então para me trincar com grande aparato de facas, quando de súbito o frango voltava à vida e gritava: “Sou eu!” — grande emoção! —, e isso se repetia indefinidamente.

Um dos acontecimentos das manhãs era a visita de vovó ao armário junto da porta lateral que dava para o jardim. Eu aparecia imediatamente, e vovó exclamava: “Então, o que é que uma menininha pode querer daqui?” A menininha ficava esperando,

espiando aqueles interessantes recantos. Filas de potes de geléia e doces em conserva, caixas de tâmaras, frutas cristalizadas, figos, ameixas francesas, cerejas, pacotes de passas, pacotes de manteiga e sacos de açúcar, chá e farinha. Todos os víveres da casa eram guardados ali e distribuídos diariamente, com solenidade, conforme as necessidades. Também havia um rigoroso inquérito quanto à distribuição da véspera — vovó era muito liberal para com todo mundo, mas muito severa quanto a *desperdício*. Depois de satisfeitas as necessidades do dia, e as aplicações da véspera tendo obtido respostas satisfatórias, vovó desatarraxava um pote de ameixas francesas, e eu ia para o jardim com as mãos cheias.

Como é estranho! Quando recordamos o passado, o tempo parece constante em certos lugares. Na minha *nursery* de Torquay, parece-me que sempre passei tardes de outono ou de inverno. Recordo o fogo na lareira e, lá fora, as folhas desprendendo-se das árvores e caindo em torvelinho, ou, por vezes, a neve, que sempre me emocionava. No jardim de Ealing era sempre verão — e um verão particularmente quente. Posso evocar facilmente a baforada de ar seco e quente e o perfume das rosas, quando saía para o jardim pela porta lateral. Aquele pequeno quadrado de gramado bem verde, rodeado de roseiras, não me parece pequeno. Parece-me um mundo. Em primeiro lugar, as rosas eram muito importantes; todas as flores murchas eram cortadas e jogadas fora diariamente, e as outras, cortadas e trazidas para casa, onde vinham guarnecer várias pequenas jarras. Vovó era invulgarmente orgulhosa de suas rosas, atribuindo seu tamanho e beleza aos “despejos dos quartos, querida! Estrume líquido, não existe nada melhor do que isso! Ninguém tem rosas como as minhas!”

Aos domingos, minha outra avó e geralmente dois dos meus tios vinham partilhar conosco a refeição da noite. Era um esplêndido dia vitoriano. Vovó Bohemer, conhecida como vovó B., mãe de minha mãe, chegava por volta das onze horas da manhã, respirando com certa dificuldade porque era gorda, ainda mais gorda do que tia-vovó. Depois de ter tomado vários trens e ônibus desde Londres, seu primeiro gesto era livrar-se de suas botas abotoadas. Sua empregada Harriet costumava acompanhá-la. Ajoelhava-se diante dela e desembaraçava-a das botas, substituindo-as por um confortável par de chinelos de lã. Então, com um profundo suspiro, vovó B. instalava-se à mesa da sala de jantar, e as duas irmãs davam início a suas tarefas dominicais. Constavam estas de complicadas contas. Vovó B. era quem fazia grande parte das compras de tia-vovó nos armazéns do exército e da marinha, na Victoria Street. Esses armazéns eram, para as duas irmãs, o centro do universo; listas de compras, preços, contas eram profundamente saboreados por ambas. Discutiam a qualidade da mercadoria comprada: “Você não iria gostar, Margaret. Não era material de boa qualidade, era muito grosseiro, nada que pudesse comparar ao veludo cor de ameixa que comprei recentemente”. Então, tia-vovó pegava sua ampla e recheada bolsa, para a qual eu sempre olhava com respeito e temor, considerando-a um sinal exterior e visível de imensa riqueza. Continha uma quantidade enorme de soberanos de ouro na divisão do meio, e o resto da bolsa regurgitava de meias-coroas e *pence* e, ocasionalmente, uma moeda de cinco xelins. As contas de reparações e de pequenas compras eram também saldadas. É claro que existia uma conta nos armazéns do exército e da marinha — e creio que tia-vovó sempre acrescentava um pequeno presente em dinheiro para vovó B. pelo trabalho que

tivera e pelo tempo que gastara. As duas irmãs eram muito amigas, embora também houvesse entre elas um pouquinho de inveja, e brigassem bastante. Cada uma delas gostava de implicar com a outra e de levar a melhor. Vovó B. fora, segundo ela própria dizia, a beleza da família. Titia-vovó costumava negar esse fato. “Mary” (ou Polly, seu apelido) “possuía um rosto bonito, é certo”, dizia. “Mas, é claro, seu corpo não era como o meu. Os homens gostam de um corpo bonito.”

A despeito de Polly não ter um corpo bonito (para o que, devo dizer, ela contribuíra bastante: jamais vi um busto tão vasto!), quando estava com dezesseis anos, um capitão do Regimento de Black Watch¹ apaixonou-se por ela. Embora a família dissesse que era jovem demais para se casar, ele declarou que teria de partir com seu regimento e que estaria por muito tempo fora da Inglaterra, motivo pelo qual desejava casar-se o quanto antes. Polly casou-se, pois, com dezesseis anos de idade. Esse era, acredito, o primeiro motivo de inveja. Fora um casamento de amor. Polly era jovem e linda, e seu capitão tinha a fama de ser o homem mais bonito do regimento.

Em pouco tempo Polly estava com cinco filhos, um dos quais morreu. O marido deixou-a viúva aos vinte e sete anos, em conseqüência de uma queda de um cavalo. Titia-vovó casou-se já tarde. Tivera um romance com um jovem oficial da marinha, mas eram ambos pobres demais para poder casar-se, e ele dedicou seu afeto a uma viúva rica. Então titia-vovó se casou com um americano rico que já tinha um filho. De certo modo, ficou frustrada para sempre, embora seu bom senso e alegria de viver jamais a tenham abandonado.

¹ *Famoso regimento de infantaria escocesa, do exército britânico (assim chamado por causa das cores escuras de seu uniforme). (N. do E.)*

Não teve filhos, mas tornou-se uma viúva rica. Quanto a Polly, pelo contrário, mal conseguia alimentar e vestir a família depois da morte do marido, possuindo apenas a exígua pensão que este lhe deixara. Recordo-me de vê-la sentada o dia inteiro cosendo, fazendo artísticas almofadinhas de pregar alfinetes e bordando quadros e biombos. Era maravilhoso o que ela conseguia fazer com uma agulha, e trabalhava incessantemente, muito mais, creio, do que oito horas por dia. Cada uma, portanto, invejava na outra algo que ela própria não possuía. Acredito que, no íntimo, até se divertissem com suas fogosas altercações. Por vezes, porém, o tom violento de suas vozes chegava aos nossos ouvidos.

“Que disparate, Margaret, jamais ouvi semelhante disparate em toda a minha vida! Deixe que eu lhe diga, Margaret”, e assim por diante. Polly fora cortejada por um dos colegas de seu marido e tivera várias outras propostas de casamento, mas recusara casar-se novamente. Não haveria mais ninguém no lugar do marido, dizia, e queria ser enterrada junto dele, na sepultura de Jersey, quando sua hora chegasse.

Terminadas as contas de domingo e depois de escritas as listas das novas encomendas para a semana seguinte, chegavam os tios. Tio Ernest trabalhava no Ministério do Interior e tio Harry era secretário nos galpões do exército e da marinha. O mais velho, tio Fred, estava na Índia com seu regimento. Então preparava-se a mesa para a refeição do meio-dia.

Constava essa refeição de uma enorme peça de carne, habitualmente uma torta de cereja e creme, queijo, e, por fim, a sobremesa era servida na melhor louça, sempre usada aos domingos — e como era bonita essa louça! Ainda possuo algumas peças; creio que me restaram apenas dezoito pratos de um

aparelho de vinte e quatro, o que, afinal de contas, não é mau, se pensarmos que há sessenta anos estão em uso. Não sei se a louça é Coalport ou francesa — as bordas são de um verde vivo, debruadas em ouro, e cada prato tem no centro o desenho de uma fruta diferente; meu preferido era então, e continuou a ser, o prato do figo: um figo em púrpura, com aspecto suculento. O prato preferido de minha filha Rosalind é o das groselhas, umas groselhas grandes e luxuriantes. Havia também um belo pêssego, uvas brancas, framboesas e morangos, e muitas outras frutas. Era o momento importante da refeição, aquele em que se colocavam esses pratos na mesa, cobertos por um pequeno pano de renda e pelos lavabos, e então cada qual dava palpites acerca da fruta que lhe coubera. Por que isso causava tanta satisfação, não posso imaginar, mas lembro-me de que era sempre um momento de grande vibração e, quando alguém adivinhava certo, sentia que conseguira algo digno de consideração.

Depois de uma refeição pantagruélica, dormia-se a sesta. Titia-vovó retirava-se para outra cadeira, junto à lareira — uma poltrona grande e um pouco baixa. Vovó B. instalava-se no sofá estofado em couro cor de vinho, com a superfície recheada de botões, e sobre seu vulto, que parecia uma montanha, estendia-se uma manta do Afeganistão. Não sei o que os tios faziam. Talvez caminhassem um pouco ou se retirassem para o salão, mas esse aposento poucas vezes era utilizado. Não era possível ir para a sala, porque esse era o aposento sagrado da srta. Grant, detentora, nessa época, do cargo costureira. “Minha querida, que caso tão triste!”, murmurava vovó às amigas. “Pobre criaturinha, aleijada, tem apenas um canal, como uma ave!” Essa frase sempre me fascinou, porque não sei o que significava. Como é que uma palavra que para mim significava *corredor* poderia caber nessa

descrição?

Depois que todo mundo, exceto eu, dormira profundamente pelo menos uma hora — eu costumava embalar-me a mim própria na cadeira de balanço —, jogávamos o jogo do professor. Tanto tio Ernest quanto tio Harry eram esplêndidos professores. Sentávamo-nos em fileira, e aquele que fazia de professor, armado com um cacete feito de um jornal, passeava de um lado para outro gritando perguntas com voz estentórica: “Qual a data da invenção das agulhas?” “Quem foi a terceira mulher de Henrique VIII?” “Como morreu William Rufus?” “Quais são as pragas do trigo?” Quem respondesse corretamente, subia; quem errasse, descia. Presumo que esse jogo fosse o precursor vitoriano das charadas de salão que tanto apreciamos hoje em dia. Os tios, depois disso, desapareciam, tendo cumprido seu dever para com sua mãe e sua tia. Vovó B. ficava e saboreava um chá com bolo ao vinho da Madeira; chegava então o momento terrível em que as botas eram trazidas de novo, e em que Harriet empreendia a difícil tarefa de calçá-las uma vez mais. Enfiar os botões nas casas, com a ajuda de um instrumento especial, demandava enorme esforço, de que resultavam algumas beliscadelas bem dolorosas, provocando gritos agudos da vítima. Oh! Essas botas abotoadas! Por que alguém as usaria? Seriam recomendadas pelos médicos? Seriam o preço de uma escravizante devoção à moda? Sei que era costume dizer que as botas eram benéficas para os tornozelos das crianças, para *fortalecê-los*, mas esse motivo de modo algum se aplicaria a uma senhora de setenta anos de idade. Finalmente, tendo conseguido enfiar as botas e ainda pálida das dores que sofrera, vovó B. iniciava seu regresso por trem e ônibus à sua residência em Bayswater.

Ealing, nesse tempo, tinha as mesmas características de Cheltenham ou Leamington Spa. Os oficiais aposentados do exército ou da marinha iam muito ali, atraídos pela salubridade dos lugares e pela vantagem de estarem tão perto de Londres. Vovó mantinha intensa vida social — sempre gostara de sociedade. Sua casa vivia repleta de coronéis e generais, para os quais bordava coletes e tricotava meias de dormir: “Espero que sua *mulher* não se importe”, dizia ao oferecer esses presentes. “Não gostaria de causar a menor *perturbação!*” Os velhos cavalheiros davam réplicas galantes e iam-se embora, orgulhosos e contentes com sua atraente virilidade. A galanteria deles sempre me encabulou. Os gracejos que imaginavam para me divertir não me pareciam ter a menor graça, e suas zombarias brejeiras sempre me punham nervosa.

“Qual vai ser a sobremesa dessa pequenina senhora?”
“Doces para a doçura, senhorita.” “Quer um pêssego, agora? Ou talvez uma dessas ameixas douradas, que tão bem combinam com seus cabelos de ouro?”

Ruborizada e encabulada, murmurava que gostaria de um pêssego, por favor.

“E qual dos pêssegos? Vamos, escolha.”

“Por favor”, respondia eu, “gostaria do maior e melhor.”

As risadas estouravam de todos os lados. Sem saber, parece que eu havia dito algo muito engraçado.

Eu podia admitir que era gulodice, mas por que fora tão engraçado?

Como guia de minha vida social, a *nursie* sentia-se em seu elemento.

“Você deve comer um pouquinho mais depressa. Suponha

que é convidada para jantar em casa de um duque, quando você for adulta!”

Nada me parecia menos provável, mas admitia a possibilidade.

“Nessas casas sempre há um mordomo imponente e vários criados que, na altura própria, tiram seu prato, *quer você tenha terminado de comer ou não,*”

Ante tal probabilidade, fiquei pálida e apliquei-me a comer com apetite meu pedaço de carneiro cozido.

Na conversa da *nursie*, eram freqüentes as referências à aristocracia. Essas referências despertavam minha ambição. Eu desejava, mais do que tudo no mundo, vir um dia a ser Lady Agatha. Mas os conhecimentos sociais da *nursie* eram inexoráveis.

“Isso você não será nunca”, dizia.

“Jamais?”, perguntava eu, aterrada.

“Jamais!”, respondia com firmeza realista. “Para que você fosse Lady Agatha, teria que ter nascido Lady Agatha. Só se fosse filha de algum duque, de um marquês ou de um conde. Se você casar com um duque, será duquesa, mas apenas porque seu marido tem um título. Não é algo com que você tenha nascido.”

Foi esse meu primeiro contato com o inevitável. Soube então que existem coisas que jamais poderemos alcançar. É importante e útil termos consciência disso bem cedo na vida. Existem coisas que jamais poderemos obter — cabelos naturalmente cacheados, olhos pretos (se, por acaso, seus olhos forem azuis), ou o título de *lady*.

Hoje creio que o esnobismo que havia na minha juventude, o esnobismo do nascimento, era mais aceitável do que outros tipos de esnobismo: o do dinheiro ou o intelectual. O esnobismo intelectual parece conter, atualmente, uma forma especialmente

venenosa de inveja. Os pais estão determinados a que sua progênie se sobressaia. “Fizemos grandes sacrifícios para lhe dar uma boa educação”, dizem. A criança carregará um sentimento de culpa se não conseguir satisfazer as esperanças dos pais. Todo mundo parece certo de que na vida se trata apenas de uma questão de oportunidade — e não de aptidões inatas.

Acho que os pais da época vitoriana eram mais realistas e tinham mais consideração pelos filhos e pelo que lhes poderia tornar a vida feliz e bem-sucedida. Não havia tanta preocupação de se equipararem aos Jones... Acho que hoje em dia é pelo *seu próprio* prestígio que as pessoas querem que seus filhos tenham êxito. A gente vitoriana encarava desapaixonadamente sua progenitura, e era consciente das capacidades dela. A., por exemplo, era óbvio que iria ser “a beleza da família”. B. era “inteligente”, C. seria feia e, decididamente, nada propensa a assuntos intelectuais. Seu melhor destino seriam as obras de caridade. E assim por diante. É claro, algumas vezes enganavam-se, mas, de modo geral, dava certo. É um enorme alívio quando ninguém espera que façamos coisas para as quais não estamos capacitados.

Em contraste com a maioria de nossos amigos, não éramos verdadeiramente ricos. Sendo meu pai americano, todo mundo achava que deveria ser “rico”. Supõe-se que todo americano é rico. Nessa época, ele apenas vivia desafogadamente. Em nossa casa não havia nem mordomo nem criado. Não possuíamos carruagem, nem cavalos, nem cocheiro. Tínhamos três empregadas, o que naquele tempo era o mínimo. Num dia de chuva, se fôssemos convidados a tomar chá em casa de quaisquer amigos, caminhávamos mais de dois quilômetros, debaixo de chuva, usando apenas capa e galochas. Jamais se chamava um táxi para

uma criança, a não ser que fosse a uma festa e usasse um vestido muito leve.

Por outro lado, a alimentação servida a nossos hóspedes era incrivelmente opulenta, comparada com os padrões de hoje — e, na realidade, tinha que haver uma cozinheira e uma ajudante para produzir tudo aquilo! Encontrei por acaso, outro dia, o cardápio de um dos nossos jantares (para dez pessoas). Começava com uma escolha entre duas sopas: caldo ou creme. Depois havia rodovalho cozido ou filé de linguado. A seguir um sorvete. Depois carneiro. Depois, inesperadamente, maionese de lagosta. Pudim *diplomatique* e *Charlotte russe* eram os doces, e frutas. Tudo isso era preparado por Jane sem qualquer ajuda.

Hoje, certamente, com uma renda equivalente, uma família teria um automóvel, talvez duas diaristas, e qualquer recepção mais cerimoniosa seria dada em um restaurante, ou então seria feita pela dona da casa.

Na minha família foi minha irmã que, desde cedo, ficou conhecida como a “inteligente”. A diretora de seu colégio em Brighton aconselhava que a enviassem para Girton. Meu pai ficou aflito e disse: “Não podemos consentir que transformem nossa Madge numa *bas-bleu*¹. Seria melhor que fosse para Paris terminar sua educação”. Por isso minha irmã foi para Paris, para grande satisfação sua, já que não sentia a menor vontade de ir para Girton. Ela era certamente o melhor cérebro da família. Espirituosa, sabia entreter, suas respostas eram rápidas e se dava bem em tudo o que tentasse fazer. Meu irmão, um ano mais moço do que ela, possuía imenso encanto pessoal e tendência para a literatura, mas não era muito atraído pela vida intelectual.

¹ “Bas-bleu”: nome dado às mulheres que se ocupam de literatura com pedantismo. Em francês no original. (N. da T.)

Acho que tanto minha mãe quanto meu pai compreenderam que ele ia ser “difícil”. Meu irmão gostava muito de engenharia. Meu pai alimentou a esperança de que se tornasse banqueiro, mas depressa se convenceu de que ele não tinha capacidade para ser um banqueiro bem-sucedido. De modo que ele foi estudar engenharia — mas aí também não logrou êxito, porque falhava sempre em matemática.

Eu própria sempre fui considerada, embora com muito carinho, a “menos esperta” da família. As reações de minha mãe e de minha irmã eram invulgarmente rápidas, e jamais consegui acompanhá-las. Também me expressava com dificuldade. Sempre me foi difícil exprimir por palavras o que queria dizer. “Agatha é tão terrivelmente *lenta*”, era a exclamação habitual a meu respeito. Era verdade, eu sabia disso e aceitava o fato. Não me preocupava nem me afligia. Estava resignada a ser por toda a vida “lenta”. Só depois dos vinte anos entendi que o nível de minha família era invulgarmente alto e que, na realidade, eu não era mais lenta do que qualquer outra pessoa, era até mais esperta do que a média. Dificuldade de me expressar, isso sempre terei. Foi talvez um dos motivos por que me tornei escritora.

Meu primeiro grande desgosto foi minha separação da *nursie*. Havia algum tempo que uma das pessoas de quem ela cuidara em criança, e que possuía uma fazenda em Somerset, instava com ela para que se aposentasse. Oferecia-lhe um *cottage*¹ pequeno mas muito confortável em sua propriedade, onde a *nursie* e sua irmã poderiam residir até o fim de suas vidas. Finalmente decidiu-se: chegara a hora de deixar de trabalhar.

¹ “Cottage”: *pequena casa de campo ou no subúrbio. (N. da T.)*

Senti terrivelmente sua falta. Escrevia-lhe todos os dias — uma pequena carta mal-redigida e com erros de ortografia; escrever sem erros sempre me foi muito difícil. Minhas cartas não eram muito originais. Eram praticamente iguais: “Querida *nursie*, sinto muito sua falta. Espero que esteja se sentindo bem. Descobri uma pulga em Tony. Muitos e muitos beijos, com todo o amor de Agatha”.

Minha mãe fornecia o selo para essas missivas; passado algum tempo, porém, manifestou gentilmente seu protesto:

“Não acho que você precise escrever todos os dias. Não será bastante duas vezes por semana?”

Fiquei aterrada.

“Mas penso na *nursie* todos os dias! Tenho que escrever mesmo!”

Minha mãe suspirou e não levantou mais nenhuma objeção. Todavia, continuou insistindo na mesma coisa, com suavidade. Passaram-se alguns meses antes que reduzisse minha correspondência às duas cartas sugeridas. A própria *nursie* não era grande coisa como correspondente e, afinal, era sensata demais, creio, para me encorajar em minha obstinada fidelidade. Escrevia-me duas vezes por mês epístolas tão gentis quanto indefinidas. Acredito que minha mãe andasse perturbada pelo fato de eu ter tanta dificuldade em esquecer a *nursie*. Disse-me mais tarde que discutira esse assunto com meu pai, que lhe replicara com um inesperado piscar de olho: “Bem, você também sentiu minha falta e foi fiel a mim quando era criança e eu fui para a América”. Minha mãe retorquiu que o caso era bastante diferente.

“Alguma vez você pensou que eu havia de regressar e que casaria com você quando fosse mulher?”

Minha mãe disse: “Não, realmente”. Depois, hesitou e

admitiu que também, quando jovem, tivera seus sonhos. Esses sonhos eram tipicamente os sonhos românticos de uma vitoriana. Neles, meu pai fizera um casamento brilhante mas infeliz. Desiludido depois da morte de sua mulher, regressara e procurara sua tranqüila prima Clara. Mas, desgraçadamente, Clara era agora uma inválida, permanentemente deitada num sofá, e que, no final, o abençoa quando solta seu último suspiro. Minha mãe ria, enquanto lhe contava esses devaneios de sua imaginação. “Você está vendo”, dizia, “eu achava que não pareceria tão atarracada, deitada em um sofá, com uma bonita e macia manta de lã sobre mim.”

A morte em plena juventude e a invalidez eram as tradições românticas daquele tempo, assim como a robustez parece ser a dos nossos dias. Então, mulher alguma, que eu saiba, jamais admitiria que possuía uma saúde de ferro. Vovó sempre me disse com grande complacência que fora fraca em criança e que nunca pensaram que ela “atingisse a maturidade”; bastava, quando brincava, uma pequena pancada na mão, e ela logo desmaiava. Vovó B., por outro lado, dizia, quando falava acerca de sua irmã: “Margaret sempre foi perfeitamente saudável. *Eu é* que tinha a saúde muito delicada”.

Tia-vovó viveu até os noventa e dois anos e vovó B. até oitenta e seis, e, pessoalmente, duvido que, algum dia, qualquer delas tivesse tido saúde delicada. Mas era moda, naquele tempo, uma sensibilidade extrema, desmaios constantes e uma tuberculose incipiente. Na verdade, de tal modo vovó estava imbuída desse ponto de vista que muitas vezes se afastava para confidenciar misteriosamente a meus vários pretendentes o quanto eu era terrivelmente frágil e delicada, e que se espantaria se eu atingisse idade avançada. Era freqüente, quando eu tinha

dezoito anos, um de meus namorados dizer-me ansiosamente: “Tem certeza de que não irá resfriar-se? Sua avó me disse o quanto sua saúde é frágil”. Eu protestava, indignada, proclamava a saúde de ferro de que sempre gozara, e o rosto ansioso dele desanuviava-se: “Então por que será que sua avó está sempre dizendo que você é fraca?” Eu tinha então que explicar que minha avó fazia lealmente o máximo que podia para me tornar interessante. Quando ela era jovem, contou-me um dia, as mocinhas nunca comiam mais do que pequenas doses de comida, se havia cavalheiros presentes. Tabuleiros com alimentos mais substanciais eram levados depois a seus respectivos quartos.

Doença e morte prematura invadiam até a literatura para crianças. Um livro chamado *Our white Violet* era um de meus grandes favoritos. A pequena Violet, uma santa inválida na página 1, morria de forma edificante, rodeada pela família em prantos, na última página. Essa tragédia era aliviada pelas travessuras de seus dois irmãos, Punny e Firkin, que sempre andavam enredados em alguma diabrura. Em *Mulherzinhas*, de modo geral uma história alegre, sacrificava-se a rosada Beth. A morte de Little Nell, em *Loja de antiguidades*, deixava-me completamente indiferente e até um pouco nauseada, mas no tempo de Dickens, é claro, famílias inteiras choraram emocionadas com essa tragédia.

O sofá ou divã, peça de mobiliário que hoje é principalmente associada à idéia de psicanálise, nos tempos vitorianos era o símbolo da morte prematura, da doença e do Romantismo, com maiúscula mesmo. Estou inclinada a acreditar que a esposa e mãe dos tempos vitorianos ganhava — e muito — com essa atmosfera. Era sua desculpa para negligenciar muitas tarefas domésticas e, a partir daí, passava uma vida regalada, com cuidados constantes e a consideração do marido dedicado, as filhas dispostas a ajudá-la

sem relutar... Os amigos precipitavam-se para visitá-la, e sua paciência e doçura na provação eram admiradas por todo mundo. Será que, na realidade, ela sofria de alguma doença? Provavelmente, não. Padeceria talvez dores nas costas, ou sofria dos pés, como muitas de nós hoje em dia, e apesar disso a vida continua. Mas naquele tempo o sofá era a solução imediata.

Outro de meus livros prediletos narrava a história de uma mocinha alemã (inválida e aleijada, evidentemente) que passava os seus dias deitada, olhando por uma janela. A pessoa que cuidava dela, uma mulher egoísta e fútil, saiu um dia para ver passar uma procissão. A inválida debruçou-se demais na janela, caiu e morreu: remorso permanente da enfermeira, que ficou marcada, desgostosa e pálida para o resto da vida. Eu lia todos esses livros sombrios com grande satisfação íntima.

E lia também, é claro, as histórias do Antigo Testamento, com as quais me delicieei desde a mais tenra idade. Ir à igreja era um dos acontecimentos fastos da semana. A igreja paroquial de Tor Mohun era a mais antiga de Torquay. Torquay era o lugar moderno onde se faziam curas termiais, e Tor Mohun, o povoado antigo. A velha igreja era pequena demais, e foi preciso construir uma segunda, maior, para atender às necessidades da paróquia. Essa igreja foi construída mais ou menos na época em que nasci, e meu pai ofereceu dinheiro em meu nome a fim de que eu fosse considerada uma das fundadoras. Mais tarde, quando tomei conhecimento desse fato, senti-me muito importante. “Quando posso ir à igreja?”, era minha pergunta constante, até que finalmente chegou o grande dia. Fiquei sentada junto de meu pai num dos bancos da frente, e segui a cerimônia em seu grande livro de orações. Ele me avisara de que eu poderia sair, se quisesse, antes do sermão, e na altura própria sussurrou-me:

“Quer ir embora?” Abanei a cabeça negativamente, com grande vigor, e fiquei. Meu pai tomou minha mão e me manteve sentada, feliz, tentando esforçadamente não ficar irrequieta.

Gostava muito das cerimônias dominicais. Em casa, noutros tempos, havia livros especiais que era permitido ler aos domingos (o que representava uma festa) e livros com histórias tiradas da Bíblia com as quais eu estava familiarizada. Não cabe dúvida de que as histórias tiradas do Antigo Testamento têm, de um ponto de vista infantil, enredos extraordinariamente interessantes. Possuem a causa e o efeito dramáticos que as mentes infantis exigem: José e seus irmãos, seu manto de várias cores, seu acesso ao poder no Egito e o final dramático em que ele perdoa seus cruéis irmãos. Moisés e a sarça ardente era uma das passagens que eu preferia. Davi e Golias também exerciam sobre mim poderosa atração.

Há apenas um ano ou dois, encontrando-me numa das colinas que escavávamos, em Nimrod, observava um dos estranhos tipos locais, um velho árabe com uma mão cheia de pedras e uma atiradeira, defendendo as searas dos bandos de pássaros predatórios. Vendo como sua pontaria era certa e sua arma era mortal, entendi pela primeira vez que os dados do destino haviam sido jogados contra Golias! Desde o princípio, Davi estivera em melhor posição — era ele o homem que possuía a arma de longo alcance, contra o homem que não possuía arma alguma. A moral dessa história não é bem a do pequeno que vence o grande, mas a do cérebro que vence o músculo.

Durante minha juventude, nossa casa foi freqüentada por gente muito interessante, e é uma pena que não consiga me recordar de ninguém. Tudo o que me lembro acerca de Henry James, por exemplo, é de minha mãe queixando-se de que ele

queria sempre um quadrado de açúcar partido em dois para sua xícara de chá, o que era uma afetação de sua parte, visto que qualquer pequeno torrão de açúcar surtiria o mesmo efeito. Rudyard Kipling era também visita nossa, e tudo o que recorde a seu respeito é uma conversa entre minha mãe e uma de suas amigas quanto ao motivo por que ele se teria casado com a sra. Kipling. A amiga de minha mãe terminou por dizer: “Eu sei qual o motivo. É que eles são o perfeito complemento um do outro”. Julgando que a palavra empregada fosse “cumprimento”, achei que se tratava de razão muito obscura, mas, como um dia a *nursie* me explicara que o melhor cumprimento que um cavalheiro poderia fazer a uma senhora é pedi-la em casamento, julguei entender.

Apesar de vir sempre à sala na hora do chá, vestida, lembro-me bem, de musselina branca com uma faixa de cetim amarelo na cintura, quase não recorde as pessoas com que convivíamos. A gente que eu imaginava era sempre mais real, para mim, do que a de carne e osso. Recorde, todavia, uma amiga íntima de minha mãe, a srta. Tower, principalmente porque me dava muito trabalho evitá-la. Tinha sobancelhas negras e enormes dentes brancos e, intimamente, eu achava que se parecia muito com um lobo. Tinha também o costume de pular sobre mim, beijando-me veementemente e exclamando: “Ah! eu gostaria de devorar você!” Ficava cheia de medo de que o fizesse mesmo: toda a minha vida abster-me de correr para as crianças e de beijá-las sem que me pedissem. Pobrezinhas, que defesa têm elas? Querida srta. Tower, tão boazinha e gentil, que gostava tanto de crianças — mas com tão pouco conhecimento dos sentimentos delas!

Lady Macgregor era uma das senhoras mais marcantes da sociedade de Torquay, e ela e eu nos entendíamos muito bem.

Quando eu ainda andava de carrinho, abordou-me certo dia, perguntando-me se sabia quem ela era. Disse francamente que não sabia. “Diga a mamãe que você encontrou a sra. Snooks hoje.” Mal foi-se embora, a *nursie* explicou-me: “Essa senhora é Lady Macgregor, e você a conhece muito bem”. Mas a partir desse encontro sempre a chamei de sra. Snooks, e essa era nossa piada secreta.

Meu padrinho, Lorde Lifford, era boa alma e pessoa alegre. Chamava-se então capitão Hewitt. Veio um dia a nossa casa e, ouvindo dizer que o sr. e a sra. Miller haviam saído, comentou risonho: “Oh! Não faz mal. Vou esperar por eles”, e tentou entrar em casa, contra a vontade da empregada. Contudo, esta, que era conscienciosa, fechou-lhe a porta na cara e correu pela escada acima para falar com ele pela janela do banheiro, mais convenientemente situada para esse efeito. Finalmente, ele a convenceu de que era um amigo da família, provando isso com o conhecimento que demonstrou ter da casa: “E sei muito bem de que janela você está falando: é a janela do banheiro”. Essa prova topográfica venceu-a, e ela o deixou entrar, embora depois fugisse, envergonhada pelo fato de lhe ter falado da janela do banheiro.

Nesses tempos, era melindroso falar a respeito de banheiros. Era impensável ser enxergado entrando ou saindo de um banheiro, exceto por membro íntimo da família: coisa muito difícil em nossa casa, porque o banheiro ficava a meio das escadas e bem à vista de quem estava no vestibulo. O pior, é claro, era estar dentro do banheiro e começar a ouvir vozes lá embaixo, no *hall*. Impossível sair! Havia que agüentar emparedada, até que aquelas paragens ficassem livres!

Mesmo de minhas amizades de infância não me recordo muito bem. Lembro-me de que havia Dorothy e Dulcie, mais

moças do que eu; apáticas crianças com adenóides, e que eu achava maçantes. Tomávamos chá no jardim e brincávamos de correr em volta da grande azinheira, comendo creme de leite de Devonshire com biscoito. Não posso imaginar *por que* isso nos agradava. O pai dessas meninas, o sr. B., era grande amigo do meu. Pouco depois de termos vindo morar em Torquay, contou a meu pai que ia casar. Descreveu a noiva como uma mulher admirável. “E assusta-me, Joe”, os amigos de papai sempre o chamaram de Joe, “assusta-me, positivamente, o quanto essa mulher me ama!”

Pouco tempo depois, uma amiga de minha mãe chegou a nossa casa seriamente perturbada, contando a seguinte história: quando na companhia de alguém num hotel em North Devon, observara uma mulher jovem, grande, bastante bonita, a conversar em voz alta com uma amiga no *hall* do hotel.

“Cacei meu pássaro, Dora”, jactava-se, triunfante. “Está pelo beicinho, vem comer na minha mão!”

Dora deu-lhe os parabéns, e os preparativos do casamento foram discutidos largamente. Mencionou-se então o nome do sr. B. como sendo o tal noivo “caçado”. Houve prolongada conferência entre meu pai e minha mãe a esse respeito. Que haviam de fazer? Poderiam deixar que o pobrezinho do sr. B. se casasse com alguém que, vergonhosamente, só queria o dinheiro dele? Seria tarde demais? Acreditaria ele se lhe contassem a conversa escutada? Finalmente, meu pai tomou uma decisão: não contariam absolutamente *nada* a B. Essa espécie de fofoca era sempre uma coisa mesquinha. E B., afinal, não era assim tão inocente. Escolhera a noiva com olhos bem abertos.

Se a sra. B. se casou com ele por dinheiro ou não, jamais soubemos, mas veio a ser uma excelente esposa e, vendo-os

juntos, pareciam felizes: arrulhavam como pombos. Deram três filhos ao mundo, eram praticamente inseparáveis e seria difícil encontrar vida doméstica mais agradável. O pobre sr. B. morreu de um câncer na língua, e durante sua longa e dolorosa doença a mulher cuidou dele devotadamente. Foi uma lição, disse minha mãe certo dia, para que não julguemos que sabemos melhor do que ninguém o que é bom para a vida dos outros.

Quando íamos almoçar ou tomar chá com a família B., a conversa girava sempre em torno de comida.

“Percival, meu amor”, dizia a sra. B., “coma um pouco mais deste carneiro, está excelente. Deliciosamente macio.”

“Está bem, Edith querida. Só mais um pedacinho. Deixe que eu dê para você o molho de alcaparras. Está muito bem-feito este molho. Dorothy querida, quer um pouco mais de carneiro?”

“Não, obrigada, papai.”

“Dulcie? Uma fatia apenas, está tão macio!”

“Não, obrigada, mamãe.”

Eu tinha uma amiga chamada Margaret. Era o que talvez possamos chamar de uma amiga não-oficial. Não visitávamos a casa uma da outra (a mãe de Margaret possuía berrantes cabelos cor de laranja e as faces excessivamente rosadas; suspeito agora que era considerada, naquele tempo, avançada demais, e meu pai não consentia que minha mãe a visitasse). Margaret e eu passeávamos juntas. Presumo que nossas *nurses* fossem amigas. Margaret falava demais, e por vezes causava-me embaraços terríveis. Acabara de perder os dentes da frente, o que tornava sua conversa tão difícil de entender que eu nunca sabia sobre o que estava falando. Achei que seria pouco caridoso dizer-lhe isso, de modo que respondia apenas por palpite, e cada vez com menor esperança de acertar. Finalmente, Margaret ofereceu-se para me

“contar uma história”. Era algo a respeito de “doces envenenados”, mas jamais saberei o que aconteceu com eles. Margaret prosseguiu ainda por muito tempo sua história, para mim sempre incompreensível, e terminou triunfalmente com a pergunta: “Você não acha a história linda?” Concordei com fervor. “Você não acha que eles não deveriam...” Achei que ser interrogada acerca da história já era demais, e interrompi-a com decisão: “*Eu* vou contar uma história para você, Margaret”. Ela pareceu indecisa. Evidentemente, existia algo estranho na história dos doces envenenados que ela gostaria de discutir, mas eu estava realmente desesperada.

“É uma história a respeito de um caroço de pêssego”, improvisei ousadamente. “A respeito de uma fada que morava dentro de um caroço de pêssego.”

“Continue”, disse Margaret.

Continuei. Fui tecendo uma história até que o portão de Margaret apareceu à nossa vista.

“É uma história muito bonita”, comentou Margaret com apreço. “Em que livro de contos você a leu?”

Essa história não vinha de nenhum livro, mas de minha cabeça. Não me parece que fosse especialmente boa. Mas salvaram-me do perigo, pouco caridoso, de advertir Margaret sobre a falta de seus dentes. Disse-lhe que não conseguia lembrar-me em que livro a lera.

Quando eu tinha cinco anos, minha irmã regressou de Paris com sua educação terminada. Recordo-me do entusiasmo que senti ao vê-la em Ealing, pulando de um táxi. Usava um engraçado chapeuzinho de palha com um véu salpicado de

pequenas pintas pretas, e parecia-me uma pessoa inteiramente diferente. Era muito simpática com sua irmã caçula, e costumava contar-me histórias. Também se pôs a aperfeiçoar minha educação, ensinando-me francês por um manual chamado *Le petit professem*. Não era, creio, muito boa professora, e ganhei intensa aversão àquele livro. Duas vezes consegui habilmente escondê-lo atrás de outros livros na prateleira; contudo, não demorava muito a reaparecer.

Percebi que tinha de achar melhor solução. Num dos cantos do pequeno cômodo, existia um enorme armário de espelho que continha uma águia empalhada, careca, que era a glória e o orgulho de meu pai. Consegui encafiar o livro atrás da águia. Operação coroada de êxito. Passaram-se muitos dias, e nem mesmo uma caçada em regra deu conta de encontrar o livro desaparecido.

Todavia, minha mãe vencia facilmente meus esforços. Anunciou um prêmio de chocolates especialmente deliciosos para quem encontrasse o tal livro. Minha gula foi minha perdição. Caí na cilada, conduzi eu mesma uma busca elaborada por todo o aposento e exclamei a certa altura com voz surpresa: “Olhem! Está aqui!” Seguiu-se a recompensa: fui censurada e mandada para a cama pelo resto do dia. Aceitei o castigo como algo merecido, visto que fora descoberta, mas considerei uma injustiça não ter recebido os chocolates. Haviam sido prometidos a quem quer que achasse o livro, e *eu* o achara!

Minha irmã fazia comigo uma brincadeira que me fascinava e ao mesmo tempo me aterrava. Chamava-se a brincadeira da “irmã mais velha”. A tese era que, em nossa família, havia uma irmã mais velha do que Madge. Ela era louca e morava numa gruta em Corbin’s Head, e às vezes vinha até nossa casa. Na

aparência, era impossível distingui-la de minha outra irmã, exceto pela voz, totalmente diferente. Era uma voz suave e untuosa, além de ser, igualmente, assustadora.

“Você sabe quem sou eu, não é mesmo, queridinha? Sou sua irmã Madge. Você não está pensando que sou outra pessoa, está? Você não iria pensar uma coisa dessas!”

Eu então sentia indescritível terror. É claro que sabia que era apenas Madge *fingindo* — mas será que era mesmo? Ou seria verdade? Aquela voz — aquele olhar de soslaio! *Era* minha irmã mais velha!

Minha mãe se aborrecia. “Não quero que assuste a menina com essa brincadeira estúpida, Madge!”

Madge respondia com toda a razão: “Mas, mamãe, é ela quem pede!”

Madge estava certa. Eu pedia. Dizia-lhe: “Será que nossa irmã vai aparecer por aí?”

“Não sei. Você gostaria que ela viesse?”

“Sim, sim, gostaria...”

Gostaria realmente? Suponho que sim.

Esse meu pedido nunca era satisfeito imediatamente. Dois, três dias depois escutava uma batida na porta da *nursery* e aquela voz:

“Posso entrar, queridinha? Sou sua irmã mais velha...”

Anos mais tarde, bastava ainda que Madge fizesse sua voz de “irmã mais velha” para que eu, imediatamente, sentisse um arrepio ao longo da espinha.

Por que gostava tanto da sensação do medo? Qual será a necessidade instintiva que se satisfaz pelo terror? Por que motivo, na verdade, as crianças gostam de histórias a respeito de ursos, lobos e bruxas? Será que habita em nós algo que se rebela contra

uma vida com excessiva segurança? Será que é necessária à vida humana a sensação do perigo? Será que se pode atribuir o atual incremento da delinqüência juvenil ao fato de existir “segurança” demais? Necessitamos instintivamente de algo a combater, a superar, como se fosse uma prova que quiséssemos dar a nós próprios? Se tirássemos o lobo do conto do Chapeuzinho Vermelho, alguma criança gostaria dessa história? Contudo, como acontece com a maior parte das coisas da vida, apreciamos ficar assustados — mas não demais...

Minha irmã possuía certamente um grande dom para contar histórias. Ela era bem jovem ainda, e já nosso irmão insistia: “Conte de novo!”

“Não quero.”

“Conte! Conte!”

“Não, agora não.”

“Por favor! Depois faça o que você quiser.”

“Você deixará que eu morda seu dedo?”

“Pode morder.”

“Mas morderei com força. Talvez até corte o dedo com a mordida!”

“Não me importo.”

Madge então contava de novo a história. Depois pegava o dedo dele e o mordia. Monty berrava. Mamãe vinha ver o que estava acontecendo. Madge era castigada.

“Mas nós fizemos um trato”, explicava, sem o menor arrependimento.

Recordo bem minha primeira história escrita. Era uma espécie de melodrama bem curto, visto que tanto a escrita quanto a ortografia me eram penosas. Era a respeito da nobre Lady Madge (boazinha) e da sanguinária Lady Agatha (má), e o enredo

se referia à segurança de um castelo.

Mostrei minha história a Madge e sugeri que a representássemos. Minha irmã disse imediatamente que preferia ser a “sanguinária” Lady Madge e que eu poderia ser a “nobre” Lady Agatha.

“Mas você não prefere ser boazinha?”, perguntei, chocada. Minha irmã disse que não, que achava muito mais divertido ser cruel. Fiquei contente, porque não passara de ato de cortesia de minha parte atribuir toda a nobreza a Lady Madge.

Meu pai, lembro-me bem, deu grandes risadas com essa história, de maneira gentil minha mãe disse-me que talvez fosse melhor eu não usar a palavra “sanguinária”, porque não era muito bonita. “Mas ela *era* sanguinária!”, expliquei. “Ela matou uma quantidade enorme de gente. Era como Maria, a Sanguinária, que mandava queimar as pessoas.”

Os contos de fadas ocupavam lugar importante em nossas vidas. Vovó dava-me livros de contos em meu aniversário e no Natal. *The yellow fairy book*, *The blue fairy book*, e assim por diante. Eu adorava todos esses livros, e lia-os mais de uma vez. Havia ainda uma coleção com histórias de animais, também de Andrew Lang, inclusive uma acerca de *Ândrocles e o leão*. Como eu amava essas histórias!

Deve ter sido por essa época que me iniciei nos livros da sra. Molesworth, célebre escritora de histórias para crianças. Li-as com prazer durante muitos anos e, ao relê-las agora, reputo-as ainda muito boas. Certamente, as crianças de hoje as achariam superadas. No entanto, as histórias são boas, bem-narradas e bastante simbólicas. Havia a história de *Carrots, just a little boy* e *Herr baby*, para crianças muito jovens, e vários contos de fadas. Releio ainda com prazer *The cuckoo* e *The tapestry room*. Minha

preferida de todas era *Four winds farm*; relendo-a hoje, achei-a desinteressante, e não entendo por que me agradava tanto.

Ler livros de contos era considerado coisa agradável demais para ser tomada como virtude. Não era permitido ler histórias senão depois do almoço. Pela manhã devia-se fazer algo *útil*. Até hoje, se me sento para ler um romance depois do café da manhã, sinto-me tomada de sentimento de culpa. Sucede o mesmo se jogo cartas aos domingos. Libertei-me da proibição da *nursie* de “não ler livros onde existissem desenhos do demônio”, mas “nada de jogos de cartas aos domingos” era regra da casa e, anos mais tarde, quando jogava bridge aos domingos, jamais deixei de sentir uma leve sensação de quem se pilha fazendo algo proibido.

Algum tempo antes de a *nursie* nos deixar, minha mãe e meu pai foram à América, ausentando-se por algum tempo. A *nursie* e eu fomos para Ealing. Devo ter passado aí vários meses muito felizes. A verdadeira alma da casa de vovó era uma velha e enrugada cozinheira, Hannah. Era tão magra quanto Jane era gorda, um verdadeiro saco de ossos, com as costas encurvadas e o rosto repleto de sulcos profundos. Cozinhava maravilhosamente. Também fazia pão três vezes por semana, e deixava-me ir para a cozinha construir casinhas com o miolo e fazer rosquinhas. Uma vez, uma vez somente, fui estúpida com ela, ao perguntar-lhe o que eram “miúdos”. Aparentemente, essa era uma palavra cujo significado uma menina bem-educada não deveria saber. Tentei encabular Hannah, correndo na cozinha de um lado para outro, dizendo: “Hannah, o que quer dizer ‘miúdos’? Hannah, pela terceira vez estou perguntando a você, o que são miúdos?” Finalmente, fui posta para fora da cozinha e censurada pela *nursie*, e Hannah ficou sem falar comigo por dois ou três dias. Depois dessa lição, passei a ser muito mais cuidadosa ao

transgredir as leis.

Durante minha estada em Ealing, devo ter ido às festas do Diamond Jubilee¹, porque, faz pouco tempo, encontrei uma carta de meu pai escrita da América. O estilo da carta é típico da época, muito diferente daquele em que meu pai falava, visto que a redação das cartas obedecia a um padrão sagrado, ao passo que o modo de meu pai falar era quase sempre folgazão e levemente irreverente:

“Você deve ser boazinha para com a querida titia-vovó, Agatha, lembrando-se de quanto ela tem sido gentil para com você, e dos mimos com que a cumula. Sei que assistirá a esse maravilhoso espetáculo, que jamais esquecerá, o Diamond Jubilee; é algo que só se vê uma vez na vida. Não se esqueça de dizer a titia-vovó o quanto se sente grata; que bom para você! Bem que apreciaria estar aí, assim como sua mãe. Sei que você não vai esquecer tal espetáculo jamais”.

Meu pai era desprovido do dom da profecia, porque *esqueci* mesmo.

Como as crianças são imprevisíveis! Quando recordo o passado — de que me lembro? De pequenos fatos sem importância acerca da costureira das redondezas, das rosquinhas de pão que eu fazia na cozinha, do cheiro de álcool do hálito do coronel F. E o que esqueço? Um espetáculo que custou bom dinheiro para ser visto e recordado. Sinto-me muito aborrecida comigo mesma. Que criança mais horrível, mais ingrata!

Isso me faz lembrar uma coincidência tão espantosa, que me inclino a pensar que jamais poderia ter acontecido. Deve ter-se passado por ocasião dos funerais da rainha Vitória.

¹ *Cerimônias comemorativas dos cinqüenta anos de reinado da rainha Vitória, celebradas em 1887. (N. da T.)*

Titia-vovó e vovó B. queriam ver os funerais. Conseguiram obter um lugar numa janela, perto de Paddington, e combinaram encontrar-se nesse local, no grande dia. Às cinco horas da manhã, vovó levantou-se para não chegar atrasada, e partiu de Ealing cedo para chegar a tempo à estação de Paddington. Segundo seus cálculos, contava com boas três horas de avanço para chegar ao local do encontro, e levou consigo um bordado com que ocupar as mãos, alguma comida e outras coisas necessárias para passar horas de espera, quando lá chegasse. Infelizmente, o tempo que ela calculou para se deslocar não foi suficiente. As ruas estavam pejudadas de gente. Algum tempo depois de deixar a estação de Paddington, ela ficou praticamente impossibilitada de continuar caminho. Dois homens de uma ambulância salvaram-na da multidão e garantiram-lhe que não poderia prosseguir. “Mas eu tenho que ir! Eu tenho que ir!”, gritava vovó. Lágrimas lhe corriam pelo rosto. “Tenho um quarto, um local aonde ir, as duas primeiras cadeiras na segunda janela de um segundo andar, de modo a poder enxergar toda a cerimônia. Tenho que ir!” “É impossível, senhora, as ruas estão cheias demais, e ninguém consegue avançar faz mais de meia hora.” Vovó chorou mais ainda. O homem da ambulância, compadecido, disse amavelmente: “Receio que a senhora não vá conseguir, mas vou levá-la por esta rua até nossa ambulância, onde poderá ficar sentada e tomar uma boa xícara de chá”. Vovó foi com eles, sempre chorando. Junto da ambulância, achava-se sentada uma pessoa que apresentava certas semelhanças com vovó, também chorando, uma monumental figura vestida de veludo preto. Essa pessoa olhou para vovó, e dois gritos soaram no ar: “Mary!” “Margaret!” Dois vultos gigantescos se abraçaram.

V

Recordando o que me deu maior prazer em minha meninice, talvez me sinta inclinada a colocar em primeiro lugar meu pequeno arco. Um brinquedo simples, que custava... Quanto poderia custar? Seis *pence*? Um xelim? Certamente não mais do que isso.

E que inestimável benefício para os pais, *nurses* e empregados! Nos dias bonitos, Agatha encaminhava-se para o jardim com seu arco e ninguém mais se preocupava com ela até a hora da refeição — ou, de forma mais exata, até que a fome apertasse.

Meu arco era para mim, alternadamente, um cavalo, um monstro marinho, uma estrada de ferro. Batendo em meu arco e percorrendo as aléias do jardim, eu era um cavaleiro envergando uma armadura, em busca de aventuras, uma *lady* da corte treinando seu branco corcel, era Clover (um dos gatinhos) fugindo à prisão, ou, menos romanticamente, o condutor, o guarda ou o passageiro em três estradas de ferro imaginárias.

Nessas estradas de ferro existiam três sistemas diferentes: a estrada de ferro do encanamento, com oito estações, que circulava em três quartas partes do jardim; o metrô, uma linha curta, que servia apenas a horta e tinha início num grande tanque de água com uma torneira sob um pinheiro; e a estrada de ferro do terraço, que dava a volta a toda a casa. Há pouco encontrei num armário uma folha de cartolina onde desenhara, havia sessenta anos, um mapa de todas essas estradas de ferro.

Não posso conceber por que me divertia tanto correr batendo

em meu arquinho, parar, gritar: “Lili of the Valley Bed! Mudança nesta estação para o trem do metrô. Metrô! Mudança geral!” Fazia isso horas a fio. Devia ser um bom exercício. Também praticava diligentemente a arte de lançar meu arco de modo que voltasse para mim, um truque em que fora instruída por um de nossos amigos oficiais de marinha. A princípio, não conseguia fazê-lo; depois de árduos exercícios, porém, peguei o jeito, e sentia-me orgulhosa de minha habilidade.

Nos dias de chuva eu contava com Mathilde. Era um grande cavalo de balanço, oferecido a meu irmão e minha irmã na América quando eram crianças. Trazido para a Inglaterra, não passava agora de um amassado vestígio do que fora primitivamente, desprovido já de crina, sem pintura, sem cauda, e metido numa pequena estufa, junto a um dos lados da casa — complemento da estufa maior, que se erguia em toda a sua magnificência, contendo vasos de begônias, gerânios, fileiras de prateleiras de toda espécie de samambaias e várias grandes palmeiras. Essa pequena estufa, chamada, não sei por quê, de K. K. (ou talvez Kai-Kai?), era completamente desprovida de plantas; em compensação albergava tacos de croqué, arcos, bolas, cadeiras de jardim quebradas, velhas mesas de ferro esmaltadas, uma velha rede de tênis — e Mathilde.

Mathilde em ação era esplêndida — muito melhor do que qualquer cavalo de balanço inglês que eu tenha conhecido. Pulava para a frente e para trás, para cima e para baixo, cavalgava a toda a brida e até podia jogar fora o cavaleiro. Suas molas, que necessitavam ser lubrificadas, produziam rangidos horríveis, o que só aumentava meu prazer, criando uma sensação de perigo. Era outro esplêndido exercício. Não era de admirar que eu fosse uma criança magra.

O companheiro de Mathilde em Kai-Kai era Truelove — também de origem transatlântica. Truelove era um cavalinho malhado, pequeno, que puxava uma carroça com pedais. Provavelmente devido aos longos anos sem uso, os pedais não funcionavam mais. Abundantes aplicações de óleo poderiam ter feito um milagre, mas havia outro jeito de Truelove trabalhar. Como todos os jardins de Devon, o nosso ficava em uma encosta. Meu método consistia em puxar Truelove para o topo da encosta gramada, instalar-me cuidadosamente, soltar uma exclamação encorajadora, e aí íamos nós! A princípio devagar, ganhando velocidade depois, velocidade que eu controlava travando a descida com meus próprios pés até pararmos no fundo do jardim. Então, eu puxava Truelove novamente para o cimo da encosta, e recomeçávamos a descida.

Descobri mais tarde que assistir a esse processo fora grande fonte de divertimento para meu futuro cunhado, que às vezes ficava observando-me por mais de uma hora, em postura perfeitamente solene.

Quando a *nursie* nos deixou, fiquei naturalmente sem companheira de folguedos. Vagueava desconsoladamente pelo jardim, até que o arco resolveu meu problema. Como fazem normalmente todas as crianças, eu tentava induzir os adultos a brincar comigo: primeiro minha mãe, depois os empregados. Mas naquele tempo, se não existisse alguém especialmente incumbido de brincar com as crianças, elas tinham que brincar sozinhas. As empregadas eram boas pessoas, mas tinham seu serviço a fazer — muito serviço mesmo —, e sempre respondiam: “Agora vá embora, srta. Agatha, preciso terminar meu serviço”. Jane quase sempre condescendia em me oferecer um punhado de passas ou uma fatia de queijo, mas sugeria com firmeza que eu fosse comer no jardim.

Por isso tive que criar meu próprio mundo e inventar meus companheiros. Acho, realmente, que isso foi útil para mim. Jamais, em toda a minha vida, sofri do tédio de “não ter nada que fazer”. Muitas mulheres sofrem desse mal. Sofrem de solidão e de tédio. Ter tempo para gastar e não saber o que fazer com ele não é uma delícia — é um pesadelo. Se toda a vida você dispôs de alguém designado para distraí-la, é natural que continue esperando que isso aconteça. E quando ninguém faz nada nesse sentido, então você está perdida!

Suponho que é por irem para a escola e terem sempre sua vida planejada por outras pessoas que as crianças de hoje me parecem tão desconsoladas e incapazes de ter idéias próprias nas férias. Fico sempre pasma quando alguma criança vem ter comigo e me diz: “Por favor! Não tenho nada que fazer!” Desesperada, respondo:

“Mas você tem muitos brinquedos, não tem?”

“Na verdade, não tenho!”

“Mas você possui dois trens, caminhões e um estojo de pintura. E cubos. Não pode brincar com nenhuma dessas coisas?”

“Mas não posso brincar sozinho, não é mesmo?”

“Por que não? Já sei o que você pode fazer: faça o desenho de um passarinho, depois recorte-o e faça uma gaiola com os cubos e meta o pássaro dentro da gaiola.”

Surge um raio de luz na escuridão, e a paz consegue reinar por quase dez minutos.

Olhando o passado, fico cada vez mais convencida de uma coisa: fundamentalmente, meus gostos continuam iguais. Aquilo com que gostava de brincar em criança é o mesmo com que

sempre gostei de brincar na vida.

Casas, por exemplo.

Eu possuía, presumo, razoável quantidade de brinquedos: uma cama de bonecas com lençóis de verdade e cobertores, e aqueles tijolinhos para construções que todas as famílias têm, e que foram passando de meu irmão para minha irmã, e depois para mim. Mas muitos de meus brinquedos eram improvisados. Cortava figuras de velhas revistas e colava-as em cadernos feitos de papel marrom. Pedacos de papel de parede eram recortados e colados em caixas. Eram trabalhos demorados, que preenchiam meu tempo de ócio.

Minha principal fonte de divertimento era, sem dúvida, a casa de bonecas. Tratava-se de uma casinha comum, pintada, com uma porta na frente que se abria, revelando a cozinha, a sala, o vestíbulo no andar de baixo, dois quartos com cama e o banheiro no andar de cima. Era assim que a casinha começava. O mobiliário era adquirido peça a peça. Nesse tempo, as lojas possuíam enorme quantidade de mobiliário de bonecas, por preço bastante barato. O dinheiro que me davam era abundante. Minha mesada consistia em todos os níqueis que meu pai descobria nos bolsos dele todas as manhãs. Eu o visitava em seu quarto de vestir, dava-lhe bom-dia e virava-me para seu toucador para examinar o que os fados me haviam reservado naquela manhã. Dois *pence*? Cinco? Uma vez recebi onze *pence*! Outros dias não havia nenhum níquel. A incerteza tornava esse momento muito excitante.

Minhas compras eram sempre mais ou menos iguais: alguns doces — doces cozidos apenas, a única qualidade que minha mãe considerava não oferecer perigo para minha saúde — comprados da sra. Wylie, que tinha uma loja em Tor. Os doces eram feitos

diariamente no próprio local, de modo que, quando cruzávamos a porta, logo sabíamos o que estava sendo preparado no dia: sentíamos o rico aroma do caramelo fervendo, o cheiro pungente do torrão de hortelã-pimenta, a tênue fragrância do ananás, balas de cevada (uma sensaboria, praticamente sem cheiro algum) e o perfume mais forte de todos: o dos *drops* de pêra quando ainda eram manufaturados.

Todos esses doces custavam dezesseis *pence* o quilo. Eu gastava aproximadamente quatro *pence* por semana — um *penny* por cada quatro espécies diferentes de doces. Depois dava um *penny* para os Animais Abandonados (cuja caixa ficava em cima do balcão); de setembro em diante, guardava algum dinheiro para os presentes de Natal que tinham que ser comprados e não podiam ser feitos por nós. O resto ia inteirinho para o equipamento e mobiliário da minha casa de bonecas.

Ainda recordo os objetos encantadores que havia para comprar. Comida, por exemplo. Havia pequeninos pratos de papelão com frango assado, ovos e presunto, um bolo de casamento, um pernil de carneiro, maçãs e laranjas, peixe, doces, pudim de ameixas. Havia bandejas de vime com facas, garfos e colheres. Minúsculos copos. E o mobiliário próprio. Minha sala tinha cadeiras de cetim azul e uma imponente poltrona dourada. Havia toucadores com espelho, mesas redondas para sala de jantar com as respectivas cadeiras, hediondas, aliás em cor laranja. Havia também pequenos abajures, adornos florais e jarras de flores. E também todos os instrumentos caseiros: escovas, pás de lixo, vassouras, baldes e panelas de cozinha.

Dentro de pouco tempo, minha casa mais parecia uma loja de móveis.

Será que eu poderia — seria possível? — comprar *outra* casa

de bonecas?

Mamãe declarou que não achava bem que uma menina possuísse duas casas de bonecas. Mas por que não transformava um armário em uma casa de bonecas maior?, sugeriu. Assim, ganhei um armário, o que foi uma idéia genial. Um cômodo grande no último andar da casa, Originariamente construído por meu pai para que se instalassem ali mais dois quartos, era muito apreciado por meus irmãos, vazio como estava, e acabou virando quarto de brinquedos. Suas paredes estavam quase completamente forradas com prateleiras de livros e armários, e o centro do aposento permanecia convenientemente vazio. Foi-me confiado um armário com quatro prateleiras, parte dele firmemente construída na própria parede. Minha mãe deu-me vários pedaços de lindo papel de parede, que pude colar nas prateleiras como se fossem tapetes. A casa de bonecas foi colocada por cima do armário, e desse modo fiquei com uma casa de seis andares.

Naturalmente, essa casa precisava de uma família para morar. Adquiri um pai, uma mãe e uma empregada, escolhidos entre aqueles bonecos de rosto de louça e corpo e membros maleáveis, recheados de serradura. Minha mãe fez-lhes algumas roupas, costuradas de retalhos de tecido. Até colou uma pequena barba e uns bigodes no rosto do pai. A família ficou com pai, mãe, dois filhos e a empregada. Era perfeito! Não me recordo de que esses bonecos tivessem personalidades especiais — para mim nunca chegaram a ser gente: apenas serviam para ocupar a casa. Mas realmente ficava bem, quando sentava toda a família à volta da mesa da sala de jantar, com seus pratos e copos, e eu servia um frango assado ou um aparentemente delicioso pudim cor-de-rosa.

Outro de meus divertimentos era a mudança de casa. Uma forte caixa de papelão fazia as vezes de caminhão de mudança. Carregava lá para dentro o mobiliário e, com um barbante, puxava o caminhão à volta do quarto várias vezes, até chegar à casa nova. Isso acontecia, pelo menos, uma vez por semana.

Posso agora verificar claramente que, desde então, continuei sempre brincando de casinha. Mudei-me para inúmeras casas, comprei algumas, troquei-as por outras ainda, mobiliei-as, decorei-as, procedi a alterações estruturais nelas. Casas! Benditas sejam!

Regressemos, porém, às minhas recordações. Que coisas *realmente* estranhas lembramos de nossa própria vida, quando coligimos assim nossas recordações! Lembramos ocasiões felizes, lembramos — muito vivamente — o medo. Estranhamente, contudo, a infelicidade e a dor são mais difíceis de recordar. Não posso dizer exatamente que não as recordo — na realidade recordo, mas sem *senti-las*. É como se estivesse num andar alto e, olhando para baixo, de longe, dissesse: “Ali está Agatha terrivelmente infeliz. Ali está Agatha com dor de dente”. Mas não *sinto* a infelicidade, assim como posso sentir a dor de dente. Por outro lado, o cheiro das limeiras traz-me de volta o passado, e de súbito recordo um dia transcorrido junto a algumas delas, recordo o prazer com que me joguei ao chão, o cheiro do capim quente, essa repentina e adorável sensação do verão; o cedro perto, o córrego mais além... Esse sentimento de perfazer um todo com a vida — tudo isso volta a nossa memória nesse momento, e volta também a sensação que então nos invadiu.

Recordo vivamente um campo florido de botões-de-ouro; eu

devia ter menos de cinco anos de idade, visto que fui até lá acompanhada pela *nursie*. Estávamos em Ealing, em casa de tia-vovó. Subimos uma colina, para além da Igreja de St. Stephen. Nessa época só havia campos por ali, e chegamos a um campo pejado de botões-de-ouro. Fomos lá — isso eu sei — várias vezes. Não sei se me lembro desse campo dourado da primeira vez que fomos lá ou de qualquer outro passeio que tivéssemos dado depois, mas ainda posso recordar bem a beleza desse campo. Tenho a impressão de que há muitos anos não vejo um campo de botões-de-ouro. Tenho visto *alguns* botões-de-ouro dispersos pelos campos, mas só isso. Um grande campo juncado de botões-de-ouro, em pleno verão, é algo que realmente merece ser recordado. Esse foi um espetáculo deslumbrante, cuja recordação ainda guardo comigo.

O que nos deu maior prazer na vida? Ouso dizer que é coisa que varia com as pessoas. No que me diz respeito, recordando e refletindo, parece-me que quase sempre foram os momentos de quietude na vida de todos os dias. Foram essas, certamente, as ocasiões em que me senti mais feliz. Enfeitando a cabeça grisalha da *nursie* com laços de fita azul, brincando com Tony, abrindo com um pente um risco no pêlo do seu lombo, galopando no que eu imaginava serem cavalos de verdade e cruzando o riacho, já que minha predileção era o jardim. Eu corria atrás de meu arco pelas estações das imaginárias estradas de ferro. Fazia alegres brincadeiras com minha mãe. Mais tarde, minha mãe lia Dickens para mim e gradualmente ficava sonolenta, os óculos escorregavam-lhe pelo nariz e sua cabeça caía para a frente, e eu gritava numa voz de agonia: “Mamãe, está quase dormindo!” Ao que minha mãe, com grande dignidade, replicava: “Nada disso,

querida, não estou sentindo *sono algum!*” Segundos depois, estava mesmo dormindo. Lembro-me de achá-la ridícula com os óculos descendo pelo nariz. Eu a amava muito nesses momentos.

É curioso esse pensamento, mas acho realmente que é preciso ver o lado ridículo de uma pessoa a quem amamos para sentirmos a força de nosso amor! Todo mundo pode admirar alguém por sua beleza, ou seu espírito, ou seu encanto, mas essa espécie de bolha de sabão estoura facilmente quando é atingida pelos vestígios do ridículo. Eu daria este conselho a qualquer moça que está para casar-se: “Bem, agora imagine seu marido com um resfriado terrível, falando fanhoso, espirrando e com os olhos vermelhos e lacrimejantes. O que você sentiria por ele?” É um bom teste. A espécie de amor que uma mulher deve sentir pelo marido é, acho eu, o amor carregado de ternura, que inclui afeto e atura resfriados e pequenas manias em toda a sua amplitude. A paixão, sabemos como ela é...

O casamento exige mais do que um amante — partilho do modo de ver, hoje superado, de que é necessário o *respeito*. Respeito que não deve ser confundido com admiração. Sentir admiração por um homem durante toda a vida de casada talvez seja coisa muito aborrecida. O respeito, contudo, é um sentimento em que nem sequer se pensa, mas que é grato saber que existe. Como dizia uma velha irlandesa acerca de seu marido: “Ele é uma boa cabeça para mim”. Isso é, creio, algo de que uma mulher precisa. Ela tem necessidade de saber que em seu companheiro existe integridade, que ela pode confiar nele, depender dele e respeitar seus julgamentos, e que, quando surgir uma decisão difícil, essa decisão poderá com segurança ficar por conta dele.

É uma sensação curiosa essa de olhar para a vida passada, para todos os seus incidentes e casos. De tudo o que recordamos,

o que teve maior importância? A que se deve a obra de seleção que a memória foi fazendo? O que nos fez escolher os fatos que lembramos? É como se vasculhássemos uma grande mala cheia de velharias, num sótão, e, ao mergulharmos a mão dentro dela, disséssemos: “Quero isto e isto e mais isto”.

Perguntando a três ou quatro pessoas o que lembram de uma viagem ao estrangeiro, por exemplo, ficamos surpresos com as diferentes respostas recebidas. Recordo-me de um rapaz de quinze anos, filho de amigos nossos, que foi a Paris nas férias da primavera. Quando regressou, algum enfatuado amigo da família perguntou-lhe com a habitual entonação jovial com que era costume falar aos jovens: “Então, meu rapaz, o que mais o impressionou em Paris? O que você mais recorda de lá?” Imediatamente, o rapaz replicou: “As chaminés. As chaminés são muito diferentes das inglesas”. Do ponto de vista dele, foi uma resposta absolutamente sensata; alguns anos mais tarde ele estava estudando arte. Fora, portanto, um pormenor visual que realmente o impressionara e que, para ele, tornara Paris diferente de Londres.

Outra recordação que posso citar: quando meu irmão chegou doente do leste da África. Trouxe com ele um criado indígena, Shebani. Ansioso por mostrar a esse africano simples as maravilhas de Londres, meu irmão alugou um automóvel e percorreu Londres acompanhado de Shebani. Mostrou-lhe a Abadia de Westminster, o Palácio de Buckingham, o Parlamento, o Guildhall, o Hyde Park, etc. Finalmente, quando regressaram a casa, Monty perguntou a Shebani: “O que você acha de Londres?” Shebani revirou seus grandes olhos: “É uma maravilha, *bwana*, é um lugar maravilhoso. Jamais pensei ver algo assim”. Meu irmão aprovou com um gesto de cabeça, satisfeito. “E o que mais

impressionou você?”, continuou. A resposta veio sem hesitação: “Oh, *bwana*, as lojas cheias de *carne!* Que lojas maravilhosas! Carne pendurada por tudo quanto é lado e *ninguém a rouba*, não há ninguém correndo nem empurrando para chegar lá e roubar! Não, o pessoal passa por essas lojas em boa ordem. Que país rico e poderoso deve ser este, para possuir toda essa carne pendurada nessas lojas abertas pelas ruas! Sim, a Inglaterra é sem dúvida um país maravilhoso. Londres é uma cidade maravilhosa!”

Pontos de vista. O ponto de vista da criança — todos nós soubemos o que isso foi, algum dia, mas viajamos para tão longe dessa criança que nos é difícil regressar a ela. Lembro-me de meu neto Mathew, quando tinha, suponho, dois anos e meio. Ele não sabia que eu o estava espiando. Olhava-o do alto das escadas enquanto ia descendo muito cuidadosamente os degraus. Era para ele uma nova conquista, de que se sentia orgulhoso. Mas também algo assustador. Mathew falava consigo próprio, murmurando: “É Mathew que está descendo a escada. É Mathew. Mathew descendo a escada”.

Pergunto a mim própria se todos nós, quando começamos a ter consciência, quando já podemos cogitar a nosso próprio respeito, nos observamos como se tratasse de outra pessoa. Será que eu disse algum dia, a meu respeito: “É Agatha, com seu laço dos dias de festa, indo para a sala de jantar”? É como se o corpo em que encontramos nossa mente alojada nos fosse estranho. Como se fôssemos uma entidade à parte, da qual sabemos o nome, com a qual nos entendemos bem, mas com a qual não estamos ainda plenamente identificados. É Agatha indo a passeio, é Mathew descendo as escadas. Nós nos *enxergamos* — não nos *sentimos*.

E então, um dia, surge uma nova fase em nossa vida.

Subitamente, não é mais “Mathew descendo a escada”. Subitamente passou a ser “*Eu* descendo a escada”. Quando começamos a sentir *eu*, estamos dando o primeiro passo em nossa vivência pessoal.

Segunda parte

“MENINAS E MENINOS, VENHAM
BRINCAR”

I

É preciso meditar sobre nosso passado para termos consciência de como é extraordinária a visão de mundo de uma criança. O ângulo dessa visão é inteiramente diferente do de um adulto, e tudo possui diferentes proporções.

As crianças podem fazer uma apreciação sagaz do que as rodeia e bons juízos acerca do caráter das pessoas. Mas o *como* e o *porquê* das coisas é que jamais lhes parece ocorrer.

Quando meu pai começou a se preocupar com o estado de suas finanças, eu devia ter cinco anos de idade. Ele fora filho de um homem rico, e sempre considerou suas rendas devidamente seguras. Meu avô criara um complicado sistema de legados a serem efetivados depois de sua morte. Havia quatro testamenteiros, um deles já muito idoso, o qual, segundo creio, já se retirara de qualquer ligação ativa com esses negócios. Outro foi logo depois para uma clínica de doentes mentais, e os outros dois, ambos homens da idade de meu avô, morreram pouco tempo após ele. Um deles tinha um filho que continuou com o encargo. Se esse filho foi inábil ou se, no correr de sua administração, alguém conseguiu desviar fundos em benefício próprio, não sei. Só sei que os negócios de meu pai iam de mal a pior.

Meu pai andava confuso e deprimido, mas, não tendo queda para os negócios, não sabia que medidas tomar a esse respeito. Escreveu para o querido e velho amigo fulano de tal e para o querido e velho amigo sicrano de tal, e eles responderam

sossegando meu pai, ou atribuindo a culpa ao mercado, à inflação, e outras coisa do gênero. Recebemos nessa época uma herança de uma velha tia, o que, presumo, melhorou nossa situação por um ou dois anos, enquanto as rendas que nos deveriam ser pagas não chegavam nunca.

Foi também nessa mesma época que a saúde de meu pai começou a mostrar-se abalada. Por várias vezes, teve o que se supôs ataques cardíacos — termo vago, que servia para tudo. As preocupações financeiras deviam ter afetado sua saúde. O remédio imediato parecia ser fazer economia. A maneira reconhecida de assim proceder, naquele tempo, era ir viver no estrangeiro por certo período. Isso, na época, não se devia, como hoje, ao imposto de renda — o imposto de renda era, imagino, aproximadamente o de um xelim por libra —, mas ao custo de vida no estrangeiro, que era bem menor. Por esse motivo, o processo a seguir era alugar a própria casa, com as empregadas e tudo o mais, por uma boa renda, e ir para o sul da França, viver num hotel econômico.

Tal migração deu-se, tanto quanto me lembro, quando eu tinha uns seis anos de idade. Ashfield foi devidamente alugada — creio que a americanos que pagavam bom dinheiro —, e a família preparou-se para partir. Íamos para Pau, no sul da França. É claro que eu estava entusiasmada com essa perspectiva. No lugar para onde íamos, dissera-me minha mãe, veríamos altas montanhas. Fiz várias perguntas a esse respeito: eram muito, muito altas? Mais altas do que a torre da Igreja de St. Mary? (Era o que de mais alto eu conhecia.) Sim, as montanhas eram muito, muito mais altas do que isso. Mediam centenas de metros, milhares de metros. Retirei-me para o jardim com Tony, que mastigava uma enorme côdea de pão amanhecido obtida de Jane, na cozinha, e comecei a cogitar, tentando visualizar as

montanhas. Jogava a cabeça para trás, os olhos fitos no céu. Era assim que eram as montanhas — subiam, subiam, subiam, até se perderem nas nuvens. Era uma visão que inspirava respeito. Minha mãe amava montanhas. Jamais gostara do mar, confessara-nos. As montanhas, eu tinha certeza, viriam a ser uma das coisas mais importantes em minha vida.

Um aspecto triste da ida para o estrangeiro era ter que me separar de Tony. Tony, é claro, não fora alugado com a casa; ficaria aos cuidados de uma de nossas antigas empregadas, chamada Froudie. Casada com um carpinteiro e com residência ali perto, era a pessoa indicada para ficar tomando conta de Tony. Beije-me Cachorrinho todo, e Tony lambeu-me freneticamente o rosto, o pescoço, os braços e as mãos.

As condições das viagens naquele tempo parecem-nos hoje extraordinárias. Não existiam, é claro, passaportes, nem quaisquer formulários a preencher. Comprava-se apenas a passagem, reservava-se uma cabine-leito, e não era preciso mais nada. Era a própria simplicidade. *Mas fazer as malas!* (Somente o grifo pode dar uma idéia do que isso, realmente, significava.) Não sei em que consistia a bagagem do resto da família, mas recordo muito bem o que minha mãe levou com ela. Para começar, tinha três baús. O maior media aproximadamente um metro e vinte de altura, e dentro havia duas prateleiras divisórias. Também levava chapeleiras, grandes malas de couro, três malas do tipo a que se chamava “mala de cabine” e malas de fabricação americana, de um tipo que se podia avistar com freqüência nos corredores dos hotéis. Eram enormes e, creio, excessivamente pesadas.

Uma semana, pelo menos, antes da partida, minha mãe já vivia rodeada pelas malas, em seu quarto. Visto que, segundo os padrões da época, não estávamos bem de dinheiro, não

dispúnhamos de arrumadeira. Era minha mãe que fazia suas próprias malas. As preliminares dessa operação eram aquilo a que se chamava “a escolha”. Os grandes armários e as gavetas da cômoda ficavam abertos, enquanto minha mãe escolhia certas coisas, tais como flores artificiais e uma enorme quantidade de fitas e, como ela dizia, “minhas jóias”. Aparentemente, tudo isso requeria horas de escolha antes de ser emalado nos compartimentos das várias malas.

As jóias não consistiam, como hoje, em peças de “verdadeira ourivesaria” e grandes quantidades de jóias de imitação. Tais jóias de fantasia eram consideradas de “mau gosto”, exceto um ou outro broche mais antigo. As jóias de valor de minha mãe consistiam em “minha fivela de brilhantes, meu crescente de brilhantes e meu anel de noivado de brilhantes”, como ela dizia. O resto de seus enfeites eram verdadeiros, mas relativamente baratos. No entanto, para todos nós, possuíam intenso interesse. Havia “meu colar indiano”, “meu adereço florentino”, “meu colar veneziano”, “meus camafeus”, etc., etc. Havia seis broches nos quais minha irmã e eu tínhamos um interesse particularmente vivo. Eram os “peixes”, cinco pequenos peixes de diamantes, um minúsculo broche de pérolas e diamantes que imitava um galho de visco, “minha violeta de Parma”, um broche de esmalte que imitava uma violeta, outro broche do formato de uma rosa de esmalte cor-de-rosa, com cachos de flores de diamantes à roda, e “meu burrinho” (meu predileto), que era outro broche feito de uma pérola barroca incrustada de diamantes, e que representava uma cabeça de burro. Todos eles haviam sido prometidos para nós duas, Madge e eu, para depois da morte de minha mãe. Madge ficaria com a violeta de Parma (sua flor preferida), o crescente e o burro. Eu ficaria com a rosa, a fivela de brilhantes e o galhinho de

diamantes. Essa distribuição futura gozava de grande favor na minha família, pois não motivava pensamentos tristes sobre a morte, mas meramente um sentimento confortável do benefício que dela adviria.

Em Ashfield, a casa toda se achava repleta de quadros a óleo comprados por meu pai. Nesse tempo, a moda era amontoar nas paredes o máximo possível de quadros a óleo. Um deles me fora destinado — uma grande pintura a óleo, uma marinha, com uma mulher jovem e afetada que apanhava um rapaz em uma rede de pesca. Quando eu era criança, esse quadro representava para mim a mais alta concepção de beleza, e é triste pensar que o achei ruim quando chegou o momento de escolher os quadros para vendê-los. Nem mesmo por sentimentalismo guardei qualquer deles. Sou forçada a considerar que o gosto de meu pai em pintura era realmente muito ruim. Em compensação, todas as peças de mobiliário que ele comprou são verdadeiras jóias. Meu pai tinha paixão por mobiliário antigo, e as escrivaninhas Sheraton e as cadeiras Chippendale que comprou, muitas vezes a preço baixo — porque, naquele tempo, a moda do bambu estava no auge —, são peças de mobiliário que dão prazer a quem as possui e com elas convive. Esses móveis valorizaram tanto, que minha mãe pôde escapar a dificuldades econômicas depois da morte de meu pai vendendo muitas das melhores peças que possuíamos.

Meu pai, minha mãe e minha avó tinham a paixão de colecionar porcelana. Quando mais tarde vovó veio morar conosco, trouxe sua coleção de louça de Dresden e de Capo di Monte, e encheram-se inúmeros armários com ela, em Ashfield — na verdade, tivemos de mandar fazer mais armários para acomodar toda aquela louça. Não há dúvida de que éramos uma família de colecionadores, e eu herdei essa característica. A única coisa triste

é que, herdando uma boa coleção de porcelana e móveis, fiquei sem a menor desculpa para iniciar *minha* coleção. A paixão de colecionar, contudo, tem que ser satisfeita, e no meu caso fui acumulando um lindo estoque de peças de mobiliário em *papier mâché* e pequenos objetos que não figuravam nas coleções de meus ancestrais.

Ao chegar o dia de nossa partida, sentia-me tão entusiasmada que permaneci completamente muda, e até um pouco nauseada. Sempre que me via realmente excitada, fosse pelo que fosse, parece que ficava privada de meus dons oratórios. Minha primeira recordação nítida da partida para o estrangeiro é a entrada no navio, em Folkestone. Minha mãe e Madge levavam muito a sério a travessia do canal. Péssimas marinheiras, retiraram-se imediatamente para o salão das senhoras, onde se deitaram, fecharam os olhos e ficaram pedindo aos deuses para cruzarem as águas que nos separavam da França sem que sucedesse o pior. Apesar da minha experiência em pequenos botes, eu estava certa de ser boa marinheira. Meu pai encorajara em mim essa convicção, e permaneci no convés com ele. Foi, segundo creio, uma travessia perfeitamente serena; atribuí esse fato, porém, não ao mar, mas à minha capacidade de suportar o balanço. Chegamos a Boulogne, e tive o prazer de escutar meu pai proclamar: “Agatha é uma autêntica marinheira!”

O outro fato que a seguir me entusiasmou foi dormir no trem. Partilhava um compartimento com minha mãe, e fui empurrada para o leito superior. Minha mãe sempre teve paixão pelo ar livre, e a umidade quente dos carros-leitos era para ela uma agonia. Tenho a impressão de que, durante toda a noite, sempre que eu acordava, via minha mãe com o vidro da janela aberto e a cabeça de fora, respirando a grandes haustos o ar da

noite.

Na manhã seguinte, bem cedo, chegamos a Pau. Esperávamos um ônibus do Hotel Beauséjour, de modo que nos empilhamos dentro dele, enquanto as dezoito peças de nossa bagagem seguiam separadamente; na devida altura chegamos ao hotel, de cujo grande terraço se avistavam os Pireneus.

“Ali estão!”, disse meu pai. “Está vendo? Essas montanhas são os Pireneus. As montanhas da neve.”

Olhei. Foi uma das maiores decepções de minha vida, decepção que jamais esqueci. Onde estavam as estonteantes alturas que se perdiam nos céus, muito, muito acima de minha cabeça — algo que ficava para além da contemplação ou do entendimento? Em vez disso, enxergava, a alguma distância, no horizonte, o que a mim me parecia uma fila de dentes em pé, e que me pareciam dois ou três centímetros mais altos do que as planícies de onde nasciam. *Aquilo?* Aquilo é que eram as *montanhas?* Não disse nada; até hoje, porém, posso sentir o terrível desapontamento que me invadiu.

II

Passamos mais ou menos seis meses em Pau. Para mim, era uma vida inteiramente nova. Meu pai, minha mãe e Madge em breve foram absorvidos por um turbilhão de atividades. Meu pai tinha vários amigos americanos que estavam ali, fez muitos conhecimentos no hotel e também trouxera cartas de apresentação para pessoas que se achavam em outros hotéis e pensões.

Para cuidar de mim, minha mãe contratou uma espécie de

nurse diária — na realidade, uma moça inglesa que morara em Pau toda a sua vida, e que falava o francês como o inglês, se não melhor. A idéia de minha mãe era que eu fosse aprendendo a falar francês com ela, plano que não surtiu efeito. A srta. Markham vinha buscar-me todas as manhãs e levava-me para passear. Durante esse passeio, chamava minha atenção para vários objetos e repetia seus nomes em francês: *un chien, une maison, un gendarme, le boulanger*. Eu ia repetindo, também, delicadamente, mas, como era natural, quando queria fazer uma pergunta, fazia-a em inglês, e a srta. Markham respondia em inglês. Tanto quanto me lembro, aborrecia-me bastante nesses intermináveis passeios em companhia da srta. Markham, que era simpática, gentil, conscienciosa e maçante.

Minha mãe, em breve, percebeu que eu jamais aprenderia francês com ela, e achou que eu deveria tomar aulas regulares com uma senhora francesa que viria todas as tardes. A nova aquisição chamava-se Mlle Mauhourat. Era grande, peituda e costumava vestir grande quantidade de capinhas marrons.

Nesse tempo, os aposentos eram mobiliados demais, repletos de bibelôs e enfeites. Mlle Mauhourat era um pouco brusca em seus movimentos. Movia-se violentamente pelo aposento, dando de ombros, gesticulando com mãos e cotovelos e, mais cedo ou mais tarde, jogava ao chão qualquer objeto que estivesse em cima de alguma mesa, quebrando-o. Isso se tornou uma brincadeira familiar. Meu pai dizia: “Ela me faz lembrar um pássaro que você teve, Agatha, chamado Daphné. Lembra como era grande e desajeitado, e que sempre virava o prato da comida e espalhava as sementes em todas as direções?”

Mlle Mauhourat era particularmente expansiva — e expansões sempre me encabularam. Achava cada vez mais difícil

corresponder aos seus carinhosos gritinhos de: *“Oh! La chère migrionne! Qu’elle est gentille, cette petite! Oh! La chère mignonne! Nous allons prendre des leçons très amusantes, n’est-ce pas?”*¹ Olhava-a cortesmente, porém com frieza, e só depois de receber um olhar de firme advertência de minha mãe resmungava de modo pouco convincente: *“Oui, merci”*², que era mais ou menos tudo quanto eu sabia de francês naquele tempo.

As aulas de francês continuaram amigavelmente. Eu era dócil, como sempre havia sido, embora, também, não menos teimosa que um burrico. Minha mãe, que apreciava resultados rápidos, mostrava-se pouco satisfeita com meus progressos.

“Ela não está aprendendo como deveria, Fred”, queixou-se a meu pai.

Meu pai, sempre benevolente, disse: “Oh! Precisa dar-lhe tempo, Clara. Dê-lhe tempo. Essa mulher só está vindo aqui há dez dias”.

Minha mãe, porém, não dava tempo a ninguém. A crise chegou quando tive uma ligeira doença infantil. Começou, suponho, com um resfriado, e passou a gripe. Estava um pouco febril, nervosa e, embora já convalescente, não me sentia capaz de suportar Mlle Mauhoutat.

“Por favor”, implorei, “por favor, não me obrigue a ter aula hoje à tarde. Não quero ter aula!”

Minha mãe, compreensiva quando havia um motivo válido, concordou. Na devida altura, Mlle Mauhourat chegou, com suas capas e tudo o mais.

¹ *“Oh! Querida menininha! Como é gentil essa garotinha! Oh! Querida menininha! Vamos ter aulas muito divertidas, não é mesmo?” Em francês no original. (N. da T.)*

² *“Sim, obrigada.” Em francês no original. (N. da T.)*

Minha mãe explicou-lhe que me sentia um pouco febril, que estava em meu quarto e que talvez fosse melhor adiar a aula para outro dia. Mlle Mauhourat imediatamente se precipitou para mim. Agitava os cotovelos, a capa esvoaçava. Respirando bem junto de meu pescoço, disse: “*Oh, la pauvre mignonne, la pauvre petite mignonne*”. Ia ler uma história para mim. Ia contar-me histórias. Ia distrair a “*pauvre petite*”.

Eu lançava olhares de agonia em direção a minha mãe. Não podia suportar tal idéia. Não podia suportar Mlle Mauhourat nem mais um momento! A voz dela continuava, aguda, estridente — tudo o que eu mais detesto em qualquer voz. Meus olhares imploravam: “Leve-a embora daqui. Por favor, leve-a *agora!*” Com firmeza, minha mãe conduziu Mlle Mauhourat até a porta.

“Acho melhor Agatha ficar tranqüila esta tarde”, disse. Despediu-se de Mlle Mauhourat e voltou a meu quarto, dizendo: “Está tudo muito bem, mas você não deveria ter feito esses trejeitos horríveis”.

“Trejeitos?”, espantei-me.

“Sim, você ficou fazendo trejeitos e olhando para mim. Mlle Mauhourat deve ter compreendido perfeitamente que você queria que ela fosse embora.”

Fiquei aflita. Não era minha intenção ser descortês.

“Mas, mamãe”, disse, “eu não estava fazendo trejeitos em francês. Eu estava fazendo trejeitos em *inglês!*”

Minha mãe achou muita graça, e explicou-me que os trejeitos eram uma linguagem internacional, entendida por pessoas de qualquer país. Todavia, mais tarde contou a meu pai que Mlle Mauhourat não estava tendo o menor êxito comigo, e que ia procurar outra pessoa. Meu pai concordou que seria melhor não chover no molhado. E acrescentou: “Se eu estivesse no lugar

de Agatha, também acharia essa mulher insuportável”.

Liberada dos serviços das srtas. Markham e Mauhourat, comecei a me divertir. No hotel encontrava-se a sra. Selwyn, a viúva, ou talvez a nora do bispo Selwyn, e as duas filhas, Dorothy e Mary. Dorothy (Dar) era um ano mais velha do que eu, e Mary, um ano mais moça. Em breve, tornamo-nos inseparáveis.

Entregue a mim própria, eu era uma criança boa, bem-comportada e obediente; na companhia de outras crianças, porém, estava sempre pronta a fazer qualquer tolice. Nós três passamos a ser a praga dos infelizes empregados. Uma noite, trocamos o sal por açúcar em todos os saleiros. Um dia, recortamos pequenos porcos em cascas de laranja e os colocamos nos pratos de todo mundo, justamente antes que se tocasse o gongo anunciando a refeição.

Esses empregados franceses eram os homens mais gentis que jamais conheci. Especialmente Victor, nosso garçom. Era um homem baixo, troncudo, com um comprido nariz curvo. Para mim, tinha sempre um cheiro horrível (meu primeiro encontro com o alho). Apesar de todos os trotes e das tolices que fazíamos, não se zangava e, na realidade, fazia tudo o que podia para ser gentil conosco. Esculpindo rabanetes, costumava fazer para nós ratinhos maravilhosos. Se as tolices que praticávamos nunca tiveram consequências sérias, era porque o leal Victor nunca se queixou de nós à direção do hotel, nem a nossos pais.

Minha amizade com Dar e Mary foi para mim muito mais importante do que todas as anteriores. Possivelmente, eu já atingira a idade em que qualquer empreendimento coletivo era muito mais interessante do que fazer as coisas sozinha. Juntas nos entregamos a muitas travessuras, e nos divertimos intensamente durante os meses de inverno. É claro que muitas

vezes tivemos complicações por causa de nossas diabruras, mas só em uma ocasião nos sentimos realmente indignadas pelas censuras que recaíram sobre nós.

Minha mãe e a sra. Selwyn estavam sentadas perto uma da outra, conversando tranqüilamente, quando uma arrumadeira lhes levou uma mensagem: “Recebam os cumprimentos da senhora belga que mora na outra ala do hotel, e que pergunta se as senhoras têm conhecimento de que as meninas estão caminhando no parapeito do quarto andar”.

Pode-se imaginar a sensação das duas mães quando saíram para o pátio e, olhando para cima, avistaram as três alegres figuras equilibradas em uma balaustrada com pouco mais de trinta centímetros de largura, e caminhando em fila indiana. A idéia de que corríamos perigo não passou por nossas mentes. Estivéramos implicando com uma das arrumadeiras, que conseguira enfiar-nos em um armário onde guardavam as vassouras e fechar-nos à chave. Nossa indignação foi grande. Que poderíamos fazer? Havia uma janela minúscula nessa espécie de armário, e Dar, esticando o pescoço para fora da janela, achou possível sairmos por ela e, caminhando pela balaustrada, dar a volta à quina e entrar por outra janela. Imediatamente, pusemo-nos em ação. Dar saiu primeiro, eu segui-a, e finalmente, atrás de mim, veio Mary. Com grande encanto nosso, pareceu-nos muito fácil caminhar pela balaustrada. Não sei se olhamos para baixo, mas suponho que, se o fizemos, não sentimos a menor tonteira, nem nos pareceu que corríamos risco de cair. Mais tarde, sempre me afligi a maneira como uma criança pode ficar à beira de uma falésia, olhando para baixo, sem a sensação de vertigem a que tão freqüentemente estão sujeitos os adultos.

Nesse caso, não tivemos que ir muito longe. As primeiras

três janelas, recordo-me, estavam fechadas, mas a outra, que dava para um dos banheiros, estava aberta, e entramos por ela. Com grande surpresa nossa, enfrentamos a intimação: “Desçam imediatamente aos aposentos da sra. Selwyn”. Ambas as mães estavam excessivamente zangadas. Não entendíamos *por quê*. Fomos mandadas para a cama pelo resto do dia. Nossa defesa não foi aceita. No entanto, era verdadeira.

“Ninguém nos disse”, respondemos, cada uma de nós por sua vez, “não nos disseram que não deveríamos caminhar pela balaustrada!”

Fomos para a cama sentindo-nos fortemente injustiçadas.

Minha mãe continuava empenhada em promover minha educação. Tanto ela como minha irmã haviam mandado fazer uns vestidos numa costureira da cidade; um dia, minha mãe simpatizou com a costureira que a ajudava a provar o vestido, moça cuja principal ocupação consistia em entregar e guardar o vestido em prova e passar os alfinetes à costureira principal. Esta era mulher de meia-idade, com um temperamento difícil. Minha mãe, notando o paciente bom humor da moça e suas boas maneiras, decidiu inquirir algo a seu respeito. Prestou atenção nela durante a segunda e a terceira provas e, finalmente, conversou com ela. Seu nome era Marie Sijé, contava vinte e dois anos de idade. Seu pai era proprietário de um pequeno botequim. Marie tinha uma irmã mais velha, que também trabalhava em costura, dois irmãos e uma irmã caçula. Minha mãe perguntou-lhe em tom casual — o que lhe fez perder a respiração — se ela gostaria de vir conosco para a Inglaterra. Marie ficou surpreendida e encantada.

“É claro que falarei com sua mãe a respeito disso”, disse minha mãe. “Pode ser que não goste que a filha vá para tão longe.”

Combinou-se um encontro, minha mãe foi visitar a sra. Sijé e conversaram abertamente. Só depois minha mãe falou desse assunto com meu pai.

“Mas, Clara”, protestou ele, “essa moça não é governanta de crianças, nem nada desse gênero!”

Minha mãe replicou que achava Marie justamente o gênero de pessoa de que ela andava precisando. “Não sabe falar inglês, nem uma palavra. Agatha será forçada a aprender francês. Marie tem uma natureza realmente doce e bem-humorada. Sua família é respeitável. Ela gostaria de ir para a Inglaterra e poderia ajudar-nos muito, costurando e fazendo nossos vestidos.”

“Mas você tem certeza, Clara?”

Minha mãe sempre tinha certeza.

“É exatamente o que quero.”

Como muitas vezes sucedia com os aparentemente inexplicáveis caprichos de minha mãe, provou-se mais tarde que estava com a razão. Se fechar os olhos, ainda posso ver a querida Marie hoje, como então a via: rosto redondo e rosado, narizinho arrebitado, cabelo escuro apanhado em um coque. Assustada, contou-me ela mais tarde, entrou em meu quarto na primeira manhã, após ter-se laboriosamente preparado para dizer a frase inglesa com que ia me saudar: “Bom dia, menina. Espero que esteja se sentindo bem”. Infelizmente, devido ao sotaque de Marie, não entendi uma única palavra. Fixei meus olhos nela, com receio. Nesse primeiro dia parecíamos dois cachorros que acabam de ser apresentados um ao outro. Falávamos pouco e olhávamo-nos com certa apreensão. Marie escovou meus cabelos — muito louros e sempre penteados em longos cachos, como salsichas —, e estava com tanto medo de me machucar que quase não os tocava com a escova. Queria explicar-lhe que devia escovar com mais força, o

que, evidentemente, era impossível, porque eu não sabia as palavras necessárias.

Como, ao cabo de uma semana, Marie e eu pudemos conversar, não sei. A língua usada era o francês. Uma palavra aqui, outra palavra ali, e eu conseguia que ela me entendesse. Além disso, no fim da semana, éramos já grandes amigas. Achava divertido sair com Marie. Foi o começo de uma associação feliz.

No princípio do verão, Pau ficou quente demais e saímos de lá, passando uma semana em Argelès, outra em Lourdes, indo a seguir para Cauterets, nos Pireneus.

Cauterets era um lugar delicioso, bem no sopé das montanhas. (Eu já me curara de minha decepção com as montanhas e, embora a posição de Cauterets fosse mais satisfatória, de lá também não se podia olhar muito para o alto.) Todas as manhãs, dávamos um longo passeio por um caminho de montanha que conduzia às águas medicinais do lugar, onde todos bebíamos copos de uma água de gosto desagradável. Depois de cuidar de nossa saúde, comprávamos balas. Minha mãe preferia as que tinham sabor de anis, exatamente as que eu não podia suportar. Nos caminhos em ziguezague perto do hotel, em breve descobri um lugar maravilhoso, onde podia fazer uma descida, por entre pinheiros, usando minhas calcinhas como tobogã. Marie não apreciava esse gênero de esporte; devo confessar, porém, que jamais consegui exercer qualquer autoridade sobre mim. Éramos amigas e companheiras, mas a idéia de obedecer ao que ela me dizia jamais me ocorreu. A autoridade é algo extraordinário. Minha mãe possuía esse dom em alto grau. Raramente se zangava, poucas vezes levantava a voz; no entanto, bastava-lhe pronunciar suavemente uma ordem, e imediatamente era obedecida. Sempre estranhou que as outras pessoas *não* fossem dotadas dessa

qualidade. Mais tarde, quando morou em minha casa, depois de meu primeiro casamento (eu já tinha uma filha), queixei-me de como eram irritantes uns garotinhos que moravam na casa junto à nossa e que viviam furando nossa cerca viva. Apesar de mandá-los para a casa deles, nunca me obedeciam.

“Mas isso é extraordinário”, exclamou minha mãe. “Por que você não lhes disse muito simplesmente que fossem embora?”

Respondi: “Pois bem, experimente”. Nesse mesmo momento, os dois chegaram e preparavam-se para me dizer, como sempre: “Ahhhh! Buuuuu! Não vamos embora coisa nenhuma!”, ao mesmo tempo em que atiravam areia no gramado. Minha mãe virou-se para um deles:

“Ronald! É esse seu nome?”

Ronald admitiu que era.

“Por favor, Ronald, não fique brincando tão perto de nós. Não gosto de ser incomodada. Fique um pouco mais longe.”

Ronald olhou para ela, assobiou para o irmão, e partiram imediatamente.

“Vê, querida? É *bastante* simples.”

Para ela, a autoridade era uma certeza. Realmente, acredito que minha mãe seria capaz de dirigir uma classe de delinqüentes juvenis sem a menor dificuldade.

Em Cauterets havia uma garota, Sybil Patterson, cuja mãe era amiga dos Selwyns. Sybil era objeto da minha adoração. Achava-a linda, e o que mais admirava nela era seu corpo, que começava a desabrochar. Na época, estava na moda ter os seios desenvolvidos. Todas as mulheres, mais ou menos, tinham bustos volumosos. Minha avó e titia-vovó exibiam enormes e proeminentes prateleiras, e era-lhes até difícil cumprimentarem-se com um beijo fraternal sem que colidissem. Embora achasse

normal que as senhoras possuíssem vastos bustos, o fato de que os de Sybil já despontassem despertava-me os mais invejosos instintos. Sybil tinha catorze anos de idade. Quanto tempo teria eu que esperar até que atingisse, também, aquele esplêndido desenvolvimento? Oito anos? Oito anos na condição de magricela? Eu ansiava por esses sinais de maturidade feminina. Ah! Ter paciência era o único remédio. Teria mesmo que ser paciente. E, dentro de oito anos, ou sete, quem sabe, se eu tivesse sorte, duas grandes e volumosas rodela surgiriam miraculosamente em meu corpo magrinho. Só teria que *esperar!*

Os Selwyns não ficaram em Cauterets tanto tempo quanto nós. Foram embora, e pude então escolher entre duas amigas: uma mocinha americana, Marguerite F. Prestley, e outra inglesa, Margaret Home. Meus pais davam-se muito agora com os pais de Margaret e, naturalmente, desejavam que fizéssemos boa camaradagem. Como é habitual nesses casos, contudo, sentia enorme preferência pela companhia de Marguerite Prestley, cujas frases soavam estranhamente a meus ouvidos e cujas palavras eu jamais escutara. Contávamos muitas histórias uma à outra, e uma das que ela contava tratava dos perigos que se corre ao encontrar um *scarrapin*, história que me entusiasmava demais.

“Mas o que é um *scarrapin*?”, perguntava eu constantemente.

Marguerite, cuja *nursie*, chamada Fanny, tinha um sotaque do sul dos Estados Unidos tão arrastado que eu raramente a entendia, fez-me uma breve descrição dessa horripilante criatura. Recorri a Marie, mas esta nunca escutara falar de *scarrapins*. Finalmente, ataquei meu pai. Ele também, a princípio, teve certa dificuldade em saber do que se tratava, mas finalmente fez-se luz em sua mente: “Imagino que você esteja falando de um *escorpião*”.

Não sei por que motivo a magia desapareceu. Um escorpião não me parecia, de jeito nenhum, tão horripilante quanto eu imaginava que fosse um *scarrapin*.

Marguerite e eu tivemos uma séria briga a respeito de outro assunto, o modo como nasciam os bebês. Eu assegurava a Marguerite que os bebês eram trazidos por anjos. Fora essa a informação da *nursie*. Marguerite, por seu turno, assegurava-me que eles faziam parte do negócio dos médicos e eram trazidos por eles em uma mala preta. Quando nossa briga a esse respeito estava, realmente, começando a ficar feia, Fanny, com muito tato, decidiu a contenda.

“É claro, é mesmo assim, doçura”, disse. “Os bebês americanos vêm na mala preta do médico, e os bebês ingleses são trazidos pelos anjos. Não existe nada mais simples.”

Satisfeitas, cessamos as hostilidades.

Meu pai e Madge faziam muitas excursões a cavalo e, correspondendo a minhas súplicas, um dia, disseram-me que na manhã seguinte poderia acompanhá-los. Fiquei entusiasmada. Minha mãe preocupou-se, mas meu pai sossegou-a.

“Teremos um guia conosco”, disse. “Ele está acostumado com crianças, e terá cuidado para que Agatha não caia.”

Na manhã seguinte chegaram os três cavalos, e partimos. Fomos ziguezagueando, subindo a montanha, sempre à beira de precipícios. Eu desfrutava o passeio, empoleirada no que me parecia um cavalo enorme. O guia ia à frente, conduzindo meu cavalo, e ocasionalmente colhia flores que me dava para que eu as prendesse na fita do meu chapéu. Até aí, tudo bem. Porém, quando chegamos a um pomo alto onde nos preparamos para almoçar, o guia excedeu-se. Veio até junto de nós correndo, trazendo uma magnífica borboleta que caçara. “*Pour la petite*

demoiselle”, disse. Tirando um alfinete de sua lapela, trespassou a borboleta e pregou-a no meu chapéu! Oh! O horror desse momento! A sensação da pobre borboleta debatendo-se, lutando contra o alfinete! A agonia que senti com o esforço da borboleta! E, é claro, *não podia dizer nada!* Nesse momento, em minha mente, várias espécies de lealdade entraram em conflito. Aquele gesto fora uma amabilidade da parte do guia, um presente que ele me dera. Um presente muito especial. Não poderia ferir seus sentimentos dizendo que não gostara. Mas como desejava que ele levasse a pobrezinha dali! E, durante esse tempo, a borboleta debatia-se, agonizante. Aquele horrível adejar de encontro a meu chapéu! Só há uma coisa que uma criança pode fazer em semelhantes circunstâncias — eu rompi em prantos.

Quanto mais perguntas me faziam, mais impossibilitada ficava de responder.

“Que está acontecendo?”, perguntava meu pai. “Será que você está sentindo alguma dor?”

Minha irmã disse: “Talvez esteja com medo de andar a cavalo”.

Eu disse: “Não, não!” Não estava assustada e não sentia dor alguma.

“Está cansada, então?”, continuou meu pai.

“Não!”, disse eu.

“Então, que aconteceu?”

Mas não podia responder. É claro que não podia responder! O guia ficou ali, de pé, olhando-me, espiando-me com uma expressão atenta e surpresa. Meu pai disse, um pouco impaciente:

“Ela ainda é jovem demais. Não devíamos tê-la trazido conosco nesta expedição”.

Meu pranto redobrou. Estragara o dia de todos, sabia disso,

mas não podia me controlar. Tudo o que esperava, agora, e estava rezando para que acontecesse, era que meu pai, ou mesmo minha irmã, *entendesse* o que se passava. Certamente olhariam a borboleta e diriam: “Talvez ela não goste da borboleta no chapéu”. Se dissessem isso, tudo estaria certo. Mas eu jamais poderia dizer-lhes. Foi um dia terrível. Recusei-me a almoçar. Fiquei sentada, chorando, sentindo a borboleta que não parava de se debater. Por fim, quando ela se imobilizou, deveria ter me sentido melhor. Mas era tal meu estado de aflição que *nada* me teria aliviado.

Começamos a descida, o guia ainda gentil, amável e intrigado. Afortunadamente, não tentou caçar uma segunda borboleta para me alegrar. Chegamos, finalmente, um grupo muito pouco animado, e dirigimo-nos à nossa sala, onde se achava minha mãe.

“Oh, querida!”, disse ela, “que aconteceu? Agatha machucou-se?”

Eu não conseguia falar. Apenas olhei para ela, enquanto lágrimas rolavam pelas minhas faces. Minha mãe olhou-me atentamente por alguns segundos, depois disse: “Quem colocou essa borboleta no chapéu de Agatha?”

Minha irmã explicou.

“Estou entendendo”, disse minha mãe. Depois, para mim: “Você não gostou, não é mesmo? A borboleta estava viva, e você imaginou o quanto ela estava sofrendo?”

Oh! Que magnífico, que maravilhoso alívio, quando alguém sabe o que se passa em nossa mente e nos faz falar, libertando-nos da longa escravidão do silêncio! Joguei-me em seus braços com frenesi, apertei meus braços em volta de seu pescoço e disse: “Sim, sim, sim! Ela não parou de se debater! Ela estava se *debatendo!* Mas ele era tão gentil! Não pude dizer nada!”

Minha mãe entendeu muito bem e acarinhou-me docemente. De súbito, tudo aquilo pareceu sumir-se na distância.

“Entendo o que você estava sentindo”, disse ela. “Mas agora está tudo terminado. Por isso, não falaremos mais nesse assunto.”

Foi mais ou menos por essa altura que minha irmã começou a exercer tremendo fascínio nos rapazes da vizinhança. Muito atraente, bonita sem chegar a ser realmente bela, herdara de meu pai o dom das respostas prontas e engraçadas, e era extraordinariamente divertida numa conversa. Possuía, além disso, magnetismo sexual. Os jovens caíam, literalmente, a seus pés. Logo Marie e eu decidimos fazer o que, em linguagem de corridas de cavalos, se poderia chamar de um caderno de seus admiradores. Discutíamos entre nós as possibilidades de cada um.

“Penso no sr. Palmer. O que você acha, Marie?”

“*C’est possible. Mais il est trop jeune*¹. Acho”, declarou Marie, “que é Sir Ambrose.”

Protestei: “Esse é anos mais velho do que ela, Marie”. Ela respondeu que talvez fosse, mas que um marido mais velho do que a mulher dava estabilidade a um casamento. Acrescentou que Sir Ambrose era um *bon parti* e a família certamente concordaria.

“Ontem”, disse eu, “Madge colocou uma flor na lapela de Bernard.”

Mas Marie não apreciava muito o jovem Bernard. Afirmou que ele não fazia o gênero *garçon sérieux*.

Aprendi muita coisa a respeito da família de Marie.

¹ “É possível. Mas ele é muito jovem.” Em francês no original. (N. do E.)

Fiquei conhecendo os hábitos do gato deles, capaz de caminhar por entre os copos, no botequim, e enroscar-se e dormir no meio desses copos sem nunca quebrar um só. Soube que a irmã de Marie, Berta, mais velha do que ela, era moça muito séria, e que sua irmãzinha Adèle era a querida da família. Fiquei sabendo também de todas as travessuras dos dois irmãos, e de como eram punidos por essas travessuras. Marie confidenciou-me um segredo que era o orgulho da família: o nome deles, em tempos recuados, fora Shijé, e não Sijé. Não consegui descobrir por que isso os orgulhava — como ainda hoje não descobri! —, mas concordei plenamente com Marie e felicitei-a por ter ancestrais tão satisfatórios.

Marie, de vez em quando, lia para mim livros franceses, tal como minha mãe fazia. Mas o dia em que me senti mais feliz foi aquele em que, pegando nas *Memórias de um burro*, da condessa de Ségur, e virando as páginas, descobri que era capaz de ler sozinha tão bem como qualquer das pessoas que costumavam ler para mim. Fui, em seguida, bastante cumprimentada, principalmente por minha mãe. Afinal, depois de tantas atribulações, sabia francês. Podia ler em francês. De vez em quando, precisava de alguma explicação, quando se tratava de passagens mais difíceis, mas em geral eu conseguia.

No fim de agosto, deixamos Cauterets e fomos para Paris. Sempre recordei esse verão como um dos mais felizes de minha vida. Tive tudo o que uma criança de minha idade poderia desejar. A excitação da novidade. Árvores — que sempre me causaram prazer por toda a vida. (Talvez seja simbólico que um de meus primeiros companheiros imaginários se chamasse Tree ¹.)

¹ “Árvore”, em inglês. (N. do E.)

Uma nova e encantadora companheira, minha querida Marie, com seu narizinho arrebitado. Expedições em mulas. A exploração dos íngremes caminhos de montanha. Divertimentos em família. Minha amiga americana, Marguerite. O entusiasmo de conhecer o estrangeiro, “algo raro e estranho...” Como Shakespeare era sábio! Contudo, não são todos esses fatos agrupados e juntos que subsistem em minha memória. É Cauterets — o lugar, o longo vale, com sua pequenina estrada de ferro e suas encostas arborizadas e píncaros.

Jamais voltei lá. E estou contente com isso. Há um ou dois anos, admitimos a idéia de passar lá umas férias de verão. Sem refletir, disse: “Gostaria de voltar”. Era verdade. Mas logo compreendi que *não poderia voltar*. Nunca devemos ir de novo a um lugar que subsiste em nossa memória. Jamais o veríamos com os mesmos olhos — admitindo que houvesse permanecido tal qual o conhecêramos. O que se fez está feito. “Os felizes caminhos de montanha que percorri e que não mais verei...”

Não devemos voltar a um lugar onde fomos felizes. Enquanto não retornarmos, permanecerá vivo em nossa mente. Se lá formos de novo, ficará destruído. Nunca quis regressar a outros lugares que conheci — um deles, o santuário de Sheikh Adi, no norte do Iraque, onde estivemos quando de minha primeira visita a Mossul. O acesso, na época, era difícil, não se podia visitar o lugar sem uma licença especial e era preciso parar no posto da polícia de Ain Sifni, sob os rochedos de Jebel Maclub. Desse ponto, acompanhados por um policial, caminhávamos por um atalho que subia a colina. Isso foi na primavera, fresca e verde, com flores por todo lado. Na montanha, despenhava-se uma cachoeira. Passamos junto de crianças e cabras. Finalmente, atingimos o santuário dos yezidas. Parece que ainda agora sinto a paz que ali existia — o

pátio embandeirado, a cobra negra esculpida na parede do santuário. Depois passamos cuidadosamente *sobre* o limiar, sem pisá-lo, e penetramos no pequeno santuário escuro. Aí nos sentamos em um pátio, sob uma árvore que se agitava em meio a um suave rumor. Um dos yezidas trouxe-nos café, desdobrando primeiro, cuidadosamente, uma suja toalha de mesa. (Isso foi feito com certo orgulho, como para demonstrar que ali também se conheciam os usos dos europeus.) Permanecemos sentados por muito tempo. Ninguém nos impingiu informações. Eu sabia, vagamente, que os yezidas eram adoradores do Demônio, e que o Anjo Pavão, Lúcifer, era o objeto da adoração deles. Sempre me pareceu estranho que os adoradores de Satanás formassem a mais pacífica de todas as seitas religiosas dessa parte do mundo, Quando o sol começou a declinar, partimos. Foi nesse lugar que fiquei conhecendo a mais completa sensação de paz.

Hoje em dia, segundo creio, existem excursões para lá. O Festival da Primavera é uma grande atração turística. Eu, porém, conheci esse santuário nos dias da inocência. Jamais o esquecerei.

III

Dos Pireneus fomos primeiro para Paris, e depois para Dinard. É irritante descobrir que tudo o que recordo de Paris é meu quarto de hotel, cujas paredes estavam pintadas de uma rica tonalidade cor de chocolate, na qual ficava impossível distinguir os mosquitos.

Havia milhões de mosquitos. Zumbiam e lastimavam-se a noite inteira, e nossos rostos e braços se cobriam de picadas.

(Extremamente humilhante para minha irmã Madge, que, nesse período de vida, se orgulhava bastante de sua pele.) Permanecemos em Paris apenas uma semana; parece-me que passamos esse tempo tentando matar mosquitos, untando-nos com várias espécies de óleos de cheiro peculiar, queimando incenso junto das camas, coçando as picadas, deixando cair em cima das mordidas dos mosquitos pingos de cera de vela. Finalmente, depois de veementes protestos à direção do hotel (que persistia em afirmar que não havia mosquito *algum*), a novidade de dormir sob um mosquiteiro foi o acontecimento de maior importância. Era o mês de agosto, fazia um calor tórrido e, debaixo do mosquiteiro, parecia ainda mais quente.

Suponho que devem ter me mostrado Paris, mas não ficaram vestígios em minha memória. Recordo, sim, que fui levada à Torre Eiffel como se fosse um acontecimento importante, mas imagino que, tal como com minha primeira visão das montanhas, ela não correspondeu à minha expectativa. De fato, a única recordação de nossa estada parece ter sido um apelido que me deram: Moustique, de resto, muito justificado.

Não. Não é verdade. Foi nessa primeira visita a Paris que travei conhecimento com os primórdios da grande era da mecânica. As ruas de Paris estavam cheias desses novos veículos chamados *automobiles*. Esses veículos corriam loucamente (comparados com os de agora, provavelmente eram até bastante vagarosos, naquela época, porém, seus únicos competidores eram os cavalos), soltavam cheiro, buzonavam, eram conduzidos por homens com bonés e grandes óculos de aviador e estavam sempre cheios de ferramentas para os motores. Eram estonteantes. Meu pai dizia que em breve haveria desses automóveis por toda parte. Não acreditávamos. Eu os observava com interesse, mas

continuava fiel aos trens.

Minha mãe disse tristemente: “Que pena Monty não estar aqui! *Adoraria* esses automóveis!”

Acho esquisito pensar agora nessa época de minha vida. Meu irmão parece ter desaparecido totalmente dela. Nessa época, presumo, ele vinha de Harrow para casa durante as férias; não parece, porém, figurar mais na minha vida. A resposta a isso é que provavelmente ele me dispensava muito pouca atenção. Só mais tarde soube que meu pai andava preocupado com ele. Monty fora expulso de Harrow por não ter passado nos exames. Creio que depois ele se encaminhou, primeiro, para um estaleiro em Dart e em seguida para o norte, para Lincolnshire. Os relatos acerca de seus progressos eram decepcionantes. Meu pai recebeu a seu respeito avisos peremptórios: “Ele jamais conseguirá. Sabe, ele não é capaz de aprender matemática. Se lhe mostramos algo prático, está tudo bem; é um bom trabalhador prático. Mas isso é tudo o que ele poderá ser em engenharia”.

Em todas as famílias, geralmente, há um membro que é fonte de preocupações. Meu irmão Monty confirmou a regra. Até o dia de sua morte, sempre nos deu dores de cabeça. Não poucas vezes tenho pensado se existe na vida algum pequeno recanto que servisse a Monty. Provavelmente, tudo teria dado certo se ele tivesse nascido como um Luís II da Baviera. Posso imaginá-lo em um teatro vazio, escutando ópera cantada só para ele. Era intensamente musical, tinha uma bela voz de baixo, e tocava vários instrumentos de ouvido, desde pequenas gaitas até flauta e flautim. Jamais, porém, aplicou-se ao estudo o bastante para que pudesse tornar-se um profissional, nem, acho eu, essa idéia lhe

ocorreu. Tinha boas maneiras, possuía grande encanto, e toda a sua vida transcorreu entre pessoas que o rodeavam, ansiosas por lhe evitarem aborrecimentos ou maçadas. Havia sempre alguém disposto a emprestar-lhe dinheiro e a fazer qualquer coisa por ele. Quando, aos seis anos de idade, ele e minha irmã recebiam suas mesadas, invariavelmente sucedia o mesmo: Monty gastava todo o dinheiro no primeiro dia. Durante a semana, empurrava subitamente minha irmã para dentro de uma loja, pedia rapidamente seus doces preferidos e olhava para Madge, desafiando-a a não pagar. Madge, que tinha grande respeito pela opinião pública, sempre pagou. Naturalmente, ficava furiosa e depois brigava violentamente com ele. Contudo, Monty apenas lhe sorria serenamente e lhe oferecia um dos doces.

Essa foi a atitude que Monty adotou por toda a vida. Parecia existir uma secreta conspiração para que as pessoas se tornassem suas escravas. Mais de uma vez, diversas mulheres me disseram: “Sabe, você nunca *entendeu* realmente seu irmão Monty. Ele necessita de compreensão”. A verdade é que eu o compreendia bem demais. Era impossível não sentir afeto por ele. Monty reconhecia seus próprios erros com a maior franqueza, e estava sempre certo de que, no futuro, tudo seria diferente. Monty foi, tenho certeza, o único rapaz em Harrow a quem se permitiu criar ratos-brancos. Seu professor, explicando esse fato, disse a meu pai: “Sabe, ele parece ter realmente um profundo amor por história natural, e achei que deveria ter esse privilégio”. A opinião da família era que Monty não sentia o menor interesse por história natural. Apenas gostava muito de ratos-brancos!

Contemplando o passado, acho que Monty era muito interessante. Com um arranjo de genes ligeiramente diferente, poderia ter sido uma grande personalidade. Contudo, faltava-lhe

algo. Senso das proporções? Equilíbrio? Integração? Não sei.

A escolha de sua carreira solucionou-se por si própria. eclodiu a Guerra dos Bôeres. Quase todos os jovens nossos conhecidos se alistaram. Monty, naturalmente, estava entre eles. (Quando menino, de vez em quando condescendia em brincar com uns soldadinhos de chumbo que eu possuía, enfileirando-os em ordem de batalha, e batizara o oficial com o nome de capitão Dashwood. Um dia, para quebrar a rotina, decapitou o capitão Dashwood, condenado por traição, enquanto eu chorava copiosamente.) De certo modo, meu pai deve ter sentido alívio — o exército providenciava uma carreira para Monty —, especialmente naquela altura, quando a carreira de engenheiro parecia tão incerta.

A Guerra dos Bôeres, suponho, foi a última das que podemos chamar de “guerras no estilo antigo”, guerras que, na realidade, não afetavam nossa própria pátria, nem nossas vidas. Eram assuntos de livros de contos heróicos, em que os soldados combatiam valentemente e eram homens galantes. Quando morriam, morriam gloriosamente. Na maioria das vezes regressavam a seus lares, condecorados por feitos de bravura nos campos de batalha. A esses militares associávamos os recantos mais longínquos do império, os poemas de Kipling, e esses pedaços da Inglaterra que, nos mapas, eram cor-de-rosa. Hoje, parece estranho pensar que as pessoas — principalmente as moças — andavam distribuindo penas brancas a jovens que elas julgavam estar em falta para com a pátria.

Lembro-me mal da eclosão da guerra na África do Sul. Não foi considerada uma guerra importante — consistia apenas em “dar uma lição a Kruger”. Com o habitual otimismo inglês, pensava-se que tudo estaria terminado “em poucas semanas”. Em

1914, escutamos a mesma frase. “Tudo estará terminado pelo Natal”. Em 1940, “não há necessidade de guardar os tapetes com bolas de naftalina” — isso quando o Almirantado ocupou minha casa: “Não durará até o inverno”.

Portanto, o que recordo é uma atmosfera alegre, uma canção agradável — *The absent-minded beggar* — e jovens eufóricos regressando de Plymouth para uns dias de licença. Lembro-me bem de uma cena que se passou em minha casa, poucos dias antes do embarque do 3.º Batalhão do Real Regimento Galês para a África do Sul. Monty trouxera um amigo de Plymouth, onde ele próprio se achava. Esse amigo, Ernest Mackintosh, foi sempre chamado por nós, não sei por quê, de Billy, e sempre continuou para nós um amigo, e um irmão para mim, muito mais fraterno até do que o próprio Monty. Era um moço muito alegre e encantador. Como muitos desses rapazes que freqüentavam nossa casa, estava mais ou menos apaixonado por minha irmã. Ele e Monty acabavam de vestir suas fardas e sentiam-se imensamente intrigados pelas perneiras, que nunca haviam visto. Atavam-nas à roda do pescoço e faziam toda espécie de brincadeiras. Conservo ainda uma fotografia deles, sentados em nossa estufa, com as perneiras à roda do pescoço. Transferi minha adoração infantil pelos heróis para Billy Mackintosh. A fotografia dele, por muito tempo, ficou junto de minha cama em uma moldura de miosótis¹.

De Paris fomos para Dinard, na Inglaterra.

A principal coisa que recordo de Dinard é que aí aprendi a nadar.

¹ “Miosótis” em inglês diz-se “forget-me-not”, o que, traduzido literalmente, significa: “não-me-esqueças”. (N. da T.)

Lembro-me do prazer e da vaidade quase incrédula que senti quando me vi dando meia dúzia de braçadas, sozinha, sem afundar.

Outra coisa que recorde são amoras — nunca mais vi amoras assim, grandes, gordas, suculentas. Marie e eu costumávamos apanhar cestos delas, comendo ao mesmo tempo enormes quantidades. A razão dessa profusão era que os habitantes da região julgavam as amoras mortalmente venenosas. “*Ils ne mangent pas de mûres*”¹, dizia Marie, pensativa.

Eles viviam dizendo: “*Vous allez vous empoisonner*”². Marie e eu não tínhamos inibições, e todas as tardes nos envenenávamos alegremente.

Foi em Dinard que pela primeira vez me senti atraída pelo teatro. O quarto de meus pais tinha uma enorme janela de sacada envidraçada, praticamente uma alcova, fechada por cortinas. Era um esplêndido palco para minhas representações. Instigada por uma pantomima que vira no Natal anterior, pressionei Marie para que entrasse em ação, e juntas demos espetáculos, todas as noites, representando vários contos de fadas. Eu escolhia o papel que queria desempenhar, e Marie tinha que encarnar todas as outras personagens.

Quando recorde esse tempo, sinto-me repleta de gratidão pela extraordinária benevolência de meus pais. Não posso imaginar nada de mais entediante do que ficar sentado todas as noites, depois do jantar, e passar meia hora assistindo e aplaudindo, enquanto Marie e eu declamávamos, empertigadas em nossos trajes improvisados.

¹ “*Eles não comem amoras.*” *Em francês no original. (N. da T.)*

² “*Vocês vão se envenenar.*” *Em francês no original. (N. da T.)*

Do nosso repertório constavam *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *A Bela e a Fera* e outros contos. O papel que eu preferia era o do moço principal; buscava as meias de minha irmã para improvisar um traje, e caminhava depois pelo palco, declamando. A representação era, evidentemente, sempre em francês, porque Marie não sabia inglês. Como era boazinha! Só uma vez fez greve, e por motivo que não consegui entender. Marie estava designada para o papel de Cinderela, e insisti para que soltasse os cabelos. Realmente, não podia conceber Cinderela com cabelos apanhados em coque. Mas Marie, que sempre representara o papel de monstro sem reclamar, que fora a avó do Chapeuzinho Vermelho — Marie, que já fora fada boa, fada ruim e também uma velha malvada, representando uma cena de rua em que cuspiu em um bueiro, da maneira mais realista, dizendo em gíria: “*Eh bien, crache*”¹, recusou-se em lágrimas a representar o papel de Cinderela.

“*Mais pourquoi pas, Marie?*”² É um papel muito bonito. Cinderela é a heroína. Ela é a figura principal da peça!”

Impossível, dizia Marie, era impossível representar esse papel! Impossível soltar seus cabelos pelos ombros abaixo e aparecer desse jeito diante de *monsieur*. Essa era a dificuldade. Para Marie, aparecer de cabelos soltos diante de *monsieur* era impensável, chocante. Cedi, intrigada. Imaginamos então uma espécie de capuz para encobrir o coque de Cinderela, e tudo correu bem.

Mas como esses tabus são extraordinários! Recordo a filha de uma das minhas amigas — uma menina de quatro anos, gentil, agradável. Chegou uma governanta francesa para cuidar dela.

¹ “*Pois bem, cuspa.*” *Em francês no original. (N. da T.)*

² “*Mas por que não, Marie?*” *Em francês no original. (N. da T.)*

A princípio, ficou-se em dúvida sobre se a criança iria aceitá-la bem ou não, mas afinal tudo parecia ter dado certo. A menina saía com a governanta para passear, conversava e mostrava a Madeleine seus brinquedos. Tudo ia às mil maravilhas. Apenas à hora do banho surgiam as lágrimas, porque Joan não tolerava que Madeleine lhe desse banho. A mãe, intrigada, deu-lhe banho no primeiro dia, porque pensou que a criança não se sentia à vontade com uma estrangeira. Mas essa recusa continuou por dois ou três dias. Tudo transcorria em paz até a hora do banho e de ir para a cama. Só no quarto dia, Joan, chorando amargamente e escondendo o rosto no colo da mãe, confessou: “Será que não entende, mamãe? Não entende mesmo que não posso mostrar meu corpo a uma estrangeira, mamãe?”

Assim se passava com Marie. Ela podia representar usando calças, mostrar um bom pedaço da perna em alguns dos papéis que desempenhava, mas não podia soltar os cabelos diante de *monsieur*.

Imagino que nossas realizações teatrais devem ter sido bem engraçadas; pelo menos, meu pai divertia-se bastante com elas. Mas como devem ter-se tornado entediantes com o tempo! Meus pais, porém, eram gentis demais para me dizer francamente que não se divertiam assistindo a elas todas as noites. Vez por outra não vinham, explicando que havia visitas para o jantar e que portanto não teriam possibilidade de subir para nos aplaudir, mas em geral agüentavam estoicamente — eu adorava representar para eles.

Durante o mês de setembro, passado em Dinard, meu pai teve o prazer de lá encontrar alguns dos seus velhos amigos —

Martin Pirie, sua mulher e dois filhos, que estavam terminando uma temporada de férias. Martin Pirie e meu pai haviam estudado juntos em Vevey, e desde então ficaram amigos íntimos. A mulher de Martin, Lilian Pirie, é ainda hoje uma das personalidades marcantes que conheci. A personagem que Vita Sackville West tão bem definiu em *All passion spent* sempre me pareceu muito semelhante à sra. Pirie. Havia nela algo que inspirava um pouco de temor, algo ligeiramente distante. Tinha voz límpida e bela, feições delicadas e olhos muito azuis. Os movimentos de suas mãos eram sempre muito belos. Acho que foi em Dinard que a vi pela primeira vez; depois continuei a vê-la, com pequenos intervalos, até seus oitenta e tantos anos, quando morreu. Meu respeito por ela e minha admiração só aumentaram com a passagem do tempo.

Era das poucas pessoas minhas conhecidas que, a meu ver, possuía um intelecto realmente interessante. Cada uma de suas casas era decorada por ela de maneira original e surpreendente. Fazia os mais lindos quadros bordados que já vi, lia todos os livros, assistia a todas as peças de teatro e tinha sempre algo interessante a dizer a respeito de tudo. Nos dias de hoje, acredito que seguiria alguma carreira, mas pergunto a mim própria, caso ela tivesse feito essa opção, se o impacto de sua personalidade teria sido tão grande.

Os jovens gostavam de freqüentar sua casa, e ficavam felizes conversando com ela. Passar uma tarde junto da sra. Pirie, mesmo depois de ter ultrapassado os setenta anos, era algo estimulante. Acho que possuía mais do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido a arte do ócio. Habitualmente, nós a encontrávamos sentada em uma cadeira de espaldar, em sua sala, ocupada com algum trabalho de costura, um bordado cujo

desenho ela mesma fizera, ou qualquer livro interessante. Parecia que dispunha sempre, para conversar conosco, do dia inteiro, da noite toda, de meses até. Suas críticas eram cáusticas e claras. Embora pudesse falar sobre qualquer assunto que existisse sob o sol, jamais falava a respeito de pessoas. Era sua belíssima voz o que mais me atraía nela. É coisa tão rara de encontrar! Sempre fui muito sensível às vozes. Uma voz feia repugna-me mais do que um rosto feio.

Meu pai ficou encantado em rever seu velho amigo Martin. Minha mãe e a sra. Pirie tinham muita coisa em comum, e imediatamente iniciaram, se bem me lembro, uma discussão acerca da arte japonesa. Os Piries tinham com eles seus dois filhos — Harold, que estudava em Eton, e Wilfred, que deve ter estudado em Dartmouth, pois seguiu carreira na marinha. Wilfred veio a ser, mais tarde, um dos meus mais queridos amigos; tudo o que recordo a seu respeito, em Dinard, é que sempre ria muito alto quando avistava uma banana. Esse pormenor fez com que eu o observasse com bastante atenção. No entanto, é natural, nenhum dos dois rapazes sequer reparava em mim. Um rapaz de Eton e um aspirante da marinha jamais se rebaixariam a dar atenção a uma garotinha de sete anos de idade.

De Dinard fomos para Guernsey, onde passamos a maior parte do inverno. No dia de meu aniversário, fui surpreendida com o presente de três pássaros exóticos, de colorida plumagem. Foram chamados Kiki, Tou-Tou e Bebê. Pouco depois da chegada a Guernsey, Kiki, que fora sempre um passarinho delicado, morreu. Não viveu junto de mim o bastante para que sua morte me causasse um desgosto violento — pois Bebê, pequeno e encantador, era meu favorito —, mas não posso negar que me deu certo prazer o magnífico enterro que fiz dele. Foi esplendidamente

acomodado em uma caixa de papelão, forrada com um pedaço de cetim fornecido por minha mãe. Fez-se uma expedição, que saiu da cidade de St. Peter Port para um terreno elevado nas proximidades, onde se escolheu o local das cerimônias funerárias, e a caixa foi devidamente enterrada com um grande ramo de flores.

Tudo isso me deu, é claro, enorme satisfação, mas não terminou aí. “*Visiter la tombe de Kiki*”¹ passou a ser um dos meus passeios favoritos.

A grande atração de St. Peter Port era o mercado de flores. Havia uma profusão de flores maravilhosas de todas as espécies, e muito baratas. Conforme a opinião de Marie, era sempre no dia mais frio e mais ventoso que, depois da pergunta: “E onde vamos passear hoje, srta. Agatha?”, eu respondia com gosto: “*Nous allons visiter la tombe de Kiki*”. Terríveis suspiros de Marie! Um passeio de três quilômetros sob um vento tão frio! Mas eu permanecia irredutível. Arrastava Marie até o mercado de flores, onde comprava lindas camélias ou quaisquer outras flores, e iniciávamos a caminhada de três quilômetros, fustigadas pelo vento, e freqüentemente também pela chuva. Depois, colocávamos com a devida cerimônia as flores no túmulo de Kiki. Deve estar em nosso sangue esse gosto pelos enterros e ritos funerários. De fato, o que seria da arqueologia se esse gosto não fosse uma característica da natureza humana? Na minha infância, se saía a passeio com alguém que não fosse a *nursie* — com uma das empregadas, por exemplo —, íamos invariavelmente ao cemitério.

¹ “*Visitar o túmulo de Kiki.*” Em francês no original. (N. da T.)

Como nos comunicam uma sensação de felicidade essas cenas no Père-Lachaise, cemitério parisiense onde famílias inteiras cuidam das sepulturas de seus mortos, embelezando-as para o Dia de Finados! Honrar os mortos é, sem dúvida, um culto sagrado. Existirá, por trás disso, alguma tentativa instintiva de fugir à dor, de ocupar-se com os ritos e cerimônias a ponto de esquecer a pessoa querida que desapareceu? Sei que, por mais pobre que seja, o que uma família poupa em primeiro lugar é o dinheiro para os funerais. Certa vez, uma querida e doce velhinha que trabalhou para mim disse-me: “Ah! Os tempos estão duros, querida. Muito duros mesmo. Mesmo sendo muito pobre, assim como todos os de minha família, consegui poupar dinheiro para ser enterrada decentemente, e nesse dinheiro jamais tocarei. Mesmo que tenha de passar fome!”

IV

Ocorre-me por vezes que em minha última encarnação, se tal teoria é verdadeira, devo ter sido um cão. Possuo muitos dos hábitos dos cachorros. Se alguém empreende algo, ou pretende ir a algum lugar, sinto sempre o desejo de participar ou ir junto. Do mesmo modo, quando regresso a casa depois de longa ausência, meu comportamento é, certamente, igual ao de um cão. O cachorro sempre corre a casa toda, farejando tudo e descobrindo, através de seu faro, o que se passou durante sua ausência, e visitando o que considera os “melhores locais”. Fiz exatamente a mesma coisa. Percorri a casa toda, depois fui ao jardim e visitei meus locais favoritos: o tanque e a árvore do balanço, meu posto secreto, de onde avistava a estrada, lá fora, em um esconderijo em

cima do muro. Encontrei meu arco e verifiquei em que condições se achava, e demorei cerca de uma hora certificando-me de que tudo estava exatamente como antes.

A grande mudança ocorrera com meu Cachorrinho. Tony era um jovem e elegante cachorro quando saímos de casa. Graças aos cuidados amorosos de Froudie e às imensas refeições que lhe dava, Tony estava agora redondo como um balão. Froudie fora totalmente escravizado por Tony, e quando minha mãe e eu fomos a casa dela buscá-lo, fez-nos um longo discurso, explicando como ele gostava de dormir, como deveríamos cobri-lo quando dormia em seu cesto, suas preferências quanto a comida e a que horas Tony gostava de passear. De vez em quando, interrompia-se para falar com ele: “Adorado da mamãe!” “Beleza da mamãe!” Tony lançava-lhe um olhar de apreço, embora parecesse considerar tudo aquilo mérito seu, e nada mais. “Ele não come nem um pedacinho de comida”, acrescentava Froudie orgulhosamente, “a não ser que o dêem na boca. Não mesmo! Tenho que lhe dar a comidinha na boca, eu própria!”

Notei pela expressão de minha mãe que Tony não iria receber exatamente o mesmo tratamento em nossa casa. Levamo-lo conosco em um carro que alugáramos para esse fim, juntamente com a cama dele e o resto de seus pertences. Tony, é claro, estava encantado por nos rever, e como prova de seu contentamento lambeu-me toda. Quando seu jantar ficou pronto e lhe foi trazido, verificou-se que o aviso de Froudie era verdadeiro. Tony olhou a comida, olhou para minha mãe e para mim, afastou-se alguns passos e sentou-se, como um *grand seigneur*, à espera de que alguém lhe desse sua comidinha na boca. Dei-lhe um pedacinho, que ele, condescendentemente, aceitou, mas minha mãe pôs termo a esse estado de coisas.

“Não vale a pena”, disse. “Ele terá que aprender a comer sozinho, como antes. Deixe o jantar dele aí. Daqui a pouco ele o comerá.”

Tony não comeu. Continuou sentado. Nunca vi um cachorro mais dominado pela indignação. Seus grandes, tristes olhos castanhos olhavam a família reunida e depois voltavam-se para o prato da comida. Diziam claramente: “Eu *quero* comer. Será que não entendem? Quero meu *jantar!* Dêem-me meu jantar!” Minha mãe permaneceu firme.

“Se ele não comer hoje”, declarou ela, “comerá amanhã.”

“Será que vai morrer de fome?”, perguntei.

Minha mãe olhou pensativa para o imenso lombo de Tony.

“Um pouco de fome lhe fará um bem enorme”, disse ela.

Só na noite seguinte Tony capitulou; salvou seu orgulho comendo quando não havia ninguém no aposento. Depois disso, não surgiram mais problemas. Os tempos em que fora tratado como um grão-duque haviam terminado, e Tony, obviamente, aceitou o fato. Mas não esqueceu que durante um ano inteiro fora o “queridinho” de outra casa. Qualquer travessura que fizesse ou qualquer censura que recebesse, Tony imediatamente se esgueirava pela porta afora e trotava até a casa de Froudie, onde, é claro, procurava dar-lhe a entender que em seu outro lar não era devidamente apreciado.

Marie era agora também a *nurse* de Tony, além de todos os outros deveres que já tinha. Era divertido ver Marie chegar com um avental atado à cintura, quando estávamos brincando, de tarde, no andar de baixo, e dizer cortesmente: “*Monsieur Tony, pour le bain*”¹.

¹ “Senhor Tony, para o banho.” Em francês no original. (N. da T.)

Monsieur Tony tentava imediatamente tornar-se o menor possível e esconder-se debaixo do sofá, visto ter opinião desfavorável quanto ao banho semanal. Extraído de seu esconderijo, era carregado, com a cauda e as orelhas murchas. Mais tarde, Marie faria um orgulhoso relato do número de pulgas que ficaram flutuando na água com líquido de Jayes.

Devo dizer que os cachorros hoje em dia não parecem ter a quantidade de pulgas de que estavam repletos nos meus tempos de menina. Apesar dos banhos, de serem escovados e penteados e das grandes porções de líquido de Jayes, nossos cães pareciam sempre carregados de pulgas. Talvez porque freqüentavam as estrebarias e brincavam livremente com outros cães, também possivelmente cheios de pulgas, coisa que praticamente não fazem nos tempos de hoje. Também eram mimados, e não me parece que passassem tanto tempo nos veterinários como os de agora. Não me lembro de qualquer doença séria que Tony pudesse ter tido, seu pêlo sempre esteve em boas condições, comia bem suas refeições, que eram os restos das nossas, e nunca nos preocupamos muito com a saúde dele.

Hoje em dia, também se faz muito mais rebuliço com as crianças do que naquele tempo. Ninguém ligava muita importância à febre, a não ser que fosse alta. Uma febre de trinta e nove graus que se mantivesse vinte e quatro horas provavelmente provocaria a vinda de um médico, mas qualquer outra abaixo dessa temperatura não recebia muita atenção. Ocasionalmente, depois de nos empanzinar-mos de maçãs verdes, acontecia sofrermos do que se chamava nessa altura de ataque de bile. Vinte e quatro horas na cama em jejum, geralmente, curavam-nos rapidamente. A alimentação era boa e variada. Suponho que houvesse certa tendência para comermos amido demais e leite,

mas lembro-me que desde muito cedo provava do filé que era mandado para a refeição da *nursie*, e carne assada mal-passada era uma de minhas refeições prediletas. Também comia creme de leite de Devonshire em grandes quantidades; era muito mais agradável do que óleo de fígado de bacalhau, costumava dizer minha mãe. Às vezes comíamos o creme de leite com fatias de pão, outras, com a colher. Infelizmente, hoje em dia é raro encontrar em Devon o verdadeiro creme de leite de Devonshire — pelo menos, não é como o de antigamente —, escaldado e tirado do leite às camadas, com sua nata amarela em uma tigela de porcelana. Não tenho a menor dúvida: uma das coisas de que mais gostava e provavelmente sempre gostarei é *creme de leite*.

Minha mãe, que apreciava a variedade na alimentação, como em tudo o mais, costumava ser tomada, de tempos em tempos, por uma nova mania. Certa vez, adotou o seguinte lema: “O ovo é o que existe de mais nutritivo”. Obedecendo a esse princípio, passamos a comer ovos praticamente em todas as refeições, até que meu pai se rebelou. Houve também o período do peixe, em que vivemos de linguado e pescada para melhorar nossos cérebros. Contudo, depois dessas variantes dos regimes alimentares, minha mãe sempre acabava por regressar ao normal. Do mesmo modo, arrastou meu pai pela religião teosófica, pelo unitarismo, e quase aderiu à religião católica romana, além de ter flertado um pouco com o budismo, regressando, finalmente, à Igreja da Inglaterra.

Foi grande a satisfação de retornar a casa e encontrar tudo como sempre fora. Havia apenas uma alteração, e para melhor — agora eu tinha junto de mim minha dedicada Marie.

Suponho que, até ter mergulhado a mão em meu saco de lembranças, eu não voltara *realmente* a pensar em Marie — ela

fora apenas Marie, quer dizer, parte integrante de minha vida. Para uma criança, o mundo consiste simplesmente no que está acontecendo com ela, e isso inclui as pessoas — tanto as de quem ela gosta como as que detesta, aquilo que a torna feliz ou a torna infeliz. Marie, jovem, alegre, risonha, sempre agradável, era um membro muito apreciado daquela casa.

O que agora me pergunto é o que representaria eu para *ela*. Marie fora, suponho, muito feliz durante o outono e o inverno, enquanto viajamos na França e nas ilhas do Canal. Conhecera novos lugares, e a vida nos hotéis era divertida, e, por estranho que pareça, ela gostava de seu encargo. É claro que eu apreciaria pensar que gostava de mim por *mim própria* — mas Marie gostava de crianças em geral e teria sentido afeto por qualquer criança de quem cuidasse, a não ser que fosse um desses pequenos monstros infantis que por vezes se encontram. Eu não era, certamente, muito obediente; não creio que os franceses tenham a capacidade de impingir obediência. É certo que, de muitas maneiras, eu me comportava mal. Particularmente, detestava ir para a cama. Inventei uma brincadeira esplêndida, que consistia em pular por cima de todo o mobiliário, subir para os armários, pular de cima das cômodas, completando o circuito do quarto sem jamais tocar no chão, na hora de ir dormir, enquanto Marie, de pé, junto da porta, gemia: “*Oh! Miss! Madame votre mère ne serait pas contente!*”¹ *Madame ma mère* ignorava o que estava acontecendo. Se aparecesse inesperadamente, ergueria as sobrancelhas e diria: “Agatha, por que ainda não está na cama?”

¹ “*Oh! Senhorita! A senhora sua mãe não ficaria contente!*” *Em francês no original. (N. do E.)*

E em três minutos eu *estaria* na cama, correndo para lá sem que fosse preciso nenhuma outra palavra de admoestação; Marie pedia, suspirava; nunca, porém, me delatou. Em compensação, se não lhe obedecia, eu *a amava*. Amava-a muito.

Só por uma ocasião me recordo de tê-la afligido — e por pura inadvertência. Isso aconteceu depois de estarmos de volta à Inglaterra, no decurso de uma discussão acerca de um assunto qualquer, discussão que prosseguia de forma bastante amistosa. Finalmente, já exasperada e desejando provar definitivamente meu ponto de vista, disse: “*Mais ma pauvre filie, vous ne savez donc pas, les chemins de fer sont...*”¹

Nesse ponto, para meu total espanto, Marie rompeu em prantos. Eu a olhava, estupefata. Não fazia a menor idéia do que estava acontecendo. Então, as palavras dela saíram por entre soluços. Sim — ela era, na realidade, uma “*pauvre filie*”. Seus pais eram muito pobres, não eram ricos como os pais de *miss*. Eles tomavam conta de um botequim onde trabalhavam todas as suas filhas e filhos. Mas não era *gentil*, não era *bien élevé* da parte de sua querida *miss* atirar-lhe a pobreza ao rosto.

“Mas, Marie”, adverti eu. “Marie, eu não estava dizendo *nada disso!*” Parecia impossível explicar-lhe que não passara por minha cabeça a idéia de sua pobreza, que *ma pauvre filie* fora apenas uma expressão de impaciência. A pobre Marie sentira-se ferida, e levei pelo menos meia hora em protestos e carinhos, reiterando garantias de afeto, antes que se convencesse. Depois, tudo ficou sanado entre nós. E, a partir disso, passei a ser extremamente cautelosa, jamais usando essa expressão.

¹ “Mas, minha pobre garota, então você não sabe, as estradas de ferro são...”
Em francês no original. (N. do E.)

Hoje acho que Marie se sentia só e saudosa em nossa casa de Torquay. Sem dúvida, nos hotéis em que estivéramos existiam outras empregadas, *nurses*, governantas, etc. — todas cosmopolitas —, e Marie não sofrera tanto com a separação da família. Mas na Inglaterra entrou em contato com moças de sua idade. Nesse tempo tínhamos, penso eu, empregadas com aproximadamente trinta anos de idade. Mas os pontos de vista delas eram de tal modo diferentes dos de Marie que ela deve ter se sentido realmente estrangeira. Criticavam a simplicidade de suas roupas e o fato de Marie nunca gastar dinheiro em enfeites, fitas, luvas e outras frivolidades.

Marie recebia o que, para ela, era um salário fantástico. Todos os meses pedia a *monsieur* que tivesse a amabilidade de remeter praticamente o total do que recebia para sua mãe, em Pau. Para si própria, Marie guardava apenas uma pequena quantia. Era isso o que achava natural e apropriado, economizar para seu *dote*, preciosa soma de dinheiro que naquele tempo (e talvez ainda hoje, não sei) todas as jovens francesas laboriosamente punham de parte — uma necessidade para o futuro, porque sem dote dificilmente se casariam. É o equivalente, suponho, ao que chamamos na Inglaterra “o fundo da gaveta”, sendo que para as moças francesas o dinheiro do dote tinha muito mais importância. Era uma idéia sensata e boa e, segundo creio, está atualmente em voga na Inglaterra, porque os jovens quando casam querem comprar seu apartamento e, portanto, tanto o rapaz quanto a moça juntam dinheiro com esse objetivo. Mas na época de que estou falando as moças na Inglaterra não juntavam dinheiro para o casamento — isso era problema do homem. Ele é que tinha de providenciar o alojamento e o necessário para alimentar, vestir e cuidar de sua mulher. Por esse motivo, as

moças que estavam “bem empregadas”, como, por exemplo, as vendedoras das lojas, consideravam que o dinheiro ganho era para seu proveito pessoal, para as coisas frívolas da vida. Compravam chapéus novos e blusas coloridas e, de vez em quando, um colar ou um broche. Podemos dizer, suponho, que usavam seus salários para namorar — para atrair um homem que lhes conviesse. Mas Marie, vestindo sua saia e paletó pretos, sempre impecáveis, seu pequeno chapéu preto e suas blusas lisas, jamais aumentava seu guarda-roupa, jamais comprava algo que não fosse absolutamente necessário. Não creio que as outras fossem propositalmente desagradáveis, mas riam dela, desprezavam-na. Isso a tornava muito infeliz.

Foram realmente a intuição de minha mãe e sua bondade que a confortaram durante os quatro ou cinco primeiros meses. Marie sentia saudade de casa, queria regressar. Contudo, minha mãe falou com ela e consolou-a, disse-lhe que era uma moça com muito juízo e que seu comportamento estava muito certo. As moças inglesas, disse-lhe, não eram tão prudentes, nem cuidavam do futuro como as francesas. Acredito que minha mãe também tenha dito uma palavra às empregadas e a Jane, mostrando-lhes que estavam tornando aquela pobre moça muito infeliz. Deveriam lembrar-se de que ela morava longe de seu país e de sua família, e de como se sentiriam elas próprias se tivessem que ir trabalhar numa terra estranha. Passados um mês ou dois, Marie andava mais alegre.

Sinto que qualquer pessoa que tenha tido a paciência de me ler até aqui exclamará: “Será que você não recebeu nenhum tipo de instrução?”

A resposta é: “Não, não estudava coisa alguma”.

Nessa altura, eu já contava nove anos, e a maioria das crianças de minha idade tinham governantas — embora essas governantas, segundo imagino, fossem contratadas em grande parte para cuidar das crianças, cuidando que fizessem exercícios e vigiando-as. Se algumas também davam aulas, a matéria de ensino dependia exclusivamente dos gostos individuais delas.

Recordo vagamente uma ou duas preceptoras que estiveram em casa de amigos. Uma delas tinha fé absoluta no *Child's guide to knowledge* do dr. Brewer — correspondente ao nosso moderno *Quiz*. Retive fragmentos de conhecimentos assim adquiridos: “Quais são as três doenças do trigo?” “Mangra, míldio e ferrugem.” Esses conhecimentos acompanharam-me toda a minha vida — embora, infelizmente, jamais tivessem sido de qualquer utilidade. “Qual é a principal manufatura da cidade de Redditch?” “Aguilhas.” “Qual a data da Batalha de Hastings?” “O ano 1066.”

Outra preceptora de que me recordo ensinava história natural a seus alunos, e nada mais. Faziam-se grandes colheitas de folhas, de bagas e de flores silvestres — e a conveniente dissecação delas. Era incrivelmente entediante. “Odeio ter que despedaçar todas essas plantas”, confidenciou-me minha amiguinha. Concordava inteiramente com ela, e na verdade a simples palavra “botânica” toda a vida me pôs nervosa.

Minha mãe, na sua mocidade, freqüentou uma escola em Cheshire. Mandou minha irmã Madge como interna para um colégio, mas agora estava inteiramente convencida de que a melhor maneira de educar uma moça era deixá-la à vontade, tanto quanto possível; dar-lhe boa alimentação, muito ar puro e não forçar, de modo nenhum, seu cérebro. (Nada disso, é claro, se aplicava aos rapazes: estes necessitavam de uma educação

estritamente tradicional.)

Como já mencionei, uma das teorias de minha mãe era que criança alguma deveria ter permissão de aprender a ler até os oito anos. Como essa teoria não foi cumprida por mim, tive licença de ler tanto quanto quis, e aproveitava todas as oportunidades para isso. A sala de aulas, como era chamada, era um grande cômodo no último andar da casa, quase completamente forrado de livros. Algumas das prateleiras eram dedicadas à literatura infantil: *Alice no País das Maravilhas* e *Aventuras de Alice através do espelho*; os antigos, sentimentais contos vitorianos que já mencionei, tais como *Our little Violet*; os livros de Charlotte Young, incluindo *The daisy chain*; uma coleção completa, creio, de Henty, e além disso numerosos livros de estudo, romances e outros tipos. Eu lia indiscriminadamente, escolhendo qualquer livro que me interessasse, lendo, portanto, muita coisa que não entendia, mas que retivera minha atenção.

No decorrer dessas leituras, achei uma peça francesa, e meu pai descobriu-me lendo-a. “Como é que você arranjou esse livro?”, perguntou, horrorizado. Era um livro que pertencia a uma série de romances e peças de teatro que, habitualmente, ele conservava cuidadosamente fechada à chave na sala de fumar, para uso exclusivo dos adultos.

“Estava na sala de estudos”, disse eu.

“Pois não deveria estar”, respondeu meu pai. “Deveria estar em meu armário.”

Abri mão do livro com prazer. Para dizer a verdade, achara difícil entendê-lo. Feliz, fui ler de novo *Memórias de um burro*, *Sem família* e outros inócuos livros franceses.

Suponho que devo ter recebido aulas de alguma espécie, porém nunca tive preceptora. Continuei estudando aritmética com

meu pai, passando orgulhosamente das frações para os decimais. Cheguei até o ponto em que tantas vacas comiam tal quantidade de capim e em que tantos tanques levavam tal número de horas para encher, etc. — e isso tudo achava fascinante.

Minha irmã, entrementes, fora oficialmente apresentada à sociedade, o que significava ir a festas, fazer visitas a Londres, etc. Isso mantinha minha mãe muito ocupada e, portanto, com menos tempo para dedicar a mim. Algumas vezes senti ciúmes, achando que Madge concentrava toda a atenção dela. Minha mãe tivera uma mocidade pouco divertida. Embora fosse rica, e Clara viajasse com ela de um lado para o outro do Atlântico, sua tia não achara necessário que ela tivesse um *début* social em grande estilo. Não me parece que minha mãe fosse muito dada à vida social, mas deve ter desejado, como toda mocinha, possuir mais roupas e vestidos bonitos do que na realidade possuía. Titia-vovó encomendava para si própria roupas muito elegantes e dispendiosas nos melhores costureiros de Paris, mas sempre considerou Clara uma criança, e vestia-a de acordo com essa idéia, recorrendo a horríveis costureiras. Minha mãe estava decidida a que suas filhas gozassem de todas as belezas e frivolidades que lhe haviam faltado. Daí seu interesse e encanto pelas roupas de Madge e, mais tarde, pelas minhas.

Devo notar que, naquele tempo, roupas eram roupas! Possuíamos grandes quantidades delas, pródigas tanto em fazenda quanto em trabalho de costura: babados, franzidos, rendas, costuras complicadas e nesgas; os vestidos varriam o chão, e tínhamos que segurá-los elegantemente com uma das mãos quando caminhávamos. Eram completados por capinhas, ou boás de plumas.

E os penteados! O penteado era realmente um penteado. Não

se passava apenas o pente pelos cabelos, e pronto! Os cabelos eram frisados, cacheados, ondulados; de noite, ficavam enrolados para que amanhecessem cacheados, e eram frisados com ferros quentes. Se uma jovem ia a um baile, começava a preparar os cabelos no mínimo duas horas antes; o penteado demorava mais ou menos uma hora e meia, o que lhe deixava apenas meia hora para o vestido, meias, sapatos, etc.

Esse não era, claro está, o meu mundo. Era o mundo dos adultos, do qual eu permanecia distante. No entanto, influenciada por ele, Marie e eu discutíamos os vestidos de *mademoiselle*, e dizíamos quais os nossos preferidos.

Na vizinhança de nossa casa, não morava ninguém com crianças de minha idade, e por isso, tal como antes, inventei um conjunto de amigos íntimos — os sucessores de Poodle, Squirrel e Tree e dos famosos gatinhos. Dessa vez, inventei uma escola. Não porque sentisse desejo de ir para uma escola. Não. Penso que foi o único cenário conveniente onde eu podia juntar sete moças de idades diferentes e aparências diversas, dando-lhes diferentes proveniências, em vez de fazê-las pertencer a uma só família, o que eu não queria. A escola não tinha nome algum — era apenas a Escola.

As primeiras meninas a chegar foram Ethel Smith e Annie Gray. Ethel Smith tinha onze anos de idade, e Annie Gray, nove. Ethel era morena, com cabelos espessos e longos. Inteligente, boa em esportes, tinha uma voz profunda, e sua aparência talvez fosse levemente masculina. Annie Gray, sua grande amiga, fazia com ela completo contraste. Tinha cabelos de um louro pálido, olhos azuis, era tímida e nervosa, e chorava com facilidade. Amparava-se em Ethel, que a protegia em todas as ocasiões. Eu gostava de ambas, mas minha preferência ia para a corajosa e vigorosa Ethel.

Depois de Ethel e Annie, acrescentei mais duas: Isabella Sullivan, rica, de cabelos dourados, olhos castanhos e muito bela. Tinha onze anos de idade. Eu não gostava de Isabella — não gostava nada mesmo. Isabella dava grande importância aos prazeres do mundo. (Essa era uma grande preocupação dos livros de histórias desse tempo: muitas das páginas de *The daisy chain* são dedicadas às preocupações da família May por causa dessa inclinação de Flora.) Isabella era, realmente, a quintessência do mundanismo. Era afetada, jactava-se de ser rica, e suas roupas eram luxuosas demais e nada próprias para uma mocinha de sua idade. Elsie Green era sua prima. Elsie era irlandesa; apesar dos cabelos escuros, seus olhos eram azuis; usava o cabelo em cachos, era alegre e ria por tudo e por nada. Elsie era amiga de Isabella, mas às vezes repreendia-a. Elsie era pobre; usava os vestidos que não serviam mais em Isabella, o que por vezes a magoava, mas não demais, pois tinha um caráter fácil.

Por algum tempo, dei-me muito bem com essas quatro. Viajavam de trem, montavam a cavalo, cuidavam do jardim e também jogavam muito croqué. Eu costumava promover torneios e desafios especiais. Minha grande esperança era sempre que Isabella não ganhasse. Fazia tudo, menos trapanças, para que não ganhasse. Quer dizer: eu segurava seu malho de croqué descuidadamente, jogava rápido, quase sem apontar; no entanto, quanto mais descuidadamente eu jogava, tanto mais sorte Isabella parecia ter. Conseguia passar por arcos impossíveis, apanhava as bolas do outro lado do gramado e quase sempre acabava ganhando. Era muito aborrecido!

Depois de algum tempo, pensei que seria mais agradável se existissem nessa escola mocinhas mais jovens. Acrescentei duas de seis anos de idade, Ella White e Sue de Verte. Ella era

conscienciosa, gostava de trabalhar, porém era cacete. Tinha cabelos crespos. Era muito boa estudante. Conseguia obter bons resultados no *Guide to knowledge* do dr. Brewer, e jogava croqué bastante bem. Sue de Verte era curiosamente descolorida, não apenas em sua aparência — muito loura, de olhos de um azul por demais pálido —, mas também no caráter. Tão apagada era sua personalidade que até me parecia — a mim, que a criara — não *enxergar* ou *sentir* Sue. Sue e Ella eram grandes amigas; apesar de eu conhecer Ella como as minhas mãos, Sue permanecia fluida. Penso que isso se dava porque Sue, na realidade, era *eu*. Quando eu conversava com as outras, eu era sempre Sue conversando com elas, não Agatha; portanto, Sue e Agatha tornaram-se duas facetas da mesma pessoa, e Sue era uma observadora, e não, realmente, uma das *dramatis personae*. A sétima moça acrescentada à coleção era a meia irmã de Sue, Vera de Verte. Essa era bem mais velha, tinha já treze anos de idade. Nessa época não era bonita, mas no futuro viria a ser uma beldade. Também existia um mistério quanto a seus pais. Eu planejava vários futuros para Vera, todos altamente românticos. Seus cabelos eram cor de palha, e os olhos, de um azul de miosótis.

Uma ajuda adicional a essas “moças” eram os exemplares encadernados com retratos da Academia Real que minha avó possuía em sua casa de Ealing. Vovó prometia-me que um dia isso viria a me pertencer, e eu costumava passar horas, quando chovia, olhando essas gravuras, não tanto por satisfação artística, mas para encontrar retratos adequados às “moças”. Foi-me dado um livro como presente de Natal, ilustrado por Walter Crane, *The feast of Flora*, representando flores em forma de gente. Uma delas eu achava especialmente bonita: um rosto rodeado por miosótis — definitivamente o rosto de Vera de Verte. A margarida de Chaucer

era Ella, e a linda coroa-imperial era Ethel.

Posso dizer que as “moças” ficaram junto de mim por muitos anos, naturalmente mudando seus caracteres à medida que eu própria ia amadurecendo. Participavam de concertos, cantavam ópera, eram-lhes dados papéis em peças e comédias musicais. Mesmo depois de adulta, dispensava-lhes de tempos em tempos um pensamento, e atribuía-lhes os vários vestidos de meu guarda-roupa. Também desenhava, em pensamento, vestidos para elas. Ethel, recordo, ficava muito bonita com um vestido de filó azul-marinho com lírios brancos no ombro. A pobre Annie nunca teve muitos vestidos. Eu era leal para com Isabella, e atribuía-lhe alguns vestidos extremamente bonitos — habitualmente com brocados, bordados e cetins. Mesmo hoje em dia, às vezes, quando ponho de parte um vestido em um armário, digo comigo: “Sim, esse ficaria bem em Ella, verde sempre foi uma cor que lhe assentava bem”. “Ela ficaria realmente muito bonita com esse vestido de três peças de jêrsei.” Ainda me dá vontade de rir quando o faço, mas na verdade as “moças” ficaram paradas no tempo e, ao contrário de mim, não envelheceram. O máximo que lhes dei de idade foi vinte e três anos...

Com o passar do tempo, acrescentei mais quatro personagens: Adelaide, que era a mais velha, alta e loura, e um pouco desdenhosa; Beatrice, uma alegre fadinha que gostava de dançar e era a mais jovem de todas; e Rose e Iris, duas irmãs. Em relação a essas últimas duas, sentia-me muito romântica, Havia certo rapaz que escrevia versos a Iris, chamando-a de “Iris dos Pântanos”. Rose era travessa, gostava de fazer pirraça a todo mundo e namorava todos os jovens. No devido tempo algumas casaram, outras ficaram por casar. Ethel jamais se casou, e foi morar num pequeno chalé com a suave Annie — coisa muito

apropriada, penso agora: exatamente o que deveriam ter feito se tivessem realmente existido.

Logo depois de nosso regresso, foram-me reveladas as delícias do mundo da música por Fraülein Uder. Fraülein Uder era uma alemã assustadora, muito baixa, que parecia feita de aço. Não sei por que estava ensinando música em Torquay, pois jamais soube coisa alguma acerca de sua vida particular. Minha mãe apareceu um dia na sala de estudos com Fraülein Uder a reboque, explicando que queria que Agatha começasse a aprender piano.

“Ach!”, disse Fraülein Uder com um profundo sotaque alemão, embora seu inglês fosse perfeito. “Então vamos imediatamente para o piano.” Fomos para o piano — o da sala de estudos, é claro, não o suntuoso piano da sala.

“Fique aí de pé”, ordenou Fraülein Uder. Fiquei de pé, do lado esquerdo do piano. “Isto”, disse ela, tocando uma nota com tanta força que pensei que iria acontecer algo a essa nota, “é o dó maior, entende? Esta é a nota dó. Esta é a escala de dó maior.” Tocou a escala. “Agora vamos tocar de novo o acorde de dó, assim, agora, de novo, a escala. As notas são dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Entende?”

Respondi que estava entendendo. Na realidade, até ali eu já sabia.

“Agora”, disse Fraülein Uder, “você fica em um lugar de onde não possa enxergar as notas; vou tocar primeiro o dó e a seguir tocarei outra nota, e você vai dizer-me qual é essa segunda nota.”

Tocou o dó e depois outra nota com igual força.

“Que nota é? Responda!”

“Sol”, respondi.

“Certo. Muito bem. Agora vamos tentar de novo.”

Uma vez mais ela tocou o dó e depois outra nota. “E esta,

agora?”

“Lá”, arrisquei.

“Ach! Você é de primeira classe! Essa criança tem ouvido musical. Você tem ouvido, sim. Ach! Vamos fazer progressos fantásticos!”

Certamente, eu começara bem. Não acredito, para ser franca, que tivesse realmente a menor idéia das notas que ela tocara. Penso, sim, que fora um palpite inspirado. De qualquer jeito, depois desse estágio, fomos em frente, ambas cheias de boa vontade. Não se passou muito tempo sem que pela casa ressoassem escalas, arpejos e, na devida altura, os acordes de *The merry peasant*. Eu gostava imensamente de minhas aulas de música. Tanto meu pai como minha mãe sabiam piano. Minha mãe tocava as *Canções sem palavras*, de Mendelssohn, e várias outras peças que aprendera em sua juventude. Tocava bem, mas não creio que fosse apaixonada por música. Meu pai era naturalmente musical. Tocava tudo de ouvido e executava encantadoras canções americanas, *negro spirituals* e outras coisas. A *The merry peasant*, *Fraülein Uder* e eu acrescentamos *Träumerei* e outras lindas peças de Schumann. Eu estudava zelosamente uma ou duas horas por dia. De Schumann passei para Grieg, que eu amava apaixonadamente: *Érotique* e *O primeiro sussurro da primavera* eram minhas prediletas. Quando finalmente meus progressos foram bastantes para me permitir tocar “Morgen”, de Peer Gynt, senti-me louca de alegria. *Fraülein Uder*, como muitos alemães, era excelente professora. Não me fazia tocar somente músicas agradáveis; eu tocava também quantidades maciças de exercícios de Czerny, com os quais não era tão zelosa; *Fraülein Uder* não se incomodava: “Você precisa possuir boas bases”, dizia. “Esses exercícios são a realidade, a

necessidade. As árias, sim, são como pequenos bordados, como flores, desabrocham e murcham, mas você precisa das raízes e da folhagem.” Por isso, tive grandes quantidades de raízes e de folhagem, e apenas ocasionalmente uma ou duas flores.

Provavelmente, eu me sentia muito mais feliz com os resultados do que os outros membros da família, que achavam tanto estudo algo opressivo.

Depois tive aulas de dança, uma vez por semana, num local chamado grandiosamente As Salas do Ateneu, situado no andar acima da loja de doces. Devo ter começado a freqüentar as aulas de dança bastante jovem — com cinco ou seis anos, julgo —, porque lembro que a *nursie* ainda estava conosco e acompanhava-me até lá uma vez por semana. As crianças principiavam pelo aprendizado da polca. Começavam por bater o pé três vezes: direito, esquerdo, direito — esquerdo, direito, esquerdo — tumba, tumba, tumba — tumba, tumba, tumba. Devia ser desagradável para aqueles que estavam tomando chá na confeitaria que ficava abaixo! Voltando para casa, ficava ligeiramente incomodada porque Madge me dizia que não era assim que se dançava a polca. “Você escorrega com um pé, traz o outro para junto do primeiro e recomeça novamente com o primeiro”, dizia ela. Eu ficava muito desorientada, mas, aparentemente, a idéia da srta. Hickey, a professora de dança, era que deveríamos aprender o ritmo antes dos passos.

A srta. Hickey, lembro-me, era uma personagem assustadora, se bem que maravilhosa. Alta, um pouco gorda, usava seus cabelos grisalhos lindamente penteados à Pompadour, longas e esvoaçantes saias, e valsar com ela — o que só aconteceu, é claro, muito mais tarde — era uma experiência aterradora. Uma de suas alunas ajudava-a a ensinar, uma moça

de aproximadamente dezoito anos, e ainda outra, de treze, chamada Aileen. Aileen era uma mocinha doce, trabalhava muito, e todas nós gostávamos dela. A mais velha, Helen, era levemente assustadora, e só dava importância às que dançavam bem.

A aula transcorria da seguinte maneira: eu começava a exercitar-me com o que chamávamos de “extensores”, para movimentar o peito e os braços. Esses “extensores” eram espécies de fitas elásticas azuis, com alças, que esticávamos vigorosamente por mais de meia hora. Depois vinha a aula de polca, que era dançada por todas aquelas que já haviam passado o estágio do tumba, tumba, tumba — as mais experientes dançavam com as mais jovens. “Você me viu dançando a polca? Você viu as abas de minha casaca esvoaçando?” A polca era alegre, mas desinteressante. Depois vinha a grande marcha, na qual, aos pares, saíamos do meio da sala, dávamos a volta junto às paredes e formávamos desse modo várias figuras de oito, as mais antigas na frente, e as mais recentes Seguindo-as. Para a marcha podíamos escolher nossos pares e, por causa disso, sempre havia algum azedume. Naturalmente, todo mundo queria escolher como par Helen ou Aileen, mas a srta. Hickey ficava atenta para que não houvesse monopólios. Depois da marcha, as mais jovens eram remetidas para a sala das juniores, onde aprendiam os passos da polca, ou, mais tarde, de valsa, ou os passos de suas danças preferidas, as que desejassem aprender. As mais velhas treinavam os passos das danças de fantasia, sob o olhar vigilante da srta. Hickey, na sala grande. Essas danças de fantasia consistiam em alguma dança com um pandeiro, ou uma dança espanhola com castanholas, ou a dança do leque.

Por falar nisso: uma vez mencionei a minha filha Rosalind e a sua amiga Susan, quando tinham mais ou menos dezoito anos

de idade, que eu dançara, na minha mocidade, uma dança do leque. Suas risadas irreverentes intrigaram-me.

“Será que dançou mesmo, mãe? A dança do leque! Susan, ela dançou a dança do leque!”

“Oh!”, disse Susan, “sempre pensei que a gente vitoriana fosse muito mais escrupulosa!”

Em breve descobrimos que, quando falávamos em dança do leque, não nos referíamos à mesma coisa.

Depois disso, as moças mais velhas sentavam-se, e as mais jovens dançavam a sua dança, que era a *sailor’s hornpipe*¹, ou qualquer outra alegre dança folclórica, não demasiado difícil. Finalmente, entrávamos nas complicações dos *lancers*². Também nos ensinavam a *Swedish Country dance* e *Sir Roger de Coverley*. Essas últimas eram especialmente úteis para, quando fôssemos a festas, não passarmos a vergonha de desconhecer tais atividades sociais.

Em Torquay, nossa turma era quase inteiramente composta de moças. Quando freqüentei as aulas de dança em Ealing, também iam muitos rapazes. Nesse tempo eu tinha, acredito, uns nove anos de idade, era muito tímida e ainda não me tornara adepta da dança. Um menino encantador, possivelmente mais velho do que eu um ano, veio pedir-me para ser meu par nos *lancers*. Aflita e deprimida, disse que não sabia dançar os *lancers*. Foi um momento muito duro para mim: jamais conhecera um rapaz tão atraente. Tinha cabelo escuro, olhos alegres, e senti imediatamente que éramos almas gêmeas!

¹ Dança inglesa executada individualmente, muito viva, bastante apreciada pelos marinheiros. (N. da T.)

² “Lanceiros”, dança popular. (N. da T.)

Fiquei sentada, tristemente, quando os *lancers* começaram, mas quase imediatamente a sra. Wordsworth veio ter comigo: “Então, Agatha, vá dançar. Não queremos ninguém sentado!”

“Não sei dançar os *lancers*, sra. Wordsworth!”

“Não há problema, queridinha, em breve saberá. Vamos buscar um par para você.”

Encontrou um rapaz sardento, de nariz arrebitado e cabelos cor de areia; também devia sofrer de adenóides. “Aqui está, William.” No correr da dança, por ocasião daqueles passos das visitas, encontrei-me com meu primeiro amor e meu primeiro par. Sussurrou-me, ressentido: “Você não quis dançar *comigo*, e agora está dançando! Foi muito desagradável de sua parte”. Tentei contar-lhe que a culpa não era minha, que pensei que não conseguiria dançar os *lancers*, mas que fora obrigada a dançar; mas não houve tempo, durante esses passos, para entrar em explicações. Ele continuou a me olhar com ressentimento até o fim da aula. Tive esperança de encontrá-lo novamente na semana seguinte. Infelizmente, nunca mais voltei a vê-lo. Uma das tristes histórias de amor que a vida nos reserva!

A valsa foi a única dança que aprendi que me seria útil pela vida afora, e eu jamais gostei, realmente, de valsar. Não gosto do ritmo, que sempre me deu tonturas, sobretudo quando tinha a honra de dançar com a srta. Hickey. Ela dava umas voltas maravilhosas, voltas que praticamente me erguiam no ar e me deixavam, no fim dessa atuação, com a cabeça tonta, mal podendo sustentar-me em pé. Mas tenho que admitir que era bonito vê-la dançar.

Fraülein Uder desapareceu de minha vida; não sei quando, nem para onde foi. Talvez tenha regressado à Alemanha. Mais tarde foi substituída por um jovem chamado, se bem me lembro,

sr. Trotter. Era o organista de uma das igrejas. Tratava-se de um professor deprimente, e tive que adotar um estilo muito diferente. Passei a sentar-me praticamente no chão, com as mãos bem erguidas para poder alcançar as teclas do piano, e a força para tocar tinha que partir unicamente do pulso. O método de Fraülein Uder, penso, era o de sentar o aluno bem alto e fazer com que a força partisse dos cotovelos. Eu ficava colocada bem acima do piano para poder atirar-me às teclas com a máxima força. Muito mais cômodo!

V

Creio que pouco depois do nosso regresso das ilhas do Canal começou a pairar sobre nós a sombra da doença de meu pai. Já no estrangeiro, não se sentira bem, e por duas vezes consultara um médico. O segundo médico que o examinou tinha um ponto de vista um pouco alarmista, e diagnosticou uma doença renal. Com o regresso à Inglaterra, ele consultou nosso especialista: a sombra não mais deixou de pairar, tênue ainda, mas que uma criança não deixava de sentir, como se se tratasse de uma dessas perturbações atmosféricas que são para o mundo psíquico o que uma tempestade que se aproxima é para o mundo físico.

A ciência médica parecia de pouca utilidade. Meu pai procurou dois ou três especialistas. O primeiro disse, definitivamente, que era uma doença de coração. Não me recordo dos pormenores, apenas lembro-me de ter escutado minha mãe e minha irmã conversando e das palavras “inflamação dos nervos que rodeiam o coração”, que me soaram de forma assustadora. Outro médico consultado atribuiu todos os males de meu pai a

perturbações gástricas.

Com intervalos cada vez mais curtos, meu pai tinha crises de dores e falta de ar, durante a noite; minha mãe ficava sentada junto dele, ajudando-o a mudar de posição e dando-lhe este ou aquele medicamento receitado pelo médico.

Como sempre, havia uma patética crença no último médico consultado e no último regime ou tratamento adotado. A fé opera milagres — a fé, a novidade e a personalidade dinâmica de um médico —, mas não pode, realmente, dominar a doença.

A maior parte do tempo, meu pai mostrava-se aparentemente igual ao que sempre fora, com sua maneira de ser jovial; a atmosfera em nossa casa, porém, fora grandemente alterada. Meu pai ainda ia a seu clube, passava os dias de verão no campo de críquete, voltava para casa contando histórias divertidas — conservava a mesma personalidade agradável. Nunca se punha maldisposto ou irritável; percebia-se nele, porém, a sombra de uma apreensão, também sentida, é claro, por minha mãe, que fazia valentes tentativas para sossegá-lo, dizendo-lhe que sua aparência estava bem melhor e que ele de fato parecia melhor, que com certeza se sentia melhor, que *estava* realmente melhor.

Ao mesmo tempo, acumulavam-se as sombras das preocupações financeiras. O dinheiro do testamento de meu avô fora investido em propriedades urbanas, em Nova York, mas a posse dos prédios era por arrendamento. Estes situavam-se numa parte da cidade onde os terrenos eram valiosos, mas os prédios não valiam praticamente nada. A proprietária dos terrenos não dava mostras de colaborar — uma velha senhora de mais de setenta anos, que parecia sofrer de algum impulso negativo que a impedia de proceder a qualquer alteração ou melhoramento. A

renda que nos deveria ser enviada era sempre necessária para reparos ou impostos.

Ouvindo pedaços de conversas que me pareciam de dramática importância, eu corria escada acima para anunciar a Marie, no melhor estilo dos romances vitorianos, que estávamos arruinados. Marie não ficava tão desgostosa quanto eu pensava que deveria ficar; contudo, devia de algum modo consolar minha mãe, que uma vez veio ter comigo, aborrecida.

“Realmente, Agatha, você não deve repetir as coisas que escuta de modo tão exagerado. Nós *não* estamos arruinados. Apenas não estamos muito folgados, financeiramente, e devemos fazer economia.”

“*Não* estamos arruinados?”, disse eu, profundamente desgostosa.

“Não estamos arruinados”, disse minha mãe com firmeza.

Devo admitir que fiquei decepcionada. Nos muitos livros que lera, a ruína era coisa freqüente, e era tratada como deveria ser — seriamente. Havia ameaças de tiros na cabeça, heroínas que abandonavam, com as roupas em farrapos, uma rica mansão, e assim por diante.

“Esqueci-me de que você estava na sala”, disse minha mãe. “Mas você entendeu, não é mesmo? Não repita nunca o que você ouviu.”

Prometi que não mais repetiria, mas senti-me ofendida porque, pouco tempo antes, fora criticada por *não* ter repetido o que escutara em outro incidente: Tony e eu estávamos sentados debaixo da mesa da sala de jantar, uma noite, logo antes de ser servido o jantar. Era nosso lugar favorito, apropriado para brincar de aventuras em cavernas, masmorras e coisas desse gênero.

Mal ousávamos respirar, para que os assaltantes que nos

havam aprisionado não nos escutassem — o que não era exatamente verdade no caso de Tony, gordo demais e sempre ofegante —, quando Barter, a empregada que ajudava a cozeira a servir o jantar, entrou com uma terrina de sopa, que colocou no aparador. Barter ergueu a tampa e introduziu a grande concha. Tirando-a, sorveu uns goles de sopa. Lewis, a cozeira, entrou e disse: “Vou agora mesmo tocar o gongo”, e de repente, interrompendo-se, exclamou: “Louie, que é que você está fazendo?”

“Estou beliscando...”, disse Barter com uma risada sincera. “Hum! Não está nada ruim esta sopa”, e sorveu outro gole.

“Bote logo essa tampa no lugar!”, disse Lewis, chocada. “Realmente!”

Barter soltou ainda outra de suas saudáveis gargalhadas, colocou a tampa na sopeira e partiu em direção à cozinha, onde ia buscar os pratos de sopa, no momento em que Tony e eu emergíamos de sob a mesa.

“A sopa está boa mesmo?”, inquiri com interesse.

“Nossa, menina Agatha! Levei um susto!”

Fiquei levemente surpresa com esse episódio, mas só o mencionei alguns anos mais tarde. Uma vez, minha mãe e Madge em conversa mencionaram Barter. De repente, entrei na conversa dizendo: “Lembro-me de Barter. Ela costumava provar a sopa da terrina, na sala de jantar, antes que todos chegassem”.

Minha afirmação causou vivo interesse em minha mãe e em Madge. “Mas por que você nunca me contou isso?”, perguntou minha mãe. Fiquei um momento olhando para ela. Não conseguia entender por que deveria ter contado.

“Bem”, disse eu, “acredito...” hesitei, convocando toda a minha dignidade, e proclamei em seguida: “É que não gosto de

contar as coisas que sei”.

A partir desse dia, essa minha frase transformou-se em chiste usado contra mim: *Agatha não gosta de contar o que sabe*. Era a pura verdade. Não gostava mesmo. A não ser que o incidente me impressionasse e julgasse certas informações oportunas ou interessantes. Guardava qualquer informação que me chegasse, e como que a fechava em um arquivo dentro de minha mente. Essa atitude era incompreensível para o resto da família, conversadora e extrovertida. Se alguém lhes pedisse para guardarem um segredo, quase nunca se lembravam de assim fazer. Por isso, eram pessoas muito mais interessantes do que eu.

Se Madge ia a um baile ou a um *garden party*, quando regressava tinha sempre muitas coisas divertidas a contar. Minha irmã era, na verdade, uma pessoa que entretinha muito, em todos os sentidos — aonde quer que ela fosse, sempre lhe aconteciam coisas. Mesmo mais tarde, se por acaso ia ao mercado de uma pequena cidade fazer compras, quando regressava sempre tinha algo extraordinário para contar, ou então alguém lhe dissera alguma coisa interessante. Essas coisas não eram inverdades — existia sempre um fundamento fatural, que Madge fantasiava para tornar sua história mais divertida.

Eu, pelo contrário, talvez saíra a meu pai a esse respeito, pois quando me perguntavam se me sucedera algo engraçado, respondia imediatamente: “Nada”. “Que estava a sra. Fulana de Tal usando nessa festa?” “Não me lembro.” “A sra. S. renovou sua sala, disseram-me; que cores tem agora?” “Não reparei.” “Oh! Agatha! Realmente você não tem *jeito!* Jamais repara no que quer que seja!”

Persisti em meu modo de ser. Não creio que quisesse parecer misteriosa. Apenas achava que muitas dessas coisas não eram

importantes — portanto, por que falar nisso? Ou então, estava tão ocupada conduzindo a conversa ou as brigas das “moças”, ou inventando aventuras para Tony e para mim própria, que não dava atenção a pequenos incidentes. Somente uma notícia como a de nossa ruína conseguiria realmente interessar-me. Sem dúvida, fui uma criança sem graça, com todas as perspectivas de crescer e tornar-me uma dessas pessoas de difícil entrosamento, de acordo com as praxes de uma reunião social.

Jamais fui bom elemento em festinhas — e jamais as apreciei muito. Suponho que *devam ter existido* festas de crianças no tempo da minha meninice, mas não me parece que fossem tão freqüentes quanto hoje em dia. Recordo-me de tomar chá em casa de amigas e de ter amigas tomando chá em minha casa. Disso eu gostava — e gosto até hoje. Festas organizadas, na minha mocidade, creio que só se davam no Natal. Ainda me recordo de uma festa a fantasia, e outra em que havia um mágico.

Presumo que minha mãe não apreciasse festas, sendo de opinião que as crianças se aqueciam demais, ficavam superexcitadas, e também que comiam demais, e freqüentemente, quando voltavam para casa, adoeciam por esses três motivos. Provavelmente, tinha razão. Em qualquer festa de crianças de qualquer idade a que eu tenha ido, cheguei sempre à conclusão de que pelo menos uma terça parte das crianças não se divertia realmente.

Uma festa assim comporta até vinte crianças — mais que isso, passa a ser dominada pelo que chamo de complexo de banheiro! Crianças querendo ir ao banheiro, crianças que não ousam dizer que gostariam de ir ao banheiro, crianças que só vão ao banheiro quando já é tarde demais, etc. Se os banheiros são inadequados ao uso de grandes quantidades de crianças, se todas

quiserem utilizá-los ao mesmo tempo, segue-se o caos e alguns outros incidentes lamentáveis. Lembro-me de uma garotinha de dois anos cuja mãe foi convencida, contra a opinião experiente de sua *nurse*, a levar a filha a uma festa. “Anette é tão amorosa! Ela tem que vir! Tenho certeza de que gostará, e teremos muito cuidado com ela.” Quando chegaram à festa, a mãe, previdente, levou-a ao banheiro. Anette, naquele entusiasmo febril, não fez nada do que precisava. “Oh! Talvez realmente ela não sinta vontade”, disse a mãe, esperançada. Desceram as escadas e, enquanto um mágico tirava toda espécie de coisas de suas orelhas e de seu nariz e fazia rir às crianças, todas de pé em volta dele, gritando entusiasmadas e batendo palmas, aconteceu o pior.

“Minha querida”, disse uma tia velhota ao contar esse fato a minha mãe, “você realmente jamais viu coisa igual! Pobre criança! Bem no meio do chão. *Como um cavalo!*”

Marie deve ter-nos deixado algum tempo antes da morte de meu pai. Talvez um ano ou dois. Fora contratada para ficar dois anos na Inglaterra, mas acabou ficando pelo menos mais um ano. Marie sentia saudades de sua família e também, acredito, sensata e dona de apurado senso prático, considerou que era tempo de pensar seriamente, à maneira francesa, em seu casamento. Economizara um dote razoável; portanto, em meio a lágrimas e abraços amigos, partiu, deixando-me muito só.

Antes de sua partida, havíamos chegado a um acordo quanto ao futuro marido de minha irmã. Tratava-se de assunto, como já disse, que motivava contínuas especulações. A escolha definitiva de Marie fora “*le monsieur blond*”¹.

Minha mãe, quando era menina e morava com sua tia em Cheshire, tivera uma colega de escola de quem ficara muito amiga.

¹ “O senhor louro.” *Em francês no original. (N. da T.)* 110

Quando Annie Brown se casou com James Watts e minha mãe se casou com seu primo Frederick Miller, as duas moças protestaram que jamais se esqueceriam uma da outra, e que sempre manteriam correspondência e trocariam notícias. Embora minha avó tivesse deixado Cheshire para residir em Londres, as duas amigas não interromperam sua comunicação. Annie Watts teve cinco filhos — quatro rapazes e uma menina —, minha mãe teve três. Trocaram fotografias das crianças em várias idades, e mandavam-lhes mutuamente presentes pelo Natal.

Assim, quando minha irmã foi em visita à Irlanda para decidir se ia ou não ficar noiva de um certo jovem que estava ansioso por se casar com ela, minha mãe lembrou a Madge que visitasse Annie Watts, e esta convidou Madge a ficar um tempo em Abney Hall, em Cheshire, em seu retorno de Holyhead. Annie queria tanto conhecer uma das filhas de sua amiga Clara!

Madge, portanto, após uma temporada agradável na Irlanda, e tendo tomado a decisão de *não* se casar com Charlie P., interrompeu sua viagem de regresso para passar algum tempo com a família Watts. O filho mais velho, James, de vinte e um ou vinte e dois anos, estudante oxfordiano, era um belo jovem louro. Tinha uma voz bonita, não falava muito e prestava menos atenção a minha irmã do que a maior parte dos rapazes. Ela achou isso tão extraordinário que seu interesse foi estimulado. Madge dava muita atenção a James, mas não tinha certeza do efeito que produzia nele. De qualquer modo, quando regressou a casa, inaugurou-se entre ambos uma correspondência não muito regular.

De fato, James se apaixonara desde o momento em que conheceu Madge, mas não era de sua natureza exhibir emoções. Era tímido e reservado. No verão seguinte, ele veio passar algum

tempo conosco. Gostou logo de mim. Era gentil comigo, tratava-me sempre com seriedade e não fazia as habituais e estúpidas brincadeiras dos que me tratavam como se eu fosse uma garotinha. Para James eu era uma pessoa, e por isso afeiçoei-me muito a ele. Marie também gostava dele. De modo que “*le monsieur blond*” era constantemente discutido entre nós na sala de costuras.

“Não acho que realmente gostem um do outro, Marie.”

“Ah! *Mais out*, ele gosta muito dela, e quando ela não está notando, ele olha-a muito. Oh, sim, *il est bien épris*¹. E seria um bom casamento, muito sensato. Ele possui boas perspectivas de vida, segundo escuto dizer, e é *tout à fait un garçon sérieux*². Será, certamente, um bom marido. E *mademoiselle* é alegre, espirituosa, muito engraçada e risonha. Será bom para ela ter um marido tranqüilo e sólido, e ele a apreciará por ser tão diferente.”

Quem não gostava dele, penso, era meu pai, mas julgo que isso é inevitável nos pais de filhas encantadoras e alegres. Sempre desejam alguém tão bom, que esse alguém não existe neste mundo! É de se esperar que as mães sintam o mesmo a respeito das esposas de seus filhos. Como meu irmão não se casou, minha mãe, nesse sentido, não foi afetada.

Devo dizer que também ela nunca achou que os maridos das filhas fossem bons o bastante para elas, mas admitia que era uma falha de sua parte e não da parte deles. “É claro”, dizia ela, “não posso achar homem nenhum perfeito o bastante para qualquer das minhas filhas.”

¹ “Ele está bem apaixonado.” Em francês no original. (N. da T.)

² “Ele é um rapaz muito sério.” Em francês no original. (N. da T.)

Uma das minhas grandes alegrias na vida era o teatro local. Todos éramos loucos por teatro, na minha família. Madge e Monty iam ao teatro praticamente todas as semanas, e, habitualmente, eu tinha permissão de acompanhá-los. À medida que eu crescia, minhas idas ao teatro tornaram-se mais freqüentes. Ocupávamos poltronas na platéia — a platéia propriamente dita era considerada pouco elegante. A platéia custava um xelim, e nas poltronas, que eram as das duas filas da frente, logo atrás das dez primeiras filas, sentava-se a família Miller, gozando todas as espécies de realizações teatrais.

Não sei realmente se foi essa a primeira peça que vi, mas certamente entre as primeiras está *Hearts are trumps*, horrroso melodrama do pior gênero.

Nessa peça, a mulher malvada, chamada Lady Winifred, despojava uma bela jovem de sua fortuna; também havia tiros, e lembro-me claramente da última cena, em que um jovem suspenso por uma corda, nos Alpes, corta a corda e morre heroicamente para salvar a jovem que ele amava, ou o homem amado pela moça que ele próprio amava. Lembro-me de seguir a peça passo a passo. “Suponho”, lembro-me de ter comentado, “que os maus sejam de espadas.”¹ (Sendo meu pai um jogador de uíste, eu sempre ouvia conversas a respeito de cartas.) “Os menos maus são paus. Acho que Lady Winifred talvez seja de paus — porque se arrependeu —, e também o homem que cortou a corda na montanha, e os de ouros são frívolos”, disse eu, em meu tom vitoriano de desaprovação.

Um dos grandes acontecimentos de Torquay era a regata, que ocorria nas últimas segunda e terça-feira de agosto.

¹ Alusão ao título da peça, cuja tradução é “O trunfo é copas”. (N. do E.)

Eu quase morria de fome, fazendo economia desde o princípio de maio, para poder ir à regata. Quando digo que me lembro bem da regata, não quero significar exatamente que me lembro bem da corrida dos iates, mas da feira que tinha lugar nessa ocasião. Madge, é claro, costumava ir com papai para Haldon Pier, a fim de acompanhar as regatas, e habitualmente fazíamos uma festa familiar, antes do baile da regata à noite. Papai, mamãe e Madge iam ao chá do Regatta Yacht Club, à tarde, e a todos os acontecimentos ligados à vela — Madge não velejava senão quando não podia deixar de fazê-lo, porque sempre foi uma péssima marinheira. Contudo, mostrava interesse apaixonado pelos iates de nossos amigos. Havia piqueniques e festas, lado social da regata, do qual eu era jovem demais para participar.

Minha maior alegria, e pela qual eu ansiava, era a feira. O carrossel, onde eu cavalgava cavalos com crinas, que giravam sem parar, e uma espécie de montanha-russa que subia e descia ladeiras. Duas máquinas tocavam música aos berros e, quando nos aproximávamos dos cavalos do carrossel ou dos carrinhos da montanha-russa, as melodias, combinadas, resultavam numa horrível cacofonia. Depois havia ainda todas as exposições: a mulher gorda; madame Arensky, que predizia o futuro; a aranha humana, horrível, só de olhar; o tiro ao alvo, onde Madge e Monty gastavam sempre muito tempo e dinheiro. E barracas em que o alvo eram cocos e onde Monty geralmente ganhava grandes quantidades deles, levando-os para casa para mim. Eu adorava coco. O homem que tomava conta da barraca, por gentileza, também me deixava atirar e, de vez em quando, eu conseguia jogar um coco no chão. Nesse tempo, tudo era genuíno. Nos dias de hoje ainda existem dessas barracas nas feiras, porém os cocos são preparados de tal jeito, numa espécie de pires, que nada no

mundo, a não ser a sorte mais estupenda, aliada a muita força, poderá derrubá-los. Nesse tempo era-nos dada, esportivamente, uma “chance”. Em seis arremessos, normalmente acertava-se um, e Monty, uma vez, acertou cinco.

Máquinas elétricas de tiro ao alvo e coisas nesse gênero evidentemente ainda não existiam. Havia, porém, barracas que vendiam objetos variados. Minha paixão irresistível eram uns macacos que custavam um *penny*. Custavam realmente um *penny*, e eram pequenas e felpudas reproduções dos macacos verdadeiros, encimando um longo alfinete que se espetava no paletó. Todo ano eu comprava seis ou oito desses macacos e aumentava minha coleção — tinha-os cor-de-rosa, verdes, marrons, vermelhos, amarelos. À medida que os anos passaram, ficou cada vez mais difícil achar uma cor ou um feitio diferentes.

Nessa feira vendia-se também um *nougat* famoso, que só então aparecia. Atrás de uma mesa, um homem cortava pedaços dele de um bloco enorme, branco e rosa. Berrava, gritava e oferecia pedacinhos em leilão: “Agora, meus amigos, um pedaço maravilhoso por apenas seis *pence*! Está bem, amor, pode cortar ao meio! Agora vejam só, que acham deste aqui, por quatro *pence*?”, e assim por diante.

Também havia pedaços de *nougat* embrulhados que podíamos comprar por dois *pence*, mas a graça era entrar no leilão: “Esse aí é para aquela menininha. Sim, para você é só dois *pence* e meio”.

Quando eu já tinha mais ou menos doze anos de idade, apareceram os peixinhos dourados como novidade na regata. Foi grande o entusiasmo. O balcão inteiro se cobria de aquários, cada um com seu peixinho dourado. As pessoas atiravam bolas de pingue-pongue. Se a bola se alojava na boca do aquário, o peixe

era de quem acertava. Isso, como os cocos, era bastante fácil. Na primeira regata em que apareceram, conseguimos obter onze e levamo-los em triunfo até o tanque do jardim, onde os depositamos. Mas em breve o preço subiu de um para seis *pence* cada bola.

À noite, havia fogos de artifício. Como não podíamos enxergá-los de nossa casa, ou só avistávamos os foguetes que subiam muito alto, íamos passar a noite em casa de amigos que moravam bem perto do porto. Às nove horas, esses amigos ofereciam uma pequena recepção, servindo limonada, sorvetes e biscoitos. Outro dos encantos desse tempo — de que sinto tanta falta, já que não tenho a menor vocação alcoólica — eram os *garden parties*.

Os *garden parties* de antes de 1914 eram algo que merecia ser recordado. Todo mundo se vestia com muita elegância, de sapatos de salto alto, vestidos de musselina com faixas, grandes chapéus de palha italiana com rosas pendentes. Os sorvetes eram deliciosos — de morango, baunilha, pistache, laranja e framboesa, à escolha —, além das várias espécies de doces e de creme de leite, sanduíches, uvas moscatel, e nectarinas. Desses pormenores deduzo que os *garden parties* eram quase sempre dados no mês de agosto. Não me recordo de servirem morangos com creme de leite. É claro que não era fácil chegar ao porto. Os que não dispunham de carruagem, se eram idosos ou inválidos, alugavam uma; a gente moça, porém, caminhava dois ou três quilômetros e vinha de diferentes pontos de Torquay; alguns tinham a sorte de morar perto, outros moravam bastante afastados, porque Torquay é construída sobre sete colinas. Não há dúvida de que caminhar por uma colina em cima de saltos altos, segurando a longa saia na mão esquerda, o chapéu de sol na direita, era uma provação. Mas

valia a pena ir ao *garden party*.



Minha mãe em seu vestido de noiva, por volta de 1877.

Meu pai morreu quando eu tinha doze anos. Sua saúde piorara lentamente, e a doença não chegou a ser diagnosticada com exatidão. Não há dúvida de que as constantes preocupações financeiras enfraqueceram sua resistência.

Ele fora a Ealing passar uma semana com sua madrasta e ver vários amigos em Londres que poderiam conseguir-lhe um emprego. Nessa época, isso não era fácil. Ou se era advogado ou médico, ou administrador de uma fazenda, ou se pertencia ao exército ou à marinha, ou se era advogado do foro, mas o mundo dos negócios não proporcionava tantos empregos como mais tarde viria a ser possível. Existiam grandes empresas financeiras, tais como a de Pierpont Morgan e outras no gênero, onde meu pai tinha relações de amizade; todo mundo, porém, era profissional — pertencia a uma das casas bancárias onde sempre estivera desde a juventude, ou não. Meu pai, como muitos de seus contemporâneos, não fora preparado para nada em especial. Entregava-se a trabalhos de beneficência e a outras coisas semelhantes, que hoje em dia propiciariam remuneração, mas naquela época era diferente.

Sua posição financeira deixava-o perplexo; na realidade, depois de sua morte, também deixou perplexos seus testamentários. Tratava-se de saber onde fora parar o dinheiro legado por meu avô. Meu pai sempre vivera com o que supunha ser sua renda. Renda assegurada no papel, mas que, na verdade, ele jamais recebeu: havia sempre desculpas plausíveis para explicar e demonstrar que essa falta de dinheiro era apenas temporária — tratava-se de algumas obras especiais. Não há dúvida de que sua fortuna foi mal administrada pelos procuradores, mas era tarde demais para remediar isso.

Meu pai andava preocupado; fazia frio, ele resfriou-se, a gripe se transformou em pneumonia dupla. Mandaram chamar minha mãe, logo depois Madge e eu fomos também. Meu pai já estava muito doente. Minha mãe jamais o abandonava, quer de dia quer de noite. Na casa estavam também duas enfermeiras do

hospital. Eu vagueava por ali, infeliz e assustada, rezando fervorosamente para que meu pai ficasse bom de novo.



Minha irmã Madge, meu irmão Monty, meu pai, e eu aos dezesseis anos.
Pinturas de N. H. J. Baird.

Em minha mente ficou retido um quadro: era de tarde, eu estava de pé no patamar da escada. Subitamente, abriu-se a porta do quarto de meus pais. Minha mãe saiu, apressada, as mãos na

cabeça, sobre os olhos. Correu para o quarto próximo e fechou-se. Do quarto de meus pais saiu então uma das enfermeiras e falou para vovó, que vinha subindo as escadas: “Está tudo acabado”. Fiquei sabendo que meu pai morrera.

Não me levaram, é claro, ao funeral. Continuei a vagar pela casa, num estranho estado de vertigem. Algo terrível acontecera, algo que jamais pensara que *poderia* acontecer. As persianas das janelas foram fechadas, os abajures, acesos. Na sala de jantar, sentada em sua grande cadeira, vovó escrevia cartas, interminavelmente, em seu estilo peculiar. De vez em quando, abanava a cabeça com tristeza.

Minha mãe ficou o tempo todo deitada em seu quarto; só se levantou para ir ao enterro. Sei que por dois dias não comeu nada, pois ouvi Hannah comentar o fato. Lembro-me de Hannah com gratidão. Querida e velha Hannah, com seu rosto cansado e enrugado! Chamou-me para a cozinha, dizendo-me que precisava de alguém que a ajudasse no preparo dos doces. “Eles gostavam muito um do outro”, repetia Hannah. “Era um casal muito unido.”

Sim, era realmente um casal muito unido. Encontrei entre várias velharias uma carta escrita por meu pai a minha mãe, talvez apenas dois ou três dias antes de sua morte. Dizia de sua ânsia por voltar para junto dela em Torquay. Não fora nada satisfatória a ida a Londres, mas sentia que esqueceria todos os seus males tão logo estivesse de novo junto de sua queridíssima Clara. Continuava dizendo que já lhe declarara muitas vezes o que ela significava para ele; queria, porém, dizer-lhe outra vez: “Você é tudo para mim na vida; homem algum teve uma mulher como você. Cada ano que passa desde o nosso casamento, eu a amo mais. Agradeço-lhe seu afeto por mim, seu amor e sua compreensão. Deus a abençoe, minha querida, em breve

estaremos juntos de novo”.

Encontrei essa carta num pequeno caderno de capa bordada — uma que minha mãe bordara para ele quando mocinha e que lhe mandara para a América. Meu pai sempre a conservou, assim como dois poemas que ela escreveu também para ele. Minha mãe juntou-lhes essa carta.

A casa de Ealing, nesses dias, tinha aspecto um pouco sinistro. Estava sempre cheia de parentes que só falavam em murmúrios — vovó B., os tios, as mulheres dos tios, as tias postiças, as velhas senhoras amigas íntimas de vovó, todos sussurravam, suspiravam, abanavam as cabeças. E todo mundo vestia preto — eu própria usava roupa preta. Devo dizer que minhas roupas de luto eram meu único consolo: faziam com que me sentisse importante, sentia que tinha algum valor e que, vestindo luto, participava do que estava acontecendo.

Depois, houve mais murmúrios: “Realmente, Clara *tem* que reagir”. De vez em quando vovó falava: “Clara, você não gostaria de ler a carta que recebi do sr. B. ou da sra. C? Uma carta de condolências tão bonita! Acho que você ficaria sensibilizada se a lesse”. Minha mãe respondia ferozmente: “Não quero ler”.

Abria as cartas que recebia, e imediatamente as punha de lado. Só uma vez agiu de modo diferente: “É uma carta de Cassie?”, perguntou vovó. “Sim, titia, é de Cassie.” Dobrou-a e enfiou-a em sua bolsa. “Cassie entende”, disse, e saiu da sala.

Cassie era minha tia americana, a sra. Sullivan, Provavelmente, conheci-a quando era garotinha, mas só me recordo dela por ocasião de sua vinda a Londres, um ano depois da morte de meu pai. Era uma pessoa maravilhosa: uma mulher pequenina, de cabelos brancos, com o rosto mais alegre, mais doce que se possa imaginar, irradiando vitalidade, com uma

estranha juventude, ela, que tivera vida tão triste. Seu marido, a quem era totalmente dedicada, morrera bastante jovem. Tivera dois filhos, dois rapazes adoráveis, mas ambos morreram paráliticos. “Alguma *nurse* deve tê-los deixado sentados no gramado úmido”, comentava minha avó. Suponho que, na realidade, morreram de poliomielite, doença não diagnosticada naquele tempo, e que sempre era chamada de febre reumática, resultante da *umidade*, e que levava à paralisia deformante. Seja como for, seus dois filhos haviam morrido. Um de seus sobrinhos, já adulto, que morava na mesma casa, também sofrera de paralisia e ficara inválido para toda a vida. Todavia, a despeito de suas perdas, a despeito de tudo, a tia Cassie era alegre, cheia de vivacidade e de uma simpatia humana como nunca encontrei em mais ninguém. Era a pessoa que minha mãe mais ansiava por ver nesse momento. “Cassie entende-me. Ela sabe que não adianta dizer frases consoladoras.”

Lembro-me de que eu era usada como a emissária da família, e de que alguém — talvez vovó ou uma das minhas tias — me chamou de parte e murmurou que eu deveria consolar minha mãe, que deveria ir para o quarto onde ela permanecia deitada e fazer-lhe ver que meu pai agora estava feliz, que estava no céu, que estava em paz. Bem que eu queria — como todo mundo, era nisso que eu acreditava. Entrei no quarto, timidamente, com aquela vaga sensação que as crianças têm quando estão fazendo o que lhes disseram ser *certo* e o que *sabem* ser certo, mas que de algum modo sentem, por motivos que elas próprias não entendem, que pode ser *errado*. Aproximei-me timidamente de minha mãe e toquei nela: “Mamãe, papai está em paz agora. Está feliz. Você não quereria que ele voltasse de novo, não é mesmo?”

Subitamente, minha mãe ergueu-se na cama com um gesto

violento que me sobressaltou, e me fez pular para trás. “Sim, querida, eu quereria”, gritou com voz enrouquecida. “Sim eu quereria. Faria tudo no mundo para tê-lo de volta, tudo, tudo, tudo! Eu o forçaria a voltar para mim, se pudesse. Eu o quero. Quero-o de volta *aqui*, agora, neste mundo, *comigo*.”

Encolhi-me e saí, bastante assustada. Minha mãe falou-me rapidamente: “Está tudo bem, querida. Está tudo certo. Só que não estou me sentindo muito bem; não estou me sentindo bem neste momento. Obrigada por ter vindo aqui”. Beijou-me, e fui embora, confortada.

Terceira parte
ADOLESCÊNCIA

I

Depois da morte de meu pai, nossa vida tomou um rumo completamente diferente. Saí do mundo da minha infância, um mundo de segurança e despreocupação, para entrar no mundo assustador da realidade. Creio não haver dúvida de que a estabilidade do lar provinha do homem da casa. Todos ríamos quando surgia a frase: “Seu pai é quem”; essa frase, porém, representa a característica que tanto marcou a última fase da vida vitoriana. O pai era um rochedo sobre o qual assentava a família. O pai gostava das refeições em horas certas; o pai não deveria ser incomodado depois do jantar; o pai pedia que você tocasse um dueto com ele. Tudo isso se aceitava sem discutir. Era o pai quem providenciava a alimentação; o pai quem se encarregava do bom funcionamento do lar; o pai quem dava as aulas de música.

Meu pai sentia grande orgulho de Madge e apreciava sua companhia, quando ficou mocinha. Gostava de seu espírito e de sua beleza; eram grandes companheiros. Encontrava em Madge, acho, um pouco da alegria e do humor que faltavam em minha mãe; no mais íntimo de seu coração, porém, nutria um sentimento muito especial por sua caçulinha, pelo “pós-escrito”, pela pequena Agatha. Nós dois partilhávamos um poema predileto:

“Agatha-Pagatha, minha galinha preta,
Ela põe ovos para os senhores,
Ela pôs seis ovos, pôs sete

E um dia ela pôs onze!”

Meu pai e eu gostávamos muito dessa quadrinha em especial.

Mas creio que era Monty, realmente, seu filho preferido. Seu amor por ele era maior do que o que podia sentir por qualquer uma das filhas. Monty era um rapaz afetuoso e gostava muito de nosso pai. Infelizmente, porém, não lhe proporcionava a menor satisfação em suas tentativas de obter êxito na vida, e meu pai vivia incessantemente preocupado a seu respeito. De certo modo, acredito, seus tempos mais felizes com Monty foram depois da guerra da África do Sul, quando Monty foi prestar serviço num regimento regular, o East Surrey, e com esse regimento seguiu da África do Sul para a Índia. Parecia então que tudo dera certo, e que Monty se fixara na vida militar. Apesar das preocupações financeiras, meu pai ficou aliviado pelo menos do problema de Monty.

Madge casou-se com James Watts nove meses depois da morte de nosso pai, apesar de se sentir um pouco relutante em abandonar nossa mãe. Mas esta insistia para que o casamento se realizasse depressa. Minha mãe dizia — e era sincera — que, à medida que o tempo passasse, mais difícil lhe seria separar-se de Madge, porque ficavam cada vez mais ligadas uma à outra. O pai de James desejava que ele se casasse bastante jovem. James acabara seus estudos em Oxford e iria imediatamente dedicar-se aos negócios, e seu pai achava que seria melhor para ele casar-se com Madge e instalar-se logo em sua própria casa. O sr. Watts ia construir uma casa para seu filho num dos seus terrenos, e o jovem casal se instalaria lá. Ficou tudo combinado.

O testamenteiro americano de meu pai, Auguste Montant, veio de Nova York e ficou uma semana conosco. Era um homem

grande e gordo, cordial, encantador, e não poderia ter sido mais amável para com minha mãe. Disse-lhe francamente que os assuntos financeiros de meu pai estavam muito confusos, e que ele fora muito mal aconselhado pelos advogados e outras pessoas que pretensamente agiam em seu favor. Muito dinheiro fora desperdiçado na tentativa de melhorar as propriedades de Nova York, com resultados medíocres. Achava melhor abandonar boa parte dessas propriedades para poupar nos impostos. A renda restante seria muito pequena. A grande fortuna deixada por meu avô parecia ter-se dissipado no ar. H. B. Claffin & Co., a firma de que meu avô fora sócio, manteria a renda de vovó, por sua condição de viúva de um sócio, e daria também uma pequena pensão à minha mãe. Nós, os três filhos, pelo testamento de meu avô, receberíamos em moeda inglesa cem libras cada um. O resto da grande soma de dólares fora também empregado em propriedades e tinha sumido, pois muitas delas haviam sido vendidas depois por uma ninharia.

Levantava-se agora a questão de saber se minha mãe poderia manter a casa de Ashfield. Sobre esse assunto, penso que a opinião de minha mãe era melhor que a de qualquer outra pessoa. Achava que seria insensato ficar ali. A casa, no futuro, necessitaria de consertos que lhe seria difícil fazer, dispendo de tão pequena renda — seria possível, porém difícil. Minha mãe achava melhor vender a casa e comprar outra menor em qualquer lugar de Devonshire, talvez perto de Exeter, que certamente seria de manutenção menos dispendiosa e nos deixaria algum dinheiro para acrescentar à renda mensal. Embora minha mãe não tivesse conhecimentos ou treino em negócios, possuía na realidade muito bom senso. Nesse caso, contudo, teve de enfrentar os protestos dos filhos. Tanto Madge como eu e Monty — que escrevera da

Índia — rebelamo-nos violentamente contra a venda de Ashfield e imploramos-lhe que conservasse a casa. Dissemos-lhe que era nosso lar, e que não poderíamos suportar a separação dessa casa. O marido de minha irmã disse que também poderia enviar à minha mãe uma pequena soma para ajudá-la. Se Madge e ele viessem no verão, ajudariam nas despesas. Finalmente, comovida, acredito, pelo violento amor que eu sentia por Ashfield, minha mãe cedeu. Concordou em que pelo menos iríamos experimentar conservar a casa.

Agora suspeito que minha mãe jamais gostou de morar em Torquay. Ela sentia paixão por cidades onde existissem catedrais, e sempre gostara de Exeter. Ela e meu pai passavam por vezes as férias em visita a cidades onde havia catedrais — porque minha mãe gostava, acredito, não porque meu pai se interessasse —, e acredito também que à minha mãe agradava a idéia de morar numa casa muito menor e perto de Exeter. Todavia, como não era egoísta e também gostava da mansão de Ashfield, esta continuou a ser nosso lar, e eu continuei a adorar a velha casa.

Agora sei que não foi sensato manter Ashfield. Poderíamos ter vendido a casa e comprado uma muito mais fácil de cuidar. Embora minha mãe fosse dessa opinião já naquele tempo, só mais tarde deve ter avaliado o quanto estava certa! Por que Ashfield foi tão importante para mim, por tanto tempo? Era meu berço, meu abrigo, o lugar a que sentia verdadeiramente pertencer. Jamais suportei a ausência de raízes. Era loucura nosso apego teimoso a essa casa, mas a mim ela deu-me algo muito precioso: um tesouro de recordações. Também me deu trabalho, preocupações, despesas e dificuldades — mas não é certo que sempre temos que pagar um preço por tudo o que amamos?

Meu pai morreu em novembro, e o casamento de minha irmã

foi em setembro do ano seguinte. Foi um casamento tranqüilo, sem recepção, devido ao luto em que ainda estávamos pela morte de meu pai. Foi também um casamento bonito, na velha igreja de Tor. Gostei muito da cerimônia, e sentia-me muito importante como dama de honra da noiva, vestida de branco e com uma coroa de flores na cabeça.

O casamento realizou-se às onze horas da manhã, e oferecemos um almoço em Ashfield. O feliz casal recebeu muitos e lindos presentes de casamento, e suportou todas as torturas que meu primo Gerald e eu própria pudemos imaginar. Durante a lua-de-mel, caía arroz de toda peça de roupa que Madge tirava das malas. Atamos sapatos de cetim à carruagem em que foram embora, e escrevemos a giz na parte de trás (depois que ela já fora cuidadosamente examinada para que nada disso pudesse acontecer): “Que maravilha ser chamada de sra. “Watts!” Assim partiram para a lua-de-mel na Itália.

Minha mãe, depois, foi deitar-se, exausta e chorosa, e o sr. e a sra. Watts foram para o hotel — onde, possivelmente, a sra. Watts também chorou. Este é, segundo parece, o efeito dos casamentos nas mãos dos noivos. Os jovens Watts, meu primo Gerald e eu fomos deixados sozinhos, e olhávamo-nos desconfiados, como cachorros que não se conhecem, cogitando se poderíamos ou não entender-nos uns com os outros. A princípio, ocorreu um natural antagonismo entre mim e Nan Watts. Infelizmente, segundo os costumes da época, fôramos preparadas de antemão a respeito uma da outra, pelas respectivas famílias. A Nan, que parecia uma mocinha alegre e turbulenta, haviam explicado que Agatha sempre se comportava bem e que era “calma e cortês”. Enquanto louvavam a Nan meu decoro e solenidade, *eu* fora advertida acerca de Nan, de quem me disseram: “não é

encabulada, responde sempre quando alguém lhe dirige a palavra — jamais se ruboriza ou resmunga, nem fica silenciosa”. Ambas, portanto, nos olhávamos com grande má vontade.

Seguiu-se meia hora muito difícil, mas depois as coisas melhoraram. Acabamos organizando uma espécie de corrida de obstáculos à roda da sala de aulas, dando pulos selvagens do alto de cadeiras empilhadas umas sobre as outras, e aterrando sempre no grande e já bastante velho sofá. Todos ríamos, berrávamos, gritávamos, e nos divertimos gloriosamente! Nan modificou sua opinião a meu respeito — aqui estava alguém que decerto poderia ser tudo menos calma, visto que gritava o mais que podia. Eu modifiquei minha opinião acerca de Nan, e passei a não achá-la presunçosa nem falante demais, nem alguém que parecesse imitar os adultos. Divertimo-nos muito, gostamos todos uns dos outros, e as molas do sofá ficaram quebradas para sempre. Depois, houve uma refeição de sanduíches e fomos ao teatro ver *The pirates of Penzance*. Desde então, ficamos amigas para toda a vida. Afastávamo-nos por vezes, aproximávamo-nos de novo, e tudo parecia inalterável quando estávamos juntas. Nan é uma das amigas de quem mais sinto falta agora. Só com ela e com poucas pessoas mais posso falar de Abney, de Ashfield e dos tempos passados, dos cachorros de nossas travessuras, de nossos namorados e das peças de teatro que imaginávamos e representávamos.

Depois da partida de Madge, começou a segunda parte de minha vida. Eu era ainda uma garotinha, embora a primeira fase da infância houvesse passado. O brilho das alegrias, o desespero das tristezas, a monumental importância de cada dia da nossa

vida: tais são as marcas da infância. Junto com elas fogem para sempre o sentimento de segurança e a completa ausência de preocupação pelo dia seguinte. Já não éramos mais os Millers — uma família. Agora, minha mãe e eu éramos duas pessoas morando juntas: uma mulher de meia-idade e uma garota ingênua e inexperiente. Tudo *parecia* igual, mas a atmosfera era diferente.

Depois da morte de meu pai, minha mãe começou a sofrer de crises cardíacas. Sobrevinham sem o menor aviso, e nada do que os médicos lhe receitavam produzia qualquer efeito. Pela primeira vez, eu soube o que era ficar ansiosa por causa de alguém, embora, ao mesmo tempo, na minha condição de criança, minha ansiedade fosse naturalmente exagerada. Costumava acordar de noite, o coração em disparada, certa de que minha mãe estava morta. Doze ou treze anos já é idade para sofrer de angústia. Acho que sabia que estava sendo boba e cedendo a sentimentos exagerados, mas não conseguia conter-me. Levantava-me de noite, caminhava de leve pelo corredor e ajoelhava junto da porta do quarto de mamãe, a cabeça encostada aos gonzos, tentando escutar sua respiração. Frequentemente, ficava logo tranqüila: um abençoado ronco me recompensava. Minha mãe ressonava de modo especial, começando delicadamente e *pianissimo*, subindo até uma terrível explosão, depois da qual ela geralmente se virava na cama e não havia repetição, pelo menos por outros três quartos de hora. Se a escutava roncar, ia de novo para a minha cama e adormecia, encantada; se não ouvia nada, ficava ali, infeliz e apreensiva. Teria sido mais sensato abrir a porta e entrar para me sossegar, mas, não sei por quê, isso jamais me ocorreu, ou talvez minha mãe costumasse fechar à chave a porta de seu quarto.

Eu não contava à minha mãe essas terríveis crises de ansiedade, e creio que ela jamais suspeitou delas. Quando ela saía

para a cidade, eu também sofria do terror de que fosse atropelada. Tudo isso agora parece tão estúpido e desnecessário! Aos poucos, foi passando. Acredito que meus temores tenham durado um ou dois anos. Mais tarde, dormia no quarto de vestir de meu pai, junto ao quarto dela, com a porta ligeiramente entreaberta, de modo que, se minha mãe tivesse uma crise de noite, pudesse entrar, erguer-lhe a cabeça e dar-lhe um pouco de conhaque e sais. Logo que passei a dormir perto dela, não sofri mais das terríveis ansiedades. Sempre fui sobrecarregada de imaginação. Isso foi-me útil em minha profissão, pois é base indispensável à obra do ficcionista, mas pode fazê-lo passar alguns momentos bastante ruins em sua vida pessoal.

As condições de nossa vida mudaram depois da morte de meu pai. Nossa vida social praticamente cessou. Minha mãe via alguns dos seus velhos amigos, e mais ninguém. Estávamos muito mal de finanças, e tínhamos que economizar de todas as maneiras possíveis. Era, afinal, tudo o que podíamos fazer para manter Ashfield. Minha mãe não oferecia mais jantares ou almoços. Havia duas empregadas em lugar de três. Minha mãe tentou convencer Jane de que não possuíamos dinheiro, e de que ela teria que se contentar com duas empregadas inexperientes a quem pagávamos menos, mas acentuou que ela, Jane, que cozinhou maravilhosamente, tinha direito a um bom salário, e estava certo que o tivesse. Minha mãe disse-lhe que procuraria para Jane uma casa onde recebesse o dinheiro que merecia, e onde contasse com uma ajudante. “É o que você merece”, disse-lhe minha mãe.

Jane, porém, não demonstrou emoção alguma; mastigava algo nessa ocasião, como sempre. Abanou vagarosamente a cabeça, continuou mastigando por algum tempo, e depois disse: “Muito bem, minha senhora. Faça o que quiser. A senhora é quem

sabe”.

Na manhã seguinte, contudo, reapareceu. “Gostaria de falar com a senhora. Estive pensando, e acho que prefiro ficar aqui. Entendo o que a senhora falou, e estou preparada para receber um salário menor; estou aqui há muito tempo. Meu irmão tem insistido comigo para que vá tomar conta da casa dele, quando se aposentar. Isso acontecerá dentro de quatro ou cinco anos. Até lá, gostaria de ficar com a senhora.”

“É muita bondade sua”, disse minha mãe, comovida. Jane, que tinha horror a demonstrar emoção, disse: “É o mais adequado”, e saiu majestosamente da sala.

Nesse arranjo, havia apenas um inconveniente. Acostumada a cozinhar de certa maneira por tantos anos, Jane não conseguia modificá-la. Se havia um assado, era sempre uma enorme peça de carne. Empadões colossais, tortas enormes, pudins pantagruélicos apareciam à nossa mesa. Minha mãe dizia: “Cozinhe apenas o bastante para duas pessoas, Jane, não esqueça”; ou então: “Apenas comida que chegue para quatro”. Jane jamais conseguiu. A escala de hospitalidade de Jane era terrivelmente dispendiosa para nossas possibilidades: todos os dias da semana apareciam para o chá sete ou oito de seus amigos e comiam doces, pãezinhos, bolos de cevada e tortas de geléia. A certa altura, desesperada, vendo as contas da casa subir, minha mãe disse-lhe gentilmente que, visto que nossa vida mudara, talvez Jane não se incomodasse de receber seus amigos para o chá apenas um dia por semana. Essa medida economizaria certo desperdício, pois pelo menos evitaria se fazerem preparativos dispendiosos sem certeza de que as pessoas apareceriam. Daí por diante, Jane só receberia às quartas-feiras.

Nossas próprias refeições eram agora bem diferentes das

antigas, com três ou quatro pratos. Os jantares foram totalmente cortados: minha mãe e eu comíamos um macarrão com queijo, ou arroz-doce, ou qualquer coisa desse gênero, à noite. Receio que isso entristecesse Jane. Também, pouco a pouco, minha mãe conseguiu encomendar ela própria as compras, o que anteriormente era feito por Jane. Um dos amigos de meu pai se divertira muito ao escutar Jane fazendo suas encomendas pelo telefone, com sua profunda voz de contralto e seu sotaque do Devonshire: “E quero também seis lagostas *fêmeas* e camarões grandes — nada menos do que isso...” Esse final tornou-se uma frase favorita na família: “Nada menos do que isso”. Não foi usada só por Jane, mas também por outra cozinheira que tivemos mais tarde, a sra. Potter. Que esplêndidos tempos para os fornecedores!

“Mas já encomendei doze filés de linguado, minha senhora”, dizia Jane, mostrando-se aflita. O fato de não existirem lá em casa bocas bastantes para devorar doze filés de linguado, incluindo-se o pessoal da cozinha, jamais a preocupou.

Nenhuma dessas alterações foi para mim muito evidente. Luxo ou economia não têm muito significado, quando somos jovens. Se compramos balas em vez de chocolates, a diferença não é notável. Sempre preferi cavalas a linguados, e sempre achei que uma pescadinha frita é um peixe muito gostoso.

Minha vida pessoal não foi alterada. Lia quantidades enormes de livros — continuei com o resto dos livros de Henty e travei conhecimento com Stanley Wyman. (Que gloriosos contos históricos! Li *The Castle Inn* faz pouco tempo, e voltei a achá-lo ótimo.)

The prisoner of Zenda foi minha introdução ao romance, como fora também para muitas outras pessoas. Li-o mais de uma vez. Apaixonei-me profundamente — não por Rudolf Rassendyll,

como seria de esperar, mas pelo verdadeiro rei, prisioneiro que suspirava na masmorra. Ansiava por socorrê-lo, salvá-lo, assegurar-lhe que eu — Flavia, é claro! — o amava, e não a Rudolf Rassendyll. Também li toda a obra de Júlio Verne em francês — *Le voyage au centre de la terre* foi, por muitos meses, meu livro favorito. Adorava o contraste entre o sobrinho prudente e o tio vaidoso. Qualquer livro de que realmente gostasse eu lia de novo, com meses de intervalo; depois de um ano, como era inconstante, escolhia outro livro predileto.

Também havia os livros de L. T. Meade, para moças, que desagradavam muito a minha mãe; achava que as moças neles descritas eram vulgares, e só pensavam em ser ricas e usar roupas elegantes. Secretamente, eu gostava bastante delas, sentindo-me culpada por meus gostos serem vulgares! Alguns dos livros de Henty eram-me lidos por minha mãe, embora ela se exasperasse ligeiramente com as descrições longas demais. Também me lia um livro chamado *The last days of Bruce*, do qual ambas gostávamos muito. Quanto a estudos, fui encarregada de ler um livro chamado *Great events of history*, e depois era interrogada acerca de cada capítulo. Era um texto muito bom. Nele aprendi grande parte dos acontecimentos que ocorreram na Europa e em outras partes do mundo, ligados à história dos reis da Inglaterra, desde o pequeno Artur. Como era agradável dizerem-nos firmemente que Fulano de Tal fora mau rei! Esse livro tinha uma espécie de dogmatismo bíblico! Aprendi as datas correspondentes aos reis da Inglaterra e os nomes de todas as esposas — informações que jamais me foram de grande utilidade.

Todos os dias, eu era obrigada a aprender a ortografia de páginas inteiras de palavras! Suponho que esse exercício me fez bem, mas nem por isso deixei de cometer erros de ortografia, e

assim permaneci até hoje.

Meus prazeres principais eram a música e ainda outras atividades, nas quais fui iniciada por uma família chamada Huxley. O dr. Huxley tinha uma esposa um pouco distraída, mas inteligente. Tinha cinco filhas — Mildred, Sybil, Muriel, Phyllis e Enid. Minha idade ficava entre a de Muriel e a de Phyllis, e Muriel tornou-se minha melhor amiga. Seu rosto era comprido, mas com umas covinhas engraçadas, o que não é comum em rostos compridos. Tinha cabelos de um louro pálido e ria demais. Primeiro, entrei para sua aula semanal de canto. Eram aproximadamente dez moças que cantavam melodias a várias vozes e oratórios, sob a direção de um mestre-cantor, o sr. Crow. Também havia a “orquestra”: Muriel e eu tocávamos bandolim, Sybil e uma moça chamada Connie Stevens tocavam violino, e Mildred, violoncelo.

Recordando esses tempos da orquestra, penso que a família Huxley era empreendedora. Os mais esnobes dos habitantes de Torquay olhavam um pouco de soslaio para “essas moças Huxleys”, principalmente porque tinham o hábito de caminhar para um lado e para outro no Strand, que era o centro comercial da cidade, entre meio-dia e uma hora da tarde, primeiro as três, em fila, de braço dado, depois as outras duas e a governanta; balançavam seus braços, caminhando para cima e para baixo, rindo e brincando, e — pecado capital para essa gente — *não usavam luvas!* Naquele tempo, coisas assim constituíam ofensas sociais. Contudo, como o dr. Huxley era, de longe, o médico mais em moda em Torquay, e a sra. Huxley era conhecida como pessoa “bem-relacionada”, as moças acabaram por ser consideradas socialmente aceitáveis.

Os costumes sociais eram curiosos. Eram esnobes, suponho,

mas, por outro lado, certo tipo de esnobismo era também malvisto. Pessoas que mencionavam a aristocracia com frequência nas conversas não eram bem aceitas, e zombava-se delas. Sucederam-se três fases durante esse período de minha vida. Na primeira, as perguntas costumavam ser: “Mas quem é ela, querida? Quem é a família dela? Será dos Twiddledos de Yorshire? Claro, hoje em dia estão muito mal de finanças, muito mal mesmo, porém *ela era uma Wilmot*”. A essa fase sucedeu: “Oh, sim, claro, *são terríveis*, mas são também imensamente *ricos*”. “Será que a gente que está morando em The Larches é rica? Oh, bem, então seria bom visitá-los.” A terceira fase era ainda diferente: “Querida, será que eles são *divertidos*?” “Sim, claro, não têm lá muito dinheiro e ninguém sabe de onde vieram, mas são *muito divertidos*.” Depois dessa digressão pelos valores da vida social, será melhor que regresse à minha orquestra.

Será que fazíamos um barulho insuportável? Provavelmente. Todavia, divertíamos-nos bastante, e aumentamos nossos conhecimentos musicais. E fomos conduzidas a algo mais interessante, a preparação de uma encenação de Gilbert e Sullivan.

Os Huxleys e seus amigos já haviam representado *Patience* — isso antes que eu me juntasse a eles. A nova realização em vista era *The yeomen of the guard* — um empreendimento ambicioso. De fato, hoje em dia surpreende-me que os pais de minhas amigas nunca as tenham desencorajado. Mas a sra. Huxley vivia num mundo seu, maravilhosamente alheia a tudo, pelo que, devo dizer, eu a admirava, tanto mais que, nesse tempo, os pais não eram estranhos às atividades dos filhos. A sra. Huxley encorajava suas filhas a fazerem o que queriam, ajudava-as se pediam sua ajuda e, se não pediam, deixava-as entregues a suas distrações. As

personagens de *The yeomen of the guard* foram devidamente distribuídas. Eu possuía uma boa voz de soprano, a única soprano de que dispunham, e fiquei naturalmente no sétimo céu quando me escolheram para desempenhar o papel do coronel Fairfax.

Tivemos pequenas dificuldades com minha mãe, cujo modo de ver quanto ao que as moças deviam usar nas pernas em público era antiquado. Para ela, pernas eram pernas, algo decididamente indelicado. Aparecer em público de calções, ou algo desse tipo, seria, pensava minha mãe, completamente indecoroso. Suponho que na época eu tivesse treze ou catorze anos de idade e um metro e setenta de altura. Não havia ainda sinais, infelizmente, do busto cheio e desenvolvido que eu tanto esperara quando estava em Cauterets. E a farda de *The yeomen of the guard* até que foi considerada bastante apropriada para mim, embora tivesse que ser feita com calças de golfe bastante largas; os cavalheiros elizabetanos, porém, apresentaram mais dificuldades. Hoje esse problema parece-me ridículo, mas naquele tempo era sério. Foi resolvido por minha mãe, que me deu licença para usar a farda, exigindo em troca que usasse uma capa lançada sobre o ombro, para disfarçar as calças. Foi, portanto, feita uma capa, de um pedaço de veludo azul-turquesa, encontrado entre as coisas de vovó. (As “coisas” de vovó estavam guardadas em várias arcas e gavetas, e eram constituídas por toda espécie de tecidos ricos e bonitos, sobras que ela comprara em vários saldos nos últimos vinte e cinco anos, e de cuja existência já mal se lembrava.) Não era lá muito fácil representar usando uma capa drapeada sobre um ombro e jogada sobre o outro, de modo que as “indelicadezas” das pernas ficassem mais ou menos escondidas do público.

Tanto quanto posso lembrar-me, não senti o pânico do palco, coisa bastante estranha para uma pessoa como eu, terrivelmente encabulada, que freqüentemente não conseguia entrar em uma loja e cujos dentes rangiam quando chegava a uma grande festa. Entre minhas atividades, porém, existia uma que não me causava o menor nervosismo: o canto. Mais tarde, quando estudei piano e canto em Paris, perdia a cabeça quando tinha que tocar piano no concerto do colégio; mas, se tinha de cantar, não sentia nervosismo algum. Talvez por causa de meu prévio e precoce treinamento em *Is life a boon?* e o resto do repertório do coronel Fairfax. Não tenho dúvida de que *The yeomen of the guará* foi um dos mais emocionantes momentos de minha existência. Não posso, porém, deixar de pensar que talvez tenha sido bom deixar de representar ópera, porque uma experiência de que realmente gostamos não deve ser repetida.

Uma das coisas estranhas que sucedem quando pensamos no passado é que raramente sabemos como ou por que tiveram fim certos episódios que ocorreram. Não consigo recordar se, depois dessa ocasião, participei de muita coisa com os Huxleys; no entanto, tenho certeza de que não houve quebra em nossa amizade. Por certo tempo, parece que nos víamos todos os dias, e depois só me recordo de escrever a Lully na Escócia. Talvez o dr. Huxley se tivesse mudado para outro lugar, ou se tivesse aposentado. Não recordo também nenhuma despedida. Lembro-me de que os termos de amizade de Lully eram claramente definidos: “Você não pode ser minha *melhor* amiga”, explicava, “por causa dessas moças escocesas, as McCrackens. Elas *sempre* foram nossas melhores amigas. Brenda é minha melhor amiga, e Janet é a melhor amiga de Phyllis; mas você pode ser minha segunda melhor amiga”. Assim, contentei-me em ser a segunda

melhor amiga de Lully, e essa combinação foi feliz, visto que as “melhores amigas”, as McCrackens e as Huxleys, só se encontravam com intervalos de aproximadamente dois anos.

II

Deve ter sido por volta do mês de março que minha mãe anunciou que Madge estava esperando bebê. Fiquei espantada, olhando para ela. “Madge vai ter um *bebê*.” Eu estava estatelada! Ainda hoje não entendo por que não conseguia imaginar Madge com um bebê — afinal de contas, era um acontecimento bastante freqüente —, mas essas coisas são sempre mais surpreendentes quando acontecem na nossa família. Eu aceitava meu cunhado James, ou Jimmy, como o apelidávamos habitualmente, e era-lhe muito dedicada. Agora, porém, surgia algo diferente.

Como sempre sucedia comigo, passou-se algum tempo antes que me acostumasse a essa idéia. Provavelmente fiquei sentada, de boca aberta, por alguns minutos. Depois disse: “Oh! Isso será maravilhoso! Quando chega o bebê? Na próxima semana?”

“Não chega tão cedo”, disse minha mãe. E sugeriu que talvez nascesse no mês de outubro.

“Outubro?” Fiquei profundamente desgostosa. Imaginem ter que esperar todo esse tempo! Não posso recordar com muita clareza qual era minha atitude, nessa época, relativamente a sexo — eu devia ter entre doze e treze anos; em todo caso, não me parece que ainda acreditasse na teoria dos doutores com suas malas pretas ou na dos celestes visitantes alados. Já entendera então que se tratava de um processo físico, mas sem sentir muita curiosidade a esse respeito, nem interesse. Todavia, tinha feito

minhas modestas deduções: primeiro, o bebê ficava *dentro* da mãe, e depois, na devida ocasião, ele vinha para *fora* da mãe; refleti acerca do processo, e decidi situar no umbigo o local da saída. Não podia entender para que *servia* esse buraco redondo, bem no meio de minha barriga — só poderia ser para isso. Portanto, é claro que *tinha* algo a ver com a produção de um bebê.

Anos mais tarde, minha irmã contou-me que também ela tivera idéias bastante definidas a respeito desse assunto. Madge achava que seu umbigo era uma fechadura da qual existia uma chave, guardada por minha mãe, que a entregaria ao marido para que a abrisse na noite de núpcias. Tudo isso parecia tão razoável, que não me admira que Madge acreditasse firmemente nessa teoria.

Fui para o jardim pensar no assunto, e fiquei cogitando por bastante tempo. Madge ia ter um bebê. Era uma perspectiva maravilhosa, e quanto mais pensava nela mais me entusiasmava. Ia ser tia — o que era coisa de adultos, e coisa importante. Eu lhe compraria brinquedos e deixaria o bebê brincar com minha casa de bonecas, e teria que prestar atenção para que Christopher, meu gatinho, não o arranhasse. Passada uma semana, deixei de pensar nisso; andava absorvida por outros acontecimentos diários. Faltava muito tempo para outubro.

Em agosto, um telegrama levou minha mãe a viajar. Disse-me que teria que passar algum tempo com minha irmã em Cheshire. Titia-vovó morava conosco nessa ocasião. A partida súbita de minha mãe surpreendeu-me muito, mais não especulei a respeito disso, porque minha mãe fazia sempre tudo repentinamente, sem aparente preparação ou reflexão. Eu estava, recordo-me, no jardim, no gramado de tênis, olhando esperançosamente para as pereiras, para ver se achava alguma

pêra madura, quando Alice me veio buscar: “É quase hora do almoço e tem que vir para casa, menina Agatha. Há uma notícia à sua espera, também.”

“Que notícia?”

“Você ganhou um sobrinho pequenino, menina Agatha”, disse Alice.

“Um sobrinho? Mas eu só ia ter um sobrinho em outubro!”, objetei.

“Ah! Nem tudo acontece sempre como pensamos”, respondeu Alice. “Agora venha para casa.”

Fui para casa e encontrei vovó na cozinha, com um telegrama na mão. Bombardeei-a com perguntas. Como era o bebê? Por que chegara antes de outubro? Vovó retorquiu com outras perguntas, com aquela perícia em desviar perguntas bem conhecida dos vitorianos. Achava-se, creio, numa conversa obstétrica com Jane quando entrei, porque baixaram as vozes e murmuraram algo como: “O outro médico disse: deixe seguir o trabalho de parto; mas o especialista foi firme”. Tudo era misterioso e interessante. Minha mente estava inteiramente fixada em meu sobrinho. Quando vovó ia trincar o pernil de carneiro, eu disse:

“Mas como é o bebê? Qual é a cor dos cabelos dele?”

“Provavelmente, não tem cabelos. Nem sempre os bebês nascem com cabelos.”

“Careca?”, disse eu, decepcionada. “Tem o rosto muito vermelho?”

“Possivelmente.”

“Qual é o tamanho dele?”

Vovó refletiu, parando de trincar, e mediu uma distância com a faca.

“Assim”, disse ela. Falava com a absoluta certeza de quem sabia. A mim, pareceu-me muito pequeno. Em todo caso, a notícia causara-me tal impressão que, se um psiquiatra me fizesse uma pergunta por associação e me desse como palavra chave “bebê”, eu teria respondido imediatamente: “faca de trinchar”. Pergunto a mim própria que espécie de complexo freudiano ele teria descoberto com essa resposta!

Estava encantada com meu sobrinho. Madge veio com ele para Ashfield um mês depois e, quando ele já tinha dois meses, foi batizado na velha igreja de Tor. Como sua madrinha, Norah Hewitt, não podia comparecer, fui autorizada a segurá-lo e a ser madrinha por procuração. Levei-o à pia batismal, sentindo-me muito importante, enquanto minha irmã rondava, nervosamente, junto de mim, temendo que eu deixasse cair o bebê. O sr. Jacob, nosso vigário, que eu conhecia muito bem, visto que me preparava para o crisma, tinha uma maneira esplêndida de tratar os bebês na pia batismal, entornando a água com muito jeito por cima de suas testas e adotando um movimento levemente embalador que sempre conseguia fazer cessar o choro deles. Meu sobrinho foi batizado com o nome de James Watts, como seu pai e seu avô. Na família, passaria a ser conhecido pelo apelido de Jack. Eu não podia deixar de sentir pressa em que ele crescesse e chegasse a uma idade em que eu pudesse brincar com ele, já que, nessa altura, sua principal ocupação era dormir.

Foi maravilhoso ter Madge em casa para uma estada mais longa. Confiava em que ela me contasse histórias e providenciasse muitas distrações. Foi Madge quem me contou pela primeira vez uma história de Sherlock Holmes, “O carbúnculo azul”, e depois disso fiquei sempre atrás dela, como uma praga, pedindo mais. “O carbúnculo azul”, “A Liga dos Cabeças Vermelhas” e “As cinco

sementes de laranja” eram minhas histórias preferidas, embora gostasse de todas elas. Madge era esplêndida contadora de histórias.

Antes de seu casamento ela escrevera, também, algumas histórias. Muitos dos seus contos foram aceitos em *Vanity Fair*. Conseguir a publicação de um conto em *Vanity Fair*, nesse tempo, era considerado um êxito, e nosso pai ficou extremamente orgulhoso de Madge. Ela escreveu uma série de contos, todos relacionados com esportes — “The sixth ball of the over”, “A rub of the green”, e “Cassie plays croquet”. Eram divertidos e espirituosos. Li-os de novo há aproximadamente vinte anos, e confirmei minha opinião de que ela escrevia muito bem. Talvez continuasse a escrever, se não tivesse se casado. Acho que Madge jamais se levou a sério como escritora, e talvez preferisse ser pintora. Era uma dessas pessoas que podem fazer tudo o que quiserem. Depois de casada, não escreveu mais histórias, mas dez ou quinze anos mais tarde começou a redigir peças teatrais. *The claimant* foi levada à cena por Basil Dean, do Royal Court, com Leon Quatermayne e Fay Compton. Escreveu mais uma ou duas peças, que não foram representadas em Londres. Madge era também uma atriz amadora bastante boa, e representou com o Manchester Amateur Dramatic. Não há a menor dúvida de que Madge era o membro talentoso da nossa família.

Pessoalmente, eu não possuía ambição. Sabia que não tinha queda para coisa alguma. Gostava de praticar tênis e croqué, mas nunca fui boa jogadora. Seria muito mais interessante dizer que sempre ambicionara tornar-me uma escritora e que estava decidida a, um dia, alcançar êxito; honestamente, porém, essa idéia jamais me passou pela cabeça.

Por acaso *apareci* impressa com a idade de onze anos.

Sucedeu da seguinte maneira: chegaram os bondes a Ealing — e a opinião pública local irrompeu em fúria. Acontecera uma coisa horrível em Ealing: um local tão maravilhosamente residencial, de ruas tão largas, casas tão bonitas, ter que suportar bondes, retinindo pelas ruas, para cima e para baixo! Falou-se em progresso, claro — mas essa palavra foi vaiada. Todo mundo escreveu para a imprensa local, para seus representantes no Parlamento, para todas as pessoas que lhes acudiram à mente. Os bondes eram, achava a gente de Ealing, algo vulgar e barulhento, que prejudicaria a saúde de todos. Havia um excelente serviço de ônibus, pintados de um vermelho vibrante, com a palavra “Ealing” em grandes letras, que iam de Ealing Broadway a Shepherds Bush, e outra linha extremamente útil, embora de aparência mais humilde, que ia de Hanwell a Acton. E também havia o velho mas bom trem de ferro da Great Western; para não mencionar o trem de ferro distrital.

Simplesmente não necessitávamos de bondes; eles, porém, chegaram. Inexoravelmente, chegaram, e houve choro e ranger de dentes — e Agatha viu publicado seu primeiro esforço literário, o qual consistia em um poema escrito no primeiro dia em que os bondes entraram em serviço. Era composto de quatro estrofes, e um dos tais cavalheiros já idosos que freqüentavam a casa de vovó, o galante ajudante-de-campo dos generais, tenentes-coronéis e almirantes, foi persuadido por ela a visitar o jornal local e sugerir que meu trabalho fosse publicado. Foi publicado, sim, e lembro-me ainda da primeira estrofe:

“Quando começaram a correr os bondes elétricos
Em seu escarlate glorioso
Foi bom, mas aqui o dia findou
E foi outra história”.

Depois eu continuava, zombando da “sapata que apertava”. (Houvera qualquer defeito elétrico em uma “sapata”, ou fosse lá o que fosse, que transportava a eletricidade para os bondes; depois de funcionarem por algumas horas, eles enguiçaram.) Fiquei exultante ao ver minha obra impressa, mas não posso dizer que esse fato me tenha levado a encarar uma futura carreira literária.

Na realidade, eu sonhava com uma única coisa — um casamento feliz. A esse respeito, tinha uma completa confiança em mim própria — como, aliás, todas as minhas amigas. Todas nós estávamos certas da felicidade que nos esperava. Ansiávamos pelo amor, ansiávamos por ter alguém que cuidasse de nós, nos acarinhasse e nos admirasse, e nossa intenção era satisfazermos nossa vontade nas coisas que nos interessassem, ao passo que, ao mesmo tempo, poríamos a vida de nossos maridos, suas carreiras e êxitos, acima de tudo, como era nosso dever, dever que cumpriríamos orgulhosamente. Não necessitávamos de pílulas ou sedativos; tínhamos alegria de viver, e acreditávamos na vida. Também sofriamos certas decepções pessoais — momentos de infelicidade —, mas de forma geral viver parecia-nos *divertido*. Talvez, para as moças de hoje em dia, viver também seja divertido — embora elas não aparentem isso. Contudo, talvez apreciem a melancolia; algumas pessoas gostam. Podem até gostar das crises emocionais que, parece, estão sempre pendentes sobre suas cabeças. Talvez gostem da ansiedade. É uma coisa do nosso tempo — a ansiedade. Meus contemporâneos estavam freqüentemente mal de finanças, e não conseguiam possuir uma quarta parte das coisas que ambicionavam. Por que, então, nos divertíamos tanto? Haveria uma espécie de seiva, sempre a subir dentro de nós, que hoje cessou de existir? Será que a abolimos ou a estancamos, com a educação atual ou, pior, será que a educação

e aquilo que a vida nos reserva se tornaram fontes de ansiedade?

Nesse tempo, éramos como flores estrepitosas — algumas de nós, apenas ervas daninhas, talvez; mas crescíamos todas exuberantemente, exercendo violenta pressão para surgir de entre as fendas dos pavimentos e das lajes, e nos locais menos auspiciosos, determinadas que estávamos a preencher nossas vidas e a nos divertir, rompendo para a luz do sol até que alguém viesse e nos espezinhasse. Mesmo machucadas por algum tempo, em breve erguíamos de novo a cabeça. Hoje em dia, infelizmente, parece que a vida aplica herbicidas (seletivos!) — não existe mais oportunidade de erguer de novo a cabeça. Dizem que' esses são os que não estão “aptos para viver”. Ninguém jamais diria de nós que não estávamos aptas para viver. Se dissessem, não teríamos acreditado. Só um assassino não era apto para viver. Hoje, parece que apenas os assassinos são aptos para viver.

O interesse verdadeiro de ser moça — em outras palavras, uma mulher em embrião — consistia no fato de a vida ser um jogo maravilhoso. *Não se sabia o que aconteceria conosco.* Não existiam preocupações quanto ao que seríamos ou faríamos — a biologia é que decidiria. Ficávamos à espera do Homem e, quando o Homem chegasse, mudaria nossas vidas de forma total. Pode-se dizer o que se quiser, essa é uma maneira excitante de encarar a vida, quando se está ainda em seu limiar. Que acontecerá? “Talvez case com alguém de carreira diplomática... Acho que gostaria de residir no estrangeiro e ver muitos lugares diferentes...” Ou então: “Não gostaria de casar com um marinheiro; teria que morar sempre à beira-mar”. Ou: “Casarei com um homem que seja construtor de pontes, ou com um explorador”. O mundo inteiro estava aberto para nós — não aberto para nossa *escolha*, mas aberto para o que o Destino nos *traria*. Nosso futuro marido poderia ser *qualquer*

pessoa; é claro que também podia acontecer casarmos com um bêbado, sermos infelizes, mas essa possibilidade ainda exacerbava mais nosso sentimento geral de exaltação. E, também, ninguém casava com a profissão do marido; casávamos com *o homem*. Nas palavras das velhas *nurses*, governantes, cozinheiras e empregadas: “Um dia, o homem ideal virá”.

Recordo uma vez, quando era muito mocinha, em que observei uma das mais bonitas amigas de minha mãe no ato de colocar um vestido de baile, ajudada pela velha Hannah, a cozinheira de vovó. Estava sendo apertada numa cinta com barbatanas de baleia. “Agora, menina Phyllis”, disse Hannah, “faça força com o pé de encontro à cama, e deite-se para trás. Vou apertar mais. Não respire!”

“Oh, Hannah, não agüento mais, realmente não agüento. Não *posso* respirar.”

“Não se aflija, minha linda, você pode respirar muito bem. Não poderá comer muito à ceia, e isso até será bom para você, porque as mocinhas não devem ser vistas comendo muito, não é delicado. Terá que se comportar como uma verdadeira senhora. Agora está bem. Vou medir sua cintura. Está vendo? Está com cinqüenta centímetros. Acredito que poderia ficar com quarenta e oito apenas...”

“Assim está muito bem”, arquejou a pobre vítima.

“Você vai gostar desse baile. Quem sabe se nesta noite aparece o Homem Ideal? Você não gostaria que ele a visse com uma cintura grossa, não é mesmo?”

O Homem Ideal Outras vezes, era mencionado mais elegantemente como “seu Destino”.

“Nem sei se realmente tenho vontade de ir a este baile.”

“É claro que tem, querida! Pense! Pode encontrar *seu*

Destino!"

E, obviamente, é isso o que na verdade acontece na vida. As moças vão a algum lugar a que querem ir, ou aonde não querem ir, não importa — e aí está o Destino.

Também algumas moças diziam que jamais se casariam, quase sempre por algum nobre motivo. Desejavam ser freiras ou enfermeiras de leprosos, fazer na vida algo grandioso e importante e, acima de tudo, algo em que pudessem exercer seu espírito de sacrifício. Acho que essa fase era necessária. Um ardente desejo de ser freira parece muito mais constante nas moças protestantes do que nas católicas. Nas católicas, o convento corresponde mais, sem dúvida, a uma vocação, ao passo que para as protestantes é sobretudo certo aroma de mistério que o torna bastante desejável. Ser enfermeira de hospital era também considerado um modo de vida heróico, inspirado em todo o prestígio de Florence Nightingale. Mas o casamento era o tema principal e a grande pergunta: com quem viríamos a casar?

Quando atingi meus treze ou catorze anos, senti-me imensamente adiantada, tanto em idade quanto em experiência. Não mais pensava em mim própria como alguém que precisasse ser protegido por outra pessoa. Possuía meus próprios sentimentos de proteção. Sentia-me responsável por minha mãe. Comecei também a tentar conhecer a mim mesma, saber que espécie de pessoa era, o que poderia fazer com êxito, quais as coisas para as quais não tinha talento e com as quais não deveria desperdiçar meu tempo. Sabia que minha inteligência não era rápida; precisava de tempo para considerar qualquer problema cuidadosamente, antes de decidir como enfrentá-lo.

Comecei a dar valor ao tempo. Não existe nada, na vida, mais maravilhoso do que ter tempo. Não creio que hoje as pessoas

disponham de bastante tempo. Fui excessivamente afortunada na minha infância e na minha juventude, justamente porque tinha tempo. É tão bom acordar pela manhã e, antes mesmo de estar bem acordada, dizer consigo: “Que é que vou fazer hoje?” Poder escolher, ter o tempo nas mãos e poder planejar o que se quiser! Não é que não tivéssemos muitos afazeres (dizíamos *deveres*); é claro que tínhamos. Havia as tarefas domésticas a cumprir: dias em que limpávamos a prataria, dias de cerzir as meias, dias em que aprendíamos de cor um capítulo do livro *The great events of history*, dia em que íamos à cidade pagar as contas dos fornecedores. Cartas e notas a escrever, escalas e exercícios de piano, bordados — mas todas essas coisas eu podia organizar como quisesse. Podia planejar meu dia, podia dizer: “Acho que vou deixar minhas meias para cerzir de tarde; pela manhã irei à cidade, e voltarei para casa pelo outro caminho, para ver se aquela árvore já floriu”.

De manhã, ao despertar, eu era sempre tomada por um sentimento que, tenho certeza, é inato em todos: a alegria de estar vivo. Não quero com isso dizer que tivesse consciência desse sentimento — não tinha —, *mas sentia que estava viva*, abria os olhos para um novo dia que começava, outro passo da jornada para o desconhecido, a jornada exaltante que é a nossa vida. Não quero dizer que todas as vidas sejam necessariamente exaltantes como *vidas*, mas serão exaltantes para cada um de nós porque se trata de *sua* própria vida. Esse é um dos grandes segredos da existência, saber gozar o dom da vida que nos foi dado.

Nem todos os dias são agradáveis. Depois do maravilhoso sentimento de “Outro dia! Que bom!”, lembramo-nos de que precisamos ir ao dentista às dez e meia, e isso não é tão agradável. Mas o primeiro sentimento que tivemos ao acordar funciona como

um incentivo. Naturalmente, tudo depende do temperamento de cada um. Ou você é de temperamento alegre, ou é de disposição melancólica. Não creio que se possa fazer muito a esse respeito. Penso que cada qual nasce de um jeito — ou se é feliz por natureza, até que suceda algo que nos torne infelizes; ou se é naturalmente melancólico, até que algo nos distraia dessa melancolia. É claro que as pessoas de temperamento feliz podem sentir infelicidade, e as melancólicas podem divertir-se. Mas, se tivesse que escolher uma qualidade para atribuir a uma criança no seu batismo, como se fosse uma fada, escolheria esta: uma maneira de ser, um temperamento naturalmente alegre.

Parece-me uma convicção estranha a de que existe algo meritório no trabalho. Por quê? Nos tempos primitivos, os homens caçavam para comer e se manter vivos. Mais tarde, o homem labutou em searas e semeou e lavrou terras, pelo mesmo motivo. Hoje em dia, levanta-se cedo, pega-se o trem das oito e quinze e permanece-se no escritório, sentado o dia todo — ainda pelo mesmo motivo. Faz-se isso para poder comer e ter um teto sobre a cabeça — e, quando se é eficiente e se tem sorte, pode-se ir um pouco além e usufruir também de algum conforto e diversões.

O trabalho é necessário, economicamente. Mas por que *meritório*? O velho adágio das *nurseries* costumava ser: “Satanás sempre encontra algo ruim para ser feito por mãos ociosas”. Presumivelmente, o pequeno Georgie Stephenson estava gozando do ócio quando observou a tampa da chaleira de sua mãe levantar-se e cair. Como não tivesse nada para fazer no momento, começou a ter idéias a esse respeito...

Não acredito que a necessidade seja a mãe da invenção — a invenção, em minha maneira de ver, nasce diretamente do ócio, possivelmente também da preguiça. *Para poupar trabalho*: é esse o

grande segredo que nos tem conduzido pelas idades afora, desde centenas de milhares de anos, desde que lascávamos pedra até os botões das máquinas de lavar.

A posição da mulher, no decorrer dos anos, mudou decididamente para pior. Nós, mulheres, nos comportamos como grandes bobocas. Clamamos para que nos fosse permitido trabalhar como os homens trabalham. Os homens, que não são tolos, apoiaram amavelmente a idéia. Por que sustentar uma esposa? Que há de errado em que a esposa se sustente a *si própria*? Ela *quer* fazê-lo. Pois, pelo amor de Deus, que o faça então!

Faz pena que, tendo-nos estabelecido tão inteligentemente como “sexo fraco”, nos encontremos agora tão abertamente ao nível das mulheres das tribos primitivas, que trabalham nos campos o dia inteiro, caminham quilômetros para apanhar mato para combustível e carregam penosamente todos os cântaros, panelas e utensílios domésticos nas cabeças, enquanto os machos, magníficos e ornamentais, desfilam na frente, sem a menor carga, exceto sua arma letal, com que defendem a esposa.

Isto temos que conceder às mulheres vitorianas: tinham os maridos na mão. Refugiadas em sua fragilidade, delicadeza, sensibilidade, na constante necessidade de serem protegidas e acarinhadas, será que eram miseráveis, servis, menosprezadas e oprimidas? Não é desse jeito que me lembro delas. Todas as amigas de minha avó parecem-me, vistas à distância, singularmente resistentes, e quase invariavelmente bem-sucedidas em obter o que queriam da vida. Tinham firmeza e força de vontade, eram voluntariosas e notavelmente cultas e bem-preparadas.

Devemos notar que também elas admiravam imensamente

seus maridos. Pensavam sinceramente que os homens eram criaturas excelentes — mas ousados, dispostos a trilhar facilmente os piores caminhos, tornando-se maus. Na vida diária, a mulher fazia o que queria, tendo apenas que louvar a superioridade do macho, para que seu marido não se sentisse humilhado.

“Seu pai é quem sabe, querida”, era a fórmula usual em público. A realidade, na vida privada, era outra: “Tenho certeza de que você está com a razão, John, mas será que já pensou...”

Em uma coisa *ele* predominava: era a cabeça do lar. Uma mulher, quando se casava, aceitava como seu destino o lugar do marido no mundo, e sua maneira de viver. Parece-me que isso demonstrava profundo bom senso, e constituía o fundamento da felicidade. Se você não agüenta a maneira de viver de seu homem, não deve aceitar esse emprego — por outras palavras, não deve se casar com esse homem. Suponhamos, por exemplo, um comerciante de tecidos: ele é católico romano; prefere morar nas cercanias de Londres; joga golfe e gosta de ir para a praia nas férias. É *com tudo* isso que você está casando. Acostume-se a essa idéia, e faça por gostar dela. Não será tão difícil.

É espantoso como se pode gostar de quase tudo. Existem poucas coisas mais desejáveis do que aprender a aceitar e a gostar das coisas. Então, pode-se ser feliz comendo qualquer espécie de comida e com qualquer maneira de viver; podemos gostar da vida do interior, nas fazendas, com cachorros e passeios na lama; podemos gostar de cidades, suportar os ruídos, a multidão, a agitação. Num desses estilos de vida há tranqüilidade, repouso para os nervos, tempo para ler, fazer tricô, bordar, e também o prazer de assistir ao crescimento das plantas e dos animais. No outro há teatros, galerias de arte, bons concertos, vêem-se amigos

que de outro modo se veria raramente. Tenho a felicidade de poder dizer que gosto de quase tudo isso.

Certa vez, em viagem de trem pela Síria, estava muito entretida escutando a dissertação de uma das minhas companheiras acerca do estômago.

“Minha querida”, ela disse, “jamais ceda a seu estômago. Se houver algo com que você não se sinta bem, diga para si própria: quem é que vai mandar, eu ou meu estômago?”

“Mas, na realidade, que faz você a esse respeito?”, perguntei.

“Qualquer estômago pode ser treinado a suportar seja o que for. Primeiro, em doses muito pequenas. Não importa do que se trata. Ovos, por exemplo, costumavam nausear-me, e queijo assado dava-me cólicas terríveis. Mas fui suportando uma colher ou duas de ovo cozido duas ou três vezes por semana e, passado algum tempo, um pouco mais de ovo mexido, e assim por diante. Agora posso comer qualquer quantidade de ovos. Sucedeu a mesma coisa com o queijo assado. Lembre-se disto: *seu estômago é um bom serviçal, mas um péssimo senhor.*”

Fiquei muito impressionada, e prometi seguir seu conselho. Assim tenho feito — embora nunca tenha sentido grandes dificuldades: meu estômago é decididamente serviçal.

III

Quando minha mãe foi para o estrangeiro com Madge, para o sul da França, depois da morte de meu pai, fiquei em Ashfield, sob o olhar tranqüilo de Jane, sozinha por três semanas. Foi então que descobri com minhas amigas um novo esporte.

Deslizar no molhe sobre patins de rodas era então um

passatempo muito em voga. A superfície do molhe era rugosa e fazia com que caíssemos freqüentemente, mas era também bastante divertido. No final do molhe, havia uma espécie de salão para concertos que não era utilizado no inverno, porque era aberto, como uma espécie de rink de patinação. Também era possível patinar num local de nome pomposo, os Salões da Assembléia, onde se realizavam grandes bailes. Esse local era muito mais elegante, mas quase todas nós preferíamos patinar no molhe. Tínhamos que carregar nossos patins, pagávamos dois *pence* pela entrada e, uma vez no molhe, patinávamos! As Huxleys não podiam acompanhar-me nesse esporte porque tinham seus afazeres, pela manhã, supervisionados pela governanta, e o mesmo sucedia com Audrey. As pessoas que eu costumava encontrar no molhe eram os Lucys. Embora fossem mais velhos do que eu, eram muito gentis comigo, pois sabiam que eu estava sozinha em Ashfield porque o médico mandara minha mãe ao estrangeiro para mudança de ares e repouso.

Embora me sentisse muito bem sozinha, às vezes cansava-me dessa sensação. Gostava realmente de escolher minhas refeições — ou de pensar que as escolhia. De fato, sempre almoçava exatamente o que Jane já decidira, mas era simpático de sua parte considerar minhas sugestões. “Posso comer pato assado e merengue?”, perguntava eu, e Jane sempre dizia que sim, apenas não estava certa de encontrar pato, e quanto ao merengue — no momento não havia ovos em casa; de modo que, por fim, comíamos aquilo de que Jane dispunha na despensa. A querida Jane, porém, tinha muito tato. Chamava-me sempre de “menina Agatha”, e permitia que me sentisse numa posição de importância.

Foi então que os Lucys sugeriram que eu os acompanhasse à patinação no molhe. Ensinarão-me a equilibrar-me nos patins, e

eu adorei. Na minha opinião, a família Lucy era uma das mais simpáticas que jamais conheci. Eram originários de Warwickshire, e sua linda mansão, Charlecote, pertencera a um tio de Berkeley Lucy. Este sempre pensara que a mansão viria a ser sua; em vez disso, fora para a filha de seu tio, e o marido dela tomara o nome de Fairfax-Lucy. Creio que toda a família lamentou que Charlecote não ficasse para eles, apesar de nunca mencionarem esse caso, exceto talvez lá entre eles. A filha mais velha, Blanche, era moça de extraordinária beleza, um pouco mais velha do que minha irmã, e se casara antes de Madge. O filho mais velho, Reggie, estava no exército, mas o segundo, mais ou menos da idade de meu irmão, se achava em casa, e as duas outras filhas, Marguerite e Muriel, conhecidas pelos apelidos de Margie e Noonie, também já eram mocinhas. Seu modo de falar era vagaroso, e não tinham pronúncia muito clara, coisa que eu achava muito atraente. Nem uma nem outra atribuíam à noção de tempo o menor valor.

Depois de patinarmos bastante tempo, Noonie olhava o relógio e dizia: “Olhem, quem diria, vejam só que horas são! Já é uma e meia”.

“Meu Deus”, dizia eu. “Ainda vou demorar vinte minutos até chegar a casa.”

“Acho melhor você não ir para casa, Aggie. Venha e almoce conosco. Mandaremos um recado para Ashfield.”

Ia então para a casa delas, onde chegávamos por volta das duas e meia, e éramos acolhidas por Sam, o cachorro — “corpo como um barril, hálito como um esgoto”, como Noonie costumava descrevê-lo —, e sempre havia uma refeição quente à nossa espera. Depois, elas diziam: “É uma pena você ir para casa, Aggie”, e íamos para a sala de estudos e tocávamos piano e

cantávamos. Outras vezes fazíamos expedições à charneca. Combinávamos um encontro na Estação da Torre para tomarmos certo trem. As Lucys estavam sempre atrasadas, e sempre perdíamos o trem. Perdiam trens, perdiam bondes, perdiam tudo, mas nada disso as incomodava. “Ora”, diziam, “que importância tem? Logo virá outro trem. Não vale a pena a gente se aborrecer!” Era uma companhia encantadora.

Os pontos altos de minha vida eram as visitas de Madge. Vinha todos os anos pelo mês de agosto. Jimmy vinha também, passava alguns dias e depois retornava a seus negócios, e Madge e Jack ficavam até o fim de setembro.

Jack, claro está, representava para mim permanente fonte de encantamento. Era um bebê de faces rosadas e cabelos de ouro que me apetecia acarinhar. De natureza muito desinibida, ignorava o que era o silêncio. Não era problema mostrar Jack às visitas e fazer com que falasse — a dificuldade era fazê-lo calar. Possuía um temperamento feroso, e costumava acontecer-lhe o que nós chamávamos de “rebentar”: ficava primeiro com o rosto muito vermelho, depois passava para o roxo, segurando a respiração de tal modo que realmente pensávamos que ele ia rebentar, e então desencadeava-se a tempestade!

Jack teve uma série de babás, cada uma delas com suas peculiaridades. Houve uma especialmente rabugenta, lembro-me bem. Era uma velha de fartos cabelos grisalhos, sempre despenteados. Possuía muita experiência, e acredito que era a única pessoa capaz de domar Jack quando estava prestes a romper em hostilidades. Um dia, em que ele estava mais turbulento, gritando “idiota, idiota, idiota” sem qualquer motivo, dirigindo-se a cada um de nós em separado, a *nannie* perdeu a paciência e o repreendeu, dizendo-lhe que, se chamasse

novamente alguém de idiota, seria castigado. “Vou dizer a você o que farei”, disse Jack. “Quando morrer, irei para o céu, procurarei Deus e direi a ele: seu idiota, seu idiota, seu idiota.” Depois, já sem fôlego de tanto gritar, curioso de ver o efeito que sua blasfêmia produziria, calou-se. A *nannie* pousou seu trabalho, olhou para Jack por cima dos óculos e disse, desinteressada: “E você acha que Deus Todo-Poderoso vai ligar para o que diz um garotinho mal-educado como você?”

Jack ficou sem jeito.

A *nannie* foi substituída por uma moça chamada Isabel. Não sei por que essa moça era propensa a jogar coisas pela janela afora. “Diabo de tesoura”, murmurava subitamente, e jogava-a pela janela, no gramado. Jack, em certas ocasiões, tentava ajudá-la. “Devo jogar isso pela janela, Isabel?”, perguntava, muito interessado. Como sucedia com todas as crianças, adorava minha mãe. Bem cedo pela manhã, ia para a cama dela, e eu os escutava conversar, de meu quarto. Algumas vezes falavam acerca da vida, ou então minha mãe lhe contava uma história — uma espécie de folhetim a respeito dos dedos polegares. Um deles chamava-se Betsy Jane, e o outro, Sary Anne. Um deles era bom, o outro, travesso; as coisas que eles faziam e diziam provocavam as risadas de Jack o tempo todo. Tentava sempre imiscuir-se em nossas conversas. Um dia, o pároco veio almoçar conosco e, na conversa, houve uma pausa momentânea. Jack, de súbito, pipilou: “Sei uma história muito engraçada sobre um bispo”, disse. A família mandou-o calar-se rapidamente, e nunca veio a saber o que Jack iria repetir de alguma conversa que escutara.

Costumávamos passar o Natal em Cheshire, em casa dos Watts. Normalmente, Jimmy gozava suas férias nessa ocasião, e ele e Madge iam para St. Moritz por três semanas. Ele esquiava

muito bem, e portanto era esse o gênero de férias que lhe agradava. Mamãe e eu íamos para Cheadle e, como a casa que estava sendo construída para Madge e Jack, chamada Manor Lodge, ainda não estivesse pronta, passávamos o Natal em Abney Hall, com os pais de Jimmy, seus quatro filhos e Jack. Era uma casa maravilhosa para que uma criança ali passasse o Natal. Era enorme, em estilo gótico-vitoriano, com numerosos quartos, corredores, degraus inesperados, escadas nos fundos, escadas na frente, alcovas, nichos — tudo de que uma criança mais gosta neste mundo —, e também havia três pianos, nos quais tínhamos licença de tocar, e um órgão. Faltava, porém, a essa casa um pouco mais de luz: era notavelmente escura, exceto a sala grande, de paredes forradas de cetim e com grandes janelas.

Nan Watts e eu éramos já grandes amigas. Não apenas amigas, mas também companheiras de bebida — ambas apreciávamos a mesma bebida, *creme de leite*, do tipo comum, bem simples. Embora eu tivesse consumido quantidades enormes de creme de leite de Devonshire desde que morava lá, o creme de leite cru era realmente uma delícia. Quando Nan vinha para nossa casa em Torquay, costumávamos visitar uma das leiterias da cidade, onde bebíamos um copo com metade de leite e metade de creme. Quando eu estava com ela em Abney Hall, costumávamos ir ao estábulo e beber creme de leite em meios quartilhos. Continuamos com esses “pileques” de creme de leite por toda a vida, e ainda lembro que em Sunningdale comprávamos embalagens de papelão com creme de leite e íamos para o campo de golfe. Ficávamos sentadas fora da casa do clube, esperando que nossos respectivos maridos terminassem suas partidas de golfe.

Abney era o paraíso dos gulosos. Em casa da sra. Watts havia, junto do *hall*, um cômodo que era chamado de despensa.

Não era, como a de vovó, uma espécie de tesouro bem-trancado, do qual se tiravam coisas. Ali, o acesso era livre, e em toda a extensão das paredes havia prateleiras repletas de coisas deliciosas, de todos os gêneros. Um dos lados estava cheio de chocolates, caixas e caixas de chocolates, todos diferentes... Havia biscoitos, pães de gengibre, compotas de frutas, geléias, etc.

O Natal era a festa suprema, algo que jamais poderei esquecer. Nas nossas camas, encontrávamos as meias com os presentes. Ao café da manhã, cada qual tinha sua cadeira coberta de presentes. Depois, corríamos à igreja e regressávamos apressados, para continuar a abrir nossos presentes. Às duas da tarde, servia-se o almoço de Natal, com as janelas fechadas e as luzes acesas, que faziam rebrilhar os enfeites natalícios. Primeiro, comíamos sopa de ostras (que eu não apreciava muito), rodovalho, peru cozido, peru assado e um grande assado de filé. A isso seguia-se pudim de ameixas, pastéis recheados com passas e frutas secas e um bolo delicioso, onde também metiam moedas, pequenos objetos tais como porquinhos, anéis e várias outras surpresas. Depois, seguiam-se inúmeras sobremesas! Em um livro meu, *A aventura do pudim de Natal*, descrevi um desses festivais. Era um espetáculo como esta geração jamais verá. Tenho dúvidas de que a gente de hoje digeriria tudo aquilo. Nós, pelo menos, agüentávamos muito bem!

Geralmente eu competia, em proezas alimentares, com Humphrey Watts, o irmão que vinha logo depois de James. Calculo que, nessa altura, contasse entre vinte e um e vinte e dois anos, ao passo que eu teria uns doze ou treze. Humphrey era muito bonito, bom contador de histórias, sabia conversar e entreter as pessoas. Embora tivesse facilidade para me apaixonar, não creio que tenha me apaixonado por ele, embora me pareça

espantoso que isso não tenha sucedido. Suponho que eu estava ainda na idade em que minhas paixões teriam que ser romanticamente impossíveis — e, de preferência, apaixonava-me por personalidades públicas, tais como o bispo de Londres e o rei Afonso, da Espanha, e, claro, por vários atores. Lembro-me de que me apaixonei loucamente por Henry Ainley quando o vi em *The bondman*, e devia ser séria candidata a integrar os KOW (*Keen on Wallers*¹), que eram tudo na vida para uma moça que estava apaixonada por Lewis Waller, em *M. Beaucaire*.

Humphrey e eu comíamos fartamente no nosso almoço de Natal. Ele ganhava de mim na sopa de ostras, mas no resto empatávamos. Primeiro, comíamos ambos peru assado, depois peru cozido e, para terminar, quatro ou cinco fatias de filé. É possível que as pessoas de mais idade se contentassem com uma única qualidade de peru; tanto quanto me lembro, porém, o velho sr. Watts comia peru e comia também filé. Depois comíamos pudim de ameixas, pastéis de passas e bolo — eu não comia muito desse bolo, uma espécie de pão-de-ló embebido em rum, porque não gostava de bebidas alcoólicas. Depois vinham as balas de estalo, as uvas, as laranjas, as ameixas de Elvas, as ameixas de Carlsbad e as frutas cristalizadas. Finalmente, durante a tarde, íamos buscar mancheias de chocolates que distribuíamos conforme nossas preferências. Será que eu não ficava doente no dia seguinte? Não, creio que não. O único ataque de fígado que me lembro de ter sofrido foi depois de comer maçãs verdes em setembro. Comia maçãs verdes praticamente todo dia, mas nessa ocasião devo ter abusado.

¹ “*Entusiastas dos Walters.*” (N. da T.)

Quando tinha seis ou sete anos, lembro-me de ter comido cogumelos. Pelas onze da noite, acordei com uma cólica e vim correndo para a sala, onde minha mãe e meu pai se achavam com uns amigos, e anunciei dramaticamente: “Vou morrer! Estou envenenada com cogumelos!” Mamãe acalmou-me e administrou-me rapidamente uma dose de licor de ipecacuanha — que nunca faltava nos armários dos remédios, nesse tempo —, e garantiu-me que não morreria dessa vez.

Seja como for, não me lembro de jamais ter ficado doente no Natal. Nan Watts era exatamente como eu, possuía também um estômago esplêndido. De fato, quando recordo esses tempos, fico convencida de que todo mundo possuía estômago bastante bom! Acredito que as pessoas sofressem de úlceras gástricas e duodenais e que tivessem de tomar cuidado, mas não me lembro de ninguém vivendo em regime de peixe e leite. Uma época bastante vulgar e glutona? De acordo, mas também de grande deleite e fruição. Considerando as quantidades que comi na minha juventude (porque eu estava sempre com fome), não posso imaginar como me mantinha tão magra — uma franga magricela, realmente!

Depois da agradável inércia da tarde do dia de Natal — agradável, quero dizer, para os mais velhos: os jovens liam livros, olhavam seus presentes, comiam mais chocolates, etc. —, servia-se um chá imenso, com um bolo de Natal coberto de açúcar e, finalmente, mais tarde ainda, havia uma ceia de peru frio e pastéis quentes de frutas secas. Por volta das nove horas, via-se a árvore de Natal, com mais presentes pendurados nela. Um dia esplêndido, um dia para ser rememorado até o ano seguinte, quando ele chegava e tudo recomeçava.

Passei temporadas em Abney com minha mãe em outras épocas do ano, e sempre adorei estar lá. Havia no jardim um pequeno túnel que sempre achei útil para qualquer das peças ou romances históricos que, no momento, eu estivesse ensaiando. Dentro dele eu me exibia, falando comigo mesma e gesticulando. Ouso dizer que os jardineiros me achavam uma doente mental, mas eu só queria testar meu desempenho. Jamais me ocorreu escrever, e era bastante indiferente à opinião dos jardineiros. Ocasionalmente, hoje em dia, ainda caminho falando sozinha — quando estou preocupada, à procura de solução para algum capítulo que não quer “sair”.

Minhas capacidades criativas também eram aproveitadas quando bordava almofadas para os sofás. Nessa época, as almofadas estavam na moda, e suas coberturas bordadas tinham muita procura. Nos meses de outono, peguei a mania de bordar. De início, comprava bonecos de decalcar, que passava com um ferro quente para os quadrados de cetim, e bordava depois a seda; um dia deixei de gostar dessas imagens, por serem todas iguais, e decidi copiar flores das porcelanas. Possuíamos algumas grandes jarras de louça de Berlim e de Dresden, cujos desenhos eram lindos ramalhetes de flores, e eu os copiava colocando por cima um papel transparente. Depois, tentava reproduzir os coloridos tão fielmente quanto possível. Vovó ficou muito contente quando soube que eu me dedicava a tais trabalhos; passara muito tempo de sua vida bordando, e gostava de pensar que sua neta herdara esses gostos. Nunca atingi a perfeição de vovó B. na arte de bordar. Jamais bordei paisagens e figuras como ela fazia! Posso dois dos seus biombos de lareiras, um com uma pequena pastora, o outro com um pastor e uma pastora, debaixo de uma árvore, no

ato de esculpir um coração, e ambos são primorosamente bordados. Como devem ter sido agradáveis, para as senhoras dos tempos das tapeçarias de Bayeux, os longos meses de inverno!

O sr. Watts, pai de Jimmy, era uma pessoa que sempre me deixava estranhamente encabulada. Costumava chamar-me de “criança sonhadora”, o que me fazia contorcer-me de agoniada timidez. “Em que está pensando nossa criança sonhadora?”, costumava dizer. Eu ficava com o rosto cor de púrpura! Gostava de ouvir-me tocar e cantar para ele melodias sentimentais. Eu lia as músicas com facilidade e, assim, mandava-me sentar ao piano e cantar para ele suas canções prediletas. Não que fossem as minhas preferidas, mas isso para mim era melhor do que conversar com ele. Era um homem de gostos artísticos, e apreciava pintar quadros com paisagens de charnechas e pores-de-sol. Também era um grande colecionador de móveis, especialmente os de carvalho antigo. Dedicava-se ainda, com seu amigo Fletcher Mosse, à arte de fotografar, e publicou vários livros com fotografias de mansões famosas. Gostaria de não ter sido tão estupidamente encabulada, mas desculpo-me ao pensar que nessa idade se é particularmente inibida.

Preferia a sra. Watts, que era enérgica, alegre e muito prática. Nan, dois anos mais velha do que eu, era uma “*enfant terrible*”, e tinha um prazer especial em gritar, ser mal-educada e dizer palavrões. A sra. Watts ficava aflita quando Nan exclamava: “Diabos o levem!”, “Raios o partam!” Também lhe desagradava muito que Nan lhe respondesse com um: “Não seja *boboca*, mamãe!” Não era o gênero de coisa que ela esperava escutar de uma filha sua, embora o mundo estivesse justamente entrando na fase de falar claro. Nan regozijava-se com o papel que andava desempenhando, embora fosse, acredito, sinceramente amiga de

sua mãe. Ah! A verdade é que muitas mães têm que atravessar períodos em que, por uma razão ou outra, as filhas as preocupam.

No Boxing Day¹, 26 de dezembro, em que todas as lojas de Londres fechavam, íamos sempre ver pantomimas em Manchester — eram muito boas, essas pantomimas. Regressávamos de trem, entoando todas as músicas das pantomimas, e os Watts cantavam com o sotaque de Lancashire. Recordo que berrávamos em coro: “Eu nasci numa sexta-feira, eu nasci numa sexta-feira, quando (crescendo!) minha mãe não estava em casa!” Ou então: “Espiondo os trens chegar, espiondo os trens partir, depois de espirmos todos os trens chegar, nós espiávamos os trens PARTIR”. Nossa canção preferida era cantada por Humphrey em melancólico solo: “Pela janela, a janela, eu a atirei pela janela. Não estou sofrendo agora, querida mãe. Atirei a dor pela janela”.

Não foi em Manchester que vi pantomimas pela primeira vez. Foi no Drury Lane, aonde vovó me levou. Dan Leno fazia Mamãe-Ganso. Ainda me lembro muito bem dessa pantomima. Passadas algumas semanas, eu ainda sonhava com Dan Leno. Achava-o a pessoa mais maravilhosa que jamais vira. E, na noite em que o vi representar, sucedeu um incidente interessante. Os dois príncipezinhos estavam assistindo à pantomima no camarote real. O príncipe Eddy, como lhe chamávamos, deixou cair seu programa e o binóculo de teatro. Caíram na platéia, pertinho de nossos lugares e — oh!, delícia — não foi o camareiro, mas o próprio príncipe Eddy que veio apanhá-los, pedindo desculpas, muito cortês, e dizendo que esperava não ter machucado ninguém.

¹ Boxing Day: primeiro dia útil depois do Natal, feriado em Londres, dia em que se dão presentes ao carteiro, etc. (N. da T.)

Nessa noite, fui para a cama alimentando o sonho de, um dia, casar com o príncipe Eddy. Primeiro, talvez pudesse salvar-lhe a vida, quando estivesse se afogando... A rainha, reconhecida, daria seu real consentimento. Ou talvez acontecesse um acidente — o príncipe estaria se esvaindo em sangue e eu daria o meu para uma transfusão. Então, eu seria feita condessa — como a condessa Torby —, e o príncipe faria um casamento morganático. Mesmo aos seis anos, esse sonho era fantástico demais para poder durar...

Meu sobrinho Jack também imaginou, uma vez, quando tinha quatro anos, uma aliança real para ele. “Suponhamos, mamãe”, disse ele, “que mamãe se casasse com o rei Eduardo, será que eu viraria alteza?” Minha irmã respondeu que existia uma rainha, e também o pai de Jack. Este, porém, não se afobou! “Mas se a rainha morresse, e papai...” — aqui, fez uma pausa para colocar o assunto com tato — “e papai não estivesse aqui e o rei Eduardo visse mamãe...” Parou de novo, deixando que imaginássemos a seqüência. Obviamente o rei Eduardo sucumbiria a um acesso de amor à primeira vista e, conseqüentemente, Jack viria a ser o enteado do rei...

“Eu estava olhando o livro de orações durante o sermão”, disse-me Jack um ano mais tarde. “Estava pensando em me casar com você quando fosse homem, Ange, mas existe no meio do livro uma lista de coisas proibidas, e estou vendo que Deus não vai deixar.” Jack suspirou. Disse-lhe que me sentia muito lisonjeada por essa sua intenção de se casar comigo. É espantoso como mudam pouco nossas predileções. Meu sobrinho Jack, desde os dias em que ainda saía com sua babá, sempre foi obcecado por assuntos eclesiásticos. Quando desaparecia da nossa vista, acabava sendo encontrado na igreja, contemplando com

admiração o altar. Se lhe davam massa para modelar, os objetos que fazia eram sempre trípticos, crucifixos ou qualquer tipo de adorno religioso. Era especialmente fascinado pelas igrejas católicas. Seus gostos nunca mudaram, e ele leu mais sobre a história da Igreja do que qualquer pessoa que eu tenha conhecido. Quando tinha mais ou menos trinta anos, entrou finalmente para a Igreja Católica Romana — um grande choque para meu cunhado, que podemos descrever como o perfeito exemplo do “protestante fanático”. Costumava dizer com sua voz suave: “Não tenho preconceitos, realmente *não* tenho preconceitos. Apenas não posso deixar de notar que todos os católicos são mentirosos terríveis. Não é preconceito; é a verdade”.

Vovó também era um bom exemplo de “protestante fanática”, e sentia grande prazer em denunciar a maldade dos papistas. Baixava a voz e dizia: “Todas essas moças lindas que desaparecem em conventos — *jamais são vistas de novo!*” Tenho certeza de que vovó estava convencida de que os padres selecionavam suas amantes em conventos especiais de moças bonitas!

Os Watts eram dissidentes da Igreja Anglicana, acredito que fossem metodistas, o que justificava a tendência a considerar os católicos romanos como representantes da “Mulher Escarlate da Babilônia”. Como Jack se apaixonou pela Igreja Católica Romana, não posso imaginar. Não parece tê-la herdado de ninguém da família, mas essa inclinação existiu nele desde a mais tenra idade. Nesses tempos de minha juventude, todo mundo se interessava muito por religião. As discussões a esse respeito eram intensas e vibrantes e, algumas vezes, veementes. Um dos amigos de meu sobrinho lhe diria mais tarde: “Realmente, não posso imaginar, Jack, por que você não pode ser herético e alegre como todo mundo! Seria bem mais tranqüilo!”

Mas uma pessoa tranqüila era a última coisa no mundo que Jack gostaria de ser. Como dizia sua babá, uma ocasião, depois de ter passado algum tempo procurando por ele: “Por que ele gosta de ir para as igrejas, não sei. É um gosto extraordinário numa criança!” Pessoalmente, acho que ele deve ser a reencarnação de um homem da igreja dos tempos medievais. Depois de adulto, Jack ficou com um rosto que eu chamaria de “rosto de sacerdote” — não o rosto de um monge, e certamente não o de um visionário, mas o de um sacerdote versado em práticas eclesíásticas e apto a se sair bem no Concílio de Trento, certo quanto ao número de anjos que podem dançar na ponta de uma agulha.

IV

Uma das alegrias de minha vida eram os banhos de mar, e assim foi até recentemente. De fato, ainda gostaria hoje de um bom banho de mar, como sempre gostei, só que é difícil a uma pessoa reumática meter-se na água, e mais ainda sair dela.

Quando eu tinha mais ou menos treze anos de idade, deu-se uma grande transformação social. Em minhas recordações mais antigas, os banhos de mar eram estritamente segregados. Existia um recanto especial para as senhoras se banharem, uma pequena praia de seixos, à esquerda dos salões de banho. A praia era muito íngreme, e nela existiam oito cabines móveis, das quais era encarregado um velhote de temperamento algo irascível, cujo encargo — que não lhe dava descanso — era fazer deslizar a cabine para dentro da água e depois puxá-la novamente para a praia. As pessoas entravam na cabine — pintada com alegres faixas coloridas —, asseguravam-se de que ambas as portas

estavam bem trancadas e começavam a despir-se com certas precauções, porque a qualquer momento o velhote poderia decidir que era hora de serem metidas no mar. Nessa altura, sentia-se um balançar frenético, e a cabine, rangendo, deslocava-se pelo solo coberto de seixos roliços, arremessando quem estava dentro de um lado para outro. Na realidade, seu funcionamento era muito semelhante ao de um jipe Land-Rover dos nossos dias, quando atravessa as partes mais pedregosas de um deserto.

A cabine móvel parava tão subitamente como iniciara sua marcha. Então, as pessoas continuavam despindo-se e enfiavam o maiô de banho. Este era uma roupa antiestética, habitualmente feita de alpaca azul-marinho ou preta, com várias saias guarnecidas de folhos e babados. Chegava bem abaixo dos joelhos, e suas mangas escondiam os cotovelos. Uma vez prontas, as senhoras destrancavam a porta do lado do mar. Se o velhote estivesse em dia amável, o degrau do topo estaria praticamente ao nível da água. Descia-se então de onde se estava, e entrava-se na água decorosamente, até a cintura. Depois, começava-se a nadar. Havia uma balsa não muito distante, até a qual se podia nadar e onde se podia subir e descansar. Com a maré baixa, ficava bastante perto da praia. Com a maré alta, ainda se nadava um bocado, e quem ia até lá não encontrava muita companhia. Depois de se ter tomado um banho tão longo quanto se desejava, no meu caso sempre mais longo do que os adultos gostariam de permitir, fazia-se sinal da praia para que regressássemos — mas a mim era difícil apanharem de volta, uma vez que eu me encontrasse a salvo na balsa, e habitualmente eu continuava a nadar na direção oposta, conseguindo prolongar meu banho o quanto quisesse.

É claro que ainda não existiam os banhos de sol na praia. Quando saíamos da água, entrávamos de novo na cabine móvel,

que era içada com a brusquidão com que fora levada até junto ao mar, e finalmente emergíamos, de rosto azulado pelo frio, tremendo, com as mãos e as faces entorpecidas. Isso, devo dizer, nunca me fez o menor dos males, e em três quartos de hora eu ficava de novo quente como uma torrada! Sentava-me na praia e comia um doce com passas, enquanto escutava duras reflexões acerca de meu mau comportamento por não ter saído da água mais cedo. Vovó, que dispunha de uma bela série de exemplos passados para induzir-me à cautela, explicava-me depois que o filhinho da sra. Fox (“uma criaturinha adorável”) morrera de pneumonia só por ter desobedecido e ter ficado no mar tempo demais. Pensando em meu bolinho de passas ou em qualquer outra guloseima que me dessem, respondia obedientemente: “Não, vovó, na próxima vez não ficarei tempo demais. Mas na verdade, vovó, a água hoje estava *quente!*”

“Estava quente mesmo? Então por que é que você está tremendo dos pés à cabeça? Por que seus dedos estão tão azulados?”

A vantagem de estar acompanhada por um adulto, especialmente por vovó, era poder ir para casa de carruagem desde o Strand, em vez de caminhar dois quilômetros e meio. O Torbay Yacht Club situava-se no Beacon Terrace, bem por cima do tal recôncavo onde as senhoras se escondiam para tomar seus banhos de mar. Embora a praia fosse completamente invisível das janelas do clube, o mar à roda da balsa era bem visível e, segundo contava meu pai, grande parte dos cavalheiros passavam o tempo com seus binóculos de ópera, gozando a visão dos corpos femininos que, na concepção otimista deles, se exibiam num estado de quase nudez! Não creio que fôssemos sexualmente muito atraentes com aquelas roupas disformes.

O recanto de banho masculino ficava mais longe. Aí, os cavalheiros da época, usando apenas diminutos triângulos, podiam entregar-se aos esportes tanto quanto quisessem, sem que nenhum olhar de mulher os alcançasse, fosse de onde fosse. Todavia, os tempos mudavam: os banhos mistos já estavam sendo introduzidos em toda a Inglaterra.

A primeira consequência dos banhos mistos foi termos que usar ainda mais roupas do que antes. Mesmo as senhoras francesas tomavam banho de mar com meias, para que não se pudessem vislumbrar as pecadoras pernas nuas. Não tenho dúvida de que conseguiam cobrir-se do pescoço aos tornozelos com a natural elegância francesa, e com meias de seda em suas lindas pernas eram mais tentadoras do que se usassem um bom maiô inglês de alpaca, com saia curta e babados. Realmente, não sei por que as pernas eram consideradas escandalosas; em passagens dos romances de Dickens, há damas que gritam quando imaginam que suas pernas foram surpreendidas por olhares indiscretos. A própria palavra era considerada ousada. Na *nursery*, quando mencionávamos essas partes da nossa anatomia, logo escutávamos um dos axiomas ali freqüentes: “Lembre-se de que a rainha da Espanha não tem pernas”. “Então, o que ela tem em lugar das pernas, *nursie*?” “Ela tem *membros*, querida; é essa a palavra que devemos utilizar; os braços e as pernas são membros.”

De qualquer jeito, acho que soaria esquisito alguém dizer: “Tenho uma mancha num dos meus membros, logo abaixo do joelho”.

Isso me lembra uma amiga de meu sobrinho, que descreveu uma experiência sua, de menina. Haviam-lhe dito que seu padrinho viria visitá-la. Sem jamais ter ouvido falar dessa

personagem, ficou emocionada com a notícia. Naquela noite, mais ou menos pela uma da madrugada, despertou e refletiu sobre o assunto por algum tempo, e então falou, na escuridão:

“*Nanny*, tenho um padrinho”.

“*Urrp.*” Um som indescritível foi a resposta que obtive.

“*Nanny*”, repetiu um pouco mais alto, “tenho um *padrinho*.”

“Sim, querida, sim, que bom!”

“Mas, *nanny*, eu tenho” (fortíssimo) “UM PADRINHO.”

“Sim, sim, volte-se para o outro lado, querida, vá dormir.”

“Mas, *nanny*” (mais do que fortíssimo), “EU TENHO UM PADRINHO!”

“Está bem, então *friccione*, querida, *friccione!*”

As roupas de banho mantiveram-se castas até quando me casei. Embora o banho de mar misto já tivesse sido adotado nessa altura, era ainda encarado com desconfiança pelas senhoras mais idosas e pelas famílias mais conservadoras. O progresso, porém, era forte demais, e arrastou até minha mãe. Já começávamos a freqüentar as praias mistas. Primeiro o banho misto foi permitido nas praias de Tor Abbey Sands e Corbin’s Head, que eram as principais da cidade. Mas não era aí que tomávamos banho de mar, porque essas praias estavam normalmente apinhadas de gente. A seguir, foi permitido o banho misto na praia de Meadfoot, mais aristocrática. Essa ficava a uns vinte minutos de distância e, portanto, tornava o passeio longo demais, praticamente três quilômetros. Todavia, Meadfoot era bem mais agradável do que a praia destinada às senhoras: era maior, mais larga, com um rochedo acessível, ao largo, até o qual se podia nadar quando se era um bom nadador. A “praia das senhoras” permaneceu um local sagrado, e os homens e seus ousados maiôs triangulares foram deixados em paz. Tanto quanto me lembro, os homens não

estavam particularmente ansiosos por gozar das alegrias dos banhos mistos. Mantinham-se rigidamente em sua reserva privativa. Os que vinham até Meadfoot mostravam-se encabulados diante das irmãs de seus amigos, em um estado que, na época, ainda se considerava de seminudez.

A princípio, costumava usar meias para tomar banho de mar. Não posso imaginar como faziam as francesas para conservarem as meias calçadas: eu era incapaz disso. Três ou quatro movimentos mais vigorosos com as pernas ao nadar, e minhas meias ficavam boiando muito longe de meus pés. Ou as perdia irremediavelmente, ou ficavam embrulhadas em meus tornozelos como grilhões, quando eu saía da água. Creio que as moças francesas que apareciam nas fotografias das revistas de modas, tomando banhos de mar, deviam sua elegância ao fato de jamais nadarem, e de apenas caminharem graciosamente à beira da água, exibindo-se.

Contava-se uma história patética sobre a reunião do conselho em que a questão do banho de mar misto foi colocada para aprovação final. Um conselheiro muito idoso, intransigente contra os tais banhos mistos, pronunciou com voz trêmula, depois de derrotado, seu último argumento: “Tudo o que peço, senhor prefeito, é que, se permitirem os banhos de mar mistos, construam divisórias decentes nas cabines móveis, *por mais baixas que sejam*”.

Quando Madge trazia Jack no verão para Torquay, tomávamos banhos de mar praticamente todos os dias. Mesmo quando chovia ou ventava. Na realidade, eu ainda gostava mais do mar em dia tempestuoso.

Em breve, apareceu a inovação dos bondes. Podíamos pegar um bonde no final da Burton Road e seguir até o porto, e daí eram

apenas vinte minutos a pé até Meadfoot. Quando Jack tinha cinco anos, passou a se queixar: “E se pegássemos o bonde até a praia?” “É claro que não”, dizia minha irmã, horrorizada. “Fizemos esse caminho todo de bonde, não fizemos? Agora vamos caminhar até a praia.”

Meu sobrinho suspirava e dizia entre dentes: “Como mamãe é sovina!”

Como retaliação, quando subíamos a colina, bordejada de ambos os lados por casas de estilo italiano, meu sobrinho, que nessa idade não parava de falar, começava a cantar uma espécie de canto gregoriano de sua invenção, que consistia em repetir os nomes de todas as casas por onde passávamos: “Lanka, Pentreave, The Elms, Villa Marguerita, Hartly St. George”. À medida que o tempo foi passando, acrescentou os nomes dos ocupantes das casas que ele conhecia: “Lanka, dr. G. Wreford; Pentreave, dr. Qwick; Villa Marguerita, sra. Cavallen; The Laurels, eu não sei”, e assim por diante. Finalmente, furiosa, Madge mandava que se calasse.

“Por quê?”

“Porque queremos conversar uma com a outra, e não poderemos fazê-lo, se você ficar nos interrompendo o tempo todo.”

“Oh! Muito bem.” Jack emudecia. Mas seus lábios continuavam a se mover, e podíamos ouvir como que num sopro: “Lanka, Pentreave, Torbay Hall...” Madge e eu olhávamos uma para a outra e tentávamos encontrar um assunto de conversa.

Num verão, Jack e eu quase nos afogamos. Fazia um tempo ruim; não fôramos a Meadfoot porque ficava muito longe, mas para um recanto de banhos das senhoras, onde Jack, ainda muito jovem, não causava qualquer palpitação em seios femininos. Nesse tempo, ainda não sabia nadar, ou dava apenas algumas braçadas,

por isso costumava colocá-lo sobre minhas costas, servindo-lhe de jangada. Nessa manhã, fizemos como de hábito, mas o mar estava diferente — havia uma ondulação desencontrada e variável —, e, com o peso adicional sobre meus ombros, comecei a achar impossível manter minha boca e meu nariz fora da água. Continuei nadando, mas não conseguia respirar. A maré estava bastante baixa, de modo que a balsa estava perto, porém eu pouco progredia, e só respirava quase que de três em três braçadas.

De repente, tive certeza de que não conseguiria alcançar a balsa. A qualquer momento eu poderia sufocar. “Jack”, arquejei, “saia de cima de minhas costas e nade até a balsa. Está mais próxima do que a praia.” “Por quê?”, disse Jack. “Não quero.” “Por favor, faça o que estou dizendo”, balbuciei. Minha cabeça afundou na água. Afortunadamente, Jack, embora primeiro se agarrasse a mim, escorregou e foi capaz de se desvencilhar sozinho. Nessa altura, já nos achávamos bem perto da balsa, e ele a alcançou sem dificuldades. Mas eu já não tinha condição para notar o que ele fazia. E sentia em mim certa indignação. Sempre ouvira dizer que, quando alguém está prestes a morrer afogado, toda a sua vida passada lhe acode à memória e se ouve uma música lindíssima. Ora, não escutei música alguma e não consegui pensar em minha vida passada; na realidade, só tinha um pensamento: meter algum ar em meus pulmões. Tudo ficou escuro à minha volta, e a primeira coisa de que tive consciência foi de violentas dores no corpo, ao ser rudemente atirada para dentro de um barco. O velho Cavalo-Marinheiro, maníaco e inútil, segundo todos pensávamos, tivera o bom senso de notar que alguém estava se afogando, e viera salvar-me. Depois de me jogar dentro do barco, foi à balsa apanhar Jack, que resistiu ruidosamente, dizendo: “Ainda não quero ir embora. Cheguei *agora* mesmo!”

Quero continuar brincando na balsa! Não quero ir para casa!” Quando chegamos à praia, minha irmã veio até junto de nós, rindo francamente e dizendo: “Que estava fazendo? Que confusão é essa?”

“Sua irmã estava se afogando”, disse o velhote em tom recriminador. “Tome lá, aí tem seu filho. Vamos deitar sua irmã no chão e ver se está precisando de alguns murros.”

Suponho que me deram alguns murros, embora não tivesse perdido totalmente os sentidos.

“Não sei como você percebeu que ela estava se afogando. Ela não gritou por socorro, gritou?”

“Fico sempre espiando. Quando alguém está quase se afogando, não pode gritar, eu sei disso — a água não pára de entrar pela boca.”

Depois desse episódio, ambas passamos a ter muita consideração pelo velho Cavalo-Marinho.

Nossa família vivia muito mais retirada do mundo exterior do que no tempo de meu pai. Eu tinha algumas amigas, e minha mãe freqüentava apenas uma ou duas amigas íntimas; portanto nossa vida social era restrita.

Por um lado, tínhamos muito pouco dinheiro; não era suficiente para reuniões sociais, para carros de aluguel, almoços e jantares. Minha mãe sempre fora caseira, e ultimamente, depois de ter ficado sujeita a ataques cardíacos, saía pouco, pois em Torquay era impossível caminhar sem subir ou descer ladeiras. Eu tomava banhos de mar no verão e no inverno andava de patins e lia quantidades imensas de livros. Nessa área, não parava de fazer novas descobertas. Mamãe lia-me Dickens em voz alta, leitura de que ambas gostávamos.

As leituras em voz alta haviam começado com Sir Walter

Scott. Um de seus livros que eu mais apreciava era *O talismã*. Também li *Marmion* e *A dama do lago*, mas acho que tanto eu quanto minha mãe ficamos muito satisfeitas de passarmos de Sir Walter Scott para Dickens. Mamãe, impaciente como sempre, não hesitava em pular pedaços, nessas leituras, segundo seu capricho. “Todas essas descrições”, dizia quando lia Sir Walter Scott, “são, é claro, muito bem escritas e literatura muito boa, mas ele abusa delas.” Acho que também trapaceava, deixando de lado alguns trechos mais tristes de Dickens.

Nosso primeiro livro de Dickens foi *Nicholas Nickleby*, e minha personagem favorita era o velho senhor que cortejava a sra. Nickleby, jogando as sobras dos legumes por cima do muro. Talvez por esse motivo, entre outros, fiz com que Hercule Poirot, depois de aposentado, cultivasse legumes. Quem sabe? Meu livro preferido de Dickens, entre todos, era e ainda hoje é *Casa desolada*.

De vez em quando tentávamos ler Thackeray, para variar. Lemos assim *Feira das vaidades*, mas emperramos em *Os Newcombes*. “Deveríamos gostar deste livro”, disse minha mãe, “todo mundo diz que é o melhor livro dele.” O livro preferido de minha irmã era *Esmond*, mas esse nós também achávamos difuso e difícil; na realidade, jamais fui capaz de apreciar Thackeray como ele merece.

Minhas leituras secretas eram os livros de Alexandre Dumas, em francês, que me extasiavam. Os *três mosqueteiros*, *Vinte anos depois* e, mais ainda, *O conde de Monte Cristo*. Meu predileto era o primeiro volume, *O Castelo de If*, e, embora os outros cinco volumes, de vez em quando, me deixassem ligeiramente perplexa, o enredo colorido e espetacular era maravilhoso. Também tinha uma predileção romântica por Maurice Hewlett: *The forest lovers*,

The queen's quair e *Richard Yea-and-Nay*. Que belos romances históricos!

Por vezes, minha mãe tinha uma idéia inesperada. Lembro-me de um dia em que escolhia maçãs dentre as que haviam sido derrubadas pelo vento, e ela chegou como um furacão: “Depressa”, disse ela, “vamos para Exeter”.

“Vamos para Exeter”, repeti, surpresa. “Por quê?”

“Porque Sir Henry Irving está em Exeter representando *Becket*. Talvez ele não viva por muito tempo, e você *tem* que vê-lo representar. É um grande ator. Só temos tempo de pegar o trem. Já reservei quarto num hotel.”

Fomos, portanto, a Exeter, e na realidade foi um espetáculo maravilhoso a representação de *Becket*, que jamais pude esquecer.

O teatro sempre fez parte de minha vida. Quando estava em Ealing, vovó costumava levar-me ao teatro pelo menos uma vez por semana, quando não duas. Assistíamos a todas as comédias musicais, e em seguida vovó comprava as partituras — como eu gostava depois de tocá-las ao piano! Em Ealing o piano ficava na sala, e por isso eu não incomodava ninguém, mesmo que tocasse horas sem fim.

A sala de Ealing era um aposento maravilhoso, bem representativo do estilo da época. Praticamente, não havia espaço livre para nos movermos. Havia um esplêndido e espesso tapete turco, e vários tipos de cadeiras, todas forradas de brocado e cada uma mais desconfortável do que a outra. Havia duas ou talvez três escrivaninhas com marchetaria de porcelana, um grande lustre ao centro, abajures a óleo, comuns, quantidades imensas de bibelôs, mesinhas e mobiliário francês em estilo Império. A luz que entrava pelas janelas era filtrada por um jardim de inverno, símbolo de *status* obrigatório em todas as casas vitorianas dignas desse

nome. Era uma sala muito fria, só quando vinham visitas se acendia o fogo e, normalmente, ninguém, a não ser eu, a freqüentava. Acendia os abajures do piano, ajustava o banco, soprava muito nos meus dedos para esquentá-los e começava tocando *The Country girl* ou *Our Miss Gibbs*. Algumas vezes atribuía os desempenhos às “moças”, e outras era eu própria que cantava, imaginando-me uma nova e desconhecida vedete.

Carreguei minhas partituras comigo para Ashfield, e costumava tocá-las durante o serão, na sala de estudo (também absolutamente gelada no inverno). Tocava e cantava. Mamãe, muitas vezes, ia deitar-se cedo, depois de uma ceia leve, por volta das oito da noite. Depois de ter passado duas horas e meia escutando-me tocar piano e cantar o mais alto possível no cômodo por cima de sua cabeça, ela, pobrezinha, não podia agüentar: apanhava uma longa vara de madeira que servia para puxar as janelas para cima e para baixo e batia freneticamente com ela no teto; pesarosamente, eu abandonava o piano.

Também inventei uma opereta chamada *Marjorie*. Não posso dizer, exatamente, que eu a tenha composto, mas cantava no jardim, experimentalmente, fragmentos dela. Tinha a vaga noção de que seria capaz de compor e escrever música algum dia. Cheguei mesmo a escrever um *libretto* para essa opereta, mas fiquei por aí. Não consigo recordar o enredo desse *libretto*; acho que era algo trágico. Um belo rapaz, com uma gloriosa voz de tenor, amava desesperadamente uma moça chamada Marjorie, que, evidentemente, não correspondia a seu amor. No final, ele se casava com outra, mas no dia seguinte ao do casamento chegava de um país distante uma carta de Marjorie, na qual se dizia moribunda e afirmava que, finalmente, compreendera que o amava. Ele deixava a mulher e corria para Marjorie. Esta ainda

estava viva quando ele chegava — tinha forças bastantes para se erguer no leito sobre um cotovelo e cantar uma esplêndida canção de amor e adeus. Aparecia, entretanto, o pai da esposa para vingar a filha abandonada; ficava tão emocionado pela dor dos apaixonados que juntava sua voz de barítono às vozes deles, e um dos trios mais famosos jamais compostos concluía a ópera.

Eu também sonhava em escrever um romance chamado *Agnes*. Desse livro, lembro-me menos. Sei que havia nele quatro irmãs: Queenie, a mais velha, loura e belíssima, depois duas gêmeas, de cabelos negros e bonitas, e finalmente Agnes, que era feia, tímida e doentia, e vivia pacientemente deitada num sofá. Devia haver algo mais nessa história, porém não recordo. Lembro apenas que no final o mérito de Agnes era reconhecido por um homem esplêndido, de bigodes negros, que ela amava secretamente havia anos.

Outra das idéias súbitas de minha mãe foi a decisão de que eu já estava bem educada e talvez fosse melhor para mim passar uma temporada num colégio. Em Torquay havia um colégio para moças, dirigido por uma tal de srta. Guyer; minha mãe fez um acerto com ela para que eu freqüentasse esse colégio dois dias por semana, para estudar certas matérias. Uma delas era aritmética, creio; gramática e composição também foram mencionadas. Eu sempre gostara de aritmética, e talvez tenha começado a aprender álgebra nesse colégio. Porém, gramática era uma disciplina que eu não conseguia assimilar: não conseguia entender por que certas coisas eram chamadas “preposições” ou “verbos”, e tudo aquilo, para mim, era chinês. Costumava mergulhar gostosamente na composição, mas não com grande êxito. As críticas eram sempre as mesmas: minhas redações eram fantasiosas demais. Era severamente criticada por não me fixar num só assunto. Lembro-

me especialmente de “O outono”. Comecei bem, com folhagem dourada e tudo o mais; de repente, não sei como, entrou um *porco* em minha composição; esqueci tudo a respeito do outono e terminei a redação com as aventuras desenfreadas do “porco de rabo curto” e um terrível jantar de sementes de faia que ele ofereceu a seus amigos.

Posso lembrar-me bem de uma das professoras — embora não recorde seu nome. Era baixa e magra, com um queixo saliente e agudo. Inesperadamente (no meio, segundo creio, de uma lição de aritmética), lançou-se certo dia em um discurso acerca da vida e da religião. “Todas vocês”, disse, “*cada uma* de vocês, algum dia, terá que enfrentar o desespero. Se não enfrentarmos o desespero com resignação, não seremos cristãs, jamais saberemos o que é uma vida cristã. Para sermos cristãs, teremos que enfrentar e aceitar a vida que Cristo enfrentou e viveu; devemos apreciar as coisas deste mundo tal como ele as apreciou; devemos ser felizes como ele foi nas bodas de Caná, conhecer a paz e a felicidade que representa estar em harmonia com Deus e com Sua Divina Vontade. Mas devemos também saber, como Cristo, o que é estar sozinho no Jardim das Oliveiras, sentir que todos os nossos amigos nos abandonaram, que aqueles que amávamos e em quem confiávamos se afastaram de nós, e que até o *próprio Deus* nos esqueceu. Então devemos perseverar na crença de que isso *não* é o fim. Se amarmos, sofreremos, senão, jamais saberemos o que significa uma vida cristã.”

Depois disso, regressou à explicação dos problemas com seu vigor habitual, mas, estranho, essas poucas palavras me marcaram mais profundamente do que qualquer sermão que houvesse escutado; anos após, foram elas que me deram ânimo, quando o desespero me fincara as garras. Ela era uma pessoa

dinâmica e também *ótima professora*; gostaria que tivesse lecionado mais tempo para mim.

Algumas vezes, fico a cogitar acerca do que teria sucedido comigo se tivesse continuado meus estudos. Suponho que teria progredido, e penso que teria me dedicado inteiramente à matemática — matéria que sempre me fascinou. Se assim tivesse acontecido, minha vida teria sido, certamente, muito diferente. Eu teria sido uma matemática de terceira ou quarta categoria, e me sentiria muito feliz. Provavelmente, não teria escrito livro algum. A matemática e a música teriam sido suficientes para me satisfazer. Teriam tomado toda a minha atenção, preenchendo o mundo da imaginação.

Todavia, refletindo a esse respeito, acho que afinal todos somos o que teríamos que ser. Gostamos de imaginar: “se isto ou aquilo tivesse sucedido, eu teria feito isto ou aquilo”; ou então: “Se eu tivesse me casado com Fulano de Tal, minha vida teria sido absolutamente diferente”. De qualquer maneira, acredito que sempre teríamos encontrado o caminho para o tipo de vida que nos estava destinado, porque, tenho certeza, *nós seguimos* um projeto de vida: nosso modelo de vida. Podemos embelezar nosso modelo, ou aviltá-lo, mas é o *nosso* modelo, e enquanto o seguirmos nossa mente estará em paz consigo própria.

Não creio que tenha permanecido no colégio da srta. Guyer por mais de um ano e meio; depois disso, minha mãe teve outra idéia. Com sua habitual imprevisibilidade, explicou-me que iria para Paris. Mamãe pretendia alugar Ashfield durante o inverno, e iríamos ambas para Paris. Talvez eu pudesse começar pela mesma *pension* onde estivera minha irmã, para ver se me agradava.

Tudo correu conforme seus planos, como sempre sucedia. Ela os cumpria com a maior eficiência, e obrigava todo mundo a

satisfazer sua vontade. Obtivemos para Ashfield uma renda excelente; mamãe e eu fizemos nossas malas (penso que não carregamos conosco tão grande quantidade desses monstros de tampas abauladas como quando viajáramos para o sul da França; mesmo assim, ainda levamos grande número deles), e num abrir e fechar de olhos estávamos instaladas no Hôtel d'Iéna, na Avenue Iéna, em Paris.

Mamãe ia carregada de cartas de apresentação e endereços de vários *pensionnats* e colégios, professores e conselheiros de toda espécie. Havia muito que ela planejara tudo. Ouvira dizer que o *pensionnat* onde minha irmã estivera decaíra com o passar do tempo; minha mãe, então, decidiu simplesmente que eu iria experimentar durante certo tempo, e depois veríamos. Essa atitude em relação ao ensino dificilmente seria aprovada hoje, mas, para minha mãe, experimentar um colégio era exatamente como experimentar um novo restaurante. Não era possível saber como era dando-se apenas uma olhada dentro dele; era necessário experimentar; e, se eu não gostasse, deveria mudar o quanto antes.

É claro, nesse tempo ninguém se incomodava com diplomas, certificados, e ninguém se preocupava seriamente acerca do futuro.

Comecei, pois, com Mlle T., e fiquei com ela aproximadamente dois meses, até o término do período. Tinha então quinze anos de idade. Minha irmã, quando de sua chegada a esse colégio, sobressaíra imediatamente, porque fora desafiada por outra moça a pular pela janela — coisa que fez imediatamente, indo aterrissar em cima da mesa de chá, em torno da qual se sentavam Mlle T. e distintos pais de alunas. “Como são turbulentas essas moças inglesas!”, exclamou Mlle T., muito

aborrecida. As moças que a haviam instigado ficaram maldosamente felizes, mas admiraram a proeza.

Minha entrada não foi assinalada por nada de sensacional. Eu não passava de um ratinho tranqüilo. Ao terceiro dia, sentia-me mergulhada na mais profunda infelicidade, com saudades de minha casa. Nos últimos quatro ou cinco anos, estivera intimamente ligada a minha mãe e quase não saíra de junto dela, e não era de se estranhar que, pela primeira vez realmente longe de casa, me sentisse saudosa. O curioso, porém, é que não sabia o que se passava comigo. Não tinha apetite. Sempre que pensava em mamãe, meus olhos se enchiam de lágrimas, que corriam pelo rosto abaixo. Recordo-me de olhar para uma blusa que mamãe me fizera — muito malfeita, por sinal —, e justamente o fato de estar *malfeita*, de não me assentar bem, de as pregas não estarem certas, fez-me chorar ainda mais. Consegui, todavia, esconder do mundo esses meus sentimentos, e só chorava de noite, no meu travesseiro. Quando minha mãe chegou para me buscar, no domingo seguinte, falei-lhe como de costume, mas quando chegamos ao hotel rompi a chorar, deitando meus braços em volta de seu pescoço. Tenho a satisfação de dizer que, apesar de tudo, não lhe pedi que me tirasse do colégio; sabia muito bem que teria que continuar lá. Além do que, depois de ver minha mãe, imaginei que não sentiria mais tanta saudade. Na verdade, eu até estava gostando muito do convívio com Mlle T. Estudavam nesse colégio moças francesas, americanas e muitas espanholas e italianas — mas não muitas inglesas. Apreciava especialmente a companhia das americanas. Sua maneira de conversar era viva e leve, e elas recordavam-me minha amiga de Cauterets, Marguerite Prestley.

Não me lembro em que consistiam as atividades — acho que não era muito interessante. Em história, acredito que

estivéssemos estudando o período da Fronda, que eu conhecia muito bem através da leitura dos romances históricos; em geografia, fiquei confusa e vaga para todo o sempre, justamente por ter aprendido as províncias da França como elas eram no tempo da Fronda, o que me fez conhecê-las melhor assim do que no tempo atual. Também aprendíamos os meses no calendário da Revolução Francesa. Meus erros de ortografia nos ditados franceses horrorizavam tanto minha professora, que ela os achava quase inacreditáveis. “*Vraiment, c’est impossible*”, dizia ela. “*Vous, qui parlez si bien le français, vous avez fait vingt-cinq fautes en dictée, vingt-cinq!*”¹

Todo mundo fazia, no máximo, cinco erros e, portanto, meu excesso me tornava um fenômeno bastante interessante. No entanto, eu considerava o fato muito natural, visto que aprendera o francês inteiramente de ouvido. Falava francês coloquialmente, porém as palavras *été* e *était* para mim tinham exatamente o mesmo som. Eu as escrevia indiferentemente de uma maneira ou de outra, ao acaso, esperando acertar. Em algumas disciplinas francesas — literatura, declamação, etc. —, eu ficava em primeiro lugar. Quanto à gramática francesa e ortografia, eu ocupava praticamente o último. Coisa que tornava difícil a posição de minhas pobres professoras — e era, suponho, uma vergonha para mim. Tenho, no entanto, a impressão de que não me importava com tudo isso, não me importava mesmo.

Minha professora de piano era uma senhora de certa idade, chamada Mme Legrand. Vivia naquele colégio havia muitos anos. Seu método favorito de ensinar piano era tocar a quatro mãos com a aluna.

¹ “*Realmente, é impossível.*” “*Você, que fala tão bem o francês, fez vinte e cinco erros no ditado, vinte e cinco!*” *Em francês no original. (N. do E.)*

Insistia em que as alunas aprendessem a ler a música. Minha leitura não era má, mas tocar a quatro mãos com Mme Legrand era uma provação. Sentávamo-nos ambas no mesmo banco e, como Mme Legrand era extremamente nutrida, ocupava a maior parte do banco e empurrava-me com o cotovelo para fora da minha metade. Mme Legrand tocava com grande vigor, usando os cotovelos, que se erguiam no ar, levemente agressivos, disso resultando que a desafortunada pessoa que estivesse tocando com ela tinha que tocar com um dos cotovelos estreitamente colado a si.

Com certa habilidade natural, eu quase sempre conseguia tocar o acompanhamento do dueto. Mme Legrand tocava a sua parte com a maior facilidade, pois apreciava tanto sua própria atuação que, naturalmente, a parte do canto lhe dava maiores possibilidades de tocar com toda a alma. Por vezes, devido ao vigor com que tocava e à sua absorção pela música, Mme Legrand levava muito tempo para perceber que eu fora expulsa do banco. Mais tarde ou mais cedo, eu hesitava num compasso, ficava para trás, tentava alcançá-la, não sabia muito bem onde ela estava e, finalmente, em desespero de causa, tentava tocar notas que não discordassem do que Mme Legrand estava interpretando. Porém, como estávamos lendo música, nem sempre podia adivinhar qual o acorde apropriado. De súbito, quando se dava conta da odiosa cacofonia que estávamos perpetrando, Mme Legrand parava, erguia as mãos aos céus e exclamava: “*Mais qu’est-ce que vous jouez là, petite? Que c’est horrible!*”¹ Interiormente, concordava com ela — era horrível! Começávamos de novo.

¹ “*Mas o que você está tocando, pequena? Como é horrível!*” Em francês no original. (N. do E.)

É claro, quando era eu a tocar o canto, minha falta de coordenação era logo notada. Mas no todo, dávamo-nos muito bem. Mme Legrand bufava e resfolegava um bocado. Seu seio arfava e, por vezes, ela suspirava; tudo isso me alarmava um pouco, mas era fascinante. Por outro lado, Mme Legrand exalava um cheiro especial — o que não era tão fascinante assim.

No fim do período escolar deveria haver um concerto, e eu estava escalada para tocar duas peças; uma, o terceiro movimento da *Sonata patética*, de Beethoven; a outra, uma peça chamada *Serenata de Aragona*, ou algo assim. Impliquei de imediato com a *Serenata de Aragona*. Achava uma dificuldade extraordinária em tocá-la — não sei por quê; era certamente muito mais fácil do que Beethoven. Embora meu Beethoven estivesse saindo bem, a *Serenata de Aragona* continuava a encontrar em mim péssima intérprete. Eu me exercitava com ardor, mas parece que só conseguia ficar mais nervosa. Acordava de noite sonhando que a tocava em público e que me aconteciam várias coisas extraordinárias. As teclas do piano ficavam grudadas, ou descobria que tocava órgão em vez de piano, ou chegava tarde, ou o concerto fora na noite anterior... Tudo isso me parece tão tolo, quando o relembro agora!

Dois dias antes do concerto, tive um acesso de febre tão alta que mandaram chamar minha mãe. O médico veio e não encontrou a causa da febre. Contudo, achou que seria melhor para mim não tocar no tal concerto, e que eu deveria sair do colégio por dois ou três dias, até que o concerto se tivesse realizado. Não encontro palavras para dizer o quanto fiquei grata, embora, ao mesmo tempo, sentisse que havia fracassado em algo que deveria ter feito.

Recordo agora um exame de aritmética no colégio da srta.

Guyer em que fiquei em último lugar, embora estivesse em primeiro durante toda a semana anterior. Não sei por quê, ao ler as questões do exame, minha mente pareceu embotar-se, e fiquei incapaz de raciocinar. Existem pessoas que podem passar nos exames com altas classificações, apesar de serem os piores alunos da turma; algumas têm capacidade de atuar em público muito melhor do que em particular; outras são exatamente o oposto. Pertencço a essa última categoria. É óbvio que escolhi a carreira certa para mim. O que existe de melhor na carreira de escritor é que podemos trabalhar a sós e *dispor de nosso tempo*. Podemos estar preocupados, entediados com nosso trabalho; podemos ter dores de cabeça por causa dele; podemos quase enlouquecer, tentando conseguir que o enredo enverede por onde deve; mas não precisamos levantar-nos no meio de outras pessoas e dizer bobagens em público.

Regressei ao *pensionnat* bastante aliviada e com ótima disposição. Imediatamente, tentei tocar a *Serenata de Aragona*. É certo que saiu melhor do que antes, mas ainda não perfeita. Continuei aprendendo a sonata de Beethoven com Mme Legrand, que, apesar de decepcionada comigo, pois eu era aluna que lhe poderia ter dado algum crédito, foi ainda bastante amável e encorajadora, afirmando que eu possuía verdadeiro talento musical.

Os dois invernos e um verão que passei em Paris foram dos mais felizes de minha vida. Coisas deliciosas não cessaram de acontecer. Alguns amigos americanos de meu avô, cuja filha cantava no Opéra, moravam em Paris. Fui escutá-la no papel de Margarida, no *Fausto*. No *pensionnat* não levavam as alunas ao *Fausto* — pois o enredo não era considerado *convenable* para *les jeunes filies*. Acho que todo mundo era muito otimista quanto à

facilidade de corrupção das *jeunes filies*: teria sido necessário possuir conhecimentos muito mais avançados do que os das *jeunes filies* daquele tempo para descobrir que na janela de Margarida se passava algo de impróprio. Em Paris jamais entendi por que Margarida foi de repente para a prisão. Será que ela teria roubado algumas jóias? É claro que a gravidez e a morte da criança não me ocorreram.

Mais freqüentemente nos levavam ao Opéra Comique: *Thaïs*, *Werther*, *Carmen*, *ha vie bohème*, *Manon*. *Werther* era minha ópera predileta. No Grand Opera House assisti ao *Tannhäuser* e ao *Fausto*.

Minha mãe levou-me a costureiras e, pela primeira vez, comecei a gostar de roupas. Tinha um vestido de semitoaleta, de *crêpe de Chine*, cinza-pálido, que fazia minha felicidade — nunca na vida possuía algo que me fizesse sentir-me tão adulta! Minha única tristeza era meus seios colaborarem tão pouco, pois tivemos de acrescentar uma série de babados no corpo do vestido; contudo, eu ainda alimentava a esperança de um dia possuir um par de seios verdadeiramente femininos, firmes, redondos e grandes. Como é bom o fato de ser-nos poupada a visão do futuro! Se assim não fosse, eu me teria visto aos trinta e cinco anos de idade com seios bem femininos, redondos e desenvolvidos, ao passo que — ai de mim! — todas as outras mulheres exibiriam um peito chato como uma tábua, e as que eram infelizes por possuírem um pouco mais de seios os apertariam para que ninguém percebesse!

Servindo-nos das cartas de apresentação que minha mãe trouxera, começamos a freqüentar a sociedade francesa. As moças americanas eram sempre bem-vindas ao Faubourg St.-Germain, e era aceitável, para a aristocracia francesa, que seus filhos se

casassem com americanas ricas. Embora eu não fosse rica, meu pai fora conhecido como cidadão americano, e supunha-se que todos os americanos possuíssem fortuna. Tratava-se de uma sociedade do Velho Mundo, muito interessante, muito correta. Os franceses que conheci eram corteses, muito *comme il faut* — e nada poderia ser mais tedioso, do ponto de vista de uma moça de minha idade. Contudo, aprendi o fraseado francês da melhor qualidade. Pelo que me lembre (embora o nome não pareça provável), também aprendi dança e boas maneiras com uma pessoa chamada sr. Washington Lob. O sr. Washington Lob era incrivelmente parecido com o sr. Turveydrop. Aprendi os vários usos das sociedades cosmopolitas. “Suponha que você se sente junto de uma senhora casada, já de certa idade. Como você faz?” Fitei o sr. Washington Lob com um olhar vazio. “Como eu me sentaria?”, perguntei-lhe, desorientada.

“Sente-se, para ver como você faz.” Havia na sala várias cadeiras douradas e sentei-me numa delas, tentando esconder minhas pernas o mais possível debaixo da cadeira.

“Não, não, é impossível. Não pode ser”, disse o sr. Washington Lob. “Você deve sentar-se um pouco de lado, assim, está bem, não mais do que isso; e, ao sentar-se, você se inclina levemente para a direita, curvando ligeiramente seu joelho esquerdo, de modo a sugerir uma pequena reverência.” Tive de praticar bastante.

As únicas aulas que eu realmente odiava eram as de desenho e pintura. Mamãe era irredutível; não consentia que eu as abandonasse: “As moças bem-educadas devem saber pintar aquarelas”.

De modo que, muito revoltada, duas vezes por semana eu era acompanhada por uma jovem senhora (visto que em Paris as

moças não andavam sozinhas), de metrô ou ônibus, ao ateliê nas imediações do mercado de flores. Aí, juntava-me a várias outras jovens senhoras, pintando violetas num copo de água, lírios numa jarra, narcisos dos prados num vaso negro. Escutavam-se suspiros prolongados à medida que a senhora encarregada da aula fazia sua ronda por entre os pintores. “*Mais vous ne voyez rien*”¹, disse ela para mim. “Primeiro, você deve começar com o *sombreado*. Não está vendo? Aqui e aqui e *aqui* estão os *sombreados*.”

Jamais consegui enxergar os tais *sombreados*; tudo o que eu via eram algumas violetas num copo de água. As violetas eram roxas — eu misturava as tonalidades de roxo em minha paleta, e depois pintava as violetas roxas. Devo confessar que minha pintura não resultava semelhante a um ramo de violetas num copo de água, mas eu não enxergava, e creio que nunca enxerguei, como os *sombreados* tornavam autênticas as violetas num copo de água. Algumas vezes, para aliviar minha depressão, desenhava as pernas da mesa ou de qualquer cadeira, o que me estimulava, mas não era coisa que agradasse muito às minhas instrutoras.

Apesar de ter conhecido muitos franceses encantadores, não sei por que nunca me apaixonei por nenhum deles. No entanto, fiquei apaixonada pelo recepcionista do hotel, M. Strie. Era alto e magro, e lembrava um pouco uma solitária, com cabelos de um louro pálido e, no rosto, uma visível tendência para espinhas. Realmente, hoje não sei o que vi nele. Nunca tive coragem de lhe falar, embora ele me dissesse ocasionalmente: “*Bonjour, mademoiselle*”, quando eu passava no *hall*. Era difícil sonhar fosse o que fosse acerca de M. Strie.

¹ “*Mas você não vê nada.*” *Em francês no original. (N. do E.)*

Eu ia ao ponto de me imaginar cuidando dele, durante uma peste na Indochina francesa; mas demandava bastante esforço acreditar nessa fantasia, segundo a qual, quase exalando seu último suspiro, M. Strie murmuraria: “*Mademoiselle*, sempre a adorei, desde aqueles dias no hotel”. Nada disso ficava mal de todo; porém, no dia seguinte, ao observar M. Strie escrevendo aplicadamente atrás de sua escrivaninha, parecia-me improvável que algum dia ele viesse a pronunciar algo semelhante, mesmo no leito de morte.

Passamos as férias da Páscoa com excursões a Versalhes, Fontainebleau e vários outros lugares. Foi então que, com sua habitual imprevisibilidade, mamãe anunciou que eu não retornaria à escola de Mlle T.

“Não fiquei bem impressionada com esse colégio”, disse mamãe. “O ensino não é interessante. Não é mais como no tempo de Madge. Vou voltar para a Inglaterra e cuidarei para que você fique no colégio da srta. Hogg, em Auteuil, o Les Marronniers.”

Assim, fui para o Les Marronniers, que era um bom colégio, mas extremamente inglês. Gostava de estudar nele, embora o achasse maçante. Dispunha de uma boa professora de música, não tão engraçada quanto Mme Legrand. Como todo mundo falava inglês, embora isso fosse proibido, ninguém aprendia direito o francês.

As atividades exteriores não eram nada estimulantes no Les Marronniers, ou talvez nem fossem permitidas. Por isso pude, finalmente, libertar-me das detestadas lições de desenho e pintura. A única coisa de que sentia falta era o mercado de flores, aonde ia com freqüência, e que era, na realidade, um paraíso. Não foi surpresa para mim quando, no fim das férias de verão, minha mãe me disse que eu não voltaria mais para o Les Marronniers.

Tivera uma nova idéia acerca de minha educação.

V

O médico de vovó, dr. Burwood, tinha uma cunhada que dirigia em Paris um pequeno estabelecimento, uma escola para aperfeiçoar a educação de moças. Só recebia de doze a quinze moças, e todas estudavam música ou faziam cursos no Conservatoire ou na Sorbonne. Que tal eu achava a idéia?, perguntou-me minha mãe. Como já disse, sempre gostava de idéias novas; de fato, meu lema poderia ter sido, nessa época: “Experimento de tudo, pelo menos uma vez”. Portanto, no outono, fui para o colégio da srta. Dryden, perto do Arco do Triunfo, na Avenue du Bois.

A temporada com a srta. Dryden serviu-me às mil maravilhas. Pela primeira vez, senti que fazia o que realmente me interessava. Éramos doze moças. A srta. Dryden era alta, de aparência levemente feroz, com cabelos brancos lindamente penteados, corpo excelente e nariz vermelho, que costumava esfregar com violência quando se zangava. Sua forma de conversar era seca, irônica, coisa que, se a princípio alarmava, também era estimulante. Para ajudá-la, contava com uma coadjutora francesa, Mme Petit. Essa senhora era excessivamente francesa, muito temperamental, altamente emotiva, notavelmente injusta, mas todas nós lhe éramos dedicadas, e não a temíamos tanto quanto à srta. Dryden.

Era como se estivéssemos morando com uma família, embora, em relação a nossos estudos, a atitude fosse de extrema seriedade. O estudo da música era o principal, mas havia muitas

outras aulas igualmente interessantes. Vinham atores da Comédie-Française fazer palestras sobre Molière, Racine e Corneille, e cantores do Conservatoire, que interpretavam trechos de Lully e de Gluck. Tínhamos aulas de teatro, em que todas recitávamos. Felizmente, nesse colégio não se faziam tantos *dictées*, e assim meus erros de ortografia eram menos notados; visto que meu francês falado era melhor que o das outras, eu me comprazia imensamente em recitar excertos de *Andromaque*. Sentia-me como se fosse a própria heroína trágica, enquanto, de pé, declamava:

“*Seigneur, toutes ces grandeurs ne me touchent plus guère*”¹.

Acho que todas gostávamos da aula de teatro. Levavam-nos à Comédie-Française, e víamos tanto teatro clássico quanto peças modernas. Vi Sarah Bernhardt no que deve ter sido um dos últimos desempenhos de sua carreira, representando um faisão dourado em *Chantecler*, de Rostand. Estava velha, manca, fraca, e sua voz de ouro tremia, mas sem dúvida não deixava de ser uma grande atriz — mantinha o público dominado por sua apaixonada emoção. Réjane, porém, achei ainda mais extraordinária do que Sarah Bernhardt. Vi-a numa peça moderna, *La course aux flambeaux*. Tinha o maravilhoso dom de nos fazer sentir, por trás de sua atuação contida, toda uma maré de sentimentos e emoções que ela parecia reprimir. Parece-me que, se ficar sentada por dois ou três minutos, de olhos fechados, ainda poderei contemplar seu rosto nas últimas palavras da peça: “*Pour sauver ma filie j’ai tué ma mère*”² e sentir de novo o arrepio profundo que ela nos causava, enquanto o pano descia.

¹ “*Senhor, todas essas grandezas não me tocam mais.*” Em francês no original. (N. do E.)

² “*Para salvar minha filha matei minha mãe.*” Em francês no original. (N. da T.)

É minha opinião que o ensino só pode ser satisfatório se despertar alguma resposta no aluno. Meras informações não servem para nada, não acrescentam nada ao que já se possuía antes. Escutar palestras acerca de peças, pronunciadas por *atrizes* que repetem palavras e trechos dessas mesmas peças, ou escutar verdadeiros cantores interpretando o *Bois épais* ou uma ária do *Orfeu*, de Gluck, são coisas que motivam um apaixonado amor pela arte que está sendo apresentada. Para mim, abriu-se a porta de um mundo novo, um mundo no qual me foi permitido continuar vivendo.

Meu único estudo sério foi, é claro, a música, tanto o piano quanto o canto. Estudei piano com um austríaco, Charles Fürster, que de vez em quando vinha a Londres dar recitais. Era um professor muito bom, mas assustador. Seu método consistia em andar em redor da sala enquanto o aluno tocava. Parecia não ouvi-lo, olhando pela janela, cheirando uma flor; de repente, quando o aluno tocava uma nota errada ou fraseava mal, voltava-se com a rapidez de um pulo de tigre e gritava: “*Hein, qu’est-ce que vous jouez lá, petite, bien? C’est atroce!*”¹

A princípio, era um suplício para os nervos, mas nos acostumávamos. Era um apaixonado pela música de Chopin, pelas *Valsas*, a *Fantaisie impromptue* e uma das *Baladas*. Eu sabia que, sob sua orientação, fazia progressos, e isso me deixava muito feliz. Também aprendi as *Sonatas* de Beethoven, assim como outras peças leves a que ele chamava de “peças de salão”, um *Romance* de Fauré, a *Barcarolle* de Tchaikóvski, e outras coisas.

¹ “O que você está tocando aí, menina? É atroz!” Em francês no original. (N. da T.)

Praticava com muita assiduidade, habitualmente sete horas por dia. Acredito que, dentro de mim, nascia uma esperança maluca — não sei se algum dia a deixei atingir minha consciência, mas ela lá estava, no mais profundo de minha mente —, a de que talvez pudesse me tornar uma verdadeira pianista e dar concertos. Levaria muito tempo e teria que trabalhar duramente, mas eu sabia que estava progredindo rapidamente.

Minhas aulas de canto haviam começado antes desse período. Meu professor era um certo M. Boué. Ele e Jean de Reszke eram considerados os dois melhores professores de canto de Paris. Jean de Reszke fora um famoso tenor, e Boué, um barítono, cantor de ópera. Morava num apartamento de quinto andar, sem elevador. Eu costumava chegar ao quinto andar totalmente sem fôlego, como era natural. Os apartamentos eram tão parecidos uns com os outros que era necessário contar os andares para sabermos onde estávamos, mas, quando chegávamos ao de M. Boué, sempre se sabia, devido ao papel de parede da escada: no último patamar, via-se uma enorme mancha de gordura que aparentava uma vaga semelhança com a cabeça de um *cairn terrier*.

Assim que eu chegava, era imediatamente recebida com censuras. Por que respirava daquele jeito? Por que estava sem fôlego? Uma moça de minha idade deveria pular pelas escadas acima sem fraquejar. A respiração era o essencial. “A respiração é tudo no canto, você já deveria saber.” Depois, Boué apanhava a fita métrica, sempre à mão. Colocava-a em torno de meu diafragma e mandava-me inspirar, segurar minha respiração e depois exalar o ar todo, tão completamente quanto possível. Comparava então as medidas entre as duas respirações, abanando a cabeça de vez em quando e dizendo: “*C’est bien, c’est*

bien, está melhorando. Você possui um bom tórax, um tórax excelente. Tem uma expansão esplêndida, e, o que é mais, vou dizer-lhe algo importante: você jamais ficará tuberculosa. Essa doença atinge alguns cantores. Você, jamais. Enquanto exercitar sua respiração, tudo estará bem. Gosta de comer carne?” Eu dizia que sim. “Isso também é bom para você, é muito bom para um cantor. Você não deverá comer grandes refeições, nem muito freqüentes, mas sempre digo aos meus cantores de ópera: coma às três horas da tarde um bom pedaço de carne e beba um copo de cerveja preta; depois disso, *mais nada*, até você cantar, às nove horas.”

Começávamos em seguida a lição de canto. A *voix de tête*, dizia ele, era muito boa, era perfeita; saía com naturalidade e como devia ser, e minhas notas de peito não eram lá muito ruins. Porém, o *medium*, o *medium* era extremamente fraco. Por isso, para começar, deveria cantar canções de *mezzo-soprano*, para desenvolver o *medium*. Nos intervalos, ele ficava exasperado com o que chamava de “meu rosto inglês”. Dizia: “Você não tem expressão! Não tem mobilidade. A pele em torno da boca não se mexe; e a voz, as palavras, tudo vem do fundo da garganta. É muito ruim! A língua francesa tem que vir do *palato*, do céu da boca, de dentro do nariz, é *daí* que vem a voz do *medium*. Você fala muito bem francês, com bastante fluência, mas é pena que não fale com o sotaque inglês, porque fala com o sotaque do Midi. Por que tem sotaque do Midi?”

Cogitei por uns minutos, e depois expliquei que aprendera francês com uma empregada francesa que viera de Pau.

“Ah! Isso explica tudo. Sim, é claro, é isso. Você tem o sotaque *meridional*. Como eu estava dizendo, você fala francês com muita fluência, mas como se estivesse falando inglês, porque fala

do fundo da garganta. Você deve mover os lábios. Mantenha seus dentes cerrados, porém mova os *lábios!* Ah, já sei o que vamos fazer.”



Minha titia-vovó na velhice.



Minha mãe, em sua casa em Torquay, pouco antes da Primeira Guerra Mundial.

Então colocava um lápis no canto de minha boca e mandava-me articular o melhor que pudesse, enquanto cantava,

sem deixar cair o lápis. A princípio era extremamente difícil, mas depois de algum tempo consegui. Meus dentes seguravam o lápis, e meus lábios então tinham que se movimentar muito para poder formar as palavras.

Boué mostrou grande fúria quando, um dia, lhe levei uma ária de *Samson et Dalilah*, *Mon coeur s'ouvre à ta voix*, e pedi para aprendê-la, pois gostava muito dessa ópera.

“Mas o que você me traz aqui?”, disse ele, olhando a peça de música. “O que é isso? Que clave é essa? Está numa clave transposta.”

Eu disse que trouxera uma versão para voz de soprano.

Boué gritou, de tal modo se enfurecera: “Mas *Dalilah* não é partitura de soprano. É partitura de *mezzo*. Você não sabe que, se cantar uma ária de ópera, deverá ser sempre na clave em que foi escrita? Você não pode transpor para uma voz de soprano o que foi escrito para uma voz de *mezzo*, pois colocaria mal toda a acentuação. Leve isso embora. Se você me trazer essa partitura na clave própria, para *mezzo*, então, sim, poderá aprendê-la”.

E desde então nunca mais ousei cantar uma ária transposta.

Aprendi grande quantidade de canções francesas e uma lindíssima *Ave-maria*, de Cherubini. Por algum tempo, debatemos minha pronúncia do latim. “Os ingleses pronunciam o latim à maneira italiana, os franceses têm sua maneira própria de pronunciar o latim. Acho, como você é inglesa, que deve cantar com a pronúncia italiana.”

Também cantava muitas canções de Schubert em alemão, a despeito de não falar a língua, que, aliás, não me era difícil; cantava canções em italiano também, é claro. No todo, não havia condições para que me sentisse muito ambiciosa; depois de seis meses de estudo, no entanto, tive licença para cantar a famosa

ária de *La bohème*, *Che gelida manina*, e também a ária da *Tosca*, *Vissi d'arte*.

Na verdade, foi um tempo feliz. Às vezes, depois de uma visita ao Louvre, íamos tomar chá no Rumpelmayer. Não podia haver maior delícia para uma moça gulosa do que um chá no Rumpelmayer. Meus bolos prediletos eram uns doces gloriosos com creme de leite e enfeites de castanhas, incomparavelmente enjoativos.

Também íamos, é claro, passear no Bois de Boulogne — lugar realmente fascinante. Um dia, lembro-me bem, quando caminhávamos aos pares por um atalho muito arborizado, surgiu um homem de trás de umas árvores — um caso clássico de exibicionismo sexual. Creio que todas nós o vimos. Nem por isso, contudo, deixamos de nos comportar da maneira mais decente, como se não tivéssemos notado nada anormal; talvez sequer tivéssemos certeza do que havíamos visto. A própria srta. Dryden, que nesse dia tomava conta de nós, continuou em frente, como se navegasse tão beligerante quanto um navio de guerra. Nós a seguimos. Suponho que o homem, cujo vestuário na parte superior parecia bastante correto, tinha cabelos pretos, uma barba pontiaguda e uma gravata muito elegante; possivelmente, passava seus dias perambulando pelos recantos mais sombreados do parque, tentando surpreender as jovens decentes dos *pensionnats*, que caminhavam duas a duas e que — quem sabe? — desejariam aumentar seus conhecimentos sobre a vida de Paris. Posso acrescentar que, tanto quanto sei, nenhuma de nós mencionou o incidente a qualquer das outras moças; não houve sequer uma risada. Éramos todas esplendidamente discretas.

A srta. Dryden, de vez em quando, dava pequenas festas; certa ocasião, uma antiga aluna sua, uma americana que mais

tarde se casou com um visconde francês, chegou com o filho, Rudy. Parecia tudo menos um nobre francês, com sua aparência de colegial americano. Rudy deve ter empalidecido um pouco ao se deparar com doze jovens casadouras, fitando-o com interesse, aprovação e, talvez, romântica expectativa.

“Estou vendo muitas mãos para apertar”, declarou, em tom jovial. Encontramos Rudy de novo no dia seguinte, no Palais de Glace, onde algumas de nós íamos patinar e outras aprendiam. Rudy continuou decididamente galante, ansioso, creio, por não decepcionar sua mãe. Deu várias voltas no ringue patinando com aquelas, dentre nós, que podiam acompanhá-lo. Eu, como tantas outras vezes nessas matérias, não tive sorte. Começara justamente a aprender, e logo na primeira tarde de meu aprendizado conseguira jogar ao chão o instrutor. Isso, posso afirmá-lo, enfureceu-o. Ridicularizara-o aos olhos de seus colegas. Ele se jactava de poder segurar fosse quem fosse, mesmo a mais nutrida senhora americana; ser jogado ao chão por uma jovem alta e magra deve tê-lo vexado. A partir daí, vinha buscar-me tão raramente quanto possível, para que eu desse minha volta. Por isso mesmo, achei que não me arriscaria a ser pilotada por Rudy na volta do ringue, receando jogá-lo ao chão e aborrecê-lo. Algo, no entanto, sucedeu comigo nesse encontro com Rudy. Só o vimos nessas poucas ocasiões, mas para mim elas marcaram um ponto de transição. Foi nessa época que superei a adoração dos heróis que povoara minha mente, a paixão por pessoas reais ou irreais, personagens de livros, nomes que andavam badalados nos jornais e até gente que freqüentava nossa casa; todas essas fantasias sumiram a partir desse momento. Deixara de entregar-me a um amor desencarnado ou ao desejo de me sacrificar por alguém. Desde essa época, comecei a pensar nos rapazes como rapazes —

criaturas interessantes com as quais eu gostava de conviver, e entre as quais, algum dia, encontraria meu marido. O tal sr. Destino! Não me apaixonei por Rudy. Talvez isso tivesse sucedido, se o encontrasse mais vezes. Mas, de repente, senti que algo mudara em mim, que eu estava *diferente*. Tornara-me membro daquele mundo de fêmeas em busca de suas presas! A partir desse momento, a imagem do bispo de Londres, que fora meu último objeto de adoração, esvaiu-se. Tudo o que eu queria, agora, era encontrar rapazes *de verdade*, muitos desses jovens rapazes — quanto mais, melhor!

Não tenho idéia nítida, hoje, do tempo que fiquei com a srta. Dryden — um ano, talvez dezoito meses, não creio que chegasse a dois anos. Minha volúvel mãe não mais propôs modificações no meu plano educacional. Talvez não tenha sabido de algo mais interessante. Ela deve ter intuído que eu estava satisfeita e que ia me realizando. Aprendia coisas que me interessavam, que passariam, de futuro, a alimentar meu interesse pela vida.

Um de meus sonhos desvaneceu-se ainda antes de eu deixar Paris. A srta. Dryden estava à espera de uma de suas antigas alunas, a condessa Limerick, excelente pianista, aluna de Charles Fürster. Habitualmente, as duas ou três moças que estudavam piano davam um concerto informal nessas ocasiões. Fui uma delas. O resultado: uma catástrofe. Estava um pouco nervosa, não mais do que o natural; tão logo, porém, me sentei ao piano, a incapacidade dominou-me como uma maré. Toquei notas erradas, não mantive o compasso, meu fraseado foi o de uma amadora — um desastre!

Ninguém poderia ter sido mais gentil do que Lady Limerick. Falou comigo depois, disse-me que entendera o quanto eu estava nervosa e que eram comuns essas crises, chamadas de “pânico do

palco”. Talvez eu conseguisse dominá-las, mais tarde, quando tivesse mais experiência de tocar em público. Fiquei muito grata por palavras tão bondosas, mas entendi que não representavam nenhum incentivo.

Continuei estudando; antes de voltar para casa, perguntei a Charles Fürster, francamente, se achava que com aplicação e trabalho eu poderia, algum dia, tornar-me pianista profissional. Ele foi muito amável, mas não quis mentir. Disse que achava que eu não possuía o temperamento adequado para tocar em público, e eu sabia que ele estava certo. Fiquei-lhe grata por me dizer a verdade. Durante certo tempo, senti-me triste com a desilusão; esforcei-me, porém, por não cultivar em mim esse sentimento.

Se o que mais desejamos na vida não está ao nosso alcance, é muito melhor aceitar esse fato e ir em frente, em vez de ficarmos meditando sobre nossas frustrações. Esse revés chegou cedo, e foi uma ajuda para o futuro; ensinou-me que eu não tinha temperamento para exposições de qualquer espécie. Na verdade, nesses momentos eu não conseguia controlar minhas reações *físicas*.

Quarta parte

FLERTES, NAMOROS, PROCLAMAS,
CASAMENTO

(Jogo popular vitoriano)

I

Pouco depois de termos chegado a Paris, minha mãe adoeceu seriamente. Segundo o costume, os médicos diagnosticaram apendicite, paratifo, pedras na vesícula, e outras coisas mais. Várias vezes estive a ponto de ser carregada para a mesa de operações. Os tratamentos não a faziam melhorar. Continuava com as recaídas, e pensou-se em operá-la, tendo-se discutido qual a cirurgia mais indicada. Mamãe era, ela própria, médica amadora. Quando seu irmão Ernest estivera estudando medicina, ajudara-o com grande entusiasmo. Minha mãe teria sido muito melhor profissional do que ele. Meu tio acabou desistindo, por não agüentar ver sangue. Por esse tempo, minha mãe estava praticamente tão treinada quanto ele — e não se incomodava com sangue, ferimentos, ou quaisquer outras mazelas físicas que pudessem ferir sua sensibilidade. Eu notava que, quando íamos ao dentista juntas, minha mãe deixava de lado revistas como *Queen* ou *Ihe Tatler*, e imediatamente apanhava *The Lancet* ou o *British Medical Journal*, se por acaso se achassem em cima da mesa.

Perdendo finalmente a paciência com os médicos que a assistiam, mamãe declarou: “Não acredito que eles *saibam* o que tenho; eu própria não sei. Acho que o melhor a fazer é me livrar deles”.

Chamou ainda um outro médico, da espécie obediente, e em breve pôde anunciar que ele a aconselhava a apanhar sol e ir para

um lugar de clima quente e seco. “Passaremos o inverno no Egito”, informou-me.

Uma vez mais procedemos ao aluguel da casa. Felizmente, as despesas de viagem eram então bastante baixas, e o custo de vida no estrangeiro, facilmente coberto pela alta renda pedida por Ashfield.

É claro que Torquay, nessa época, ainda era um bom local para passar o inverno. Ninguém ia para lá no verão, e as pessoas que moravam lá iam para outra localidade, onde evitassem o “calor terrível”. (Não posso imaginar que calor terrível era esse: hoje acho o sul de Devon extremamente fresco no verão.) No verão, as pessoas residentes em Torquay costumavam procurar casas no interior, na charneca. Meus pais também fizeram a mesma coisa, um ano, mas acharam o interior tão quente que meu pai alugou uma carruagem pequena e quase todas as tardes ia para Torquay, a fim de sentar-se no seu jardim. Fosse como fosse, Torquay era então a Riviera da Inglaterra, e havia quem pagasse grandes somas pelos aluguéis de casas mobiliadas na alegre temporada, pois havia concertos, bailes de vez em quando e grande atividade social.

Eu estava na época de “debutar”. Meus cabelos eram penteados para o alto, no que se dizia então ser o estilo grego, com grandes cachos apanhados atrás, no alto, e uma faixa estreita rodeando a cabeça. Na verdade, era um estilo muito bonito e particularmente apropriado para os vestidos de baile. Meus cabelos eram muito longos — podia facilmente sentar-me em cima deles. Não sei por quê, isso era considerado motivo de orgulho para uma mulher, embora, na realidade, equivalesse também a estar sempre despenteada, com indomáveis melenas costas abaixo. Para ajudar, os cabeleireiros criaram o que se chamava

então de *postiche* — um grande tufo de cachos postiços que se prendia ao próprio cabelo, sendo que este era usado bem apertado em volta da cabeça.

A festa de debutante era muito importante na vida de uma moça. Se tinham dinheiro, os pais davam um baile. Era costume passar uma temporada em Londres. Claro que a “temporada” elegante em Londres não era, de modo algum, a exploração altamente organizada que impera há vinte ou trinta anos. As pessoas convidadas para os bailes que dávamos e as pessoas a cujos bailes íamos eram nossos amigos pessoais. Havia sempre alguma dificuldade em encontrar rapazes em número suficiente; mas os bailes eram, de modo geral, bastante informais. De outras vezes, íamos aos bailes de beneficência, em grandes grupos.

É claro que comigo não iria acontecer nada disso. Madge fizera seu *début* em Nova York e lá fora a festas e bailes; nosso pai, porém, não tivera posses para lhe oferecer a estada em Londres durante a “temporada”, e para mim, então, sequer valia a pena pensar nisso. Minha mãe, de qualquer modo, ansiava por que eu tivesse o que na época era considerado o direito de nascença de uma moça, quer dizer, a oportunidade de emergir como uma borboleta de sua crisálida, passar de aluna de colégio a jovem senhora da sociedade, de modo a poder conviver com outras moças e muitos jovens e, falando francamente, ter oportunidade de encontrar um casamento conveniente.

Todo mundo fazia questão de ser gentil para com as moças. Eram convidadas para festas particulares e organizavam-se serões teatrais para elas. Podia-se confiar que os amigos se reuniriam em seu redor. Não existia nada semelhante ao sistema francês de poupar as filhas, permitindo-lhes apenas encontrar alguns poucos “bons partidos” selecionados, que eventualmente seriam maridos

convenientes, jovens que já haviam feito as loucuras próprias da idade e que possuíam dinheiro bastante para sustentar uma esposa. Esse sistema era, em minha opinião, muito bom; tenho certeza de que dele resultou grande porcentagem de casamentos felizes. A crença inglesa de que as moças francesas eram forçadas a casar com velhos ricos não era verdadeira. Uma moça francesa podia fazer sua escolha, embora, de fato, essa escolha fosse limitada. Os jovens farristas, turbulentos, os encantadores *mauvais sujets* que elas, sem dúvida, prefeririam, não tinham permissão de entrar em sua órbita.

Na Inglaterra, não era assim. As moças iam a bailes e encontravam toda espécie de rapazes. As mães iam também a tais bailes, onde ficavam sentadas, “segurando velas”, mas o que poderiam fazer? É claro que as pessoas eram muito cuidadosas acerca dos jovens com quem permitiam que suas filhas convivessem; mesmo assim, havia um mundo de possibilidades, e era sabido que as moças sempre preferiam os jovens indesejáveis, indo ao ponto de ficarem noivas deles, estabelecendo-se então o que se chamava de “acordo”. “Entrar num acordo” era realmente uma expressão útil; com esse termo, os pais evitavam as situações difíceis que poderiam resultar de uma oposição declarada. “Você ainda é muito moça, meu bem, e, embora eu ache Hugh encantador, penso também que ele é jovem demais e ainda não está com a vida organizada. Não vejo por que você não possa ter com ele um ‘acordo’: que se encontrem de vez em quando, certo, mas nada de cartas *nem* noivado oficial.” Depois trabalhavam por baixo do pano e tentavam encontrar um moço que lhes conviesse e distraísse a moça, afastando-a do primeiro. Isso acontecia muitas vezes. A oposição direta, é claro, faria com que a moça se fixasse freneticamente em sua primeira escolha; com a liberdade

de encontro e de convívio, desaparecia parte da magia, e como a maioria das moças é capaz de ser sensata, freqüentemente elas mudavam de idéia.

Como estávamos sem dinheiro, minha mãe viu que seria difícil para mim fazer meu *début* em sociedade nos termos habituais. Sua escolha do Cairo como sede de sua convalescença foi feita, creio, principalmente por minha causa — e foi uma boa escolha. Eu era uma moça tímida, nada brilhante sob o ponto de vista social; se eu pudesse me familiarizar com rapazes, dançar, e tudo o mais, como coisa normal, seria a melhor maneira de me dar alguma experiência que valesse a pena.

O Cairo, do ponto de vista de uma moça, era um sonho maravilhoso. Passamos lá três meses, e todas as semanas eu ia pelo menos a cinco bailes. Eram celebrados nos hotéis principais, por turnos. No Cairo estavam estacionados três ou quatro regimentos; todos os dias, havia partidas de pólo e, ao custo de um hotel de preço moderado, tudo isso ficava à nossa disposição. Muita gente ia para o Cairo passar o inverno — não poucas mães com suas filhas. A princípio, mantive-me tímida, embora apreciasse dançar, e dançava bem. Apreciava também o convívio masculino, e descobri que os jovens eram atraídos por mim — portanto, tudo estava andando muito bem. Eu tinha dezessete anos de idade — o Cairo, como Cairo, não tinha para mim o menor significado: as moças entre os dezessete e os dezoito anos raramente pensam em outro assunto que não seja os jovens da mesma idade, coisa, aliás, muito certa.

A arte do flerte perdeu-se nos dias de hoje, mas nessa época estava em plena moda e era, creio, semelhante ao que os antigos trovadores chamavam “o país da ternura”. É uma boa introdução à vida — esse afeto meio sentimental, meio romântico, que cresce

entre aqueles a quem chamo agora, em minha idade avançada, “os rapazes e as moças”. Ensina-lhes algo da vida e algo sobre si mesmos, sem que por isso tenham que pagar um preço muito alto ou decepcionante demais. Realmente, não me recordo da existência de crianças ilegítimas entre minhas amigas ou em suas famílias. Não, engano-me! Soube de uma história nada bonita: uma moça nossa conhecida foi passar suas férias com uma colega e foi seduzida pelo pai dessa colega, homem já de certa idade, aliás com reputação pouco recomendável.

Eram difíceis as relações sexuais, pois os rapazes tinham alta consideração pelas moças que conheciam, e a opinião pública, rigorosa, afetava-os tanto quanto às moças. Os homens dispunham de seus *divertimentos* sexuais com mulheres casadas, muitas vezes bem mais velhas do que eles, ou então com “amiguinhas”, em Londres, que todo mundo fingia não conhecer. Lembro-me de um incidente, mais tarde, num dia em que estava numa festa numa casa particular. Também se achavam ali duas ou três moças e alguns jovens, em sua maioria militares; um deles saiu abruptamente, dizendo que fora chamado por um telegrama da Inglaterra, o que obviamente era mentira. Ninguém sabia a causa dessa partida súbita; ele, porém, fizera confidências a uma moça bem mais velha, conhecida sua, e a quem considerava capaz de avaliar seu problema. Aparentemente, fora convidado a acompanhar uma das moças a um baile a alguma distância dali, baile para o qual os outros não haviam sido convidados. Cumprindo a missão, levava-a, mas no caminho a moça sugerira que parassem num hotel e alugassem um quarto. “Chegaremos ao baile um pouco mais tarde”, dissera ela, “mas ninguém vai notar. Faço isso muitas vezes.” O jovem ficou de tal modo horrorizado que recusou a sugestão e achou impossível encará-la quando se

encontraram no dia seguinte. Daí a saída brusca.

“Mal podia acreditar em meus ouvidos. Parecia uma moça tão bem-educada, tão ingênua, seus pais são gente decente, e tudo o mais. Justamente o gênero de moça com quem gostaríamos de casar.”

Estávamos ainda no tempo em que se prezava a pureza das moças. Não creio que nos sentíssemos nem um pouco reprimidas por causa disso. Amizades românticas, acrescidas sem dúvida de certa atração sexual, satisfaziam-nos completamente. A corte é, afinal de contas, uma fase reconhecida em todos os animais. O macho exhibe-se e faz sua corte, a fêmea finge não reparar em nada, mas, secretamente, fica lisonjeada. No íntimo, você sabe que ainda não é a realidade, mas uma espécie de aprendizado. Os trovadores estavam certos quando faziam suas canções a respeito do “país da ternura”. Posso continuar a ler a vida toda *Aucassin e Nicolette*, tal é o seu encanto, sua naturalidade e sinceridade.

Nunca mais, depois de passada a mocidade, temos consciência desse sentimento especial: a exaltação provocada pela amizade com um homem, essa maravilhosa sensação de afinidade, de identidade de gostos e idéias. Grande parte de tudo isso não passa de ilusão, claro, mas é uma sensação deliciosa, e acho que deveria fazer parte da vida de todas as mulheres. Mais tarde, pode acontecer que você sorria de si própria, dizendo: “Como eu era boba, realmente!”

No Cairo, não cheguei a me apaixonar, nem mesmo levemente. Tinha atividades demais. A vida social era tão intensa, e os jovens eram tão atraentes! Os que emocionaram meu coração foram homens de aproximadamente quarenta anos de idade, que amavelmente, de vez em quando, dançavam e mexiam comigo porque eu era então uma coisinha jovem e bonita. Isso, porém, foi

tudo. A sociedade decretava que não era próprio dançar mais de duas vezes com o mesmo rapaz na mesma noite. Era possível, uma ou outra vez, esticar as danças até três, mas olhares vigilantes não se retiravam de cima de nós.

Os primeiros vestidos de baile proporcionavam grandes alegrias. Eu possuía um de gaze verde-pálido, com babados de rendas; um de seda branca, bastante malfeito; e um outro, suntuoso, de tafetá azul-turquesa, cuja fazenda vovó desencafuara de uma de suas arcas remanescentes. Era um tafetá magnífico, mas, infelizmente, talvez por ter ficado guardado tanto tempo, foi incapaz de resistir ao clima egípcio, e uma noite, no decorrer de uma dança, a saia rasgou-se ao meio, assim como as mangas e o tecido em volta do pescoço, e tive que me retirar às pressas para o toalete das senhoras.

No dia seguinte, fomos a uma das costureiras levantinas do Cairo. Eram muito careiras; meus vestidos comprados na Inglaterra haviam sido baratos. Mas comprei um lindíssimo. Era de cetim rosa-pálido e tinha um ramalhete de botões de rosa, do mesmo colorido, num dos ombros. O que eu verdadeiramente *desejava*, é claro, era um vestido longo, preto: todas as moças queriam vestidos longos, negros, para parecerem mais velhas. Todas as mães os recusavam a elas.

Um jovem da Cornualha, chamado Trelawny, e um amigo dele, ambos do 60.º de Fuzileiros, eram meus pares mais assíduos. Um dos homens mais velhos, um tal capitão Craik, noivo de uma encantadora moça americana, ao trazer-me de volta para junto de minha mãe, depois de terminarmos de dançar, disse: “Aqui está sua filha. Ela aprendeu a dançar, vê-se bem. De fato, dança lindamente. Agora seria bom ensiná-la a falar”. Foi uma censura merecida. Eu continuava, infelizmente, sem assunto.

Fui bonita. Minha família, claro, rompe às gargalhadas quando digo que fui moça bonita. Minha filha e seus amigos, especialmente, dizem: “Mas *não é possível!* Olhe para essas fotografias velhas e horrorosas!” É verdade; algumas fotografias desse tempo são realmente terríveis, mas isso é devido, acho, às roupas, que ainda não são bastante antigas para serem consideradas clássicas. É certo que nesses tempos usávamos chapéus de palha monstruosos, com quase um metro de largura, cheios de fitas, flores e grandes véus pendentes. As fotografias dos profissionais eram freqüentemente tiradas com esses chapéus, algumas vezes atados com fitas sob o queixo. Outras vezes, ficávamos sem chapéu, exibindo nossas cabeças com cabelos amontoados e extremamente cacheados, e segurando um ramo de rosas, como se fosse um auscultador de telefone, junto à orelha. Olhando minhas fotografias da mocidade, reparei numa bastante bonita, tirada justamente antes da minha festa de debutante, em que eu exibia duas longas tranças e estava sentada — Deus sabe por quê! — junto a uma roda de fiar. Um rapaz disse-me uma vez: “Gosto muito dessa sua fotografia com a pose de Margarida”. Suponho que realmente eu parecia a Margarida do *Fausto*. Havia uma fotografia minha bastante bonita também, feita no Cairo, em que eu usava um de meus mais simples chapéus, um enorme, de palha azul-marinho, com uma rosa. Mas o chapéu emoldurava bem o rosto e não era sobrecarregado com fitas, como a maior parte deles. Os vestidos eram, em geral, complicados e com babados em profusão.

Em breve, interessei-me loucamente pelo pólo, e costumava assistir às partidas todas as tardes. Mamãe tentava enriquecer minha instrução, levando-me ao museu de vez em quando. Sugeri também que subíssemos o Nilo e víssemos as belezas de

Luxor. Protestei apaixonadamente, com lágrimas nos olhos: “Oh! Mamãe, não, oh, não, não vamos sair do Cairo justamente *agora!* Vai haver um baile a fantasia na segunda-feira, e prometi ir a um piquenique em Sakkarah na terça...” As maravilhas da Antiguidade eram as últimas coisas que me interessavam, e estou bem contente que mamãe não tenha insistido. Luxor, Karnak, as belezas do Egito chegaram até mim com um ímpeto maravilhoso, mais ou menos vinte anos mais tarde. Como se teriam deteriorado se as tivesse visto primeiro com um olhar desinteressado!

Não há maior erro na vida do que ver coisas, ou escutá-las, em *ocasião imprópria*. Shakespeare perdeu-se para muita gente por terem tido que estudá-lo na escola: Shakespeare deve ser apreciado no palco; ele escreveu para *ser visto*. Aí pode-se admirá-lo mesmo quando se é muito jovem, muito antes de podermos apreciar toda a beleza da sua linguagem e da sua poesia. Levei meu neto Mathew para ver *Macbeth* e *As alegres comadres de Windsor*, em Stratford, quando ele tinha, acho, onze ou doze anos. Mathew gostou muito de ambas as peças, embora seu comentário tenha sido inesperado. Virou-se para mim à saída e disse em voz respeitosa: “Se não soubesse antes que era *Shakespeare*, *jamais* acreditaria”. Isso era, claramente, um testemunho a favor de Shakespeare, e foi nesse sentido que o tomei.

Macbeth fez sucesso com Mathew; portanto, fomos depois assistir *As alegres comadres de Windsor*. Estava sendo representada segundo a intenção do autor, à boa e antiga maneira inglesa das comédias de pancadaria — nada de sutilezas. A última encenação que vi de *As alegres comadres* — em 1955 — era tão pretensiosa que senti que fôramos parar muito longe daquele pedaço de sol de inverno no velho Windsor Park. Até o cesto de roupa não era mais um cesto cheio de roupa para lavar: era um

mero símbolo, feito de ráfia! Não se pode apreciar devidamente uma comédia desse gênero quando nela tudo é “simbólico”. O velho truque das pantomimas, como o do bolo de creme, jamais deixa de provocar uma explosão de risadas, quando o creme parece espalhar-se realmente num rosto! Pegar um pequeno cartaz onde se lê “bolo de creme” e delicadamente dar com ele um tapa em qualquer rosto — bem, o simbolismo aí está, mas a farsa, não. *As alegres comadres de Windsor* também agradaram a Mathew, digo-o com alegria, e ele gostou especialmente do professor galês.

Acho que não há nada mais gratificante do que apresentar aos jovens as coisas que apreciávamos de modo especial. Max e eu fizemos uma viagem de automóvel pelos castelos do Loire, certa vez, com minha filha Rosalind e uma de suas amigas. A amiga de Rosalind avaliava todos os castelos que visitávamos segundo uma única ótica: observava em volta, com um olhar experiente, e dizia: “Eles realmente podiam divertir-se aqui, não é mesmo?” Eu jamais pensara nos castelos do Loire em termos de divertimento, mas achei que a observação denotava certa agudeza de espírito. Os antigos reis e nobres da França, de fato, utilizavam os castelos para suas folias. A moral da história (visto que fui educada para procurar sempre a moral da história) é que nunca é tarde para aprender. Há sempre um ponto de vista novo que nos pode ser inesperadamente revelado.

Parece que toda essa conversa me levou para muito longe do Egito. Uma coisa leva a outra — mas, afinal, por que não? Aquele inverno no Egito, vejo agora, resolveu muitos problemas de nossa vida. Minha mãe, às voltas com a dificuldade de, sem dinheiro, ter que providenciar para mim uma vida social, descobriu a solução — e eu superei minha timidez. Usando a linguagem da época,

diria que aprendera “a me comportar”. Nossa maneira de viver hoje em dia é tão diferente que parece difícil explicar o que isso significava.

O problema é que as moças de hoje não sabem nada da arte do flerte. O flerte, como já disse, era uma arte cuidadosamente cultivada pelas moças da minha geração. Conhecíamos todas as regras. É verdade que na França nenhuma moça ficava a sós com um rapaz, mas na Inglaterra não era assim. Podíamos dar um passeio com um jovem, podíamos montar a cavalo com um jovem — mas não podíamos ir a um baile sozinhas com um jovem: ou nossa mãe lá estava sentada, ou então estaria qualquer outra aborrecida matrona, ou as aparências eram salvas pela presença, na turma, de uma jovem casada. Salvaguardadas, porém, essas regras, e tendo-se dançado com determinado jovem, então podíamos passear ao luar com ele, ou visitar a estufa, tornando possíveis assim encantadores *tête-à-tête*, sem que aos olhos do mundo o decoro fosse ofendido.

Manobrar o carnê de danças era todavia arte difícil, em que eu não era lá muita exímia. Suponhamos que estamos num baile: A, B e C são três moças e D, E e F, três rapazes. Teríamos que dançar pelo menos duas vezes com cada um desses rapazes — provavelmente ceiar com um deles, a não ser que uma das moças ou ele quisessem evitar-se um ao outro. O resto do programa ficaria livre para que a moça o arranjasse a seu gosto. Havia muitos rapazes — principalmente os que não se tinha empenho algum em encontrar — que imediatamente se aproximavam. Começava então a parte difícil. A moça tentava evitar que vissem seu carnê de baile, ainda não totalmente preenchido, dizendo, sem muita convicção, que talvez estivesse livre para a décima quarta dança. A dificuldade maior era encontrar o equilíbrio. O jovem

com quem se gostaria de dançar deveria estar em algum lugar nesse baile; se ele chegasse atrasado, o carnê da moça já poderia estar cheio... Por outro lado, se dissesse muitas mentiras ao primeiro rapaz, a moça ficaria com muitos vazios no carnê, vazios que talvez não fossem preenchidos pelo tal rapaz por quem, secretamente, ela esperava. Então teria que ficar sentada durante algumas danças e tomaria um “chá de cadeira”. Oh, que agonia quando o tal rapaz por quem se esperava secretamente aparecia de repente, tendo estado procurando como um louco em todos os lugares onde a moça não estava! Ela então teria que lhe dizer tristemente: “Só estou livre para a segunda dança extra e para a décima”.

“Oh! Será que você não consegue dar um jeito?”, imploraria ele.

Ela olharia seu carnê, pensando. Cancelar danças não era muito bonito. Era até uma atitude reprovada, não apenas pela dona da casa, como também pelas mães e pelos próprios rapazes. Não raro vingavam-se, não comparecendo para as danças marcadas. Talvez, estudando seu carnê, a moça descobrisse o nome de um rapaz que não tivesse sido muito correto com ela em qualquer outra ocasião, que tivesse chegado tarde, que tivesse conversado mais com outra moça durante a ceia. Se assim fosse, ela o sacrificaria prontamente. Só ocasionalmente, em estado de desespero, ela sacrificaria um jovem por dançar abominavelmente, mesmo que isso significasse a ruína de seus pés. Mas eu não gostava de agir assim, porque tinha um coração terno e parecia-me desagradável tratar tão mal um pobre moço que, certamente, seria desfeitoado por todas as outras moças. Todo esse sistema era realmente tão intrincado como os próprios passos das danças. De certa maneira, era bastante divertido, mas também podia ser

enervante. Era assim, porém, que íamos aprendendo, e nossos modos, nos bailes, melhoravam com a prática.

A ida para o Egito me foi de imensa utilidade. Creio que nada mais poderia ter removido tão depressa minha natural timidez. Foram, certamente, três meses deliciosos. Conheci pelo menos vinte ou trinta rapazes, no mínimo, razoáveis. Fui, suponho, a uns cinqüenta ou sessenta bailes; mas eu era jovem demais, e estava me divertindo também demais para poder apaixonar-me — no que, de resto, tive sorte. Eu lançava olhares lânguidos para certos bronzeados coronéis de meia-idade, mas a maioria deles já estava comprometida com atraentes mulheres casadas — mulheres de outros homens — e não sentia o menor interesse por moças tão jovens e insípidas como eu. Fui ligeiramente assediada por um jovem conde austríaco, excessivamente solene, que me dava muita atenção. Evitava-o ao máximo, mas ele sempre me descobria e me convidava para uma valsa. A valsa, como já disse, é uma das danças de que não gosto, e as valsas do conde eram das melhores — quero dizer, consistiam principalmente em rodopiar na velocidade máxima, coisa que me deixava tonta, com medo de cair. A inversão do passo sempre fora considerada desgraciosa nas aulas de dança da srta. Hickey; por isso, eu não tinha muita prática. O conde disse então que gostaria de ter o prazer de conversar um pouco com minha mãe. Suponho que era uma forma de manifestar que suas intenções eram das mais honrosas. Claro, tive que levá-lo até mamãe, sentada junto à parede, no ato de suportar a penitência que uma noite dessas implicava — pois, para ela, tais bailes eram sem dúvida autênticas penitências. O conde sentou-se perto de mamãe e conversou com ela, muito solenemente, por, digamos, vinte minutos. Depois, já no hotel, minha mãe falou, aborrecida: “Que idéia foi essa de me

trazer aquele austriacozinho para conversar comigo? Não havia jeito de ir embora!” Garanti-lhe que não houve possibilidade de não levá-lo até ela, tanto ele insistira. “Oh, pois bem, Agatha, você tem que evitar essas coisas. Não posso permitir que seus jovens companheiros venham conversar comigo. Fazem isso para ser corteses e causar boa impressão, eu sei.” Eu disse que ele era um homem horrível. “Ele é um belo homem, bem-educado e bom dançarino”, disse mamãe, “mas devo confessar que o achei muito maçante.”

Meus amigos, em sua maioria, eram jovens oficiais subalternos, e nossas amigas eram absorventes, embora não levadas demasiadamente a sério. Ia vê-los jogar pólo, vaiava-os se não jogavam bem ou aplaudia-os se faziam boa figura, e eles procuravam dar um bom *show* diante de mim e exibir todas as suas habilidades. Eu achava mais difícil conversar com os homens um pouco mais velhos. Esqueci muitos dos nomes das pessoas que então conheci, mas havia um certo capitão Hibberd que costumava dançar comigo. Foi uma completa surpresa para mim quando minha mãe me disse, displicentemente, no navio em que viajávamos do Cairo para Veneza: “Você sabe, suponho, que o capitão Hibberd queria se casar com você, não?”

“O quê?”, respondi, espantada. “Mas ele jamais me falou em casamento ou qualquer coisa assim!”

“Não falou com você, mas falou comigo”, respondeu minha mãe.

“Falou com a senhora, mamãe?” Espantei-me mais ainda.

“Sim. Disse-me que estava muito apaixonado por você, e perguntou se eu a achava jovem demais e se não concordaria que falasse com você.”

“E o que a senhora respondeu, mamãe?”

“Disse-lhe que tinha certeza de que você não estava apaixonada por ele, e não valeria a pena continuar com essa idéia.”

“Oh! Mamãe!”, exclamei, indignada. “Não podia fazer isso!”

Ela me olhou, surpresa. “Você está querendo dizer que gostava dele?”, perguntou. “Você aceitaria se casar com ele?”

“Claro que não! Não queria me casar com ele de jeito nenhum, e não estou nem um pouco apaixonada por ele, mas acho, mamãe, que a senhora poderia ter deixado que eu recebesse pessoalmente meus pedidos de casamento.”

Minha mãe pareceu um pouco perturbada; depois, admitiu lealmente que não agira com correção. “Passou-se muito tempo, você sabe, desde que fui moça também”, disse. “Mas posso entender seu ponto de vista. Claro, é natural que gostemos de receber nós mesmas nossos pedidos de casamento.”

Por algum tempo, fiquei aborrecida com esse incidente. Gostaria de saber o que se sentia quando se recebia uma proposta de casamento. O capitão Hibberd era homem bonito, não era maçante, dançava bem, possuía dinheiro — fora uma pena que não tivesse tido a oportunidade de refletir sobre sua proposta de casamento. Suponho que não raro acontece o que considero uma das grandes injustiças da vida: se não nos sentimos atraídas por um homem, mas ele por nós, colocamo-lo automaticamente fora de questão. No caso contrário, isto é, se esse homem nos atrai, sua insistência só nos lisonjeia. Se não nos interessamos, então sequer pensamos nele. As mulheres, quando se apaixonam, ficam dez vezes mais bonitas do que antes: seus olhos cindiam, as faces tornam-se mais rosadas, o cabelo ganha um brilho especial; sua conversa torna-se mais espirituosa e mais animada, e outros homens, que jamais as haviam notado antes, começam a deitar-

lhês olhos diferentes.

Essa foi minha primeira e altamente insatisfatória proposta de casamento. A segunda partiu de um homem que media um metro e noventa e cinco de altura. Gostava muito dele, e éramos bons amigos. Este não pensou em se aproximar de mim através de mamãe, confesso-o alegremente. Foi mais esperto. Conseguiu regressar a seu país no mesmo navio que nós, saindo de Alexandria para Veneza. Tive pena de não sentir amor por ele. Continuamos a nos corresponder por algum tempo; depois, ele foi nomeado para um posto na Índia, acho; se fosse um pouco mais velha quando o conheci, talvez tivesse gostado dele.

Enquanto falava de propostas de casamento, comecei a me perguntar se os homens, naquela época, não seriam propensos demais a fazer propostas de casamento. Suponho que algumas das que eu e minhas amigas recebemos eram inteiramente fantasiosas. Suspeito que, se as tivesse aceitado, eles ficariam consternados. Uma vez discuti a esse respeito com um jovem tenente da marinha. Vínhamos caminhando, de regresso para casa, de uma festa em Torquay, quando ele, de súbito, proferiu seu pedido de casamento. Agradei, disse que não, e acrescentei: “Não creio que você realmente queira se casar comigo”.

“Oh, é claro que quero, quero mesmo!”

“Não acredito”, insisti. “Nós nos conhecemos há apenas dez dias, e não consigo entender por que você quer se casar tão cedo. Sabe que seria péssimo para a sua carreira.”

“Sim, seria, de certo modo você tem razão.”

“Portanto, é uma estupidez fazer uma proposta dessas a uma moça. Você tem que admitir. Por que me pediu em casamento?”

“Foi de repente”, disse o rapaz. “Olhei para você e, de

repente, senti vontade de lhe pedir que se casasse comigo.”

“Pois bem”, respondi, “acho que você não deve fazer isso de novo com ninguém. Tenha mais cuidado.”

Separamo-nos tão prosaica quanto amavelmente.

II

Descrevendo minha vida, fico espantada porque acho que eu e todo mundo de quem falo parecíamos extremamente ricos. Nos tempos de hoje, certamente seria necessário ser rico para poder fazer as mesmas coisas, mas a verdade é que quase todas as minhas amigas provinham de famílias de renda moderada. A maior parte dos pais delas não possuíam carruagem, nem cavalos, e sem dúvida também não poderiam ter comprado um automóvel, coisa então recente.

As moças não possuíam mais do que três vestidos de toalete, e mesmo esses tinham que durar alguns anos. Pintávamos nós mesmas nossos chapéus com uma tinta que custava um xelim a garrafa, todas as estações. Íamos a pé para as festas, partidas de tênis e *garden parties*; só aos bailes no interior íamos em carro alugado, é claro. Em Torquay não havia muitos bailes em casas particulares, exceto no Natal ou na Páscoa. Era mais comum que as pessoas fossem convidadas a passar uns dias em casa de alguém e fizessem então um grupo para ir ao baile das regatas, em agosto, ou a outro baile local em uma das casas mais importantes. Fui a alguns poucos bailes em Londres, durante os meses de junho e julho — não muitos, porque não conhecíamos muita gente em Londres. Às vezes íamos a bailes de beneficência, formando um grupo de seis. Mas nada disso custava muito dinheiro.

Depois, havia as festas nas mansões do interior. Fui, nervosa a princípio, para a casa de uns amigos em Warwickshire. Era gente que gostava de caçar. Constance Ralston Patrick, a dona da casa, não costumava caçar: dirigia uma pequena carruagem puxada a pôneis, na qual ia a todas as reuniões, e eu, com ela. Minha mãe proibira-me expressamente de aceitar ofertas para montar a cavalo. “Você não monta realmente muito bem”, disse-me ela. “Seria horrível se você machucasse um cavalo valioso.” Felizmente, ninguém me propôs montar a cavalo.

Minha experiência com cavalos e caçadas ficara confinada a Devonshire, e aí montar a cavalo equivalia a transpor com dificuldade altas barreiras, um pouco como nas caçadas irlandesas. No meu caso, montava um cavalo pertencente às cavalaria dos empregados; ele já estava acostumado a sentir sobre seu dorso cavaleiros não muito competentes. Decerto, o cavalo sabia mais do que eu; eu ficava bem contente deixando que Crowdy, minha montaria habitual, cavalo ruão rosilho, bastante desinteressado, fizesse o que melhor entendesse, e ele conseguia sempre galgar com êxito as barreiras de Devon. Naturalmente eu montava à amazona, de lado; era raro, nesse tempo, uma mulher montar escarranchada. Sentia-mo-nos maravilhosamente seguras montando de lado, com as pernas envolvendo o arçã. Na primeira vez que experimentei montar escarranchada, senti-me muito mais insegura do que achara possível.

Os Ralston Patricks eram muito amáveis comigo. Chamavam-me de Rosinha, não sei bem por quê; talvez porque eu usasse muito cor-de-rosa nos meus vestidos de baile. Robin costumava implicar comigo, e Constance dava-me conselhos maternais com um olhar levemente malicioso. Tinham uma filha pequena, adorável, de três ou quatro anos de idade, quando eu lá

estive pela primeira vez, e eu passava muito do meu tempo brincando com ela. Constance era uma casamenteira inata, e agora compreendo por que durante minhas visitas ela convidava, para me encontrarem, vários homens simpáticos e possíveis maridos. De vez em quando eu montava a cavalo extra-oficialmente. Recordo-me de um dia ter galopado pelos campos com alguns dos amigos de Robin. Como tudo se improvisou num abrir e fechar de olhos e eu sequer estava vestida para montar, pois usava um vestido de ramagens, meus cabelos não agüentaram o esforço. Usava ainda, como a maioria das moças, o *postiche*. Ao cavalgar pelas ruas do povoado, meu cabelo sofreu um colapso total, e os cachos foram caindo ao longo do caminho. Tive que voltar, fazer o mesmo caminho a pé e apanhá-los. Isso produziu de forma inesperada uma reação bastante agradável a meu favor. Robin contou-me mais tarde que uma das vedetes da caçada de Warwick lhe dissera, com aprovação: “Simpática, a moça que vocês têm em casa. Gostei do modo como se comportou quando lhe caíram todos os cachos do cabelo; não se incomodou nem um pouco: voltou a pé e apanhou tudo, rindo às gargalhadas. Foi uma reação esportiva!” São realmente muito estranhas as coisas que podem produzir boa impressão nas pessoas.

Outro dos encantos da estada com os Ralston Patricks é que possuíam um automóvel. Não posso descrever o entusiasmo que isso provocava por volta de 1909. Era o animalzinho de estimação de Robin, o seu tesouro, e o fato de o automóvel ser caprichoso, temperamental e enguiçar constantemente ainda tornava maior sua paixão por ele. Lembro-me de que um dia fizemos uma excursão a Banbury. O grupo se equipou como se pretendesse fazer uma expedição ao pólo norte. Levamos mantas de peles, cachecóis extras, para enrolar na cabeça, cestos de provisões, etc.

O irmão de Constance, Bill, Robin e eu éramos os membros dessa expedição. Despedimo-nos ternamente de Constance; ela beijou-nos a todos, instando para que tivéssemos cautela, e garantiu-nos que teria grande quantidade de sopa quente à nossa espera, caso regressássemos. Banbury, posso dizer, ficava aproximadamente a quarenta quilômetros do lugar onde morávamos, mas era como se estivéssemos partindo para o fim do mundo.

Durante onze quilômetros prosseguimos, felizes, à cautelosa velocidade de quarenta quilômetros por hora, mas sem problemas. Todavia, isso foi apenas no começo. Chegamos a Banbury sem novidade, depois de termos mudado um pneu e de tentarmos encontrar alguma oficina, mas as oficinas eram raras e muito distantes umas das outras, nesse tempo. Finalmente, chegamos a casa, quase às sete horas da noite, exaustos, gelados até a medula e esfomeados, pois as provisões tinham acabado havia muito. Ainda penso nesse dia como num dos mais aventureiros de minha vida! Foi divertido passar a maior parte desse dia sentada em uma barreira à beira da estrada, fustigada por um vento glacial, apressando Robin e Bill, que, com o manual de instruções aberto junto deles, lutavam com pneus, com a roda sobressalente, “macacos” e várias outras peças de mecânica das quais não possuíamos, até então, conhecimento pessoal.

Um dia, minha mãe e eu fomos a Sussex e almoçamos com os Barttelots. O irmão de Lady Barttelot, o sr. Ankatell, também estava almoçando lá; possuía um enorme e potente automóvel daquela espécie que, pelo menos na minha memória, media quase um quilômetro de comprimento, com tubos enormes suspensos de um lado. Ele era hábil motorista e ofereceu-se para nos levar de volta a Londres. “Não precisam ir de trem — os trens são uma coisa horrorosa! Levo-as no meu automóvel.” Senti-me no sétimo

céu! Lady Barttelot emprestou-me um dos novos bonés de motorista — uma espécie de coisa chata, misto de boné de iate e dos usados pelos oficiais alemães da Guarda Imperial —, que era preso por véus especiais para motoristas. Entramos no monstro, em volta de nós foram empilhadas mantas sobressalentes, e partimos como o vento. Nesse tempo, todos os automóveis eram abertos. Para gostar de viajar numa coisa dessas era necessário ser muito corajoso. Mas, claro, *éramos* corajosos, naquela época — estudando piano em aposentos sem aquecimento, em pleno inverno, acostumávamo-nos aos ventos glaciais.

O sr. Ankatell não se contentou com a velocidade de trinta quilômetros por hora, que era a considerada “segura” — acredito que chegamos a ir a sessenta ou oitenta quilômetros por hora, percorrendo as estradas de Sussex. Em certo momento, ele pulou no assento, exclamando: “Olhe para trás! Olhe para trás! Ah, o miserável! O canalha! É uma cilada da polícia. Sim, é isso o que eles fazem: escondem-se por trás das cercas vivas e depois saem para medir a velocidade!” De oitenta passamos a rastejar a quinze quilômetros por hora! Enormes risadas do sr. Ankatell. “Agora eu os enganei!”

Achei o sr. Ankatell um homem algo alarmante, mas adorei seu automóvel. Era de um vermelho brilhante — um assustador e excitante monstro!

Mais tarde, fui passar uma temporada com os Barttelots, para assistir às corridas de cavalos de Goodwood. Creio que foi a única visita que fiz a uma casa de campo de que não gostei. Só havia gente interessada nas corridas, e a linguagem, termos e teorias das corridas eram incompreensíveis para mim. As corridas significavam para mim ficar quatro horas de pé, usando um chapéu florido que tentava soltar-se a cada rajada de vento, com

seis alfinetes grandes a prendê-lo, e sapatos de verniz apertados e de salto alto, dentro dos quais meus pés e tornozelos inchavam horrivelmente com o calor do dia. De tempos em tempos, tinha que fingir um entusiasmo enorme, quando todo mundo gritava “Partiram!”, e ficava na ponta dos pés, olhando para quadrúpedes que rapidamente saíam de meu campo de visão.

Um dos homens perguntou-me amavelmente se queria que ele apostasse algum dinheiro por mim. Olhei-o aterrorizada. A irmã do sr. Ankatell, que estava fazendo as vezes de dona-de-casa, imediatamente lhe deu um leve tapa: “Não seja boboca”, disse, “essa moça não deve apostar”. Depois, disse-me amavelmente: “Vamos combinar algo entre nós. Você terá cinco xelins naquilo em que *eu* apostar. Não dê atenção às outras pessoas”. Quando descobri que estavam apostando vinte ou vinte e cinco libras de cada vez, fiquei praticamente de cabelos em pé! Mas as donas-de-casa sempre eram gentis para com as moças, sobretudo em questões de dinheiro. Sabiam que poucas delas possuíam dinheiro para jogar pela janela. Mesmo as moças ricas, ou as que pertenciam a famílias ricas, dispunham apenas de modestas mesadas — cinqüenta ou cem libras por ano. De modo que as donas-de-casa olhavam pelas moças suas convidadas com muito cuidado. Às vezes, estas eram desafiadas para jogar bridge, mas quando jogavam sempre alguém as “carregava”, isto é, se responsabilizava por suas dívidas no caso de perderem. Esse modo de proceder impedia que as moças se sentissem afastadas do que estava se passando e, ao mesmo tempo, assegurava o dinheiro que não tinham condições de perder.

Meu primeiro contato com as corridas não me fascinou. Quando regresssei a casa, disse a mamãe que esperava não ter que escutar de novo a palavra “Partiram!” Um ano depois, todavia,

tornara-me uma entusiasta de corridas, e sabia alguma coisa acerca de cavalos concorrentes. Passei mais tarde uns tempos na Escócia com a família de Constance Ralston Patrick. O pai de Constance possuía ali um pequeno haras, onde fui iniciada nesse esporte e assisti a várias corridas, que não tardei a achar divertidas.

Goodwood fora mais um gênero de *garden party*, um *garden party* que demorava muito. Havia muita agitação, uma espécie de agitação à qual eu não fora acostumada. As pessoas entravam subitamente nos quartos uma das outras, jogavam coisas pelas janelas, gritavam e davam altas risadas. Não havia outras moças; eram principalmente mulheres casadas. Um velho coronel entrou pesadamente em meu quarto, gritando: “Agora vamos divertir-nos um pouco com o Bebê!”, e, tirando um de meus vestidos longos do armário — esse vestido, diga-se de passagem, *era* realmente parecido com um vestido de bebê, cor-de-rosa, com fitas, etc. —, jogou-o pela janela, gritando: “Apanhem, peguem, eis aqui um troféu do mais jovem membro da turma!” Fiquei terrivelmente perturbada. Vestidos de baile eram peças muito importantes na minha vida; eram tratados cuidadosamente, conservados, limpos, cerzidos — e aquele homem jogava o meu pela janela como se fosse uma bola de futebol! A irmã do sr. Ankatell e outra senhora vieram em meu socorro e disseram-lhe que ele não devia irritar a pobre mocinha. Fiquei contente quando saí dessa festa. No entanto, não duvido de que me tenha feito bem.

Entre outras festas em casas particulares, recordo uma, enorme, num sítio alugado pelo sr. e sra. Park-Lyle — o sr. Park-Lyle era geralmente chamado de “Rei do Açúcar”. Conhecêramos a sra. Park-Lyle no Cairo. Ela deveria ter, nessa altura, uns cinqüenta ou sessenta anos de idade, mas, a alguma distância,

parecia uma mulher jovem e bela, com vinte e cinco no máximo. Jamais vira mulher tão maquilada em toda a minha vida. A sra. Park-Lyle fazia certamente muito sucesso, com seus cabelos escuros lindamente penteados, rosto magnificamente pintado (quase comparável ao da rainha Alexandra) e com as tonalidades pastel, rosa e azul que usava — toda a sua aparência era um triunfo da arte sobre a natureza. Era uma mulher muito bondosa e gostava de ter gente jovem em casa.

Senti-me bastante atraída por um dos rapazes que lá estavam — morto mais tarde na guerra de 1914-18. Embora ele só reparasse em mim discretamente, mantinha esperanças de conseguir melhor relacionamento com ele — no entanto, fui prejudicada nesse aspecto por outro militar, oficial de artilharia, que parecia encontrar-se sempre a meu lado, insistindo em ser meu parceiro de tênis e no jogo de croqué e em tudo o mais. Dia a dia crescia minha exasperação. Era por vezes extremamente rude para com ele; ele, porém, nem parecia perceber. Continuava perguntando se eu lera este ou aquele livro, oferecendo-se para enviá-los a mim. Será que eu costumava ir a Londres? Gostaria de assistir a alguma partida de pólo? Minhas respostas negativas não produziam nele o menor efeito. Quando chegou o dia de voltar para casa, eu tinha que pegar um trem muito cedo, pois primeiro era obrigada a ir até Londres, onde pegaria outro trem para Devon. A sra. Park-Lyle disse-me depois do café da manhã: “O sr. S.”, não consigo recordar seu nome agora, “vai conduzi-la à estação”.

Felizmente, o percurso não era longo. Teria preferido ir num dos carros dos Park-Lyles — porque, como é natural, os Park-Lyles possuíam uma frota de carros —, mas presumo que o sr. S. tenha sugerido à nossa anfitriã que ele me conduzisse, pensando

que, provavelmente, *eu* iria gostar. Como se enganava! No entanto, chegamos à estação, o trem chegou também, um expresso para Londres, e o sr. S. instalou-me no assento do vagão vazio de segunda classe. Despedi-me dele em tom amistoso, aliviada por olhá-lo pela última vez. Quando o trem se pôs em movimento, ele de súbito segurou o fecho da porta, abriu-a e pulou para dentro do vagão, dizendo: “Também vou para Londres, afinal”.

Fiquei olhando para ele, boquiaberta.

“Mas você não trouxe bagagem alguma!”

“Eu sei, eu sei; não tem importância.” Sentou-se na minha frente, inclinou-se para mim com as mãos apoiadas nos joelhos e ficou a contemplar-me com uma espécie de ferocidade. “Minha primeira idéia era esperar até que nos encontrássemos novamente em Londres”, disse. “Mas não posso. Tenho que lhe dizer agora. Estou loucamente apaixonado por você. Você tem que se casar comigo! Desde o primeiro minuto em que a vi, chegando para jantar, eu soube logo que você era, para mim, a única mulher no mundo!”

Passou-se algum tempo antes que eu pudesse interromper a torrente de palavras e dizer com absoluta firmeza: “É muito gentil de sua parte, sr. S., e aprecio profundamente sua declaração, mas receio que minha resposta seja não”.

Ele protestou ainda por mais ou menos cinco minutos e, finalmente, insistiu que ao menos deixássemos tudo como estava para que pudéssemos continuar amigos e vermo-nos de novo. Eu disse que achava muito melhor não nos encontrarmos de novo, e que não supunha que meu estado de espírito mudasse. Disse isso com tanta determinação que ele foi forçado a aceitar. Reclinou-se no assento e mergulhou em profunda melancolia. Pode-se imaginar pior momento para fazer uma declaração de amor a uma

moça? Ali ficamos os dois, trancados num vagão vazio — sem corredores —, a caminho de Londres e, portanto, com pelo menos duas horas de viagem à nossa frente. A conversa atingira um impasse, de modo que não nos restava mais nada a dizer um ao outro. Nenhum de nós trouxera também algo para ler. Ainda sinto pelo sr. S. certa antipatia, quando o recordo; não experimento a menor gratidão, como sempre me ensinaram que deveria sentir pelo amor de um homem bom (máxima da vovó). Tenho certeza de que era um homem bom — talvez por isso mesmo fosse tão chato!

Outra visita que fiz a uma casa do interior foi também por ocasião de corridas de cavalos, quando fui passar uns dias em Yorkshire com velhos amigos de minha madrinha, os Matthews. A sra. Matthews era um pouquinho assustadora, pois jamais parava de falar. O convite fora para uma festa em honra de Saint-Léger. Na altura em que fui para lá, já estava mais acostumada a corridas de cavalos e, na realidade, começava a apreciá-las. Ademais — é coisa estúpida de recordar, mas a verdade é que as pessoas lembram mesmo esse gênero de coisas! —, eu estreava uma saia e um casaco comprados especialmente para a ocasião. Sentia que essas roupas me assentavam bem. Eram de *tweed* marrom-esverdeado, de ótima qualidade, de uma excelente casa de modas. Exatamente o tipo de roupa que minha mãe achava que valia a pena comprar: de boa qualidade, embora cara, duraria anos. E durou: usei essa saia e esse casaco pelo menos seis anos. O casaco era comprido e tinha gola de veludo. Combinando com ele, eu usava um elegante boné de tonalidade também marrom-esverdeada, de veludo, e com um enfeite que era uma asa de pássaro. Não possuo fotografias minhas com esse traje. Se as possuísse, sem dúvida ao ver-me, agora, me acharia imensamente ridícula, mas o que lembro hoje é que me sentia muito elegante,

esportiva e bem-vestida!

O cúmulo de minha alegria foi atingido na estação onde eu tinha que trocar de trem (presumo que vinha de Cheshire, onde teria estado com minha irmã). Soprava um vento frio, e o chefe da estação aproximou-se de mim e perguntou-me se eu gostaria de ficar esperando em seu gabinete. “Talvez sua empregada”, ele disse, “queira trazer sua mala de jóias, ou qualquer outra coisa de valor.” É claro que nunca na minha vida viajara com uma empregada, e jamais viajaria — e também não era possuidora de nenhuma mala de jóias —, porém senti-me altamente gratificada com esse tratamento, atribuindo-o à minha elegância. Disse ao chefe da estação que minha empregada dessa vez não viera comigo — não pude deixar de dizer “dessa vez”, receando desmerecer-me a seus olhos —, mas que aceitava de bom grado seu oferecimento, e fui sentar-me diante de um fogo, trocando com ele agradáveis banalidades a respeito do tempo. No mesmo instante, chegou o outro trem, e ele acompanhou-me com muita cerimônia. Estou convencida de que devo esse tratamento especial a minha roupa e a meu chapéu. Como viajava em segunda classe, e não em primeira, não é provável que o chefe da estação me considerasse alguém com muito dinheiro ou influência.

Os Matthews moravam numa casa chamada Thorpe Arch Hall. O sr. Matthews era muito mais velho do que sua mulher — devia andar pelos setenta anos —, e era encantador, com cabelos brancos que mais pareciam um telhado de colmo; era grande entusiasta de corridas de cavalos e, quando jovem, fora-o também das caçadas. Apesar de extremamente amigo da mulher, ficava muito aturdido com a exuberância dela. Na realidade, minha principal recordação dele é ouvi-lo exclamar, irritado: “Que diabo, querida, não me afobe! Que diabo, não me afobe, não me afobe,

Addie!”

A sra. Matthews era uma pessoa apressada e atarantada por natureza. Falava e inquietava-se por tudo, de manhã à noite. Era gentil, mas por vezes achava-a quase insuportável. Estonteava e atordoava o pobre Tommy de tal modo, que ele acabou convidando um amigo para morar permanentemente com eles — um tal coronel Wallenstein, que todos no condado chamavam de “segundo marido da sra. Matthews”. Estou absolutamente convencida de que não se tratava de um triângulo, quer dizer, que ele não era, de modo algum, o amante da mulher. O coronel Wallenstein era muito dedicado a Addie Matthews — acho que toda a vida teve paixão por ela —, mas ela sempre o mantivera à distância, como um conveniente e platônico amigo com romântica devoção por ela. Fosse como fosse, Addie Matthews teve uma vida muito feliz com seus dois devotados homens. Mimavam-na, lisonjeavam-na e sempre lhe ofereciam tudo o que desejava.

Foi nessa estada em casa deles que conheci Evelyn Cochran, a mulher de Charles Cochran. Era uma criaturinha encantadora, parecia uma pastora de Dresden, com grandes olhos azuis e cabelos dourados. Usava sapatos elegantíssimos, embora totalmente impróprios para o campo, fato que Addie não a deixava esquecer, censurando-a por isso a todo momento: “Realmente, Evelyn, meu bem, por que não trouxe sapatos adequados? Olhe para isso que você está usando, sapatos com solas de papelão, que só servem para as ruas de Londres”. Evelyn olhava tristemente para Addie, com seus grandes olhos azuis. Evelyn passava a maior parte de sua vida em Londres e estava completamente envolvida e apaixonada pela profissão teatral. Contou-me que pulara por uma janela para fugir com Charles Cochran, de quem a família dela não gostava. Ela adorava-o com

uma espécie de amor raramente encontrado. Escrevia-lhe todos os dias, se estava fora de casa. E creio que, a despeito de muitas aventuras, ele sempre a amou. Evelyn sofreu bastante por causa dele, pois, amando-o como o amava, deve ter sofrido muito com o ciúme. Penso, porém, que ela achava que valia a pena. Sentir por alguém, e durante a vida toda, tal paixão é um privilégio, e não importa o preço que se tenha que pagar.

O coronel Wallenstein era tio de Evelyn, que aliás não gostava nada dele. Também não gostava de Addie Matthews, mas era muito amiga do velho Tommy Matthews. “Jamais gostei de meu tio”, disse-me Evelyn, “é um homem muito maçante. E quanto a Addie, considero-a a fêmea mais exasperante e estúpida que jamais encontrei! Não deixa ninguém tranqüilo; está sempre se zangando, ou dando ordens, ou fazendo *algo!* Não consegue ficar quieta!”

III

Depois de nossa estada em Thorpe Arch, Evelyn Cochran convidou-me para visitá-la em Londres. Aceitei, apesar de minha timidez, e foi em sua casa que comecei a achar algum interesse na pintura. Charles Cochran tinha grande amor pela pintura. Quando vi seus quadros de Degas, com as moças do balé, alguma emoção repercutiu em mim. O hábito de fazer marchar as moças, jovens demais, para galerias de pintura, quer quisessem ou não, é muito reprovável. Não produz os resultados desejados, a não ser que as moças possuam talento inato. Ademais, para olhos não preparados ou sem sensibilidade artística, a semelhança entre os grandes mestres da pintura é deprimente. Todos têm uma espécie

de obscuro brilho cor de mostarda. A arte foi-me imposta inicialmente quando me forçaram a aprender desenho e pintura, coisa de que eu não gostava, e depois como uma espécie de obrigação moral de apreciar a arte.

Uma amiga nossa, americana, que gostava muito de pintura, música, e de todas as formas de cultura em geral, costumava vir a Londres em visitas periódicas — era sobrinha de minha madrinha, a sra. Sullivan, e também de Pierpont Morgan. May era pessoa encantadora, mas com uma doença terrível — tinha um bócio que a deformava. Quando jovem — teria uns quarenta anos quando a conheci —, não existia remédio algum para o bócio: a cirurgia era considerada muito perigosa. Um dia, May chegou a Londres e disse a minha mãe que ia para uma clínica na Suíça para ser operada.

Fizera todos os preparativos. Um famoso cirurgião especialista dissera-lhe: “*Mademoiselle*, não aconselharia essa operação a homem algum: tem que ser feita apenas com uma anestesia local, pois no decorrer dela o paciente tem que ficar falando o tempo todo. Os nervos dos homens não são fortes o bastante para agüentar, mas as mulheres conseguem ter a força necessária. É uma operação demorada — talvez leve uma hora ou mais —, e durante todo esse tempo você não poderá parar de falar. Terá coragem para isso?”

May contou-nos que olhou para ele, refletiu por um ou dois minutos e depois respondeu firmemente que sim, que *teria* coragem.

“Acho que você está certa em se operar, May”, disse minha mãe. “Será uma grande provação para você, mas, se tiver êxito, fará uma tal diferença em sua vida que acho que vale a pena seu sofrimento.”

Na devida altura veio um recado de May, da Suíça: a operação fora bem sucedida. May já deixara a clínica e ia para a Itália, para uma pensão em Fiesole, perto de Florença. Ficaria aí um mês, e depois teria que se deslocar de novo à Suíça para ser observada. Pedia a minha mãe que me autorizasse a fazer-lhe companhia e ver Florença, sua arte, sua arquitetura. Minha mãe concordou, e fizeram-se os preparativos para minha viagem. Devia ter uns dezesseis anos e, claro, estava entusiasmada.

Soubemos que uma senhora conhecida de alguém iria com sua filha no mesmo trem. Fui-lhes entregue, sendo-lhes apresentada pelo agente da Cook, na estação de Victoria, e parti. Tive sorte numa coisa — tanto a mãe como a filha ficavam nauseadas em trens, se não fossem de frente para a locomotiva. Como a mim não me fazia a menor diferença, fiquei com todo o outro lado da cabine só para mim, e por isso podia deitar-me ao comprido. Nenhuma de nós se lembrou do fato de haver uma hora de diferença entre os dois países, de modo que, quando chegou o momento, às primeiras horas da manhã, de trocar de trem na fronteira, ainda estava dormindo. Fui enxotada pelo condutor para a plataforma, e a mãe e a filha gritaram-me seus adeuses. Reunindo apressadamente meus pertences, entrei no outro trem, que imediatamente iniciou sua viagem para a Itália, através das montanhas.

Stengel, a empregada de May, esperava-me em Florença, e fomos juntas numa espécie de bonde até Fiesole. A beleza da cidade nesse dia era inexprimível. Todas as amendoeiras e pessegueiros estavam floridos, colorindo delicadamente de branco e rosa os galhos, ainda sem folhagem, das árvores. May estava morando numa *villa* e saiu de casa para me acolher, com um rosto radioso. Jamais vira uma mulher aparentar tanta felicidade. Era

estranho vê-la agora sem aquele horrível monte de carne a projetar-se por baixo do queixo. Fora-lhe necessária muita coragem, como dissera o médico. Por uma hora e meia ficara reclinada numa cadeira, os pés mais altos do que a cabeça, enquanto os cirurgiões cortavam sua carne junto à garganta, e ela mantinha uma conversa com eles, respondendo a perguntas, falando, fazendo até trejeitos, quando exigiam. Depois de encerrada a operação, o médico deu-lhe parabéns: disse-lhe que fora uma das pessoas mais corajosas que conhecera.

“Mas devo dizer-lhe, *monsieur le docteur*”, falou May, “quase no final senti que ia soltar berros, que ia ficar histérica, gritar e dizer que já não agüentava mais nada.”

“Ah!”, respondeu o dr. Roux, “mas *não* fez nada disso. É uma mulher muito corajosa, estou lhe dizendo.”

May estava inacreditavelmente feliz, e fazia tudo quanto podia para tornar minha estada agradável. Todos os dias eu ia fazer excursões a Florença. Algumas vezes Stengel vinha comigo, mas quase sempre eu era acompanhada por uma jovem senhora italiana que May contratara e que vinha me buscar em Fiesole e me escoltava na cidade. As moças tinham que ser ainda mais cuidadosamente acompanhadas na Itália do que na França, e realmente sofri toda espécie de vexames, sendo bolinada nos bondes por jovens ardentes — coisa que me era muito penosa. Fui submetida então a uma grande dose de galerias de pintura e museus. Gulosa como sempre fui, o que mais ansiava era pela deliciosa refeição numa *pâtisserie*, antes de pegar o bonde de volta a Fiesole!

Mais tarde, nos últimos dias, May por várias vezes acompanhou-me em minhas peregrinações artísticas; lembro-me bem de que, no último dia antes de minha volta para a Inglaterra,

foi irredutível, querendo que eu visse uma maravilhosa Santa Catarina de Siena que acabara de ser restaurada. Não sei se estava na Galeria dos Uffizi ou em qualquer outra, mas caminhamos por tudo quanto era sala de museu, procurando-a em vão. Não sentia o menor interesse por essa imagem de Santa Catarina. Estava farta da Santa Catarina, repugnavam-me todos os Sãos Sebastiãos que vira, feridos pelas setas — estava farta, do fundo do meu coração, de todos esses santos e santas e de seus símbolos e das horríveis torturas de que haviam morrido. Estava farta, também, daquelas madonas, que pareciam satisfeitas consigo próprias, especialmente as de Rafael. Realmente, sinto-me envergonhada ao escrever isso agora, pensando como eu era ignorante a esse respeito, mas é a pura verdade: é preciso aprender a gostar dos velhos mestres. Enquanto corríamos de um lado para outro procurando a Santa Catarina de Siena, minha ansiedade crescia. Teríamos tempo de ir à *pâtisserie*, para que eu pudesse fazer minha última refeição de chocolate e creme de leite batido, e aqueles suntuosos *gâteaux*? Eu me cansei de dizer: “May, realmente não me importo. Não se incomode mais. Já vi tantas pinturas bonitas de Santa Catarina!”

“Ah, mas esta, querida Agatha, é tão maravilhosa! Quando a vir, ficará sabendo o que estaria perdendo!”

Eu sabia que não estava perdendo coisa alguma, mas tinha vergonha de confessá-lo a May! Todavia, o Destino estava do meu lado — soube-se que essa Santa Catarina tão especial ainda estaria fora da galeria por mais algumas semanas. Sobrava o tempo justo para me regalar com chocolate e doces antes de pegar o trem — May ia divagando demoradamente acerca de todas aquelas gloriosas pinturas, eu concordava com fervor, enquanto engolia meus doces de creme de leite e de creme de café. Por

vezes, acho que deveria parecer um porco, com o rosto repleto de carne e os olhos bem pequenos; em vez disso, minha aparência era muito etérea e frágil, porque eu era magra e possuía olhos sonhadores. Quem me visse poderia profetizar minha morte em plena juventude, em estado de êxtase espiritual, como as crianças dos livros de histórias vitorianos. De qualquer modo, eu tinha pelo menos a decência de me sentir envergonhada por não apreciar a educação artística de May. Mas gostei realmente de estar em Fiesole; o que mais gostei, porém, foi das amendoeiras em flor — diverti-me muito com Dudu, um lulu-da-pomerânia que acompanhava May e Stengel para toda parte. Dudu era muito esperto. May o trazia muitas vezes em suas visitas à Inglaterra. Nessas ocasiões, encafuava-se num grande regalo de peles que May sempre usava e passava despercebido aos oficiais da alfândega.

May passou por Londres em seu regresso à América, exibindo o novo e elegante pescoço. Mamãe e vovó choraram de emoção e beijaram-na repetidamente, e May também chorou porque o que ela imaginara ser um sonho impossível realizara-se. Só depois de sua partida para Nova York é que minha mãe disse a vovó: “Como é triste, não é? Como é terrivelmente triste pensar que ela poderia ter feito essa operação há quinze anos! Deve ter sido muito mal aconselhada pelos médicos que consultou em Nova York”.

“E agora suponho que seja tarde demais”, respondeu minha avó, pensativamente. “Não se casará nunca mais, agora.”

Mas, tenho a alegria de dizer, vovó se enganou.

Creio que May lamentava muito não se casar, e penso que nem por um momento acreditou ser isso possível tão tardiamente. Contudo, alguns anos depois veio à Inglaterra acompanhando um

clérigo, prior de uma das mais importantes igrejas episcopais de Nova York, homem de grande personalidade. May soubera que os médicos não lhe davam mais de um ano de vida e, como sempre fora uma de suas mais zelosas paroquianas, insistira em fazer uma cotização entre os outros membros da paróquia e trazê-lo a Londres para consultar alguns médicos. May disse a vovó: “Você sabe, estou convencida de que ele pode restabelecer-se. Ele é tão necessário, tão necessário, mesmo! O trabalho que ele tem feito em Nova York é maravilhoso. Tem conseguido converter jogadores, gângsteres, visita os lugares mais terríveis, vai a bordéis, não teme a opinião pública nem as críticas pelo que faz. E tem convertido muita gente desse jeito.” May trouxera-o para almoçar em Ealing. Na visita seguinte, quando May veio despedir-se de nós, vovó disse: “May, esse homem está apaixonado por você”.

“Titia”, exclamou May, “como pode dizer uma coisa dessas? Ele jamais pensou em se casar. É um solteirão inveterado!”

“Pode ser que fosse”, respondeu vovó, “mas não é mais. E, afinal, o que quer dizer isso, ser solteirão inveterado? Ele não pertence à Igreja Católica. Acredite, ele tem idéias a respeito de você, May.”

May parecia levemente chocada.

Todavia, um ano depois, escreveu-nos que Andrew recuperara a saúde e que planejava casar-se. Foi um casamento muito feliz. Ninguém poderia ter sido para May mais bondoso, gentil e compreensivo do que Andrew. “Ela precisa tanto ser feliz”, dizia ele um dia a vovó. “A maior parte de sua vida a felicidade foi-lhe vedada, e ela ficou com tanto medo da vida que quase se tornou uma asceta.” Andrew continuou a ser uma pessoa de saúde frágil, mas não parou de trabalhar. Como me regoziquei com a felicidade da querida May!

IV

Em 1911, aconteceu algo que considerei fantástico. *Subi num aeroplano!* Os aeroplanos eram, é claro, um dos principais temas de conjecturas, discussões, ceticismo e tudo o mais. Quando eu estava no colégio em Paris, fomos um dia assistir a uma das tentativas de vôo de Santos Dumont, no Bois de Boulogne. Tanto quanto me lembro, o aeroplano subiu, voou alguns metros e depois caiu. De qualquer modo, foi impressionante! Depois, apareceram os irmãos Wright. Líamos tudo a respeito deles, pressurosas. Quando se começou a usar táxis, em Londres, foi introduzido o sistema de assobiar para chamar condução. As pessoas ficavam na porta de casa: um assobio providenciaria um “resmungão” (carro de quatro rodas); dois assobios, um cabriolé, com a boléia atrás, essa gôndola das ruas, três assobios (se você tivesse muita sorte) fariam aparecer um desses novos veículos: o táxi. Um desenho na revista de humor *Punch* mostrava um garotinho dizendo a um mordomo nos degraus de uma porta, de apito na mão: “Tente apitar quatro vezes, chefe; talvez pegue um avião!”

De repente, agora, parecia que esse desenho não tinha mais a mesma graça, visto não ser assim tão impossível. Em breve poderia até ser *verdade*.

Na ocasião de que estou falando, mamãe e eu havíamos passado uma temporada no interior, e fôramos, um dia, assistir a uma exibição de aparelhos voadores — um empreendimento comercial. Vimos aeroplanos zumbindo no ar, fazendo voltas e planando até pousarem de novo no chão. Havia um anúncio:

“Cinco libras cada vôo”. Olhei para minha mãe. Meus olhos muito abertos mendigavam: “Será que eu poderia? Oh, mamãe, será que eu poderia? Seria maravilhoso demais!” Hoje acho que minha mãe é que foi maravilhosa. Ficar em terra, vendo sua filha ser arrebatada pelos ares *num aeroplano!* Nesse tempo caíam à toa! Mamãe disse: “Se você quer mesmo ir, Agatha, então vá”.

Cinco libras eram muito dinheiro para nós, mas foi um dinheiro bem gasto. Fomos até o piloto, que olhou para mim e disse: “Será que seu chapéu está bem preso? Está bem; então, entre”. O vôo durou apenas cinco minutos. Subimos, fizemos vários círculos no ar — oh!, que maravilha! Depois começamos a perder altura e planamos até pousar de novo. Cinco minutos de êxtase — e mais meia coroa para a fotografia: uma fotografia velha e desbotada que ainda guardo, mostrando um pequeno ponto no céu, que sou *eu*, num aeroplano, no dia 10 de maio de 1911!

Na vida de cada pessoa, os amigos podem ser divididos em duas categorias: aqueles que convivem conosco por estarem ligados a algo que fazemos, e estes são como as fitas que usávamos em certos vestidos, fitas que passavam para dentro e para fora de pequenas aberturas; eles também entram e saem de nossas vidas: alguns nós recordamos, outros esquecemos. E existem aqueles que poderíamos chamar de amigos *eleitos* (não muito numerosos), que um interesse verdadeiro de parte a parte juntou e que, habitualmente, continuam conosco, se as circunstâncias permitem, por toda a vida. Devo dizer que tive sete ou oito desses amigos, homens em sua maioria. Minhas amizades femininas foram quase todas apenas circunstanciais.

Não sei exatamente como nasce uma amizade entre um

homem e uma mulher — não está na índole dos homens procurarem uma mulher para uma grande amizade. Pode suceder por acaso — muitas vezes, por exemplo, se um homem se sente atraído sexualmente por outra mulher e deseja falar a respeito dela. As mulheres, em compensação, muitas vezes ambicionam a amizade de um homem, e de bom grado a assumem, interessando-se por um problema de amor alheio. Então pode surgir uma amizade estável e duradoura, porque estamos interessados um no outro apenas como *pessoas*. Existe realmente, no entanto, um resquício de atração sexual, como que uma pitada de sal que condimenta essa amizade.

Segundo a opinião de um médico já de certa idade, meu amigo, um homem sempre olha cada mulher que encontra pensando na hipótese de dormir com ela — e, portanto, na possibilidade de *ela* dormir com *ele*, no caso de também estar interessada. O homem, dizia esse médico meu amigo, é direto e rude. É o seu feitio. Não olha para uma mulher como uma possível esposa.

Com as mulheres, segundo creio, ocorre o contrário. Sempre encaram cada homem que encontram como um possível marido. Não creio que uma mulher tenha jamais olhado, numa sala, para um homem e sentido amor à primeira vista. Isso, porém, acontece com muitos homens.

Costumávamos fazer um jogo em família, inventado por minha irmã e por uma amiga sua. O jogo chamava-se “Os maridos de Agatha”. A idéia delas era escolherem dois ou três dos homens de aspecto mais desagradável que estivessem na sala e virem dizer-me que eu *teria* que escolher um deles para marido, sob pena de morte ou de lenta tortura chinesa.

“Vamos, Agatha, qual escolhe: o gordo com espinhas no

rosto e de cabelos com caspa, ou o escuro, de olhos tão esbugalhados que parece um gorila?”

“Oh, não escolho nenhum deles! São horrorosos!”

“Você tem que escolher. Tem que ser um deles. Ou então terá que suportar agulhas em brasa ou a tortura da água.”

“Oh, meu Deus! Escolho o gorila.”

Por fim, já era costume delas chamarem qualquer indivíduo fisicamente hediondo de o “marido de Agatha”. “Olhe, veja! Aquele homem é *realmente* feio — um genuíno marido de Agatha.”

Minha amiga mais importante era Eileen Morris. Era amiga da família. De certo modo, eu a conhecera toda a minha vida, mas só ficamos íntimas quando eu já tinha mais ou menos dezenove anos e a “alcancei”, pois ela era um pouco mais velha do que eu. Eileen morava com cinco tias solteironas numa grande casa junto ao mar, e seu irmão era professor. Eram muito parecidos, e a mente de Eileen possuía uma clareza mais masculina do que feminina. Seu pai era um homem tranqüilo, agradável e meio apagado. A esposa fora, contou-me minha mãe, uma das mulheres mais belas e alegres que conhecera. Eileen não era bonita, mas notavelmente inteligente. Abordava assuntos tão diferentes! Foi a primeira pessoa com quem pude discutir *idéias*. Falava pouco de si própria, e jamais acerca de seus sentimentos. Fui amiga dela por muitos anos; no entanto, muitas vezes me pergunto como era sua vida privada. Não trocávamos confidências, mas, quando nos encontrávamos, sempre havia algum assunto a discutir e muito o que conversar. Eileen era boa poetisa e conhecia música muito bem. Lembro-me de que havia uma canção de que eu gostava, porque gostava da melodia, mas que infelizmente tinha uma letra muito boba. Quando comentei esse fato com Eileen, ela prometeu que tentaria escrever versos

diferentes para a canção. E assim fez, melhorando-a bastante, pelo menos do meu ponto de vista.

Também eu escrevia poesia — talvez todo mundo a escreva, aos dezenove anos. Alguns dos meus primeiros poemas são incrivelmente ruins; recordo um que escrevi com apenas onze anos:

“Conheci uma pequena primavera, e que linda flor ela era,
Mas seu sonho era ser uma campânula azul e ter um vestido
[dessa cor”.

Pode-se imaginar como continuava! A primavera transformou-se numa *campânula* azul e ganhou seu vestido cerúleo, e não gostou! Que falta absoluta de talento literário! Quando atingi os dezessete ou dezoito anos, contudo, consegui melhorar. Escrevi uma série de poemas acerca da lenda de Arlequim: a canção de Arlequim, de Colombina, Pierrô, Pierrette, etc. Mandeí um ou dois desses poemas para *The Poetry Review*. Fiquei muito feliz quando ganhei um prêmio de um guinéu. Depois, ganhei vários outros prêmios, e essa revista publicou mais poemas meus. De vez em quando sentia-me tomada por súbita exaltação, e corria a escrever o que sentia borbulhar em minha mente. Não possuía grandes ambições. Um prêmio de vez em quando, conferido por *The Poetry Review*, era tudo o que eu pedia. Um de meus poemas, que reli ultimamente, não é de todo ruim; pelo menos, contém algo do que eu ambicionava expressar. Por esse motivo, reproduzo-o aqui:

NO BOSQUE

Escuros galhos nus contra um céu azul
(E o silêncio dentro do bosque),
Folhas inertes que jazem a meus pés,

Ousados troncos esperando sua hora
(E o silêncio dentro do bosque).
A primavera foi bela, à maneira da juventude;
O verão, com os langorosos dons do amor;
O outono, com a paixão que se transforma em dor:
Folha, flor e chama — caíram e falharam.

E a Beleza — a Beleza pura é deixada no bosque!

Escuros galhos nus de encontro à lua louca
(E algo que se move no bosque),
Folhagem que sussurra e se ergue dentre os mortos,
Galhos que acenam lubricamente na claridade
(E algo que caminha pelo bosque).
Rangendo e rodopiando, a folhagem está viva!
Levada pela Morte em diabólica dança!
Os gemidos e o balanço das árvores apavoradas!
O vento que perpassa soluçando e tremendo...

E o Medo — o Medo nu sai do bosque!”

De vez em quando tentava musicar meus poemas. Minhas composições não eram de alta categoria — no caso, uma simples balada que não saiu muito mal. Também escrevi a música de uma valsa, música, aliás, vulgar, com um título bastante extraordinário — não sei onde fui descobri-lo —, “Uma hora contigo”.

Depois que meus parceiros me fizeram notar que uma hora era tempo demais para uma valsa, percebi que o título era algo ambíguo. Fiquei orgulhosa porque uma das principais bandas de música, a Joyce Band, que tocava na maioria dos bailes, incluía-a

de vez em quando em seu repertório. Contudo, a música dessa valsa era muito ruim. Tendo em conta meus sentimentos a respeito de valsas, não consigo imaginar por que tentei compor uma obra musical desse gênero.

Quanto ao tango, era uma outra história. Um representante da sra. Wordsworth fundou uma escola de dança para adultos em New Abbot, e eu e outras moças costumávamos freqüentar essa escola. Aí encontrei aquele a quem chamei de “meu amigo de tango” — um jovem cujo nome era Ronald e cujo sobrenome não consigo recordar. Raramente falávamos um com o outro, nem nos interessávamos um pelo outro — nossos pensamentos estavam completamente dedicados a nossos pés. Logo formamos um par, dançávamos com o mesmo entusiasmo e, por isso, juntos, dançávamos bem. Tornamo-nos os principais expoentes da arte do tango, na escola... E também, em todos os bailes em que nos encontrávamos, reservávamos o tango para dançarmos um com o outro. Fazíamos questão disso. Outro entusiasmo coreográfico era a famosa dança de Lily Elsie, da *Viúva alegre* ou do *Conde de Luxemburgo*, não consigo lembrar-me qual delas, quando a protagonista e seu parceiro sobem e descem uma escadaria dançando a valsa. Fazia isso com um rapaz meu vizinho, Max Mellor, que estava nesse tempo em Eton e era mais moço do que eu três anos. Seu pai estava muito doente, tuberculoso, e vivia praticamente no jardim, numa espécie de cabana ao ar livre, onde dormia. Max era filho único. Apaixonou-se profundamente por mim, em parte porque era mais velha do que ele, e, a seus olhos, já era uma pessoa adulta; usava para me conquistar — era, pelo menos, o que me dizia a mãe dele — uma jaqueta e botas de caçar, com as quais se exibia e atirava nos pardais com uma espingarda de ar comprimido. Também começou a se lavar (o que

era novidade, pois sua mãe se preocupou durante anos com o estado de sujeira de suas mãos, pescoço, etc.); comprou várias gravatas de cor lilás e alfazema e, na realidade, dava todos os sinais de estar amadurecendo. Foi a dança que nos aproximou, e eu acorria à casa dos Mellors para praticar valsa com ele na escadaria, que era mais apropriada para isso do que a nossa, por ter os degraus mais baixos e mais largos. Não sei se fazíamos sucesso. Sofremos muitas quedas dolorosas, mas perseveramos. Ele tinha um tutor muito gentil, um homem jovem ainda, chamado, acho, sr. Shaw, a respeito de quem Marguerite Lucy comentava: “Uma naturezazinha agradável — é pena que suas pernas sejam tão pouco elegantes”.

Devo dizer que, a partir daí, não pude impedir-me de aplicar esse critério de julgamento a qualquer macho: “Aparência boa, talvez; mas suas pernas são pouco elegantes!”

V

Num desagradável dia de inverno, eu estava de cama, convalescendo de uma gripe; sentia-me, portanto, muito entediada. Já lera quantidades enormes de livros, tentara jogar paciência algumas vezes com êxito, e via-me agora reduzida a jogar bridge sozinha, manipulando as cartas dos quatro parceiros. Minha mãe veio espiar-me:

“Por que você não escreve uma história?”, sugeriu.

“Escrever uma história?”, disse eu, bastante espantada.

“Sim”, repetiu mamãe. “Como Madge faz.”

“Oh, acho que não saberia.”

“Por que não?”, insistiu mamãe.

“Por nenhum motivo especial, exceto que...”

“Você não sabe se pode ou não pode”, acrescentou minha mãe, “porque não experimentou ainda.”

Mamãe estava com a razão. Desapareceu com sua usual rapidez, e voltou cinco minutos depois com um caderno escolar na mão. “Neste caderno só está escrito um rol de lavanderia, logo no princípio”, disse, “o resto está em branco. Pode começar agora mesmo a escrever sua história.”

Quando minha mãe nos sugeria que fizéssemos fosse o que fosse, era quase certo que o faríamos. Sentei-me na cama e comecei a imaginar minha história. De qualquer jeito, sempre era mais divertido do que jogar novamente paciência.

Não posso lembrar-me do tempo que demorei a escrever a história — acho que não foi muito. De fato, estava pronta na noite seguinte. No começo, hesitei entre vários temas que depois abandonei; finalmente, interessei-me por um e passei a escrever com grande velocidade. Foi exaustivo, não ajudou muito minha convalescença, mas foi interessante.

“Acho que vou procurar a velha máquina de escrever de Madge”, disse minha mãe, “para você poder bater nela suas histórias.”

Essa primeira história foi chamada “A casa da beleza”. Se não ficou uma obra-prima, também não ficou ruim de todo. Foi, pelo menos, a primeira coisa que escrevi com alguns sinais promissores. Redigida de forma amadorística, é claro, evidenciava a influência de tudo o que eu havia lido até então, coisa que dificilmente se pode evitar quando se está começando. Nessa ocasião eu lia justamente D. H. Lawrence. Recordo que *A serpente emplumada*, *Filhos e amantes*, *O pavão branco* eram livros de que eu gostava muito. Também acabara de ler alguns livros escritos

pela sra. Everard Cotes, cujo estilo muito admirei. Essa minha primeira história era algo pretensiosa, e escrita de um jeito que tornava difícil saber ao certo o que o autor queria dizer; embora o estilo fosse pouco firme, a história em si, pelo menos, demonstra imaginação.



Ashfield.



Meu irmão Monty em Truelove.



Eu, quando criança.

Depois dessa escrevi outras: “O chamado das asas”, “O deus solitário” (que resultou da leitura de *The city of beautiful nonsense*, e era lamentavelmente sentimental), um curto diálogo entre uma senhora surda e um homem nervoso numa festa, e uma história medonha a respeito de uma sessão de espiritismo (que, muitos

anos depois, reescrevi). Bati na máquina de escrever de Madge todas essas histórias — uma máquina estilo Império, recordo bem — e enviei-as esperançosamente para várias revistas, escolhendo diferentes pseudônimos, conforme minha fantasia. Madge assinara Mostyn Miller; eu chamei a mim mesma Mack Miller, depois mudei para Nathaniel Miller (nome de meu avô). Não tinha grandes esperanças de êxito e, na verdade, não o obtive. As histórias voltavam às minhas mãos, com o habitual bilhete: “O editor lamenta...” Então eu fazia um novo envelope e as enviava para qualquer outra revista.

Também decidi experimentar redigir um romance. Passar-se-ia no Cairo. Pensei em dois enredos diferentes e, a princípio, foi-me difícil decidir-me entre os dois. Finalmente, fiz uma hesitante escolha e meti mãos à obra.

Esse tema me fora sugerido por três pessoas que costumávamos ver na sala de jantar do hotel no Cairo. Tratava-se de uma moça atraente — já nem era mais moça, pois devia andar pelos trinta anos — que todas as noites, depois do baile, costumava vir à sala de jantar cear com dois homens. Um desses dois homens era forte, atarracado, de cabelos escuros — um capitão do 60.º de Fuzileiros; o outro era um alto e belo jovem dos Coldstreams Guards, possivelmente um ou dois anos mais velho que ela. Ela flertava com ambos. Sabíamos como se chamavam, mas não sabíamos mais nada a respeito deles, a não ser que alguém, um dia, fizera este comentário: “Ela vai ter que decidir, um dia, entre os dois”. Foi o quanto bastou para minha imaginação: se eu tivesse sabido mais alguma coisa acerca da vida deles, talvez não sentisse vontade de escrever a respeito disso. Assim, fui capaz de inventar uma história excelente provavelmente muito diferente da realidade, de seus caracteres, seus atos, etc. Já

estava adiantada quando comecei a ficar insatisfeita, e interessei-me, de novo, pelo outro enredo. Este era mais leve, tratava de personagens mais divertidas. Cometi, no entanto, o erro fatal de me atrapalhar com uma heroína surda — realmente, não concebo por quê! É fácil tratar uma heroína cega de maneira interessante, mas uma heroína surda não é fácil, porque, em breve descobri, depois de ter descrito o que ela estava pensando e também o que as outras personagens estavam pensando e dizendo para ela, a heroína fica sem possibilidade de manter uma conversa, e o assunto termina! A pobre Melancy tornou-se ainda mais insípida e maçante.

Retomei minha primeira narrativa — e percebi que não seria longa o bastante para ser considerada um romance. Finalmente, decidi misturar as duas. Como o cenário era o mesmo, por que não dois enredos num só romance? Procedendo assim, em breve meu romance estava com o tamanho requerido. Pesadamente embaraçada com um enredo tão extenso, eu corria como uma louca de um conjunto de caracteres para outro, forçando-os ocasionalmente a se misturarem, de um jeito que eles pareciam não desejar. Chamei esse romance — não sei por quê — de *Neve sobre o deserto*. Minha mãe então sugeriu, um pouco hesitante, que eu pedisse a Eden Philpotts uma ajuda ou conselhos. Eden Philpotts estava então no auge da fama. Seus romances sobre Dartmoor eram célebres. Por acaso, era vizinho nosso, e amigo pessoal da família. Sentia vergonha de lhe pedir esse favor, até que finalmente concordei. Eden Philpotts era um homem de aparência estranha, seu rosto parecia mais o de um fauno do que o de um ser humano: um rosto interessante, de olhos grandes, de cantos um pouco repuxados. Sofria terrivelmente de gota e, freqüentemente, quando íamos visitá-lo, estava sentado com uma

das pernas, coberta de ataduras, repousada num tamborete. Odiava reuniões sociais e quase não saía de casa; na realidade, detestava ver gente. Sua mulher, pelo contrário, era extremamente sociável — uma mulher bonita e encantadora, com um grande círculo de amigos. Eden Philpotts fora muito amigo de meu pai e também gostava de minha mãe, que pouco o incomodava com convites sociais, mas admirava seu jardim e suas muitas plantas raras e arbustos. Concordou imediatamente em ler o trabalho literário de Agatha.

Mal posso expressar a gratidão que senti. Podia facilmente fazer meia dúzia de críticas bem justificadas e — quem sabe? — desencorajar-me, talvez para o resto da vida! Contudo, dispôs-se a ajudar-me. Compreendeu perfeitamente o quanto eu era tímida e como me era difícil falar acerca dessas coisas. A carta que me escreveu continha ótimos conselhos.

“Algumas das coisas que você escreveu”, disse, “são capitais. Você possui um grande senso do diálogo. Deveria continuar a escrever diálogos alegres e naturais. Tente cortar todas as considerações morais de seus romances; você abusa delas, e não há nada mais entediante para o leitor. Tente dar liberdade às suas personagens, de modo que elas possam falar sozinhas, em vez de deixar o leitor perceber que você está sempre aparecendo para fazê-las falar o que acha necessário. Deixe que o próprio leitor julgue. Você tem aqui dois enredos, em vez de um. Esse é um erro de principiante. Em breve você será a primeira a não querer desperdiçar enredos de modo tão perdulário. Estou enviando uma carta a meu agente literário, Hughes Massie. Ele fará a crítica de seus escritos e lhe dirá quais são suas oportunidades de ser aceita. Receio que não seja fácil conseguir que aceitem um primeiro romance, de modo que não deverá ficar desapontada se

isso ocorrer. Gostaria de lhe recomendar uma série de leituras que, julgo, lhe serão úteis. Leia De Quincey — *Confissões de um comedor de ópio*; aumentará imensamente seu vocabulário, pois ele usava palavras muito interessantes. Leia *A história de minha vida*, de Jefferys, por causa das descrições e do sentimento da natureza que ele transmite.”

Esqueci quais os outros livros recomendados: havia ainda uma coleção de contos, e um deles era chamado “The pirrie pride”. Seu tema girava em torno de um bule de chá. Também me recomendou um volume de Ruskin, pelo qual tomei violenta aversão, e mais um ou dois livros. Se me fizeram bem, não sei. Certamente, porém, gostei muito de De Quincey e dos contos.

Depois fui a Londres para me entrevistar com Hughes Massie. Nesse tempo, ainda estava vivo o primeiro Hughes Massie, e foi com ele que falei. Era um homem grande e moreno, e senti algum medo dele. “Ah”, disse, olhando a capa do manuscrito, *Neve sobre o deserto*, “ah, um título muito sugestivo — sugere fogo interior.”

Fiquei mais nervosa ainda, sentindo que isso estava bem longe de corresponder ao que eu escrevera. Não posso imaginar por que escolhera esse título, exceto pelo fato de ter lido, pouco antes, Ornar Khayyam. Calculo que era isso o que eu queria sugerir, algo que desse idéia de neve sobre a tórrida e poeirenta face do deserto. Todos os acontecimentos da vida são, em si mesmos, superficiais, e passam sem deixar maiores vestígios. Realmente, não me parece que o livro, depois de terminado, fosse isso, mas minha idéia era essa.

Hughes Massie guardou o manuscrito para lê-lo, mas devolveu-o algum tempo depois dizendo que não achava possível publicá-lo. O melhor que eu poderia fazer, dizia, era não pensar

mais nesse livro e começar outro.

Por natureza, nunca fui pessoa ambiciosa, e resignei-me a não lutar mais. Escrevi ainda alguns poemas de que gostava, e creio que mais um ou dois contos. Enviei-os a revistas, sempre à espera de que me fossem devolvidos, e geralmente foram.

Não estava mais estudando música seriamente. Tocava piano algumas horas por dia para manter a forma tanto quanto possível, mas não tive mais aulas. Enquanto estivemos em Londres, recebi aulas de canto. O professor era Francis Korbay, o compositor húngaro. Ensinou-me algumas encantadoras canções húngaras; era bom professor e homem interessante. Também aprendi a cantar baladas inglesas com uma professora, uma mulher que morava perto de uma zona do Regent's Canal a que se chamava então de Pequena Veneza, e que sempre me fascinou. Cantava freqüentemente em concertos locais e, como era moda, levava “minhas partituras” quando era convidada para um jantar. Nesse tempo não existia “música enlatada”, é claro: não havia emissoras de rádio nem cassetes, nem aparelhos estereofônicos. Para escutar música recorria-se a executantes particulares, e podia acontecer que fossem bons, sofríveis, ou simplesmente horrorosos. Eu era muito boa acompanhante, lia música à primeira vista, de modo que não poucas vezes acompanhava ao piano outros cantores.

Tive uma experiência maravilhosa quando houve em Londres uma série de concertos de música de Wagner, sob a regência de Richter. Minha irmã Madge ficara, de súbito, muito interessada pela música de Wagner. Organizou um grupo de quatro pessoas para assistir ao *Anel*, e pagou meu ingresso. Por toda a vida lhe ficarei grata e recordarei essa experiência. Van Roy representava Wotan. Gertrude Kappel cantava os principais papéis de soprano.

Era uma mulher grande e pesada, com um nariz arrebitado — não era atriz; possuía, porém, uma voz potente, uma voz de ouro. Uma norte-americana, chamada Saltzman Stevens, cantava Sieglinde, Isolda e Elizabeth. É difícil esquecer Saltzman Stevens. Era uma atriz muito bonita, com gestos e movimentos lindos, braços longos e graciosos que saíam das informes roupagens brancas que as heroínas wagnerianas sempre usavam. Era uma Isolda maravilhosa. Suponho que sua voz não se pudesse comparar à de Gertrude Kappel, mas sua arte de representar era tão soberba que nos empolgava. Sua fúria e desespero, no primeiro ato de *Tristão*, a beleza lírica de sua voz no segundo ato, e depois — o mais inesquecível para mim — o grande momento do terceiro ato: a longa melodia de Kurwenal, a angústia e a espera, com Tristão e Kurwenal juntos, a busca do navio no mar. Finalmente, o grande grito da soprano de trás do palco: “*Tristão!*”

Saltzman *era* realmente Isolda. Precipitava-se — sim, podíamos sentir que se precipitava — falésia acima, correndo com seus belos braços estendidos para Tristão, para apertá-lo de encontro a seu peito. E depois aquele imenso grito triste, um lamento de pássaro ferido.

Ela cantava o “Liebestod” inteiramente como uma mulher, não como uma deusa; cantava ajoelhada junto ao corpo de Tristão, olhando o rosto dele, vendo, com a força de sua imaginação e desejo, Tristão voltar à vida; e, finalmente, inclinando-se cada vez mais, as últimas três palavras da ópera, “com um beijo”, soavam quando juntava seus lábios aos dele e caía subitamente sobre o corpo de Tristão.

Com minha maneira de ser, ficava imaginando, todas as noites antes de dormir, que talvez um dia poderia cantar a parte de Isolda num palco de verdade. Que mal havia, dizia comigo

mesma, em sonhar? Poderia eu algum dia, ser-me-ia possível, cantar numa ópera? A resposta, é claro, foi negativa. Um amigo norte-americano de May Sturges, que estava ligado ao Metropolitan Opera House de Nova York, ao passar uma temporada em Londres, veio amavelmente ouvir-me cantar. Interpretei várias árias para ele, e ele mandou-me executar uma série de escalas, arpejos e exercícios. Depois falou: “As canções que você cantou não me esclareceram nada, mas os exercícios, sim. Você poderá vir a ser uma boa cantora de concertos, e é até capaz de vir a granjear nome. Mas sua voz *não* é forte o bastante para cantar ópera, e jamais o será”.

Tive que me resignar. Minhas fantasias secretas de vir a ser alguém no mundo da música eram impossíveis. Não ambicionava ser cantora de concertos, coisa que, aliás, também não era fácil. As carreiras musicais não eram encorajadoras para as jovens. Se tivesse havido a menor chance de cantar ópera, teria lutado, mas isso era para poucos privilegiados que possuíam as cordas vocais apropriadas. Tenho certeza de que não há na vida nada mais deprimente do que insistir em fazer algo e que exige um esforço desesperado, e saber que jamais se passará, na melhor das hipóteses, da segunda categoria. Portanto, pus de parte meus ambiciosos desejos. Fiz notar a minha mãe que daí em diante poderia economizar o dinheiro de minhas aulas de música. Poderia continuar cantando tanto quanto quisesse, mas não havia mais necessidade de continuar estudando. Jamais acreditara realmente que meu sonho um dia se realizasse — porém, é bom sonhar e se sentir feliz com os sonhos, contanto que não se lhes fique agarrado demais.

Deve ter sido por essa época que comecei a ler os romances de May Sinclair, com os quais fiquei muito impressionada — ainda

hoje, quando os releio, me impressionam. Minha opinião é que ela foi uma das nossas melhores e mais originais romancistas, e não posso deixar de considerar que, um dia, voltará o interesse do público por ela, e suas obras serão de novo editadas. *A combined maze*, história clássica de um amanuense e de sua namorada, é, acho, um dos melhores romances jamais escritos. Também gostei muito de *The divine fire*; quanto a *Tasker Jevons*, considero-o uma obra-prima. Um de seus contos, “The flaw in the crystal”, impressionou-me tanto (talvez porque estivesse propensa, nesse tempo, a escrever histórias sobre temas parapsicológicos) que me inspirou um conto na mesma linha. Chamei-o “Visão”. Foi publicado muito mais tarde, num volume com outras narrativas minhas; quando por acaso o releio, ainda o aprecio.

Fui criando o hábito de escrever contos. Foi-se tornando meu passatempo, em vez de, digamos, bordar almofadas ou fazer desenhos copiados das flores da porcelana de Dresden. Se alguém pensar que estou situando a profissão de ficcionista em nível demasiado baixo, não concordarei. O ímpeto criador pode sentir-se realizado de qualquer forma: bordando, cozinhando, pintando, fazendo desenhos ou esculturas, compondo músicas, assim como escrevendo romances ou contos. A única diferença é que algumas dessas ocupações dão mais *status* do que outras. Concordo que bordar almofadas vitorianas não é o mesmo que fazer tapeçarias de Bayeux, mas o ímpeto é, em ambos os casos, igual. As senhoras da corte de Guilherme se ocupavam com um trabalho original, que requeria reflexão, inspiração e incansável aplicação; algumas partes eram de feitura aborrecida, e outras, altamente interessantes. Apesar de podermos dizer que é ridículo comparar isso a um pedaço de brocado com duas clematites e uma borboleta, a satisfação interior do artista que se realiza é, em

ambos os casos, pessoalmente a mesma.

A valsa que compus não tinha nada de que me orgulhasse; um ou dois dos meus bordados, contudo, eram bons, no seu gênero, e davam-me satisfação. Não acho que chegava a ficar contente com meus contos — mas é coisa sabida que é sempre necessário passar algum tempo depois de ter terminado qualquer trabalho de criação pessoal para poder avaliá-lo.

Começamos entusiasmados pela idéia, cheios de esperança, cheios, realmente, de confiança (acho que foi a única época de minha vida em que me senti cheia de confiança em mim própria). Se formos verdadeiramente modestos, porém, jamais escreveremos seja o que for, se não aproveitarmos aquele momento delicioso em que nos ocorre a idéia e julgamos saber exatamente como transformá-la em texto. Eu corria então em busca de um lápis e começava logo em qualquer caderno escolar, na exaltação da descoberta. É claro, depois vinham as dificuldades, e eu ficava sem saber exatamente qual caminho seguir. Finalmente, conseguia fazer mais ou menos o que havia pensado primeiro, embora, durante todo esse tempo, tivesse perdido parte da confiança inicial. Uma vez o trabalho findo, achamos que tudo ficou péssimo. Alguns meses mais tarde, porém, já nos perguntamos a nós mesmos se, afinal, não estaria menos mau.

VI

Por esse tempo, escapei por um triz, duas vezes, do casamento. Digo que escapei porque, olhando para trás, percebo com bastante clareza que qualquer desses casamentos teria sido um desastre.

O primeiro era o que se pode chamar de “o grande romance de uma mocinha”. Passava uma temporada com os Ralston Patricks. Constance e eu fomos de carro, num dia de frio e vento, para uma reunião de caçadores, e um homem montado num belo cavalo castanho veio até junto de nós; cumprimentou Constance e foi-me apresentado. Charles era, suponho, um homem de seus trinta e cinco anos, major no 17.º de Lanceiros, e vinha todos os anos para Warwickshire caçar. Encontrei-o novamente nessa mesma noite num baile à fantasia, ao qual compareci fantasiada de Elaine. Uma linda roupa: ainda hoje a tenho guardada na arca do *hall* de minha casa (e pergunto-me como consegui entrar nesse vestido). Era uma beleza — de brocado branco, com uma touca de pérolas. Encontrei Charles muitas vezes durante essa estada e, quando regressei para casa, expressamos ambos amáveis desejos de nos encontrarmos de novo algum dia. Ele mencionou que talvez fosse, mais tarde, a Devonshire.

Três ou quatro dias depois de minha chegada, recebi um embrulho. Dentro havia uma pequena caixa de prata dourada. Na parte de dentro da tampa, fora gravado: “The Aspes”, uma data, e embaixo: “Para Elaine”. The Aspes era o lugar onde se dera nosso primeiro encontro. Também recebi uma carta dele dizendo que contava poder visitar-me na semana seguinte, quando chegasse a Devon.

Foi esse o início de um namoro relâmpago. Chegavam caixas de flores, livros e enormes caixas de chocolates exóticos. Nada foi dito que não fosse apropriado para uma moça, e eu estava entusiasmada. Fez-nos duas visitas; na terceira, pediu-me em casamento. Disse que se apaixonara por mim no momento em que me vira. Se catalogássemos as propostas de casamento por ordem de mérito, esta ficaria facilmente no alto da lista. Eu estava

fascinada pela sua técnica. Charles era um homem com bastante experiência de mulheres e capaz de provocar as reações que desejava. Pela primeira vez, sentia-me pronta a considerar que ele era meu Destino, o tal sr. Perfeito, No entanto — sim, aí é que está —, *no entanto...* Quando Charles estava junto de mim, dizendo-me como eu era maravilhosa, o quanto gostava de mim, que perfeita Elaine, que criatura deliciosa eu era, como passaria o resto de sua vida fazendo-me feliz, etc., com suas mãos trêmulas e sua voz comovida — oh, sim, eu ficava hipnotizada como um passarinho. No entanto — no entanto, quando ele se ia, quando pensava nele em sua ausência, não sentia mais nada... Não ansiava vê-lo de novo. Sentia apenas que era encantador. A contradição entre esses dois estados de espírito intrigava-me. Como poderemos saber se estamos amando alguém? Se na ausência da pessoa que julgamos amar não pensamos mais nela e se em sua presença pairamos nas nuvens — qual, das duas reações, a verdadeira?

Minha pobre e querida mãe deve ter sofrido muito nessa ocasião. Disse-me mais tarde que rezava para que me aparecesse, rapidamente, um marido que fosse a pessoa certa: bom, gentil e bem-provido dos bens deste mundo. Charles apareceu como se fosse a resposta a essa oração; de certo modo, porém, ela não estava satisfeita. Minha mãe sempre soube o que as pessoas pensavam e sentiam, e deve ter sabido muito bem que eu própria hesitava sobre o que na verdade sentia. Enquanto se apegava à habitual idéia materna de que homem algum no mundo seria suficientemente bom para sua filha, tinha o pressentimento de que aquele não era o homem ideal para mim. Mamãe escreveu aos Ralston Patricks para se informar o máximo possível a respeito de Charles. Infelizmente, meu pai era falecido, e eu não tinha um irmão a quem pudesse pedir para fazer os inquéritos habituais

naquele tempo: qual a posição financeira exata de Charles, sua família, *etc.* — coisa que hoje parece muito antiquada, mas, ousou dizer, evitava muitos casamentos infelizes.

Charles resistiu a esse inquérito. Tivera muitos casos com várias mulheres, mas isso realmente não incomodou minha mãe: era princípio aceito que um homem se divertisse à vontade antes do casamento. Era uns quinze anos mais velho do que eu, mas também meu pai era dez anos mais velho do que minha mãe, e ela achava bom que houvesse essa diferença de idade entre marido e mulher. Ela disse a Charles que Agatha ainda era muito jovem e que não deveria tomar decisões precipitadas. Sugeriu que nos víssemos de vez em quando no correr do ano, sem que me fosse imposta desde logo uma decisão.

Isso não deu resultado porque Charles e eu não tínhamos absolutamente nada que dizer um ao outro, a não ser declarações de seu amor por mim. Desde que não pudesse falar o tempo todo sobre esse assunto, pairavam grandes e embaraçosos silêncios entre nós. Depois, ele ia embora e eu ficava a cogitar. Que *queria* fazer? Queria mesmo me casar com ele? Aí, recebia uma carta de Charles. Não há dúvida de que escrevia as cartas de amor mais maravilhosas que uma mulher poderia desejar receber. Eu meditava sobre elas, relia-as, guardava-as, convencida de que, finalmente, era aquilo o amor. Depois, Charles regressava e eu me entusiasmava de novo, ficava de novo fascinada — e, no entanto, todo o tempo, em meu íntimo, uma espécie de intuição me segredava que estava tudo errado. Finalmente, minha mãe sugeriu que ficássemos sem nos ver por seis meses, e que depois então eu decidisse. Aderimos a essa sugestão, e durante esse período não houve cartas — o que provavelmente foi bom, porque, afinal, eu estava mesmo apaixonada pelas cartas.

Quando os seis meses terminaram, recebi um telegrama: “Não posso suportar essa indecisão por mais tempo. Quer se casar comigo, sim ou não?” Eu estava de cama, com um ligeiro acesso de febre. Minha mãe trouxe-me o telegrama. Li-o e olhei para o papel da resposta paga. Peguei um lápis e escrevi a palavra “Não”. Imediatamente, senti imenso alívio: decidira, enfim. Não precisava continuar sofrendo aquela insuportável sensação de incerteza!

“Tem certeza?”, perguntou mamãe.

“Sim”, respondi. Virei-me para o outro lado e adormeci imediatamente. Foi assim que terminou esse romance.

A vida pareceu-me um pouco sombria nos quatro ou cinco meses seguintes. Pela primeira vez tudo o que fazia causava-me tédio. Comecei a pensar que cometera uma enorme tolice. Então, Wilfred Pirie entrou de novo em minha vida.

Já mencionei Martin e Lilian Pirie, grandes amigos de meu pai, que encontramos novamente no estrangeiro, em Dinard. Continuamos a nos ver desde então, embora eu não houvesse mais encontrado os rapazes. Harold estivera em Eton e Wilfred fora aspirante na marinha — agora, era tenente da Marinha Real. Estava servindo num submarino e vinha muitas vezes visitar-nos, sempre que a esquadra aportava em Torquay. Imediatamente se tornou grande amigo, uma das pessoas de quem mais gostei em toda a minha vida. Em poucos meses ficamos noivos, embora não oficialmente.

Que alívio era Wilfred, depois de Charles! Com ele não havia aquela espécie de entusiasmo, é verdade, mas também não havia dúvida nem ansiedade. Era um amigo querido, alguém que eu conhecia bem. Líamos livros, discutíamos sobre eles, tínhamos sempre assunto para falar. Com ele sentia-me completamente à vontade. O fato de eu o estar tratando e considerando exatamente

como a um irmão não me ocorreu. Minha mãe mostrava-se encantada, e a sra. Pirie, também. Martin Pirie morrera alguns anos antes. Do ponto de vista de todos, aquele seria um casamento perfeito. Wilfred teria na marinha uma carreira promissora; nossos pais haviam sido amigos muito íntimos, e nossas mães se gostavam; mamãe apreciava Wilfred, a sra. Pirie apreciava a mim. Ainda sinto que fui um monstro de ingratidão por não ter me casado com ele.

Minha vida agora parecia resolvida. Em um ou dois anos, quando fosse conveniente (os jovens oficiais de marinha não eram encorajados a se casar cedo demais), nos casaríamos. Agradava-me a idéia de me casar com um marinheiro. Moraria numa das residências de Southsea, ou de Plymouth, ou de qualquer localidade desse gênero, e quando Wilfred estivesse viajando poderia vir para Ashfield e passar esse tempo com mamãe. Realmente, nada no mundo parecia mais adequado.

Suponho que existe em nosso temperamento uma horrível mania de revoltar-se contra o que parece bem demais ou perfeito demais. Por muito tempo não quis admitir tal coisa, mas a perspectiva de me casar com Wilfred provocava-me um deprimente sentimento de tédio. Gostava dele, é certo; teria sido feliz morando na mesma casa que ele; de certo modo, porém, não sentia o menor entusiasmo por essa idéia; nenhum entusiasmo, mesmo!

Uma das primeiras coisas que acontecem quando somos atraídas por um homem, e ele também é atraído por nós, é essa extraordinária ilusão de que pensamos do mesmo modo a respeito de todas as coisas, de que cada um de nós diz sempre exatamente aquilo que o outro estava pensando, que é maravilhoso gostarmos dos mesmos livros e das mesmas músicas. O fato de algum dos dois raramente ir a um concerto ou ouvir música não faz a menor

diferença. Ele sempre gostara, *realmente*, de música, mas não sabia que gostava! Do mesmo modo, nunca sentimos desejo de ler os livros de que o outro gosta, mas sentimos que, afinal, desejaríamos lê-los. Aí é que está: essa é uma das grandes ilusões da natureza. Ambos gostamos de cachorros e detestamos gatos. Que maravilha! Ambos gostamos de gatos e odiamos cães. Também é maravilhoso!

A vida corria, pois, placidamente. De três em três semanas, ou de duas em duas, Wilfred vinha passar conosco o fim de semana. Possuía um carro, e costumávamos passear pelas cercanias. Tinha também um cachorro, e ambos amávamos esse cachorro. Wilfred começou a se interessar por espiritismo; de imediato, portanto, me interessei por espiritismo. Até aí, tudo bem! Wilfred, porém, começou a trazer livros que ele queria que eu lesse e sobre os quais pedia minha opinião. Eram livros enormes, na maioria teosóficos. A ilusão dos gostos comuns, contudo, já não operava seus milagres — lógico que não: eu não amava Wilfred! Achava os livros de teosofia tediosos. Não só tediosos, mas totalmente falsos. Pior ainda, achava que grande parte deles só falava de bobagens! Também comecei a cansar-me das descrições que Wilfred fazia das médiuns que conhecera. Duas moças que ele conhecera em Portsmouth e as coisas que essas moças viam eram inacreditáveis. Em qualquer casa onde entrassem, ficavam arquejantes, rígidas, com as mãos no peito, em estado de transe sempre que havia qualquer horrível espírito por trás de alguém. “Um dia”, Wilfred disse, “Mary — a mais velha das duas — entrou numa casa e foi ao banheiro lavar as mãos, e você sabe que ela não conseguiu entrar no banheiro? Não, não pôde, absolutamente. Dentro do banheiro estavam duas figuras — uma segurando uma navalha junto da garganta da outra. Não acha incrível?”

Quase respondi: “Não, não acredito”, mas controlei-me a tempo. “Que interessante!”, retruquei. “Será que alguém, nessa casa, colocou uma navalha junto da garganta de outra pessoa?”

“Certamente que sim”, respondeu Wilfred. “Essa casa fora alugada a várias pessoas, antes, de modo que pode ter ocorrido ali algum incidente dessa espécie. Você não acha? Bem, é evidente, não é mesmo?”

Para mim, não era evidente coisa nenhuma. Contudo, sempre possuí um temperamento agradável e disse alegremente que sim, é claro. “Com certeza foi isso mesmo.”

Um dia, Wilfred telefonou de Portsmouth informando que tivera uma oportunidade maravilhosa. Estava-se organizando um grupo para pesquisar tesouros na América do Sul. Ele ia dispor de uma licença e, portanto, teria a possibilidade de se juntar a essa expedição. Será que eu acharia reprovável da parte dele se fosse? Era exatamente uma daquelas chances empolgantes que poderiam não acontecer nunca mais. As médiuns, calculo, haviam expressado sua concordância. Disseram que, sem dúvida, ele regressaria depois de descobrir uma cidade desaparecida desde o tempo dos incas. Claro que não se podia tomar esse gênero de coisas ao pé da letra, mas mesmo assim era extraordinário, não era? Será que eu achava que ele deveria passar parte da sua licença perto de mim? Descobri que não tive a mínima hesitação. Comportei-me com esplêndida abnegação. Disse-lhe que achava a oportunidade maravilhosa, que ele certamente deveria ir e que esperava, de todo o coração, que encontrasse o tesouro dos incas. Wilfred disse que eu era maravilhosa. Nem uma moça em mil se comportaria como eu. Desligou o telefone, enviou-me uma carta muito gentil e partiu.

A verdade, porém, é que eu não era uma moça em mil: era

simplesmente uma moça que descobrira a verdade a seu próprio respeito e que até se sentia levemente envergonhada por causa disso. Acordei no dia seguinte à partida de Wilfred com a sensação de que um grande peso fora tirado de cima de mim. Estava encantada por Wilfred haver partido nessa caça ao tesouro, porque o amava, decerto, mas como a um irmão, e apreciava, portanto, que fizesse o que lhe desse mais prazer. Achei que a idéia da caça ao tesouro era bastante boba, e sem dúvida falsa a possibilidade de encontrar algum. É evidente que eu não amava Wilfred. Se o amasse, conseguiria encarar o assunto pelos olhos dele. E depois — oh, que alegria! — não precisaria mais ler livros de teosofia.

“Por que anda tão alegre?”, perguntou minha mãe, desconfiada.

“Escute, mamãe”, respondi, “sei que é horrível, mas na verdade eu estou alegre porque Wilfred viajou.”

Pobre querida! Seu rosto alterou-se. Jamais me senti tão mesquinha, tão ingrata, como então! Ela estava tão feliz com a idéia de meu casamento com Wilfred! Por um momento, quase pensei que teria de continuar com esse projeto, só para que ela ficasse feliz. Afortunadamente, eu não era assim tão sentimental a ponto de me deixar influenciar por um instante de fraqueza.

Não escrevi a Wilfred comunicando-lhe o que decidira porque achei que isso poderia deprimi-lo em sua caça ao tesouro inca naquelas selvas tão ardentes. Ele poderia adoecer com uma febre qualquer, ou um animal desagradável poderia pular em cima dele enquanto sua mente estivesse absorvida pelas más notícias — e, de todo jeito, iria estragar seu divertimento. Mas redigi uma carta para lhe entregar quando de seu regresso; dizia-lhe o quanto estava triste, e como gostava dele, mas não achava que o que

sentia por ele fosse o sentimento próprio a que duas pessoas se ligassem para toda a vida. Wilfred não concordou comigo, claro, mas aceitou com seriedade essa decisão. Falou que achava não ser possível ver-me com frequência, mas sempre ficaríamos bons amigos. Às vezes, penso se ele não teria ficado, também, aliviado. Não, acho que não; por outro lado, não creio que lhe tenha despedaçado o coração. Acho que teve sorte. Teria sido um bom marido e, provavelmente, gostaria de mim para sempre; acho que eu também o faria feliz, tranqüilamente feliz. Wilfred, porém, merecia muito mais do que isso — e, mais ou menos três meses depois, apaixonou-se violentamente por outra moça, e ela por ele. Casaram-se e tiveram seis filhos. Nada poderia ser mais satisfatório.

Quanto a Charles, três anos mais tarde casou-se com uma linda moça de dezoito anos de idade.

Realmente, fui uma benfeitora para esses dois homens.

O acontecimento seguinte foi a chegada de Reggie Lucy, que viera de Hong Kong, de licença. Apesar de conhecer os Lucys havia tantos anos, não me encontrara ainda com o irmão mais velho, Reggie. Era major nos Artilheiros e prestara a maior parte de seu serviço no estrangeiro. Era tímido e introvertido, gostava de ficar sozinho e raras vezes saía. Apreciava jogar golfe, mas jamais se interessou por bailes ou festas. Não tinha cabelos louros e olhos azuis como os demais irmãos. Seus cabelos eram escuros, e os olhos, castanhos. Tratava-se de família muito unida, que gostava de conviver entre si. Fomos para Dartmoor juntos, à maneira habitual dos Lucys — nunca chegávamos a tempo de pegar os trens, procurávamos por trens que não existiam,

acabávamos perdendo-os, baldeávamos em Newton Abbot e perdíamos a conexão, decidindo que afinal iríamos para outro local da charneca.

Então, Reggie ofereceu-se para aperfeiçoar meu jogo de golfe, que era muito fraco. Vários jovens haviam feito por mim seus melhores esforços em matéria de golfe, mas, com muito pesar meu, não era bem-dotada para esse gênero de esporte. O que mais me irritava é que eu era uma principiante que prometia; a promessa, contudo, jamais se concretizava, e isso representava para mim uma fonte de humilhações. A verdade é que, se não se possui um golpe de vista rápido para as bolas, nada há a fazer. Eu tomava parte em torneios de croqué de parceria com Madge, quando eu jogava com o maior número permitido de pontos de vantagem. “Com todos esses seus pontos de vantagem”, dizia Madge, que jogava bem, “deveríamos ganhar *facilmente*.”

Meus pontos de vantagem ajudavam, mas não ganhávamos nunca. Eu era ótima na teoria do jogo, mas falhava ridiculamente nas jogadas mais fáceis. No tênis desenvolvi um bom golpe de direita, com o qual, às vezes, impressionava meus adversários; contudo, minha cortada era uma lástima. Não é possível jogar tênis só com bons golpes de direita! No golfe eu fazia uns *drives* selvagens, minhas jogadas com os ferros eram terríveis, fazia belas jogadas de aproximação e *putts* extremamente duvidosos.

Contudo, Reggie era paciente; pertencia àquela espécie de professor que não se importa nem um pouco em saber se você está melhorando ou não. Percorríamos suavemente os campos; parávamos sempre que nos apetecia. Os verdadeiros jogadores iam de trem para o campo de golfe de Churston. O de Torquay era o mesmo das corridas de cavalos, três vezes por ano, e não estava muito protegido nem bem-cuidado. Reggie e eu perambulávamos

por ele e depois íamos para casa tomar chá com toda a família Lucy, e lá cantávamos uma melopéia enquanto fazíamos torradas frescas, pois nesse meio-tempo as outras haviam esfriado. E assim por diante. Era uma vida ociosa e feliz. Ninguém se apressava, e o tempo não tinha a menor importância. Não havia preocupações, não havia rebuliço. Posso estar totalmente enganada, mas tenho certeza de que nenhum dos Lucys jamais sofreu de úlceras duodenais, trombozes das coronárias ou pressão alta.

Um dia, Reggie e eu jogáramos quatro buracos de golfe; depois, como o dia estivesse excessivamente quente, ele sugeriu que seria muito mais agradável nos sentarmos sob uma cerca viva. Tirou do bolso seu cachimbo, fumou descansadamente, e conversamos do nosso jeito habitual, nunca sobre assuntos seguidos, mas apenas uma ou outra palavra acerca de qualquer coisa ou de qualquer pessoa, tudo isso cortado por pausas repousantes. É como eu mais gosto de conversar. Jamais me senti lenta, ou estúpida, nem procurei coisas interessantes para dizer quando estava junto de Reggie.

A certa altura, depois de várias cachimbadas, ele disse pensativamente: “Você possui muitos troféus, não é mesmo, Agatha? Pois pode colocar-me junto com eles, quando quiser”.

Olhei-o em dúvida sobre o que ele queria dizer com aquilo.

“Não sei se já entendeu que eu gostaria de me casar com você”, continuou. “Talvez você já tenha entendido. De qualquer modo, sempre é melhor dizê-lo. Não estou pretendendo empurrar você para qualquer decisão; quero dizer, não há pressa.” A famosa frase da família Lucy assomou com facilidade aos lábios de Reggie. “Você ainda é muito jovem, e seria errado de minha parte prender você.”

Respondi com certa aspereza que não era tão jovem assim.

“Oh, sim, Aggie, você é muito jovem, comparada comigo.” (Embora eu houvesse insistido para que Reggie não me chamasse de Aggie, ele freqüentemente esquecia isso, porque era hábito da família Lucy dar uns aos outros apelidos no gênero de Margie, Noonie, Eddie e Aggie.) “Bem, pense a respeito disso”, continuou Reggie. “Pense em mim e, se não aparecer mais ninguém, aqui estou eu.”

Respondi imediatamente que não precisava pensar a respeito: gostaria imensamente de me casar com ele.

“Acho que você não teve tempo de pensar direito, Aggie.”

“Claro que pensei! Posso decidir num momento uma questão dessas.”

“Sim, mas não vale a pena nos precipitarmos, não é mesmo? Você entende, uma moça como você pode se casar com qualquer pessoa.”

“Não quero me casar com qualquer pessoa. Acho que vou me casar com você.”

“Sim, mas devemos ser práticos. Neste mundo temos que ser práticos. Você pode se casar com um homem muito rico, um moço simpático, alguém de quem você goste, que poderá proporcionar-lhe uma vida agradável e cuidar de você, dando-lhe tudo o que merece.”

“Quero me casar com a pessoa com quem quiser me casar. Não ligo a mínima importância para esse gênero de coisas de que você está falando.”

“Sim, mas são muito importantes, querida. Não seja imatura, nem tão romântica.” E continuou: “Minha licença termina dentro de dez dias. Achei que seria melhor falar com você antes de partir. Antes, pensei que esperaria. Mas acho que você... Bem, gostaria que você soubesse, apenas soubesse, que estou

aqui... Quando regressar, dentro de dois anos, se não existir mais ninguém na sua vida...”

“Não existirá mais ninguém”, disse eu. E fui muito positiva.

Foi assim que Reggie e eu ficamos noivos. Não era bem um noivado: era o tal sistema do “acordo”. Nossas famílias sabiam que estávamos noivos, mas esse noivado não seria anunciado nos jornais, nem a ninguém, tampouco a nossos amigos contaríamos, embora eu suspeitasse que a maioria já soubesse.

“Não sei por que não podemos nos casar”, disse eu a Reggie. “Por que você não falou mais cedo? Assim teríamos tido tempo para fazer os preparativos.”

“Certo, mas terá de ser um casamento espetacular, com damas de honra e todo esse tipo de coisas. Mas, de qualquer jeito, eu não sonharia em deixar que você se casasse já comigo. Você tem que ter sua própria chance.”

Costumava zangar-me quando Reggie falava assim, e quase brigávamos. Eu dizia não achar lisonjeiro que ele repudiasse tão prontamente meu oferecimento para me casar com ele logo. Reggie, porém, tinha idéias fixas acerca do que era devido à pessoa que ele amava, e metera na cabeça que o certo para mim era casar com um homem de boa situação, dinheiro, etc. A despeito de nossas brigas, éramos felizes. A família Lucy parecia satisfeita e dizia: “Nós suspeitávamos que Reggie estava de olho em você há muito tempo, Aggie. Habitualmente, ele não liga para nossas amigas. De fato, não precisa haver pressa. É melhor que vocês tenham tempo de refletir”.

Houve duas ou três ocasiões em que aquilo que eu tanto apreciava na família Lucy — a insistente convicção de que sempre havia muito tempo para tudo — fez nascer em mim certo antagonismo. Eu teria apreciado, romanticamente, que Reggie

dissesse que lhe seria impossível esperar dois anos, e que deveríamos casar o quanto antes. Infelizmente, seria a última coisa que lhe ocorreria dizer. Era homem muito pouco egoísta, sem confiança em si próprio e em seus projetos.

Minha mãe aprovava, creio, nosso noivado. Disse-me: “Sempre gostei dele. Acho que é uma das melhores pessoas que jamais conheci. Fará você feliz. É gentil e bondoso, e nunca a fará sofrer. Você não terá muito dinheiro, mas ele ganhará o bastante, agora que atingiu a patente de major. E, depois, você não pertence àquele número de pessoas que só pensam em dinheiro, festas e diversões. Creio que será um casamento feliz”.

Depois de uma pequena pausa, acrescentou: “Gostaria que ele tivesse falado com você um pouquinho mais cedo, de modo que pudessem casar logo”.

Mamãe, portanto, sentia-se como eu. Dez dias depois, Reggie regressou ao seu regimento, e eu fiquei esperando.

Permitam-me que acrescente aqui uma espécie de pós-escrito ao relato de meus noivados.

Descrevi meus namorados — mas fui pouco leal, pois não referi o fato de também ter me apaixonado: primeiro por um jovem soldado muito alto que encontrei durante minha estada em Yorkshire. Se me tivesse pedido em casamento, provavelmente teria dito que sim antes mesmo que terminasse a proposta! Muito ajuizadamente de sua parte, não fez nada disso. Era um oficial subalterno, sem vintém, e estava prestes a partir para a Índia com seu regimento. Acho, no entanto, que estava mais ou menos interessado em mim. Parecia-se um pouco com um carneiro. Tive que me resignar. Partiu para a Índia e fiquei com saudades dele,

pelo menos por uns seis meses.

Depois, talvez um ano mais tarde, apaixonei-me novamente, quando representava uma peça musical organizada por amigos, em Torquay — uma versão de *Barba-Azul*, com o diálogo escrito por esses mesmos amigos. Eu era a irmã Ana, e o objeto do meu amor foi, dessa vez, um vice-marechal-do-ar. Era ainda jovem — estava no começo de sua carreira. Eu tinha o costume revoltante de cantar para um dos meus ursos de pelúcia, em tom recatado, uma canção em voga no momento:

“Eu queria ter um ursinho
Para embalar em meus joelhos;
Que eu levaria sempre comigo,
Para aconchegar a mim”.

Tudo o que posso dizer para me desculpar é que naquele tempo todas as mocinhas faziam essa espécie de coisas, que, de resto, não lhes ficavam mal.

Várias vezes na vida, muito tempo depois quase o encontrei — pois era primo de amigos nossos —, mas sempre consegui evitá-lo. Também tenho minha vaidade.

Nunca deixei de acreditar que ele se lembra de mim como uma menina adorável, num piquenique em Anstey’s Cove, no último dia de sua licença. Sentamo-nos à parte do resto das pessoas, num rochedo à beira-mar. Não falamos — ficamos só de mãos dadas.

Depois de ir embora, enviou-me um pequeno broche de ouro que representava um ursinho.

Gostei dele o bastante para querer que ainda me recorde desse jeito — e para procurar evitar-lhe o penoso choque de encontrar-se frente a frente com oitenta e tantos quilos de carne

sólida e com o que poderia ser descrito apenas como “um rosto simpático”...

“Amyas sempre pergunta por você”, diziam meus amigos. “Ele gostaria tanto de vê-la novamente!”

Ver-me de novo, com meus maduros sessenta anos de idade? Nem pensar! Gostaria de ser ainda, para alguém, uma ilusão.

VII

As pessoas felizes não têm histórias, não é o que dizem? Pois bem, fui uma pessoa feliz durante esse período. Fazia mais ou menos o que sempre havia feito: via meus amigos, eventualmente saía, mas uma grande preocupação me dominava: a saúde de minha mãe, que piorava progressivamente. Tinha agora grande dificuldade em ler e em enxergar, mesmo com luz muito forte. Óculos não a ajudavam. Minha avó de Ealing também estava quase cega e, como sucede com as pessoas idosas, tornava-se cada vez mais desconfiada de todo mundo: dos empregados, dos homens que vinham consertar os encanamentos, do afinador do piano, etc. Sempre me recordo de vovó apoiada à mesa da sala de jantar, dizendo para mim ou para minha irmã: “Chhh!” — um profundo sibilar. “Falem baixo! *Onde está sua bolsa?*”

“No meu quarto, vovó.”

“Você *deixou* sua bolsa no quarto? Não deve fazer isso. Vá lá em cima buscá-la.”

“Mas que mal há nisso, vovó?”

“Nunca se sabe, querida, nunca se sabe! Vá buscá-la.”

Deve ter sido também nessa época que a mãe de minha mãe,

vovó B., caiu de um ônibus. Ela gostava de viajar no andar de cima dos ônibus, e suponho que já devia estar com oitenta anos de idade. Seja como for, o ônibus começou subitamente a andar quando ela descia a escada, e ela caiu, quebrando, julgo, uma costela e talvez um braço. Vovó processou energicamente a companhia dos ônibus, e foi-lhe concedida uma boa indenização — mas foi também estritamente proibida por seu médico de voltar a andar na parte superior dos ônibus. Naturalmente, sendo como era, vovó B. constantemente lhe desobedecia. Até o fim ela não deixou de ser como um velho soldado. Também por essa época teve que ser operada, suponho que de um câncer no útero, mas a operação foi bem sucedida, e ela não teve recaída. O único desapontamento que houve foi o dela própria. Sempre imaginara que, depois de removido esse tumor, ou fosse lá o que fosse, voltaria a ficar bonita e esbelta. Nesse tempo vovó já estava enorme, mais volumosa do que minha outra avó. A piada da mulher gorda que ficara entalada na porta do ônibus, enquanto o condutor gritava: “Tente sair de lado, senhora, tente sair de lado!”, e que respondia: “Meu Deus, rapaz, *eu não tenho lado!*”, poderia aplicar-se perfeitamente a ela.

Apesar de estritamente proibida pelas enfermeiras de levantar-se, quando saiu da anestesia ela ergueu-se da cama e foi, pé ante pé, ver-se ao espelho. Que decepção! Estava tão gorda como antes da operação!

“Nunca me consolarei dessa decepção, Clara”, disse para minha mãe. “Jamais! Eu estava contando com isso! Foi o que me deu coragem para essa anestesia e tudo o mais! Olhe só para mim: estou igual ao que era!”

Foi por essa época que minha irmã Madge e eu tivemos uma discussão que daria seus frutos mais tarde. Estivéramos lendo um romance policial; creio (só posso dizer “creio”, porque nossas lembranças nem sempre são bastante exatas: temos tendência para as recompormos em nossas mentes e para trocar datas e lugares), creio, portanto, que era *O mistério do quarto amarelo*, que acabara de ser publicado, livro de um autor então recente, Gaston Leroux, e que tinha como detetive um atraente e jovem repórter, cujo nome era Rouletabille. Tratava-se de um mistério particularmente desafiador, bem planejado e bem trabalhado, do tipo que alguns chamam de desleal e outros têm de admitir que é *quase* desleal, mas não totalmente: era possível descobrir uma pequena chave do mistério inteligentemente inserida no texto.

Conversamos muito, nós duas, acerca desse livro, trocando idéias, e concordamos em que era um dos melhores que havíamos lido no gênero. Éramos leitoras habituais de histórias de suspense e policiais; Madge iniciara-me desde muito jovem em Sherlock Holmes, e eu seguira ferosamente suas pisadas, começando com *The Levenworth case*, que me fascinou quando Madge o contou a mim, quando eu tinha por volta de oito anos de idade. Depois foi Arsène Lupin — embora jamais tenha considerado esses livros como genuínos romances policiais, achava-os interessantes e muito engraçados. Havia também os de Paul Beck, muito elogiados, como *The chronicles of Mark Hewitt*, e agora aparecera *O mistério do quarto amarelo*. Inflammada por tudo isso, declarei que gostaria de escrever uma história policial.

“Não acredito que você consiga fazê-lo”, disse Madge. “É muito difícil. Também pensei em escrever esse gênero.”

“Gostaria de tentar.”

“Bem, aposto que você não vai conseguir”, afirmou Madge.

E o assunto ficou por isso mesmo. Não foi concretamente uma aposta; não chegamos a concretizá-la, mas as palavras foram de desafio. Desde esse momento, nasceu em mim a determinação de escrever uma história policial. Não fui mais longe do que isso. Não comecei logo escrevendo nem sequer planejando o enredo: mas a semente caíra na terra. No fundo de minha mente, lá onde se alojam as histórias dos livros que vim a escrever e onde ficam por muito tempo, antes que a semente germine, a idéia fora lançada: *um dia desses vou escrever um livro policial.*

VIII

Reggie e eu escrevíamos um ao outro regularmente. Dava-lhe as notícias locais e tentava escrever o melhor que podia — a epistolografia jamais foi meu forte. Minha irmã Madge era, para mim, um expoente dessa arte. Podia construir histórias esplêndidas a respeito de coisa nenhuma. Invejo esse dom.

As cartas de meu querido Reggie eram exatamente como a conversa de Reggie, o que era agradável e tranqüilizante. Sempre insistia comigo, demoradamente, para que saísse bastante.

“Agora não fique em casa, abatida e melancólica, Aggie. Não pense que é isso o que desejo, porque não é mesmo: você deve sair bastante e ver pessoas. Deve ir a bailes e a festas, e coisas desse gênero. Quero que você tenha todas as chances possíveis antes de nos decidirmos.”

Revedo essa época, pergunto-me se, no íntimo, não teria ficado um pouco ressentida com essa posição de Reggie. Não creio que nessa altura tenha me dado conta disso; será que gostamos, *realmente*, dessa insistência para que encontremos outras

peessoas, saíamos e fazamos “o que for melhor para nós” (frase extraordinária)? Será que as mulheres não preferem que as cartas de amor que recebem revelem um travo de ciúme?

“Quem é esse fulano de quem você fala? Será que você está interessada nele?”

Não será disso que nosso sexo realmente necessita? Será que aceitamos tanta abnegação? Ou será que, revendo o passado, encontramos em nossa imaginação reações que talvez nunca houvessem existido?

Na vizinhança, continuavam os bailes costumeiros. Eu não os freqüentava porque, não possuindo carro, não me era fácil aceitar convites para casas que ficassem a mais de dois ou três quilômetros de distância. O aluguel de uma carruagem seria caro demais, e só recorriamos a isso em circunstâncias muito especiais. Contudo, de vez em quando, havia caçadas para gente moça, e então éramos convidadas a ficar para dormir, ou nos iam buscar e levar de volta a nossa casa.

Os Cliffords de Chudleigh iam dar um baile para o qual estavam convidando membros da Guarnição de Exeter, e pediram a alguns amigos que levassem uma ou duas moças. O comandante Travers, meu velho inimigo, que estava agora aposentado e morava com a mulher em Chudleigh, sugeriu que me levassem. Quando eu era criança, ele fora motivo predileto de minha abominação, mas evoluíra, a partir desse posto, até chegar a velho amigo da família. Sua mulher telefonou perguntando se eu gostaria de ir passar uns dias em casa deles, para poder assistir ao baile dos Cliffords. Eu, claro, fiquei encantada.

Também recebi uma carta de um amigo chamado Arthur Griffiths, que conhecera quando estava com os Matthews em Thorpe Arch Hall, em Yorkshire. Era filho do vigário e militar,

oficial de artilharia. Ele e eu nos tornamos grandes amigos. Arthur escreveu comunicando-me que estava servindo em Exeter, mas que, infelizmente, não era dos oficiais convidados para o baile, o que lhe dava muita pena porque gostaria de dançar de novo comigo. “Todavia”, continuava, “a esse baile vai um moço daqui; seu nome é Christie, e você deve procurá-lo. É bom dançarino.”

Christie cruzou meu caminho logo no princípio do baile. Era alto, um belo rapaz, com cabelos cacheados, um nariz interessante, levemente virado para cima, e possuía uma aparência de despreocupada confiança em si próprio. Foi-me apresentado, pediu-me para dançar algumas vezes e disse que seu amigo Griffiths lhe recomendara que me procurasse. Entendemo-nos bem. Dançava esplendidamente, e dançamos várias vezes. Diverti-me muito nesse baile. No dia seguinte, agradei aos Travers e fui para casa. Eles me levaram até Newton Abbot, onde peguei o trem.

Passou-se uma semana, ou talvez dez dias; eu estava tomando chá com os Mellors em casa deles, bem em frente da nossa. Max Mellor e eu ainda praticávamos nossas danças de salão, embora, graças a Deus, o hábito de valsar escadas acima estivesse superado. Estávamos, penso, dançando um tango, quando me chamaram ao telefone. Era minha mãe.

“Venha para casa, Agatha, por favor”, disse. “Está aqui um de seus jovens amigos. Não o conheço, jamais o vi antes. Servi-lhe chá, mas parece que ele não vai embora, à espera de que você apareça.”

Minha mãe sempre ficava intensamente irritada quando tinha que atender sozinha a meus pretendentes. Considerava isso assunto estritamente meu.

Fiquei aborrecida por ter que voltar para casa, porque estava

me divertindo. Além do que, julgava saber quem era — um temível aspirante da marinha, aquele que me pedira para ler seus poemas. Retirei-me a contragosto, com uma expressão amuada no rosto.

Quando entrei na sala, um jovem ergueu-se com aparência de grande alívio. Estava levemente ruborizado e mesmo encabulado ao explicar-se. Nem sequer me pareceu muito feliz por me ver — acho que receava que eu não me recordasse dele. Eu, porém, lembrava-me, apesar de intensamente surpresa. Não me ocorrera que poderia encontrar de novo o amigo de Griffiths, o jovem Christie. Deu explicações ligeiramente hesitantes — viera a Torquay de moto e pensara que seria agradável visitar-me. Evitou mencionar a dificuldade que decerto tivera para obter de Arthur Griffiths meu endereço. Todavia, após um ou dois minutos, as coisas começaram a melhorar. Minha mãe ficou aliviada com minha chegada. Archie Christie estava mais alegre, ao terminar suas explicações, e eu me sentia muito lisonjeada.

A tarde foi se passando, enquanto conversávamos. No sagrado código dos sinais, comum entre mulheres, levantou-se entre mim e mamãe a questão seguinte: iríamos convidar para jantar esse visitante inesperado e, em caso positivo, o que haveria em casa para lhe oferecer? Deve ter sido pouco depois do Natal, pois me lembro de que tínhamos peru frio na despensa. Fiz a mamãe um sinal positivo, e ela perguntou a Archie se gostaria de ficar e de partilhar conosco uma refeição informal. Archie aceitou prontamente. Comemos peru frio e salada e qualquer outra coisa de que não me lembro, acho que foi queijo, e passamos um serão agradável. Depois Archie montou em sua motocicleta e partiu para Exeter, precedido por uma série de explosões do motor.

Nos dez dias seguintes, fez freqüentes e inesperadas

aparições. Na primeira vez, perguntara-me se eu gostaria de assistir a um concerto em Exeter — eu dissera no baile que gostava muito de música — e tomar chá com ele depois, no Redcliffe Hotel. Disse que sim, que me agradaria muito. Depois houve um momento embaraçoso, porque mamãe deixou bem claro que sua filha não aceitava convites para ir sozinha a concertos em Exeter. Isso o desanimou, por segundos apenas, pois prontamente estendeu o convite a mamãe. Ela aplacou-se. Decidiu que simpatizava com ele, e disse que concordava que eu fosse ao concerto, mas receava que eu não devesse ir, depois, tomar chá com ele num *hotel*. (Devo confessar que nossas regras eram muito especiais. Podíamos ir sozinhas com um rapaz jogar golfe, montar a cavalo ou patinar; porém, tomar chá com ele num hotel tinha uma aparência *risqué* que as mães conscienciosas não admitiam para suas filhas.) No final, foi estabelecido um acordo: poderíamos tomar chá no restaurante da estação de Exeter. Não era local muito romântico. Mais tarde, perguntei-lhe se ele gostaria de vir a um concerto wagneriano que seria dado em Torquay, dentro de quatro ou cinco dias. Archie aceitou com alegria.

Archie falou-me muito de si próprio, contou-me o quanto estava impaciente por ingressar no recém-formado regimento do Real Corpo de Aviadores. Vibrei com essa idéia. Todo mundo vibrava com a idéia de voar. Mas Archie tinha, a esse respeito, idéias muito concretas. Falou que esse viria a ser o transporte mais útil no futuro: se eclodisse uma guerra, a primeira coisa necessária seriam os aviões. Não que tivesse loucura por voar, mas achava que teria mais chances nessa carreira. No exército não havia mais futuro. Como oficial de artilharia, as promoções eram lentas demais. Fez o máximo que pôde para me tirar as idéias românticas acerca de voar, mas não foi bem sucedido. Em

todo caso, foi a primeira vez que meu romantismo enfrentou um raciocínio prático e lógico. Em 1912, o mundo era ainda bastante sentimental... As pessoas falavam de si próprias como se fossem calejadas, mas na realidade não sabiam do que estavam falando. As moças tinham idéias românticas acerca dos rapazes, e eles, pontos de vista idealistas a respeito das moças. Não há dúvida de que percorremos muito caminho, nesse aspecto, desde os tempos de minha avó.

“Você sabe, gosto de Ambrose”, disse vovó, uma vez, referindo-se a um dos pretendentes de minha irmã Madge. “Outro dia, depois de Madge ter começado a caminhar pelo terraço, vi que Ambrose se ergueu da cadeira para segui-la e, curvando-se, apanhou um punhado de saibro, onde os pés de Madge haviam pisado, e guardou tudo em seu bolso. Que lindo, você não acha? Achei lindo! Imagine se me sucedesse uma coisa dessas quando eu era jovem!”

Pobre e querida vovó! Tivemos que desiludi-la. A verdade é que Ambrose se interessava muito por geologia, e aquele saibro era de um tipo especial, que despertava seu interesse.

Archie e eu tínhamos reações opostas em todos os assuntos. Acho que foi esse fato que, desde o começo, nos fascinou. Foi a velha e excitante curiosidade a respeito do “estranho”. Convidei-o para o baile do Ano-Novo. Na noite do baile, seu estado de espírito era peculiar: quase não falava comigo. Formávamos um grupo de seis, e cada vez que eu dançava com ele e depois nos sentávamos permanecia completamente silencioso. Eu estava intrigada, olhando-o de vez em quando, tentando imaginar o que poderia ter sucedido e em que estaria cogitando. Parecia não se interessar mais por mim.

Na realidade, era muito boba. Já tinha idade para saber que,

quando um homem fica parecendo um carneiro doente, completamente estupidificado e incapaz de escutar o que estamos dizendo, é que está, como vulgarmente se diz, apaixonado.

E eu? Será que eu sabia o que acontecia comigo? Recordo que apanhei uma das cartas de Reggie, quando chegou, dizendo para mim mesma: “Vou lê-la mais tarde”, enfiei-a rapidamente numa gaveta no *hall*. Encontrei-a três meses depois. Suponho que, no íntimo, eu já sabia.

O concerto wagneriano teve lugar dois dias depois do baile. Fomos a esse concerto e regressamos em seguida a Ashfield. Subimos para a sala de estudos para tocar piano, como era nosso costume, e Archie falou-me, em tom quase desesperado. Disse que partiria dentro de dois dias: dirigiam-se a Salisbury Plain, para iniciar o treinamento no Corpo de Aviadores. Então revelou, quase violentamente: “Você tem de se casar comigo, você *tem* de se casar comigo”. Disse-me ainda que soubera logo que queria se casar comigo, desde a primeira noite em que dançáramos juntos. “Tive um trabalho horrível para conseguir seu endereço e para encontrar você. Não pode imaginar como foi difícil. Não existirá jamais, para mim, outra pessoa. Tem que se casar comigo.”

Disse-lhe que era impossível, que já estava noiva de outra pessoa. Ele afastou com um gesto furioso a menção de meu noivado. “Que importância tem? Você romperá seu noivado, ponto final!”

“Mas não posso fazer uma coisa dessas. Não seria possível!”

“Claro que pode. Não estou noivo de ninguém, mas se estivesse romperia meu noivado no mesmo minuto e não pensaria mais nisso.”

“Não posso fazer isso com *ele*.”

“Que absurdo! Às vezes *temos* que fazer esse gênero de

coisas! Se vocês gostam tanto assim um do outro, por que não se casaram antes de ele ir para o estrangeiro?”

“Pensamos”, hesitei, “pensamos que seria melhor esperar...”

“Eu não teria esperado. E não vou esperar.”

“Teríamos que esperar antes de nos casarmos. Você ainda é um oficial muito jovem. Será o mesmo no Corpo de Aviadores.”

“Não posso ficar esperando anos e anos, de jeito nenhum! Quero me casar no mês que vem, ou no mês seguinte.”

“Você está louco. Não sabe o que está dizendo!”

Creio que não sabia, realmente. Afinal, Archie desceu à terra. Foi um choque terrível para minha pobre mãe. Acho que ela estivera ansiosa, embora somente ansiosa, e sentiu-se aliviada ao saber que Archie ia para Salisbury Plain — mas ser tão subitamente confrontada com um *fait accompli* abalou-a.

Eu disse a mamãe: “Mamãe, custa-me muito ter que lhe contar isto: Archie Christie pediu-me em casamento e quero, quero loucamente, me casar com ele”.

Tínhamos, porém, que encarar certos aspectos difíceis. Archie encarou-os de má vontade, mas minha mãe foi muito firme com ele. “Que bases têm vocês para se casar?”, perguntou. “Qualquer de vocês dois?”

Nossa posição financeira não podia ser pior. Archie era um jovem oficial, apenas um ano mais velho do que eu. Não era rico, possuía apenas seu salário e uma pequena renda, que era tudo o que sua mãe lhe podia dispensar. Eu dispunha das tais cem libras por ano que herdara de meu avô. Teríamos que esperar anos até que Archie estivesse em situação de se casar.

Antes de partir, ele me disse com certa amargura: “Sua mãe obrigou-me, à força, a pôr os pés na terra. Eu achava que nada do que ela falou era importante! Pensava que íamos nos casar de

qualquer jeito e que tudo daria certo. Ela me fez ver que não podemos nos casar agora, que teremos de esperar — mas não vamos esperar nem um só dia desnecessariamente. Farei tudo, tudo o que puder! A história de voar vai ajudar... mas, claro, também não gostam, nem no exército nem no Corpo de Aviadores, que os oficiais casem cedo demais”. Olhamos um para o outro: éramos jovens, estávamos desesperados — e nos amávamos!

Nosso noivado durou um ano e meio. Foi uma época tempestuosa, cheia de altos e baixos e de profunda infelicidade, porque tínhamos a sensação de que procurávamos algo que nunca atingiríamos.

Deixei de escrever a Reggie por quase um mês, principalmente, suponho, por sentimento de culpa e, em parte, porque não conseguia acreditar que o que me sucedera tão de súbito fosse *verdade* — temia acordar e regressar ao que existia antes.

Mas, finalmente, tive mesmo que escrever — sentindo-me culpada, infeliz e injusta. O pior, acho, foi a maneira bondosa e simpática como Reggie respondeu a minha carta. Disse que não me afligisse: não era culpa minha, disso ele tinha certeza; são coisas que não estão em nossas mãos impedir, coisas que acontecem.

“É claro”, continuava, “foi um choque para mim, Agatha, saber que você ia se casar com um homem que ainda possui menos condições de sustentá-la do que eu. Se você se casasse com alguém que possuísse fortuna, se fizesse um bom casamento, em toda a acepção da palavra, acho que não me importaria tanto, porque assim você teria o que merece, mas desse modo lamento não ter me casado com você e não tê-la trazido para cá comigo, logo, logo.”

Será que eu também desejava que ele tivesse feito assim? Suponho que não — pelo menos nessa ocasião e, no entanto, talvez existisse uma vaga sensação de querer dar marcha à ré, de querer saber em que chão estava pisando, de não nadar em águas profundas. Eu fora tão feliz, tão pacificamente feliz com Reggie, compreendíamos-nos tão bem, apreciávamos e queríamos as mesmas coisas!

O que estava me sucedendo agora era justamente o oposto: amava um estranho, e amava-o, sobretudo, por ele ser um estranho, porque nunca sabia como ele iria reagir a uma palavra ou frase, e tudo o que ele dizia era para mim novo e fascinante. Archie sentia o mesmo. Disse-me um dia: “Sinto que não consigo *agarrar* você. Não sei *como* você realmente é”. De vez em quando, raramente, éramos submergidos por ondas de desespero, e um de nós escrevia ao outro propondo que terminasse tudo entre nós. Ambos concordávamos em que era a única coisa a fazer. Depois, passada uma semana, achávamos insuportável nosso rompimento e recomeçávamos tudo.

Nossa vida continuava correndo mal. Estávamos sem dinheiro e ainda sofremos um novo revés financeiro. A Companhia H. B. Chaflin, de Nova York, a firma de que meu avô fora sócio, abriu falência. Foi um caso muito sério, e teve como resultado que a renda que minha mãe recebia de lá, a única que tinha, cessaria totalmente. Minha avó, por sorte, não estava exatamente na mesma situação. O dinheiro dela também fora deixado em ações da H. B. Chaflin, mas o sr. Bailey, o sócio da firma que se ocupava dos assuntos de vovó, havia algum tempo já que andava preocupado. Encarregado de cuidar dos negócios da viúva de Nathaniel Miller, sentia-se responsável por ela. Quando vovó precisava de dinheiro, escrevia-lhe, e o sr. Bailey mandava-lhe

dinheiro vivo. Vovó ficou perturbada e aflita quando ele um dia lhe sugeriu autorizá-lo a reinvestir o seu dinheiro.

“Quer dizer que terei de tirar meu dinheiro da Companhia Chaflin?”

O sr. Bailey mostrou-se algo evasivo. Falou que era conveniente ir vigiando os investimentos e que isso era difícil para ela, sendo inglesa por nascimento e morando na Inglaterra, se bem que viúva de um norte-americano. Disse várias coisas, claro, que não eram explicações autênticas, mas vovó as aceitou. Como todas as mulheres de seu tempo, aceitava de olhos fechados qualquer conselho sobre negócios que lhe fosse dado por alguém em quem confiasse. O sr. Bailey disse-lhe ainda que deixasse com ele o encargo de cuidar de seus interesses, pois investia de novo o dinheiro, de modo que ele lhe proporcionasse quase tanta renda quanto recebia nessa ocasião. Relutantemente, vovó concordou; portanto, quando sobreveio a falência, sua renda estava a salvo. O sr. Bailey, entretanto, morrera, sem deixar de cumprir seu dever para com a viúva de seu sócio, e sem denunciar seus receios acerca da solvência da companhia. Os sócios mais jovens da empresa haviam se lançado, julgo, em grandes projetos que, por algum tempo, pareceram bem-sucedidos; porém, gastaram demais, abriram demasiadas agências por todo o país e despenderam dinheiro demais com vendedores. Fosse qual fosse a causa, a falência foi total.

Foi uma repetição de minha experiência de infância, quando escutara papai e mamãe falarem de dificuldades financeiras e descí, feliz, para anunciar às empregadas que estávamos arruinados. “A ruína” parecera-me, então, algo maravilhoso e exaltante. Agora, porém, não era nada disso; significava o desastre final para Archie e para mim. As cem libras anuais que me

pertenciam teriam que ir, inteirinhas, para o sustento de minha mãe. Sem dúvida, Madge também a ajudaria. Vendendo Ashfield, mamãe ficaria com o bastante para subsistir.

Mas, afinal, as coisas não foram tão ruins como temêramos, porque o sr. John Chaffin escreveu a minha mãe, da América, afirmando-lhe o quanto estava desgostoso. Anunciava-lhe que ela poderia contar com uma renda de trezentas libras por ano, enviadas não pela firma que falira, mas de sua fortuna particular, e que essa renda seria mantida enquanto ela fosse viva. Foi um alívio. Contudo, quando mamãe morresse, a renda cessaria. Cem libras por ano e Ashfield era tudo com que eu poderia contar para o futuro. Escrevi a Archie contando-lhe que jamais poderia me casar com ele, que teríamos que esquecer um ao outro. Archie recusou aceitar essa decisão. De uma forma ou de outra, conseguiria dinheiro. Então nos casaríamos e talvez pudéssemos ajudar mamãe. Archie deu-me conforto e esperança. Ficamos noivos de novo.

A vista de minha mãe não cessava de piorar. Após consultar um especialista, soube que sofria em ambos os olhos de catarata, que, por motivos vários, era impossível operar. Podia acontecer que não se alastrasse rapidamente, mas com o tempo acabaria certamente por cegá-la. Uma vez mais escrevi a Archie rompendo o noivado, dizendo-lhe que era óbvio não ser nosso destino nos casarmos um com o outro, e que, caso minha mãe ficasse cega, jamais poderia abandoná-la. De novo ele recusou. Respondeu-me que eu deveria esperar e ver o que se passaria com os olhos de mamãe — poderia surgir a cura da doença, poderia tornar-se possível a operação, e a verdade também é que ainda não estava cega, de modo que podíamos continuar noivos. Continuamos noivos, portanto. Tempos depois recebi uma carta de Archie: “Não

vale a pena esperarmos, jamais poderemos nos casar. Sou pobre demais! Com o pouco que possuo, tentei alguns investimentos, que não deram resultados. Perdi esse dinheiro. Você terá que deixar de pensar em mim”. Escrevi-lhe então, dizendo que jamais o deixaria. Archie respondeu que eu teria mesmo que deixá-lo. Então decidimos, de comum acordo, abandonarmo-nos um ao outro.

Quatro dias depois, Archie conseguiu uma licença e veio, subitamente, em sua motocicleta, de Salisbury Plain. Não havia nada a fazer, tínhamos que reatar nosso noivado, tínhamos que ter esperança e paciência — algo acabaria por suceder, mesmo que tivéssemos que esperar quatro ou cinco anos. Atravessamos assim várias tempestades emocionais, mas, no final, continuamos com nosso noivado, apesar de, a cada mês que passava, as possibilidades de nos casarmos parecerem cada vez mais distantes. Não havia esperança, sentia no mais íntimo de meu coração, embora jamais admitisse tal coisa. Archie também achava que não havia esperança, mas agarrava-se encarniçadamente à crença de que não poderíamos viver um sem o outro, e rezava para que sobreviesse um repentino golpe de sorte.

Já conhecia a família de Archie. Seu pai fora juiz no Serviço Civil Indiano, e sofrera uma grave queda de um cavalo. Depois disso havia ficado doente — a queda afetara-lhe o cérebro —, e finalmente morrera num hospital na Inglaterra. Depois de alguns anos de viuvez, a mãe de Archie se casara de novo, com William Hemsley. Ninguém poderia ter sido mais amável nem mais paternal para conosco do que ele. A mãe de Archie, Peg, nascera no sul da Irlanda, perto de Cork, e pertencia a uma família de doze filhos. Morava com seu irmão mais velho, que estava no

Corpo Médico indiano, quando conheceu seu primeiro marido. Teve dois filhos, Archie e Campbell. Archie fora o melhor aluno do colégio em Clifton e ficara em quarto lugar em Woolwich: possuía boa cabeça e era audacioso. Ambos os rapazes estavam no exército.

Archie anunciou-lhe nosso noivado e cantou-lhe meus louvores, daquele jeito habitual com que rapazes descrevem sua jovem eleita. Peg olhou para ele com um ar de dúvida e disse, com sua profunda voz de irlandesa: “Será que ela é desse tipo de moças que usam inovações como aquelas golas à Peter Pan?” Bastante embaraçado, Archie teve que confessar que, na realidade, eu usava essas golas à Peter Pan. Estavam no auge da moda. As moças haviam, finalmente, abandonado os colarinhos engomados e altos que se usavam nas blusas, com pequenas barbatanas de baleia cosidas em ziguezague e que sempre nos deixavam marcas vermelhas e dolorosas no pescoço. Chegou o dia em que as pessoas decidiram ser ousadas e preferir o conforto. A gola à Peter Pan foi desenhada, penso, como cópia da gola virada para baixo usada por Peter Pan na comédia de Barrie. Ajustava-se bem ao pescoço, feita de tecido macio, não havia nela nada de parecido com barbatanas de baleia e era, em suma, um paraíso usá-las depois das antigas. Não concebo como poderiam ser chamadas de “ousadas”. Quando penso na reputação de levianas em que incorriam as moças apenas por exibirem dez centímetros de pescoço abaixo do queixo, parece-me inacreditável. Quando hoje olho em redor de mim e vejo as moças de biquíni na praia, reconheço que fomos longe, em cinqüenta anos!

De qualquer modo, eu era uma dessas moças *avançadas* que, em 1912, usavam golas à Peter Pan!

“E como fica linda com essas golas”, afirmou o leal Archie.

“Ah, não duvido”, disse Peg. Apesar das dúvidas que poderia ter a meu respeito, justificadas por minhas golas à Peter Pan, recebeu-me com extrema bondade e, na realidade, ousou dizer, com alvoroço. Afirmou gostar tanto de mim, estar tão encantada comigo — eu era exatamente o gênero de moça que sempre ambicionara para seu filho, etc., etc. —, que não acreditei em uma só palavra. A verdade é que ela achava seu filho jovem demais para se casar. Não encontrava em mim nenhum defeito especial; poderia, realmente, ser muito pior. Poderia ser filha de um vendedor de cigarros (sempre considerado um símbolo de calamidade), ou uma jovem divorciada — existiam algumas já, mesmo nessa época —, ou até uma corista. Seja como for, Peg sem dúvida pensara que, com as perspectivas que tínhamos, nosso casamento não viria a efetuar-se. Foi muito gentil comigo, mas me sentia encabulada com ela. Archie não estava particularmente interessado no que sua mãe pensava a meu respeito, nem em minha opinião a respeito dela. Possuía a feliz característica de seguir sua vida sem ligar a mínima importância ao que as pessoas pensavam dele ou do que lhe pertencia; sua mente achava-se sempre inteiramente dedicada apenas ao que *ele* próprio queria.

Por isso, essa era nossa situação: ainda noivos, mas não mais próximos do casamento — de fato, cada vez mais longe dele. Afinal, a desejada promoção não se mostrava mais rápida, no Corpo de Aviadores, do que em qualquer outro regimento. Archie ficou desolado quando percebeu que piorava de sua sinusite sempre que pilotava um avião. Embora sentisse muitas dores, não desistia. Suas cartas vinham sempre repletas de pormenores técnicos acerca dos bimotores Farman e Avros: opiniões acerca dos aviões que, segundo ele, representavam, mais ou menos, morte certa para os pilotos, e acerca de outros, que julgava muito

mais seguros e que se iriam desenvolver. Nomes de esquadrões tornaram-se familiares a meus ouvidos: Joubert de La Ferté, Brooke-Popham, John Salmon. Havia também certo primo irlandês de Archie, um selvagem que já caíra com tantos aviões, que se encontrava agora mais ou menos permanentemente em terra.

Parece-me estranho, hoje, não me recordar de que tivesse sentido, alguma vez, a menor apreensão acerca da segurança de Archie! Voar era, decerto, perigoso — mas uma caçada também o era, e eu estava acostumada a que muitas pessoas quebrassem seus pescoços nas caçadas. Eram apenas os acasos da vida. Naqueles tempos não se insistia muito na idéia de segurança, preocupação tão atual: “segurança acima de tudo” seria, então, considerado algo ridículo. Estar ligado a essa nova forma de locomoção, o vôo, era deslumbrante! Archie foi um dos primeiros pilotos a receber um brevê — seu número de piloto era, se bem me lembro, cento e qualquer coisa: cento e cinco ou cento e seis. Sentia imenso orgulho dele!

Creio que nada na vida me deu maior decepção do que o fato de o avião se transformar num modo habitual de viajar. Na época, sonhávamos com os aviões por serem semelhantes a pássaros — na exaltação de nos precipitarmos pelos ares. Agora, quando penso na maçada de pegarmos um avião e voarmos de Londres à Pérsia, de Londres às Bermudas, de Londres ao Japão — pode haver algo mais prosaico? Uma caixa apertada, com assentos acanhados, de onde a vista que se desfruta é, na maioria das vezes, a das asas e da fuselagem, e, por baixo, nuvens de algodão em rama... Quando enxergamos a terra, ela se apresenta achatada como um mapa... Oh, sim! É decepcionante! Os navios ainda podem ser românticos. Quanto aos trens — o que pode superar

um trem? Especialmente antes do aparecimento dos diesel, com seu cheiro. Um grande monstro, bufando,. carregando a gente por montes e vales, por cachoeiras, ultrapassando montanhas nevadas, ao longo de estradas onde se deslocam estranhos camponeses em suas carretas! Os trens são maravilhosos. Ainda os adoro. Viajar de trem é ter a possibilidade de observar a natureza e os seres humanos, cidades, igrejas e rios

— de fato, olhar a vida.

Não quero negar meu fascínio pela conquista dos ares alcançada pelo homem, por suas aventuras no espaço, pela posse desse dom que não existe em outras formas de vida, o sentido da aventura, o ânimo inquebrantável e a coragem — não meramente a coragem da própria defesa, que todos os animais possuem, mas a coragem de arriscar a vida para descobrir o desconhecido. Sinto-me orgulhosa e entusiasmada por tudo isso ter acontecido durante a minha vida, e gostaria de ter o dom de adivinhar o futuro só para ver os próximos passos: tenho a sensação de que se seguirão rapidamente, um após outro, com o efeito de uma bola de neve.

Em que acabará tudo isso? Mais triunfos? Ou, quem sabe, a destruição do homem através de sua própria ambição? Não é o que penso. Penso que o homem sobreviverá, embora talvez apenas em “bolsões”, aqui e ali. Pode acontecer alguma imensa catástrofe — mas nem toda a humanidade perecerá. Alguma comunidade mais primitiva, enraizada na simplicidade, familiarizada com o passado apenas por tradição, construirá então, vagarosamente e ainda uma vez, a civilização.

IX

Não me recordo de que em 1911 eu tivesse o menor pressentimento de que em breve haveria uma guerra. Às vezes os oficiais da marinha abanavam a cabeça e murmuravam: “*Der Tag*”, mas vínhamos escutando essa frase há anos, e já não prestávamos atenção nela. Isso servia como ponto de partida bastante adequado para histórias de espionagem — não parecia real. Nenhuma nação seria louca a ponto de combater outra nação, exceto em algum lugar remoto.

Mesmo assim, os cursos de enfermagem e primeiros socorros começaram a tornar-se populares durante o ano de 1913 e no princípio de 1914. Todas nós os freqüentávamos, aprendíamos a colocar ligaduras nas pernas e nos braços umas das outras e tentávamos colocá-las habilmente nas cabeças: muito mais difícil! Passávamos em nossos exames e recebíamos um pequeno cartão impresso como prova de nosso êxito. Era tão grande o entusiasmo feminino em exercer os novos conhecimentos que, se por acaso algum homem sofria um acidente, ele entrava em estado de terror só com a idéia de ter perto de si uma dessas mulheres tão prestativas.

“Não consentam que uma dessas mulheres dos cursos de primeiros socorros chegue perto de mim!”, era um grito comum. “Não me toquem, moças. *Não me toquem!*”

Entre os examinadores, havia um homem idoso, extremamente mal-humorado. Com um diabólico sorriso, armava-nos ciladas. “Eis aqui seu paciente”, dizia, apontando para um escoteiro prostrado no chão. “Fratrou o braço e o tornozelo, tratem dele, rápido!” Um par pressuroso, eu e outra moça, por exemplo, precipitávamo-nos para o escoteiro e puxávamos

rapidamente nossas ligaduras. Éramos ótimas ligando membros fraturados — havíamos praticado muito e fazíamos lindamente esse trabalho, de maneira perfeita, invertendo a ligadura à medida que a íamos enrolando, de modo que, no fim, parecia magnificamente esticada, formando um 8, para melhor ajustamento. Dessa vez, contudo, fomos censuradas — naquele caso não deveria haver nenhuma ligadura esticada, nem preocupação de beleza. “Pensos de campanha”, disse o velhote. “Coloquem sua bandagem por cima disso tudo; lembrem-se de que não existirá mais nada para substituir essa ligadura.” Fizemos como ele dizia; era muito mais difícil trabalhar desse modo e conseguir que a ligadura ficasse bem-ajustada. “Vamos, rápido”, continuou ele. “Atem a ligadura em forma de oito; é isso o que vocês terão que fazer. Não vale a pena seguir à risca os manuais e inverter as bandagens de cima para baixo. A preocupação de vocês, moças, deve ser a de fixar o penso. Agora carreguem-no para a cama, pela porta do hospital.” Carregamos nosso paciente, com as talas devidamente fixadas, assim o esperávamos, e fomos deitá-lo na cama.

Depois paramos, levemente desanimadas — nenhuma de nós pensara em preparar a cama antes de lá chegarmos com ele. O velhote cacarejava alegremente: “Ah, ah! Não pensaram em tudo, não é mesmo, meninas? Devem sempre verificar se a cama está pronta, para que o doente se deite antes de começar o transporte”. Devo dizer que, apesar de nos ter humilhado, esse velhote ensinou-nos muito mais do que havíamos aprendido em seis aulas.

Além do estudo de nossos manuais, tínhamos também aulas práticas. Duas vezes por semana, de manhã, era-nos permitido prestar serviço no hospital local. Era intimidante, porque as

enfermeiras profissionais, que andavam sempre apressadas e tinham muito o que fazer, desprezavam-nos totalmente. Meu primeiro trabalho foi remover um penso de um dedo e preparar água quente com borato para mergulhar ali o dedo do doente. Isso até que foi fácil. O trabalho seguinte era seringar um ouvido, mas rapidamente me proibiram de fazê-lo. Lavar um ouvido com uma seringa requer técnica especial, disse a enfermeira. Quem não estivesse treinado para isso não deveria tentar.

“Lembre-se sempre disto: não pense que você é útil quando se põe a fazer algo para que não foi preparada. Pode estar cometendo uma enorme tolice.”

Em seguida, tive que remover os pensos da perna de uma criança que se queimara com água quente. Foi nesse momento que quase desisti para sempre da enfermagem. Sabia que as ligaduras deveriam ser molhadas, suavemente, em água morna, antes de começarmos a remoção, mas por mais que fizéssemos, as dores da pobre criança eram agônicas. Pobrezinha, tinha apenas três anos de idade. Gritava, gritava! Sentia-me tão aflita que estive a ponto de ficar nauseada. A única coisa que me salvou foi a crítica sardônica que enxerguei no olhar da enfermeira profissional, que estava junto de nós, como a dizer: “Jovens tolas, presunçosas, acham que podem vir para cá sabendo tudo a respeito de todas as coisas — e, afinal, não sabem fazer nem a primeira coisa que lhes pedimos!” Decidi imediatamente que agüentaria firme. Afinal, era necessário molhar aquelas ligaduras para poder tirá-las — portanto, de futuro, não apenas a criança teria mesmo que suportar as dores, como também eu própria teria que suportar a dor da criança. Ainda um pouco nauseada, com os dentes cerrados, continuei meu trabalho tão suavemente quanto possível. Fiquei surpresa mas encorajada quando a enfermeira de

serviço me disse subitamente: “Você fez bem esse trabalho. Mas, no princípio, custou-lhe um bocado, não é mesmo? Comigo passou-se exatamente a mesma coisa”.

Outra parte de nossa educação era trabalhar durante um dia com a enfermeira do distrito. Íamos duas de nós, uma vez por semana. Visitávamos certo número de pequenas casas nos subúrbios, todas elas com suas janelas permanentemente fechadas, algumas cheirando a sabão, e outras com um cheiro bem diferente. A vontade de abrir de par em par essas janelas era às vezes quase irresistível. No entanto, as doenças eram quase sempre as mesmas. Praticamente todo mundo sofria do que, laconicamente, se chamava “pernas ruins”. Para mim, essa designação era um pouco nebulosa — não entendia realmente que mal era esse, as “pernas ruins”. A enfermeira do distrito disse: “Envenenamento do sangue é muito comum; alguns casos são conseqüência de doenças venéreas, claro, ou úlceras, e tudo isso resulta do péssimo estado do sangue”. Esse era o nome genérico das doenças entre aquela gente, e eu, mais tarde, entendi muito melhor minha empregada diarista, quando me dizia: “Minha mãe está de novo doente”.

“Ah, o que ela tem?”

“Oh, pernas ruins! Ela sempre sofreu de pernas ruins!”

Numa de nossas rondas, encontramos um dia um de nossos pacientes já morto. A enfermeira e eu preparamos o corpo. Outra experiência. Não tão comovedora, no entanto, como cuidar de uma criança escaldada por água fervendo, mas inesperada, para quem nunca havia feito isso antes.

Quando, na longínqua Sérvia, foi assassinado um arquiduque, pareceu-nos um incidente muito distante — não nos dizia respeito! Afinal, nos Balcãs estavam sempre assassinando

gente! Parecia inacreditável que isso viesse a afetar-nos, na Inglaterra; e não estou falando apenas de mim própria, mas de todo mundo. Rapidamente, depois desse assassinato, começaram a surgir boatos acerca dessa coisa fantástica — a guerra! Mas é claro, pensávamos nós, eram coisas dos jornais! Nenhuma nação civilizada entraria numa guerra. Havia anos que as guerras haviam cessado e, provavelmente, jamais voltaria a ocorrer outra.

Ninguém, suponho, exceto alguns ministros e os círculos internos do Ministério do Exterior, poderia conceber que houvesse uma guerra. Não passavam de boatos e, se certas pessoas começavam a se preocupar e a dizer que a situação parecia “bastante séria”, era por causa dos discursos dos políticos. E, no entanto, certa manhã, *aconteceu*.

A Inglaterra estava em guerra.

Quinta parte

A GUERRA

I

A Inglaterra estava em guerra. Acontecera!

Difícilmente posso expressar a diferença entre nossos sentimentos de então e os de agora. Agora podemos ficar horrorizados, talvez surpresos, mas não realmente pasmos, se houver outra guerra, porque todos estamos conscientes de que as guerras *acontecem*. Aconteceram em tempos passados e, a todo momento, podem acontecer novamente. Em 1914, porém, não se registravam guerras... havia quanto tempo? Cinqüenta anos? Mais? É verdade que houvera as Guerras dos Bôeres, escaramuças na fronteira do noroeste; essas guerras, porém, não haviam envolvido a própria nação — tinham sido como que exercícios do exército em grande escala, para manter a soberania em lugares distantes. Agora, porém, era diferente — estávamos em guerra com a Alemanha.

Recebi um telegrama de Archie: “Venha a Salisbury, se puder; espero vê-la”. O Corpo de Aviadores seria dos primeiros a ser mobilizado.

“*Temos de ir*”, disse para minha mãe. “*Temos de ir.*”

Sem demora, partimos para a estação ferroviária. Possuíamos pouco dinheiro disponível. Os bancos estavam fechados. Entramos no trem, lembro-me bem; quando chegavam junto de nós os cobradores, embora lhes mostrássemos que trazíamos conosco três ou quatro notas de cinco libras, recusavam-se a aceitá-las: ninguém aceitava notas de cinco libras.

Por todo o sul da Inglaterra, nossos nomes e endereços foram anotados por infinito número de inspetores. Os trens estavam atrasados, e tivemos que trocar de composição em várias estações; finalmente, conseguimos chegar a Salisbury ainda naquela noite. Fomos para o County Hotel. Meia hora depois, chegou Archie. Pouco tempo estivemos juntos: ele nem sequer pôde ficar para jantar. Tivemos meia hora para ficar a sós, não mais. Depois, despediu-se e partiu.

Archie tinha certeza, aliás como todos no Corpo de Aviadores, de que seria morto na guerra e não mais me veria. Estava, porém, calmo e alegre como sempre. Todos os rapazes do Corpo de Aviadores eram de opinião que uma guerra acarretaria o fim rápido da primeira vaga de pilotos. A força aérea alemã era conhecida por seu poder bélico.

Eu não conhecia tão bem esses fatos, mas despedi-me de Archie na certeza também de que não mais o veria, embora também tentasse imitá-lo, mostrando-me animada e com aparente confiança. Lembro-me de que, nessa noite, fui para a cama e chorei, chorei, chorei até cair, exausta, num sono profundo, de que não acordei senão muito tarde, na manhã seguinte.

Viajamos de regresso a casa, dando novamente nomes e endereço aos empregados dos trens. Três dias após, chegou o primeiro postal da França. Era um postal com certas frases já impressas, e quem o enviava tinha apenas que cortar o que não lhe interessava — coisas neste gênero: ESTOU BEM. ESTOU NO HOSPITAL, etc. Senti, quando o recebi, apesar de suas parcas informações, que era de bom augúrio.

Acorri ao meu destacamento do Serviço de Voluntárias para ver o que se passava. Preparávamos grandes quantidades de bandagens, que enrolávamos; enchíamos cestos com mechas de

algodão para os hospitais. Algumas das coisas que fazíamos eram úteis; a maior parte delas, porém, não servia para nada, só nos ajudava a passar o tempo; em breve, implacavelmente, começaram a chegar os primeiros feridos. Organizou-se então um serviço de refeições leves que seriam fornecidas aos soldados, à medida que fossem chegando à estação. Esta, devo dizer, foi uma das idéias mais estúpidas que qualquer comando já teve. Esses homens já haviam sido bem alimentados durante a viagem, desde Southampton, e quando finalmente chegavam à estação da estrada de ferro de Torquay o principal era tirá-los do trem, nas macas, e levá-los em ambulâncias para o hospital.

Era grande a competição para trabalhar no setor de enfermagem do hospital (em que fora transformada a prefeitura), e as primeiras escolhidas haviam sido sobretudo as mulheres de meia-idade e as que já possuíam alguma experiência no trato de doentes — esse não era um serviço conveniente para moças. Depois, havia também o trabalho das empregadas de enfermaria, que faziam os trabalhos domésticos e a limpeza: areavam os metais, limpavam os assoalhos, e coisas assim. Finalmente, havia o pessoal da cozinha; muitas pessoas que não queriam cuidar dos feridos foram aproveitadas na cozinha; as empregadas das enfermarias, por outro lado, eram realmente as forças de reserva, que esperavam ansiosamente subir, passando a enfermeiras tão logo ocorresse uma vaga. Havia apenas oito enfermeiras profissionais. Todas as demais eram oriundas do Serviço de Voluntárias.

A sra. Acton, poderosa figura, atuava como enfermeira-chefe, pois era a mais antiga das voluntárias. Muito disciplinada, organizara tudo de maneira notável. O hospital tinha capacidade para receber mais de duzentos pacientes; quando chegou o

primeiro contingente de feridos, todo mundo estava a postos, enfileirado, cada um em seu lugar. Apesar de tudo, e da solenidade do momento, houve cenas engraçadas. A sra. Spragge, mulher do general Spragge, senhora requintada, deu um passo à frente para receber os feridos e caiu, simbolicamente, de joelhos, diante do primeiro a entrar, um ferido que podia movimentar-se. Fez-lhe então sinal para que se sentasse na cama e, cerimoniosamente, descalçou-lhe as botas. O homem, devo dizer, pareceu extremamente surpreso, sobretudo porque, como logo soubemos, era um caso de epilepsia, e não sofria de nenhum ferimento de guerra. Por que motivo aquela digna senhora lhe tirou, subitamente, as botas no meio da tarde, era algo que ele não conseguia entender.

Fui trabalhar no hospital, mas apenas como empregada de enfermaria. Comecei zelosamente a arear os metais e, cinco dias depois, fui promovida a ajudante de enfermeira. Muitas das senhoras de meia-idade cuidavam pouco ou nada dos pacientes e, mesmo cheias de compaixão e de boa vontade, não apreciavam muito certas tarefas, tais como despejar urinóis, lavar os oleados e o vômito, e suportar o cheiro dos ferimentos que supuravam. A idéia que tinham de enfermagem, acho, era a de alisar travesseiros e murmurar palavras suaves e tranqüilizadoras para nossos bravos combatentes... Por isso, essas tais idealistas abandonaram suas tarefas com satisfação: jamais pensaram que teriam de fazer coisas como *aquelas*, diziam. Para junto dos feridos foram destacadas, então, as mais moças e, por isso, mais empreendedoras.

A princípio, era atordoador. As pobres enfermeiras profissionais ficavam quase frenéticas, tão numerosas eram as voluntárias, sem qualquer treino, que acabavam tendo sob suas

ordens. Sequer dispunham de algumas estagiárias mais aptas para ajudá-las. Eu cuidava, com outra moça, de duas filas de doze camas; tínhamos uma enfermeira enérgica, chamada Bond, que, apesar de sua categoria, não conseguia ser paciente para com o desafortunado grupo de colaboradoras que lhe coube. Não éramos, realmente, pouco inteligentes — éramos apenas ignorantes. Não nos haviam ensinado quase nada a respeito do essencial num serviço hospitalar. De fato, tudo quanto sabíamos era como fazer uma ligadura e as teorias gerais de enfermagem. De grande utilidade, porém, nos foram as poucas instruções que havíamos colhido junto à enfermeira do distrito.

Os mistérios das esterilizações é que nos atrapalhavam mais — especialmente porque a enfermeira Bond estava sempre ocupada demais para nos explicar como se faziam. Chegavam verdadeiros tambores repletos de pensos, prontos para serem utilizados nos tratamentos das feridas, e ficávamos responsáveis por eles. Nem sequer nos haviam explicado que os pratinhos em forma de rim serviam para receber os pensos sujos, e as tigelas, para receber os objetos esterilizados. Além disso, como todos os pensos nos pareciam extremamente sujos, embora, na verdade, estivessem cirurgicamente limpos (haviam sido esterilizados no andar de baixo), tudo isso nos parecia muito desconcertante. Depois da primeira semana, as coisas tornaram-se mais claras. Descobrimos o que pretendiam de nós e fomos capazes de fazê-lo. Por essa altura, porém, a enfermeira Bond já desistira e fora embora. Disse que seus nervos não resistiriam.

Uma nova enfermeira, chamada Anderson, veio substituí-la. A enfermeira Bond era boa profissional, de primeira categoria como enfermeira cirúrgica. A enfermeira Anderson também era de primeira classe, e ao mesmo tempo era uma mulher sensata e

paciente. A seus olhos, não estávamos preparadas. Tinha quatro enfermeiras sob suas ordens, e logo procedeu a seu treinamento. Era costume dela avaliar as enfermeiras ao fim de um ou dois dias e dividi-las: umas, com ela dizia, “só serviam para se ocupar da fervura das louças”. Às outras ela dava-se o trabalho de preparar. No fim do pavilhão, existiam dois enormes recipientes com torneiras, sempre com água fervente. Nesse tempo, muitos ferimentos eram tratados com aplicações de água fervida, de modo que verificar se os recipientes estavam em ordem era o primeiro teste essencial. Se a infeliz moça enviada a ver se “a água estava fervendo” confirmava o fato, quando não era o caso, a enfermeira Anderson perguntava com soberano desprezo:

“Você nem mesmo sabe quando a água está fervendo, enfermeira?”

“Mas está fumegando!”

“*Aquilo não é vapor*”, explicava a enfermeira Anderson. “Não escuta o som que faz? Primeiro ouve-se um som cantante, depois ele se torna amortecido e o vapor não se desprende, e *é então* que começa a sair o verdadeiro vapor d’água.” E se afastava, murmurando: “Se nos mandarem mais tontas como esta, não sei o que farei!”

Era, porém, uma sorte estar sob as ordens da enfermeira Anderson. Era severa mas justa. Havia também a enfermeira Stubbs, pequenina, alegre e agradável para com as moças, que muitas vezes tratava de “queridas”. Embora as cativasse por uma falsa idéia de tranqüila segurança, irritava-se muito com elas se alguma coisa corria mal. Era como se se estivesse sob as ordens de uma gatinha irritável: tanto podia brincar como arranhar. Desde o começo, gostei de enfermagem. Não me era difícil exercê-la, e eu achava ser essa uma das profissões mais compensadoras

que uma pessoa poderia ter. Penso até que, se não tivesse me casado, uma vez terminada a guerra, iria treinar-me como enfermeira. Nisso talvez entre a hereditariedade. A primeira mulher de meu avô, minha avó norte-americana, era enfermeira num hospital.

Entrando no mundo hospitalar, tínhamos que rever nossas opiniões acerca de nosso *status* na vida — paralelamente à nossa posição na hierarquia do hospital. A autoridade dos médicos era indiscutível. Eram chamados quando alguém estava doente, e sempre se cumpria mais ou menos o que eles diziam — exceto minha mãe: ela sempre sabia mais do que o médico, ou, pelo menos, era essa nossa convicção. Habitualmente, o médico era um amigo da família. Nada me preparara previamente para cair em adoração perante eles.

“Enfermeira, toalhas para as mãos do doutor!”

Em breve aprendi a ficar prontamente de pé, transformada num objeto de segurar toalhas, esperando mansamente, enquanto o doutor lavava suas mãos; ele, geralmente, não se dava sequer ao trabalho de me devolver a toalha, e jogava-a no chão com desprezo. Mesmo aqueles médicos que eram desprezados secretamente pelas enfermeiras, por serem de baixo gabarito, tornavam-se muito convencidos no hospital e era-lhes concedida uma veneração mais adequada a pessoas de alta envergadura.

Na verdade, falar com um médico, no hospital, mesmo que só para lhe mostrar que o reconhecêramos, era considerado de nossa parte horrivelmente presunçoso. Ainda que fosse nosso amigo íntimo, não se devia mostrá-lo. Essa etiqueta estrita foi percebida por mim em certa altura, mas uma ou duas vezes errei. Certa ocasião, um médico, irritável como sempre estão os médicos durante o trabalho hospitalar — não porque estejam mesmo

irritados, mas porque é esse o comportamento que as enfermeiras esperam deles —, exclamou com impaciência: “Não, enfermeira, não quero essa espécie de fórceps! Dê-me...” Esqueci o nome do que era, agora; mas, quando isso sucedeu, eu estava com um desses instrumentos em meu tabuleiro, e fiz um gesto para oferecê-lo. Por vinte e quatro horas não ouvi falar de outra coisa.

“Realmente, enfermeira, querer evidenciar-se desse jeito! Na realidade, você ofereceu o fórceps ao doutor, *you mesma!*”

“Desculpe, enfermeira”, murmurei, submissa. “Que deveria ter feito?”

“Enfermeira, acho que, a esta altura, já deveria saber. Se o doutor requisita algo que você, por acaso, está apta a fornecer, naturalmente você passa o instrumento para mim e *eu* o passo ao doutor.”

Assegurei-lhe que jamais voltaria a transgredir as ordens.

A evasão das aprendizes de enfermagem menos jovens foi acelerada, pois nossos primeiros pacientes chegavam diretamente das trincheiras, ainda com pensos de campanha e com as cabeças cheias de piolhos. Muitas das senhoras de Torquay jamais haviam visto piolhos — eu própria também nunca os tinha visto —, e esses terríveis parasitas foram chocantes demais para as pobres queridas! As mais jovens, contudo, continuaram firmes, e não se atrapalharam. Quando havia troca de turno, era costume uma enfermeira dizer à outra, em tom jovial, com certo orgulho: “Tratei de todas as minhas cabeças!”, agitando o pente fino em triunfo.

Houve um caso de tétano em nossa primeira remessa de pacientes. Foi nosso primeiro caso mortal, e um grande choque para todas nós. Contudo, em mais ou menos três semanas eu já me sentia como se tivesse passado toda a minha vida cuidando de soldados, e após um mês de experiência estava completamente

apta a fazer malograr os vários truques de que eles dispunham.

“Johnson, o que esteve escrevendo em sua tabuleta?” As tabuletas, com os gráficos da febre e o peso do doente, costumavam ficar suspensas aos pés da cama.

“Escrevendo em minha tabuleta, enfermeira?”, dizia ele, com ar de inocência ultrajada. “Nada, é claro! Que poderia estar escrevendo?”

“Parece que alguém andou prescrevendo para você um regime muito especial. Não creio que tenha sido a enfermeira, nem o doutor. Acho muito estranho que lhe receitem vinho do Porto!”

Outra vez, encontrei um homem gemendo e queixando-se: “Acho que estou muito doente, enfermeira. Sei que estou! Sinto-me febril!”

Olhei seu rosto saudável e rubicundo e depois o termômetro que ele me entregara, marcando febre alta.

“Esses radiadores de aquecimento são bastante úteis, não é mesmo?”, respondi. “Mas tenha cautela: se você colocar o termômetro num radiador demasiado quente, poderá ficar sem mercúrio!”

“Ah, enfermeira”, retrucou ele com um sorriso amarelo, “a senhora é espertinha. As enfermeiras jovens têm o coração mais endurecido do que as outras. Elas ficavam tão aflitas quando nossa febre subia, que corriam logo para chamar a enfermeira-chefe.”

“Você devia envergonhar-se!”

“Ah, enfermeira, foi só uma brincadeira!”

Ocasionalmente, os pacientes iam ao departamento de raio X, no outro extremo da cidade, ou iam fazer tratamentos fisioterápicos. Então, geralmente, comboiávamos seis pacientes e tínhamos que prestar muita atenção se surgia um súbito pedido

para atravessar a rua, “porque preciso comprar um cordão para o sapato, enfermeira”. Quando olhávamos para o outro lado da rua, notávamos que a sapataria se situava convenientemente perto do The George and Dragon. Todavia, sempre consegui trazer de volta meus seis doentes, sem que nenhum fugisse e reaparecesse em estado de demasiada euforia... Todos sempre foram extremamente agradáveis para comigo.

Havia um escocês cujas cartas eu escrevia duas vezes por semana. Parecia impossível que não soubesse ler nem escrever, visto ser o homem mais inteligente da enfermaria. Mas, fosse como fosse, tinha que escrever para ele as cartas que zelosamente enviava a seu pai. Para começar, sentava-se e esperava que eu principiasse. “Agora, enfermeira, vamos escrever a meu pai”, ordenava.

“Está bem. ‘Querido pai’”, começava eu. “Que mais deverei escrever?”

“Oh! Algo que você acha que ele gostará de ler...”

“Seria melhor você dizer exatamente o que quer, não é mesmo?”

“Tenho certeza de que a enfermeira sabe melhor do que eu.”

Eu insistia, porém, para que ele me desse alguma indicação. Então, eram-me assim revelados vários fatos da vida cotidiana do hospital, da comida que lhe davam, etc. Depois, fazia uma pausa. “Acho que isso é tudo.”

“Devo terminar escrevendo: ‘Com o amor de seu filho muito afeiçãoado?’”, sugeri.

Ele pareceu profundamente chocado.

“Não, enfermeira, é claro que não! Acho que sabe que não deve ser assim!”

“O que eu disse de errado?”

“Você deve escrever: ‘De seu filho muito respeitoso’. Não se deve falar em *amor*, ou *afeto*, ou em palavras desse gênero, não para meu pai, pelo menos.”

A primeira vez que tive que prestar assistência numa operação representou um desprestígio para mim. De repente, as paredes da sala começaram a rodopiar em torno de mim, e somente o firme apoio de outra enfermeira, que segurou meus ombros e fez com que eu saísse da sala rapidamente, salvou-me de um desastre. Jamais me ocorrera que a visão de sangue ou ferimentos me fizesse desmaiar. Mal ousei enfrentar a enfermeira Anderson quando, mais tarde, apareceu. Mas foi ela que, inesperadamente amável, me disse: “Não se preocupe com o que lhe sucedeu, enfermeira. Já aconteceu com muitas de nós, nas primeiras vezes. Primeiro, você não está acostumada com o calor e com o cheiro do éter; tudo isso faz com que as pessoas se sintam nauseadas; além disso, aquela era uma operação abdominal difícil, e essas operações abdominais são as mais desagradáveis de assistir”.

“Oh, enfermeira, acha que da próxima vez me sentirei bem?”

“Você terá que tentar, na próxima vez. E, se não se sentir bem, tornará a tentar, até se acostumar. Certo?”

“Sim”, respondi, “certo.”

A próxima operação que ela me mandou assistir foi curta, e sobrevivi. Com o costume, nunca mais senti a menor perturbação, embora, muitas vezes, desviasse meus olhos da primeira incisão com o bisturi. Essa era a parte que mais me afligia — depois, eu podia olhar para aquilo com calma e interesse. A verdade é que nos acostumamos a tudo.

II

“Acho que você fez muito mal, Agatha”, disse uma das melhores amigas de minha mãe, “em ir trabalhar nesse hospital num domingo. Domingo é dia de repouso. Você deveria ficar com seus domingos livres.”

“Mas como os curativos nos doentes seriam feitos, como eles seriam lavados, quem lhes daria os urinóis e como tomariam chá, se ninguém trabalhasse aos domingos?”, perguntei. “Afim, eles não podem passar sem todas essas coisas por vinte e quatro horas, podem?”

“Oh, meu bem! Não pensei nisso, mas deve haver outra solução!”

Três dias antes do Natal, Archie, de repente, conseguiu uma licença. Fui com minha mãe a Londres para me encontrar com ele. Eu levava em mente o projeto de nos casarmos. Muita gente estava fazendo desses casamentos rápidos.

“Não consigo entender”, disse, “como podemos continuar a nos preocupar com pequenas cautelas e pensar no futuro, quando tanta gente está morrendo.”

Minha mãe concordou comigo. “É”, disse ela. “Penso como você. Não podemos continuar pensando nos riscos que corremos e nesse gênero de coisas.”

Não falamos em tal coisa, mas ambas sabíamos que as probabilidades de Archie ser morto eram muito grandes. As baixas, que haviam começado, sobressaltaram e surpreenderam todo mundo. Muitos de meus amigos eram soldados, e foram imediatamente mobilizados. Parecia que todos os dias líamos nos jornais a notícia da morte de alguém que conhecíamos.

Archie e eu nos víamos pela última vez havia três meses;

esses três meses, porém, representaram algo que poderíamos chamar, suponho, uma dimensão diferente de tempo. Nesse curto período, eu vivera uma experiência inteiramente nova: a morte de meus amigos, a incerteza, a alteração dos alicerces de minha vida e do meu ambiente. Archie, por seu turno, tivera igual experiência, embora em setores diferentes. Ele enfrentara a morte, a derrota, o recuo, o medo. Ambos vivêramos sozinhos essas experiências. O resultado foi que, quando nos encontramos, sentimo-nos quase como dois desconhecidos. Foi como aprender de novo a nos conhecer mutuamente. As diferenças entre nós dois logo ficaram bem marcadas. Sua pretensa despreocupação e frivolidade — quase alegria — afligiram-me. Eu era jovem demais para perceber que, para ele, era o melhor modo de encarar sua nova maneira de viver. Por outro lado, tornara-me muito mais ativa, mais exaltada, e colocara inteiramente de lado a frivolidade dos dias felizes de minha mocidade. Era como se estivéssemos tentando alcançarmos um ao outro e descobríssemos, quase com susto, que havíamos esquecido o meio de fazê-lo.

Archie estava decidido num ponto — e desde o princípio deixou-o bem claro: não se falaria em casamento. “Acho que seria a coisa mais errada que poderíamos fazer nesta altura”, ele disse. “Todos os meus amigos pensam do mesmo jeito. Qual é nossa maior probabilidade? Deixarmos atrás de nós uma jovem viúva e, quem sabe?, um filho a caminho. Seria egoísta e errado.”

Não concordei com ele. Argumentei apaixonadamente o contrário. Uma das características, porém, de Archie era sua certeza. Estava sempre certo do que deveria fazer. Não quero dizer que não mudasse de opinião — mudava, sim, e por vezes repentinamente. Na realidade, era até capaz de mudar radicalmente, do preto para o branco, e vice-versa. Mas, quando

isso acontecia, era porque, novamente, ele tinha certeza. Aceitei suas decisões e preparamo-nos para gozar os poucos e preciosos dias que passaríamos juntos.

Nosso plano era, depois de ficarmos dois dias em Londres, ir para Clifton e lá passar o Natal em casa de seu padrasto e sua mãe. Parecia um plano sensato e natural. Antes de viajarmos para Clifton, contudo, tivemos uma briga. Uma briga ridícula, mas séria.

Archie chegara ao hotel, na manhã de nossa partida para Clifton, com um presente para mim. Era uma magnífica frasqueira, completamente guarnecida, um objeto que qualquer milionária gostaria de ostentar no Ritz. Se me tivesse oferecido um anel, ou uma pulseira, por mais caro que fosse, eu não teria objetado — teria aceito com orgulho e prazer —, mas, não sei bem por quê, revoltei-me violentamente contra a frasqueira. Achei que era de uma absurda extravagância, e que jamais teria ocasião de usá-la. Qual era a vantagem de regressar a casa, sendo enfermeira de hospital, e possuir uma frasqueira maravilhosa, própria para férias em tempo de paz, no estrangeiro? Disse-lhe que não aceitava, e que ele teria de devolvê-la. Archie zangou-se. Obriguei-o a devolver a frasqueira. Uma hora depois, estava de volta e fizemos as pazes. Perguntávamos um ao outro o que nos sucedera para nos termos comportado tão tolamente. Ele admitiu que o presente era disparatado. Confessei que fora desagradável tê-lo dito. Como resultado da briga e da subsequente reconciliação, sentimo-nos mais próximos um do outro do que nunca.

Minha mãe regressou a Devon, e Archie e eu viajamos para Clifton. Minha futura sogra continuou encantadora para comigo, de um modo levemente excessivo, talvez devido a seu temperamento irlandês. Seu outro filho, Campbell, disse-me uma

vez: “Minha mãe é uma pessoa muito perigosa”. Na ocasião, não entendi. Agora, acho que sei o que ele queria dizer. Ela era uma pessoa arrebatada, cujo afeto poderia, de súbito, transformar-se em ódio. Uma hora, pensava que adorava sua futura nora, e adorava-a mesmo; na hora seguinte, poderia achar que a nora não prestava.

A viagem até Bristol foi cansativa: o serviço de trens ainda estava caótico, e os atrasos eram freqüentes. Mas, finalmente, chegamos e tivemos uma acolhida muito afetuosa. Fui deitar-me, exausta pelas emoções do dia e pela viagem, assim como pela luta contínua contra minha natural timidez para dizer e fazer o que julgava que meus futuros sogros esperavam de mim.

Cerca de uma hora depois, eu já estava deitada mas não dormia ainda, quando escutei uma batida na porta. Fui abrir. Era Archie. Entrou, trancou a porta e disse-me abruptamente: “Mudei de idéia. Vamos nos casar mesmo. Imediatamente. Casaremos amanhã”.

“Mas você disse...”

“Oh! Pouco importa o que eu disse! Você estava certa, e eu estava errado. É claro que é a única coisa sensata a fazer. Teremos dois dias juntos antes que eu parta de novo.”

Sentei-me na cama, sentindo que minhas pernas fraquejavam. “Mas... mas você estava tão certo do que dizia!”

“Que importa? Mudei de idéia.”

“Sim, mas...”, eu queria dizer tanta coisa que não conseguia formular! Sempre sofrera do mal de ficar muda quando gostaria de falar claramente.

“Vai ser difícil”, balbuciei. Sempre via o que Archie não enxergava: as centenas de desvantagens futuras desse ato. Archie encarava apenas o essencial. A princípio, parecera-lhe uma

loucura total casar-se em plena guerra; agora, um dia depois, estava igualmente decidido que seria a única coisa sensata a fazer. As dificuldades que iríamos enfrentar, a perturbação de sentimentos de nossos parentes mais próximos, nada disso o impressionava. Discutimos. Discutimos tanto quanto na véspera, mas dessa vez em posições inversas. Nem é necessário dizer que, mais uma vez, ele venceu.

“Mas não creio que possamos nos casar tão repentinamente”, falei. “É tão difícil!”

“Oh, é claro que sim”, contestou Archie alegremente. “Podemos obter uma licença especial, ou algo assim; pedir ao arcebispo de Canterbury.”

“Não será extremamente caro?”

“É, creio que sim. Mas acho que vamos conseguir. Quero dizer, temos que conseguir. Não temos tempo para mais nada. Amanhã é a véspera do Natal. Então está decidido?”

Fracamente, respondi que sim. Archie deixou-me; passei em claro, preocupada, a maior parte da noite. O que diria mamãe? O que diria Madge? O que diria a mãe de Archie? Por que Archie não fora da mesma opinião em Londres, onde tudo teria sido mais fácil e simples? Bem, agora tudo estava decidido. Extenuada, acabei por adormecer.

Muitas das coisas que eu previra se verificaram na manhã seguinte. Primeira dificuldade: nossos planos tinham que ser comunicados a Peg. Tão logo ela soube deles, rompeu num pranto histérico e retirou-se para seu quarto.

“Meu próprio filho, fazer-me uma coisa dessas!”, soluçava, enquanto subia as escadas.

“Archie”, eu disse, “é melhor desistir. Sua mãe está terrivelmente perturbada!”

“O que importa que ela esteja perturbada?”, Archie disse. “Estamos noivos há dois anos, devia estar preparada para essa idéia.”

“Parece que ficou terrivelmente sentida, agora.”

“Forçar-me desse jeito”, continuava Peg, enquanto soluçava deitada em seu quarto, às escuras, e segurava na mão um lenço encharcado em água-de-colônia, com que umedecia a testa. Archie e eu olhávamos um para o outro, semelhantes a dois cachorros punidos. O padrasto de Archie veio em nosso auxílio. Fez-nos sair do quarto de Peg e disse-nos: “Acho que vocês dois estão agindo certo. Não se aflijam com Peg. Sempre fica nervosa quando acontece algo inesperado. Peg gosta muito de você, Agatha, e, depois de tudo resolvido, ficará felicíssima. Mas não espere que se sinta feliz *hoje*. Agora, vocês dois vão embora, e tratem de resolver seus problemas. Não dispõem de muito tempo. Lembrem-se de que estou certo, absolutamente certo, de que vocês estão fazendo o que devem”.

Embora eu tivesse começado o dia lacrimajante e apreensiva, passadas duas horas já recuperara meu espírito combativo. As dificuldades para conseguirmos nos casar eram imensas, e quanto mais impossível parecia nos casarmos nesse mesmo dia, mais eu e Archie nos decidíamos a vencer as dificuldades.

Primeiro, Archie consultou um antigo professor seu, um clérigo. Ele lhe disse que seria possível obter uma licença especial, que custaria vinte e cinco libras. Nem Archie nem eu possuíamos vinte e cinco libras, mas pusemos essa dificuldade de lado, pensando que as pediríamos emprestadas. O pior é que essa licença teria que ser obtida pessoalmente. Não era fácil, no dia de Natal; o casamento nesse dia parecia, afinal, impossível. A repartição das licenças especiais estava fechada. Depois, fomos ao

registro civil. Aí, de novo fomos repelidos: antes de celebrar a cerimônia, era necessário publicar o anúncio do casamento com catorze dias de antecedência. O tempo fugia. Finalmente, um empregado do registro, mais bondoso, com quem ainda não havíamos falado, veio com esta resposta: “Meu caro”, disse para Archie, “você *mora* aqui, não é mesmo? Quero dizer, sua mãe e seu padrasto *residem* aqui?”

“Sim”, respondeu Archie.

“Bem, nesse caso você possui aqui alguma mala, algumas roupas, alguns pertences seus, não?”

“Sim.”

“Você não necessita de um anúncio prévio de catorze dias. Pode pegar uma licença normal e casar-se na igreja de sua paróquia esta mesma tarde.”

A licença custou oito libras. Oito libras nós tínhamos. Depois, foi uma correria medonha. Procuramos o padre na igreja, no fim da estrada. Não estava lá. Fomos encontrá-lo em casa de um amigo. Sobressaltado, concordou em celebrar a cerimônia. Corremos para casa para comunicar o fato a Peg e também para pegarmos algum alimento. “Não falem comigo”, chorava Peg, “não falem comigo!” E de novo trancou a porta de seu quarto.

Não havia tempo a perder. Corremos para a igreja com Emanuel, creio que era esse o nome de nossa testemunha. Aí soubemos que precisávamos de uma segunda testemunha. Quando íamos sair correndo da igreja e pegar o primeiro que por ali passasse, por sorte, encontrei uma moça conhecida. Eu estivera com ela em Clifton, alguns anos antes. Yvonne Bush, embora estivesse pasma, prontificou-se a ser dama de honra improvisada e nossa segunda testemunha. Corremos de novo para a igreja. O organista estava ensaiando, e ofereceu-se para tocar

para nós a marcha nupcial.

Quando a cerimônia ia começar, pensei, por um segundo, com alguma tristeza, que noiva alguma se teria preocupado menos com sua aparência: não estava usando um vestido branco, nem véu, sequer um vestido um pouco mais elegante. Minha roupa era um costume, um pequeno chapéu de veludo roxo, e nem tivera tempo de lavar minhas mãos e o rosto. Isso fez-nos rir muito, a Archie e a mim.

A cerimônia foi celebrada condignamente — e enfrentamos o próximo obstáculo. Visto que Peg estava tão prostrada, decidimos ir para Torquay, dormir no Grand Hotel, e passar o dia de Natal com minha mãe. Mas primeiro, claro, eu teria que telefonar-lhe e comunicar-lhe o que sucedera. Era extremamente difícil conseguir uma ligação telefônica, e o resultado não foi particularmente feliz. Minha irmã estava lá, e recebeu a notícia com muito aborrecimento.

“Você pretende que eu comunique essa notícia assim a mamãe? Sabe como o coração dela é fraco! Você é completamente insensível!”

Pegamos um trem repleto, e por fim chegamos a Torquay à meia-noite, depois de reservar um quarto no hotel por telefone. Eu continuava com sentimento de culpa: tínhamos causado tanta perturbação e tantos incômodos! As pessoas mais queridas estavam aborrecidas conosco. Era isso, pelo menos, o que eu sentia; Archie, porém, creio que não. Acho até que nem por um segundo tal idéia lhe ocorreu: e, se lhe ocorreu, não creio que tenha se incomodado. Dizia: “Que pena todo mundo ficar assim tão perturbado! E, afinal, por quê?” Fizera o que estava certo fazer, disso não tinha a menor dúvida. Contudo, *algo* o deixou nervoso. O momento chegara! Depois de subirmos para o trem, ele exibiu

subitamente, como um prestidigitador, uma mala extra. “Espero”, disse Archie nervosamente à sua mulher, “espero que não vá brigar comigo por causa disto.”

“Archie! É a *frasqueira!*”

“Sim. Não a devolvi à loja. Não vai ficar zangada de novo, vai?”

“É claro que não! É linda, e adoro que seja minha!”

Ali estávamos nós, viajando com a *frasqueira*, em nossa viagem de núpcias. O assunto foi resolvido satisfatoriamente, e Archie ficou imensamente aliviado. Acho que pensava, realmente, que eu brigaria de novo com ele.

Se nosso dia de casamento fora conturbado e provocara uma série de crises, o dia de Natal foi benigno e pacífico. Todo mundo se recuperara dos choques sofridos. Madge mostrava-se afetuosa, e esquecera toda e qualquer censura; minha mãe melhorara do coração, e estava completamente feliz com nossa felicidade. Peg, esperávamos nós, certamente se recuperara também. (Archie assegurava-me que sim.) E, assim, passamos um dia de Natal na maior felicidade. No dia seguinte viajei com Archie para Londres, e disse-lhe adeus, quando, novamente, ele partiu para a França. Não o veria durante seis meses.

Retomei meu trabalho no hospital, onde as notícias de meu atual estado me haviam precedido.

“Enferrmeira!” Era um escocês que carregava muito nos ombros, batendo nos pés da cama com sua bengala. “Enferrmeira, venha aqui, imediatamente!” Eu fui. “É verdade o que me contaram? A enfermeira se casou?”

“Sim”, respondi, “casei-me.”

“Vocês estão escutando?” O escocês chamou a fila inteira de camas. “A enfermeira Miller se casou. Como é seu nome agora,

enferrmeira?”

“Christie.”

“Ah, um bom nome escocês, Christie. Enfermeira Christie: está escutando, irmã? Agora esta é a enfermeira Christie.”

“Já sabia”, disse a enfermeira Anderson. “É desejo que seja muito feliz”, acrescentou formalmente. “Seu casamento foi assunto de conversa aqui no hospital.”

“Fez muito bem, enfermeira”, disse outro paciente. “Casou-se com um oficial, não é mesmo?” Admiti que subira a essa estonteante posição social. “Sim, fez muito bem. Não que eu tenha ficado surpreso; você é uma moça bonita.”

Os meses se passavam. A guerra mantinha-se num horrível impasse. Metade de nossos pacientes sofriam de pernas ruins, com “mal das trincheiras”. O frio era intenso naquele inverno, e eu padecia de terríveis frieiras, tanto nas mãos como nos pés. A eterna limpeza dos oleados não era o ideal para as frieiras das mãos. Ao mesmo tempo, davam-me maiores responsabilidades, e eu gostava de meu trabalho. Acostumei-me, e entrei naquela rotina de médicos e enfermeiras. Sabíamos quais os cirurgiões respeitados, sabíamos quais os médicos secretamente desprezados pelas enfermeiras-chefes. Não apareciam mais cabeças infestadas de piolhos, nem pensos de campanha; na França, haviam sido instalados hospitais de emergência. Apesar disso, estávamos quase sempre com o hospital cheio. Nosso escocêsinho, que viera com uma perna fraturada, deixou-nos, afinal, convalescente. A realidade foi que ele sofreu uma queda na plataforma da estação, quando pegava o trem, mas estava tão ansioso por retornar à cidade natal, na Escócia, que não se queixou e escondeu a nova fratura da perna. Apesar das dores imensas, conseguiu chegar a seu destino, onde a perna foi novamente tratada.

Embora o passado me pareça agora um pouco nebuloso, os casos estranhos perduram na memória. Recordo-me de uma jovem empregada, principiante, que ajudava na sala de cirurgia; naquele dia, ela ficara até mais tarde fazendo a faxina, e ajudei-a a carregar uma perna amputada para jogá-la na fornalha. Foi demais para uma moça tão jovem, quase uma criança. Depois, limpamos todo o resto, assim como o sangue. Era nova demais nesse serviço para ser incumbida de tal tarefa e, se não fosse por mim, tê-la-ia feito sozinha.

Recordo-me também de um sargento, de rosto sério, cujas cartas de amor eu escrevia. Não sabia ler nem escrever. Dizia-me resumidamente o que queria que eu escrevesse. “Assim está muito bem, enfermeira”, dizia, acenando com a cabeça, quando eu lia o que escrevera. “Agora escreva em triplicado, sim?”

“Em triplicado?”, perguntei.

“Sim”, ele disse. “Uma para Nellie, uma para Jessie e outra para Margaret.”

“Não será melhor variar um pouco?”, perguntei. Ele refletiu. “Não creio. Disse a todas elas o essencial.” De modo que cada carta começava da mesma maneira: “Espero que esta carta encontre você como me deixa a mim, mas com uma vida mais cor-de-rosa”. E terminava: “Seu, até que o Inferno esfrie”.

“Acha que elas vão descobrir?”, perguntava eu, com alguma curiosidade.

“Oh, acho que não. Elas moram em cidades diferentes, sabe, e não se conhecem umas às outras.”

Perguntei se pensava em se casar com alguma das moças.

“Talvez sim, talvez não. Nellie é muito bonita, é uma linda moça. Jessie é mais séria e me adora, acha que sou o máximo!”

“E Margaret?”

“Margaret? Bem, Margaret é uma moça alegre, faz-me rir. Mas depois verei.”

Muitas vezes fiquei imaginando se ele se casou com alguma dessas moças ou se encontrou uma quarta que combinasse a beleza, a admiração por ele e a alegria que tanto apreciava.

Em casa, tudo caminhava do mesmo jeito. Lucy viera substituir Jane, e sempre falava dela com respeito, chamando-lhe a “sra. Rowe”: “Espero conseguir substituir a sra. Rowe, é uma responsabilidade tão grande tomar o lugar dela!” Lucy tinha a intenção de, no futuro, finda a guerra, ser minha cozinheira. Um dia, procurou minha mãe, parecendo muito nervosa, e disse: “Espero que não se importe, senhora, mas realmente sinto que deveria aderir às voluntárias. Espero que não me julgue mal”.

“Pelo contrário, Lucy”, disse minha mãe, “acho que você faz muito bem. Você é uma moça jovem, forte: justamente o que elas precisam.”

De modo que Lucy partiu, em prantos, esperando que conseguíssemos arranjar-nos sem ela e manifestando preocupação pela opinião da sra. Rowe. Com ela foi também a arrumadeira, a linda Emma. Esta foi para se casar. Foram substituídas por duas empregadas mais idosas, que se ressentiam profundamente das agruras do tempo de guerra.

“Desculpe, senhora”, disse Mary, tremendo de raiva, alguns dias depois de estar trabalhando em nossa casa, “mas não está certo nos darem dessa comida. Já comemos peixe duas vezes, esta semana, e dão-nos as vísceras dos animais. Estou acostumada a comer uma boa refeição, pelo menos uma vez por dia.” Minha mãe tentou explicar-lhe que agora a comida estava racionada, era

necessário comer peixe. Aquilo era, delicadamente, chamado de “sobras comestíveis”, mas também era necessário que se comesse, pelo menos duas ou três vezes por semana. Mary sacudiu a cabeça e disse: “Não está certo, não estamos sendo tratadas *direito*”. Também acrescentou que jamais, antes da guerra, comera margarina. Minha mãe tentou o truque que muita gente fazia, durante a guerra, o de embrulhar a margarina no papel da manteiga e a manteiga no da margarina.

“Agora prove dessas duas”, disse. “Não creio que seja capaz de dizer qual é a margarina e qual a manteiga.”

As duas velhas gatas olharam desdenhosamente os embrulhos e depois provaram. Não tiveram quaisquer dúvidas: “É claro, senhora, qual é uma e qual é outra, não pode haver dúvida”.

“Acha, francamente, que existe essa diferença toda?”

“Acho, sim. Não posso suportar o sabor da margarina, nenhuma de nós pode, aliás. Ficamos nauseadas.” E devolveram a margarina à minha mãe com viva repulsa.

“Mas da outra vocês gostam?”

“Sim, senhora, é manteiga e da boa. Não há nada ruim nessa manteiga.”

“Bem, acho melhor, então, contar tudo a vocês”, disse mamãe; “esta é a margarina; a que vocês me entregaram é a manteiga.”

A princípio, não queriam acreditar. Quando finalmente ficaram convencidas, mostraram-se aborrecidas.

Minha avó agora morava conosco. Costumava afligir-se um bocado porque eu ia sozinha para o hospital, e de noite.

“Tão perigoso, querida, caminhar sozinha a essa hora! Pode acontecer alguma coisa. Você precisa tomar outras providências.”

“Não sei que providências poderei tomar, vovó. E, afinal,

nunca aconteceu nada. Há vários meses que faço isso.”

“Mas não está certo! Alguém pode abordar você!”

Sosseguei-a o melhor que pude. Meu horário de trabalho era das duas às dez, e habitualmente eram já dez e meia quando eu saía do hospital, depois de iniciado o turno da noite. Demorava três quartos de hora a caminhar sozinha, devo reconhecer, por ruas bastante desertas. Todavia, jamais passei pelo menor susto. Certa vez, encontrei um sargento bêbado, mas ele só queria mostrar-se galante. “Bom trabalho o que está fazendo”, disse, cambaleando um pouco. “Bom trabalho o que está fazendo lá no hospital. Vou acompanhá-la até sua casa, enfermeira, porque não gostaria que acontecesse alguma coisa com você.” Disse-lhe que não havia necessidade disso, mas que era muito gentil da parte dele. Acompanhou-me, porém, até a casa, despedindo-se ao portão, da maneira mais respeitosa.

Esqueci qual o motivo, exatamente, por que minha avó veio morar conosco, logo depois do começo da guerra. Estava ficando muito cega, com catarata, e era tarde demais para ser operada. Minha avó era uma mulher sensata, de modo que, embora representasse um choque violento para ela abandonar sua casa em Ealing, seus amigos de lá e tudo o mais, percebeu claramente que não poderia continuar morando em Ealing sozinha, e que as empregadas não ficariam naquela casa com ela. Portanto, procedeu-se à grande mudança. Minha irmã veio ajudar mamãe, eu vim de Devon, e todas nós trabalhamos muito. Creio que, na época, não percebi o quanto minha pobre avó deve ter sofrido com essa mudança; agora, porém, parece-me que ainda estou a vê-la, sentada, incapaz de tomar parte nas arrumações, meio cega, enquanto três vândalas, no meio de tudo o que lhe pertencia e que ela amava, revistavam suas coisas, mexendo em tudo, decidindo o

que guardar e o que jogar fora. De vez em quando, soltava pequenos gritos: “Oh, *não!* Vocês não podem jogar fora esse vestido. Um vestido de Mme Poncereau, meu lindo vestido de veludo!” Era difícil explicar-lhe que seu vestido fora comido pelas traças e que estava desintegrado. Havia arcas e gavetas repletas de coisas bichadas, já sem qualquer utilidade. Com pena de sua aflição, guardamos muita coisa que deveríamos ter destruído. Malas e malas cheias de papéis, livros, trabalhos manuais, cortes de fazendas para uniformes de empregadas, cortes de seda e de veludo comprados em remarcacões, restos, tanta, tanta coisa que poderia ter sido útil mas que fora zelosamente guardada, e não servia agora para mais nada. Pobre vovó, chorando sentada em sua grande cadeira!

Depois das roupas, atacamos a despensa. Marmelada mofada, ameixas fermentadas e até pacotes de manteiga e açúcar que haviam escorregado para trás de outras coisas e tinham sido roídos pelos ratos: tudo o que ela previdentemente economizara toda a sua vida, todas as coisas que comprara, armazenara e poupou para o futuro; agora ali estavam, transformadas num vasto monumento de *desperdício!* Creio que era isso o que mais a fazia sofrer: o *desperdício*. Ali estavam seus licores feitos em casa — esses, pelo menos, devido ao álcool, estavam conservados. Trinta e seis garrações de licor de cereja, gim de cereja, gim de ameixa, licor de ameixa, tudo o que havia nesse gênero veio com o mobiliário. À chegada só encontramos trinta e um. “E pensar”, disse vovó, “que esses homens garantiram ser abstêmios!”

Talvez os homens da mudança estivessem revidando: minha avó não fora muito simpática para com eles enquanto trabalhavam. Quando quiseram tirar as gavetas da imensa cômoda de mogno, vovó zombou deles: “*Tirar* as gavetas? Por quê?”

Por causa do *peso*? Vocês são homens fortes, não são? Houve homens que carregaram essa cômoda escadas acima com as gavetas, e todas bem cheias! Ninguém tirou gaveta alguma. Que idéia! Os homens de hoje não valem nada”. Os homens insistiram que não conseguiam carregar a cômoda. Vovó, finalmente, cedeu.”Frouxos, é o que eles são. Hoje não existem homens que mereçam o sal que comem.” Caixas enormes continham comestíveis destinados a evitar que vovó passasse fome. A única coisa que a animou, quando chegou a Ashfield, foi a procura de bons esconderijos para eles. Duas dúzias de latas de sardinhas em conserva foram colocadas no topo de uma escrivaninha Chippendale. Ali permaneceram, totalmente esquecidas — de tal modo que, depois da guerra, quando minha mãe vendeu essa peça de seu mobiliário, o homem que veio buscá-la disse, tossindo, encabulado: “Acho que há uma boa quantidade de sardinhas em cima dessa escrivaninha”.

“É mesmo?”, disse minha mãe. “Sim, bem que eu calculava que houvesse.” Mamãe não deu mais explicações. O homem também não fez perguntas. As sardinhas foram guardadas. “Suponho”, disse mamãe, “que seria melhor verificar o que há em cima do resto do mobiliário.”

Coisas como essas, sardinhas, sacos de farinha, etc., continuaram a surgir nos lugares mais inesperados, ainda por muitos anos. Na despensa, encontramos um cesto de roupa cheio de farinha, já um pouco bichada, mas os presuntos, pelo menos, puderam ser consumidos ainda em bom estado. Também ali foram encontradas garrafas com ameixas francesas e algumas conservas — embora vovó desconfiasse da comida em conserva e suspeitasse que fosse uma fonte de venenosa ptomaína. Achava que apenas as suas conservas, feitas em casa e guardadas em frascos e garrafas,

estariam nas devidas condições.

Na verdade, qualquer comida em conserva era olhada com desaprovação por todo mundo, nos dias de minha meninice. Todas as moças eram avisadas, quando iam a bailes: “Preste atenção em não comer lagosta, à ceia. Nunca se sabe! *Pode ser de conserva!*” A palavra “enlatada” era dita com horror. Caranguejo enlatado era algo tão absurdo que nem era preciso avisar. Se alguém imaginasse que no futuro os principais alimentos seriam congelados e os vegetais, enlatados, com que apreensão e quão sombriamente tal época teria sido encarada!

Apesar de meu afeto e da boa vontade em ajudá-la, compadecia-me pouco dos sofrimentos de minha pobre avó. Mesmo quando objetivamente não somos egoístas, freqüentemente estamos sendo egocêntricas. Deve ter sido, posso avaliar agora, uma coisa terrível para minha pobre avó, que àquela época tinha mais de oitenta anos, desenraizar-se de uma casa onde vivera trinta ou quarenta anos, pois mudara-se para lá pouco depois de enviuar. Não tanto, talvez, por ter que largar a casa — embora certamente isso tenha sido penoso; seu mobiliário, porém, veio com ela: a cama de casal, as duas grandes cadeiras onde gostava de se sentar. Pior deve ter sido a perda dos amigos. Muitos já haviam morrido, mas outros ainda estavam vivos, e alguns inclusive eram vizinhos que a visitavam com freqüência, gente com quem fofocava sobre os velhos tempos ou discutia as notícias dos jornais diários — os horrores dos infanticídios, das violações, dos vícios secretos, e todos os assuntos que animam a vida das pessoas idosas. É verdade que, todos os dias, líamos os jornais para ela, embora não estivéssemos genuinamente interessadas no horrível destino de uma babá, ou no de um bebê abandonado no carrinho, ou no da moça assaltada num trem. Os assuntos

mundiais, política, educação, temas do dia — nada disso interessava verdadeiramente à minha avó. Não porque não fosse inteligente, nem porque se deleitasse com a desgraça alheia, mas porque necessitava de algo que estivesse em contradição com a uniformidade cotidiana: um pouco de dramaticidade, algum acontecimento pavoroso que, embora ela se achasse protegida, talvez estivesse ocorrendo não muito longe dela.

Na vida de minha pobre avó, não havia agora nada de excitante, exceto os desastres que lhe liam nos jornais diários. Não mais aparecia um amigo com tristes notícias acerca do péssimo comportamento do coronel Fulano de Tal em relação à esposa, ou a interessante doença de que sofria uma prima e para a qual nenhum médico encontrara cura. Agora posso avaliar como deve ter sido triste para ela, como deve ter se sentido só e aborrecida. Gostaria de ter sido mais compreensiva.

Minha avó levantava-se pela manhã, vagorosamente, depois de tomar o café na cama. Descia por volta das onze horas e olhava em torno, esperançosamente, para ver se encontrava alguém disposto a ler-lhe os jornais. Como não descia a uma hora fixa, nem sempre isso era possível. Mas ela era paciente, ficava sentada em sua cadeira. Por um ou dois anos ainda pôde tricotar, porque para tanto não necessitava de uma visão perfeita; seus olhos, porém, pioraram, e seus tricôs se tornaram cada vez mais grosseiros; por vezes, ela perdia malhas sem dar por isso. Aconteceu de a encontrarmos chorando, quieta em sua poltrona, porque perdera uma malha, e todo o trabalho teria que ser desmanchado. Eu costumava pegar no trabalho dela, desmanchando-o e tricotando de novo até o ponto em que o deixara; mas nada disso compensava, realmente, sua tristeza de não poder ser útil.

Poucas vezes conseguimos persuadi-la a dar um pequeno passeio no terraço. Achava o ar livre decididamente perigoso. Gostava de ficar sentada na sala de jantar o dia todo, porque sempre fizera assim em sua própria casa. Vinha juntar-se a nós para o chá da tarde, e voltava para sua poltrona. Às vezes, especialmente se havia um grupo de gente moça para cear, e se depois subíssemos para a sala de estudo, vovó aparecia de repente, caminhando devagar e com dificuldade escadas acima. Nessas ocasiões não queria, como era costume seu, deitar-se cedo; queria ficar conosco, escutar o que se passava, partilhar de nossa alegria e nossas risadas. Suponho que meu desejo era não vê-la. Embora não estivesse completamente surda, muitas coisas tinham que ser repetidas, o que fazia pairar um leve constrangimento no grupo. Mas estou contente porque, pelo menos, jamais a desencorajamos a subir. Era triste para a pobre vovó, mas inevitável. O pior para ela, assim como para tanta gente idosa, era a perda de sua independência. Creio que a sensação de estar superada e rejeitada faz com que tanta gente idosa tenha a ilusão de que está sendo envenenada, ou de que estão roubando suas coisas. Não acredito que seja apenas um enfraquecimento das faculdades mentais — precisam de alguma excitação, de algo estimulante; desse modo, a vida se tornaria mais interessante. Pouco a pouco, vovó começou a entregar-se a essas imaginações. Garantia a minha mãe que as empregadas andavam “misturando coisas” na sua comida. “Querem ver-se livres de mim!”

“Mas, querida titia, por que que elas querem ver-se livres da senhora? Gostam tanto da senhora!”

“Ah, isso é o que você pensa, Clara! Venha para mais perto de mim: elas estão sempre escutando atrás das portas, isso eu sei. O ovo que comi ontem, ovo mexido, tinha um sabor muito peculiar

— *metálico*. Eu sei!” E acenava com a cabeça. “A velha sra. Wyatt, você sabe, foi envenenada pelo mordomo e pela mulher dele.”

“Sim, mas foi porque ela fizera seu testamento e lhes deixara muito dinheiro. A senhora, que eu saiba, não deixa dinheiro algum às empregadas.”

“Não existe esse perigo”, respondeu vovó. “De qualquer maneira, Clara, de futuro vou querer apenas ovos cozidos para o meu café da manhã. Um ovo cozido elas não podem alterar.” Portanto, vovó passou a comer ovos cozidos.

A seguir, ocorreu a dolorosa desapareição de suas jóias. Vovó mandou me chamar para anunciá-lo. “Agatha? É você? Entre e *feche a porta*, querida.”

Aproximei-me da cama: “Sim, vovó, o que aconteceu?” Ela estava sentada na cama, chorando, enxugando as lágrimas com um lenço. “Desapareceram”, disse. “Desapareceu tudo. Minhas esmeraldas, meus dois anéis, meus lindos brincos, *tudo isso sumiu!* Oh, meu Deus!”

“Escute, vovó, estou certa de que nada sumiu realmente. Vamos ver. Onde é que guardava suas jóias?”

“Estavam na gaveta, a gaveta de cima, da esquerda, embrulhadas num par de mitenes. Era sempre assim que eu embrulhava minhas jóias.”

“Vamos ver, certo?” Dirigi-me ao toalete e olhei na gaveta em questão. Lá estavam dois pares de mitenes enroladas, como bolas, mas não havia nada dentro delas. Transferi minha atenção para a gaveta de baixo. Também ali havia um par de mitenes; quando as apalpei, descobri as jóias procuradas. Trouxe-as para junto da cama e mostrei a vovó que todas as suas jóias estavam ali: os brincos, o broche de esmeralda e os dois anéis.

“Estavam na terceira gaveta, não na segunda”, expliquei.

“Elas colocaram lá tudo de novo.”

“Acho que não fizeram nada disso.”

“Bem, tenha cautela, Agatha querida. Muita cautela. Não deixe sua bolsa por aí. Agora vá na ponta dos pés até junto da porta, e veja se não há alguém escutando.”

Obedeci e assegurei a vovó que não havia ninguém.

Como a velhice é terrível, pensei! Era o que me aconteceria um dia, a mim também, embora tal idéia não me parecesse verossímil! Em nossa mente, existe sempre a convicção bem forte: “*Eu não vou ficar velha! Eu não vou morrer!*” Bem sabemos que, afinal, é isso o que nos sucederá; ao mesmo tempo, parece que temos certeza de que conosco não será assim. Pois bem, agora *sou* velha. Ainda não comecei a suspeitar de que roubam minhas jóias, ou de que alguém está tentando envenenar-me. Mas preciso acautelar-me, pois sei que também isso, a seu tempo, virá. Talvez, estando prevenida, perceba que estou sendo ridícula, e evite que isso aconteça.

Um dia vovó pensou que escutara um gato miando, em algum lugar, perto da escada dos fundos. Mesmo que *tivesse sido* um gato, o sensato era deixá-lo lá, ou chamar uma das empregadas, ou a mim, ou minha mãe. Vovó, porém, quis investigar ela própria — e o resultado foi uma queda escadas abaixo e a fratura de um braço. O médico, quando a observou, manifestou dúvidas quanto à possibilidade de os ossos se unirem de novo; apesar da idade, porém — mais de oitenta anos —, vovó correspondeu triunfante-mente ao desafio. No devido tempo, ela podia novamente usar o braço, embora não pudesse erguê-lo acima da cabeça. Não há dúvida de que era uma velha bem rija! As histórias que sempre contara sobre sua extrema fragilidade quando moça e sobre as várias ocasiões em que os médicos quase

desesperaram de salvar sua vida, entre os quinze e os trinta e cinco anos de idade, eram, tenho certeza, totalmente falsas. Na verdade, a mania vitoriana de doença tornava as mulheres mais interessantes.

Com todos esses cuidados com vovó e meus deveres até horas tardias, no hospital, minha vida era bem ocupada.

No verão, Archie obteve três dias de licença, e encontrei-me com ele em Londres. Não foi uma estada muito feliz. Estava nervoso, irritado, e o conhecimento real da situação militar causava-lhe, como a todo mundo, muita ansiedade. As baixas começavam a registrar-se em grande número, embora na Inglaterra ainda não nos tivéssemos apercebido de que, longe de estar terminada por volta do Natal, a guerra, segundo as probabilidades, duraria quatro anos. Na realidade, quando surgiu o pedido de mobilização obrigatória por três anos, segundo Lorde Derby, ou pelo tempo que durasse a guerra, pareceu-nos ridículo pensar que fosse durar três anos.

Archie jamais falava da guerra ou da sua participação nela: nesses dias, sua idéia era esquecê-la. Fizemos refeições agradáveis, sempre que possível — o racionamento foi muito mais justo na Primeira Guerra do que na Segunda. Quando jantávamos num restaurante ou em nossa própria casa, tínhamos que fornecer cupons para a carne, se queríamos comer carne, etc. Na Segunda Guerra, as coisas não se passaram com tanta ética: se queríamos carne e tínhamos dinheiro, podíamos comer uma refeição de carne todos os dias da semana, indo a um restaurante, onde não eram necessários cupons.

Nossos três dias se passaram como um relâmpago, apesar de certo mal-estar. Ambos ansiávamos fazer planos para o futuro, e ambos achávamos que seria melhor não fazê-lo. Minha única

alegria foi que, pouco depois dessa licença, Archie deixaria de voar. Sua sinusite não o permitia, e ele foi encarregado de dirigir um depósito. Archie sempre foi excelente organizador e administrador. Fora louvado várias vezes em ordem de serviço e, finalmente, foi agraciado com a CMG, e também com a DSO. Das duas, a que lhe deu mais orgulho foi a primeira: ser louvado pelo general French, logo de saída! Isso, dizia ele, tinha realmente valor. Também mereceu uma condecoração russa — a Ordem de Santo Estanislau —, que era tão bela que eu teria gostado de usá-la nas festas como enfeite.

Por esse tempo, tive uma forte gripe, e depois uma congestão pulmonar; durante três semanas ou um mês, não pude trabalhar no hospital. Quando voltei, haviam aberto uma nova seção — o dispensário —, e sugeriram-me que trabalhasse ali. Passou a ser praticamente minha casa pelos dois anos seguintes.

O novo departamento estava a cargo da sra. Ellis, mulher do dr. Ellis; essa senhora trabalhava com o marido havia vários anos. Dividia seus encargos com minha amiga Eileen Morris. Eu era assessora delas e estudava para meu exame de farmacologia, que me habilitaria a preparar os remédios para os médicos militares ou para os farmacêuticos. Parecia-me um trabalho interessante, e o horário era bem mais leve — o dispensário fechava às seis horas, e eu deveria alternar nos turnos da manhã e da tarde —, de modo que combinava melhor com meus deveres domésticos.

Não posso dizer que gostasse tanto desse trabalho como de enfermagem. Creio que tinha verdadeira vocação para enfermagem, e teria sido muito feliz como enfermeira de hospital. O dispensário era interessante por certo tempo, mas tornava-se

monótono — eu, pelo menos, não queria trabalhar ali em caráter permanente. Por outro lado, era divertido estar com minhas amigas. Sentia grande afeto e enorme respeito pela sra. Ellis. Era uma das mais calmas e tranqüilas mulheres que conheci, com uma voz suave e como que sonolenta, e dona de um senso de humor que surgia nas ocasiões mais inesperadas. Também era boa professora, visto que entendia nossas dificuldades — e o fato de ela própria, segundo confessou, executar suas adições depois de longos cálculos fazia com que nos sentíssemos confiantes em relação a ela. Eileen era minha instrutora de química e, devo confessar, sabia demais para mim. Principiou não pelo lado prático, mas pela teoria. Ser apresentada repentinamente à tabela periódica, ao peso atômico e às ramificações dos derivativos do alcatrão mineral deixou-me totalmente desorientada. Contudo, não me afligi demais, e consegui dominar os fatos mais simples. Depois de termos feito ir pelos ares nossa máquina de café, que era de vidro, ensaiando com ela o teste de Marsh, nossos progressos realmente começaram.

Éramos amadoras; talvez, por isso mesmo, procurássemos tornar-nos mais cautelosas e conscienciosas. O trabalho não era regular quanto à qualidade, é claro. Todas as vezes que chegava um novo contingente de pacientes, trabalhávamos furiosamente. Enchíamos frascos de remédios, de unguentos, de loções, que esvaziávamos todos os dias e que diariamente enchíamos de novo. Depois de trabalhar no hospital com vários médicos, compreendemos a que ponto a medicina, como tudo o mais neste mundo, é uma questão de moda, e aprendemos a conhecer as idiossincrasias de todos os médicos ali em exercício.

“Que há esta manhã?”

“Temos cinco do dr. Whittick, quatro do dr. James e dois dos

especiais do dr. Vyner.”

O leigo ignorante, ou a leiga, como suponho deveria chamar a mim própria, crê que o médico estuda o caso individualmente, considera quais os remédios melhores e prescreve sua receita para esse efeito. Contudo, cedo descobri que o tônico receitado pelo dr. Whittick e o tônico receitado pelo dr. James e o tônico receitado pelo dr. Vyner eram todos diferentes e especiais, não para cada doente, mas para cada médico. Quando pensamos nisso, devemos concordar que não deixa de ser razoável, embora talvez assim o paciente não se sinta tão importante como antes. Os químicos e os farmacêuticos consideram os médicos de um modo altaneiro: têm sobre esses assuntos suas opiniões pessoais. Um deles pode achar que o dr. James sabe receitar, e que o dr. Whittick não presta para nada — mas têm que cumprir o receituário deles, seja como for. Apenas quando se trata de unguentos é que os médicos realmente têm que fazer experiências. Isso porque as doenças de pele são enigmas para todo mundo, inclusive os médicos. Uma aplicação de calamina cura a sra. D. de maneira sensacional; a sra. C, contudo, que sofria do mesmo mal, não reage à calamina, que só lhe produz outra irritação adicional. Um preparado contendo alcatrão, porém, que apenas agravara a doença da sra. D., tem inesperado êxito com a sra. C; portanto, o médico tem mesmo que ir experimentando até encontrar o preparado melhor. Em Londres, as pessoas que sofriam de doenças de pele também tinham seus hospitais prediletos: “Experimentou o de Middlesex? Fui tratar-me lá, e o remédio que me passaram não deu resultado algum. Agora aqui, no University College Hospital, estou quase curada”. Uma amiga, então, replicava: “Bem, penso de modo diferente acerca do Middlesex. Minha irmã foi tratada aqui e não se deu bem; foi ao Middlesex, e dois dias depois estava ótima!”

Guardo ainda ressentimento contra certo dermatologista, um pesquisador otimista e persistente, certamente membro da escola do “experimente qualquer coisa pelo menos uma vez”, que concebeu um preparado de óleo de fígado de bacalhau para ser besuntado no corpo de um bebê de um mês. A mãe e os outros familiares devem ter achado difícil ficar perto do bebê. Não se obteve o menor resultado, e a medicação foi interrompida depois dos primeiros dez dias. Meu encargo de preparar esse unguento também me tornou como que um pária em casa, porque não é possível lidar com grandes quantidades de óleo de fígado de bacalhau sem pegar o horrível cheiro desse peixe.

Em 1916, várias vezes me senti como um pária — devido à moda da pasta Bip, que era aplicada a todo e qualquer ferimento. Consistia numa pomada de bismuto, iodofórmio e parafina líquida. O cheiro do iodofórmio aderiu a mim no dispensário e não me largava, nem no bonde, nem em casa, nem à mesa do jantar, nem na cama. Era um cheiro penetrante, que se exalava de meus dedos, pulsos, braços, até acima dos cotovelos, e do qual era impossível livrar-me totalmente, por mais que me lavasse. Para poupar minha família, costumava fazer minhas refeições num tabuleiro, na copa. Perto do fim da guerra, a pasta Bip saiu de moda, foi substituída por outro preparado mais inócuo, e, finalmente, por enormes garrafas de solução de hipoclorina. Esta era feita com cloreto de cal, soda e outros ingredientes, e exalava um cheiro penetrante, que se infiltrava nas roupas. Muitos dos desinfetantes de nossos dias para aparelhos sanitários contêm essa solução. Apenas uma bafurada desse cheiro, ainda hoje, é o bastante para me nausear. Certa vez, ataquei furiosamente um empregado muito obstinado:

“O que você está jogando na pia da copa? Tem um cheiro

horrível!” Orgulhosamente, ele mostrou-me uma garrafa: “Um desinfetante de primeira categoria, senhora”.

“Isto não é um hospital”, gritei. “Dentro em pouco você estará usando ácido fênico! É suficiente lavar a pia com água bem quente e um pouco de soda de vez em quando. Jogue fora esse horrível cloreto de cal!”

Fiz-lhe, a seguir, uma preleção acerca da natureza dos desinfetantes, explicando-lhe que geralmente o que é nocivo para os micróbios é igualmente nocivo aos seres humanos: por isso, o nosso objetivo era uma limpeza impecável e não, exatamente, uma desinfecção. “Os micróbios são resistentes”, expliquei. “Desinfetantes fracos não lhes causarão o menor dano. Podem florescer numa solução de ácido fênico de sessenta por cento.” Ele não ficou convencido, e continuou a utilizar sua nauseante mistura, sempre que estava seguro de que eu não me achava por perto.

A fim de completar meus preparativos para o exame de farmácia, decidiu-se que eu receberia novas luzes por parte de um verdadeiro farmacêutico. Um dos principais farmacêuticos de Torquay foi bastante amável para me dizer que poderia receber-me em certos domingos, e que me daria as lições necessárias. Fui, mansa e levemente assustada, mas ansiosa por aprender.

Uma loja de farmácia, quando pela primeira vez se vai para trás do balcão, é uma surpresa. Como amadores que éramos no nosso trabalho hospitalar, medíamos cada dose de remédio com a maior exatidão. Quando o médico receitava vinte grãos de bismuto para qualquer dose, eram evidentemente vinte grãos exatos de bismuto que o paciente recebia. Visto que éramos amadores, acho que estávamos certos, mas imagino que qualquer farmacêutico que tenha obtido seu certificado e esteja há muitos anos dosando

remédios conheça esse ofício como uma cozinheira conhece o dela: mistura porções provenientes de vários frascos com a maior confiança, sem se preocupar demais com medidas e pesos. Ele mede, sim, cuidadosamente, os venenos ou as drogas perigosas, é claro; porém, as matérias inofensivas eram misturadas em doses aproximadas. O colorido e o sabor também são acrescentados do mesmo jeito. Isso às vezes resultava em que os doentes vinham queixar-se de que o remédio tinha um colorido diferente do último: “Geralmente, a cor desse remédio é um rosa forte, não esse rosa pálido”; ou então: “Este não tem o mesmo sabor; meu remédio sabe a hortelã, e não a esse sabor enjoado, adocicado e ruim”. Isso significava que lhe fora adicionada água de clorofórmio em vez de hortelã.

A maioria dos doentes do ambulatório do University College Hospital, onde eu trabalhava em 1948, era muito minuciosa quanto à cor exata e o sabor de seus remédios. Recordo uma velha irlandesa que se apoiava na janela do dispensário e, certa ocasião, meteu-me na mão meia coroa, murmurando: “Faça-o o mais forte possível, queridinha, sim? Muita hortelã, em dose dupla”. Devolvi-lhe o dinheiro, dizendo de modo pedante que não aceitava gorjetas, e acrescentei que ela receberia exatamente o remédio que o médico receitara. Misturei, todavia, um pouco mais de água de hortelã, pois não lhe fazia mal algum e ela gostava desse sabor.

Quando somos aprendizes nessa espécie de ofício, sempre sentimos pavor de cometer enganos. A adição de veneno a um remédio é verificada por outro manipulador da farmácia; podem, porém, ocorrer momentos assustadores... Lembro-me de um destes. Eu estivera preparando unguentos, naquela tarde, e para um deles eu colocara um pouco de ácido fênico puro dentro de uma tampa, e depois, cuidadosamente, com um conta-gotas,

juntara-o ao unguento misturado numa lâmina de vidro. Depois de etiquetá-lo e arrumá-lo devidamente, continuei meu trabalho. Às três horas da manhã, creio, acordei e disse para comigo: “*Que fiz eu com a tampa com o ácido fênico?*” Quanto mais procurava lembrar-me, menos conseguia recordar se a havia ou não lavado. Quem sabe, se não tampara com ela algum outro unguento, sem notar que ela continha ainda um resto de ácido fênico? Realmente, quanto mais pensava no assunto, mais certa ficava de que fora mesmo isso o que eu fizera! Certamente, eu a colocara num dos frascos que seriam apanhados na manhã seguinte, e assim um deles teria, por cima, uma camada de ácido fênico! Mortalmente preocupada, não pude agüentar mais. Levantei-me da cama, vesti-me, caminhei até o hospital — felizmente não tive que passar pela enfermaria, pois a escada para o dispensário ficava fora dela —, subi, verifiquei os unguentos que preparara, abrindo-lhes as tampas, que cheirei cuidadosamente. Até hoje não sei se foi ou não imaginação minha, mas numa das tampas pareceu-me detectar um vago cheiro de ácido fênico. Tirei a camada superior desse preparado, e assim certifiquei-me de que estava tudo certo. Depois, esgueirei-me de novo para fora do hospital e fui para casa dormir novamente.

De maneira geral, não são os principiantes que cometem erros nas farmácias dos hospitais. Eles estão sempre inquietos, e sempre pedem conselhos. Os piores casos de envenenamento devido a enganos são cometidos por farmacêuticos experientes. Eles estão acostumados ao que fazem, são capazes de trabalhar quase sem pensar, e um dia, preocupados, quem sabe, com sua vida particular, cometem um erro. Foi o que sucedeu com o neto de uma das minhas amigas. Uma criança estava doente, e o médico passou-lhe uma receita, logo levada ao farmacêutico para

que a preparasse. A dose foi administrada no devido tempo. Nessa tarde, a mãe da criança não gostou da aparência dela; disse à babá: “Será que o remédio não está bom?” Depois da segunda dose, ficou ainda mais preocupada: “Acho que há algo errado aqui”. Mandou chamar o médico; ele olhou a criança, examinou o remédio — e tomou providências imediatas. As crianças, geralmente, toleram mal o ópio e todos os preparados derivados dele. O farmacêutico errara: havia prescrito uma dose de ópio forte demais. Ficou terrivelmente aflito, o pobre homem; trabalhava para essa farmácia havia mais de catorze anos, e era um dos mais cuidadosos e responsáveis manipuladores farmacêuticos. Um engano, porém, é coisa que pode suceder a qualquer um.

Durante minha instrução farmacêutica, aos domingos à tarde, defrontei-me com um problema. Os examinandos deveriam usar tanto o sistema habitual como o sistema métrico. Meu instrutor farmacêutico fez com que eu praticasse o sistema métrico. Nem os médicos, porém, nem os próprios farmacêuticos gostam de operar pelo sistema métrico. Um dos nossos médicos no hospital nunca chegou a aprender o que realmente significava “com 0,1”, e dizia: “Agora, deixe-me pensar, esta solução é de um por cem ou de um por mil?” O grande perigo do sistema métrico é que, se alguém se enganar, seu erro será multiplicado por dez.

Nessa tarde em especial, aprendi a fazer supositórios, coisas não muito utilizadas nos hospitais, mas que devíamos saber preparar para o exame. É trabalho cheio de truques, sobretudo quanto ao ponto de derretimento da manteiga de cacau, que é a base deles. Se estiver quente demais, não se solidifica; se não estiver quente o bastante, os supositórios saem das fôrmas com o feitio errado. Nesse caso, meu professor estava fazendo uma demonstração pessoal, explicando como proceder exatamente com

a manteiga de cacau, e depois como misturar um medicamento calculado metricamente. Mostrou-me como tirar os supositórios das fôrmas no momento próprio, como colocá-los em caixas e rótulos profissionalmente, etc., sendo a porcentagem deles de *um por cento*. Meu professor foi embora para atender a outros deveres, e fiquei preocupada porque estava convencida de que o que fora misturado nos supositórios estava dosado a dez por cento, o que transformava totalmente o medicamento. Revi os cálculos que ele fizera: *estavam* errados. Usando o sistema métrico, colocara a vírgula no local errado. Que deveria fazer a jovem estudante? Afinal, eu não passava de uma principiante, e ele era o mais conhecido farmacêutico da cidade. Não podia dizer: “Sr. P., o senhor cometeu um engano”. O Sr. P. era dessas pessoas que *não admitem* erros seus, especialmente perante uma estudante. Nesse momento, passando de novo junto de mim, ele disse: “Pode colocar esses supositórios na loja; às vezes são necessários”. A questão piorava! O ingrediente usado era bastante perigoso. Pode-se resistir muito mais a uma droga perigosa quando administrada pelo reto, mas mesmo assim... Estava preocupada, e não sabia como resolver o problema. Mesmo que sugerisse que a dosagem estava errada, será que acreditaria em mim? Estava certa de que sua resposta seria: “Não se preocupe. A dose está certa. Então você acha que não sei o que estou fazendo, principalmente num assunto como este?”

Só me surgiu uma solução. Antes que os supositórios secassem totalmente, fingi que tropeçava e caía, arrastando comigo a pedra em que esfriavam, e *pisoteei-os firmemente*.

“Sr. P.”, disse em seguida, “estou muito aflita! Joguei no chão os supositórios e, sem querer, esmaguei-os todos!”

“Ai, ai, ai”, disse, aborrecido. “Está aqui um deles que parece

bom”, e apanhou um que escapara ao peso dos meus sapatos. “Está sujo”, disse eu com firmeza e, sem mais aquela, joguei-o no lixo. “Desculpe”, repeti.

“Não fique preocupada, menina, não se preocupe demais”, e deu-me uns tapinhas amigáveis nos ombros. Ele gostava muito desse gênero de coisas — pancadinhas no ombro, cutucadas com os cotovelos, de vez em quando uma tímida tentativa de me passar a mão pelo rosto. Eu tinha que agüentar, porque precisava de suas aulas, mas mantinha-me tão distante quanto possível e, habitualmente, conseguia furtar-me e envolver o outro farmacêutico na conversa, de modo a nunca ficar sozinha com o sr. P.

Era um homem estranho. Um dia, talvez procurando impressionar-me, tirou do bolso um pedaço de uma matéria escura e mostrou-a, dizendo: “Sabe o que é isso?”

“Não.”

“É curare. Sabe o que é curare?”

Respondi que já lera algo a respeito.

“Interessante. Muito interessante. Tomado pela boca, é totalmente inofensivo. Se entrar, porém, na circulação sangüínea, paralisa e mata. É o que certas tribos usam para envenenar as setas. Sabe por que trago isso em meu bolso?”

“Não. Não faço a menor idéia.” Parecia-me uma bobagem total carregar curare no bolso, mas isso eu não acrescentei.

“Pois bem, vou dizer-lhe”, continuou ele, pensativamente, “é porque me faz sentir-me poderoso.”

Então, nesse momento, olhei para ele. Era um homenzinho com uma aparência esquisita, muito redondo, que fazia lembrar um pintarroxo, com seu simpático rosto rosado. Todo ele resumava um infantil ar de satisfação.

Pouco tempo depois, terminei meu curso; continuei a pensar muitas vezes no sr. P. Impressionara-me, porque achei que, a despeito de seu rosto de querubim, era um homem potencialmente perigoso. A recordação dele perdurou tanto tempo que ainda estava em minha memória, quando primeiro concebi a idéia de escrever meu livro *O cavalo amarelo* — pelo menos cinqüenta anos depois.

III

Foi quando trabalhava no dispensário que me ocorreu escrever uma história policial. Essa idéia permanecia em minha mente desde o tempo em que Madge me desafiara a escrevê-la — e meu atual trabalho parecia oferecer uma oportunidade favorável. Ao contrário da enfermagem, onde sempre havia o que fazer, o serviço do dispensário tinha períodos muito atarefados e outros de inatividade. Às vezes, eu ficava de serviço só a parte da tarde, praticamente sentada o tempo todo. Depois de verificar se os frascos de remédios estavam cheios e em ordem, tinha liberdade para fazer o que quisesse, desde que não abandonasse o dispensário.

Comecei a considerar que espécie de história policial poderia escrever. Visto que estava rodeada de venenos, talvez fosse natural que selecionasse a morte por envenenamento. Imaginei um enredo que me parecia ter possibilidades. Essa idéia permaneceu em minha mente, gostei dela e, finalmente, aceitei-a. Depois tratei das *dramatis personae*. Quem seria envenenado? Quem *a* (ou o) envenenaria? Quando? Onde? Como? Por quê? E tudo o mais. Teria que ser um envenenamento *íntimo*, devido à maneira

especial como seria cometido o crime; teria que passar-se em família, ouso dizer assim. Naturalmente, haveria um detetive. Nessa altura, achava-me mergulhada na tradição de Sherlock Holmes. Por isso, pensei logo em detetives. Não poderia ser como Sherlock Holmes, é claro: teria que inventar um diferente, bem meu, mas também ele teria que ter um amigo íntimo, uma espécie de ator coadjuvante — não seria tão difícil assim! Retornei a meus pensamentos a respeito dos outros caracteres. Quem seria assassinado? Um marido poderia assassinar a mulher — parecia até o gênero mais comum de assassinato. Poderia, claro, inventar um crime bastante *incomum*, por um motivo também bastante *incomum*; artisticamente, porém, isso não me atraía. A característica de uma *boa* história policial é a presença de um assassino óbvio que, por certas razões, descobrimos *não ser óbvio*, e que possivelmente não é a pessoa que cometeu o crime. Nesse ponto fiquei confusa, abandonei meu livro e fui tratar de preparar duas garrafas de hipoclorina, de modo a estar desocupada no dia seguinte.

Continuei a brincar com essa idéia algum tempo. Pedacinhos dessa história começaram a crescer. Visualizei o assassino. Teria aspecto sinistro. Usaria barba preta — que, na época, me parecia altamente sinistra. Pessoas nossas conhecidas haviam acabado de se mudar para perto de nós: o marido usava barba preta, e a mulher, mais velha do que ele, era muito rica. Sim, pensei, isso poderia ser a base. Cogitei nessa idéia bastante tempo. Poderia ser, mas não era inteiramente satisfatória. O homem em questão jamais, tenho certeza, jamais assassinaria alguém. Varri-os de meu pensamento, concluindo, de uma vez por todas, que não é bom sistema transpor para um livro gente de verdade — temos que criar nós mesmos nossas personagens. Alguém que se viu

num bonde, ou num trem, ou num restaurante, pode vir a ser um ponto de partida, pois podemos imaginar, partindo dessa pessoa, tudo o que quisermos.

É claro que, no dia seguinte, sentada num bonde, vi justamente o que queria — *um homem de barba preta, sentado ao lado de uma senhora de certa idade, que tagarelava como um papagaio*. Não pensei em aproveitá-la, mas achei que ele serviria admiravelmente. Sentada um pouco afastada deles, uma mulher grande, vigorosa, falava alto acerca de bulbos. Gostei do aspecto de ambos. Será que poderia aproveitá-la? Trouxe comigo os três, quando saí do bonde, para trabalhar neles — e caminhei pela Burton Road acima, murmurando comigo mesma, exatamente como no tempo em que inventava as histórias dos gatinhos...

Em breve eu já esboçara algumas das minhas personagens. Lá estava a mulher extrovertida — sabia até mesmo seu nome: Evelyn. Poderia ser uma parenta pobre ou uma senhora que se ocupasse de jardins, ou uma dama de companhia — quem sabe uma governanta? De qualquer jeito, seria uma das minhas personagens. Depois, o homem da barba preta, do qual eu sentia não conhecer ainda grande coisa, exceto sua barba, o que, realmente, não era o bastante — ou *seria?* Talvez fosse, pois estaríamos vendo esse homem a partir do *exterior*, de tal modo a ficar visível só o que ele queria mostrar, e não sua verdadeira realidade: esta deveria ser a própria chave do mistério. A senhora de certa idade seria assassinada mais por causa de seu caráter do que pelo dinheiro, de modo que não teria muita importância. Agora eu começava a juntar mais personagens, e mais rapidamente. Um filho? Uma filha? Possivelmente um sobrinho? Seria bom que houvesse muitos suspeitos. A família nascia lindamente. Deixei-a crescer e voltei minha atenção para o

detetive. Quem poderia ter como detetive? Revi todos os que conhecera e admirara nos livros. Havia Sherlock Holmes, inconfundível — jamais poderia ser capaz de *rivalizar* com ele! Havia Arsène Lupin — mas esse era detetive ou criminoso? De qualquer modo, não fazia meu gênero. Havia o jovem jornalista Rouletabille, do *Mistério do quarto amarelo* — era a personagem que gostaria de ter inventado: alguém que jamais fora utilizado antes. Quem poderia ser? Um estudante? Muito difícil! Um cientista? Que sabia eu acerca de cientistas? Lembrei-me então de nossos refugiados belgas. Havia uma colônia de refugiados belgas, bastante numerosa, na paróquia de Tor. Todo mundo transbordou de amor, amabilidade, compaixão, quando chegaram. Houve gente que mobiliou casas para eles morarem e fez todo o possível para que se sentissem à vontade. Mais tarde, porém, houve a reação habitual, quando os refugiados não se mostraram suficientemente gratos pelo que lhes tinha sido feito e se queixaram disto ou daquilo. O fato de as pobres criaturas estarem desorientadas e num país estranho não foi bem compreendido. Muitos deles eram pobres camponeses desconfiados, e a última coisa que queriam era um convite para tomar chá, ou para uma visita; tudo o que pediam era que os deixassem em paz, para que pudessem sobreviver, economizar dinheiro, cavar seus jardins, estrumá-los à maneira deles, particular e íntima.

Por que não seria belga meu detetive? Deixei que crescesse como personagem. Deveria ter sido inspetor, de modo a poder ter certos conhecimentos sobre crimes. Seria meticuloso, ordenado, pensei com meus botões, enquanto arrumava meu quarto. Um homenzinho bem ordeiro. Parecia-me até que o via, um homem muito alinhado, sempre cuidando de colocar tudo no devido lugar, amante dos objetos aos pares, das coisas quadradas, e não

redondas. E seria muito inteligente — teria muitas células cinzentas —, essa era uma boa frase, devia recordá-la: ele possuiria não poucas células de matéria cinzenta. Seu nome seria espetacular — um desses nomes como existiam na família de Sherlock Holmes. Como era mesmo o nome do irmão dele? Mycroft Holmes!

E se chamasse ao meu homenzinho Hercules? Ele seria um homem baixo — Hercules seria mesmo um bom nome. Seu sobrenome era mais difícil. Não sei por que me decidi por Poirot. Se fui eu própria quem o inventou, ou se o vi em algum jornal, ou escrito em algum lugar, não sei — mas assentei que seria esse o nome. Combinava bem, não com Hercules, com s, mas sim com Hercule — Hercule Poirot. Estava certo, assente, graças a Deus!

Depois, comecei a arranjar os nomes para as outras personagens — mas isso era menos importante. Alfred Inglethorpe — podia ser: combinaria bem com a barba preta. Acrescentei mais duas personagens. Um marido e uma mulher bonita — afastados um do outro. Depois, teria que pensar em todas as ramificações, as falsas pistas. Como todos os escritores incipientes, tentava esboçar um enredo complicado demais para um só livro. Tinha muitas pistas falsas — tanta coisa para deslindar, que poderia tornar tudo difícil de resolver e também difícil de ler.

Nos momentos de ócio, pedacinhos da minha história ficavam matraqueando na minha cabeça. O começo já estava todo assente, e o final fora encontrado, mas perduravam lacunas difíceis de preencher. Fiz com que Hercule Poirot se envolvesse no assunto de maneira plausível. Tinha, porém, que encontrar motivos para que outras personagens também se envolvessem. Ainda estava tudo muito emaranhado.



Em Paris, 1906.

Cogitar sobre esse livro fazia com que, em casa, eu andasse distraída. Minha mãe perguntava por que eu não respondia às perguntas, ou, quando o fazia, não respondia certo. Mais de uma vez errei o tricô de vovó; esquecia-me de fazer uma quantidade de coisas que eram de minha obrigação; e enviei muitas cartas para

endereços errados. Todavia, chegou o tempo em que senti que podia, finalmente, começar a escrever. Conteí a mamãe o que pretendia. Minha mãe, como sempre, tinha fé absoluta em que suas filhas podiam fazer qualquer coisa!

“Oh! Uma história policial? Que boa mudança de idéia para você, não é mesmo? Comece logo!”

Não era fácil encontrar tempo, mas consegui. Possuía ainda a velha máquina de escrever — a que pertencera a Madge —, e fui batendo nela minha história, depois de ter escrito à mão um bom pedaço. Batia cada capítulo à medida que o terminava. Minha letra, nesse tempo, era melhor, e bem legível. Andava excitada com minha nova realização. Até certo ponto, eu me divertia. Fiquei, porém, cansada e mal-humorada. Escrever produz esse efeito, acho. Quando, no meio do livro, comecei a ficar confusa, as complicações, em vez de serem dominadas por mim, abateram-me. Então, minha mãe fez uma boa sugestão:

“Seu livro já está muito adiantado?”

“Oh! Acho que estou no meio dele.”

“Bem, suponho que você queira realmente terminá-lo, não é mesmo? Faça isso durante suas férias.”

“Não pensei em escrever durante as férias.”

“Sim, mas acho que seria melhor que você saísse de casa durante suas férias e escrevesse sem nada a perturbá-la.”

Meditei sobre a sugestão. Quinze dias sem nada que me interrompesse! *Seria* maravilhoso!

“Para onde gostaria de ir?”, perguntou mamãe. “Dartmoor?”

“Sim”, respondi, extasiada. “Dartmoor, exatamente!”

Assim, fui para Dartmoor. Reservei um quarto no Moorland Hotel, em Hay Tor.



O *dandie-dinmont* de Monty. Pintura de N. H. J. Baird.



Aula de dança em Torquay: sou a moça do centro.

Era um hotel enorme, um pouco sinistro, com muitos quartos. Havia pouca gente. Creio que não falei com ninguém — isso teria distraído minha mente. Costumava escrever laboriosamente a manhã toda, até minha mão ficar doendo. Então, almoçava e lia um pouco. Depois, dava um grande passeio pela charneca, um passeio de muitas horas. Acho que foi nessa época que aprendi a amar a charneca. Gostava dos cômoros rochosos, da urze e de

toda a paisagem selvagem, afastada das estradas. Todo mundo que ia para lá — é claro, não havia muita gente, durante a guerra — permanecia agrupado em Hay Tor; eu, porém, saía de Hay Tor escrupulosamente sozinha, e iniciava meu solitário passeio pelos campos. Enquanto caminhava, ia murmurando comigo mesma, ensaiando o capítulo que escreveria em seguida, reproduzindo diálogos entre John e Mary, entre Mary e o patrão, etc. Isso me entusiasmava. Regressava ao hotel, jantava, caía na cama e dormia doze horas. No dia seguinte, levantava-me e escrevia apaixonadamente a manhã toda.

Terminei a última metade do livro, ou quase, durante meus quinze dias de férias. Claro que não foi o final. Depois, tive que reescrever grande parte do livro — principalmente porque ali pelo meio a coisa se complicava demais. Enfim, terminei-o e fiquei razoavelmente contente. Quero dizer, o livro estava, mais ou menos, conforme eu tivera a intenção de fazê-lo. Poderia ser muito melhor, isso eu própria percebia, só que não sabia *como* fazer melhor, de modo que o deixei como estava. Reescrevi alguns capítulos muito empolados, sobre Mary e seu marido John, sentimentalmente afastados um do outro por qualquer motivo bobo, mas que eu estava decidida a aproximar novamente, no final, de modo a sugerir também um romance de amor. Eu, pessoalmente, sempre achei terrivelmente maçantes os episódios românticos em livros policiais. O amor, achava eu, pertencia às histórias românticas. Meter, à força, um motivo romanesco no que deveria ser um processo científico era contra as minhas teorias. Todavia, nessa época, as histórias policiais continham sempre episódios românticos — portanto, assim fiz. Também fiz o que pude por John e Mary; eram pobres criaturas! Depois, mandei o livro para ser batido à máquina e, decidindo que não podia fazer

mais nada, enviei-o a um editor — Hodder and Stoughton —, que o devolveu. Foi uma recusa formal, sem quaisquer rodeios. Não fiquei surpresa — não esperava êxito; no entanto, enviei-o a outro editor.

IV

Archie veio para casa em sua segunda licença. Havia quase dois anos que não nos víamos. Dessa vez fomos felizes juntos. Durou uma semana inteira. Fomos para New Forest. Era outono, e a folhagem das árvores estava maravilhosamente colorida. Archie estava menos nervoso do que na última vez, e ambos parecíamos menos receosos do futuro. Caminhávamos juntos longamente pelos bosques, e vibrava entre nós uma camaradagem que não conhecêramos antes. Ele contou-me que havia um lugar aonde sempre tivera vontade de ir — seguir uma placa que indicava “Terra de Ninguém”. Tomamos então o caminho da Terra de Ninguém, até chegarmos a um pomar com muitas maçãs. Encontramos uma mulher, e perguntamos-lhe se poderíamos comprar algumas.

“Não precisam comprar-me maçãs, queridos”, respondeu. “Sejam bem-vindos. Comam as maçãs. Seu homem está na força aérea, bem vejo; era também onde estava meu filho, que foi morto. Sim, colham todas as maçãs que quiserem e puderem levar com vocês.” Assim vagueamos, felizes, pelo pomar, comendo maçãs; depois, regressamos através da floresta e sentamo-nos em cima de um tronco de árvore caída. Chovia uma chuva miudinha; sentíamo-nos muito felizes. Não falei do hospital, nem de meu trabalho, e Archie também não me falou muito a respeito da

França, mas deu a entender que em breve talvez pudéssemos estar juntos de novo.

Contei-lhe que escrevera um livro. Ele leu-o. Disse-me que o achava realmente bom. Archie tinha um amigo na força aérea, disse-me, que era diretor da Methuen Books; se o livro me fosse devolvido novamente, ele me mandaria uma carta desse seu amigo para que eu a juntasse ao livro e os mandasse para a Methuen.

Essa foi, portanto, a nova etapa de *O misterioso caso de Styles*. Sem dúvida, por deferência para com seu diretor, a Methuen respondeu amavelmente. Guardaram-no mais tempo, também. Calculo que uns seis meses. Disseram que o achavam muito interessante e com passagens muito boas, mas concluíram que não era apropriado para a habitual linha de produção da editora.

Esqueci para onde o mandei a seguir, mas uma vez mais ele regressou. Eu já quase perdera a esperança. John Lane, diretor da Bodley Head, publicara uma ou duas histórias policiais recentemente — uma linha nova dessa editora. Portanto, achei que também poderia tentar com eles. Expedi meu livro e pensei em outro assunto.

O que se passou a seguir foi súbito e inesperado. Archie chegou a casa, pois fora nomeado para um posto no Ministério da Aeronáutica, em Londres. A guerra arrastava-se havia tanto tempo — quase quatro anos —, e eu estava tão acostumada a trabalhar no hospital e a morar em casa de mamãe, que foi quase um choque para mim encarar a vida de modo diferente.

Fui para Londres, para um quarto de hotel. Comecei a procurar um apartamento mobiliado onde pudéssemos morar. Em nossa ignorância, partimos de idéias grandiosas demais; em breve, porém, fomos chamados à realidade. Estávamos em tempo de

guerra.

Encontramos dois apartamentos possíveis. Um deles ficava em West Hampstead — pertencia à srta. Tunks: o nome ficou na minha cabeça. Mostrava-se excessivamente desconfiada de nós, sem saber se seríamos cuidadosos o bastante — os jovens são tão descuidados! —, porque era muito esquisita com as coisas dela. Era um apartamento pequeno mas simpático — por três guinéus e meio por semana. O outro ficava em St. John's Wood, na Northwick Terrace, logo junto da Maida Vale (que hoje já não existe; foi demolido). Consistia em dois cômodos, em vez de três, no segundo andar, e o mobiliário estava bastante surrado, apesar de ser agradável, forrado com um *chintz* desbotado; havia também um pequeno jardim. Ficava num daqueles grandes prédios de outros tempos, e os cômodos eram espaçosos. Ademais, o aluguel era de dois guinéus e meio por semana, em vez de três e meio, como o outro. Resolvemos ficar com esse. Fui para casa e embalei meus pertences. Vovó chorou, minha mãe sentia vontade de chorar, mas controlou-se. Disse-me: “Você agora vai com seu marido, querida, e vai começar sua vida de casada. Espero que tudo corra bem”.

“E, se as camas forem de madeira, repare bem que não tenham percevejos”, disse minha avó.

Assim, fui para Londres e para junto de Archie. Mudamo-nos para o número 5 da Northwick Terrace. O apartamento tinha uma cozinha e um banheiro microscópicos. Eu planejava cozinhar. Para começar, contudo, contaríamos com a presença de Bartlett, ordenança de Archie — uma perfeição! Em seus bons tempos, fora empregado de duques. Somente a guerra o trouxera para o serviço de Archie; era dedicadíssimo ao “coronel”, e contava-me longas histórias acerca de sua bravura, sua importância, sua inteligência

e a impressão que causara. O serviço de Bartlett era, na realidade, perfeito. Os defeitos do apartamento eram inúmeros, e as camas eram o pior: os colchões pareciam feitos de pedaços de ferro — nem posso imaginar como uma cama chega a tal estado! Mas fomos felizes lá, e eu planejava freqüentar um curso de estenógrafa e bibliotecária, que ocuparia meus dias. Foi esse meu adeus a Ashfield e o início de uma nova vida, minha vida de casada.

Um dos grandes divertimentos do número 5 da Northwick Terrace era a sra. Woods. De fato, acho que foi em parte a sra. Woods que me decidiu por esse apartamento, em vez do de West Hampstead. Reinava no porão; era uma mulher gorda, jovial. Tinha uma filha muito elegante, que trabalhava numa das lojas da moda, e também um marido invisível. Era a vigia do prédio e, feliz por esse cargo, ajudava as inquilinas dos apartamentos. Concordou em auxiliar-nos. Era um grande apoio. Com a sra. Woods aprendi pormenores, quando íamos às compras, que jamais haviam cruzado meus horizontes. “A peixeira enganou você de novo, meu bem”, dizia-me ela. “Esse peixe não está fresco. Você não espetou o dedo nele, conforme ensinei. Você tem que espetar o dedo e olhar os olhos do peixe, e também espetar o olho do peixe!” Eu contemplava o peixe, receosa; sentia que espetar o dedo no olho dele seria um atrevimento.

“Examine a cauda, também, examine a cauda. Veja se está mole ou rija. E essas laranjas! Sei que todo mundo gosta de uma laranja de vez em quando, como um prazer especial, apesar do custo delas; porém, essas aí foram mergulhadas em água fervente para parecer frescas. Você verá que não têm suco algum!” Era verdade!

A grande excitação da vida da sra. Woods, e da minha

também, foi quando Archie recebeu seus primeiros talões de racionamento. Conseguimos uma enorme peça de carne, a maior que eu vira desde o começo da guerra. Não sabia que carne era, porque não parecia cortada como a carne dos açougues: não sabia se era filé sem osso, ou filé *mignon*, ou alcatra; obedecia ao peso a que tínhamos direito, e fora cortada pelo açougueiro da força aérea. Fosse como fosse, era a coisa mais linda que víamos desde há muito. Repousava na mesa, e a sra. Woods e eu caminhávamos em volta, admirando-a. Não havia a mínima possibilidade de que entrasse em meu minúsculo forno. A sra. Woods ofereceu-se, simpaticamente, para cozinhá-la.

“É como é muita carne”, disse eu, “também pode ficar com um pedaço.”

“É muito gentil da sua parte. Vamos apreciar comer um bom pedaço de carne. Note que a mercearia, para nós, é fácil. Tenho um primo, Bob, que trabalha numa mercearia; temos o açúcar e a manteiga que queremos, e margarina também. Coisas assim. Ele serve primeiro a família.” Foi uma de minhas experiências com a antiqüíssima tradição que se mantém através da vida: é preciso conhecer as pessoas certas. Desde o aberto nepotismo do Oriente, até o mais discreto nepotismo dos “velhos colegas” e dos “clubes” das democracias do Ocidente, tudo, afinal, gira em torno disso. Não é, note-se, receita para um êxito completo — Freddie de Tal consegue um bom emprego porque seu tio conhece um dos diretores da firma. Porém, se Freddie não prestar, e forem cumpridas as exigências da amizade ou das boas maneiras, Freddie será gentilmente posto para fora, passando a trabalhar com outro primo ou conhecido, mas no final acabará encontrando seu próprio nível.

No caso da carne e dos luxos do tempo de guerra, os ricos

desfrutavam de certas vantagens; no total, porém, acho que as classes trabalhadoras usufruíam de muito mais benefícios, porque quase todo mundo tinha um amigo, ou o marido de uma filha, ou alguém útil, que trabalhava quer numa leiteria, numa mercearia, ou em algo dessa espécie. Isso não se aplicava aos açougues, tanto quanto sei, mas as mercearias eram grandes trunfos para uma família. Ninguém, das pessoas que eu conhecia nesse tempo, poderia viver com as rações. Recebiam suas rações; depois, porém, recebiam meio quilo extra de manteiga, ou um pote de geléia, etc., sem a menor sensação de se comportarem desonestamente. Tratava-se de uma espécie de orgulho de família: naturalmente, Bob se ocuparia, em primeiro lugar, de sua família e da família de sua família. Portanto, a sra. Woods sempre podia nos oferecer pequenos extras disto ou daquilo.

A refeição em que se serviu essa primeira peça de carne constituiu uma ocasião solene. Não me recordo de que fosse especialmente gostosa ou macia, mas eu era jovem, meus dentes eram fortes, e achei-a a coisa mais deliciosa que comera havia muito tempo. Archie, é claro, ficou surpreso com minha gula. “Não é lá muito gostosa essa carne”, disse ele.

“Gostosa? É a melhor coisa que como há anos!”

Era a sra. Woods que fazia para nós aquilo a que posso chamar de cozinha séria. As refeições leves, as ceias, eram preparadas por mim. Eu tivera aulas de culinária, como de resto a maior parte das moças; quando, porém, realmente precisávamos cozinhar, verificávamos que essas aulas não tinham a menor utilidade. O que realmente conta é a prática diária. Em preparara toneladas de tortas de geléia ou doces de várias qualidades, mas não era disso que agora necessitávamos verdadeiramente. Existiam Cozinhas Oficiais na maior parte dos bairros de Londres,

e eram muito úteis. Encomendávamos pratos que já vinham preparados em recipientes especiais. Eram bem-feitos, e, embora os ingredientes não fossem muito interessantes, preenchiam as lacunas. Também existiam as Sopas Oficiais dos Bairros, com as quais iniciávamos nossas refeições. Archie chamava-as de “sopas de areia e pedras”, recordando a história de Stephen Leacock, num conto russo: “Iog apanhou areia e pedras e pilou-as para fazer um bolo”. Essas sopas eram um pouco desse gênero. Ocasionalmente, eu cozinhava uma das minhas especialidades, tais como um elaborado suflê. A princípio, não me dei conta de que Archie sofria de dispepsia nervosa. Muitas noites, chegava a casa incapaz de comer fosse o que fosse, coisa que me desanimava bastante, quando preparava um suflê de queijo ou qualquer outra iguaria imaginada por mim.

Todo mundo tem idéias muito suas quanto ao que gostaria de comer quando está doente, e as de Archie, a meu ver, eram extraordinárias. Depois de ficar algum tempo na cama, de repente dizia: “Acho que gostaria de comer um pouco de melaço. Pode cozinhar algo com isso?” Eu lhe obedecia o melhor que podia.

Comecei os cursos de contabilidade e estenografia para ocupar meu tempo livre. Como todo mundo sabe, graças a intermináveis artigos nos jornais dos domingos, as mulheres recém-casadas geralmente se sentem solitárias. Apenas surpreende-me que as jovens recém-casadas não esperassem isso. Os maridos trabalham; estão fora o dia todo; uma mulher, quando casa, normalmente é transferida para um ambiente totalmente diferente. Sua vida tem de recomeçar, ela tem que fazer novos contatos e novos amigos e achar novas ocupações. Eu tinha amigos em Londres, antes da guerra, mas nessa altura estavam todos dispersos. Nan Watts (agora Pollock) morava em Londres,

mas eu não sentia coragem para me aproximar dela. Parece tolice, e realmente *era* tolice, mas não podemos fazer de conta que as diferenças de padrão de vida não separam as pessoas. Não se trata de esnobismo ou posição social; simplesmente, não dispomos de meios financeiros para acompanhar tais amigos. Se possuem boas rendas e você, não, as coisas se tornam embaraçosas.

Sentia-me de fato um pouco solitária. Tinha saudades do hospital e de meus amigos lá, e do dia-a-dia; sentia falta de meu ambiente doméstico, mas compreendia que a solidão era inevitável. Companhia não é algo de que se necessita todos os dias — é algo que cresce dentro de nós e, por vezes, se torna destruidor como uma hera maligna. Divertia-me aprendendo estenografia e contabilidade. Ficava humilhada pela facilidade com que mocinhas de catorze e quinze anos progrediam em estenografia; nas contas, contudo, eu estava indo bem, e isso era divertido.

Um dia, na escola em que estudava, o professor interrompeu a lição, saiu da sala e regressou dizendo: “Por hoje não há mais aula. A guerra terminou!”

Parecia incrível. Não houvera nenhum sinal positivo de que isso pudesse acontecer — nada que nos levasse a pensar que a guerra poderia terminar dentro de seis meses ou um ano. A posição da França parecia inalterável. Ganhavam-se ou perdiam-se alguns metros de território.

Fui para a rua bastante tonta. Então, assisti a uma das cenas mais curiosas que já vi — na verdade, ainda a recordo com o que me parece uma sensação de temor. Havia mulheres dançando por todo lado. A mulher inglesa não pertence ao gênero que sai para as ruas dançando: seria uma reação mais de acordo com as francesas e com a cidade de Paris. No entanto, ali estavam,

rindo, gritando, pulando numa espécie de selvagem orgia de prazer, quase de gozo brutal. Era assustador. Sentia-se que, se houvesse alguns alemães por perto, as mulheres os teriam feito em pedaços. Algumas, suponho, estavam de fato bêbadas, embora todas parecessem embriagadas. Rodopiavam, caminhavam aos trambolhões e berravam. Quando cheguei a casa, encontrei Archie já de volta do Ministério da Aeronáutica.

“Bem, terminou”, disse, com sua calma costumeira e seus modos fleumáticos.

“Você supunha que terminaria tão cedo?”

“Oh, havia rumores a esse respeito. Éramos advertidos para não contar nada. E agora temos que decidir o que faremos em seguida.”

“O que quer dizer com isso, ‘em seguida’?”

“Acho que a melhor coisa a fazer é abandonar a força aérea.”

“Você quer realmente abandonar a força aérea?” Eu estava pasma.

“Não tenho futuro lá. Você mesma pode entender. Não pode existir futuro para mim na força aérea. Durante anos não farão promoções.”

“O que vai fazer, então?”

“Gostaria de entrar nos negócios. Sempre gostei. Existem agora algumas oportunidades.”

Sempre tivera enorme admiração pelo espírito prático de Archie. Ele aceitava qualquer coisa sem surpresa, e calmamente colocava sua inteligência, que era grande, a serviço do próximo problema.

No momento, com ou sem armistício, a vida continuava. Archie ia todos os dias ao ministério. O maravilhoso Bartlett, infelizmente, foi logo desmobilizado. Calculo que os duques e os

condes estivessem mexendo seus pauzinhos para poder retomar seus serviços. No lugar dele, havia agora uma criatura bastante horrorosa, chamada Verrall. Acho que fazia o melhor que sabia, mas era ineficiente, não estava treinado e a quantidade de sujeira, gordura e manchas na prataria, na baixela, facas e garfos, era algo além do que eu jamais havia visto. Fiquei deveras agradecida quando ele também recebeu seus papéis de desmobilização.

Archie conseguiu uma licença, e fomos para Torquay. Foi nessa estada ali que adoeci com o que julguei, primeiro, ser um terrível acesso de alguma doença intestinal; sentia-me como se estivesse morrendo. Todavia, era algo bem diferente. Eram os primeiros sintomas de que eu ia ter um bebê.

Fiquei entusiasmada. Encarava o nascimento de um bebê como algo praticamente automático, depois de casada. A cada licença de Archie, eu ficava decepcionada por não virem os sinais de que esperava um filho. Dessa vez, sequer os esperava. Fui consultar um médico — nosso velho dr. Powell estava aposentado, de modo que escolhi outro. Não tinha vontade de consultar nenhum dos médicos com quem trabalhara no hospital — sentia que sabia demais a respeito deles e seus métodos. Por isso, fui ver um jovial doutor com o sinistro nome de Stabb¹.

Sua mulher era bonita, e meu irmão Monty fora profundamente apaixonado por ela desde os nove anos. “Dei a meu coelho”, dizia ele para mamãe nesse tempo, “o nome de Gertrude Huntly, porque acho que é a senhora mais bonita que jamais vi.” Gertrude Huntly, depois Stabb, mostrou-se comovida com a atenção de Monty, e agradeceu-lhe a honra que ele lhe concedera.

¹ “To stabb”: “apunhalar”. (N. da T.)

O dr. Stabb declarou-me que eu parecia uma jovem saudável e que tudo seria normal. Nada mais. Não houve rebuliço. Não posso deixar de me sentir satisfeita por não existirem no meu tempo essas clínicas pré-natais, para as quais se é arrastada mais ou menos de dois em dois meses. Pessoalmente, acho que passávamos melhor sem elas. Tudo o que o dr. Stabb sugeriu foi que eu consultasse um médico em Londres, alguns meses antes do nascimento do bebê, só para ver se tudo continuava bem. Disse-me que poderia sentir-me nauseada pela manhã, mas que isso desapareceria depois dos três primeiros meses. Nisso, lamento, ele se enganou. Minhas náuseas matinais não desapareceram. E não me acometiam apenas de manhã, mas quatro ou cinco vezes por dia, coisa que tornou minha vida em Londres muito embaraçosa. Ter que pular repentinamente de um ônibus em que acabara de entrar para vomitar violentamente num bueiro é humilhante para uma mulher jovem. Mas não havia nada a fazer. Felizmente, nesse tempo, ninguém pensava em nos dar coisa como Talidomida. Aceitava-se o fato de que algumas pessoas grávidas passassem pior do que outras. A sra. Woods, como sempre onisciente em todos os assuntos de nascimento e morte, disse: “Ah, bem, querida, acho que está esperando uma menina. Muito enjão quer dizer que é menina. Quando é um menino, as mães sentem tonteiras e desmaiam. É melhor estar nauseada”.

É claro que eu não achava preferível estar enjoada. Achava que o desmaio era mais interessante. Archie, que jamais suportara doenças — e era bem capaz de desaparecer quando alguém estava doente, dizendo: “Acho que se sentirá muito melhor sem mim aqui, incomodando-o” —, foi nessa ocasião inesperadamente gentil. Imaginava coisas para me distrair. Recordo que comprou uma lagosta, luxo excessivamente dispendioso, e colocou-a em

minha cama para me fazer uma surpresa. Como eu ri quando entrei no quarto e vi a lagosta, recorde, com a cabeça e os bigodes em cima de meu travesseiro! Fizemos uma esplêndida refeição com essa lagosta. Pouco depois, vomitei-a, mas, de qualquer modo, tive prazer em comê-la. Archie também se dignou fazer-me um Benger's Fond, alimento especialmente recomendado pela sra. Woods. Recorde a expressão magoada de Archie quando me fez esse caldo e eu o deixei esfriar por não agüentar tomá-lo quente. Depois, tomei-o e disse que estava ótimo: “Não havia grânulos desta vez, e você o fez muito bem”. Meia hora depois, passou-se a mesma tragédia.

“Olhe aqui”, disse Archie, parecendo ofendido, “de que serve preparar essas coisas? Acho que não vale a pena você tomá-las.”

Em minha ignorância, parecia-me que vomitar tanto teria efeito nocivo na criança que eu estava esperando — que ela morreria de fome. Não foi esse o caso, porém. Continuei nauseada até o dia do nascimento, mas minha filha veio à luz robusta, com três quilos e Oitocentos e cinqüenta gramas, e eu, a despeito de não reter alimento algum, engordara em vez de emagrecer. Foi como se eu tivesse estado viajando por nove meses num oceano ao qual não me tivesse adaptado. Quando Rosalind nasceu e encontrei um médico e uma enfermeira inclinados sobre mim, e o médico disse: “Bem, você tem uma filha muito boazinha”, e a enfermeira, ainda mais extasiada: “Que linda filha você teve!”, respondi com a importante notícia: “Não estou me sentindo mais nauseada. Que maravilha!” Archie e eu discutíramos muito, no mês anterior, acerca do nome e do sexo de que gostaríamos para a criança. Archie estava decidido a ter uma filha.

“Não quero ter um menino, porque sei que terei ciúmes dele. Terei ciúmes da atenção que você der a seu filho.”

“Mas eu daria a mesma atenção a uma menina.”

“Não seria a mesma coisa.”

Discutimos acerca do nome. Archie queria que se chamasse Enid. Eu preferia Martha. Ele mudou para Elaine, eu tentei Harriet. Só depois que ela nasceu concordamos que fosse Rosalind.

Sei que todas as mães “deliram” com seus bebês; devo porém dizer que, embora achasse todos os recém-nascidos hediondos, Rosalind era de fato um *belo bebê*. Tinha cabelos escuros em grande quantidade, e fazia lembrar um pouco uma índia pele-vermelha; não tinha aquela carequinha cor-de-rosa que acho tão deprimente nos bebês, e sempre pareceu, desde muito cedo, alegre e decidida.

Arrumei uma *nurse* extremamente gentil, mas que via com desaprovação a maneira como vivíamos em nossa casa. Rosalind nasceu, é claro, em Ashfield. As mães, nesse tempo, como já disse, não iam para clínicas. O nascimento custou quinze libras, o que me pareceu extremamente razoável. Fiquei com a enfermeira, a conselho de minha mãe, por mais duas semanas, de modo a aprender a cuidar de Rosalind, e também para poder ir a Londres procurar outro apartamento onde morar.

Foi curiosa a noite em que soubemos que Rosalind ia nascer. Mamãe e a *nurse* Pemberton pareciam duas fêmeas entregues aos ritos da natividade: felizes, atarefadas, cheias de si, correndo a trazer lençóis, pondo tudo em ordem. Archie e eu errávamos por ali, um pouco intimidados, bastante nervosos, como duas crianças que não sabem se estão sendo intrusas. Ambos estávamos assustados e aflitos. Archie, contou-me mais tarde, estava convencido de que, se eu morresse, a culpa seria dele. Eu achava possível morrer, o que me causava profunda tristeza, porque me

sentia muito feliz com o que se passava. Mas era apenas o desconhecido que era assustador. E também exaltante. A primeira vez que uma coisa dessa importância se passa conosco é sempre excitante.

Agora teríamos que fazer planos para o futuro. Deixei Rosalind em Ashfield com a *nurse* Pemberton e fui a Londres procurar: a) um lugar para morar; b) uma *nurse* para Rosalind; c) uma empregada para cuidar da casa ou do apartamento que encontrasse. O último problema realmente não chegou a existir, porque, um mês antes do nascimento de Rosalind, apareceu sem prévio aviso minha querida Lucy, de Devonshire, que acabara de sair das voluntárias, sem fôlego, comunicativa, plena de exuberância: a mesma pessoa de sempre, um grande apoio. “Já soube da grande notícia”, ela disse. “Já sei que vai ter um bebê, e estou pronta para ajudá-la. No momento em que quiser, venho logo.”

Depois de uma consulta a mamãe, decidi oferecer a Lucy um salário que nem mamãe, com toda a sua experiência, nem eu jamais soubéramos que houvesse sido pago a qualquer cozinheira ou empregada. Era de trinta e seis libras por ano — quantia enorme, para a época; Lucy, porém, merecia-a, e eu estava encantada de ficar com ela.

Por essa altura, quase um ano após o armistício, encontrar um lugar para morar era a coisa mais difícil do mundo. Centenas de jovens casais estavam passando Londres em pente fino, à procura de algo que lhes agradasse a preço razoável. Pediam-se luvas. Tudo muito difícil. Decidimos alugar um apartamento mobiliado, enquanto continuávamos procurando algo que, realmente, nos conviesse. Os planos de Archie estavam traçados: tão logo fosse desmobilizado, entraria para uma firma da City.

Esqueci o nome do patrão dele, nesse tempo; para facilitar, chamo-o de sr. Goldstein. Era um homem grande, de tez amarelada. Quando perguntei a Archie como era ele, foi essa a primeira coisa a que aludiu: “Bem, ele é *amarelo*. Também é gordo, mas sobretudo muito amarelo”.

Nessa ocasião, as firmas da City andavam oferecendo empregos a jovens oficiais desmobilizados. Archie recebia um salário de quinhentas libras por ano. Não era uma fortuna, mesmo naqueles dias; na realidade, estávamos longe de ser ricos e, ademais, os aluguéis haviam aumentado enormemente, assim como o custo de vida. Cada ovo custava oito *pence*, o que não era fácil para um jovem casal. Todavia, como jamais contáramos com fortuna, eu não tinha apreensões.

Recordando esse tempo, parece-me extraordinário que admitíssemos ter em casa, simultaneamente, uma *nurse* e uma empregada; nessa altura, porém, eram consideradas essenciais, e seria a última coisa que pensaríamos dispensar. A extravagância de possuímos um automóvel, por exemplo, era coisa impensável. Somente os ricos, então, tinham carro. Às vezes, nos últimos tempos da minha gravidez, quando estava nas filas esperando o ônibus e era passada para trás por causa de meus movimentos pesados — os homens já não eram especialmente galantes —, eu pensava, quando os carros deslizavam junto de mim: “Que maravilha se um dia pudesse ter um!”

Recordo-me de um amigo de Archie que dizia amargamente: “Ninguém deveria ter o direito de possuir um carro, a não ser que tivesse uma ocupação essencial”. Jamais tive esse sentimento. Sempre foi para mim motivo de entusiasmo ver que alguém tinha sorte, que alguém era rico, possuía jóias. Não é verdade que as crianças costumam espremer suas carinhas de encontro aos

vidros, para espiar as festas, para ver as pessoas crescidas com tiaras de brilhantes? Alguém tem que ganhar o Grande Prêmio Irlandês das corridas de cavalos. Se os prêmios dessas corridas fossem de apenas trinta libras, não teriam nada de excitante. As corridas de cavalos de Calcutá, as corridas irlandesas, hoje em dia as loterias esportivas, são todas coisas românticas. É também pelo mesmo motivo que vemos multidões nas calçadas, espiando as artistas de cinema quando chegam para a estréia de um filme. Para essa gente, elas são heroínas, em maravilhosos vestidos longos, maquiladas até os dentes: figuras enfeitiçadoras! Quem poderá gostar de um mundo descolorido, onde ninguém é rico, nem importante, nem belo, nem talentoso? Antigamente, as pessoas ficavam de pé horas e horas apenas para olhar reis e rainhas; hoje em dia a propensão é maior para se extasiarem diante de vedetes *pop*; o princípio, porém, é o mesmo.

Como vinha dizendo, estávamos dispostos a ter uma *nurse* e uma empregada como uma extravagância necessária, mas jamais sonharíamos em ter um carro. Quando íamos ao teatro, sentávamo-nos nos lugares mais baratos. Eu provavelmente possuía um único vestido longo, preto, para que não se notasse a sujeira, e quando havia lama nas ruas, é claro, sempre usava sapatos pretos pelo mesmo motivo. Não tomávamos táxis. Também existem modas na maneira de gastar dinheiro, como para tudo o mais... Não sou capaz de dizer se nossa maneira de viver, então, era melhor ou pior do que a de hoje. Mas vivíamos menos luxuosamente, a comida era mais simples, tal como as roupas e tudo o mais. Por outro lado, dispúnhamos de mais tempo — tínhamos tempo para meditar, para ler e para nos dedicar a nossos passatempos prediletos e pesquisas. Acho que estou contente por ter sido jovem naquela época. A vida era muito mais

livre, e havia menos pressa e preocupações.

Por sorte, encontramos um apartamento rapidamente, no térreo dos Addison Mansions, dois grandes blocos de edifícios situados atrás do Olympia. Era espaçoso, com quatro quartos e duas salas. Alugamos esse apartamento mobiliado por cinco guinéus semanais. A mulher que nos alugou o apartamento andava pelos quarenta e cinco anos; seus cabelos tinham um horrível tom de falso louro, e o busto era imenso e proeminente. Era amistosa, e insistia em me falar das doenças íntimas de sua filha. O apartamento estava repleto de móveis particularmente hediondos, e tinha quadros dos mais sentimentais que jamais vi. Observei mentalmente que a primeira coisa que Archie e eu faríamos seria tirá-los das paredes e guardá-los cuidadosamente até o regresso da proprietária. Havia muita louça, copos e todas essas coisas, incluindo um aparelho de chá de porcelana finíssima que me dava medo, porque, sendo tão frágil, tinha certeza de que acabaríamos por quebrá-lo. Com a ajuda de Lucy, arrumei-o num armário, logo que chegamos.

Depois, visitei o escritório da sra. Boucher, local onde sempre se encontravam babás — julgo que até hoje ainda é assim. A sra. Boucher conseguiu rapidamente fazer-me descer à terra. Contestou os salários que pretendia pagar, inquirei quais as acomodações de trabalho em minha casa e quantas empregadas eu tinha, e por fim enviou-me para um pequeno aposento, onde as empregadas em perspectiva estavam sendo entrevistadas. Uma mulher grande, que parecia competente, foi a primeira a entrar. Só de olhar para ela, fiquei alarmada. “Sim, senhora. Quantas crianças?” Expliquei que se tratava de apenas um bebezinho.

“Com um mês? Nunca me ocupo de bebês, a não ser quando posso cuidar dele desde o primeiro mês de vida.”

Assegurei-lhe que minha filha tinha justamente um mês.

“E quantas empregadas tem, senhora?”

Quase pedindo desculpas, comuniquei-lhe que havia somente uma empregada. Ela torceu de novo o nariz. “Receio, senhora, que não sirva para mim. Sabe, estou acostumada a *nurseries* que têm empregadas para a própria *nurse*, que cuidam de tudo, e também a casas agradáveis, completamente equipadas.” Concordei que minha casa não seria do gênero que ela procurava, e desembaracei-me dela com certo alívio. Vi ainda três outras, mas todas me votaram desprezo.

Todavia, no dia seguinte retornei para novas entrevistas. Dessa vez, tive sorte. Encontrei Jessie Swannell, de trinta e cinco anos de idade, língua afiada e coração generoso, que vivera parte de sua vida como *nurse* de uma família na Nigéria. Fui-lhe desvendando, uma a uma, as indignas condições do emprego que lhe oferecia: apenas uma empregada; uma só *nursery*, e não uma para a noite e outra para o dia; da lareira não seria ela a tratar, mas quanto ao resto ela própria teria de fazê-lo; finalmente, o salário.

“Ah, bem”, ela disse, “não me parece ruim. Estou acostumada a trabalho pesado, e esse não vai me incomodar. É uma menina novinha, não é mesmo? Gosto de meninas.”

Jessie Swannell e eu chegamos a um acordo. Ficou conosco dois anos, e eu gostava muito dela, apesar de certos inconvenientes. Era dessas pessoas que, por natureza, não gostam dos pais das crianças de que cuidam. Para Rosalind, ela era a própria bondade e teria, estou certa, dado a vida por ela. Quanto a mim, encarava-me como uma intrusa, embora fizesse, resmungando, o que eu queria que fosse feito, mesmo que nem sempre concordasse comigo. Por outro lado, se havia algum

problema, ela mostrava-se esplêndida, boa, pronta a ajudar e cheia de ânimo. Sim, senti muito respeito por Jessie Swannell, e espero que sua vida tenha sido boa e que tenha obtido tudo o que desejava.

Assim, com tudo a postos, Rosalind, eu, Jessie Swannell e Lucy chegamos aos Addison Mansions e iniciamos nossa vida de família. Não que minhas buscas tivessem cessado. Agora, eu procurava um apartamento sem mobília para residência permanente. Claro que não foi fácil: na verdade, foi diabolicamente difícil. Quando escutávamos falar de algum, corríamos para lá, telefonávamos, escrevíamos cartas, mas, realmente, nada parecia possível. Algumas vezes eram sujos, velhos, e estavam em estado tão ruim que era difícil imaginar como poderíamos morar lá dentro. Quase sempre havia alguém que chegara primeiro. Demos a volta completa a Londres: Hampstead, Chiswick, Pimlico, Kensington, St. John's Wood — meus dias passavam-se dentro dos ônibus. Visitamos todas as firmas imobiliárias e, passado algum tempo, começamos a nos sentir angustiados. Nosso aluguel duraria apenas mais dois meses. Quando a platinada sra. N. e sua filha casada e filhos regressassem, não iriam mais nos alugar aquele apartamento. Tínhamos forçosamente que encontrar algo.

Por fim, tivemos sorte. Asseguramos, mais ou menos, um apartamento perto de Battersea Park. O aluguel era razoável; a proprietária, srta. Llewellyn, sairia dentro de um mês, mas não se importava de deixar o apartamento um pouco mais cedo. Mudava-se para um bairro diferente de Londres. Tudo parecia solucionado, mas na verdade havíamos sido vítimas de um otimismo prematuro. Caiu-nos em cima um golpe terrível. Quinze dias antes da data de nossa mudança, soubemos pela srta. Llewellyn que ela não podia mudar-se para seu novo apartamento porque as

peessoas que estavam lá, por seu turno, não tinham ainda disponível o apartamento para onde também se mudariam! Era a chamada reação em cadeia!

Foi uma notícia grave para nós. De dois em dois dias, ou de três em três, telefonávamos para ela, para saber notícias. Cada vez eram piores. Segundo parecia, as outras pessoas tinham cada vez mais dificuldades em mudar para o apartamento delas, de modo que a srta. Llewellyn também não podia largar o seu. Finalmente, pareceu-nos que poderiam passar-se ainda três ou quatro meses antes que conseguíssemos entrar na posse desse ambicionado apartamento, e mesmo isso era incerto. Febrilmente, recomeçamos tudo, estudando os anúncios, telefonando às agências, e tudo o mais. O tempo passava, e começávamos a nos desesperar. Então, telefonou-nos um agente, oferecendo-nos, não um apartamento, mas uma casa. Uma casa pequena em Scarsdale Villas. Estava à venda, porém; não era para alugar. Archie e eu fomos vê-la. Era uma casinha encantadora! Comprá-la significaria desfazer-nos praticamente de todo o pequeno capital que possuíamos — um risco terrível. Contudo, sentimos que *tínhamos* de arriscar, de modo que concordamos em comprá-la, assinamos um documento e fomos para casa decidir do que nos iríamos desfazer.

Dois dias depois, à hora do café da manhã, eu relanceava os olhos pelo jornal, espiando primeiro a coluna dos anúncios de apartamentos, o que já se tornara para mim um hábito, quando vi um anúncio: “Aluga-se apartamento sem mobília, número 56 dos Addison Mansions, noventa libras por ano”. Lancei um grito que mais parecia um relincho de cavalo, pousei a xícara de café e corri para ler o anúncio a Archie, declarando: “Não temos tempo a perder!”

Larguei correndo a mesa onde tomávamos nosso café da

manhã, cruzei o pátio em duas passadas, assim como os dois blocos de edifícios que me separavam daquele aonde ia, e continuei correndo feito louca, pelas escadas do edifício em frente. Eram oito horas da manhã. Toquei a campainha do número 96. A porta foi aberta por uma mulher jovem e atraente, ainda de roupão.

“Vim por causa do apartamento”, disse eu, tão coerentemente quanto me permitia minha respiração arquejante.

“Por causa *deste* apartamento? *Já?* Coloquei o anúncio ontem! Não esperava ninguém tão cedo.”

“Será que posso ver o apartamento?”

“Bem... é um pouco cedo.”

“Por mim, não tem a mínima importância”, disse eu. “Acho que vou alugá-lo.”

“Oh, bem, então é melhor dar uma olhada. Não está muito arrumado.” E afastou-se para que eu pudesse entrar.

Irrompi pelo apartamento adentro, sem fazer caso de suas hesitações, e dei-lhe uma rápida olhadela. Não correria o risco de perdê-lo.

“Noventa libras por ano?”, perguntei.

“Sim, é o aluguel. Devo preveni-la, porém, de que o pagamento é trimestral.”

Refleti por um momento, mas isso não me deteve. Queria um lugar onde morar, e *rapidamente*.

“E quando posso mudar-me?”

“Oh, quando quiser — dentro de uma ou duas semanas. Meu marido teve que ir para o estrangeiro, de repente. Queremos apenas luvas pelo linóleo e pelos acessórios de decoração.”

Não eram muito a meu gosto, nem o linóleo nem os outros elementos da decoração, mas que importância isso tinha? Quatro

quartos, duas salas, uma bonita vista com árvores — é verdade, também, que havia quatro andares para subir e descer, mas era um apartamento cheio de ar e luz. Precisava de algumas pequenas reparações, mas nós próprios poderíamos fazê-las. Oh! Era maravilhoso — um presente de Deus!

“Fico com ele”, disse. “Está decidido.”

“Tem certeza? Não me disse ainda seu nome.”

Disse-lhe meu nome, expliquei-lhe que estava morando no apartamento quase defronte, e tudo ficou arrumado. Telefonei aos agentes imediatamente, do aparelho desse apartamento. Havia sido já muitas vezes vencida nesse jogo: quando descia as escadas, encontrei três casais que vinham subindo; todos eles, pude ver num relance, estavam indo para o número 96. Dessa vez nós ganháramos. Fui para casa e contei a Archie o meu triunfo.

“Esplêndido”, ele disse. Nesse momento, o telefone tocou. Era a srta. Llewellyn. “Acredito”, disse ela, “que poderão ocupar o apartamento quase com certeza dentro de um mês.”

“Oh!”, disse eu, “é claro, está muito bem.” Desliguei. “Meu Deus”, disse a Archie, “sabe o que está acontecendo? Alugamos dois apartamentos e compramos uma casa!”

Que problema! Ia telefonar para a srta. Llewellyn e dizer-lhe que não mais necessitávamos do apartamento, quando uma idéia melhor me ocorreu. “Vamos tentar livrar-nos da casa de Scarsdale Villas”, disse, “porém *vamos alugar o apartamento de Battersea e pediremos luvas por ele quando o alugarmos a qualquer outra pessoa. Com esse dinheiro pagaremos as luvas deste.*”

Archie aprovou entusiasticamente a idéia, e acho que foi um momento de alto tino comercial de minha parte, porque dificilmente poderíamos pagar as cem libras das luvas pedidas. Depois, fomos ver os agentes a respeito da casa que compráramos

em Scarsdale Villas. Foram realmente muito amáveis. Disseram-nos que seria bastante fácil vendê-la a quaisquer outras pessoas — de fato, várias outras pessoas estavam amargamente decepcionadas porque a casa fora vendida. De modo que saímos dessa embrulhada pagando apenas uma pequena gratificação aos agentes.

Já tínhamos um apartamento, e duas semanas depois mudamos para lá. Jessie Swannell parecia de ferro. Não criou o menor problema por ter que subir e descer quatro andares, o que era mais do que eu achava possível em qualquer outra *nurse* da srta. Boucher.

“Ah, bem”, dizia ela. “Estou acostumada a arrastar coisas pesadas. Note que não me importaria de ter aqui à mão dois ou três pretos. Isso é que é bom na Nigéria — há muitos pretos.”

Adorávamos nosso apartamento, e iniciamos os trabalhos de decoração. Gastamos boa parte da gratificação de Archie em mobília: bons móveis modernos para a *nursery* de Rosalind, da Heal’s, boas camas, também da Heal’s, para nós — e muita coisa veio de Ashfield, que estava atulhada de mesas e cadeiras e escrivaninhas, louça e roupas de casa. Também fomos a leilões e compramos, por muito bom preço, velhas cômodas com gavetas e armários fora de moda.

Quando nos mudamos para o novo apartamento, escolhemos os papéis de parede e decidimos, quanto à pintura, que nós próprios faríamos parte do trabalho; a outra parte foi confiada a um modesto pintor; um decorador também veio ajudar-nos. As duas salas — uma bastante grande, e a de jantar bem menor — davam para o pátio, mas eram voltadas para o norte. Preferi os dois quartos que ficavam no fim de um longo corredor, nos fundos. Não eram tão espaçosos, mas eram cheios de sol e alegres,

de modo que decidimos fazer aí nossa sala de estar e a *nursery* de Rosalind. O banheiro ficava em frente, e havia ainda um pequeno quarto de empregada. Fizemos do quarto maior nosso dormitório e, do menor, uma pequena sala de jantar e um quarto para possíveis emergências. Archie escolheu a decoração do banheiro: foi pintado de um vermelho escarlate e forrado com um papel que imitava azulejo branco. Nosso decorador, que colocou o papel, era extremamente amável comigo. Ensinou-me a cortar e dobrar o papel da maneira correta para passar a cola e, enquanto o ia colocando, dizia: “Não tenha medo do papel”, quando nós também o ajudávamos. “Bata nele, vê? Não faz mal. Se rasgar, cole outro por cima. Corte todo o papel, primeiro, meça-o e numere-o todo por trás. Assim está bem. Agora bata. Uma escova de cabelo é muito útil para tirar bolhas.” No fim, eu estava ficando prática. Mas deixamos que ele fizesse os tetos. Não me sentia ainda capaz de enfrentá-los.

O quarto de Rosalind foi pintado de amarelo-claro e, mais uma vez, aprendi um pouco de decoração. Uma coisa sobre a qual nosso mentor não nos avisara é que, se não limpasse rapidamente os pingos de tinta que caíam no chão, a tinta secava e só poderia ser removida com um formão. Mas todo mundo aprende à própria custa, não é mesmo? Decoramos a *nursery* de Rosalind com um friso de papel da Heal’s, muito caro, com animais desenhados; esse papel corria em redor do quarto, na parte de cima das paredes. Na sala, decidi pintar as paredes de cor-de-rosa muito pálido, com uma tinta brilhante, e forrar o teto com papel, um papel preto, lustroso, semeado de flores de pilriteiro. Pensava que assim teria a sensação de estar morando no interior. Também achava que a sala pareceria mais baixa, e eu gostava de tetos baixos. Em aposentos pequenos, os tetos baixos dão a impressão

de que moramos numa pequena casa de campo. O papel do teto teria, é claro, de ser colocado por um profissional, mas o decorador mostrou-se inesperadamente relutante em fazê-lo.

“Escute aqui, senhora, acho que está errada, sabe? O que a senhora quer é o teto pintado de cor-de-rosa pálido e as paredes forradas com papel preto.”

“Não, não é, não!”, eu disse. “Quero o papel preto no teto e a pintura cor-de-rosa nas paredes!”

“Mas não é assim que se *decora* uma sala! Está começando do claro para o escuro. É a maneira errada. Deveria começar pelo escuro e subir para o claro.”

“Não é obrigatório ir do escuro para o claro se se *prefere* ir do claro para o escuro”, argumentei.

“Bem, estou só avisando-a, senhora, que é a maneira errada, e que ninguém decora desse jeito.”

Respondi que *eu* ia decorar assim.

“Vai trazer o teto para cima de sua cabeça, vai ver só! Fará com que o teto baixe até o chão! Fará com que sua sala pareça muito baixa!”

“É assim que quero que pareça, baixíssima!”

Desistiu, então, de me convencer, dando de ombros. Quando terminou seu trabalho, perguntei-lhe se não gostava.

“Bem”, respondeu, “é estranho. Não, não posso dizer que *gosto*, porém... Bem, fica meio estranho, mas deve ser bonito quando alguém fica sentado olhando para o teto!”

“Essa é a minha idéia.”

“Mas se eu fosse a senhora e quisesse fazer esse gênero de coisa, colocaria um desses papéis de um azul vivo, com estrelas.”

“Não quero pensar que estou ao ar livre de noite”, expliquei. “Gostaria de imaginar que estou num pomar cheio de cerejeiras

floridas, ou sob um pilriteiro em flor.”

Ele abanou a cabeça, tristemente.

Mandamos fazer a maior parte das cortinas. Eu decidira que as colchas seriam feitas por mim. Minha irmã Madge — agora apelidada de Punkie, nome que o filho lhe dava — garantiu-me, com sua habitual tendência positiva, que eram muito simples de fazer. “Coloque alfinetes e corte-as do lado do avesso”, disse; “depois alinhave e vire do direito. É muito simples; qualquer pessoa sabe fazer isso.”

Tentei. Não ficaram com um aspecto muito profissional e não pude vangloriar-me delas, mas pareciam bonitas e alegres. Todos os nossos amigos admiravam nosso apartamento, e jamais tivemos tempos mais felizes do que esses, em que nos estávamos instalando ali. Lucy também achava o apartamento maravilhoso, e apreciou cada etapa de nossa instalação. Jessie Swannell resmungava o tempo todo, mas era surpreendentemente útil. Eu estava ciente de que ela nos odiava, ou antes, de que ela *me* odiava — creio que não desgostava de Archie. “Afim de contas”, como lhe explicava eu um dia, “um bebê tem que ter pais, ou então você não teria bebês para cuidar.”

“Ah, acredito que a senhora esteja falando a verdade”, respondeu, meio encabulada, sorrindo.

Archie começara a trabalhar na City. Disse-me que estava gostando e, na verdade, parecia entusiasmado. Ficou encantado por sair da força aérea, onde, segundo repetia, não teria futuro algum. Estava decidido a ganhar dinheiro. O fato de, nessa época, vivermos tão apertados não nos preocupava nem um pouco. Por vezes, Archie e eu íamos ao Palais de Danse, em Hammersmith, mas habitualmente passávamos sem divertimentos, visto que não tínhamos dinheiro para isso. Éramos um jovem casal como

muitos, mas muito feliz. A vida nos parecia bem programada para o futuro. Não possuíamos piano, o que eu lamentava — mas desferrava-me tocando furiosamente quando estava em Ashfield.

Casara-me com o homem que amava, tínhamos uma filha, um lugar onde morar e, tanto quanto podia ver, não havia razão alguma para que não pudéssemos viver felizes para sempre.

Um dia recebi uma carta. Abri-a, naturalmente, e li-a, a princípio sem entendê-la. Era de John Lane, diretor da Bodley Head, perguntando-me se eu poderia ir ao escritório deles, por causa de um manuscrito que lhes submetera, intitulado *O misterioso caso de Styles*.

Para falar a verdade, esquecera tudo a respeito de *O misterioso caso de Styles*. Nessa altura, havia dois anos já que o manuscrito estava com a diretoria da Bodley Head, e, com a excitação do fim da guerra, do regresso de Archie e do início da nossa vida comum, coisas como manuscritos e escrever haviam desaparecido de meus pensamentos.

Compareci ao encontro marcado, cheia de esperança. Pensando bem, deviam ter gostado um pouquinho do livro, ou não teriam me pedido para ir. Fui introduzida no gabinete de John Lane, ele ergueu-se para me cumprimentar; era um homem baixo, de barba branca, com uma aparência bastante elizabetana. À sua volta havia quadros por todo lado — nas cadeiras, encostados às mesas —, todos parecendo pintados por velhos mestres, pesadamente envernizados e amarelados pelo tempo. Pensei depois que ele próprio teria ficado muito bem numa daquelas molduras, com um babado em volta do pescoço. Suas maneiras eram suaves, amáveis; os olhos azuis, porém, eram argutos, o que me deveria ter posto de sobreaviso, alertando-me para o fato de que talvez fosse difícil negociar com ele. Cumprimentou-me, e

disse-me gentilmente que me sentasse. Olhei em volta — era impossível: todas as cadeiras estavam repletas de quadros. Ele, de repente, percebeu isso e riu. “Meu Deus”, disse, “não existe muito espaço disponível para se sentar, não é mesmo?” Removeu então de uma das cadeiras um sombrio retrato, e sentei-me.

Então, conversou comigo sobre meu manuscrito. Alguns de seus leitores, disse, acharam-no promissor; continha *algo* interessante. Teriam que ser consideradas, porém, não poucas alterações. O último capítulo, por exemplo: eu descrevia uma cena curta passada num tribunal; mas, tal como a fizera, era quase ridícula. Seria possível alterá-la para que terminasse de outra maneira? Alguém poderia ajudar-me acerca dos pormenores judiciais, embora isso não fosse fácil; ou então eu tiraria, pura e simplesmente, essa cena. Respondi imediatamente que achava que conseguiria alterá-la. Pensaria a esse respeito. Quem sabe deveria mudar o local da ação? De qualquer jeito, tentaria. John Lane fez ainda algumas observações, nenhuma realmente séria.

Abordou então o aspecto comercial, sublinhando o risco que corria um editor quando publicava um romance de autor desconhecido, e como seria difícil ganhar dinheiro com um livro assim. Finalmente, exibiu, tirando-o da gaveta de sua escrivaninha, um contrato, que me sugeriu que assinasse. Eu não me achava em estado de espírito para estudar contratos, nem mesmo para meditar a respeito deles. Ele ia publicar meu livro! Abandonara, havia alguns anos, a esperança de vir a ter algo publicado, exceto, ocasionalmente, um conto ou um poema, e a idéia de ter um livro editado entusiasmara-me. Nessa ocasião, teria assinado qualquer coisa! Por esse contrato, ficava obrigava a não receber quaisquer direitos autorais até que fossem vendidos os primeiros dois mil exemplares — só depois disso me seria paga

uma escassa porcentagem. Subseqüente publicação em revistas, ou direitos de adaptação teatral, iriam também para o editor. Nada disso tinha, para mim, muito sentido: o importante era que *meu livro ia ser publicado!*

Sequer notei que uma cláusula obrigava-me a oferecer meus próximos cinco romances a essa editora, apenas com ligeiro aumento de direitos autorais. Para mim, era um êxito, e uma imensa surpresa. Assinei com entusiasmo. Depois, levei comigo o manuscrito para corrigir as anomalias do último capítulo, coisa que fiz com a maior facilidade.

Foi assim que comecei minha carreira. Nessa ocasião, não suspeitava que viria a ser tão longa! A despeito da cláusula sobre meus próximos cinco romances, pensava que essa seria para mim uma experiência única e isolada. Ousara escrever uma história policial, ela fora aceita e apareceria em letra de imprensa. O assunto, para mim, ficaria encerrado aí. Certamente, nesse momento, sequer encarava a hipótese de escrever outros livros. Penso que, se me tivesse feito essa pergunta, responderia que provavelmente, de tempos em tempos, escreveria algum conto. Era uma amadora típica — nada em mim era profissional. Escrever representava uma diversão.

Fui para casa, exultante, e contei tudo a Archie. Nessa noite fomos ao Palais de Danse para comemorar.

Havia conosco uma terceira pessoa, embora eu não a percebesse. Hercule Poirot, minha invenção belga, estava pendurada ao meu pescoço, firmemente.

V

Depois de reescrever satisfatoriamente o último capítulo de *O misterioso caso de Styles*, devolvi-o a John Lane; respondi a mais algumas objeções e concordei com outras ligeiras alterações, e então o entusiasmo foi se desvanecendo, a vida continuou para nós como para qualquer outro casal feliz. Nós nos amávamos muito, tínhamos bastantes dificuldades financeiras, mas não éramos demasiado afetados por esse fato. Nosso tempo livre, nos fins de semana, era geralmente passado no campo, para onde íamos de trem e onde depois caminhávamos ao acaso.

O único golpe sério que se abateu sobre nós foi a perda da querida Lucy. Ela andava, havia tempo, com um aspecto preocupado e infeliz; finalmente, veio falar comigo um dia, dizendo-me: “Tenho muita pena de deixá-la, menina Agatha, quero dizer, minha senhora, e nem sei o que pensaria de mim a sra. Rowe, mas, bem, acho que vou me casar”.

“Vai se casar, Lucy? Com quem?”

“Com alguém que conheci antes da guerra. Sempre gostei dele!”

Recebi depois mais esclarecimentos de minha mãe. Logo que lhe contei, exclamou: “Não é esse tal Jack de novo, será?” Parece que minha mãe não gostava muito do “tal Jack”. Ele cortejara Lucy, mas não fora correto para com ela, e a família julgara, quando brigaram, que isso seria até bom para ela. Lucy, porém, fora fiel ao insatisfatório Jack, e ali estava: ia se casar, e teríamos que procurar outra empregada.

Na época, esse era um problema difícil de resolver. Não existiam empregadas em parte alguma. Finalmente, através de uma amiga ou de uma agência — não me recordo mais —,

encontrei uma, chamada Rose. Suas referências eram excelentes. Seu rosto era redondo e rosado, seu sorriso, agradável, e parecia-me preparada, de antemão, para gostar de nós. O único ponto difícil a resolver é que não queria ir para uma casa onde houvesse crianças e uma *nurse*. Achei que ela necessitava ser persuadida. Estivera trabalhando para gente do Corpo de Aviadores e, quando soube que meu marido pertencera a esse corpo também, suavizou-se, obviamente, em relação a mim. Disse-me que talvez meu marido tivesse conhecido seu patrão anterior, o comandante do Esquadrão G. Corri para casa e perguntei a Archie: “Você conhece, por acaso, o comandante do Esquadrão G?”

“Que me lembre, não”, respondeu Archie.

“Pois terá que se lembrar. Você tem que dizer que o encontrou uma vez, ou que eram muito amigos, ou algo assim. Temos que convencer Rose a ficar conosco. Ela é maravilhosa, realmente é! Se soubesse as criaturas horrorosas que me apareceram!”

Foi assim que, afinal, Rose nos olhou favoravelmente. Foi apresentada a Archie, que disse coisas agradáveis a respeito do comandante do Esquadrão G, e Rose se convenceu.

“Não gosto de *nurses*, porém”, disse em tom de advertência. “Na realidade, com as crianças não me incomodo; as *nurses*, essas sempre acabam criando complicações.”

“Oh, tenho certeza”, disse eu, “de que a *nurse* Swannell não causará a menor perturbação.” Eu não estava assim tão certa disso, mas achei que tudo terminaria bem. Eu seria a única a quem Jessie Swannell incomodaria, e isso eu já estava acostumada a suportar. Por acaso, Rose e Jessie entenderam-se muito bem. Jessie contou-lhe toda a sua vida na Nigéria e como gostara de ter uma multidão de pretos trabalhando sob sua

supervisão, e Rose narrou-lhe o que sofrera em seus vários empregos. “Passava fome!”, contou-me Rose um dia. “Às vezes quase me deixavam morrer de fome. Sabe o que me davam no café da manhã?”

Disse que não fazia a menor idéia.

“Peixe defumado”, disse Rose com ar sombrio. “Nada mais do que chá e um peixe defumado e torradas e manteiga e geléia. É claro, fiquei tão magrinha que parecia prestes a me esvair no ar!”

Nessa altura, não existiam sinais de que Rose pudesse esvair-se no ar — estava agradavelmente roliça. Contudo, preparei-me para que, quando comêssemos peixe defumado ao café da manhã, Rose pudesse contar com duas porções, ou até três, e também toicinho defumado em quantidades pródigas. Ela estava feliz conosco, acredito, e gostava de Rosalind.

Minha avó morreu pouco depois do nascimento de Rosalind. Mantivera-se bastante bem até quase o final, mas teve um acesso de bronquite e seu coração não pôde resistir. Morreu aos noventa e dois anos de idade e ainda gostava de viver; não estava surda demais, embora praticamente cega. Sua renda, como a de minha mãe, ficara muito reduzida depois da falência de Chaflin, em Nova York, mas os conselhos do sr. Bailey salvaram-na de perder todo o seu dinheiro. A renda que cabia a ela passou para mamãe. Não era muito, nesse tempo, porque algumas das ações se haviam desvalorizado com a guerra. Mesmo assim, minha mãe pôde conservar Ashfield. Sentia-me bastante infeliz por não poder contribuir com uma pequena renda para a manutenção de Ashfield, como fazia minha irmã. Mas realmente era impossível, no nosso caso — necessitávamos de cada centavo para sobreviver.

Um dia, eu estava falando em tom preocupado acerca das dificuldades em manter Ashfield, quando Archie, muito

sensatamente, me disse: “Você sabe? Seria muito melhor para sua mãe se ela vendesse essa casa e fosse morar em qualquer outro lugar”.

“Vender Ashfield!”, exclamei, horrorizada.

“Não vejo qual a vantagem para você. Nem sequer pode ir lá com freqüência.”

“Não posso ouvir falar da venda de Ashfield; amo essa casa! É... é... para mim ela é tudo!”

“Então por que não tenta fazer algo para solucionar o problema?”, disse Archie.

“O que quer dizer com isso? Eu, fazer *algo*?”

“Bem, acho que você poderia escrever outro livro.”

Olhei-o com alguma surpresa. “Acho que realmente poderia escrever outro livro, um dia desses; mas não seria de muita utilidade em relação a Ashfield, não é mesmo?”

“Poderia render-lhe muito dinheiro”, insistiu Archie.

A mim, não me parecia possível. *O misterioso caso de Styles* vendera perto de dois mil exemplares, o que não era mau, nesse tempo, para uma história policial de autor desconhecido. Rendera-me a exígua soma de vinte e cinco libras, não em direitos autorais, mas como metade dos direitos para a publicação em periódicos, que foram concedidos, bastante inesperadamente, ao *Weekly Times* por cinqüenta libras. Muito bom para meu prestígio, dissera John Lane. Era muito bom para um autor jovem ter um livro aceito pelo *Weekly Times*. Sem dúvida! Mas obter pelo meu livro vinte e cinco libras não me encorajava a pensar que seria possível ganhar dinheiro com a carreira literária.

“Se o livro era bom o bastante para que o aceitassem, e o editor ganhou *algum* dinheiro com ele, o que calculo haja sucedido, então esse editor quererá outro livro. Você deverá

receber um pouco mais de cada vez.” Escutei o conselho de Archie e concordei. Eu vivia admirada com o tino comercial de Archie. Considerei a idéia de escrever outro livro. Suponho que fosse escrevê-lo — qual seria o assunto?

Essa questão foi resolvida, para mim, num dia em que estava numa casa de chá. Duas pessoas conversavam a uma mesa próxima, falando sobre alguém cujo nome era Jane Fish. Esse nome chamou minha atenção, pois achei-o engraçado. Fui embora com o nome gravado em minha mente: Jane Fish. Isso, cogitei, poderia ser um bom começo para uma história — um nome ouvido numa casa de chá, um nome pouco comum, que qualquer pessoa, *ao ouvir*, guardaria na memória. Um nome como Jane Fish — talvez Jane Finn fosse melhor. Decidi-me por Jane Finn — e logo comecei a escrever. Primeiro intitulei-o *A alegre aventura*; depois, *Os jovens aventureiros*; finalmente, tornou-se *O inimigo secreto*.

Archie agira acertadamente ao arrumar emprego antes de pedir sua demissão do Corpo de Aviadores. Seus jovens colegas andavam desesperados. Haviam saído do serviço e não conseguiam encontrar emprego. Nossa campanha não parava de tocar, pois havia uma enorme quantidade de jovens vendendo meias ou oferecendo todo tipo de bugiganga doméstica. Era patético! Sentíamos tanta pena deles, que freqüentemente comprávamos um par de meias bastante ordinárias, só para animá-los um pouco. Alguns haviam sido tenentes da marinha ou do exército, e agora estavam reduzidos a isso. Outros escreviam poemas que tentavam vender.

Concebi a idéia de meter no meu livro um par de jovens como esses — uma moça que servira como voluntária e um rapaz que estivera no exército. Ambos estariam desesperados, procurando emprego, e então se encontrariam — talvez até já

tivessem se encontrado, um dia, no passado. E depois? Depois, pensei, ficariam envolvidos em... Sim, num caso de espionagem: seria um livro de espionagem, um livro arrepiante, não uma história meramente policial. Gostei da idéia — sempre era uma mudança, depois do trabalho de detetive de *O misterioso caso de Styles*. Comecei a escrever, fazendo primeiro um esboço. Fazer esse trabalho foi engraçado, no conjunto, e muito mais fácil do que escrever uma história policial, como, aliás, sempre acontece com esse gênero de livro.

Quando terminei, coisa que demorou algum tempo, levei-o a John Lane, que não gostou muito: não era do mesmo gênero de meu primeiro livro — não venderia nem metade do que vendera o primeiro, achava. Na verdade, ficaram indecisos quanto a publicá-lo ou não. Todavia, decidiram-se a fazê-lo. Dessa vez, não precisei realizar tantas alterações.

Tanto quanto me lembro, o livro vendeu bem. Ganhei algum dinheiro com os direitos autorais, o que já não era mau, e novamente vendi os direitos de publicação periódica para o *Weekly Times*, recebendo dessa vez cinqüenta libras. Era encorajador — se bem que não o bastante para me fazer pensar que adotara algo semelhante a uma profissão.

Meu terceiro livro foi *Assassinato no campo de golfe*. Creio que o escrevi não muito depois de uma *cause célèbre* ocorrida na França. Não consigo recordar o nome de nenhum dos protagonistas. Era uma história sobre homens mascarados que assaltavam uma casa, assassinavam o proprietário, amarravam e amordaçavam a mulher dele — a sogra também morrera, mas só aparentemente, porque engolira a dentadura postiça. Contudo, a história contada pela mulher não foi aceita; surgiram suspeitas de que ela tivesse matado o marido, sendo depois amarrada por um

cúmplice. Achei que seria um bom enredo, sobre o qual poderia tecer minha história, começando pela vida da mulher depois de ter sido absolvida do crime. Apareceria em algum lugar uma mulher misteriosa como protagonista de um caso de assassinato alguns anos antes. Dessa vez, o romance se passaria na França.

Hercule Poirot fora um êxito em *O misterioso caso de Styles*. Assim, foi-me sugerido que continuasse a usar essa personagem. Uma das pessoas que gostava de Poirot era Bruce Ingram, na época diretor da *Sketch*. Disse-me que escrevesse uma série de histórias de Poirot para a *Sketch*. Isso, sim, entusiasmou-me muito. Finalmente, estava tendo sucesso! Aparecer na *Sketch* — que maravilha! Ingram mandou fazer, também, um retrato imaginário de Hercule Poirot, que não deixava de ter semelhança com a idéia que eu própria tinha dele, embora o tivessem pintado um pouco mais elegante e mais aristocrático do que eu a princípio imaginara. Bruce Ingram queria uma série de doze histórias. Produzi oito em pouco tempo e, a princípio, pensou-se que as oito seriam bastantes, mas finalmente ficou decidido que eu as aumentaria para doze, e tive que escrever as outras quatro mais rapidamente do que desejava.

Escapara à minha atenção que não estava comprometida apenas com as histórias policiais, mas também com duas pessoas: Hercule Poirot e seu Watson, o capitão Hastings. Eu gostava do capitão Hastings. Era uma criação estereotipada, mas ele e Poirot representavam minha idéia de uma equipe de detetives. Ainda escrevia segundo a tradição de Sherlock Holmes — com um detetive excêntrico, um ajudante que contracenava com ele e um detetive da Scotland Yard do tipo de Lestrade, o inspetor Japp — e agora eu incluiria um cão de caça humano, o inspetor Giraud, da polícia francesa. Giraud desprezaria Poirot, considerando-o velho e

superado.

Começava a ficar consciente do terrível engano que cometera ao começar com um Hercule Poirot tão *velho* — deveria tê-lo abandonado depois dos primeiros três ou quatro livros e recomeçado com alguém bem mais moço.

Assassinato no campo de golfe fugia um pouco à tradição de Sherlock Holmes, influenciado, talvez, pelo *Mistério do quarto amarelo*. Era mais daquele estilo extravagante e fantasioso. Quando começamos a escrever um romance, somos muito influenciados pelo último autor cuja leitura nos agradou.

Acho que era um livro bastante bom, em seu gênero, embora melodramático demais. Dessa vez, imaginei um romance de amor para Hastings. Se era forçoso existir um enredo amoroso no livro, achei que seria melhor casar Hastings! Para falar a verdade, eu estava ficando um pouquinho cansada dele. Poderia ficar ligada a Poirot para toda a vida, mas não necessitava ficar também amarrada a Hastings.

O diretor da Bodley Head ficou satisfeito com *Assassinato no campo de golfe*, mas tive uma ligeira briga com ele acerca da capa do livro. As cores eram feias, o desenho não me agradava, e representava, tanto quanto eu podia ajuizar, um homem de pijama num campo de golfe, morrendo de ataque epilético. Como, em meu livro, o homem assassinado estava completamente vestido e fora morto com uma punhalada, levantei objeções. A capa de um livro *pode* não ter nada a ver com o enredo, mas, se tiver, pelo menos não deve ilustrá-lo erroneamente. Magoamo-nos durante nossas discussões, mas realmente eu estava furiosa e foi combinado que, de futuro, eu veria primeiro a capa dos livros, para dizer se estava ou não de acordo com elas. Já houvera uma pequena divergência com o diretor da Bodley Head, por causa da

ortografia da *palavra* “cacau”. Por qualquer estranho motivo, a maneira dessa casa escrever “*cocoa*” — querendo referir-se, por exemplo, a uma xícara de cacau — era “*coco*”, o que, como diria Euclides, não passava de um absurdo. Encontrei uma oposição feroz da parte da srta. Howse, o dragão que mandava na ortografia dos livros editados pela Bodley Head. “Cacau”, dizia ela, nas publicações da casa sempre fora escrito “*coco*”, era a ortografia correta e a regra da firma. Furneci latas de cacau e até dicionários — nada conseguia demover a srta. Howse. “*Coco*” era a ortografia certa, afirmava. Muitos anos depois, em conversa com Allen Lane, sobrinho de John Lane, fundador das edições Penguin, disse-lhe: “Sabe que tive brigas terríveis com a srta. Howse a respeito da maneira certa de se escrever ‘cacau?’”

Ele deu-me um largo sorriso: “Sei. Tivemos muito trabalho com ela quando começou a ficar velha. Era muito teimosa a respeito de certas coisas. Discutia com os autores, e nunca dava o braço a torcer”.

Inúmeras pessoas escreveram-me, dizendo: “Não posso entender, Agatha, por que você escreve ‘*coco*’ em seu livro, em vez de ‘*cocoa*’. É claro, você nunca foi lá muito competente em ortografia!” Que injustiça! Eu não era boa em ortografia, e ainda não sou boa em ortografia, mas “cacau” eu sabia escrever da maneira certa! O que eu tinha, afinal, era pouca combatividade. Era meu primeiro livro, e pensei que *eles* deveriam saber mais do que eu.

Recebi algumas críticas favoráveis a *O misterioso caso de Styles*, e a que me deu maior prazer apareceu no *Pharmaceutical Journal*. Louvava essa história policial por tratar de venenos de maneira competente, e não com disparates acerca de substâncias que não deixavam vestígios, como tantas vezes sucedia, “Agatha

Christie”, concluía, “certamente sabe do que está falando.”

Eu havia manifestado o desejo de escrever meus livros com um nome falso — Martin West ou Mostyn Croy —, mas John Lane insistira que eu mantivesse meu próprio nome, Agatha Christie. “Agatha é um nome pouco comum, que fica na memória das pessoas.” De modo que abandonei a idéia de Martin West e intitulei-me, daí em diante, Agatha Christie. Minha impressão era de que um nome de mulher criaria preconceitos nas pessoas contra a minha obra, especialmente por se tratar de histórias policiais; achava que Martin West seria mais másculo e direto. Contudo, como já disse, quando se publica um primeiro livro, cede-se facilmente a qualquer sugestão feita, e, nesse caso, acho que John Lane tinha razão.

Escrevera já três livros, estava casada e feliz, e o maior desejo de meu coração era morar no interior. Os Addison Mansions ficavam longe do parque. Empurrar o carrinho do bebê até lá e voltar não era fácil, nem para Jessie Swannell nem para mim. Havia, também, uma ameaça permanente: aqueles apartamentos estavam condenados à demolição. Pertenciam ao Lyons, que pretendia construir ali novos edifícios. A qualquer momento poderíamos receber o aviso de que o bloco ia ser demolido. Na realidade, trinta anos depois, nosso bloco nos Addison Mansions estava ainda de pé — embora hoje não mais exista. Em vez dele, ergue-se ali o Cadby Hall.

Nos fins de semana, Archie e eu às vezes íamos de trem até East Croydon para jogar golfe. Nunca fora grande jogadora de golfe, e Archie jogava pouco; tornara-se, porém, grande adepto desse jogo. Passado algum tempo, parecia-me que estávamos indo

todos os fins de semana para East Croydon. Não que realmente me importasse, mas fazia-me falta a oportunidade de explorar locais desconhecidos e fazer grandes caminhadas pelos campos. Afinal, essa forma de recreio viria a fazer grande diferença em nossas vidas.

Tanto Archie como Patrick Spence — amigo nosso que também trabalhava com Goldstein — estavam ficando muito pessimistas em relação a seus empregos: as promessas feitas ou sugeridas não pareciam estar em vias de se cumprir. Foram-lhes confiadas algumas diretorias, mas eram sempre em empresas frágeis, algumas à beira da bancarrota. Spence disse certa vez: “Acho que toda aquela gente é um grupo de saudáveis vigaristas! Está tudo legalizado, você sabe, mas não estou gostando daquilo. E você?”

Archie achava que alguns deles não possuíam boa reputação. “Gostaria”, acrescentou Archie pensativamente, “de poder mudar de emprego.” Ele gostava da vida da City e tinha aptidão para ela; à medida, porém, que o tempo ia passando, sentia cada vez menos entusiasmo quanto a seus patrões.

Foi então que surgiu algo totalmente imprevisto.

Archie tinha um amigo que fora diretor de estudos num colégio em Clifton, o major Belcher.

O major Belcher era um excêntrico. Possuía uma habilidade especial para blefar. Segundo sua própria confissão, conseguira, através de seus blefes, atingir a posição de controlador das batatas, durante a guerra. Até que ponto as histórias que Belcher contava a seu próprio respeito eram verdadeiras ou inventadas, nunca o soubemos. Contudo, esta que contou era ótima. Tinha entre quarenta e cinqüenta anos de idade quando a guerra começou e, embora lhe tivessem oferecido um posto no Ministério

da Guerra que lhe permitiria ficar na Inglaterra, não aceitou. Todavia, certa noite em que jantava com um VIP ¹, a conversa recaiu sobre o problema das batatas, que era, realmente, muito grave na guerra de 1914-18. Tanto quanto me lembro, as batatas haviam desaparecido quase completamente. No hospital, sei que jamais conseguíamos batatas. Se essa falta foi inteiramente devida ao controle do major Belcher, não o sei, mas não ficaria surpresa se assim fosse.

“Aquele tonto pomposo estava falando comigo”, contou Belcher, “e disse que o problema das batatas seria sério, sério mesmo. Eu disse então que era necessário fazer algo a esse respeito, e que existiam pessoas complicando demais o problema. Alguém deveria ficar com todo o controle na mão, um homem apenas deveria controlar tudo. Bem, ele concordou comigo. Mas, repare, continuei eu, essa pessoa teria que receber um salário muito alto. Não seria conveniente dar um salário miserável a um homem e esperar que trabalhasse bem. Para ocupar uma função dessas, deveria ser alguém superior. Teria que receber, pelo menos, e aqui mencionei uma quantia de vários milhares de libras. Isso é demais, retorquiu o VIP. Você terá que encontrar um homem capaz, eu insisti. Olhe aqui, disse-lhe, se você me oferecesse esse emprego, eu não o aceitaria por esse preço.”

Fora essa a frase que lhe abriu as portas. Poucos dias depois, Belcher foi convidado a aceitar a quantia cuja avaliação ele próprio fizera, e o controle das batatas.

“Que sabia você de batatas?”, perguntei-lhe.

“Não sabia absolutamente nada. Mas não ia deixar escapar essa oportunidade!

¹ “Very important people.” *Literalmente*, “gente muito importante”. (N. do E.)

Quero dizer, achei que encontraria uma solução — chamar, por exemplo, alguém que entendesse do assunto para trabalhar sob minhas ordens, ler um pouco a respeito, e pronto!” Belcher era um homem com extraordinária capacidade de impressionar as pessoas. Também acreditava sinceramente em seus próprios poderes de organização, e talvez se passasse muito tempo antes que alguém descobrisse a devastação que ele poderia causar. A verdade é que poucas vezes existiu alguém menos apto a organizar fosse o que fosse. A idéia dele, como aliás a de muitos políticos, era primeiro destruir inteiramente a indústria, ou o que quer que lhe estivesse confiado, e depois de provocar o caos, reorganizar tudo, como Ornar Khayyam poderia ter dito: “segundo os desejos de seu coração”. O pior é que, quando era necessário reorganizar, Belcher não era o homem indicado para isso. Raramente, porém, as pessoas percebem essa espécie de coisas, a não ser tarde demais.

Num certo período de sua carreira, Belcher estivera na Nova Zelândia, onde impressionou tão favoravelmente os diretores de uma escola com seus planos de reorganização, que correram a contratá-lo como seu diretor. Aproximadamente um ano mais tarde, ofereceram-lhe uma enorme quantia de dinheiro para que abandonasse o posto — não porque sua conduta não fosse respeitável, mas por causa da confusão que introduzira, do ódio que fizera nascer nas outras pessoas, e do prazer que nutria pelo que chamava de “uma visão avançada, moderna e progressista da administração”. Como ia dizendo, era um homem muito peculiar. Algumas vezes o detestávamos; outras, até gostávamos dele.

Belcher veio jantar conosco uma noite, quando já deixara o negócio das batatas, e explicou o que faria em seguida. “Já ouviu falar na Exposição do Império, que teremos dentro de dezoito

meses? Bem, essa coisa terá que ser devidamente organizada! Os domínios têm que ser alertados para que possam colaborar. Vou partir numa missão, a Missão da Exposição do Império Britânico, que dará a volta ao mundo, devendo sair no mês de janeiro.” Deu-nos detalhes de seus planos: “O que preciso é de alguém que me acompanhe como conselheiro financeiro. Que acha, Archie? Você sempre teve uma boa cabeça. Foi diretor de escola em Clifton e tem acumulado uma grande experiência na City. Você é justamente o homem de que necessito”.

“Não poderia abandonar meu emprego”, replicou Archie.

“Por que não? Explique a seu patrão. Faça-lhe notar o quanto aumentará sua experiência. Espero que conserve o lugar para você.”

Archie respondeu que duvidava muito que o sr. Goldstein fizesse algo no gênero.

“Bem, pense a respeito, rapaz. Gostaria muito que você me acompanhasse. Agatha também poderia vir, é claro. Ela gosta de viajar, não é mesmo?”

“Sim”, respondi monossilabicamente.

“Vou dizer-lhes qual será o itinerário. Primeiro iremos à África do Sul. Você, eu e uma secretária, claro. Conosco irão também os Hyams. Não sei se você conhece Hyam — é o rei da batata de East Anglia. Ótimo rapaz. Grande amigo meu. Estará com a mulher e a filha. Só irão até a África do Sul. Hyam não poderá continuar a viagem porque está tratando de muitos negócios aqui. Depois, iremos à Austrália, à Nova Zelândia. Na Nova Zelândia ficarei algum tempo — tenho lá muitos amigos, gosto do lugar. Teríamos então, vamos dizer, um mês de férias. Poderemos ir até o Havaí, se quisermos, a Honolulu.”

“Honolulu”, suspirei. Tudo aquilo me soava como um sonho.

“Depois vamos ao Canadá, e então regressamos. A viagem durará nove ou dez meses. Que me dizem?”

Finalmente, compreendemos que falava sério. Começamos então a responder com cuidado. As despesas de Archie seriam todas pagas, naturalmente; além disso, receberia um salário de mil libras. Se os acompanhasse, praticamente todas as minhas despesas também seriam pagas, visto acompanhar Archie como esposa, e teríamos passagens gratuitas nos navios e nas companhias ferroviárias dos vários países.

Trabalhamos furiosamente para apurar o estado de nossas finanças. Afinal, parecia possível. O salário de Archie de mil libras deveria cobrir minhas despesas em hotéis e o mês de férias para ambos em Honolulu. Seria um pouco apertado, mas possível.

Archie e eu fomos duas vezes ao estrangeiro em férias curtas: uma vez ao sul da França, aos Pireneus; outra vez à Suíça. Ambos adorávamos viajar; eu certamente me habituara, com aquela precoce experiência aos sete anos de idade. De qualquer jeito, ansiava por ver o mundo e parecia-me muito provável que esse meu sonho jamais se realizaria. Agora estávamos entregues à luta pela vida, à vida de negócios, e esse tipo de vida, que eu soubesse, não possibilitava mais do que quinze dias de férias por ano. Em quinze dias não se pode ir longe. Sonhava visitar a China e o Japão, a Índia e o Havaí, e muitos outros lugares, mas meu sonho fora sempre, até então, e provavelmente continuaria sendo, apenas um sonho.

“O único problema”, disse Archie, “é saber se o velho Rosto Amarelo concorda ou não com esse plano.”

Disse esperançosamente a Archie que ele certamente lhe era de grande utilidade. Archie, porém, achava que o patrão poderia substituí-lo por alguém tão bom quanto ele — existiam muitas

peessoas à procura de emprego. Seja como for, o Rosto Amarelo não concordou. Disse que *poderia* empregar novamente Archie, quando regressasse — dependeria das circunstâncias; certamente, porém, não garantia guardar-lhe o lugar. Seria pedir demais. Archie teria que correr o risco de encontrar seu lugar preenchido. De modo que debatemos o assunto:

“É um risco”, disse eu. “Um risco terrível!”

“Sim, é um risco. Estou consciente de que, provavelmente, quando desembarcarmos de novo na Inglaterra, sem um centavo, só nos restará um pouco mais de cem libras por ano, da parte dos dois. Empregos serão tão difíceis quanto agora, talvez mais ainda. Por outro lado, bem, se não correremos riscos, nunca chegaremos a parte alguma, não acha?”

“Você é quem resolve”, disse ainda Archie. “O que faremos de Teddy?” Teddy era o apelido que, nessa altura, dávamos a Rosalind, porque uma vez, acredito, a chamáramos assim por brincadeira.

Punkie — o nome que todo o mundo dava agora a Madge — tomaria conta de Teddy. Ou então mamãe, qualquer delas ficaria encantada. E Rosalind tinha uma *nurse*. Sim, sim, tudo isso estava bem. “É a única oportunidade que jamais teremos”, disse eu ansiosamente.

E ficamos pensando, pensando, pensando!

“É claro, *você* pode ir sozinho”, eu disse, lutando para não ser egoísta; “e eu ficarei.”

Olhei para Archie.

“Não deixarei *você*”, disse ele. “Não teria metade do encanto se *você* não viesse junto. Não, ou corremos o risco e *você* também vem, ou não. Mas *você* é quem tem que decidir, porque *você* vai arriscar mais do que eu, realmente.”

De maneira que meditamos novamente, e aceitei o ponto de vista de Archie.

“Acho que você está certo. É a nossa oportunidade. Se não a aproveitarmos, ficaremos a vida toda furiosos. Como você disse, se não temos coragem para correr um risco por algo que realmente desejamos, quando chega a ocasião, a vida não vale a pena ser vivida.”

Jamais fôramos pessoas que fogem dos riscos. Persistimos em nos casar contra toda a oposição, e agora estávamos decididos a ver o mundo e arrostar com todas as conseqüências, no regresso.

Os arranjos domésticos não foram difíceis. O apartamento dos Addison Mansions poderia ser alugado vantajosamente, e isso pagaria os salários de Jessie. Minha mãe e minha irmã ficariam encantadas em tomar conta de Rosalind e da *nurse*. A única objeção surgiu no último momento, quando soubemos que meu irmão Monty iria retornar da África, em licença. Minha irmã estava indignada porque eu pretendia partir justamente quando ele chegava de visita à Inglaterra.

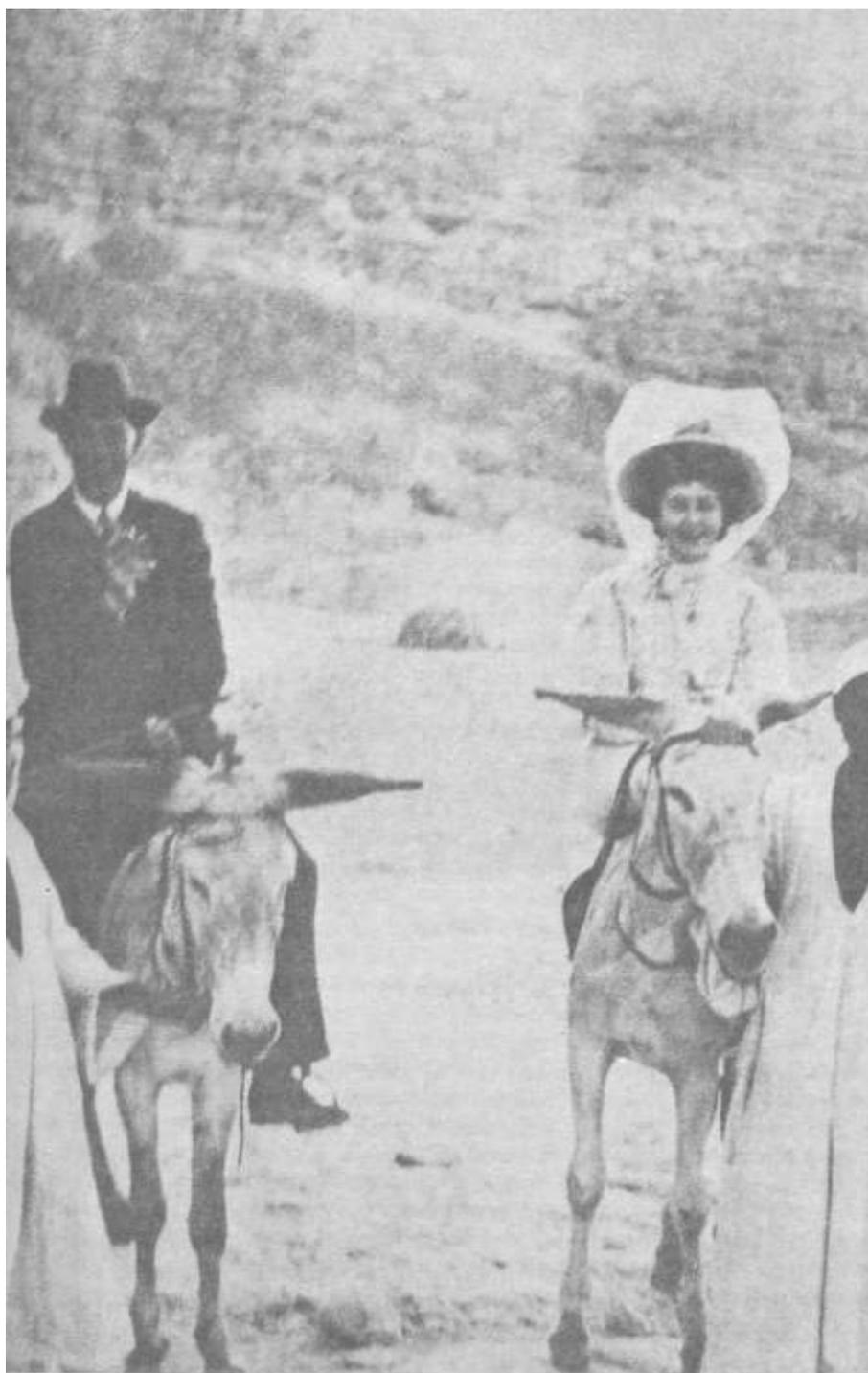
“Seu único irmão regressa a casa, depois de ter sido ferido na guerra, depois de *anos* de ausência, e você escolhe essa data para dar a volta ao mundo! Acho uma vergonha. Você deveria colocar seu irmão em primeiro lugar!”

“Bem, não sou de sua opinião”, respondi. “Devo, em primeiro lugar, pensar em meu marido. Ele vai fazer essa viagem, e devo ir com ele. As mulheres *devem* acompanhar seus maridos.”

“Monty é seu único irmão e é sua única oportunidade de vê-lo, talvez por muitos anos, novamente.”

Madge conseguiu perturbar-me; contudo, mamãe estava totalmente do meu lado. “O dever de uma mulher é acompanhar o

marido”, disse ela. “O marido deve estar sempre em primeiro lugar, mesmo em relação aos filhos, e um irmão é, afinal, um parente mais afastado do que um filho. Recorde sempre isto: se você não acompanhar seu marido, se o deixar sozinho, *acabará por perdê-lo*. Sobretudo um homem como Archie.”



Passeio no Egito.

“Também não é assim!”, exclamei, indignada. “Archie é a pessoa mais fiel do mundo!”

“Com os homens, nunca se sabe”, disse minha mãe, imbuída do verdadeiro espírito vitoriano. “A mulher *deve* estar sempre junto de seu marido, caso contrário ele se sentirá no direito de esquecê-la.”

Sexta parte

VOLTA AO MUNDO

I

Dar a volta ao mundo foi uma das coisas mais emocionantes que já me aconteceu. Foi de tal modo excitante que não acreditava que fosse verdade. Repetia incessantemente para comigo: “Vou dar a volta ao mundo!” O apogeu de toda a viagem, é claro, seriam as nossas férias em Honolulu. Ir para uma ilha dos mares do sul estava além dos meus sonhos mais extravagantes. É difícil avaliar hoje, com as facilidades que existem para viajar, o que eu sentia naquele momento. Cruzeiros e excursões ao estrangeiro tornaram-se coisas tão normais, nos tempos de hoje! São razoavelmente baratos, e parece que todo mundo consegue, finalmente, viajar.

Quando Archie e eu fomos aos Pireneus, viajamos na segunda classe, sentados a noite inteira. (A terceira classe nos trens estrangeiros era considerada mais ou menos como os alojamentos da terceira classe nos navios. Na verdade, mesmo na Inglaterra, as senhoras sozinhas nunca viajavam de terceira classe. Segundo a opinião de vovó, na terceira classe só se encontravam percevejos, piolhos e bêbados. Mesmo as empregadas das senhoras viajavam sempre na segunda classe.) Nos Pireneus caminhávamos de lugar para lugar e dormíamos em hotéis baratos. Mesmo assim, duvidamos que nos fosse possível fazer a mesma coisa no ano seguinte.

Agora cintilava em nosso horizonte uma viagem verdadeiramente luxuosa. Belcher, naturalmente, programara tudo em estilo de primeira classe. Só o melhor seria bastante bom

para a Missão da Exposição do Império Britânico. Todos seríamos aquilo a que se chama, hoje em dia, VIPS.

O sr. Bates, secretário de Belcher, era um jovem sério e crédulo. Embora excelente secretário, tinha a aparência de um vilão de melodrama, com seus cabelos negros, olhos faiscantes e aspecto algo sinistro.

“Parece um autêntico bandido, não é mesmo?”, perguntou Belcher. “Dá a impressão de que vai cortar nosso pescoço a qualquer momento. Na verdade, é um homem da maior respeitabilidade.”

Antes de chegarmos à Cidade do Cabo, já pasmávamos de ver como Bates suportava ser secretário de Belcher. Era incessantemente destrutado, e trabalhava a qualquer hora do dia ou da noite; dependendo da disposição de Belcher, revelava seus filmes, escrevia e reescrevia as cartas que lhe ditava, pois ele as alterava constantemente. Presumo que recebesse um bom salário — nada, a não ser isso, tornaria esse emprego suportável, especialmente porque ele nem sequer tinha grande amor por viagens. Na realidade, as terras estranhas punham-no bastante nervoso, sobretudo porque receava as cobras, que, estava convencido, encontraria aos montes em todos os países a que fôssemos. Acho que pensava que as cobras estariam expressamente à sua espera para atacá-lo.

Apesar de termos embarcado na melhor das disposições, meu encantamento foi imediatamente desfeito. O tempo estava atroz. A bordo do *Kildonan Castle* tudo parecia perfeito, até que o mar se fez sentir no navio. O golfo de Biscaia foi o pior de tudo. Eu jazia em minha cabine, gemendo, nauseada. Por quatro dias mantive-me prostrada, incapaz de conseguir conservar no estômago o que quer que fosse. Finalmente, Archie pediu ao

médico de bordo que desse uma olhada em mim. Acho que o médico não levou a sério a náusea provocada pelo mar. Deu-me um remédio que me ajudaria, em sua opinião, “a pôr qualquer coisa no estômago”; mas, como o remédio saía tão logo entrava, não me foi de grande proveito. Continuei a gemer e sentia-me morrer; na verdade, *parecia* morta; uma mulher de uma cabine ao lado, vendo-me de relance pela porta entreaberta, perguntou à camareira de bordo, com grande interesse: “A senhora dessa cabine já morreu?” Uma noite, falei a Archie seriamente: “Quando chegarmos à ilha da Madeira, se ainda estiver viva, vou sair deste navio”.

“Oh, acho que dentro em pouco vai se sentir bem.”

“Não, jamais me sentirei bem de novo. Tenho que sair deste navio. Tenho que pisar terra firme.”

“O ideal seria você regressar à Inglaterra”, disse Archie; “mesmo que desembarcasse na Madeira.”

“Não”, respondi. “Poderia ficar morando lá. Poderia arrumar algum trabalho.”

“Que espécie de trabalho?”, perguntou Archie incredulamente.

A verdade é que nesse tempo era difícil encontrar trabalho para mulheres. As mulheres eram sustentadas por seus pais ou por seus maridos, ou eram viúvas que viviam do que seus maridos lhes haviam deixado, ou do que a família podia lhes providenciar. Podiam ser damas de companhia de senhoras idosas ou governantas de crianças. Encontrei, porém, a resposta para a objeção dele: “Posso ser empregada em qualquer casa”, disse; “até que não desgostaria de ser empregada doméstica”.

Empregadas domésticas eram sempre necessárias, especialmente se fossem altas, para o serviço das salas e para

servir à mesa, à francesa, e não tinham dificuldades em encontrar emprego — leia-se o encantador livro de Margery Sharp, *Cluny Brown*. Eu tinha certeza de que seria uma empregada bem-qualificada. Sabia quais os copos para cada vinho que deveria colocar na mesa. Sabia abrir e fechar a porta de entrada. Sabia limpar a prataria — éramos sempre nós que limpávamos nossa prataria, as molduras das fotografias e outros objetos, em nossa casa — e poderia servir à mesa razoavelmente bem. “Sim”, disse com voz bem fraca, “poderia ser empregada doméstica.”

“Bem, vamos ver”, disse Archie, “quando chegarmos à ilha da Madeira.”

Quando enfim chegamos, estava tão fraca que mal podia erguer-me da cama. Realmente, eu própria sentia que a única solução seria permanecer a bordo e morrer daí a poucos dias. Depois de uma parada de cinco ou seis horas, contudo, senti-me de repente muito melhor. A manhã seguinte nasceu ensolarada e brilhante, e o mar estava calmo. Perguntava-me qual o motivo por que fizera tamanho rebuliço — como acontece freqüentemente a quem enjoa. Afinal, realmente não sentia mais nada. Apenas estivera nauseada.

Não existe, no mundo, diferença tão completa como essa entre alguém que sofre de enjôo e alguém que não sofre. Um não entende o estado do outro. E eu nunca fui, realmente, boa marinheira. Todo mundo me garantia que, depois dos primeiros dias, me sentiria bem. Comigo, porém, não foi assim. Sempre que o mar se agitava, eu ficava doente, especialmente se o navio jogava da popa à proa. Como, porém, durante nossos cruzeiros quase sempre tivemos bom tempo, passei muito bem.

Minhas recordações da Cidade do Cabo permanecem mais vivas do que as de outros lugares. Era o primeiro porto de verdade

a que chegamos e também tudo era novo e diferente. Os cafres, a montanha da Mesa, com sua curiosa forma achatada, o brilho do sol, os deliciosos pêssegos, os banhos de mar — tudo foi maravilhoso. Nunca mais voltei à Cidade do Cabo — realmente, não posso entender por quê! Gostei tanto! Instalamo-nos num dos melhores hotéis, onde Belcher se fez logo notar: ficou furioso com a fruta servida ao café da manhã, dura e verde. “Que nome dão vocês a isto?”, rugia ele. “Pêssegos? Podem jogá-los ao chão que não lhes sucederá mal algum.” Juntou a ação à palavra e fez pular no chão uns cinco pêssegos ainda verdes. “Estão vendo? Não se esmagam. Se estivessem maduros, eles teriam ficado esmagados.”

Foi então que percebi que viajar com Belcher poderia não ser tão agradável como nos parecera em nossa casa, à mesa do jantar, um mês antes.

Este não é um livro de viagens — é somente uma tentativa de reviver as recordações que permanecem em minha memória dos tempos que tiveram importância para mim, dos locais e incidentes que me encantaram. A África do Sul foi um desses locais. A partir da Cidade do Cabo, o grupo dividiu-se: Archie, a sra. Hyam e Sylvia foram a Port Elizabeth, de onde se reuniriam a nós na Rodésia¹. Belcher, o sr. Hyam e eu fomos às minas de diamantes em Kimberley, continuando por Matopos e seguindo para Salisbury. Minha memória faz-me reviver esses dias quentes e poeirentos, no trem, que rumava para o norte através de Karoo. Sentia-me constantemente sedenta, e bebia limonadas geladas. Recordo uma longa e reta estrada de ferro em Bechuanalândia².

¹ *Atual Zimbábue. (N. do E.)*

² *Atual Botsuana. (N. do E.)*

Acodem-me à memória vagas lembranças de Belcher, que vivia destratando Bates e discutindo com Hyam. Achei Matopos interessantíssimo, com os grandes rochedos arredondados, empilhados como se um gigante os tivesse arrumado ali.

Em Salisbury passamos dias agradáveis entre ingleses simpáticos e alegres, e então Archie e eu fizemos uma rápida viagem às cataratas de Vitória. Estou contente por não ter voltado lá, porque assim minha primeira recordação se manteve intacta. Lembro-me das árvores grandiosas, de uma neblina de chuva fina e macia, do arco-íris colorido; vagueava pela floresta com Archie e, vez por outra, o arco-íris se desfazia, deixando avistar, por tantalizantes segundos, as quedas-d'água em toda a sua glória. Sim, coloco isso entre *minhas* sete maravilhas do mundo.

Fomos a Livingstone e vimos crocodilos nadando e hipopótamos. Dessa viagem de trem, trouxe animais esculpidos em madeira que mercadores nativos nos ofereciam nas várias estações por onde íamos passando. Eram estatuetas encantadoras. Ainda possuo várias dessas peças, esculpidas em madeira macia e marcadas, suponho, com um ferro em brasa: antílopes africanos, girafas, hipopótamos, zebras — simples, primitivas e com um encanto muito peculiar.

Fomos a Johannesburg, de que não lembro nada; a Pretória, de que recordo a pedra dourada do Union Building; depois a Durban, que foi para mim uma decepção, porque tínhamos que tomar banho de mar numa espécie de cercado de rede. A coisa de que mais gostei na Província do Cabo foram os banhos de mar. Sempre que podíamos dispor de um pouco de tempo — ou, antes, quando Archie podia —, pegávamos o trem e íamos a Muizenberg

com nossas pranchas de surfe. As pranchas na África do Sul eram feitas de madeira, finas e leves, fáceis de carregar, e logo descobrimos o truque de subir nas ondas. De vez em quando nos machucávamos, quando mergulhávamos de nariz na areia, mas de modo geral era um esporte fácil e muito divertido. Fazíamos piqueniques sentados nas dunas de areia. Recordo as lindas flores, especialmente, creio, em casa do bispo, ou no palácio, onde devemos ter ido a alguma festa. Havia dois jardins: um de flores vermelhas e outro de altas flores azuis. O “jardim azul” era particularmente bonito, com suas touceiras de dentelárias.

Nossas finanças andaram bem na África do Sul, o que nos animou. Fomos hóspedes do governo em praticamente todos os hotéis, e tínhamos passagens gratuitas nas linhas ferroviárias, de modo que só nos foi dispendiosa — e seriamente — nossa viagem particular às cataratas de Vitória.

Da África do Sul navegamos para a Austrália. Foi uma viagem bastante longa e sem atrativos. Para mim era um mistério que, segundo a explicação do comandante, o caminho mais curto para a Austrália consistisse em descer em direção ao pólo e depois subir novamente. Desenhou mapas que, finalmente, me convenceram; convenhamos, porém, que é difícil recordar que a terra é redonda e os pólos são achatados. Embora seja um fato geográfico, não é fácil para nós aceitá-lo. Não houve muito sol, mas a viagem foi calma e agradável.

Sempre me pareceu curioso que os países jamais sejam descritos de modo que os reconheçamos quando, por acaso, os visitamos. Minha idéia da Austrália eram grandes quantidades de cangurus e uma vasta área desértica. O que me sobressaltou, quando chegamos a Melbourne, foi o extraordinário aspecto das árvores: os eucaliptos tornavam a paisagem diferente. Parece-me

que a primeira coisa que me chama a atenção, quando viajo, são as árvores, ou então a forma dos montes. Na Inglaterra estamos acostumados a que as árvores possuam troncos escuros e galhos leves, com folhagem; na Austrália dava-se o inverso, coisa bastante surpreendente. Por toda parte enxergavam-se troncos de casca prateada, com folhagem mais escura, fazendo com que parecessem o negativo de uma fotografia. Isso invertia todo o aspecto da paisagem. Outra coisa que me fascinou foram as araras; azuis, vermelhas e verdes, voavam pelos ares em grandes bandos. Seu colorido era, realmente, maravilhoso: lembravam jóias que voassem.

Demoramos pouco tempo em Melbourne, e de lá fizemos várias viagens. Recordo especialmente uma delas, por causa das gigantescas samambaias. Essa folhagem da selva tropical era a última coisa que esperava encontrar na Austrália. Eram lindas e muito interessantes. Só a comida não era tão agradável. Exceto no hotel em Melbourne, onde era boa e variada, parece-me que sempre comemos carne e peru incrivelmente duros. As instalações sanitárias também eram ligeiramente embaraçantes para alguém com educação vitoriana. As senhoras do grupo eram cortesmente enfiadas num aposento onde havia, isolados, dois urinóis no meio do chão, prontos a ser utilizados, caso necessário. Não havia qualquer privacidade, e esse era um problema difícil de resolver.

Cometi uma gafe na Austrália e outra na Nova Zelândia, ao ocupar meu lugar à mesa. Geralmente, a missão era convidada pelo prefeito ou pela Câmara do Comércio nos vários lugares que visitávamos; na primeira vez que isso sucedeu, fui, com toda a inocência, sentar-me junto do prefeito, ou de qualquer outro dignitário. Uma mulher de meia-idade e olhar ácido disse-me então: “Acho, sra. Christie, que *preferirá* sentar-se junto de seu

marido!” Bastante envergonhada, apressei-me a tomar meu lugar junto de Archie. O que era próprio, nesses almoços, era cada esposa sentar-se junto do marido. Ainda uma vez, na Nova Zelândia, esqueci esse pormenor; só a partir daí fiquei conhecendo meu lugar.

Na Nova Gales do Sul, fomos instalados num posto de residência para oficiais, chamado, julgo, Yanga, do qual recordo um grande lago com cisnes negros. Era um quadro maravilhoso. Ali, enquanto Belcher e Archie se ocupavam de assuntos tais como as reivindicações do império britânico, a migração dentro do império, a importância do comércio, etc., etc., tive licença para passar um dia sentada no laranjal. Havia uma confortável cadeira comprida, um sol delicioso e, tanto quanto me lembro, chupei vinte e três laranjas — selecionando-as cuidadosamente das árvores à minha volta. Laranjas maduras, vindas diretamente da árvore, são a coisa mais deliciosa que se pode imaginar! Fiz ali muitas descobertas a respeito de frutas. Ananases, por exemplo. Sempre imaginara que os ananases pendessem graciosamente de árvores. Foi espantoso descobrir uma plantação que, a princípio, eu julgara de couves, mas era, na realidade, de ananases! De certo modo, foi decepcionante. Pareceu-me uma forma muito prosaica de cultivar tão deliciosa e succulenta fruta.

Parte da nossa viagem foi feita de trem, e outra grande parte, de carro. Compreendo agora como poderia ser assustador dirigir por aquelas imensas extensões de pastagens planas, sem que nada quebrasse a linha do horizonte, exceto periódicos moinhos de vento, e como seria fácil perdermos nosso rumo. O sol estava tão alto, por cima de nossas cabeças, que não podíamos ter idéia de onde ficava o norte ou o sul, o leste ou o oeste. Não havia marcos para nos guiar. Jamais pudera conceber que existisse um

deserto verdejante de capim; sempre pensara em desertos áridos e arenosos — mas, mesmo nestes, parece-me que há mais marcos, ou pelo menos protuberâncias pelas quais nos guiáremos, coisa que absolutamente não havia nas planícies de capim da Austrália.

Fomos a Sydney, onde nos divertimos bastante. Ouvira dizer que Sydney e o Rio de Janeiro possuem os dois mais belos portos do mundo, mas fiquei decepcionada. Minha expectativa fora excessiva, suponho. E, como nunca fui ao Rio de Janeiro, posso continuar imaginando a beleza de sua baía.

Foi em Sydney que tivemos nosso primeiro contato com a família Bell. Sempre que penso na Austrália, penso nos Bells. Uma mulher jovem, um pouco mais velha que eu, aproximou-se de mim certa noite, no hotel em Sydney, e apresentou-se, dizendo chamar-se Una Bell. Convidou-nos para passar alguns dias em sua fazenda em Queensland. Como Archie e Belcher teriam de viajar para algumas cidades a trabalho, ficou combinado que eu a acompanharia à fazenda, em Couchin Couchin, e lá esperaria pela chegada deles.

Fizemos uma longa viagem de trem, recordo-me — várias horas —, e eu morria de cansaço. Depois, viajamos de carro e finalmente chegamos a Couchin Couchin, perto de Boona, em Queensland. Estava ainda meio sonolenta, quando deparei com uma cena exuberante de vida. A casa estava com todas as luzes acesas, quer dos quartos quer das salas, e repleta de moças bonitas, umas sentadas, outras servindo-nos bebidas — chocolate, café, tudo o que quiséssemos —, e todo mundo falava ao mesmo tempo, tagarelando e rindo. Tive a vaga sensação de estar contemplando um espetáculo duplicado ou quadruplicado. Parecia-me que a família Bell era composta de vinte e seis membros! No dia seguinte, vi que eram apenas quatro moças e

outros tantos rapazes. Elas se assemelhavam todas um pouco entre si, exceto Una, que era morena. As outras eram louras, altas, com rostos um pouco longos; todas muito graciosas em seus movimentos, todas maravilhosas amazonas, todas irrequietas e enérgicas garotas.

Foi uma semana maravilhosa. A energia das jovens Bell era tal que mal dava para acompanhá-las, mas sucumbi ao charme de todos os irmãos, sucessivamente: Victor, que era alegre e flertava maravilhosamente; Bert, que montava esplendidamente a cavalo; Frick, tranqüilo e apreciador de música. Acho que foi por Frick que quase me apaixonei. Anos depois, seu filho Guilford juntou-se a Max e a mim, em nossas expedições arqueológicas ao Iraque e à Síria, e ainda considero Guilford quase meu próprio filho.

A figura dominante na família Bell era a mãe, a sra. Bell, viúva havia muitos anos. Possuía algumas das características da rainha Vitória: era baixa, de cabelos grisalhos, quieta mas autoritária; governava autocraticamente e era tratada como uma soberana.

Entre os vários domésticos, empregados da fazenda e outros ajudantes, a maioria era mestiça, e só havia um ou dois aborígenes puros. Aileen Bell, a caçula das irmãs Bell, disse-me logo na primeira manhã: “Você tem que ver Susan”. Perguntei quem era Susan. “Susan é uma das pretas.” Os indígenas eram sempre tratados de pretos. “Susan é uma das pretas, mas é genuína, puro-sangue autêntica, e é capaz de fazer as imitações mais maravilhosas.” Então, veio até junto de nós uma indígena, idosa e curvada. Reinava tanto no seu meio quanto a sra. Bell entre os seus familiares. Fez para mim imitações de todas as moças e de todos os irmãos, das crianças e até dos cavalos: mimava com naturalidade e divertia-se muito dando seu espetáculo. Cantou

também estranhas canções que, no entanto, me pareceram desafinadas.

“Agora, Susan”, disse Aileen, “imite mamãe indo lá fora ver as galinhas.” Susan abanou negativamente a cabeça e Aileen explicou que ela nunca imitava a sra. Bell. “Diz que não seria respeitoso, que jamais poderia fazer tal coisa!”

Aileen possuía vários cangurus domesticados, e alguns cangurus diferentes, menores, assim como muitos cachorros e, naturalmente, cavalos. Todo mundo insistia para que eu montasse, mas recusei, porque achava que minhas experiências com caçadas em Devonshire não me permitiam intitular-me seriamente de amazona. Além disso, ficava sempre nervosa quando montava cavalos de outra pessoa, com medo de machucá-los. Eles cederam, e fomos passear de carro. É uma experiência interessante assistir à reunião do gado e a todos os outros aspectos da vida de uma grande fazenda. Os Bells possuíam, segundo parece, grandes terrenos em Queensland, e, se tivéssemos tido tempo, disse Aileen, ela me levaria a visitar a fazenda do norte, muito mais selvagem e primitiva. Nenhuma das moças da família Bell parava de falar. Adoravam os irmãos e consideravam-nos abertamente uns heróis, de uma maneira inteiramente nova para mim. Andavam sempre de um lado para outro, de fazenda para fazenda, visitando amigos, indo a Sydney, a corridas de cavalos e flertando com vários jovens, a quem se referiam sempre chamando-os de “cupons” — suponho que uma reminiscência da guerra.

Finalmente, Archie e Belcher chegaram, exaustos pelos trabalhos e deslocamentos efetuados. Tivemos um fim de semana despreocupado e alegre, com vários passatempos que eu desconhecia, como, por exemplo, uma expedição num pequeno

trem que me permitiram dirigir por alguns quilômetros, para irmos assistir a uma festa de membros do Parlamento do Partido Trabalhista Australiano. O almoço foi divertido, e todos bebemos demais; por isso, nos vários turnos que fizemos conduzindo o trem, quase corremos perigo mortal, porque o lançávamos numa velocidade tremenda...

Despedimo-nos tristemente de nossos amigos — ou da maior parte deles, porque alguns iriam acompanhar-nos a Sydney. Tivemos um rápido vislumbre das montanhas Azuis, e mais uma vez fiquei extasiada pela paisagem, colorida como jamais vira. À distância, os montes *eram*, realmente, azuis — de um azul-cobalto, não daquele azul-cinza que associamos à idéia de montanhas longínquas. Pareciam recém-pintados num pedaço de papel.

A Austrália fora extenuante para a Missão da Exposição do Império Britânico. Todos os dias haviam sido preenchidos com discursos, jantares, almoços, recepções, longas viagens para locais diferentes. Nessa altura, eu já sabia de cor todos os discursos de Belcher. Ele discursava com facilidade, com total espontaneidade e entusiasmo, como se as idéias lhe acabassem de ocorrer. Archie fazia com ele um bom contraste, por seu ar prudente e sua sagacidade financeira. Archie, logo a princípio (na África do Sul, creio), fora mencionado nos jornais como diretor do Banco da Inglaterra. Nenhum dos desmentidos que fez foi publicado; portanto, continuou diretor do Banco da Inglaterra.

Da Austrália fomos à Tasmânia, viajando de Launceston para Hobart. Hobart é de uma enorme beleza, com seu porto, seu mar azul-profundo, suas flores, árvores e arbustos. Planejei voltar um dia, para morar.

De Hobart fomos à Nova Zelândia. Lembro-me muito bem

dessa viagem, porque caímos nas garras de um homem a quem chamávamos de “Desidratador”. Àquela época, a idéia dos alimentos desidratados fazia furor. Esse homem não olhava nunca para qualquer alimento sem pensar em como poderia ser desidratado, e, a cada refeição, vinham até nós, de sua mesa, pratos cheios, com o pedido de que os experimentássemos. Deu-nos a provar cenouras desidratadas, ameixas, tudo — e tudo, sem exceção, sabia exatamente a *nada!*

“Se tiver que continuar fingindo comer dessa comida desidratada”, disse Belcher, “vou enlouquecer.” Como, porém, o Desidratador era rico e poderoso, e poderia vir a ser de grande utilidade para a Exposição do Império Britânico, Belcher controlava-se e continuava a fingir que apreciava muito as cenouras e batatas desidratadas.

Por essa altura, as primeiras delícias da viagem em grupo iam se esgotando. Belcher não era mais aquele nosso amigo que poderia ser um razoável companheiro de jantar. Tornara-se rude, despótico, arbitrário, indelicado e mesquinho em questões curiosamente pouco importantes. Por exemplo: mandava-me sair, com freqüência, para lhe comprar meias brancas de algodão, ou qualquer roupa de que necessitava, mas nunca me pagava as compras que fazia para ele.

Se, por qualquer motivo, ficava maldisposto, era de tal modo impossível aturá-lo que nesses momentos o odiávamos. Comportava-se exatamente como uma criança mal-educada e mimada. Tinha, porém, uma faceta conciliatória: quando recuperava a boa disposição, podia exhibir tanta bonomia e charme que, não sei bem como, esquecíamos nosso prévio ranger de dentes e ficávamos, de novo, nos termos mais amistosos. Quando ia ter um acesso de má disposição, sempre se sabia de antemão,

pois parecia que começava a inchar lentamente e seu rosto tornava-se vermelho como o de um peru. Então, mais cedo ou mais tarde, arremetia contra todo mundo. Quando estava de bom humor, contava histórias de leões, das quais tinha grande estoque.

Creio que ainda considero a Nova Zelândia a mais linda região que vi até hoje. É um cenário maravilhoso! Estivemos em Wellington num dia perfeito: algo que, a julgar pelo que disseram seus habitantes, raramente sucedia. Fomos a Nelson e então descemos à ilha do Sul, pelos desfiladeiros Buller e Kawarau. Por toda parte maravilhei-me com a beleza do país. Jurei, então, que um dia iria de novo à Nova Zelândia na primavera — a primavera deles, é claro, não a nossa — para ver a *rata* em flor: um deslumbramento de dourado e vermelho. Mas não retornei. Porque, durante a maior parte de minha vida, a Nova Zelândia esteve muito longe. Agora, na era das viagens aéreas, são só dois ou três dias de viagem; meu tempo de viajar, porém, findou.

Belcher mostrava-se contente por estar de volta à Nova Zelândia. Tinha aí muitos amigos, e sua felicidade fazia pensar num menino em férias. Quando Archie e eu partimos para Honolulu, deu-nos sua bênção, insistindo que nos divertíssemos bastante. Archie sentia-se no paraíso por não ter que trabalhar, não ser forçado a pelear contra um colega mal-humorado e estapafúrdio. Nossa viagem foi lenta, pois paramos nas Fidji e outras ilhas. Achamos Honolulu muito mais sofisticada do que pensáramos, com muitos hotéis, estradas e automóveis. Chegamos cedo, pela manhã, fomos para nossos quartos no hotel e, imediatamente, vendo pela janela gente fazendo surfe, corremos para a praia, alugamos pranchas e mergulhamos no mar. Éramos, claro, totalmente ingênuos. Estava um dia ruim para fazer surfe —

um desses dias em que só os peritos vão para o mar; mas nós, que havíamos feito surfe na África do Sul, acreditávamos saber tudo a esse respeito. Acontece que em Honolulu era diferente. A prancha, por exemplo, era um grande pedaço de madeira, quase que pesado demais para que o pudéssemos erguer. Deitamo-nos em cima dela e nadamos vagorosamente até os recifes, a um quilômetro e meio de distância — pelo menos, foi o que me pareceu. Aí colocamo-nos na devida posição e esperamos por uma dessas ondas que nos atiram até a praia. Não é tão fácil quanto parece. Primeiro, temos que reconhecer a espécie de onda própria para isso, e depois, ainda mais importante, temos que reconhecer a onda que *não serve*, porque se formos apanhados por uma daquelas que nos arrasta para o fundo só Deus nos poderá ajudar.

Eu não era uma nadadora tão experiente quanto Archie, de modo que demorei mais tempo a atingir os recifes. Por essa altura, já perdera Archie de vista; presumi que estivesse flutuando em direção à praia, negligentemente, como os outros estavam fazendo. De modo que me coloquei apropriadamente em cima da minha prancha e esperei pela onda. Ela veio. Era da espécie imprópria. Num abrir e fechar de olhos eu e minha prancha fomos atiradas quilômetros uma da outra. Primeiro, a onda, depois de me arrastar violentamente para o fundo do mar, sacolejou-me muito. Quando atingi a superfície, sem respiração e tendo engolido enormes quantidades de água salgada, avistei minha prancha, flutuando a quase um quilômetro de mim, em direção à praia. Nadei laboriosamente atrás dela. Foi recuperada para mim por um jovem norte-americano que me cumprimentou com as seguintes palavras: “Escute, irmã, se eu fosse você, hoje não faria surfe. Você está se arriscando demais. Tome a prancha e nade direitinho para a praia”. Segui imediatamente o conselho.

Passado pouco tempo, Archie veio ter comigo. Também ele fora separado de sua prancha. Sendo bom nadador, conseguiu recuperá-la rapidamente. Fez mais duas ou três tentativas e conseguiu ser bem-sucedido. Mas estávamos machucados, completamente exaustos. Devolvemos as pranchas, fomos para o quarto e caímos, estafados, na cama. Dormimos quatro horas e ainda nos sentíamos exaustos quando despertamos. Disse a Archie, um pouco em dúvida: “Acha mesmo que dá grande prazer fazer surfe?” E depois, com um suspiro: “Quem me dera estar em Muizenberg!”

Da segunda vez em que me meti na água, ocorreu uma catástrofe. Meu lindo maiô de seda, que me cobria dos ombros aos tornozelos, foi-me mais ou menos arrancado pela força das ondas. Quase nua, recorri à minha saída de praia e fui abastecer-me na loja do hotel com um maravilhoso e reduzido maiô de lã, verde-esmeralda, que fez a alegria da minha vida e me pareceu assentar-me muito bem. Archie era da mesma opinião.

Passamos quatro dias luxuosos nesse hotel; depois tivemos que procurar algo mais barato. Por fim, alugamos um pequeno chalé, do outro lado da rua, em frente do hotel. Ficava pela metade do preço. Passávamos os dias na praia fazendo surfe e, pouco a pouco, fomos também ficando peritos, pelo menos do ponto de vista europeu. Nossos pés foram bastante cortados pelos corais, até que compramos umas botas macias de couro especial que se amarravam nos tornozelos.

Não posso dizer que gostamos dos nossos primeiros quatro ou cinco dias de surfe — foi penoso demais; tivemos, porém, de longe em longe, momentos de intensa alegria. Em breve aprendemos também a fazer surfe da maneira mais fácil. Pelo menos eu aprendi; Archie geralmente ia até os recifes por seus

próprios meios. A maior parte das pessoas contratava os serviços de um rapaz havaiano que as rebocava para fora, segurando a prancha com o dedo grande do pé e nadando vigorosamente. Depois as pessoas esperavam as instruções do rapaz havaiano: “Não, esta agora não, senhora. Não, não, espere — *agora!*” Quando pronunciava a palavra “agora”, lá íamos na onda, e então era divino! Não existe nada igual! Nada como correr sobre a água a uma velocidade que nos parece de muitos quilômetros por hora, e que abranda suavemente na praia quando nos afundamos nas ondas macias! É um dos prazeres físicos mais completos que já experimentei.

Passados dez dias, comecei a ficar audaciosa. Depois da largada, erguia-me cuidadosamente até ficar de joelhos na prancha e procurava ficar em pé. As primeiras seis vezes não consegui, mas não me machuquei — apenas perdi o equilíbrio e caí da prancha. É claro, todas as vezes perdia a prancha, o que significava uma cansativa perseguição, nadando atrás dela, mas, se estava com sorte, o rapaz havaiano a recuperava. Então ele me rebocava de novo, e eu recomeçava. Que sensação de triunfo total no dia em que me equilibrei e vim até a praia, de pé sobre minha prancha!

Mas não deixáramos de ser principiantes: subestimamos completamente a força do sol. Como estávamos sempre molhados e dentro d’água, não avaliávamos os efeitos do sol. Claro que, normalmente, deve-se fazer surfe de manhã cedo ou à tardinha, mas nós íamos, alegres, ao meio-dia — ao meio-dia, como bons simplórios que éramos. Os resultados não demoraram. Costas e ombros que ardiam a noite toda, dores horrorosas, e depois a pele coberta de bolhas. Envergonhava-me ir jantar com um vestido de toailete. Cobria meus ombros com uma echarpe de gaze, e Archie

arrostava os olhares de zombaria e ia para a praia de pijama. Passei a usar uma espécie de camisa branca, que me cobria os ombros e os braços. Assim podíamos ficar sentados ao sol, evitando seus raios ardentes, e só despíamos essas roupas no momento em que íamos nadar. Mas, nessa altura, os danos provocados pelo sol já não tinham remédio, e demorou muito até que meus ombros melhorassem. Há algo de humilhante no fato de uma pessoa arrancar uma enorme faixa de pele morta de seu próprio corpo...

Nosso pequeno chalé era rodeado de bananeiras — mas as bananas, tal como os ananases, deixaram-me ligeiramente decepcionada. Imaginara que bastaria estender a mão, colher uma banana da penca e comê-la. As bananas, porém, não são tratadas dessa forma em Honolulu. Constituem uma importante fonte de receita, e são, por isso, cortadas enquanto ainda estão verdes. No entanto, embora não pudesse comer bananas da árvore, pude apreciar uma enorme variedade de bananas que não sonhava existirem. Lembro-me da *nursie*, quando eu tinha apenas três ou quatro anos, descrevendo para mim a diferença que havia entre as bananas da Índia e de São Tomé, que eram enormes e não comestíveis, e as outras bananas, pequenas e deliciosas — ou seria o contrário? Honolulu oferecia umas dez variedades de bananas. Havia as bananas vermelhas, grandes, fofas por dentro, bananas de cozinhar, etc., etc. Banana-maçã tinha outro sabor, acho.

Os próprios havaianos também me decepcionaram ligeiramente. Imaginara-os criaturas de aprimorada beleza. Senti-me logo um pouco repelida pelo forte cheiro do óleo de coco com que as moças se besuntavam, e muitas delas não deviam nada à formosura. As enormes refeições de ensopados de carne, muito

apimentadas, também não eram o que eu imaginara. Sempre fora idéia minha que os polinésios se alimentavam principalmente de deliciosas e variadas frutas. A paixão que tinham por ensopados de carne surpreendeu-me.

Nossas férias estavam chegando ao fim, e suspirávamos de desgosto ao pensar que retomariamos a servidão. Também começávamos a ficar levemente apreensivos a respeito de nossas finanças. Honolulu fora muito mais dispendioso do que pensáramos. Tudo o que comíamos e bebíamos era três vezes mais caro do que imagináramos. O aluguel de pranchas, os serviços do rapaz havaiano — tudo custava dinheiro. Até aí, tudo bem; mas chegou o momento em que uma certa ansiedade quanto ao futuro começou a nos atormentar. Ainda iríamos ao Canadá, e as mil libras de Archie minguavam rapidamente. Nossas passagens de navio já estavam pagas, de modo que nada havia a recear quanto a isso. Eu podia ir até o Canadá e regressar à Inglaterra. Mas, e as despesas durante a viagem pelo Canadá? Como faríamos? Contudo, procuramos afastar essa preocupação e continuamos a fazer surfe desesperadamente, enquanto podíamos. Desesperadamente demais, como se provou.

Havia algum tempo eu já sentia uma dor forte no pescoço e no ombro. Passei a acordar todo dia, por volta das cinco da manhã, com uma dor quase insuportável no ombro e no braço direitos. Estava sofrendo de bursite, embora não soubesse. Se tivesse um mínimo de sensatez, teria parado de fazer movimentos com esse braço e abandonaria o surfe, mas tal idéia jamais cruzou minha mente. Só dispunha de mais três dias ali, e não podia suportar a idéia de perder um só momento.

Continuei a fazer surfe, erguendo-me e agüentando-me de pé na prancha, exibindo minhas proezas até o final. De noite, porém,

não conseguia dormir, cheia de dores. Mantinha ainda o otimismo de pensar que essa dor desapareceria logo que deixássemos Honolulu e eu parasse de fazer surfe. Como estava enganada! Continuei a padecer dores insuportáveis por quase um mês.

Belcher não estava amável quando de novo nos encontramos. Parecia guardar algum ressentimento por causa de nossas rápidas férias. Era tempo de trabalharmos um pouco, falou. “Ociosos todo esse tempo, sem fazer nada, Deus do céu! É extraordinário como isso aconteceu, pagar a pessoas que não trabalham!” Belcher esquecia o fato de que ele próprio passara uma temporada bem agradável na Nova Zelândia, e sua fúria era causada, principalmente, por ter sido obrigado a separar-se dos seus queridos amigos...

Como minhas dores continuavam, fui ao médico. Ele não foi de muita valia; deu-me um unguento qualquer para friccionar em meu cotovelo quando a dor fosse muito forte. Suponho que era algo à base de cápsico: quase fez um buraco em minha pele, e não melhorei das dores. Sentia-me agora muito mal. As dores eram contínuas, e eu ficava deprimida. Começavam logo pela manhã. Costumava levantar-me e passear pelo quarto, o que me dava a ilusão de tornar a dor suportável. Por uma ou duas horas melhorava, mas o sofrimento voltava, e com redobrado vigor.

Minhas dores fizeram-me esquecer nossos problemas financeiros. Chegara, porém, a hora de os enfrentarmos. As mil libras de Archie haviam praticamente chegado ao fim. À nossa frente ainda tínhamos três semanas. Chegamos à conclusão de que a única coisa a fazer seria eu não acompanhá-los à Nova Escócia e ao Labrador, partindo para Nova York tão logo o dinheiro findasse. Poderia ficar com tia Cassie ou com May, enquanto Archie e Belcher pesquisassem a indústria de peles de

raposas prateadas.

Mesmo assim as coisas não seriam fáceis. Eu podia pagar os hotéis, as refeições é que ficavam dispendiosas. Descobri, no entanto, um plano bastante bom: faria do café da manhã minha única refeição. Esse desjejum custava um dólar — mais ou menos quatro xelins, em moeda inglesa. Iria tomá-lo no restaurante e comeria tudo o que estivesse incluído pelo mesmo preço no cardápio. Era, devo confessar, bastante coisa: laranja, mamão, bolinhos de trigo, panquecas com mel, ovos e presunto. Quando terminava, sentia-me como uma jibóia bem recheada, e conseguia ficar sem comer até a noite.

Recebemos vários presentes durante nossa estada nos domínios: um adorável tapete para Rosalind, azul, enfeitado com vários animais, que ia colocar na sua *nursery*, e muitas outras coisas mais — echarpes, um outro tapete, etc. Entre esses presentes havia um enorme pote de extrato de carne da Nova Zelândia. Trouxéramos o pote conosco, e agora estava bem contente por o termos feito, pois via que dependeria dele para meu sustento. Como lamentava, agora, não ter lisonjeado o Desidratador o bastante para que ele me tivesse presenteado com grandes quantidades de cenouras, carne, tomates e outras deliciosas especialidades desidratadas!

Quando Archie e Belcher tinham de ir a jantares das Câmaras de Comércio, ou quaisquer outros jantares de instituições oficiais, metia-me na cama, tocava a campainha chamando a empregada e, dizendo-lhe que não estava me sentindo bem, pedia uma grande xícara de água fervente, como remédio para minha indigestão. Depois, sozinha, juntava à água o extrato de carne, e assim me alimentava até a manhã seguinte. Era um pote imenso, durou aproximadamente dez dias. É claro

que às vezes eu também era convidada para almoços e jantares. Eram dias festivos! Fui particularmente afortunada em Winnipeg, onde a filha de um dos altos funcionários civis me visitou no hotel e me levou para almoçar num hotel de luxo. Foi uma refeição gloriosa! Aceitei todas as substanciais iguarias que me ofereceram. Ela comia bem pouquinho. Não sei o que terá pensado de meu apetite.

Creio que foi em Winnipeg que Archie acompanhou Belcher na visita a uns silos de cereais. Decerto, deveríamos ter pensado que alguém que sofria de sinusite jamais deveria aproximar-se de cereais armazenados, mas suponho que essa idéia não ocorreu a Archie, como também não me ocorreria a mim. Regressou, nesse dia, com os olhos cheios de lágrimas, e parecia tão doente que fiquei completamente alarmada. No dia seguinte conseguiu viajar até Toronto, mas não agüentou mais e cancelou a visita.

Belcher, é claro, ficou furioso. Não mostrou a menor compaixão. Archie estava abandonando-o, queixava-se. Archie era jovem e forte, que absurdo desistir assim à toa da viagem! Sim, ele bem sabia que Archie estava com febre alta. Mas se não era sadio, não deveria ter empreendido essa viagem. Agora, ele, Belcher, teria que tratar de tudo sozinho. Bates não prestava para nada, como todo mundo sabia. Bates só servia para fazer as malas, e ainda assim não ficavam bem-feitas. Aquele tonto nem as calças sabia dobrar direito!

Chamei o médico do hotel, que diagnosticou uma congestão pulmonar e disse que Archie não deveria sair e que, pelo menos durante uma semana, não poderia retomar qualquer atividade. Fumegando de raiva, Belcher partiu, deixando-me, quase sem dinheiro, com um doente a delirar. Sua temperatura subira muitíssimo. Além do mais, apareceu-lhe urticária: estava coberto

dela da cabeça aos pés, e sofria horrores com a irritação e com a coceira.

Foram dias terríveis, e sinto-me feliz por sequer me lembrar, hoje, de meu sentimento de desespero e solidão. A comida do hotel não convinha a Archie, e eu ia comprar fora o necessário à sua dieta: água de cevada e um mingau bem ralinho, de que ele gostava bastante. Pobre Archie, nunca vi ninguém tão enlouquecido como ele, com aquela medonha urticária! Sete ou oito vezes por dia tinha de passar-lhe em todo o corpo uma esponja embebida numa solução de bicarbonato de sódio, o que lhe trazia certo alívio. Ao terceiro dia, o médico sugeriu que pedíssemos a opinião de outro médico. Dois homens, que mais pareciam dois mochos, instalaram-se dos lados da cama de Archie, muito sérios, abanando gravemente as cabeças e dizendo que o caso era grave. Ah, como é possível que essas coisas aconteçam e que possamos enfrentá-las! Certa manhã, a temperatura de Archie desceu, sua urticária mostrou sinais de regressão, e tornou-se evidente que ele estava a caminho da recuperação; eu é que, nessa altura, me sentia mais débil do que um gato recém-nascido, principalmente, creio, devido à tremenda ansiedade daqueles longos dias.

Quatro ou cinco dias depois, Archie estava novamente bem, embora ainda se sentisse fraco; fomos reunir-nos ao detestável Belcher. Esqueci para onde seguimos depois; possivelmente para Ottawa, que adorei. Era outono, e as aceráceas estavam uma beleza. Ficamos hospedados numa casa particular, de um almirante de meia-idade, um homem encantador, que tinha um adorável cão-lobo da Alsácia. Esse cão puxava um pequeno carro, no qual eu passeava entre as árvores do jardim.

Depois de Ottawa, fomos a Rockies, ao lago Louise e a Banff.

O lago Louise foi, durante bastante tempo, minha resposta, quando me perguntavam qual o lugar mais belo que eu vira. Era um grande, comprido lago azul, bordejado por montanhas baixas, todas de forma admirável, com cumes nevados ao fundo. Em Banff tive um golpe de sorte. Minha bursite ainda me causava muitas dores, e resolvi experimentar as águas sulfurosas que muita gente garantia que me fariam bem. Todas as manhãs mergulhava nessas águas; era uma espécie de piscina onde, numa das pontas, se apanhava água quente logo que saía da nascente, ainda cheirando fortemente a enxofre. Deixava correr essa água na nuca e no ombro. Para grande alegria minha, ao cabo de quatro ou cinco dias a bursite desapareceu, e praticamente para sempre. Estar livre das dores foi para mim um indescritível prazer.

Estávamos em Montreal, Archie e eu. Nossos caminhos iam separar-se! Archie acompanharia Belcher às fazendas onde eram criadas as raposas prateadas, e eu pegaria o trem para Nova York. Meu dinheiro estava totalmente esgotado.

A tia Cassie foi esperar-me. Foi tão boa para mim, tão afetuosa, tão doce! Fiquei morando com ela no apartamento que possuía na Riverside Drive. Devia estar já com muita idade — perto de oitenta anos, penso. Levou-me a visitar sua cunhada, a sra. Pierpont Morgan, e alguns dos membros mais jovens da família Morgan. Também me levou a restaurantes esplêndidos, onde me alimentei deliciosamente. Falou-me muito acerca de meu pai e dos tempos que ele passara em Nova York. Foi uma temporada feliz. Perto do final da minha estada, a tia Cassie perguntou-me o que me daria mais prazer fazer no último dia que eu lá passaria. Respondi-lhe que gostaria de comer uma refeição em uma cafeteria. As cafeterias ainda eram desconhecidas na Inglaterra, mas eu sabia da sua existência através das minhas

leituras, e estava curiosa para ver como eram. A tia Cassie achou meu desejo extraordinário. Não podia conceber que *alguém* desejasse comer numa cafeteria; porém, como só queria agradar-me, foi comigo. Era, segundo disse, a primeira vez que entrava numa cafeteria. Peguei a bandeja e fui escolhendo no balcão o que me apetecia. Achei a nova experiência muito divertida.

Finalmente, Archie e Belcher chegaram a Nova York. Estava contente porque, a despeito de toda a bondade da tia Cassie, começava a me sentir como um pássaro numa gaiola dourada. A tia Cassie jamais sonhou em me deixar andar sozinha. Isso era coisa completamente fora de meus hábitos, acostumada como estava a me movimentar livremente em Londres, e começava a me sentir nervosa.

“Mas por que não poderei ir sozinha, tia Cassie?”

“Oh, nunca se sabe o que pode suceder a uma pessoa tão jovem e bonita como você, e que ademais não conhece Nova York.”

Assegurei-lhe que não havia perigo algum, mas ela insistia em me mandar de carro com o motorista para todo lado, ou então em me acompanhar ela própria. Por vezes, sentia uma vontade imensa de escapular por três ou quatro horas, mas sabia que a tia Cassie ficaria preocupada. No entanto, passei a apreciar a idéia de que, em breve, estaria em Londres, onde poderia sair pela porta afora sempre que quisesse.

Archie e Belcher ficaram uma noite em Nova York; no dia seguinte, embarcamos no *Berengaria* de regresso à Inglaterra. Não posso dizer que tenha gostado de me sentir, de novo, no mar, mas dessa vez enjoiei moderadamente. O mau tempo, todavia, chegou em má ocasião, pois acabáramos de iniciar um torneio de bridge, e Belcher insistia em que eu fosse sua parceira. Eu não queria; Belcher era bom jogador de bridge, mas detestava de tal modo

perder que, sempre que isso acontecia, ficava extremamente carrancudo. No entanto, pensei que em breve ficaria livre dele, e por isso aceitei entrar no torneio. Inesperadamente, fomos até o final. Foi nesse dia que se levantou vento, e o navio começou a jogar, da popa à proa. Eu não ousava sequer pensar em me retirar, e minha esperança era que não me sucedesse nenhuma desgraça à mesa do jogo. Foram dadas as cartas da última partida e, quase imediatamente, Belcher, com uma terrível carranca, jogou as suas na mesa.

“Não vale a pena jogar com estas cartas, realmente”, disse de, “não vale a pena.” Belcher franzia furiosamente o sobrolho, e estou certa de que pouco faltou para abandonar as cartas e oferecer o jogo aos adversários. Eu, contudo, parecia ter pegado todos os ases e reis do baralho. Joguei atrozmente; por sorte, as cartas não se negaram a jogar sozinhas. Eu, simplesmente, não podia perder! Na agonia de estar me sentindo de novo nauseada, puxei a carta errada, esqueci o trunfo, fiz todas as tolices possíveis — só que minha mão era esplêndida. Ganhamos triunfalmente o torneio, e pude retirar-me para minha cabine, onde fiquei a gemer até que aportamos à Inglaterra.

Acrescento como pós-escrito a essa aventura de um ano que quebramos nossa promessa de não mais falarmos com Belcher. Tenho certeza de que quem ler estas páginas irá entender. As fúrias que tantas vezes sentimos quando estamos engaiolados com outra pessoa evaporam-se rapidamente quando passa a tensão. Para enorme surpresa nossa, descobrimos que, na realidade, *gostávamos* de Belcher, que apreciávamos sua companhia! Muitas ocasiões, depois disso, veio jantar conosco e fomos jantar com ele.

Recordamos juntos, em perfeita harmonia, os vários acontecimentos da nossa volta ao mundo, dizendo, de vez em quando, para ele: “Você comportou-se de maneira atroz, e sabe que temos razão!”

“Acho que sim, acho que sim”, dizia Belcher. “Eu sou desse jeito, vocês sabem!” E fazia um gesto com a mão. “E é preciso não esquecer que eu tinha muitas preocupações, e vocês dois não tinham nenhuma. Não me aborreceram nem um pouco, exceto quando Archie bancou o idiota e resolveu ficar doente. Senti-me perdido nos quinze dias que tive de passar sem ele. Você não pode dar um jeito nesse seu nariz e nessa sinusite? Como é que pode viver com uma sinusite dessas? Eu não poderia!”

Belcher viera dessa viagem inesperadamente noivo. Uma bela moça, filha de um oficial, trabalhara como sua secretária na Austrália. Belcher tinha já, pelo menos, cinqüenta anos de idade, e ela devia ter, calculo, dezoito ou dezenove. Seja como for, um dia, anunciou-nos subitamente: “Tenho uma boa notícia para vocês. Vou me casar com Gladys!” E casou-se mesmo com Gladys. Ela chegou de navio pouco depois de nosso regresso. Por mais estranho que pareça, acho que foi um casamento feliz, e durou muitos anos. Gladys era de caráter fácil, gostava de viver na Inglaterra e sabia manobrar muito bem o ranzinza do Belcher. Soubemos, porém, passados mais ou menos dez anos, que eles iam se divorciar.

“Ela encontrou alguém de quem gostou”, anunciou Belcher. “Não posso censurá-la, realmente. É muito jovem, e, é claro, eu para ela sou um velhote rabugento. Ficamos bons amigos, e vou dar-lhe de presente uma quantia apreciável. Ela é uma boa moça.”

Numa das primeiras ocasiões em que jantamos juntos, depois de voltarmos à Inglaterra, eu disse a Belcher: “Você sabe

que ainda me deve duas libras, dezoito xelins e oito *pence*, das meias brancas que comprei para você?”

“Meu Deus do céu!”, exclamou ele. “Devo mesmo? E você ainda espera reaver esse dinheiro?”

“Não”, respondi.

“Está certa”, disse Belcher. “Porque não vai receber esse dinheiro nunca!” E ambos demos uma gargalhada.

II

A vida, na verdade, assemelha-se a um navio — isto é, ao interior de um navio, com seus compartimentos estanques. Emergimos de um deles, selamos e trancamos as portas e nos encontramos dentro de outro. Minha vida, desde o dia em que deixamos Southampton até o dia em que regressamos à Inglaterra, foi um desses compartimentos. Desde então, sinto sempre a mesma coisa em relação a viagens. Passamos de uma maneira de viver para outra. Decerto, continuamos os mesmos, mas somos ao mesmo tempo diferentes. A nova personalidade desembaraçou-se das centenas de teias de aranha e fios que nos envolvem, como um casulo, na vida do dia-a-dia doméstico: cartas a escrever, contas a pagar, tarefas a cumprir, amigos que queremos visitar, fotografias para revelar, roupas para cerzir, *nurses* e empregadas a aplacar, vendedores e lavanderias a censurar! A vida em viagem é da essência do sonho. É algo fora do normal e, no entanto, faz parte da nossa vida. Está povoada de pessoas que jamais havíamos visto e que, segundo todas as probabilidades, jamais veremos de novo. Pode acontecer, eventualmente, algo aborrecido, tal como o enjôo e a solidão, a saudade de alguém a quem

amamos muito — Rosalind, minha mãe, Madge. Mas nos sentimos como os *vikings* ou os mestres marinheiros da era elizabetana, que entraram num mundo de aventura, e o lar só é lar quando regressamos.

Foi exaltante partir; foi maravilhoso regressar. Rosalind tratou-nos, sem dúvida, como merecíamos, como pessoas estranhas a quem jamais vira. Olhando-nos friamente, perguntou: “Onde está minha titia Punkie?” Minha irmã vingou-se de mim explicando-me exatamente o que Rosalind podia comer, o que devia usar, como deveria educá-la, etc...

Depois das primeiras alegrias do reencontro, surgiram os obstáculos. Jessie Swannell não se adaptara, incapaz de se entender com minha mãe. Fora substituída por uma babá um pouco mais idosa, chamada entre nós de Cuco. Acho que adquiriu esse apelido porque, quando se deu a mudança de *nurses* e Jessie Swannell foi embora chorando amargamente, a nova *nurse* tentou ganhar as simpatias da sua nova tutelada fechando e abrindo a porta da *nursery*, pulando para fora e para dentro, enquanto exclamava alegremente: “Cuco! Cuco!” Rosalind não pareceu apreciar essas demonstrações, e berrava a cada vez que isso acontecia. No entanto, tornou-se, com o tempo, extremamente afeiçoada à sua nova companheira. Cuco era uma pessoa atarantada, incompetente de nascença. Era também cheia de amor e de bondade, mas perdia e quebrava tudo, e suas observações eram tão idiotas, às vezes, que mal podíamos acreditar em nossos ouvidos. Rosalind divertia-se com tudo isso. Bondosamente, passou a ocupar-se de Cuco e a tratar dos assuntos dela.

“Meu Deus, meu Deus!”, escutava-se na *nursery*. “Onde será que eu coloquei a escova da minha queridinha? Onde poderá ter

sido? Será que a botei no cesto da roupa?”

“Vou achar a escova para você, *nannie*”, dizia a voz de Rosalind. “Aqui está, na sua cama.”

“Meu Deus, meu Deus! Como é que fui deixá-la aí!”

Rosalind achava as coisas que Cuco perdia, arrumava as coisas de Cuco e até lhe dava instruções sobre o carrinho, quando saíam juntas: “Não cruze agora a rua, *nannie*; não é o momento apropriado, vem vindo um ônibus... Está indo pelo caminho errado, *nannie*... Pensei que iríamos à loja de lãs, *nannie*; este não é o caminho certo para a loja de lãs!” Essas instruções eram pontuadas pelas exclamações de Cuco: “Meu Deus! Meu Deus! Então como foi que eu... Em que é que eu estava pensando?”, etc., etc.

As únicas pessoas que achavam Cuco difícil de aturar eram Archie e eu própria. Cuco não parava de falar. O único remédio era tapar os ouvidos e não escutá-la, embora, de vez em quando, quase louca, eu fosse forçada a mandá-la calar-se. Enquanto seguíamos de táxi para Paddington, as observações de Cuco fluíam ininterruptas como um rio. “Olhe aqui, queridinha, olhe agora pela janela. Está vendo esse grande casarão? É a Selfridges. A Selfridges é um lugar encantador. Você pode comprar tudo lá, tudo o que você precisar.”

“Isso é a Harrods, *nurse*”, dizia eu friamente.

“Meu Deus, meu Deus, é claro que é a Harrods. É a Harrods, não é mesmo? Que engraçado, porque nós até que conhecemos bem a Harrods, não conhecemos, queridinha?”

“Eu sabia que era a Harrods”, dizia Rosalind.

Acho que talvez a ineficiência e a total inaptidão de Cuco tenham feito de Rosalind uma criança muito capaz. Rosalind não podia deixar de ser eficiente! Alguém tinha que manter a *nursery*

arrumada e, pelo menos, com aparência de ordem!

III

O regresso ao lar começou com algumas alegres reuniões, mas em breve a realidade mostrou seu rosto feio. Estávamos totalmente sem dinheiro. O emprego de Archie com o sr. Goldstein pertencia ao passado, e outro jovem estava instalado em seu lugar. Eu ainda possuía, é claro, o pequeno ninho de ovos deixado por meu avô, de modo que podíamos contar com cem libras por ano, mas Archie tinha horror à idéia de mexer no capital. Ele *tinha* que encontrar um novo emprego, fosse qual fosse, e imediatamente, antes que tivéssemos de pagar o aluguel, o salário de Cuco e as contas semanais das despesas da casa, que começavam a chegar. Não era fácil encontrar emprego — na verdade, era ainda mais difícil do que logo depois da guerra. Minhas recordações da crise que atravessamos são agora, felizmente, bem vagas. Sei, porém, que foi uma época triste, porque Archie andava infeliz, e ele era dessas pessoas que não combinam com a infelicidade. Ele próprio sabia disso. Lembro-me de que uma vez me avisara dessa particularidade, nos primeiros tempos de nossa vida de casados. “Eu não presto, recorde sempre isso, quando a vida não está correndo bem. Não sou bem-humorado na doença, não suporto pessoas doentes e não posso suportar também, junto de mim, gente infeliz ou aflita.”

Corrêramos nossos riscos de olhos bem abertos, contentes pela chance que nos era oferecida. Tudo o que podíamos fazer, agora, era aceitar o fato de que a festa terminara e teríamos que pagar por ela: preocupações, frustrações, etc., iam começar.

Também me sentia bastante inapta, e era de muito pouca ajuda para Archie. Juntos, poderíamos enfrentar tudo isso, dizia eu para comigo. Aceitara, desde o princípio, que Archie estivesse, todos os dias, em estado de grande irritação, ou então mergulhado em profunda melancolia. Se tentava ficar alegre, ele me dizia que eu não levava nem um pouco a sério a nossa situação; e se meu aspecto era sombrio, dizia: “Não vale a pena ficar com essa cara. Você sabia o que estava fazendo, não é mesmo?” Na verdade, nada do que eu tentava parecia certo.

Finalmente, Archie disse com firmeza: “Olhe aqui, o que quero realmente que você faça, a única coisa que poderia ajudar seria você ir embora”.

“Ir embora? Mas para onde?”

“Não sei. Vá ter com Punkie; até que gostaria de ter você e Rosalind com ela. Ou então, vá para a casa de sua mãe.”

“Mas, Archie, quero ficar junto de você: quero partilhar tudo isso com você, será que não podemos? Será que não poderemos partilhar isso juntos? Não existe nada que *eu* possa fazer?”

Hoje, penso que deveria ter dito: “Vou arrumar um emprego”, mas em 1923 não era coisa em que pudéssemos pensar. Durante a guerra existiram as WAAFS ¹, as WRAFS ² e as WAACS ³, ou empregos em fábricas de munições e hospitais. Eram evidentemente trabalhos temporários. Não havia facilidade de emprego para mulheres nos escritórios ou ministérios. As lojas não tinham vagas. Todavia, finquei pé e recusei-me a ir embora. Podia, pelo menos, cozinhar e limpar a casa. Não tínhamos empregada.

¹ *Women's Auxiliary Air Force: Força Aérea Auxiliar Feminina. (N. do E.)*

² *Women's Royal Air Force: Real Força Aérea Feminina. (N. do E.)*

³ *Women's Army Auxiliary Corps: Corpo Auxiliar Feminino do Exército. (N. do E.)*

Fiquei calada e deixei o caminho livre para Archie, pois me parecia a única atitude que poderia ajudá-lo.

Ele vagueou pela City inteira, por todos os escritórios, e falou com inúmeras pessoas, perguntando se alguém saberia de um emprego. Finalmente, conseguiu um. Não era exatamente o que desejava — na realidade, estava até um pouco apreensivo acerca da firma que o contratou: eles eram, na opinião de Archie, conhecidos como gente pouco séria. Procuravam sempre estar dentro da lei, mas não gozavam de boa reputação. “O problema é”, disse Archie, “que terei de ser muito cauteloso para que nunca deixem para mim a batata quente.” Era, no entanto, um emprego que sempre dava algum dinheiro, e a disposição de Archie melhorou. Acabou até achando engraçadas algumas de suas experiências cotidianas.

Tentei sossegar para poder escrever alguma coisa, pois era só o que podia fazer para ganhar algum dinheiro. Ainda não tinha planos de escrever profissionalmente. As histórias publicadas na *Sketch* encorajaram-me: fora dinheiro vivo, que viera diretamente para as minhas mãos. Essas histórias, porém, haviam sido compradas, pagas imediatamente e, é claro, o dinheiro fora gasto. Comecei a escrever um novo livro.

Antes de nossa viagem, Belcher insistira comigo, certa vez que jantamos em casa dele, a Mill House, em Dorney, que eu escrevesse uma história policial baseada nessa casa. “*O mistério da Mill House*”, disse. “Ótimo título, não concorda?”

Concordei; achava que *O mistério da Mill House* ou *Assassinato na Mill House* seriam títulos muito bons, e disse que pensaria no assunto. Quando iniciamos nossa volta ao mundo, ele se referiu muitas vezes a esse livro.

“Faço questão, porém, se você escrever *O mistério da Mill*

House”, disse ele, “de entrar na história.”

“Acho que não seria capaz de incluir você no enredo”, eu disse. “Não posso escrever nada a respeito de pessoas reais. Tenho que imaginar minhas personagens.”

“Que absurdo!”, disse Belcher. “Não me importo que a personagem não se pareça muito comigo, mas sempre desejei figurar num livro policial.”

De tempos em tempos, perguntava-me: “Já começou a escrever o seu livro? Você me colocou na história?” E, certa ocasião em que nos sentíamos exasperados com ele, respondi: “Sim. Você é a vítima”.

“O quê? Você está dizendo que sou eu o assassinado?”

“Sim”, respondi, com algum prazer.

“Mas não quero ser a vítima. Insisto em não ser a vítima. Prefiro ser o criminoso.”

“Por que quer ser o criminoso?”

“Porque o criminoso é a personagem mais interessante do livro! De modo que você terá que fazer de mim o criminoso, Agatha, está entendendo?”

“Entendo que você *quer* ser o assassino”, disse eu, escolhendo cuidadosamente minhas palavras. Finalmente, num momento de fraqueza, prometia-lhe que ele *seria* o criminoso.

Esboçara o enredo do livro quando ainda me *achava* na África do Sul. Seria novamente, decidira, um livro de terror, mais do que uma história policial, onde poderia descrever muitas das paisagens da África do Sul. Enquanto lá estivera, eclodira uma espécie de revolução, e eu anotara alguns fatos que poderiam vir a ser úteis. Imaginei minha heroína como uma alegre aventureira, uma mulher jovem, órfã, que andava sempre em busca de aventuras. Tentando escrever um ou dois capítulos, deparei,

porém, com a dificuldade de dar vida à figura baseada em Belcher. *Não podia*, absolutamente, escrever a respeito dele, fazendo com que parecesse algo mais do que um homem ranzinza. Então, de repente, tive uma idéia. O livro seria escrito na primeira pessoa, alternadamente pela heroína, Ann, e pelo vilão, Belcher.

“Não acredito que goste de ser o vilão”, duvidou Archie. “Dê-lhe um título. Acho que ele gostará disso.”

Assim, batizei-o com o nome de Sir Eustace Pedler e achei que, se Sir Eustace Pedler escrevesse seu próprio manuscrito, a personagem se tornaria bem mais viva. Não era exatamente Belcher, é claro, mas usava muitas das frases de Belcher e contava também algumas das suas histórias. Tal como Belcher, Sir Eustace era um mestre na arte do blefe, não tinha muitos escrúpulos, mas, no conjunto, constituía uma figura interessante. Em breve, eu esquecera Belcher e fizera Sir Eustace manejar a pena. Foi, creio, a única vez que experimentei colocar num dos meus livros uma pessoa autêntica, que eu conhecera bem, e não me parece que tenha tido êxito. Belcher não chegou a ser verossímil, como personagem; Sir Eustace, porém, sim. Subitamente, descobri que estava sendo divertido escrever o livro. Esperava ardentemente que a Bodley Head o aprovasse.

Meu principal obstáculo ao escrever esse livro foi Cuco. Cuco, claro, conforme o costume de todas as *nurses* desse tempo, não se ocupava de nenhum trabalho doméstico: não cozinhava nem fazia qualquer limpeza. Ela era a *nurse* de uma criança; cuidava da *nursery* e lavava as roupas da sua “queridinha”, e isso era tudo. Eu, pelo meu lado, não esperava dela mais do que isso, e organizara-me bastante bem. Archie só vinha para casa de noite, e o almoço de Rosalind e de Cuco era muito simples. Deixava-me tempo de manhã e de tarde para trabalhar no meu livro duas ou

três horas. Cuco e Rosalind iam até o parque e encarregavam-se de qualquer compra. Nos dias de chuva, porém, tinham que ficar em casa e, embora eu tivesse estabelecido que “mamãe estava trabalhando”, não era fácil evitar Cuco. Ficava junto da porta do quarto onde me fechara para escrever, mantendo uma espécie de solilóquio ostensivamente endereçado a Rosalind:

“Agora, queridinha, não podemos fazer barulho algum, porque mamãe está trabalhando. Não podemos perturbar mamãe quando ela está trabalhando, não é mesmo? Embora eu *quisesse* lhe perguntar se devo mandar este vestido para a lavanderia. Acho que não é do tipo que eu própria possa lavar. Bem, temos que nos lembrar de lhe perguntar à hora do chá, não é, queridinha? Quero dizer, não poderemos entrar *agora* e perguntar, não é mesmo? Oh, não, ela não vai gostar! À hora do chá, gostaria também de lhe falar do carrinho. Você sabe que ontem perdeu um parafuso novamente! Bem, queridinha, será que não poderíamos bater à porta? O que você acha, queridinha?”

Habitualmente, Rosalind dava uma breve resposta que não tinha a menor ligação com o assunto, confirmando minha convicção de que ela jamais escutava o que Cuco dizia.

“O Ursinho Azul vai jantar agora”, declarava Rosalind.

Rosalind tinha lindas bonecas, uma casa de bonecas e vários outros brinquedos; mas só gostava realmente de animais. Possuía uma criatura de seda a quem chamava de Ursinho Azul e outra chamada Ursinho Vermelho, e a estes se juntou, mais tarde, um urso muito maior, de uma cor lilás bastante nauseante, chamado Urso Eduardo. Desses três era o Ursinho Azul o que Rosalind amava com total e declarada paixão. Era um animal mole, feito de malha de seda, com olhos pretos, chatos, e um focinho também achatado. Acompanhava-a por todo lado, e eu, todas as noites,

tinha que lhe contar histórias sobre ele. As histórias diziam também respeito ao Ursinho Vermelho. Todas as noites eles viviam novas aventuras. O Ursinho Azul era bonzinho e o Ursinho Vermelho era muito travesso. O Ursinho Vermelho fazia travessuras esplêndidas, tais como colocar cola na cadeira da professora, de modo que, quando ela se sentava, não podia erguer-se novamente. Um dia ele enfiou uma rã no bolso da professora e ela gritou, gritou, ficando quase histérica. Essas históricas eram muito apreciadas e, freqüentemente, tinha que repeti-las. O Ursinho Azul era de uma virtude enjoada e pedante. Era o primeiro de sua classe e jamais fazia bobagens. Todos os dias, quando ia para a escola, o Ursinho Vermelho prometia a sua mãe que seria bem-comportado. No retorno da escola, a mãe perguntava: “Você foi um bom menino, Ursinho Azul?”

“Sim, mamãe, fui muito bom menino.”

“Que menino querido! E você, Ursinho Vermelho, você se comportou bem?”

“Não, mamãe, fiz muitas travessuras!”

Certa ocasião, Ursinho Vermelho andou lutando com outros rapazinhos malcomportados e voltou para casa com um olho machucado. Sua mãe colocou em cima do olho um pedaço de carne crua e mandou-o para a cama. Ursinho Vermelho, porém, fez ainda outra travessura: comeu o pedaço de carne que a mãe lhe colocara em cima do olho machucado!

Não havia nada de mais encantador do que contar histórias para Rosalind. Ela exultava, dava risada e apreciava todos os pormenores.

“Sim, queridinha”, falava Cuco, demonstrando que não estava disposta a ajudar Rosalind a dar de jantar ao Ursinho Azul, e continuava a cacarejar: “Talvez antes de sairmos possamos

perguntar a mamãe, se isso não a incomodar, porque, você sabe, gostaria de falar a respeito do carrinho”.

Nessa altura dos acontecimentos, levantava-me da cadeira e logo desaparecia de minha mente tudo o que imaginara sobre Ann, em perigo de morte nas florestas da Rodésia; abria a porta de súbito e exclamava:

“Mas o que é isso, *nurse*? O que quer de mim?”

“Oh! Senhora, desculpe! Estou muito aborrecida por tê-la incomodado, realmente! Não era minha intenção perturbá-la.”

“Bem, agora já perturbou. O que você queria?”

“Oh! Mas não bati na porta!”

“Mas não parou de falar aí junto da porta; posso ouvir tudo o que você está falando. O que há com o carrinho?”

“Bem, acho, senhora, que realmente *deveríamos* comprar um carrinho novo. Sabe, sinto-me envergonhada, quando vamos para o parque e vejo todos aqueles lindos carrinhos que as outras crianças possuem. Oh, sim, acho que Rosalind deveria ter um carrinho tão bom quanto qualquer outra criança!”

A *nurse* e eu vivíamos em permanente desacordo quanto ao carrinho de Rosalind. Esse fora comprado de segunda mão. Estava em bom estado, era forte, perfeitamente confortável, mas não se poderia dizer que fosse elegante. Aprendi então que há moda até para carrinhos de criança e que, todos os anos, ou de dois em dois anos, os fabricantes lançam uma nova “linha”, um novo desenho, tal como acontece com os automóveis. Jessie Swannell jamais se queixara, mas Jessie viera da Nigéria e é possível que, lá longe, as pessoas não dessem tanta atenção aos carrinhos de criança.

Entendi que Cuco era membro da “irmandade” de *nurses* que, encontrando-se na Kensington Gardens com as crianças de

que cuidavam, não paravam de comparar entre si os méritos das respectivas situações e a beleza ou inteligência das crianças de que estavam encarregadas. O bebê deveria andar bem-vestido, com o que se usava para bebês naquele preciso momento; caso contrário, a *nurse* se sentiria envergonhada. Quanto às roupas, a *nurse* poderia sossegar: as de Rosalind satisfaziam a todos os requisitos. As que lhe comprara no Canadá eram o *dernier cri* em roupas de crianças — os galos, galinhas e vasos de flores estampados em tecido preto enchiam todo mundo de admiração e inveja. A respeito de carrinho, porém, o da pobre Cuco estava lamentavelmente abaixo do padrão mais modesto, e ela nunca deixava de me contar quando alguém aparecia com um carrinho do último modelo: “Qualquer *nurse* se sentiria orgulhosa com um carrinho daqueles!” Todavia, meu coração permaneceu inflexível. Estávamos em dificuldades financeiras e eu *não* ia comprar um caríssimo carrinho moderno só para condescender com a vaidade profissional de Cuco.

“Acho inclusive que esse carrinho não oferece segurança”, continuava Cuco, fazendo uma derradeira tentativa. “Os parafusos estão sempre caindo!”

“É porque você está sempre subindo e descendo as calçadas”, eu dizia. “Você deve assegurar-se de que estão bem aparafusados antes de sair. Seja como for, não comprarei agora um carrinho novo.” E entrava novamente em meu quarto, batendo a porta.

“Meu Deus, meu Deus! A mamãe não parece satisfeita, não é mesmo? Bem, minha pobre queridinha, acho que não vamos ter um lindo carrinho novo!”

“O Ursinho Azul quer jantar”, afirmava Rosalind. “Venha comigo, *nannie*.”

IV

Finalmente, nem sei bem como, terminei *O mistério da Mill House*, a despeito das dificuldades criadas pelos *obbligati* de Cuco fora da porta. Pobre Cuco! Pouco depois dessa cena, consultou um médico e internou-se num hospital para ser operada de câncer no seio. Era muito mais velha do que dissera, e não teve mais possibilidade de trabalhar como *nurse*. Foi morar com uma irmã.

Eu decidira que a próxima *nurse* não seria escolhida na agência da sra. Boucher, ou em qualquer outra agência desse tipo. Eu estava necessitando era de uma ajudante; por isso, pus um anúncio no jornal pedindo uma auxiliar para trabalhos domésticos e para ajudar a cuidar de uma criança.

Desde o momento em que Site entrou na nossa família, nossa sorte mudou para melhor. Entrevistei Site em Devonshire. Era uma moça robusta, de grande busto, ancas largas, cara vermelha e cabeleira escura. Tinha uma profunda voz de contralto, com um sotaque particularmente requintado e senhoril, de tal modo que não podíamos deixar de pensar que estava sempre representando num palco. Trabalhara como empregada doméstica durante alguns anos, em dois ou três lugares diferentes, e irradiava competência quando falava do mundo infantil. Parecia bondosa, bem-humorada e cheia de entusiasmo. Pedia um salário baixo, e parecia também ter vontade de ajudar em todo o resto do trabalho e de ir para qualquer lugar — como dizem nos anúncios. De modo que Site veio conosco para Londres e representou a tranqüilidade para a minha vida.

É claro que o nome dela, nessa altura, não era Site — era

srta. White. Depois de uns meses em nossa companhia, a srta. White transformou-se, na rápida pronúncia de Rosalind, em “Swite”. Por algum tempo todos a chamaram de Swite; depois, Rosalind fez nova contração e a partir daí ela ficou sendo sempre “Site”. Rosalind gostava muito dela, e Site gostava de Rosalind. Gostava, aliás, de todas as crianças novinhas, mas defendia sua dignidade e, a seu modo, era uma disciplinadora severa. Não admitia desobediência nem má-criações.

Rosalind sentiu falta de seu papel de controladora e diretora, que exercia sobre Cuco. Suspeito que por algum tempo transferiu essas atividades para mim — tomando-me a seu cargo, com igual indulgência, achando coisas que eu perdera, chamando minha atenção, por exemplo, quando me esquecia de selar um envelope, e assim por diante. Rosalind já contava cinco anos de idade, e eu tinha perfeita consciência de que ela era muito mais eficiente do que eu. Por outro lado, era destituída de imaginação. Se estivéssemos envolvidas numa brincadeira em que existissem dois figurantes — por exemplo, um homem levando seu cachorro a passear (suponhamos que fosse eu o cachorro e Rosalind, o dono dele) —, e chegasse um momento em que o cachorro tinha que usar coleira, Rosalind exclamaria:

“Mas nós não possuímos coleira! Temos que mudar isso aí”.

“Mas podemos fazer de conta que possuímos uma”, eu sugeriria.

“*Como* fazer de conta que possuímos uma coleira, se não tenho nada na mão?”

“Bem, então tome meu cinto e finja que é uma coleira.”

“Mas não é uma coleira, e sim o cinto de um vestido.”

As coisas, para Rosalind, tinham que ser autênticas. Ao contrário de mim, jamais leu contos de fadas, quando menina.

“Mas se as fadas não *existem!*”, protestava. “Essas histórias falam de gente que não existe. Não aconteceram nunca! Conte-me histórias do Ursinho Vermelho no piquenique.”

O mais curioso é que, com catorze anos, adorava contos de fadas, lia-os e relia-os sem cessar.

Site estava lindamente inserida em nossa vida familiar. Digna e competente como parecia, na realidade não sabia muito mais acerca de cozinha que eu. Sempre fora uma ajudante. Todos tínhamos que ser ajudantes uns dos outros, em nossa maneira de viver. Embora cada um tivesse suas especialidades de cozinha, pratos que sabíamos confeccionar bem — eu sabia fazer suflê de queijo, molho bearnês e o velho creme inglês, espumoso, preparado com vinho e canela; Site fazia tortas de geléia e arenques em escabeche —, nenhuma de nós estava apta a produzir o que, acredito, se chama “uma refeição equilibrada”. Para preparar um assado de carne, legumes, tais como cenouras ou couve-de-bruxelas, batatas e depois uma sobremesa, éramos prejudicadas pelo fato de não sabermos exatamente quanto tempo essas várias coisas levariam para cozinhar. A couve-de-bruxelas ficava reduzida a uma massa empapada, ao passo que as cenouras ainda estavam cruas. Todavia, com o tempo, fomos aprendendo.

Dividimos as tarefas. Enquanto eu tomava conta de Rosalind e saíamos com o carrinho até o parque (embora nessa altura eu usasse um carrinho dobrável, onde podia sentar Rosalind), Site preparava o almoço e arrumava os quartos. Na manhã seguinte, eu ficava em casa fazendo os trabalhos domésticos, e Site ia para o parque. Francamente, eu achava a primeira atividade mais cansativa do que a segunda. O parque ficava longe e, depois de lá chegar, não podia sentar-me sossegada e descansar o corpo e a

cabeça. Era obrigada a conversar com Rosalind e brincar com ela, ou verificava se estava convenientemente ocupada brincando com outras crianças, ou assegurava-me de que não lhe tirassem seus brinquedos ou batessem nela. Enquanto me ocupava com as tarefas domésticas, pelo menos podia relaxar a mente. Robert Graves disse-me um dia que fazer limpeza era das coisas que mais favoreciam o pensamento criativo. Acho que ele estava absolutamente certo. Existe certa monotonia e suficiente atividade física nos trabalhos caseiros, de modo a libertar o cérebro, permitindo-lhe voar pelo espaço, cogitar e inventar. Isso não se aplica à cozinha, é claro. A cozinha exige toda a nossa capacidade criativa e total atenção.

Site foi uma bênção, um alívio, depois de Cuco. Ela e Rosalind ocupavam-se uma com a outra, felizes e alegres, sem que lhes escutasse sequer um pio. Ficavam na *nursery* ou embaixo, no gramado, ou iam fazer alguma compra.

Foi uma surpresa para mim quando, aproximadamente seis meses depois de estar conosco, descobri a idade de Site. Não lhe perguntara sua idade. Parecia óbvio que tinha entre vinte e quatro e vinte e oito anos, exatamente o que eu queria, e não me ocorreu ser mais indagadora. Fiquei sobressaltada quando soube que, quando se empregou em minha casa, tinha apenas dezessete anos, e estava agora com dezoito. Começara a trabalhar como ajudante doméstica com treze. Possuía natural propensão para esse modo de vida, e era totalmente eficiente; seu ar de experiência provinha do fato de ser *realmente* experiente, como aliás acontece freqüentemente com a filha mais velha de uma grande família, que se treinou cuidando dos irmãos menores.

Apesar de sua juventude, eu não hesitava em sair por longos períodos, deixando Rosalind a seu cargo. Site era eminentemente

sensata. Chamava o médico apropriado, levava a criança ao hospital, se fosse necessário, descobria se algo a estava aborrecendo, enfim, era capaz de enfrentar qualquer emergência. Sua mente se achava sempre entregue ao que fazia no momento. Falando nos bons velhos termos de outros tempos, Site tinha uma *vocação*.

Soltei um enorme suspiro de alívio quando terminei *O mistério da Mill House*. Não fora fácil escrevê-lo, e, quando acabei, achei-o bastante irregular. Mas ali estava, já terminado, com o tio Tom Cobby, o velho Sir Eustace Pedler e todas as outras personagens. A Bodley Head resmungou que não era propriamente uma história policial, como *Assassinato no campo de golfe*. Contudo, condescendentemente, aceitou o livro.

Foi então que notei uma leve alteração na atitude de meus editores. Embora fosse ignorante e ingênua quando lhes submeti meu primeiro original, desde então eu aprendera alguma coisa. Também não era tão estúpida como posso ter parecido a certas pessoas. Descobrira entretantes muita coisa acerca do ato de escrever e publicar. Sabia já da existência da Sociedade de Autores, e lia seu boletim. Sabia que teria de ser extremamente cautelosa ao fazer contratos com os editores de uma maneira geral, e especialmente com certos editores. Tinha conhecimento das muitas maneiras como os editores se aproveitavam deslealmente dos autores. E, como já estava a par de tudo isso, fiz meus planos.

Pouco tempo antes de publicar *O mistério da Mill House*, a Bodley Head acenou-me com várias propostas. Sugeriram-me rasgar o velho contrato, fazendo-se um novo, também para cinco livros. Os termos desse segundo contrato seriam bem mais vantajosos. Agradei-lhes cortesmente e recusei, sem dar

nenhuma explicação definida. Não haviam tratado com lealdade um jovem autor, pensei. Havia abusado de sua falta de conhecimento do assunto e de sua ânsia de publicar um livro. Não me propunha brigar com eles nesse ponto — porque eu é que fora ingênua, como é todo aquele que não indaga um pouco acerca da justa remuneração de seu trabalho. Por outro lado, se nessa altura eu já tivesse adquirido meus recentes conhecimentos, poderia recusar a oportunidade de publicar *O misterioso caso de Styles?* Acho que não. Mesmo assim, teria aceito os termos contratuais que eles sugeriram, mas não teria concordado com um contrato tão longo e para tantos livros. Se alguma vez fomos enganados, por pessoas em quem confiávamos, jamais conseguiremos confiar nelas novamente. É apenas uma questão de bom senso, e eu só desejava que terminasse meu contrato, porque depois certamente acharia um novo editor. E também, pensei, contrataria um agente literário.

Por essa ocasião, recebi uma notificação do imposto de renda. Queriam saber pormenores sobre meus ganhos literários. Fiquei espantada, pois nunca considerara meus ganhos literários como renda. Toda a renda que eu tinha eram cem libras por ano, de um investimento de duas mil num empréstimo de guerra. Sim, disseram-me, sabiam disso, mas referiam-se a meus ganhos com a publicação de meus livros. Expliquei que esse dinheiro não era recebido anualmente — eu escrevera três livros, do mesmo modo como antes escrevera contos ou poemas avulsos. Não era uma escritora. Não ia passar minha vida escrevendo. Pensava, disse, citando uma frase recolhida não sei onde, que essa espécie de lucro se chamasse “receitas eventuais”. Retorquiram-me que eu já podia ser considerada uma escritora, embora possivelmente ainda não tivesse ganho muito dinheiro com meus livros. Queriam

pormenores. Infelizmente, não podia fornecer-lhes pormenores — não guardara nenhuma das declarações de direitos autorais que me haviam mandado (se é que me haviam mandado, do que não consigo lembrar-me). De vez em quando recebia um cheque, disse para eles, cheque que depositava e cujo dinheiro gastava logo. Contudo, fui desvendando esse assunto o melhor que pude. Na repartição, pareciam divertidos com tudo isso; sugeriram-me, porém, que de futuro fosse mais cuidadosa com minhas contas. Foi então que decidi contratar um agente literário.

Não sabia coisa alguma a respeito de agentes literários, e pensei em recorrer a Hughes Massie, a primeira recomendação de Eden Philpotts. E assim fiz. Só que não era mais Hughes Massie quem lá estava — parece que ele morrera. Em vez dele, recebeu-me um homem ainda jovem, ligeiramente gago, de nome Edmund Cork. Não era tão assustador quanto Hughes Massie — na realidade, conversei com ele facilmente. Pareceu-me bastante horrorizado com minha ignorância, e mostrou-se disposto a guiar meus passos. Disse-me a quantia exata de sua comissão, mencionou a possibilidade de vendermos os direitos de publicação em periódicos e na América, os direitos teatrais e toda essa espécie de coisas improváveis (ou que, pelo menos, assim me pareciam). Foi uma explicação verbal impressionante. Coloquei-me nas mãos dele sem reservas, e saí de seu escritório com um suspiro de alívio. Sentia que me haviam tirado um peso enorme de cima dos ombros.

Foi assim o começo de uma amizade que durou mais de quarenta anos.

Ocorreu então algo quase inacreditável! O *Evening News*

ofereceu-me quinhentas libras pelos direitos de publicação em folhetins de *O mistério da Mill House*. Só que esse não era mais o título do livro: eu o batizara de novo com o título de *O homem do terno marrom*, porque o outro título se assemelhava demais a *Assassinato no campo de golfe*. O *Evening News* propôs ainda um outro título. Iriam chamar-lhe: *Anna, a aventureira*. Considerei que era um dos títulos mais tolos que jamais vira, mas calei-me, porque, afinal de contas, estavam dispostos a pagar-me quinhentas libras e, sem deixar de ser um pouco suscetível quanto aos títulos dos meus livros, cheguei à conclusão de que ninguém ligaria importância ao título de um folhetim de jornal. Parecia-me uma sorte incrível. Mal podia acreditar. Archie mal podia acreditar. Punkie mal podia acreditar. Mamãe, é claro, acreditou facilmente: qualquer de suas filhas poderia, com a maior facilidade, ganhar quinhentas libras por um folhetim publicado no *Evening News*, não era nada surpreendente para ela.

Parece-me que faz parte do ritmo da vida todas as coisas boas e todas as coisas ruins surgirem juntas ao mesmo tempo. Eu tivera meu golpe de sorte com o *Evening News*; Archie teria o seu. Por esse tempo, recebeu uma carta de um amigo australiano, Clive Baillieu, que, havia muito tempo, lhe sugerira que entrasse para sua empresa. Archie visitou-o, e foi-lhe então oferecido um emprego que havia anos ambicionava. Sacudiu dos pés a poeira de seu outro emprego e passou a trabalhar com Clive Baillieu. Ficou de imediato maravilhosa e completamente feliz. Esse, pelo menos, era um empreendimento sólido e interessante, nada de golpes desonestos; significava também a entrada real no mundo das finanças. Estávamos no sétimo céu.

Imediatamente, comecei a pressionar Archie quanto a um projeto que eu acariciava havia muito tempo e ao qual, até então,

ele fora indiferente. Tentariamos encontrar um pequeno chalé no campo, do qual Archie pudesse ir diretamente para a City e em cujo jardim Rosalind pudesse brincar à vontade, em vez de ter de ser levada para o parque, ou ficar confinada nas estreitas faixas de gramado entre os prédios. Havia muito que eu ambicionava morar no campo. Decidimos que, se pudéssemos encontrar um chalé suficientemente barato, deixaríamos a cidade.

A pronta concordância de Archie com meu plano foi, penso, devida ao golfe, que cada vez mais ocupava sua atenção. Recentemente ainda, fora eleito membro do Sunningdale Golf Club, e nossos fins de semana juntos, nossas idas de trem para o campo ou nossas expedições a pé haviam perdido todo o encanto para ele. Não pensava senão em jogar golfe. Jogava com vários amigos em Sunningdale e tratava com certo desdém os jogadores mais fracos. Também não o divertia jogar comigo, de modo que, pouco a pouco, embora ele não tivesse consciência desse fato, tornei-me uma figura bem conhecida: uma viúva do golfe.

“Não me importo de morar no campo”, Archie disse. “Realmente, acho até que gostarei e, é claro, será ótimo para Rosalind. Site gosta da vida no campo também, e você adora, eu sei. Portanto, só há um lugar para onde possamos ir: Sunningdale.”

“Sunningdale”, exclamei, desolada, porque não era exatamente o que eu chamava de campo. “Certamente será caro demais, não acha? Lá só mora gente rica!”

“Oh, acho que poderemos encontrar algo que nos convenha”, disse Archie, otimista.

Um ou dois dias depois, perguntou-me como eu pensava gastar as quinhentas libras do *Evening News*. “É muito dinheiro”, respondi. “Suponho”, admito que falei com alguma relutância,

“suponho que *deveríamos* guardá-lo para alguma emergência.”

“Oh, não me parece que nos devamos preocupar muito com essa idéia, agora. Trabalhando com Baillieu, tenho boas perspectivas, e você parece que está indo em frente com seus livros.”

“Sim. Talvez possa gastá-lo, ou pelo menos uma parte desse dinheiro.” E pela minha mente perpassaram vagas idéias de um novo vestido longo, talvez de sapatos dourados ou prateados, em vez dos pretos (projeto algo ambicioso), e também de um feérico triciclo para Rosalind.

A voz de Archie quebrou minha meditação: “Por que não compra um automóvel?”

“Comprar um automóvel?” Olhei para ele com espanto. A última coisa com que sonharia era um carro. Ninguém do nosso círculo de amigos possuía um automóvel. Ainda estava imbuída da noção de que um carro era coisa para gente rica. Passavam por nós, velozmente, a trinta, cinqüenta, oitenta quilômetros por hora, transportando pessoas cujos chapéus estavam atados com véus de musseline, correndo para lugares impossíveis. “Um automóvel?”, repeti, com uma voz que lembrava a de uma assombração.

“Por que não?”

Realmente, por que não? Era possível! Eu, Agatha, podia ter um carro, um automóvel meu. Confesso, aqui e agora, que, das duas coisas que mais me empolgaram em toda a minha vida, a primeira foi meu automóvel: meu Morris Cowley cinzento.

A segunda foi jantar com a rainha, no Buckingham Palace, aproximadamente quarenta anos mais tarde.

Ambos esses acontecimentos pertenciam à categoria dos contos de fadas. Eram coisas que pensara que jamais me

aconteceriam, a *mim*: ter meu próprio carro e jantar com a rainha da Inglaterra!

“Gatinho, gatinho, onde é que você esteve?

Fui a Londres visitar a rainha.”



Archie e eu com nossas pranchas de surfe em Honolulu.

Era quase tão gostoso como ter nascido Lady Agatha!

“Gatinho, gatinho, o que havia debaixo da cadeira da
[rainha?”

Não tive a sorte de assustar ratinho algum que estivesse debaixo da cadeira da rainha Elizabeth II, mas gostei muito dessa noite. Tão pequena e esbelta, em seu vestido simples de veludo vermelho, com uma única e linda jóia — e sua bondade e simplicidade no falar! Recordo que nos contou a história de uma noite em que estavam conversando numa salinha e tiveram de fugir dela, porque, de repente, caiu pela chaminé abaixo uma enorme crosta de fuligem. É animador saber que os desastres domésticos também ocorrem nos mais altos círculos sociais.

Sétima parte

A TERRA DA ALEGRIA PERDIDA

I

Enquanto procurava nosso chalé no campo, chegaram más notícias da África do Sul, a respeito de meu irmão Monty. Ele não ocupava, havia muito tempo, nenhum lugar essencial em nossas vidas, pelo menos desde antes da guerra, quando planejara dirigir navios de carga no lago Vitória. Monty enviou a Madge cartas de várias pessoas de lá, todas entusiasmadas com a idéia; se ela pudesse ajudar com um pequeno capital. Minha irmã acreditou que seria um bom negócio e que Monty poderia obter algum êxito. Tudo o que se relacionasse a barcos era assunto de que Monty entendia. De modo que ela pagou a passagem de Monty para a Inglaterra. O plano dele era construir um pequeno navio em Essex. Era verdade que existiam grandes oportunidades para esse tipo de embarcação. Não havia, nesse tempo, navios de carga pequenos operando no lago Vitória. O ponto fraco do esquema, contudo, era que Monty seria o comandante, e ninguém acreditava que o navio funcionaria na hora certa ou que o serviço seria seguro.

“É uma idéia esplêndida. Pode-se ganhar muito dinheiro. Mas com nosso amigo Miller... Suponha que, certa manhã, decida não sair da cama. Ou que não goste da cara de alguém. Quero dizer, ele é alguém que não respeita nada.”

Mas minha irmã, que era de natureza otimista, concordou em investir a maior parte de seu capital na construção do navio.

“James me dá bastante dinheiro, e posso empregar parte

dele ajudando em Ashfield, de maneira que a renda não me fará falta.”

Meu cunhado ficou lívido. Ele e Monty detestavam-se intensamente. Madge, pensava meu cunhado, certamente perderia o dinheiro.

O navio começou a ser construído. Madge foi várias vezes a Essex. Tudo parecia andar bem. A única coisa que a preocupava era o fato de Monty constantemente ir a Londres, onde se hospedava num dispendioso hotel da Jermyn Street, e ter comprado não poucos pijamas luxuosos, de seda pura, além de um par de uniformes de capitão, desenhados especialmente para ele; ela preocupava-se igualmente com os presentes que Monty lhe oferecera: um bracelete de safiras e uma bolsa de trabalhoso *petit point*, entre outros presentes, todos lindos, porém caríssimos.

“Mas, Monty, o dinheiro é para o *navio*, e não para você me comprar presentes.”

“Mas quero dar a você presentes bonitos. Você nunca compra nada para você.”

“O que é aquilo ali no peitoril da janela?”

“Aquilo que você está vendo é uma árvore anã, japonesa.”

“Mas são terrivelmente caras, não é mesmo?”

“Custou-me setenta e cinco libras. Sempre desejei uma dessas árvores. Olhe para a forma dela! Não é linda?”

“Oh, Monty, acho que você não deveria...”

“O problema com você é que depois de viver todos esses anos com o velho James, não sabe mais se divertir.”

A árvore desaparecera, quando da visita seguinte de Madge.

“Você levou aquela árvore de volta para a loja?”, perguntou-lhe Madge esperançosamente.

“De volta para a loja?!”, exclamou Monty, horrorizado. “Claro

que não! A verdade é que a ofereci à recepcionista aqui do hotel. É uma moça adorável. Admirou-a tanto, e tem andado tão preocupada com a saúde da mãe...”

Madge sequer conseguiu balbuciar.

“Venha almoçar comigo”, convidou Monty.

“Está bem, mas iremos ao Lyons.”

“Muito bem.”

Foram para a rua. Monty pediu um táxi ao porteiro. Pegaram um que passava no momento. Monty deu-lhe uma boa gratificação e mandou-o seguir para o Berkeley. Madge, aí, rompeu em prantos.

“A verdade”, disse-me Monty mais tarde, “é que James é tão mesquinho que nossa pobre Madge está com seu caráter completamente modificado. Parece que não pode pensar em mais nada, senão em poupar dinheiro.”

“Não seria melhor se *you* começasse, também, a economizar? Suponha que o dinheiro acabe antes que o navio esteja pronto.”

Monty fez uma expressão maldosa.

“Que importância teria? O velho James teria que pagar.”

Monty ficou com eles por cinco difíceis dias e bebeu quantidades imensas de uísque. Madge saía e comprava, em segredo, várias garrafas mais, colocando-as no quarto dele, o que o divertia muito. Monty sentia certa atração por Nan Watts, e convidava-a para ir ao teatro e a restaurantes caros.

“Esse navio nunca irá para Uganda”, Madge dizia por vezes, desesperada. De fato, poderia ter ido. Foi só por culpa de Monty que não chegou a ir. Ele amava o *Batenga*, como o chamava.

Queria que fosse melhor do que um simples navio de carga. Mandou fazer uma cabine para ele, decorada com ébano e marfim, e apainelada de teca; a louça foi feita especialmente, em porcelana à prova de fogo, marrom, com o nome do navio impresso. E tudo isso retardou a entrega.

Enquanto isso, estalou a guerra. Não se podia enviar o *Batenga* para a África. Acabou vendido ao governo a baixo preço. Monty regressou ao exército — dessa vez para o Real Regimento Africano de Fuzileiros.

Assim acabou a saga do *Batenga*. Ainda guardo dele duas xícaras de café.

Chegara uma carta de um médico. Monty fora, como sabíamos, ferido na guerra, num braço. Parece que durante o tratamento no hospital a ferida infeccionara, por falta de cuidado de um enfermeiro nativo. A infecção persistira e manifestara-se novamente, mesmo depois de sua desmobilização. Monty continuara a levar sua vida de caçador; um dia, porém, sucumbira a uma doença qualquer e fora levado para um hospital de freiras francesas. Monty estava gravemente doente.

A princípio, não quisera que a família soubesse de seu estado, mas agora parecia moribundo — o máximo que se poderia esperar é que vivesse seis meses —, e tinha o grande desejo de regressar para morrer na Inglaterra. Era possível que o clima da Inglaterra prolongasse um pouco sua vida.

Tratou-se rapidamente da vinda de Monty, de Mombaça, por mar. Minha mãe começou a fazer os preparativos em Ashfield. Estava exultante de alegria — cuidaria dele devotamente, seu querido filho. Passou a imaginar um relacionamento que eu sentia ser inteiramente irreal. Mamãe e Monty jamais se entenderam harmoniosamente. Em muitos sentidos, eram parecidos demais.

Ambos só queriam agir a seu modo. E Monty era uma das pessoas de convivência mais difícil em todo o mundo.

“Agora será diferente”, dizia mamãe. “Você esquece que ele está muito doente, o pobre rapaz.”

Eu achava que Monty doente seria tão difícil quanto Monty sadio. A natureza das pessoas não muda. No entanto, esperava que tudo se passasse da melhor forma possível.

Mamãe teve alguma dificuldade em conciliar as duas empregadas, já não muito jovens, com a ideia de receberem em casa o empregado de Monty, que era africano.

“Não acredito, senhora... Realmente acho que não poderemos dormir na mesma casa com um homem *preto*. Não estamos preparadas para isso, minha irmã e eu.”

Minha mãe resolveu atuar. Era uma mulher a quem não era fácil opor-se. Convenceu-as a ficar. Aliciou-as com a ideia de que seriam capazes de converter o africano do islamismo ao cristianismo. Eram mulheres muito piedosas.

“Poderíamos ler-lhe a Bíblia”, disseram, com os olhos iluminados.

Mamãe, entretantes, preparou uma suíte separada, com três quartos e um banheiro novo.

Archie, muito gentilmente, disse que esperaria Monty, cujo navio aportaria em Tilbury. Também alugara para ele e seu empregado um pequeno apartamento em Bayswater.

Quando Archie estava partindo para Tilbury, chamei-o: “Não consinta que Monty o convença a levá-lo para o Ritz”.

“O que você está dizendo?”

Insisti: “Não deixe que Monty o convença a levá-lo para o Ritz. Nesse meio tempo, veja se o apartamento está pronto, se a senhoria está esperando por ele, e se tem víveres suficientes”.

“Bem, então está certo.”

“Espero que sim. Mas ele poderá preferir ir para o Ritz.”

“Não se preocupe. Ele estará instalado antes do almoço.”

O dia foi se passando. Às seis e meia, Archie regressou. Parecia exausto.

“Está tudo bem. Já está instalado. Tive um bocado de trabalho para tirá-lo do navio. A bagagem não estava pronta, nem nada; dizia que tínhamos tempo demais, para que tanta pressa? Todos já tinham deixado o navio e ele continuava se atrasando, sem parecer se incomodar. Esse Shebani é um bom rapaz, muito útil. Conseguiu finalmente demover Monty.”

Archie fez uma pausa e hesitou:

“Na realidade, não levei Monty para a Powell Square. Ele parecia absolutamente decidido a ir para um hotel na Jermyn Street. Insistia que assim daria muito menos trabalho a todo mundo.”

“Então é lá que ele está?”

“Bem, é.”

Olhei para Archie.

“Sabe”, disse ele, “o que Monty me disse pareceu-me realmente muito razoável.”

“Essa é a força de Monty”, informei.

Monty foi levado a consultar um especialista em doenças tropicais que lhe fora recomendado. O especialista deu instruções completas a minha mãe. Havia a possibilidade de uma recuperação parcial, mediante bom ar, banhos quentes freqüentes — uma vida tranqüila. O que poderia tornar-se difícil é que, quando fora considerado moribundo, os médicos na África lhe aplicaram muitas drogas, e ele talvez tivesse dificuldade em dispensar esses remédios.

Conseguimos transportar Monty e Shebani para a Powell Square, passados um ou dois dias. Instalaram-se a contento, embora Shebani tenha provocado certo tumulto para entrar nas lojas próximas, pegar um maço de cinquenta cigarros e sair, dizendo apenas: “É para meu patrão”. O sistema de crédito do Quênia não foi apreciado em Bayswater.

Depois, ao terminarem os tratamentos em Londres, Monty e Shebani mudaram-se para Ashfield. Pôs-se então à prova o relacionamento mãe-filho, “findando em paz os seus dias”. Quase foi a morte de mamãe! Monty tinha seu modo de viver africano. Pedia suas refeições quando sentia vontade de comer, mesmo que fossem quatro horas da manhã. Essa era até, por acaso, uma de suas horas prediletas. Tocava as campainhas, chamava as empregadas e mandava fazer costeletas e bifes.

“Não entendo o que quer dizer, mamãe. Como assim, ter consideração pelas empregadas? Será que não são pagas para cozinhar?”

“Sim, mas não no meio da noite!”

“Faltava uma hora, apenas, para o sol nascer. Eu costumava sempre levantar-me a essa hora. É a hora própria para começar o dia.”

Shebani, realmente, conseguia fazer que tudo funcionasse. As idosas empregadas adoravam-no. Liam-lhe a Bíblia, e ele as escutava com o maior interesse. Por sua vez, contava-lhes histórias da vida em Uganda e das proezas de seu patrão a matar elefantes.

Foi ele que, gentilmente, chamou Monty à ordem pela forma de falar com mamãe: “Ela é sua mãe, *bwana*. Tem que falar com ela reverentemente”.

Passado um ano, Shebani teve que regressar à África, para a

mulher e a família, e tudo se tornou mais difícil. Empregados masculinos não tiveram o menor êxito, nem com Monty nem com mamãe. Madge e eu íamos a Ashfield, alternadamente, tentar apaziguá-los.

A saúde de Monty melhorava, e disso resultava que ele se tornava muito mais difícil de controlar. Sentia-se entediado e, certa vez, para se distrair, resolveu dar tiros com um revólver, da janela. Vendedores ambulantes e algumas das visitas de mamãe queixaram-se. Monty, porém, era impenitente: “Uma solteirona vinha descendo pelo caminho junto de nossa casa, bamboleando o traseiro. Aí não pude resistir, mandei-lhe dois tiros, um à direita, outro à esquerda. Se visse, mamãe, como ela corria!”

De outra vez, Monty atirou no pneu do carro de Madge, que ficou francamente aterrorizada.

“Não posso entender por quê!”, Monty disse. “Não atiraria nunca em Madge! Será que ela acha que não sei atirar?”

Alguém se queixou, e recebemos a visita da polícia. Monty exibiu sua licença de porte de arma e conversou razoavelmente acerca de sua vida de caçador no Quênia e de seu desejo de continuar a treinar pontaria. “Foi alguma mulher tola que imaginou que eu estava atirando nela, certamente, e fugiu como um coelho”, explicou. Tratando-se de Monty, é claro que não aconteceu nada. A polícia aceitou sua explicação como algo natural, vinda de um homem que levava a vida que o capitão Miller havia levado na África.

“A verdade, garotinha, é que não posso viver aqui engaiolado, nesta forma de existência domesticada. Se ao menos pudesse morar num pequeno chalé em Dartmoor — isso é que me agradaria! Ar e espaço, muito espaço livre para respirar!”

“Será que você gostaria mesmo?”

“É claro que gostaria. Nossa pobre mãe vai me levar à loucura. É tão complicada, com essa mania das refeições em horas certas! Tudo direitinho! Não estou acostumado.”

Encontrei para Monty um pequeno *cottage* de granito, em Dartmoor; também encontramos, por uma espécie de milagre, a governanta certa para ele. Era uma mulher de sessenta e cinco anos de idade, e, à primeira vista, pareceu-nos muito pouco adequada. Seus cabelos eram oxigenados, de um louro vivo, cacheados, usava muito ruge no rosto, e envergava um vestido de seda preta. Era viúva de um médico que se drogava com morfina. Morara na França a maior parte da vida e tivera treze filhos.

Ela era, afinal, como um milagre após uma oração — podia manejar Monty como ninguém fora capaz. Levantava-se à hora por ele exigida e preparava suas costeletas, mesmo no meio da noite, se assim ele quisesse. No entanto, passado algum tempo, Monty disse-me: “Sabe? Preferia passar sem ela. É um pouco duro para a sra. Taylor todo esse trabalho, você não acha? Ela tem boa vontade, mas já não é muito jovem”.

Sem que ninguém lhe mandasse, nem sequer lhe pedisse, ela arrumou o pequeno quintal e fê-lo produzir ervilhas, batatas e feijões. Escutava Monty com toda a atenção quando ele estava com vontade de falar, e não se incomodava quando se mantinha silencioso. Era maravilhosa.

Mamãe recuperou a saúde. Madge deixou de andar assustada. Monty apreciava as visitas da família e sempre se comportava admiravelmente nessas ocasiões, muito orgulhoso das deliciosas refeições preparadas pela sra. Taylor.

Oitocentas libras anuais por um chalé em Dartmoor era um preço barato para Madge e para mim, que evidentemente o pagávamos.

II

Archie e eu encontramos a casa que ambicionávamos no campo, embora não fosse um *cottage*. Sunningdale, como eu receava, era um local excessivamente caro para nós. Estava repleto de luxuosas casas modernas, construídas em torno do campo de golfe, e, por ali, não havia *cottage* algum. Encontramos porém em Scotswood, situada dentro de um grande jardim, uma grande casa vitoriana, dividida em quatro apartamentos. Dois desses apartamentos já estavam alugados — os dois do térreo; mas ainda estavam livres os dois apartamentos do andar de cima, que aliás se achavam em reforma; fomos lá dar-lhes uma olhada. Cada um era composto de três cômodos no primeiro andar e de outros dois no andar de cima e, é claro, de uma cozinha e de um banheiro. Um dos apartamentos era mais atraente — os cômodos tinham proporções melhores e vista mais bonita; o outro, porém, possuía uma pequena dependência extra e era mais barato, de modo que foi por esse que nos decidimos. Os inquilinos podiam usar o jardim, e era-lhes fornecida água quente. O aluguel era maior do que o do nosso apartamento na Addison Road, mas não era grande a diferença: cento e vinte libras apenas, acredito. Assinamos o contrato de aluguel e nos preparamos para a mudança.

Vínhamos ali constantemente para vigiar o andamento da pintura e de pequenas reformas — muito mais lentas do que nos haviam prometido. Todas as vezes que íamos lá, verificávamos que haviam feito algo errado. O papel de parede era ainda o que menos decepções nos causava; não é fácil errar, em se tratando de papel

de parede, a menos que se comece por colocar um papel que não combine com o resto da decoração. A pintura, porém, pode ser feita nas tonalidades mais equivocadas, e nós não estávamos ali permanentemente para supervisionar o que acontecia. Contudo, ficou pronto a tempo. Tínhamos uma grande sala com cortinas novas de cretone lilás — feitas por mim. Na pequena sala de jantar, colocamos cortinas bastante caras, porque nos apaixonamos por elas: tulipas em fundo branco. Rosalind e Site dispunham de um grande quarto, cujas cortinas eram bastante floridas. No andar de cima, Archie ficou com um quarto de vestir e havia um outro quarto livre, para uma emergência, este fortemente colorido — papoulas escarlates e centúrias azuis. Para nosso quarto, escolhi cortinas com campânulas azuis, o que, realmente, não foi acertado, pois, como o quarto era virado para o norte, e o sol raramente entrava, só pareciam bonitas quando ficávamos na cama até o meio-dia e víamos a luz brilhando através delas, ou então à noite, quando o azul se esbatia um pouco. Pareciam realmente campânulas azuis naturais. Estas, logo que entram em casa, se tornam acinzentadas e murcham, recusando-se a erguer suas cabeças. As campânulas azuis são flores difíceis de fixar em arte, negam-se a ser colhidas e só se mostram belas nos bosques. Consolei-me escrevendo uma balada sobre elas:

“Balada do tempo de maio

O Rei foi passear, numa bela manhã de maio.

O Rei deitou-se a descansar e dizem que dormiu.

Quando despertou era de noite

(A hora mágica)

E a Campânula Azul, a bravia Campânula Azul, andava bailando

[pelo bosque.

O Rei deu um banquete a todas as flores (exceto uma),
Com olhares ansiosos, ele as espiava, buscando uma única.
A Rosa estava ali, vestida de cetim,
O Lírio, com seu capuz verde,
A Campânula Azul, porém, a bravia Campânula Azul, só baila
[pelos bosques.

O Rei franziu o rosto, irado, com a mão no cabo da espada.
Mandou seus homens capturá-la e trazê-la a seu senhor.
Com cordas de seda a amarraram,
Perante o Rei se apresentou
A Campânula Azul, a bravia Campânula Azul, que baila pelos
[bosques.

O Rei ergueu-se para saudá-la, à donzela com quem jurara casar.
O Rei tomou sua coroa de ouro e colocou-a na cabeça da flor.
E o Rei empalideceu e tremeu,
Os cortesãos olhavam, atemorizados,
Para a Campânula Azul, cor de cinza, que parecia um fantasma.

Ó Rei, vossa coroa é pesada, fará curvar minha cabeça.
As paredes de vosso palácio seriam uma prisão para mim, que sou
[livre como o ar.

O vento é meu amante,
O sol também é meu amante,
E a Campânula Azul, a bravia Campânula Azul, jamais será vossa
[Rainha!

O Rei por doze meses proclamou luto e nada abrandava sua dor.
O Rei caminhava pelo atalho dos namorados.
Jogou fora a coroa de ouro E correu para o bosque,
Onde a Campânula Azul, a bravia Campânula Azul, para sempre
[baila, bravia e livre.”

O Homem do terno marrom teve, realmente, grande êxito. A Bodley Head instou comigo para que fizesse com eles um novo e esplêndido contrato. Recusei. O livro que lhes enviei a seguir fora extraído de um conto que eu escrevera muitos anos antes. Gostava bastante desse conto: tratava de várias ocorrências sobrenaturais. Trabalhei-o um pouco mais, introduzi mais algumas personagens e enviei-lhes o livro. Não o aceitaram. Eu tinha certeza de que não iriam aceitá-lo. No contrato, porém, não havia nenhuma cláusula que estabelecesse que os livros que eu escreveria para eles teriam que ser, forçosamente, histórias policiais ou livros de terror. Falava apenas de “o próximo romance”. Eu havia produzido um romance completo, e eles teriam que decidir se o aceitariam ou não. Recusaram, de modo que teria que escrever para eles apenas mais um livro. Depois disso, a liberdade! Liberdade e bons conselhos do sucessor de Hughes Massie; e a partir daí, contaria com um orientador de primeira categoria, que me diria o que deveria fazer e, ainda mais importante, o que não deveria fazer.

O livro que escrevi a seguir foi um romance leve, bastante no estilo de *O inimigo secreto*. Era mais divertido e mais rápido escrever esse gênero de romance e meu trabalho refletia a boa disposição que sentia nesse período, quando tudo corria tão bem: minha vida em Sunningdale, a alegria de Rosalind, que todos os dias se desenvolvia, cada vez mais esperta e divertida. Nunca entendi as pessoas que desejariam conservar os filhos como bebês e lamentam que cresçam. Quanto a mim, às vezes sentia que mal podia esperar. Queria ver como seria Rosalind daí a um ano, e um ano depois, etc. Não há nada mais empolgante, neste mundo, acho eu, do que ter um filho, que é bem nosso e, no entanto, misteriosamente, é também um estranho. Fomos apenas a porta

por onde ele entrou no mundo, e temos a possibilidade de, por certo tempo, cuidar dele — depois teremos de deixá-lo, para que floresça para sua própria vida, e ficar observando-o viver a vida dele em liberdade. É como uma planta estranha que trouxéssemos para casa, plantássemos e mal pudéssemos esperar que crescesse para saber, afinal, que espécie de planta era.

Rosalind gostou muito de mudar para Sunningdale. Recebeu, deslumbrada, sua bicicleta, em que pedalava com ardor em redor do jardim, caindo de vez em quando, mas sem se importar. Site e eu a avisáramos para que não saísse do jardim, mas não creio que nenhuma de nós a tenha realmente proibido. Seja como for, certa manhã ensolarada, saiu do jardim, enquanto estávamos ocupadas no apartamento. Pedalou a todo o vapor pela colina abaixo, em direção à estrada principal e, felizmente, caiu antes de lá chegar. A queda fez com que seus dois dentes da frente se enterrassem nas gengivas, e receei que a próxima dentição, na época própria, viesse a ser prejudicada. Levei-a ao dentista. Rosalind, apesar de não se lamentar, sentou-se na cadeira do dentista com a boca firmemente fechada, recusando-se a abri-la, fosse para quem fosse. Tudo quanto eu disse, ou Site, ou o dentista, foi recebido sem uma palavra de resposta, e seus lábios permaneceram cerrados. Tive que levá-la embora. Eu estava furiosa. Rosalind recebeu todas as minhas recriminações em silêncio. No fim de meus discursos e de alguns de Site, dois dias depois, Rosalind anunciou-me que *iria* ao dentista.

“Será que você vai mesmo, Rosalind, ou vai ficar do mesmo jeito que da outra vez?”

“Não, dessa vez vou abrir a boca.”

“Você estava assustada da outra vez, não?”

“Bem, nunca se sabe o que vão fazer conosco, não é

mesmo?”, respondeu Rosalind.

Concordei e assegurei-lhe que todo mundo que eu conhecia e que ela conhecia na Inglaterra ia ao dentista, abria a boca e deixava tratar dos dentes, com o que se beneficiava muito. Rosalind foi e comportou-se lindamente. O dentista tirou-lhe os dentes, que haviam ficado abalados, e disse que talvez mais tarde tivesse de usar uma placa, mas ainda era cedo para saber. Os dentistas, não pude deixar de pensar, já então não eram feitos da mesma severa e ríspida fibra da minha infância. Nosso dentista chamava-se Hearn, era um homem baixo, excessivamente dinâmico e com uma personalidade que dominava imediatamente os pacientes. Minha irmã foi a esse dentista com a tenra idade de três anos. Madge, enfiada na cadeira, começou logo a chorar.

“Então, então”, disse o sr. Hearn. “Não posso permitir isso! Jamais consinto que meus pacientes chorem.”

“Não?”, perguntou Madge, tão surpresa que parou de chorar imediatamente.

“Não”, afirmou o sr. Hearn, “chorar é ruim, por isso não permito.” E não teve mais dificuldades.

Todos ficamos muito contentes por termos mudado para Scotswood. Era muito gostoso estar de novo no campo: Archie estava encantado porque se achava próximo do Sunningdale Golf Club, Site estava contente porque não precisava mais fazer aquelas longas caminhadas até o parque, e Rosalind porque tinha o jardim para sua bicicleta. De modo que todo mundo estava feliz. Isso a despeito de que, quando chegamos com o mobiliário, nada estava preparado para nos receber. Os eletricitas ainda trabalhavam pelos corredores, e só com grande dificuldade conseguimos arrumar os móveis. Os problemas com chuveiros, torneiras e luz elétrica eram incessantes, e o mau funcionamento

de tudo era inacreditável.

Anna, a aventureira, acabara de aparecer no *Evening News* e eu comprara meu Morris Cowley — que carro bom! Muito mais seguro e melhor do que os que se fabricam hoje. Teria que aprender a dirigi-lo.

Quase imediatamente, porém, estalou uma greve geral. Eu mal recebera três lições de Archie, quando este informou-me que eu teria que o levar de automóvel a Londres.

“Mas não posso! Ainda não sei dirigir!”

“Oh, sabe sim. Você já está dirigindo bastante bem!”

Archie era bom professor e, nessa época, não era necessário fazer exame de direção, nem existia a carteira de motorista. Desde o momento em que sentíamos que podíamos controlar o automóvel, éramos responsáveis pelo que fizéssemos com ele.

“Acho que sequer sei dar marcha à ré”, disse eu, em dúvida. “O carro sempre parece estar se dirigindo para onde não quero que ele vá!”

“Você não vai precisar dar marcha à ré”, afirmou Archie com segurança. “Você dirige até muito bem, e isso é o que importa. Se for a uma velocidade razoável, estará tudo bem. Você sabe frear.”

“Foi a primeira coisa que você me ensinou.”

“Claro que foi. Não vejo por que está preocupada.”

“Estou preocupada com o tráfego.”

“Não, você não terá que dirigir no meio do tráfego.”

Ele ouvira dizer que havia trens elétricos a partir da Estação de Hounslow; portanto, meu encargo seria o de ir até Hounslow com Archie, que dirigiria até lá; então, ele faria a manobra com o carro e o colocaria em posição para a viagem de regresso, e me deixaria entregue ao meu destino, enquanto ia para a City.

A primeira vez que tive que fazer isso representou uma das

piores provações a que jamais fui submetida. Embora tremendo de medo, consegui desvencilhar-me razoavelmente bem. O motor morreu duas vezes, quando freei mais violentamente do que o necessário; fui bastante cuidadosa sempre que passava junto de qualquer coisa, o que provavelmente me evitou maiores trabalhos. Mas, é claro, o tráfego nas estradas, nesse tempo, não era nada que se comparasse com o de hoje, e não exigia aptidão especial. Desde que se soubesse manejar o volante e não fosse preciso estacionar, ou dar marcha à ré, tudo bem. O pior momento foi quando tive que virar para Scotswood, entrar na garagem, que era muito estreita, e arrumar o carro junto do de nossos vizinhos, um jovem casal de sobrenome Rawnclyffe, que morava no apartamento sob o nosso. A mulher contou para o marido: “Vi a mulher do primeiro andar dirigindo o carro esta manhã. Acho que ela jamais dirigiu antes. Entrou na garagem tremendo, e branca como uma assombração. Pensei que fosse bater na parede, mas não bateu!”

Acho que só Archie poderia ter me dado confiança num caso desses. Ele estava sempre convencido de que eu podia fazer coisas sobre as quais eu própria concebia as maiores dúvidas. “É claro que você pode fazer isso”, dizia ele. “Por que não poderia? Se você pensar que não pode fazer, não fará nunca.”

Ganhei confiança em mim mesma e, três ou quatro dias depois, estava apta a enfrentar Londres e seu perigoso trânsito. Que fonte de alegrias foi para mim esse automóvel! Talvez hoje ninguém possa avaliar a diferença que um automóvel fazia na nossa vida. Poder ir aonde queríamos, a locais fora do alcance de nossas pernas — como isso ampliava os horizontes! Um dos grandes prazeres que esse carro me deu foi o de poder ir a Ashfield buscar minha mãe para levá-la a passear. Ela adorava esses passeios, tanto quanto eu. Fomos a todos os lugares possíveis — a

Dartmoor, a casas de amigos que ela nunca podia visitar por causa das dificuldades de transporte —, e a alegria de dirigir já era o suficiente para nós duas. Acho que nada me deu maior prazer, maior sensação de realização do que meu querido Morris Cowley cinzento.

Embora me desse colaboração nas coisas práticas da vida, Archie não me era de utilidade alguma quanto a meu trabalho literário. Por vezes, sentia a necessidade de lhe expor o esboço de uma idéia que tivera para uma história ou para o enredo de um novo livro. Depois de lhe ter descrito tudo com certa hesitação, o enredo todo soava, a meus próprios ouvidos, extraordinariamente banal, fútil, e muitos outros adjetivos que não vou especificar. Archie escutava com aquela benevolência que traía a decisão de conceder um pouco de atenção a outra pessoa. Finalmente, perguntava-lhe timidamente: “Qual a sua opinião? Acha bom?”

“Bem, suponho que seja bom”, Archie respondia, de maneira muito deprimente. “Não me parece que exista muito *enredo*, não é mesmo? Nem é muito empolgante, também, não lhe parece?”

“Quer dizer que você acha que não vai dar certo?”

“Acho que você pode fazer muito melhor do que isso.”

Esse enredo, assim, caía morto, assassinado para sempre. Por vezes, entretanto, eu o ressuscitava, ou ele ressuscitava sozinho, cinco ou seis anos mais tarde. Dessa vez, isento de crítica prévia, florescia satisfatoriamente e terminava, geralmente, por ser um de meus melhores livros. É que é muito difícil para um escritor pôr suas idéias em palavras, no curso de uma conversa. É possível fazê-lo com um lápis na mão, ou sentado em frente da máquina de escrever — então sai tudo já formado, como deve ser

—, mas não podemos descrever certas coisas que *ainda* vamos escrever. Pelo menos, eu não posso. Aprendi, assim, a não dizer uma palavra acerca de um livro antes de ele estar escrito. A crítica é útil *depois* que o livro foi escrito. Podemos discutir certos pontos e até ceder em alguns deles, mas, pelo menos, sabemos como o livro afetou o leitor. A descrição do que iremos escrever, porém, soa tão frágil que, se nos disserem gentilmente que não presta, prontamente concordaremos.

Nunca acedi às centenas de pedidos que chegaram até mim para que lesse manuscritos. Primeiro, claro, porque não poderia fazer mais nada, a não ser ler manuscritos, se alguma vez concordasse em fazê-lo! Mas a razão principal é que não acho que um autor seja competente para fazer crítica. Nossa crítica tenderia a refletir o que nós próprios escrevemos e a maneira como o fazemos, o que, de resto, não significa que isso seja certo para outro escritor. Cada um tem sua maneira de se expressar. Também sofremos com o pensamento assustador de que podemos estar desencorajando alguém que não deveria ser desencorajado. Uma das minhas primeiras histórias foi mostrada a uma escritora bem conhecida por uma amiga gentil. Sua opinião sobre aquele texto foi tristemente negativa, e ela afirmou que o autor da história jamais seria um escritor. O que ela queria *dizer*, embora talvez nem tivesse consciência disso, porque era apenas escritora e não crítica, é que a pessoa que escrevera aquela história era imatura e inábil, ainda incapaz de produzir algo *publicável*. Um crítico ou um editor podem ser mais perspicazes, porque a profissão deles é distinguir o germe do que poderá desabrochar. Por isso não gosto de fazer crítica — acho que ela pode facilmente ser nociva. A única coisa que costumo alvitrar é que o futuro escritor tenha em conta o mercado a que se destina. Não vale a pena escrever um romance

com trinta mil palavras — não é fácil publicar, presentemente, um livro desse tamanho. “Oh”, replica geralmente o autor, “mas esse livro precisa ter esse tamanho.” Pois bem, pode dar certo se o autor for genial; porém, é mais provável que seja apenas um escritor normal cujo produto será posto à venda, um escritor que encontrou um assunto que sente que poderá desenvolver bem, que o divertirá e que quererá vender. Se for assim, terá que lhe dar as dimensões e a aparência exigidas pelo mercado. Se você for um carpinteiro, não deve construir uma cadeira cujo assento esteja um metro e meio acima do chão. Ninguém quereria sentar-se nela. Não adianta você achar que a cadeira fica mais bonita com essas dimensões. Se você quiser escrever um livro, terá que estudar o tamanho normal dos livros e escrever seu livro dentro desses limites. Se quiser escrever certo tipo de conto para certo tipo de revista, terá que escrevê-lo do tamanho requerido e no gênero das histórias publicadas por essa revista. Se quiser escrever apenas para si próprio, então o caso é diferente — você poderá escrever o que bem desejar, do tamanho que bem quiser, mas, provavelmente, terá também que se contentar só com o prazer de tê-lo escrito. Não adianta começar a escrever pensando que se é um gênio — existem, é certo, escritores geniais, mas são poucos. Não, nós somos vendedores, comerciantes — comerciantes de um bom e honesto comércio. Precisamos aprender primeiro as artes e a técnica, e depois, dentro desse ramo, poderemos aplicar nossa imaginação criadora, mas sempre submetidos à disciplina da forma necessária.

Nessa altura da vida, eu estava justamente chegando à conclusão de que talvez pudesse vir a ser uma escritora profissional. Ainda não tinha certeza. Ainda mantinha a idéia de que escrever livros era apenas um prolongamento natural do fato

de bordar almofadas para sofás.

Antes de deixarmos Londres e de nos instalarmos no campo, eu recebera aulas de escultura. Era grande admiradora dessa arte — muito mais do que da pintura — e nutria a grande ambição de me tornar escultora. Cedo fui desiludida dessa esperança: percebi que não estava dentro de minhas possibilidades, porque eu não possuía bons olhos para as artes visuais. Não desenhava bem, de modo que não poderia ser escultora. Pensara que esculpir seria diferente de desenhar, que *sentir* o barro e manuseá-lo me ajudaria a criar a forma. Compreendi, porém, que na realidade eu não *via* as formas. Era como se fosse surda e quisesse fazer música.

Compus algumas canções, por mera vaidade, musicando alguns dos meus poemas. Dei uma olhada na valsa que compusera havia anos e achei que nunca ouvira nada mais banal. Algumas das canções não eram tão ruins. Uma delas, da série *Pierrô e Arlequim*, agradou-me. Fiquei com pena de não ter aprendido harmonia e de não saber algo de composição. Contudo, escrever parecia ser a melhor ocupação para mim e aquilo em que melhor poderia me expressar.

Escrevi uma sombria peça de teatro cujo assunto era um incesto. Foi recusada firmemente por todos os encenadores aos quais a mandei. “Um assunto desagradável.” É curioso que, hoje em dia, esse seja um tema capaz de atrair um encenador.

Também escrevi uma peça de teatro sobre Akhenaton. Gostava imensamente dessa peça. John Gielgud, mais tarde, teve a amabilidade de me escrever sobre ela. Disse-me que a peça tinha muitos pontos interessantes, mas que sua montagem era dispendiosa demais, e não possuía bastante humor. Eu, realmente, não pensara em nada de humorístico ao escrever

acerca do faraó, mas percebi o que havia de errado na peça. O Egito era um país tão cheio de humor como qualquer outro — tal como era a própria vida, em qualquer tempo e em qualquer lugar —, e a própria tragédia também pode ter humor.

III

Passáramos por tantas inclemências desde que regressáramos da nossa volta ao mundo que parecia maravilhoso entrar num período alciônico. Talvez, então, me houvesse escapado a premonição de que minha vida corria bem demais. Archie conseguira o trabalho de que gostava, com um patrão de quem era amigo; gostava também das pessoas com as quais trabalhava; obtivera o que sempre desejara: pertencer a um clube de golfe de primeira categoria e jogar todo fim de semana. Meu trabalho literário ia bem, e eu começava a considerar a hipótese de continuar a escrever livros e ganhar com eles algum dinheiro.

Terei pressentido que havia algo errado no suave decorrer de nossos dias? Creio que não. E, no entanto, havia certa carência, embora eu veja agora que na época não cheguei a concretizar isso em palavras. Eu estava sentindo falta do entendimento de nossos primeiros tempos de casados. Sentia falta de nossas viagens de trem ou ônibus, nos fins de semana, quando íamos explorar locais desconhecidos.

Agora, os fins de semana eram, para mim, os dias mais aborrecidos. Não poucas vezes tive desejo de convidar amigos de Londres para passarem o fim de semana conosco. Archie, porém, desencorajava-me, porque, dizia, isso *estragaria* o fim de semana

dele. Se tivéssemos amigos conosco, ele seria obrigado a passar mais tempo em casa, e talvez tivesse que faltar a alguma partida de golfe. Sugeri que ele jogasse tênis algumas vezes, coisa que já fizera antes com nossos amigos, em quadras de Londres. Ficou horrorizado. O tênis, disse, estragaria completamente sua mão para o golfe. Levava tão a sério esse jogo que quase parecia encará-lo como a uma religião.

“Escute, convide qualquer dos seus amigos, mas não um casal, porque nesse caso *eu* terei também que lhes fazer companhia.”

Não era assim tão fácil, porque a maioria de nossos amigos eram casados e eu não podia convidar a mulher sem convidar o marido. Estava começando a me relacionar com várias pessoas, em Sunningdale, mas a sociedade ali era composta de duas classes: pessoas de meia-idade, que gostavam apaixonadamente de jardinagem e, praticamente, não falavam de nenhum outro assunto, e os ricos, alegres e esportivos, que bebiam muito, davam coquetéis e, realmente, não eram meu tipo, nem agradavam, nesse aspecto, a Archie.

Um casal que veio algumas vezes passar o fim de semana conosco foi Nan Watts e seu segundo marido. Ela havia se casado com um homem chamado Hugo Pollock, durante a guerra, e tinha uma filha, Judy; o casamento, porém, não fora feliz, e ela acabou por se divorciar. Casara-se novamente com um homem chamado George Kon, também, como Archie, apaixonado por golfe, de modo que isso resolvia o problema dos fins de semana. George e Archie jogavam juntos; Nan e eu fofocávamos, conversávamos e jogávamos um golfe descontraído nos campos para senhoras. Depois, encontrávamo-nos com nossos maridos na sede do clube e tomávamos uma bebida. Nan e eu podíamos tomar nossa bebida

preferida: creme desmanchado em leite, igualzinho ao da fazenda em Abney, na nossa infância.

Foi muito penoso para nós quando Site decidiu deixar-nos, mas ela levava sua carreira a sério e havia muito tempo que desejava um emprego no estrangeiro. Rosalind, como Site dizia, iria para o colégio no ano seguinte e não necessitaria tanto dela. Site soubera da possibilidade de obter um bom emprego na embaixada em Bruxelas, e gostaria de aceitá-lo. Era com desgosto que se separava de nós, dizia, mas ambicionava continuar sua carreira e ver algo da vida. Não pude deixar de compreendê-la e, tristemente, concordamos em que fosse para a Bélgica.

Então pensei — recordando quanto fora feliz com Marie e como fora agradável aprender a falar francês sem ser forçada — que poderia conseguir uma governanta francesa para Rosalind. Punkie escreveu-me, entusiasmada, dizendo conhecer justamente a pessoa de que eu estava precisando, só que não era francesa, mas suíça. “É uma moça agradável, Marcelle, e muito doce.” Madge achava que era bem o gênero de pessoa para tomar conta de Rosalind, e que seria bondosa com a menina, tão tímida e nervosa. Não me parece que Punkie e eu estivéssemos exatamente de acordo quanto ao caráter de Rosalind!

Marcelle Vignou chegou. A princípio, tive receio de que não desse certo. A descrição de Punkie fora de uma suave, encantadora mocinha. A mim, causou-me impressão diferente. Pareceu-me um pouco apática, apesar de bondosa, e também preguiçosa e desinteressante. Era, no entanto, daquela espécie de pessoas incapazes de lidar com uma criança. Rosalind, razoavelmente bem-educada e cortês e, de maneira geral, bastante compreensiva na vida de todos os dias, ficou, quase do dia para a noite, o que posso definir como possessa do demônio.

Era inacreditável. Aprendi então o que, sem dúvida, muitos educadores sabem instintivamente: que as crianças reagem como os cachorrinhos, ou quaisquer outros animais: sentem a autoridade. Marcelle era destituída de autoridade. Abanava a cabeça docemente de vez em quando, e dizia: “Rosalind! *Non, non, Rosalind!*”, sem produzir o menor resultado.

Vê-las sair para passearem juntas chegava a dar pena. Marcelle, como em breve descobri, tinha os pés cobertos de calos e, como se não bastasse, sofria de joanetes. Caminhava com dificuldade, num passo de enterro. Quando descobri isso, mandei-a a um pedicuro, mas mesmo isso não melhorou a situação. Rosalind, uma criança enérgica, corria à frente dela, muito britânica, com seu queixinho erguido, e Marcelle, arrastando-se penosamente atrás, murmurava: “Espere por mim! *Attendez-moi!*”

“Nós saímos para dar um passeio, não é mesmo?”, dizia Rosalind por cima do ombro.

Marcelle, bobamente, tentava comprar Rosalind dando-lhe chocolates em Sunningdale — a pior coisa que poderia fazer! Rosalind, cortesmente, aceitava os chocolates, murmurando: “Muito obrigada”, e a seguir continuava a se comportar tão mal quanto antes. Em casa era um diabinho. Tirava os sapatos para jogá-los em Marcelle, fazia-lhe caretas e recusava-se a jantar.

“O que posso fazer?”, perguntei a Archie. “Rosalind está se comportando de maneira simplesmente *horrível*. Castigo-a, mas sem o menor resultado. Realmente, acho que está começando a sentir prazer em torturar essa pobre moça.”

“Acho que nada disso incomoda essa moça”, respondeu Archie. “Nunca conheci ninguém mais apático.”

“Talvez as coisas melhorem”, eu disse.

As coisas, porém, não melhoraram; pelo contrário, pioraram.

Eu andava realmente preocupada, pois não gostava de ver minha filha transformar-se num demoniozinho enraivecido. Afinal de contas, se Rosalind se comportara bem com duas *nurses* e uma governanta, devia haver algum problema que a levava a comportar-se tão mal em relação a essa moça em especial.

“Você não sente pena de Marcelle, que está num país estrangeiro, onde ninguém fala a língua dela?”, perguntei.

“Ela queria vir”, disse Rosalind. “Se não quisesse vir, não teria vindo. Ela fala inglês muito bem. Mas é realmente tão estúpida, tão horrorosamente estúpida!” É claro que nada era mais verdadeiro do que isso.

Rosalind ia aprendendo um pouco de francês, embora não muito. Às vezes, em dias de chuva, eu sugeria que jogassem cartas juntas, mas Rosalind afirmava-me que era impossível ensinar Marcelle, nem mesmo o jogo mais simples. “Ela não consegue recordar que um ás vale quatro e um rei vale três”, disse Rosalind, com desdém.

Contei a Punkie que sua tutelada não estava obtendo êxito.

“Pensei que Rosalind adoraria Marcelle.”

“Não, longe disso. Invente formas de torturá-la e joga-lhe coisas na cabeça.”

“Rosalind *joga* coisas na cabeça de Marcelle?”

“Sim”, repeti, “e está piorando.”

Finalmente cheguei à conclusão de que não poderia suportar aquela situação por mais tempo. Por que deixaria que nossas vidas se arruinassem? Falei com Marcelle, disse-lhe que achava que não estava se dando bem com Rosalind, e que talvez fosse mais feliz em outro lugar; tentaria encontrar para ela outro emprego, e lhe daria cartas de recomendação, a menos que preferisse regressar à Suíça. Imperturbável, Marcelle respondeu

que gostava de morar na Inglaterra, mas que talvez fosse mais sensato voltar à Suíça. Despediu-se, dei-lhe um mês de salário, e decidi-me a procurar outra pessoa.

Pensei então em alguém que combinasse o lugar de secretária e o de governanta de Rosalind. Esta, logo que fizesse cinco anos, iria para o colégio todas as manhãs, e eu poderia ter uma secretária estenógrafa, por algumas horas, à minha disposição. Talvez fosse capaz de ditar meus trabalhos literários. Parecia-me uma boa idéia. Publiquei um anúncio no jornal pedindo alguém que pudesse olhar por uma criança de cinco anos de idade, que em breve estaria na escola, e aceitasse acumular o trabalho de secretária estenógrafa e datilógrafa, e acrescentei: “de preferência, escocesa”. Eu notara, agora que prestava mais atenção às outras crianças e a suas acompanhantes, que as escocesas pareciam especialmente competentes com as crianças. As francesas eram péssimas disciplinadoras, e quase sempre se deixavam oprimir pelas crianças de que estavam encarregadas; as alemãs eram metódicas, mas eu não estava interessada em que Rosalind aprendesse alemão. As irlandesas eram alegres mas perturbavam a vida doméstica; as inglesas, essas, havia-as de várias espécies. Eu ambicionava alguém da Escócia.

Escolhi entre várias respostas a meu anúncio e fui a Londres, a um pequeno hotel residencial perto de Lancaster Gate, entrevistar a srta. Charlotte Fisher. Gostei da srta. Fisher logo que a vi. Era alta, de cabelos castanhos, mais ou menos vinte e três anos de idade; já tivera experiência com crianças. Pareceu-me extremamente capaz, e era possível adivinhar uma espécie de agradável cintilação por trás de seu decoro. Seu pai era um dos capelães do rei, em Edimburgo, e prior em St. Columba. Sabia estenografia e datilografia, mas não possuía experiência recente.

Ela gostou da idéia de um emprego em que pudesse, além de trabalhar como secretária, cuidar de uma criança.

“Há, porém, algo mais”, eu disse, com reserva. “Você acha que... Acha que se entenderia bem com senhoras idosas?” A srta. Fisher olhou-me com certa estranheza. De repente, notei que estávamos sentadas numa sala onde aproximadamente vinte velhinhas tricotavam, faziam crochê ou liam. Os olhos de todas giraram em minha direção, lentamente, quando fiz a pergunta. A srta. Fisher mordiscou os lábios para não rir. Eu esquecera o local onde me encontrava, preocupada que estava em formular bem minha pergunta. Minha mãe estava ficando realmente difícil — como muitas pessoas quando chegam a certa idade; mamãe, porém, que sempre tivera temperamento independente e se cansava e entediava facilmente com as pessoas, era mais difícil do que a maioria. Jessie Swannell não conseguia agüentá-la.

“Acho que sim”, replicou Charlotte Fisher, com um tom de voz natural. “Nunca me pareceu difícil.”

Expliquei então que minha mãe era idosa, ligeiramente excêntrica, e achava sempre que sua opinião era a única certa — em suma, não era fácil. Visto que Charlotte pareceu encarar tudo isso sem alarme, combinamos que viria para minha casa tão logo ficasse livre de seu atual emprego, que era, penso, cuidar dos filhos de um milionário residente na Park Lane. Charlotte tinha uma irmã um pouco mais velha que morava em Londres, e pediu-me licença para que a irmã, de vez em quando, a visitasse. Concordei imediatamente.

Portanto, Charlotte veio trabalhar como minha secretária. Mary Fisher vinha ajudar sempre que necessário, e ficaram comigo como amigas, secretárias e governantas, e também como verdadeiros cães de guarda, por muitos anos. Charlotte ainda hoje

é uma de minhas melhores amigas.

A vinda de Charlotte, ou Carlo, como Rosalind passou a chamá-la passado um mês, foi um milagre. Mal entrou em nossa porta de Scotswood, Rosalind se transformou, misteriosamente, na mesma Rosalind dos tempos de Site. Parecia ter sido benzida! Seus sapatos continuaram nos pés e não mais foram jogados à cara de ninguém, respondia cortesmente e parecia gostar muito da companhia de Carlo. O demoniozinho raivoso desaparecera. “Devo confessar”, disse-me Charlotte mais tarde, “que ela parecia um animalzinho selvagem, quando cheguei, porque, ademais, ninguém pensara, há muito tempo, em lhe cortar a franja que lhe caía sobre a testa: estava pendendo na frente de seus olhos, e era através dela que Rosalind nos olhava.”

Assim começou o período alciônico. Logo que Rosalind passou a ir ao colégio, preparei-me para ditar uma história. Estava tão nervosa com essa idéia que ia adiando o trabalho de dia para dia. Finalmente, comecei: Charlotte e eu nos sentamos em frente uma da outra, ela com seu caderno de notas e lápis. Eu olhava vagamente para a lareira e tentei pronunciar algumas frases. Foi terrível. Não conseguia dizer uma palavra sem hesitar e parar. Nada me soava natural. Insistimos durante uma hora. Muito tempo depois, Carlo me disse que ela própria temera o momento de iniciar esse trabalho literário. Apesar de seu curso de secretária estenógrafa, nunca tivera muita prática e, na verdade, tentara refrescar seus conhecimentos anotando sermões. Estava aterrada com a idéia de que eu ditaria a uma velocidade incrível — mas ninguém poderia ter dificuldade de anotar o que eu estava ditando. Poderia escrever normalmente.

Depois desse desastroso começo, as coisas melhoraram quanto ao trabalho criativo. Habitualmente eu preferia escrever à

mão ou bater à máquina. É espantoso como o fato de estar escutando nossa própria voz nos constrange e nos incapacita a nos expressarmos. Há mais ou menos cinco ou seis anos parti um pulso e, por algum tempo, fiquei impossibilitada de utilizar minha mão direita. Comecei a utilizar um gravador e, gradualmente, acostumei-me ao som de minha própria voz. A desvantagem do gravador, no entanto, é que ele nos encoraja a ser prolixos.

Não há dúvida de que o esforço de bater à máquina ou de escrever à mão ajuda a não divagar. A economia de palavras é, em minha opinião, particularmente necessária em histórias policiais. Ninguém quer ler a mesma coisa dita e redita três ou quatro vezes. É, porém, uma tentação, quando se fala para um gravador, dizer a mesma coisa várias vezes de um modo um pouco diferente. É claro que podemos fazer cortes, mais tarde, mas isso é irritante e destrói o fluir suave que conseguimos. É importante aproveitar a preguiça natural do ser humano, que não terá vontade de escrever mais do que o necessário para expor seu pensamento.

Também é sabido que existe um tamanho certo para tudo. Eu própria penso que o tamanho *certo* para um livro policial é o de cinqüenta mil palavras. Sei que os editores o consideram pequeno. Possivelmente os leitores se sentirão logrados ao dar seu dinheiro para comprar apenas cinqüenta mil palavras, de maneira que um livro com sessenta ou setenta mil será mais bem aceito. Se um livro tiver mais do que isso, acho que acabaremos por descobrir que teria sido melhor que fosse mais curto. Vinte mil é tamanho excelente para um conto de terror. Infelizmente, cada vez existe menos mercado para histórias desse tamanho, e os autores não estão sendo bem pagos. Portanto, o autor sente que é mais conveniente prolongar a história e fazer um romance. A técnica do conto, acho, não é realmente adequada às histórias policiais. A

uma história de terror, possivelmente; mas a uma história policial, não. As histórias de H. C. Bailey, do sr. Fortune, eram ótimas, nessa linha, pois não eram mais longas do que o normal para uma revista.

Nessa altura, meu agente já me transferira para outro editor, William Collins, com o qual permaneci até hoje, quando escrevo este livro.

Meu primeiro texto para eles, *O assassinato de Roger Ackroyd*, foi, de longe, meu livro que obteve mais êxito até então; na realidade, ainda hoje é lembrado e citado. Tive a sorte de descobrir uma boa fórmula — e devo-a em parte a meu cunhado James, que, muito tempo antes, me dissera, um pouco impaciente, ao terminar a leitura de uma história policial: “Hoje em dia, nas histórias policiais, quase todo mundo vira criminoso, até mesmo o detetive. Gostaria de ver um Watson que virasse criminoso”. Era uma idéia notavelmente original, e cultivei-a longamente. Depois, por acaso, uma idéia muito aproximada também me foi sugerida por Lorde Louis Mountbatten, que me escreveu sugerindo que a história fosse narrada na primeira pessoa por alguém que, no final, fosse o criminoso. A carta chegou quando me achava gravemente doente, e até hoje não estou certa de lhe ter respondido.

Achei que a idéia era boa e pensei nela por muito tempo. Implicava enormes dificuldades, claro. Minha mente vacilava ao pensar em Hastings no ato de assassinar alguém e, de qualquer modo, seria difícil escrevê-la de modo a não fazer uso do ludibrio. É claro que muita gente diz que há ludibrio em *O assassinato de Roger Ackroyd*; se o lerem com atenção, porém, verão que estão enganados. Pequenos lapsos de tempo, que têm que existir, estão habilmente escondidos numa frase ambígua, e o dr. Sheppard, ao

escrever a história, comprazeu-se em contar a verdade, se bem que não toda a verdade.

Além do êxito de *O assassinato de Roger Ackroyd*, tudo corria bem para nós, em todas as áreas. Rosalind freqüentava seu primeiro colégio, e gostava imensamente dele. Tínhamos amigos simpáticos e possuíamos um apartamento agradável, com jardim; eu dispunha de meu encantador Morris Cowley; Charlotte Fisher continuava junto de mim, e a paz reinava em nosso lar. Archie pensava, falava, sonhava, dormia e vivia para o golfe; sua digestão melhorou, e deixou de sofrer de dispepsia nervosa. Tudo corria pelo melhor no melhor dos mundos, como diz, com tanta felicidade, o dr. Pangloss.

Em nossa vida havia apenas uma lacuna: um cachorro. O querido Joey morrera enquanto viajávamos. Então compramos um Cachorrinho a quem chamamos de Peter. Peter, é claro, transformou-se na vida e alma de toda a família. Dormia na cama de Carlo, roía todos os chinelos e as assim ditas bolas indestrutíveis para *terriers*.

A despreocupação quanto a dinheiro era algo agradável, depois do que havíamos passado — e, possivelmente, subiu-nos levemente à cabeça. Imaginamos coisas em que, de outro modo, jamais pensaríamos. Archie, um dia, eletrizou-me dizendo que gostaria de possuir um automóvel realmente veloz. Ficara entusiasmado, penso, com um Strachan's Bentley.

“Mas nós já temos um carro”, disse eu, chocada.

“Ah, mas é que estou pensando em algo realmente muito especial.”

“Acho que poderíamos pensar, agora, de preferência, em outro bebê”, afirmei. Havia tempo que eu encarava essa idéia com grande expectativa.

Archie, com um gesto, pôs o bebê de parte: “Não quero mais ninguém além de Rosalind”, disse. “Rosalind nos basta e nos dá total satisfação.”

Archie tinha loucura por Rosalind. Gostava de brincar com ela, e Rosalind costumava limpar-lhe os tacos de golfe. Compreendiam-se muito bem, acho que melhor ainda do que eu e Rosalind. Possuíam a mesma espécie de senso de humor e entendiam perfeitamente os pontos de vista um do outro. Archie apreciava a robustez de Rosalind, sua mentalidade prudente, o modo como ela examinava cautelosamente todas as questões. Antes de seu nascimento, Archie andara preocupado, receando, segundo confessou depois, que ninguém, depois do nascimento do bebê, fizesse caso *dele*. “Por isso preferia uma filha; seria mais duro para mim se fosse um rapaz.”

Agora dizia: “Se nascesse outra criança e fosse um menino, seria tão ruim como antes”, e acrescentava: “De qualquer modo, temos muito tempo”.

Eu concordava que havia muito tempo à nossa frente e, com alguma relutância, cedi a seu desejo de comprar o Delage de segunda mão que ele já havia visto e se dispusera a adquirir. O Delage proporcionou-nos, aos dois, grandes prazeres. Eu adorava dirigi-lo, e Archie, naturalmente, também, embora sua vida estivesse tão preenchida pelo golfe que pouco tempo lhe restava.

“Sunningdale é o lugar ideal para morar”, Archie dizia. “Aqui existe tudo o que ambicionamos. Fica a boa distância de Londres, e agora vão inaugurar o campo de golfe de Wentworth, e também se vai construir muito nesse local. Penso que poderíamos comprar uma casa para nós.”

A idéia entusiasmou-me. Morávamos confortavelmente em Scotswood, mas havia pequenas desvantagens. A casa não era

suficientemente bem-cuidada, a instalação elétrica apresentava problemas, a anunciada água quente permanente não era nem permanente nem quente, e o lugar sofria de uma geral falta de assistência. Ficamos enamorados da idéia de possuímos nossa própria casa.

A princípio cogitamos de construir uma casa nova em Wentworth, nuns terrenos recentemente vendidos a uma imobiliária. Haveria uns dois campos de golfe — e, mais tarde, provavelmente, um terceiro —, e o resto dos terrenos, que eram extensos, ficariam cobertos de casas de todos os tamanhos e feitios. Archie e eu passamos algumas tardes de verão perambulando por Wentworth, à procura do local que nos conviria. Finalmente, decidimo-nos por três terrenos, sujeitos a uma escolha final. Entramos em contato com a imobiliária. Queríamos um terreno de mais ou menos seis mil metros quadrados. Preferíamos uma área arborizada, de modo a não termos muito trabalho com jardinagem. O construtor pareceu-nos amável e desejoso de cooperar. Explicamos que queríamos uma casa relativamente pequena — não sabíamos quanto nos iria custar: talvez pensássemos em algo em torno de duas mil libras. Ele exibiu então o projeto de uma casinha medonha, repleta de desagradáveis ornamentos modernos, pela qual pediu o que nos pareceu um preço colossal: cinco mil e trezentas libras. Ficamos de queixo caído. Parecia não haver possibilidade de construir nada mais barato — esse era o limite mínimo. Tristemente, retiramo-nos. Decidimos, todavia, que eu compraria um título de acionista de Wentworth por cem libras, o que me permitiria jogar nos campos de golfe de lá aos sábados e domingos — uma espécie de aposta no futuro. Afinal de contas, como iria haver dois campos de golfe ali, deveria ser-me possível, pelo menos, jogar num deles sem

me sentir um verme...

Por acaso, minhas ambições como jogadora de golfe foram repentinamente favorecidas nessa altura, porque ganhei uma competição. Tal coisa jamais me sucedera até então, e talvez jamais me voltasse a suceder. Meu *handicap* de golfe era de trinta e cinco (pontuação máxima), mas mesmo assim não parecia possível conseguir ganhar fosse o que fosse. No entanto, encontrei-me nas finais com a sra. Burberry — uma mulher simpática, um pouco mais velha do que eu, que tinha igualmente um *handicap* de trinta e cinco e estava tão nervosa e receosa quanto eu.

Sentíamo-nos contentes por nos termos encontrado, contentes, ambas, por termos alcançado aquele ponto. Fizemos ambas o primeiro buraco. Posteriormente, a sra. Burberry, surpreendendo a si própria e desalentando-me, conseguiu fazer não só o buraco seguinte, mas também o buraco posterior, e outro mais distante, e assim por diante, até que, no nono buraco, estava com oito pontos. Qualquer esperança de fazer uma boa exibição me abandonara e, nesse estado de espírito, senti-me muito mais contente. Podia, doravante, continuar jogando sem grande preocupação, até o momento, certamente não muito longínquo, em que a sra. Burberry ganhasse. A sra. Burberry, porém, começou a ceder. Ficou tomada de ansiedade. Perdeu buraco após buraco. Eu, ainda despreocupada, passei a ganhar buraco após buraco. E aconteceu o inacreditável: fiz os nove buracos seguintes e, portanto, venci-a com um ponto a mais no último campo. Acho que ainda guardo, em algum lugar, meu troféu de prata.

Após um ano ou dois, depois de examinarmos inúmeras casas — coisa que sempre foi um de meus passatempos favoritos —, restringimos nossa escolha a duas. Uma delas ficava bastante

longe, não era grande e possuía um jardim agradável. A outra ficava perto da estação — uma espécie de suíte milionária do Savoy transferida para o campo e cuja decoração não medira despesas. As paredes eram apaineladas, e havia grande quantidade de banheiros, bacias nos quartos de dormir e toda espécie de luxos. Passara por diversas mãos nos anos recentes e dizia-se que dava pouca sorte — todo mundo que ali morava tivera desgostos: o primeiro proprietário perdera seu dinheiro; o segundo perdera a mulher. Não sei o que sucedeu aos terceiros donos da casa — sei, porém, que se separaram e saíram de lá. Seja como for, ofereciam-na por preço bastante barato, visto estar, havia muito, à venda. O jardim também era agradável — comprido e estreito, com um gramado, um riacho com plantas aquáticas e uma parte um pouco selvagem, que exibia azaléias e rododendros. Continuava assim até o final, onde havia uma sólida horta e, depois dela, um emaranhado de mato. Se podíamos ou não comprá-la, era outro assunto. Embora estivéssemos ganhando muito bem — meus ganhos, no entanto, eram mais duvidosos e incertos —, nosso capital era lamentavelmente exíguo. Resolvemos fazer uma hipoteca, e na altura própria nos mudamos para lá.

Compramos mais algumas cortinas e tapetes necessários e embarcamos num padrão de vida que estava, sem a menor dúvida, acima de nossas posses, embora os cálculos que fizéramos parecessem corretos. Tínhamos que manter dois automóveis: o Delage e o Morris. Também contratáramos mais empregados: um casal e uma copeira. A mulher desse casal fora ajudante de cozinha numa casa ducal e parecia — embora isso jamais tenha sido declarado, de fato — que o marido fora mordomo na mesma casa. A verdade é que ele não sabia muito do trabalho de mordomo; a mulher, porém, era excelente cozinheira. Mais tarde

descobrimos que, na realidade, o homem fora porteiro e carregava as bagagens. Era um sujeito de uma preguiça colossal. Passava a maior parte do dia deitado na cama e servia mal à mesa — o que era, praticamente, tudo o que fazia. Quando não estava deitado, ia à taberna. Tínhamos que tomar uma decisão: ou nos livrávamos deles, ou não. A verdade é que a cozinha é importante. Por isso, fomos ficando com eles.

Continuamos com nossa vida de luxo — e aconteceu exatamente o que poderíamos esperar. Ao fim de um ano, começamos a nos preocupar. Nossas contas nos bancos pareciam derreter-se da maneira mais extraordinária. Mas pensamos — e dissemos um ao outro — que com algumas economias tudo daria certo.

Por sugestão de Archie demos o nome de “Styles” à nossa casa, visto que o primeiro livro que me amparara financeiramente fora *O misterioso caso de Styles*. Penduramos numa das paredes o quadro feito para a capa do livro e que me fora oferecido pela Bodley Head.

Mas Styles provou ser para nós o que fora, no passado, para outros. Era uma casa que não dava felicidade. Eu havia tido esse pressentimento, quando entrara nela pela primeira vez. Atribuíra a má impressão ao estilo, vistoso demais e pouco natural para uma casa no campo. Quando pudéssemos dar-lhe um acabamento adequado num estilo que combinasse com o campo, sem todos aqueles painéis, pinturas e coisas douradas, *então* me sentiria de maneira diferente, pensei.

IV

O ano seguinte de minha vida é uma época que detesto recordar. Como tantas vezes sucede, quando algo corre mal, tudo o mais corre mal. Um mês depois de meu regresso de umas curtas férias na Córsega, minha mãe teve um forte acesso de bronquite. Estava nessa ocasião em Ashfield. Fui visitá-la, e depois Punkie substituiu-me. Não tardou que me enviasse um telegrama dizendo que levaria nossa mãe para Abney, onde poderia cuidar dela muito melhor. Mamãe pareceu melhorar, mas não voltou a ser a mesma pessoa. Saía pouco de seu quarto. Suponho que seus pulmões tenham ficado afetados; estava já com setenta e dois anos de idade. Não imaginei que essa doença fosse tão grave como depois se verificou — e Punkie também não, acredito —, porém uma ou duas semanas depois telegrafaram-me para que fosse a Abney. Archie estava na Espanha, em viagem de negócios.

Quando subi no trem de Manchester, soube, subitamente, que mamãe morrera. Senti um *calafrio*, como se tivesse sido invadida, dos pés à cabeça, por uma frialdade mortal, e então pensei: “mamãe morreu”.

Era verdade. Olhei-a, deitada na cama, e meditei em que, quando morremos, é só a *concha* que resta. Toda a personalidade viva, ardente e impulsiva de minha mãe estava bem longe. Dissera-me várias vezes, nos últimos anos: “Às vezes nos sentimos ansiosos por deixar este corpo — tão gasto, tão envelhecido, tão *inútil*. Ansiamos por sermos libertados desta prisão”. Era o que eu sentia, agora, acerca dela. Estava liberta de sua prisão. Para nós, ficava a tristeza de sua morte.

Archie não pôde comparecer ao enterro porque ainda estava na Espanha. Eu já estava de volta a Styles quando ele regressou,

uma semana depois. Sempre soubera que Archie sentia violenta repulsa por doenças, morte, toda e qualquer perturbação. Sabemos dessas coisas, mas não temos muita consciência delas, ou talvez não lhes prestemos muita atenção, até surgir uma emergência. Archie entrou no quarto, recorde-me, extremamente embaraçado, o que o fez ficar com uma aparência jovial, que parecia querer dizer: “Olá, aqui estamos. Temos todos que ficar animados!” Essa atitude é muito difícil de suportar quando acabamos de perder uma das pessoas que mais amamos no mundo.

Archie disse: “Tive uma idéia muito boa. O que acha — eu terei que retornar à Espanha na semana que vem —, o que acha de vir comigo? Poderíamos nos divertir bastante, e estou certo de que seria uma boa distração para você”.

Eu não queria distrair-me. Queria estar tranqüila com minha dor e acostumar-me a ela. Agradei, e disse que preferia ficar em casa. Agora vejo que estava errada. Minha vida com Archie estava diante de mim, era o meu futuro. Éramos felizes juntos, tínhamos confiança um no outro, nenhum de nós sonhava que um dia pudéssemos separar-nos. Archie, porém, tinha horror à sensação de tristeza que pairava em nossa casa, e isso o deixou permeável a outras influências.

Havia ainda o problema de Ashfield. Nos últimos quatro anos deixáramos acumular-se ali toda espécie de coisas inúteis, objetos de minha avó, tudo aquilo de que minha mãe não conseguira desembaraçar-se e guardara. Não houvera dinheiro para consertos, o telhado estava caindo aos pedaços, e chovia em alguns dos quartos. Nos últimos tempos de sua vida, minha mãe ocupara apenas dois cômodos. *Alguém* teria que ir a Ashfield tratar de tudo isso, e esse alguém era eu. Minha irmã estava por

demais envolvida em suas próprias preocupações, apesar de me prometer passar, no mês de agosto, duas ou três semanas em Ashfield. Archie achava melhor alugarmos Styles no verão. Ele ficaria em seu clube de Londres e eu iria para Torquay, para pôr Ashfield em ordem. Archie viria para junto de mim em agosto — e, quando Punkie chegasse, deixaríamos Rosalind com ela e partiríamos para o estrangeiro. Decidimo-nos por uma viagem à Itália, para um lugar onde nunca havíamos estado, chamado Alassio.

Portanto, deixei Archie em Londres e transferi-me para Ashfield.

Suponho que, além de abatida, eu estava, nessa ocasião, já adoentada, e as voltas que dei naquela casa, com todas as recordações que suscitava, o trabalho duro e as noites insones reduziram-me a tal estado nervoso que mal sabia o que fazia. Trabalhava dez a doze horas por dia, abrindo todas as dependências da casa, transportando coisas de um lado para outro. Foi terrível: roupas roídas pelas traças, os baús de vovó, cheios de suas roupas velhas — todas aquelas coisas que ninguém tivera coragem de jogar fora e das quais, agora, eu teria de me desvencilhar. Tivemos que pagar a um lixeiro para que viesse todas as semanas carregar as coisas que não queríamos. Alguns casos eram difíceis de resolver: por exemplo, o da enorme coroa de flores de cera, feita em memória de meu avô, quando ele morreu. Jazia sob uma redoma de vidro. Eu não queria carregar pela vida afora aquela enorme relíquia, mas o que podemos fazer com um objeto desse gênero? Não se pode jogá-lo no lixo. Finalmente, encontrei uma solução. A sra. Potter — mãe da cozinheira — sempre admirara a coroa. Ofereci-a a ela, que a aceitou, encantada.

Ashfield fora a primeira casa em que meus pais moraram depois de seu casamento. Mudaram-se para lá mais ou menos seis meses depois do nascimento de Madge, e ali ficaram para sempre, acrescentando constantemente novos armários para arrumações. Pouco a pouco, todos os cômodos da casa foram se transformando em quartos de despejo. A sala de estudos, cenário de tantos dias felizes na minha infância, era agora um vasto galpão: todos os baús e caixas que vovó não pudera acumular em seu quarto foram guardados ali.

O destino desferiu-me mais um golpe, que foi a perda de minha querida Carlo. Seu pai e sua madrasta estavam viajando na África e ela soube, repentinamente, que o pai se achava muito doente, no Quênia, e que o médico diagnosticara câncer. Embora ele ainda não soubesse de que mal sofria, a madrasta estava ao corrente, e sabia que ele não poderia viver mais do que seis meses. Carlo teve que voltar para Edimburgo tão logo o pai regressou, para ficar junto dele os últimos meses. Despedi-me dela chorando. Ela também estava desolada por ter de nos deixar, principalmente em tal confusão e infelicidade, mas era um motivo prioritário, que não podia ser discutido. Eu achava que em aproximadamente seis semanas teria tudo pronto. Depois, recomeçaria a viver.

Trabalhei como um demônio. Estava tão ansiosa por ver tudo terminado! Todos os baús e malas tinham que ser cuidadosamente examinados: não nos podíamos dar ao luxo de, simplesmente, ir jogando tudo fora. Entre as coisas de vovó, jamais sabia o que poderia ser encontrado. Ela insistira em fazer grande parte de suas malas, quando deixara Ealing, pensando que seríamos capazes de jogar no lixo seus mais queridos tesouros. Abundavam as velhas cartas, e eu estava quase jogando-as fora, aos molhos, quando descobri um velho envelope com uma dúzia

de notas de cinco libras. Vovó sempre fora igual a um esquilo, escondia suas nozes aqui e ali, de modo que pudessem escapar aos rigores da guerra. Em outra ocasião, achei um broche de brilhantes embrulhado numa meia velha.

Comecei a ficar confusa e enredada em tanta coisa. Jamais sentia fome, e a cada dia comia menos. Às vezes, ficava sentada, as mãos na cabeça, e tentava recordar o que estava fazendo. Se Carlo se achasse junto de mim, eu teria podido ir passar um fim de semana em Londres e ver Archie. Mas sem Carlo não podia deixar Rosalind sozinha naquela casa, e não tinha ninguém que pudesse ficar com ela.

Sugeri a Archie que viesse passar um fim de semana comigo, de quando em quando: eu me sentiria muito melhor! Ele escreveu fazendo-me notar que isso seria uma bobagem. Era uma viagem dispendiosa: ele só poderia deixar Londres no sábado e teria que estar novamente lá no domingo à noite. Eu suspeitei que, acima de tudo, detestaria deixar de jogar golfe num domingo — mas afastei esse pensamento, por não valer a pena. Não faltava muito para que pudéssemos estar juntos de novo, acrescentava ele alegremente.

Uma terrível sensação de solidão passou a se apoderar de mim. Acho que não entendi que, pela primeira vez na vida, estava seriamente doente. Fora sempre muito saudável, e não tinha experiência de como a infelicidade, os desgostos e a estafa podem afetar a saúde física. Fiquei porém aflita, um dia, quando, ao assinar um cheque, não consegui saber com que nome deveria assiná-lo. Senti-me exatamente como Alice no País das Maravilhas no momento em que toca a árvore.

“Mas é claro que set meu nome *perfeitamente* bem. Mas... mas, o que está se passando comigo?” Fiquei sentada com a

caneta na mão, sentindo uma frustração extraordinária. Com que letra começava meu nome? Talvez fosse Blanche Armory? Esse nome era-me familiar. Então lembrei-me de que era o nome de uma personagem de somenos importância em *Pendennis*, um livro que eu não lia há anos.

Um ou dois dias mais tarde, tive outro aviso, quando ia pôr o carro em marcha, coisa que habitualmente tinha que ser feita com uma manivela — realmente não tenho certeza, mas creio que nesse tempo todos os automóveis tinham que ser postos em marcha com uma manivela. Dei voltas e mais voltas à manivela, e — nada! Finalmente, rompi em prantos, fui para casa e deitei-me no sofá, soluçando. Fiquei preocupada. Chorar porque o carro se recusava a funcionar? Devia estar ficando louca!

Muitos anos mais tarde, alguém que atravessava um período de infelicidade me disse: “Você sabe, não sei o que está acontecendo comigo. Choro por tudo e por nada. No outro dia, a roupa não chegou da lavanderia, e eu chorei. No dia seguinte, porque o carro recusou-se a funcionar”. Algo despertou dentro de mim, e eu disse: “Acho que você deve se cuidar; provavelmente, esses são os primeiros sinais de uma depressão nervosa. Você deve consultar um médico”.

Nesse tempo, porém, não sabia nada a respeito de depressões nervosas. Sabia apenas que estava desesperadamente cansada e que o desgosto de haver perdido minha mãe ainda estava bem vivo e profundo, embora eu procurasse afastá-lo, talvez com demasiada insistência. Se ao menos Archie ou Punkie, ou *alguém*, pudesse vir para junto de mim!

Tinha Rosalind, é certo; porém, não podia dizer-lhe nada que a afligisse ou falar-lhe de desgostos, preocupações ou doenças. Ela se sentia particularmente feliz, estava apreciando muitíssimo sua

estada em Ashfield, como sempre — e ajudava-me muito em meus afazeres. Gostava de carregar coisas escadas abaixo e jogá-las no caixote do lixo e, por vezes, escolher algo para si: “Acho que ninguém vai querer isto aqui; vou guardá-lo”.

O tempo passou, quase tudo estava pronto e, finalmente, eu podia avistar o termo de minha escravidão. Chegou o mês de agosto — o aniversário de Rosalind era dia 5 de agosto. Punkie chegou dois ou três dias antes, e Archie, no dia 3. Rosalind estava feliz com a perspectiva de ficar com sua tia Punkie durante as duas semanas em que Archie e eu iríamos para a Itália.

V

“Que deverei fazer para afastar
Essas recordações de meus olhos?”,

escreveu Keats. Mas deveremos nós afastá-las? Se resolvemos olhar para trás, para a viagem que é nossa vida, será que temos o direito de ignorar as recordações que nos trazem de volta as horas infelizes? Não será uma covardia?

Acho que deveríamos dar uma breve olhada e dizer: “Sim, *isto* foi parte da minha vida; mas está terminado. É apenas um fio que faz parte da tapeçaria da minha existência. Não há necessidade de nos determos aqui”.

Quando Punkie chegou a Ashfield, senti-me maravilhosamente feliz. Então, chegou também Archie.

Penso que a descrição mais aproximada do que nessa altura senti é a recordação de meu velho pesadelo — o horror de estar sentada a uma mesa de chá, olhando para meu amigo mais

querido e, de súbito, ter consciência de que a pessoa à minha frente me *é desconhecida*. É isso o que melhor descreve, parece-me, minha sensação quando Archie chegou.

Seus atos eram os mesmos, mas, simplesmente, não era mais Archie. Eu não conseguia saber o que se passava com ele. Punkie também notou a diferença, e disse: “Archie está esquisito; estará doente, ou algo assim?” Respondi que talvez estivesse doente. Contudo, Archie afirmou que se sentia perfeitamente bem. Conversava pouco conosco, e saía sozinho. Perguntei-lhe por nossas passagens para Alassio; respondeu: “Oh, sim, bem... bem, está tudo preparado; depois falo com você a esse respeito”.

Archie tornara-se um estranho. Eu quebrava a cabeça, cogitando no que poderia ter sucedido. Tive um susto momentâneo, pensando que algo estivesse correndo mal na firma. Seria possível que Archie tivesse desviado dinheiro? Não, não acreditava em semelhante possibilidade. Será que havia embarcado, porém, em alguma transação para a qual não possuísse suficiente competência? Dificuldades financeiras? Algo de que não me quisesse falar? Mas eu teria que saber, afinal!

“O que está acontecendo com você, Archie?”

“Oh, nada especial.”

“Mas deve haver alguma coisa.”

“Bem, acho que será melhor contar tudo: não temos passagens para Alassio. Não estou com disposição de partir para o estrangeiro.”

“Então você prefere ficar aqui, brincando com Rosalind, é isso? Bem, acho quase tão agradável como viajar para o estrangeiro.”

“Você não está entendendo”, Archie disse com irritação.

Passaram-se ainda outras vinte e quatro horas antes que ele,

afinal, me dissesse sem vacilar:

“Estou desolado que tenha acontecido. Você se lembra daquela moça morena que foi secretária de Belcher, que esteve em nossa casa com Belcher para passar um fim de semana e que, no ano passado, vimos em Londres duas ou três vezes?”

Não conseguia me lembrar de seu nome, mas sabia a quem Archie se referia. “Sim, e daí?”, perguntei.

“Bem, tenho andado com ela, de vez em quando, desde que fiquei sozinho em Londres. Temos saído juntos, bastantes vezes...”

“Bem”, respondi, “não sei por que você não poderia sair com ela!”

“Oh, você ainda não está entendendo”, Archie disse, impaciente. “Apaixonei-me por ela, e gostaria que você se divorciasse de mim tão depressa quanto possível.”

Com essas palavras, parte da minha vida — da minha vida feliz, cheia de êxitos e de confiança — terminara. Não tive imediatamente consciência disso, porque não pude acreditar no que ouvia. Pensei que era um “caso”, que acabaria por passar. Jamais tivera a menor suspeita de que pudesse existir algo desse gênero em nossa vida conjugal. Fôramos felizes juntos, e havia harmonia entre nós. Archie não era do tipo de homem que passa a vida atrás de mulheres. Isso acontecera, talvez, pelo fato de não ter junto dele, nos últimos tempos, sua habitual companheira, calma e alegre.

Archie continuou: “Eu lhe disse, há muito tempo, que não suporto junto de mim gente doente ou infeliz. Para mim isso estraga tudo”.

Sim, pensei, eu deveria ter sabido que era assim. Se fosse mais esperta e atenta, se tivesse melhor conhecimento do caráter de meu marido — se me tivesse preocupado em saber mais acerca

dele, em vez de me contentar em idealizá-lo e considerá-lo mais ou menos perfeito —, então talvez tivesse evitado tudo aquilo. Se me desse uma segunda oportunidade, será que conseguiria evitar o que sucedeu? Se não tivesse ido para Ashfield, deixando-o sozinho em Londres, talvez ele nunca viesse a se interessar pela tal moça. É claro que isso poderia ter sucedido com qualquer outra pessoa, porque, de algum modo, eu falhara, não soubera preencher a vida de Archie. Ele certamente estava pronto a apaixonar-se por outra mulher, embora talvez nem sequer o soubesse. Ou essa moça seria especial? Fora o destino que o fizera apaixonar-se por ela tão subitamente? Decerto, isso não acontecera nas poucas ocasiões em que nos encontramos. Ele até protestara porque eu a convidara a ficar conosco, dizendo que isso prejudicaria suas partidas de golfe. Todavia, quando se apaixonou por ela, aconteceu da mesma forma súbita com que se apaixonara por mim. Talvez se tratasse de uma fatalidade.

Os amigos e parentes de pouco nos servem nessas ocasiões. O ponto de vista deles — “Mas é absurdo! Vocês sempre foram tão felizes! Isso vai passar! Sucede a muitos maridos. Acaba sempre passando!” — era também o meu. Achava que ele superaria essa crise. Não foi assim, porém. Archie deixou Sunningdale. Carlo, entretantes, voltou para nossa casa — os especialistas ingleses haviam declarado que o pai dela não sofria de câncer, afinal —, e foi um alívio indizível tê-la junto de mim. Carlo era mais lúcida do que eu. Disse que Archie não voltaria para junto de mim. Quando, finalmente, veio fazer suas malas, quase senti um alívio — ele decidira sua própria vida.

No entanto, voltou passados quinze dias. Talvez, disse ele então, se tivesse enganado. Talvez fosse errado ir embora. Disse-lhe que estava certa de que regressara por amor de Rosalind. Era

louco por ela, não era? Sim, admitiu ele, era louco por Rosalind.



Rosalind e eu.

“E ela por você. Gosta muito mais de você do que de mim. Claro, quer-me junto dela quando está doente, mas é a você que ela ama *realmente* e de quem depende sentimentalmente. Vocês

possuem o mesmo senso de humor, e são melhores companheiros do que ela e eu. Você deve tentar superar essa paixão. Sei que isso é possível.”

Mas seu regresso, suponho, foi um erro, porque o fez notar como era profundo aquele seu sentimento; repetiu-me mais de uma vez: “Não posso suportar o fato de não obter o que ambiciono, e não posso suportar o fato de não ser feliz. Nem todo mundo pode ser feliz, no entanto; alguém tem que ser infeliz”.

Consegui abster-me de perguntar: “E por que eu terei de ser infeliz, e não você?” Não adianta nada fazer esse tipo de pergunta.



Nossa casa em Bagdá.

O que não podia entender era sua permanente aspereza em relação a mim, durante esse período. Quase não me dirigia a palavra, nem me respondia quando falava com ele. Hoje compreendo-o melhor, porque observei outros maridos e outras mulheres e aprendi mais sobre a vida. Ele se sentia infeliz porque,

em seu íntimo, acho, tinha afeto por mim, e custava-lhe fazer-me sofrer — de modo que sentia necessidade de se assegurar que não estava me fazendo sofrer, que, depois, seria muito melhor para mim assim e eu teria uma vida mais feliz. Poderia viajar, escreveria meus livros, o que, afinal de contas, representaria um consolo. Como a consciência lhe pesava, não podia deixar de se comportar com certa crueldade. Minha mãe sempre dissera que Archie era impiedoso. Eu sempre conseguira ver seu outro lado, o modo como se preocupava com os outros, seus muitos atos de bondade, sua natureza generosa, sua boa vontade quando Monty chegara do Quênia, o trabalho a que se dava pelos outros. Agora era impiedoso porque lutava por sua felicidade. Eu admirara algumas vezes sua frieza. Dessa vez, porém, sofria com ela.

Assim, depois da doença, vieram os desgostos, o desespero, e eu senti meu coração dilacerado. Não há necessidade de nos determos nesse aspecto de minha vida. Durante um ano esperei que Archie reconsiderasse sua atitude. Mas isso não aconteceu. E assim terminou meu primeiro casamento.

VI

Em fevereiro do ano seguinte, Carlo, Rosalind e eu fomos às ilhas Canárias. Tive certa dificuldade em realizar essa viagem, mas sabia que a única esperança de recomeçar a vida era cortar tudo o que a destruía. Depois do que sofrera, não podia haver paz na Inglaterra para mim. A única alegria de minha vida era Rosalind. Se pudesse ficar sozinha com ela e com minha amiga Carlo, as coisas seriam muito melhores e eu poderia, então, enfrentar o futuro. Mas continuar na Inglaterra era-me

insuportável.

Data dessa época, suponho, minha repugnância à imprensa, minha pouca simpatia pelos jornalistas e pelas multidões. Talvez não seja justo, mas é natural. Sentira-me como uma raposa perseguida, com meu covil revolvido e cães de fila latindo, seguindo-me por todo lado. Toda a vida eu detestara a notoriedade, de qualquer gênero, e, nessa altura, sofri tanto com ela que, por momentos, cheguei a pensar que não desejava continuar vivendo.

“Você pode viver tranqüila em Ashfield”, sugeria minha irmã.

“Não”, respondi, “não posso. Se ficar demasiado tranqüila e só, não farei mais do que recordar; recordar todos os dias felizes que ali passei e tudo o que me deu felicidade.”

Quando se está ferido, o importante é não lembrar os tempos *felizes*. Pode-se recordar os tempos tristes — isso não faz mal —, mas algo que recorde um dia *feliz* ou uma coisa *feliz* é nocivo para quem sofre.

Archie continuou a morar em Styles por algum tempo, mas tentava vender a casa — com meu consentimento, claro, visto que era dona de metade. Eu precisava urgentemente daquele dinheiro, porque novamente atravessava uma crise financeira.

Desde que minha mãe morrera, não fora capaz de escrever uma palavra. Um livro era esperado naquele ano, e, por ter gasto tanto com Styles, não tinha dinheiro guardado: o pouco capital de que dispunha fora gasto na compra da casa. Não esperava nenhuma entrada de dinheiro, de lugar algum, exceto o que poderia ganhar ou que já possuísse. Era vital escrever outro livro tão depressa quanto possível, e pedir um adiantamento por ele.

Meu cunhado, irmão de Archie, Campbell Christie, que sempre fora muito meu amigo e pessoa muito bondosa e adorável,

ajudou-me. Sugeriu-me que reunisse as doze histórias publicadas na *Sketch* de modo a formarem um livro. Seria uma solução. Ajudou-me, também, nesse trabalho — eu ainda estava incapaz de enfrentar fosse o que fosse. Finalmente, foi editada a coletânea, *Os quatro grandes*, que acabou por se tornar muito popular. Achava que, quando pudesse sair da Inglaterra e me acalmar, talvez conseguisse, com a ajuda de Carlo, escrever outro livro.

Uma pessoa que esteve sempre a meu lado e me inspirou confiança em tudo o que fiz foi meu cunhado James.

“Você está certa, Agatha”, dizia, com sua voz serena. “Você é quem sabe o que lhe convém, e eu, em seu lugar, faria o mesmo. Deve sair daqui. Pode ser que Archie reconsidere e volte para casa — espero que o faça —, porém penso que não o fará. Nem me parece que seja esse tipo de pessoa. Quando decide algo, é definitivo, de modo que, se fosse você, não contaria muito com isso.”

Respondi que não contava com isso, mas achava que, por causa de Rosalind, deveria esperar pelo menos um ano, de modo que ele tivesse certeza do que estava fazendo.

Fora educada, é claro, como todo mundo no meu tempo, com horror — que ainda hoje tenho — pelo divórcio. Ainda conservo, passado tanto tempo, uma sensação de culpa por ter cedido à insistência de Archie em nos divorciarmos. Sempre que olho para minha filha, ainda sinto que *deveria* ter agüentado firme, que talvez devesse ter recusado. Mas ficamos tão tolhidos, quando não somos nós a desejar esse gênero de coisas! *Eu* não queria divorciar-me de Archie — odiava a idéia de me divorciar dele. Romper um casamento é errado — tenho certeza. Já vi não poucos casamentos desfeitos e ouvi inúmeras histórias do que se passou nesses casos para saber que, se não é tão grave o rompimento

quando não há filhos, quando os há é justamente o contrário.

Quando regressei à Inglaterra, estava de novo como sempre fora — um pouco mais endurecida, mais desconfiada do mundo, mas mais bem preparada para lidar com ele. Aluguei um pequeno apartamento em Chelsea, onde me instalei com Rosalind e Carlo. Com minha amiga Eileen Morris, cujo irmão era diretor da Escola Morris Hill, fui visitar várias escolas preparatórias para meninas. Achava que, como Rosalind fora desenraizada de seu lar e seus amigos, e em Torquay eu conhecia poucas crianças da idade dela, seria melhor que fosse para um colégio interno. Aliás, era o que Rosalind desejava. Eileen e eu vimos cerca de dez colégios diferentes. Quando terminamos, sentia minha cabeça oca, embora alguns deles nos tivessem feito rir. Ninguém, é claro, sabia menos acerca de colégios do que eu, já que, quando menina, sequer chegara perto de um deles. Não fazia a menor idéia se este colégio era melhor do que aquele. E, na verdade, isso jamais me fizera falta. “Mas não fizera mesmo?”, pensava com meus botões. Talvez me tivesse feito falta, quem sabe? Talvez fosse melhor dar essa oportunidade a minha filha.

Como Rosalind era dotada de muito bom senso, consultei-a a esse respeito. Ficou entusiasmada. Gostava do colégio de Londres a que ia diariamente, mas achava que seria bom ir para um de classe mais adiantada no outono seguinte. Depois disso, confessou, gostaria de ir para outro muito grande — o maior que houvesse! Combinamos que eu tentaria encontrar um colégio agradável e que, em princípio e como experiência, seria o de Cheltenham — o maior que eu conhecia —, o que ela freqüentaria mais tarde.

O primeiro colégio de que gostei ficava em Bexhill: o Caledonia, dirigido pela srta. Wynne e sua sócia, srta. Barker. Era

convencional, visivelmente bem dirigido, e de fato gostei da srta. Wynne, pessoa com autoridade e personalidade. Todas as regras do colégio eram rigorosas, embora muito sensatas. Além do mais, Eileen ouvira alguns amigos dizerem que a alimentação era excepcionalmente boa. Também gostei da aparência das crianças que lá se achavam.

O outro colégio de que gostei era de gênero totalmente diferente. As alunas, se quisessem, podiam ter pôneis e outros animais de estimação, e até mesmo escolher os assuntos que queriam estudar. Dispunham de muita liberdade e, se não se sentiam inclinadas a fazer algo, não eram forçadas, porque, dizia a diretora, acabavam fazendo tudo por vontade própria. Havia também certa formação artística, e gostei da diretora. Era uma pessoa dotada de bastante originalidade e calor humano, entusiasmo e idéias novas.

Fui para casa, meditei e, finalmente, decidi-me a levar Rosalind a visitá-los uma vez mais. Depois, dei-lhe um prazo de dois dias para que considerasse o assunto. Finalmente, perguntei-lhe: “Agora diga-me: qual deles prefere?”

Rosalind, graças a Deus, sempre soube o que queria. “Ah! Prefiro o Caledonia! Não gostei do outro; é parecido demais com uma festa. Nós não vamos para um colégio como quem vai para uma festa, não é mesmo?”

Decidimo-nos, portanto, pelo Caledonia — e foi um êxito. O ensino era extremamente bom, e as crianças se interessavam pelo que aprendiam. Era muito organizado, e Rosalind era uma criança que gostava disso. Lembro-me de que me disse com orgulho, certa vez que veio de férias: “Não ficamos um momento sem nada que fazer!” No lugar dela, eu teria detestado.

Às vezes, suas respostas às minhas perguntas pareciam-me

extraordinárias:

“A que horas vocês se levantam, pela manhã, Rosalind?”

“Não sei. Quando toca uma campainha.”

“E você não está interessada em saber a que horas essa campainha toca?”

“Para quê? As campainhas primeiro tocam para nos levantarmos. Mais tarde, meia hora depois, suponho, tomamos o café da manhã.”

A srta. Wynne mantinha também os pais em seu lugar. Perguntei-lhe certa vez se Rosalind poderia sair comigo, um domingo, trajada com a roupa de todos os dias, em vez de usar o vestido de seda, dos domingos, pois íamos fazer um piquenique nas colinas.

A srta. Wynne replicou: “Todas as minhas alunas saem aos domingos com suas roupas de domingo”. E pronto! Contudo, Carlo e eu levamos uma pequena mala com roupas mais práticas para Rosalind, e num bosque convenientemente denso ela trocou o vestido de seda Liberty, o chapéu de palha e os sofisticados sapatos por algo mais apropriado. Ninguém jamais descobriu esse ardil...

A srta. Wynne era uma mulher de grande personalidade. Um dia, perguntei-lhe o que se fazia no Dia dos Esportes quando chovia. “Chuva?”, disse ela, surpresa. “Jamais choveu no Dia dos Esportes, que me lembre!” Parece até que podia comandar os elementos. Ou então, como disse uma das amigas de Rosalind, “Deus estava sempre do seu lado”.

Enquanto estivemos nas ilhas Canárias, consegui escrever a maior parte de um novo romance, *O mistério do trem azul*. Não foi

fácil e, certamente, Rosalind dificultou esse trabalho. Diferente de sua mãe, não era criança que pudesse distrair-se pela imaginação: requeria algo concreto. Se lhe déssemos uma bicicleta, desaparecia por uma boa meia hora. Se, quando estava chovendo, lhe dávamos um quebra-cabeça, entretinha-se com ele. No jardim do hotel de Orotava, em Tenerife, não havia, porém, nada com que entreter Rosalind, a não ser caminhar em torno dos canteiros ou, de vez em quando, correr com seu arquinho — e este não fazia as delícias de Rosalind, como fizera as de sua mãe. Para ela, não passava de um arquinho.

“Olhe aqui, Rosalind”, dizia eu, “você não deve me interromper. Tenho um trabalho importante a fazer. Estou escrevendo outro livro. Carlo e eu ficaremos ocupadas com isso por uma hora ainda. Você não deve nos interromper.”

“Está bem”, dizia Rosalind sombriamente, e ia embora. Eu olhava para Carlo, sentada com o lápis pousado, e pensava, pensava, pensava — queimando meus miolos. Finalmente, começava, hesitante. Passados alguns minutos, reparava que Rosalind estava do outro lado, sem sair, olhando para nós.

“O que você quer, Rosalind?”

“Será que já passou meia hora?”

“Não, passaram-se exatamente nove minutos. Agora vá embora.”

“Está bem.” E partia.

Eu recomeçava meu hesitante ditado.

Novamente chegava Rosalind.

“Rosalind, escute: chamarei você quando o tempo tiver passado. Ainda não passou.”

“Bem, mas será que posso ficar aqui? Fico só junto de vocês. Não vou interromper.”

Os olhos de Rosalind em cima de mim tinham o efeito de uma medusa. Sentia com muito mais força que aquilo que estava ditando era completamente idiota. (E, na realidade, a maior parte era mesmo.) Eu errava, gaguejava, hesitava e me repetia. De fato, nem sei como consegui escrever esse pobre livro! Não senti a menor alegria ao escrevê-lo, o menor *élan*. Imaginara o enredo — um enredo convencional, em parte adaptado de uma das minhas histórias. Sabia, se assim posso dizer, para onde ia, mas não conseguia visualizar mentalmente as várias personagens, e não as sentia vivas. Continuei, empurrada pelo desejo, ou melhor, pela necessidade desesperada de escrever outro livro para ganhar algum dinheiro.

Foi nesse momento que deixei de ser amadora e passei a profissional. Assumi o encargo de uma profissão, que consiste em escrever mesmo quando não sentimos vontade, não gostamos do que estamos escrevendo e sentimos que não estamos escrevendo especialmente bem. Sempre detestei *O mistério do trem azul*, mas consegui escrevê-lo e enviei-o aos editores. Vendeu tão bem quanto o livro anterior. Portanto, teria que me contentar com essa idéia — embora não me tenha sentido orgulhosa com isso.

Orotava era linda. A enorme montanha dominava a paisagem; nos jardins do hotel, as flores eram magníficas. Havia, contudo, duas coisas ruins. De manhã cedo o tempo estava sempre lindo, mas logo desciam da montanha neblina e nevoeiro que ensombravam o resto do dia. Às vezes chovia. E os banhos de mar, para quem, como eu, gostava deles, eram péssimos. Éramos obrigados a nos deitar na areia dessas praias vulcânicas, enterrar os dedos no chão e deixar que as ondas nos viessem cobrir. Mesmo assim, porém, tínhamos que nos acautelar para que não nos arrastassem. Muita gente se afogara ali. Era impossível nadar.

Só conseguiam fazê-lo alguns nadadores muito fortes, e mesmo um desses se afogara no ano anterior. De modo que, depois de uma semana, mudamos para Las Palmas, na Gran Canária.

Las Palmas é ainda meu lugar ideal para passar os meses de inverno. Parece-me que hoje é local de intenso turismo, e perdeu parte de seu encanto. Nesse tempo, era tranqüilo e calmo. Pouca gente ia para lá, a não ser os que ficavam um mês ou dois, e preferiam aquela ilha à da Madeira. Suas duas praias são perfeitas. A temperatura também: a média gira em torno de vinte e oito graus, o que, na minha opinião, deve ser a temperatura de verão. Durante a maior parte do dia corria uma brisa agradável, e à noite estava sempre quente o bastante para podermos nos sentar ao ar livre, depois do jantar.

Foi nas noites em que me sentava do lado de fora, com Carlo, que fiz dois amigos íntimos. O dr. Lucas e sua irmã, a sra. Meek. Ela era bem mais velha do que o irmão, e tinha três filhos. Ele era especialista em doenças do pulmão, casado com uma australiana, e possuía um sanatório na costa leste. Ele próprio fora doente na juventude — tuberculose ou poliomielite, não sei —, porém era levemente corcunda e de constituição frágil. Mas era médico por vocação e obtinha muito êxito com seus doentes. Disse-me uma vez: “Você sabe, meu sócio é um médico melhor do que eu, tem melhores qualificações, sabe mais do que eu, mas não consegue fazer por seus doentes o que faço. Quando os deixo, ficam abatidos e sofrem recaídas. Eu *faço* com que eles se curem”.

Toda a família o chamava de “pai”. Em breve, Carlo e eu também o chamávamos de “pai”. Quando cheguei, estava com dores de garganta. Ele veio ver-me e disse: “Você tem andado muito infeliz. O que está acontecendo? Brigou com seu marido?”

Disse-lhe que sim e contei-lhe, por alto, o que sucedera. Ele

encorajou-me: “Se você quiser, ele voltará para você. Dê-lhe algum tempo. Dê-lhe bastante tempo. E, quando de novo ele vier para você, não o recrimine”.

Disse que não acreditava no retorno de Archie, que não era do gênero dele. “Alguns não são desse gênero”, concordou. Depois sorriu e disse: “Mas a maior parte de nós sempre retorna, posso garantir-lhe. Eu próprio fui embora e voltei. Mas, aconteça o que acontecer, aceite e *vá em frente*. Você possui muita força e coragem. Você ainda fará de sua vida algo que valha a pena”.

Querido “pai”! Devo-lhe tanto! Ele sentia enorme compaixão por todos os sofrimentos e erros humanos. Quando morreu, cinco ou seis anos depois, senti que havia perdido um de meus melhores amigos.

Um dos receios de Rosalind era que a arrumadeira espanhola falasse com ela. “Por que ela não poderia falar com você?”, perguntei. “Você também pode falar com ela.”

“Não posso, ela é *espanhola*. Ela diz ‘*señorita*’, e a seguir fala coisas que não entendo.”

“Não seja boba, Rosalind!”

“Oh, está bem. Pode ir jantar. Não me importo de ficar sozinha na cama. Assim poderei fechar os olhos e fingir que estou dormindo, quando a arrumadeira entrar no quarto.”

É estranho como certas coisas impressionam as crianças: as coisas de que gostam e as de que não gostam! Quando entramos no navio de regresso à Inglaterra, o mar estava agitado, e um marinheiro espanhol, alto e muito feio, tomou Rosalind nos braços e pulou com ela da passarela para o navio. Pensei que fosse berrar, contrariada. Nada disso, porém. Sorriu-lhe com a maior doçura.

“Ele é estrangeiro, e você não se incomodou”, disse eu.

“Bem, mas ele não *falou* comigo. E gostei da cara dele, um rosto agradável, feio.”

Só ocorreu um incidente digno de nota, quando deixamos Las Palmas. Chegamos a Puerto de La Cruz, para pegar o navio da Union Castle, e descobrimos que fora esquecido o Ursinho Azul. O rosto de Rosalind ficou imediatamente lívido. “Não vou embora sem meu ursinho”, disse. Aproximou-se então o motorista do ônibus que nos trouxera. Prometemos gratificá-lo largamente se fosse buscar o ursinho, embora ele não desse mostras de ligar para a gorjeta. É claro que buscaria o macaquinho da menina, é claro que viria dirigindo com a velocidade do próprio vento. Entretanto, assegurou-se de que os marinheiros não deixariam o navio partir sem que chegasse o brinquedo favorito de uma criança. Era um navio inglês *en route* desde a África do Sul. Se fosse um navio espanhol, não tenho a menor dúvida de que esperaria mais um par de horas, se necessário. Contudo, no fim, deu tudo certo. Quando as sirenas começaram a soar e todos os visitantes do navio foram mandados para terra, vimos aproximar-se o ônibus, correndo envolto numa nuvem de poeira. O motorista pulou de dentro: o Ursinho Azul passou para as mãos de Rosalind no tombadilho e ela agarrou-o de encontro ao coração. Um fim feliz para nossa estada em Las Palmas.

VII

Meu plano de vida daí por diante estava mais ou menos estabelecido; só me faltava tomar uma decisão.

Archie e eu marcáramos um encontro. Ele parecia doente e cansado. Conversamos sobre várias coisas e pessoas que

conhecíamos. Depois, perguntei-lhe como se sentia; se tinha certeza de que não poderia voltar para casa e viver com Rosalind e comigo. Disse-lhe, uma vez mais, que ele bem sabia como Rosalind o amava e quanto ficara desorientada com sua ausência.

Certa vez Rosalind dissera, com a devastadora sinceridade da infância: “Eu sei que papai me ama e que gostaria de morar comigo. É de você que ele parece não gostar”.

“Isso prova”, disse eu, “o quanto ela precisa de você. Não conseguirá voltar para casa?”

Archie disse: “Não, receio que não. Só há uma coisa que realmente quero: tenho um desejo louco de ser feliz, e não o serei se não puder me casar com Nancy. Ela está dando a volta ao mundo há dez meses, porque a família dela tem esperança de que essa viagem a faça desistir de mim, mas não vão conseguir. Essa é a única coisa que quero ou posso fazer”.

Finalmente, estava tudo arrumado. Escrevi a meus advogados e fui vê-los. Nada mais havia a fazer, exceto decidir o que fazer de mim. Rosalind estava no colégio, e tinha Carlo e Punkie para visitá-la. Eu estava livre até as férias do Natal — decidi partir em busca do sol. Iria às Antilhas e à Jamaica. Dirigi-me à Agência Cook e reservei as passagens.

Aqui entra novamente o destino. Dois dias antes da data marcada para minha partida, fui jantar em casa de uns amigos em Londres. Não eram dos mais íntimos, mas formavam um casal encantador. Estava também lá um casal mais jovem, um oficial da marinha, o comandante Howe, e sua mulher. Fiquei sentada junto ao comandante e ele falou-me em Bagdá. Acabara de chegar dessa parte do mundo, depois de ter ficado estacionado no golfo Pérsico. Depois do jantar a mulher dele também sentou-se perto de mim, e conversamos. Contou-me que todo mundo dizia que Bagdá era

uma cidade horrível, mas ela e o marido haviam ficado fascinados. Falaram-me tanto de Bagdá que comecei a me entusiasmar. Perguntei se só se podia chegar até lá por mar.

“Pode-se ir de trem, pelo Expresso do Oriente.”

“O Expresso do Oriente?”

Toda a minha vida ambicionara viajar no Expresso do Oriente. Muitas vezes, quando fora à França, Espanha ou Itália, vira o Expresso do Oriente parado em Calais e sentira enorme vontade de me meter dentro dele. “Simplon-Expresso do Oriente — Milão, Belgrado, Istambul...”

Fiquei entusiasmada. O comandante Howe escreveu num papel todos os lugares que eu deveria visitar em Bagdá. “Não se deixe cair em ciladas: você deve ir a Mossul, e tem que visitar Basra; e certamente não deve deixar de ir a Ur.”

“Ur?”, perguntei. Acabara de ler na *Illustrated London News* algo sobre os maravilhosos achados de Leonard Woolley em Ur. Sempre me sentira vagamente atraída pela arqueologia, embora não soubesse nada a esse respeito.

Na manhã seguinte, corri à Agência Cook, cancelei minhas reservas para as Antilhas e comprei passagens para uma viagem no Expresso do Oriente para Istambul; de Istambul para Damasco; de Damasco para Bagdá, cruzando o deserto. Estava imensamente entusiasmada. Mais quatro ou cinco dias para conseguir os vistos e eu partiria.

“Vai sozinha?”, perguntou Carlo, preocupada. “Sozinha para o Oriente Médio? Não conhece ninguém lá, não é?”

“Oh, acho que vai dar certo. Afinal de contas, de vez em quando temos que nos acostumar a andar sós.” Jamais fizera coisa alguma sozinha, jamais o quisera — aliás, mesmo agora não sentia muita vontade de ir sozinha. Contudo, pensei: “É agora ou

nunca. Ou continuo me agarrando em todo mundo em busca de segurança, ou me acostumo a tomar iniciativas e a viver por mim própria”.

Foi assim que, cinco dias mais tarde, parti para Bagdá.

Há que confessar que esse nome fascina. Acho que sequer existia em minha mente uma idéia bem nítida do que queria ver em Bagdá. Decerto jamais esperara ver a cidade de Harun al-Rachid. Era um lugar aonde nunca pensaria ir, de modo que possuía para mim todos os atrativos do desconhecido.

Eu dera a volta ao mundo com Archie; estivera nas ilhas Canárias com Carlo e Rosalind; agora viajaria *sozinha*. Agora poderia descobrir que gênero de pessoa eu era — se havia ficado completamente dependente dos outros, como temia. Podia ceder à minha paixão de viajar para qualquer lugar que quisesse. Podia mudar de idéia no último momento, como justamente fizera ao escolher Bagdá em vez das Antilhas. Não precisava pensar em mais ninguém senão em mim. Ia ver se gostava dessa forma de vida. Às vezes pensava que possuía temperamento de cachorro: os cachorros não saem a passeio, a não ser que alguém os leve. Talvez eu fosse assim! Esperava que não.

Oitava parte

SEGUNDA PRIMAVERA

I

Os trens sempre exerceram grande fascínio sobre mim. É uma pena que, nos dias de hoje, nossos meios de transporte não pareçam mais amigos nossos.

Entrei em meu compartimento do carro-leito, em Calais, depois de cumprir a aborrecida viagem até Dover e a travessia do canal, e instalei-me confortavelmente no trem dos meus sonhos. Só então tomei conhecimento de um dos primeiros perigos das viagens. Teria por companhia uma mulher de meia-idade, bem-vestida, viajante experimentada, com muitas malas e chapeleiras — sim, ainda viajavamos com caixas de chapéus —, e ela pôs-se a conversar comigo. Coisa, de resto, a mais natural, pois partilhávamos uma cabine que, como todas as de segunda classe, dispunha de duas camas. Sob alguns pontos de vista, era muito mais simpático viajar na segunda classe do que na primeira, pois os vagões eram bem maiores, com mais espaço para nos movimentarmos.

“Para onde vai?”, perguntou minha companheira. “Para a Itália?” “Não”, respondi, “vou para mais longe.” “Então para onde?” Disse-lhe que ia para Bagdá. Imediatamente, animou-se toda — morava em Bagdá. Que coincidência! Se fosse me hospedar com amigos, como era de presumir, era quase certo que os conhecesse. Disse-lhe que não ficaria com amigos.

“Então para onde vai? Não pode ficar sozinha num hotel de Bagdá.”

Perguntei por que não. Afinal de contas, para que havia hotéis? Pelo menos foi o que pensei, embora não o tenha dito.

Oh! Os hotéis eram *impossíveis!* “Você não pode fazer isso! Vou dizer o que deve fazer: virá para nossa casa!”

Fiquei um pouco sobressaltada.

“Sim, sim, não aceitarei uma negativa. Quanto tempo tem para ficar em Bagdá?”

“Provavelmente, pouco tempo”, respondi.

“Bem, seja como for, para começar, você ficará em nossa casa; depois trataremos de sua ida para a casa de qualquer outra pessoa.”

Era amável, muito hospitaleira, mas imediatamente me senti revoltada.

Comecei a entender o que o comandante Howe queria dizer quando me falava em ciladas: aconselhara-me a não me deixar envolver pela vida social da colônia inglesa. Já me via de pés e mãos atados. Tentei fazer um breve relato, gaguejando um pouco, do que planejava fazer e ver. A sra. C. — dissera-me seu nome, acrescentando que seu marido estava em Bagdá e que era uma das mais antigas residentes da cidade — pôs rapidamente de lado todas as minhas idéias.

“Oh, você achará tudo isso muito diferente quando chegar. Mas a vida é realmente muito agradável. Joga-se muito tênis, saímos muito. Acho que vai gostar. Todo mundo diz que Bagdá é horrível; eu não concordo. Os jardins são uma beleza, sabe?”

Concordei benevolmente com tudo. Continuou: “Suponho que irá a Trieste e tomará aí o navio para Beirute, não?”

Disse-lhe que não, que continuaria até lá no Expresso do Oriente. Ela abanou a cabeça: “Não me parece aconselhável, sabe? Acho que não gostaria de fazer essa viagem. Oh, bem, suponho

que não há mais remédio agora. Em todo caso, nós nos encontraremos, espero. Vou dar-lhe meu cartão e, chegando a Bagdá, se telegrafar quando sair de Beirute, meu marido estará à sua espera e você virá diretamente para nossa casa”.

Que poderia fazer senão agradecer e acrescentar que meus planos não estavam ainda definidos? Felizmente a sra. C. não faria a viagem toda comigo — graças a Deus!, pensei, porque não pararia de falar. Saltaria em Trieste e tomaria o navio para Beirute. Prudentemente, não mencionei meus planos de fazer escalas em Istambul e Damasco. Assim, talvez ela viesse a pensar que eu mudara de idéia acerca de minha estada em Bagdá. Separamo-nos nos termos mais amistosos, no dia seguinte, em Trieste; preparei-me, então, para me distrair.

A viagem foi tal como eu esperara. Depois de Trieste, atravessamos a Iugoslávia, pelos Balcãs; foi fascinante, para mim, admirar um mundo inteiramente novo: passar por desfiladeiros e montanhas, avistar carros puxados a bois, estudar as pessoas nas plataformas das estações, sair do trem ocasionalmente, em lugares como Nis e Belgrado, e observar a troca das locomotivas e a chegada desses novos monstros com dizeres e sinais inteiramente diferentes. Naturalmente, achei algumas pessoas, *en route*, mas nenhuma delas, graças a Deus, quis apropriar-se de mim como a primeira. Passei algum tempo, agradavelmente, com uma missionária norte-americana, um engenheiro holandês e duas senhoras turcas. Com estas últimas não pude conversar muito, embora falassem um francês claudicante. Encontrei-me na humilhante situação de ter que confessar que era mãe uma única vez e, cúmulo dos cúmulo, de uma menina. A risonha senhora turca tivera, segundo pude entender, treze filhos, cinco dos quais haviam morrido, e ainda sofrera três, se não quatro, abortos. Tal

soma de filhos parecia-lhe admirável, embora eu tenha percebido que não desanimara de aumentar o esplêndido recorde de fertilidade. Aconselhou-me vários remédios para aumentar minha família. Além dos remédios caseiros, que deveriam me estimular, tais como tisanas de plantas, cozeduras de ervas e o uso — segundo me pareceu — de alho, deu-me o endereço de um médico em Paris que era “absolutamente maravilhoso!”

Só quando viajamos sós compreendemos o quanto o mundo exterior está disposto a nos acolher e proteger — embora nem sempre para nossa satisfação. A senhora missionária insistiu em dar-me vários remédios para os intestinos: possuía um extraordinário estoque de laxantes. O engenheiro holandês falou-me com severidade sobre o local em que eu ficaria em Istambul, e avisou-me dos perigos dessa cidade. “Você terá que ser cautelosa”, disse. “É jovem e educada, mora na Inglaterra, onde está sempre protegida pelo marido ou pelos parentes. Não creia no que lhe disserem em Istambul. Não vá a locais de diversão sem ter certeza de que são decentes”, aconselhava-me ele, como se eu fosse uma garota de dezessete anos de idade. Agradei, e prometi que estaria sempre na defensiva.

Para me salvar de todos esses perigos, convidou-me para jantar na noite de chegada. “O Tokatlian”, disse ele, “é um hotel muito bom. Lá você poderá sentir-se segura. Irei buscá-la por volta das nove horas e a levarei a um restaurante muito agradável, muito correto. É de certas senhoras russas — russas-brancas, de nascimento nobre. Cozinham muito bem, e é um local muito sério.” Aceitei, e ele cumpriu sua palavra.

No dia seguinte, depois de terminar seus afazeres, foi buscar-me, mostrou-me Istambul e arranjou um guia para mim. “Não chame o guia da Agência Cook, é caro demais, e este que lhe

recomendo é muito respeitável.”

Depois de uma noite agradável, em que as senhoras russas como que navegaram pelo restaurante, sorrindo aristocraticamente e conversando com ar condescendente com meu amigo engenheiro, ele me levou ainda a dar uma volta por Istambul e, finalmente, transportou-me intacta ao Hotel Tokatlian. À despedida, hesitante, disse: “Agora gostaria de perguntar...” — e a interrogação tornou-se compreensível enquanto procurava avaliar minha reação; depois, suspirou: “Não, acho que será mais sensato não perguntar coisa alguma”.

“Acho realmente que o senhor é muito sensato”, respondi, “e muito amável também.”

Suspirou novamente: “Teria sido muito agradável se pudesse ser de outro jeito, mas entendo — sim, está certo”. Apertou minha mão calorosamente, levou-a aos lábios e saiu de minha vida para sempre. Era um homem simpático — a simpatia em pessoa, realmente —, e foi a ele que fiquei devendo ter visitado Constantinopla sob bons auspícios.

No dia seguinte, fui procurada pelos representantes da Agência Cook, que, de modo mais convencional, me levaram, cruzando o Bósforo, a Haidar Pasha, onde retomei minha viagem no Expresso do Oriente. Fiquei contente por ter meu guia junto de mim, porque não pode haver algo mais parecido com um asilo de loucos do que Haidar Pasha. Todo mundo gritava, berrava, batia os pés no chão, para chamar a atenção do oficial da alfândega. Tive então oportunidade de conhecer a técnica do dragomano da Agência Cook. “Dê-me uma libra, *já*”, disse ele. Dei-lhe a nota de uma libra. Ele imediatamente pulou os balcões da alfândega, agitando a nota no ar. “Olhem, olhem”, gritava, “olhem, olhem!” Seus gritos provaram-se eficazes. Um funcionário coberto de

alamares dourados correu até nós, fez grandes traços de giz em toda a minha bagagem, dizendo-me: “Desejo-lhe uma boa viagem”, e partiu para atormentar aqueles que ainda não haviam aderido ao esquema da libra da Agência Cook, “Bem, vou instalá-la no trem”, disse meu guia. “E agora, quanto é?” Estava um pouco incerta quanto ao que lhe daria e, enquanto lançava um olhar ao meu dinheiro turco, na verdade apenas alguns trocados que me haviam sido dados no carro-leito, ele respondeu: “É melhor guardar esse dinheiro. Pode vir a ser útil numa emergência. Dê-me outra libra”; fiquei em dúvida, mas refleti que temos que aprender às nossas custas, passei-lhe outra nota de libra e ele foi embora, cobrindo-me de saudações e bênçãos.

Havia uma sutil diferença quando se passava da Europa para a Ásia. Era como se o tempo tivesse menos significado. O trem seguia preguiçosamente seu caminho, junto do mar de Mármara e subindo as montanhas — todo esse caminho é de uma beleza indescritível. As pessoas que viajavam no trem também eram diferentes, embora me seja difícil dizer em que consistia essa diferença. Sentia-me distanciada do meu mundo, mas muito interessada no que estava fazendo e nos lugares para onde me encaminhava. Quando parávamos nas estações, gostava de olhar para fora, aquela multidão de roupas multicores, camponeses apinhados na plataforma e as estranhas comidas oferecidas à gente que viajava no trem. Comida em espetos, envolvida em folhas, ovos pintados de várias cores — toda espécie de coisas. A comida era menos agradável ao paladar e cada vez mais apimentada, gordurosa e sem sabor, à medida que caminhávamos para leste.

Depois, no segundo dia à tardinha, fizemos uma parada, e as pessoas desceram do trem para contemplar as Portas Amânicas.

Foi um momento de incrível beleza. Jamais o esquecerei. Mais tarde passei por aquele lugar muitas vezes, indo ou voltando do Oriente, e como os horários dos trens mudavam, parei ali em diferentes horas do dia e da noite: às vezes ao amanhecer, realmente uma maravilha; outras, como dessa primeira vez, ao cair da tarde, às seis horas; outras ainda, lamentavelmente, em plena noite. Tive sorte da primeira vez. Saí com todos os outros e fiquei ali contemplando. O sol, vagorosamente, encaminhava-se para o ocaso, e a beleza era indescritível. Sentia-me tão feliz por ter feito essa viagem, tão cheia de gratidão e alegria! Regressei ao trem, soaram os apitos e recomeçamos a jornada, ao longo do desfiladeiro, passando de um lado para o outro da montanha e saindo, lá embaixo, junto do rio. Assim fomos atravessando a Turquia e entramos na Síria, em Aleppo.

Antes de chegarmos a Aleppo, contudo, passei por um breve acesso de azar. Fui, como já esperava, picada pelos mosquitos, nos braços e na nuca, nos tornozelos e joelhos, mas ainda era tão inexperiente em viagens no estrangeiro que não reconheci que não fora picada por mosquitos, mas por percevejos, e ignorava que me tornaria, por toda a minha vida, particularmente sensível a tais picadas. Esses animaizinhos saíam dos vagões dos trens, àquela época feitos de madeira, e alimentavam-se ferozmente dos suculentos viajantes. Tive febre alta, e meus braços incharam. Finalmente, com a ajuda de um amável viajante comercial francês, cortei as mangas de minha blusa e de meu paletó: meus braços estavam tão inchados que era a única coisa que podia fazer. Tive febre, dores de cabeça, senti-me pessimamente e pensei: “Que erro cometi, empreendendo esta viagem!” Todavia, meu amigo francês foi muito prestativo: saiu e comprou-me uvas, as uvas pequenas e doces dessa região. “Você não vai sentir muita vontade de comer”,

disse ele. “Vejo que está com febre. É melhor ir comendo essas uvas.”

Apesar de ter sido ensinada por minha mãe e minha avó a lavar tudo, no estrangeiro, antes de comer, não quis saber desses conselhos. Alimentei-me de uvas a cada quarto de hora e me senti bastante aliviada. Não conseguiria comer outra coisa. Meu amável francês disse-me adeus em Alepo. No dia seguinte a inchação estava bem reduzida, e eu me sentia muito melhor.

Quando, finalmente, cheguei a Damasco, depois de um longo e cansativo dia de viagem num trem que parecia não correr mais de oito quilômetros por hora, e que parava constantemente junto de algo a que chamavam estação, mas que dificilmente se distinguia da paisagem, emergi no meio de um clamor: os bagageiros arrancavam-me as malas das mãos, gritando e berrando, enquanto outros, por seu turno, arrancavam-nas das mãos dos primeiros, ganhando nessa luta o mais forte. Finalmente, consegui discernir, fora da estação, um ônibus de bela aparência, com um letreiro: Orient Palace Hotel. Uma magnífica personagem de libré salvou-me, a mim e à minha bagagem, e junto com mais um ou dois perplexos viajantes entrei no ônibus e fui conduzida ao hotel. Este era provido de espaçosos *halls* revestidos de mármore brilhante, mas com iluminação tão fraca que mal dava para enxergar onde estávamos pisando. Depois de me acompanharem pelas escadas de mármore, mostraram-me um quarto enorme, onde debati com um ser do sexo feminino a possibilidade de tomar um banho. Ela acorrera ao toque de uma campainha, tinha um aspecto simpático e parecia entender algumas palavras de francês.

“Homem conserta”, disse, e, a seguir, elucidou-me um pouco mais: “*Un homme, un type, il va arranger*”. Acenou com a cabeça

de um modo tranqüilizador, e desapareceu.

Eu alimentava certas dúvidas a respeito do que poderia significar “*un type*”, mas, afinal, parece que se tratava do encarregado dos banhos, o mais baixo dos empregados, metido numa abundante roupa de algodão listrado, que me introduziu, vestida com um roupão, numa espécie de apartamento no porão. Aí, abriu várias torneiras e fez girar várias rodas. Água fervendo jorrou por cima do chão de pedra, e o vapor encheu o ar de tal maneira que eu não enxergava mais nada. Ele abaixou a cabeça, num cumprimento sorridente, acenou-me com a mão, dando-me a entender que estava tudo bem, e sumiu. Antes de partir, ele abriu todas as torneiras e a água jorrava, cobrindo o chão e saindo pelo ralo. Eu não sabia o que fazer. Não ousava fazer correr mais água quente. Havia aproximadamente oito ou dez rodinhas e torneiras nas paredes, cada qual, eu pressentia, capaz de produzir um fenômeno diferente — tal como uma ducha de água fervente sobre minha cabeça. Finalmente, descalcei os chinelos, despi-me e patinhei pelo chão de pedra, banhando-me mais no vapor do que arriscando-me aos perigos da água verdadeira. Por alguns momentos, senti saudades do meu país. Quanto tempo faltava ainda, antes que entrasse de novo num aposento de aspecto familiar, com paredes forradas de papel lustroso, com uma sólida banheira de porcelana e duas torneiras com as inscrições “quente” e “fria”, e que se podem regular de acordo com o próprio gosto!

Se bem me recordo, fiquei três dias em Damasco, durante os quais cumpri devidamente meu programa de visita à cidade, orientada pela inestimável Agência Cook. Numa ocasião, fiz uma excursão a um castelo qualquer do tempo das Cruzadas na companhia de um engenheiro norte-americano — parece que havia engenheiros como mato, em todo o Oriente Próximo! — e de

um clérigo muito idoso. Encontramo-nos pela primeira vez ao tomar lugar no ônibus, às oito e meia da manhã. O sacerdote, a benevolência personificada, convencera-se de que eu e o engenheiro norte-americano éramos marido e mulher. Era com essa convicção que se dirigia a nós. “Espero que não se incomode”, disse-me o engenheiro norte-americano. “Não me incomodo absolutamente”, repliquei. “Lamento que ele julgue que é meu marido”, acrescentei. A frase souou algo ambígua, e ambos acabamos rindo.

O velho sacerdote dignou-se fazer-nos uma dissertação acerca dos méritos da vida de casados, da necessidade de dar e receber, e desejou-nos todas as felicidades. Desistíramos de tentar lhe explicar a situação — ele pareceu tão aflito, quando o engenheiro norte-americano berrou em seus ouvidos que *não* éramos casados, que nos pareceu melhor deixar tudo como estava. “Mas vocês deveriam se casar”, insistiu o sacerdote, abanando a cabeça. “Viver no pecado não é bom, vocês sabem, realmente não é bom.”

Fui à maravilhosa cidade de Baalbek, visitei os bazares e a rua chamada Direita, comprei muitas das belas bandejas de bronze de lá, todas feitas à mão, cada uma delas com desenhos específicos das famílias que as produzem, transmitidos de pai para filho, sem que ninguém possa copiá-los. Imagino que, se retornasse a Damasco agora, poucas acharia, pois os artesãos, certamente, teriam sido substituídos por fábricas. Já nesse tempo as caixas e as mesas embutidas de madeira haviam-se tornado estereotipadas e eram universalmente reproduzidas — mas ainda eram feitas à mão, com seus desenhos tradicionais.

Também comprei uma cômoda de gavetas — uma grande cômoda incrustada com madrepérola e prata —, peça de

mobiliário que me faz pensar em contos de fadas. Foi desprezada pelo dragomano que me guiava.

“Não é um bom trabalho”, disse. “Muito velho — cinqüenta, sessenta anos, ou mais. Não se usa mais, entende? Muito velho, não é novo.”

Respondi que bem via que não era novo, mas não existiam muitas iguais. Talvez nem voltassem a fazer cômodas como aquela.

“Não. Ninguém está fazendo disso agora. Venha ver esta caixa. Está vendo? Muito boa. E esta aqui. Aqui está uma cômoda com gavetas. Está vendo? Tem muitas madeiras diferentes. Está vendo quantas madeiras diferentes ela tem? Oitenta e cinco madeiras diferentes!” O resultado era, para meu gosto, hediondo! Queria minha velha cômoda de madrepérola, marfim e prata.

A única coisa que me preocupava era como iria transportá-la até a Inglaterra. Aparentemente, não haveria a menor dificuldade. Passei-a através da Agência Cook para um hotel, depois para uma companhia de navegação e, finalmente, ao cabo de vários arranjos, combinações e cálculos, nove ou dez meses mais tarde, uma quase esquecida cômoda com incrustações de madrepérola e prata surgiu ao sul de Devon.

Essa história não termina aqui. Embora fosse um magnífico objeto de mobiliário, que dava gosto contemplar e em que podia guardar muitas coisas, no meio da noite a cômoda produzia um ruído estranho, como se dentes estivessem roendo algo. Alguma criatura comia minha linda cômoda! Tirei as gavetas e examinei-as. Não parecia haver marcas de dentes ou quaisquer buracos. No entanto, noite após noite, depois da meia-noite, eu escutava: *crump, crump, crump*.

Por fim, tirei uma das gavetas e levei-a a uma firma de

Londres, especialista em pragas tropicais. Concordaram imediatamente que algo sinistro trabalhava nos recessos da madeira. A única coisa a fazer seria desmontar a cômoda toda e montá-la novamente. Isso, devo dizer, aumentaria bastante a despesa já feita. Na realidade, o tratamento provavelmente custaria três vezes mais do que a própria cômoda, e duas vezes mais do que seu transporte para a Inglaterra. Eu, porém, não podia suportar mais aquele roedor fantasmagórico.

Pouco mais ou menos três semanas depois, meu telefone tocou e uma voz excitada disse: “Senhora, pode vir à loja? Gostaria que visse o que sua cômoda tem”. Eu estava em Londres nessa ocasião, de modo que me apressei a ir à loja, onde me mostraram um animal que parecia a repelente cruzada de uma lagarta com uma lesma. Grande, branco e obscuro, era evidente que gostara de seu regime de madeira, porque estava obeso. Comera quase toda a madeira em volta das gavetas! Algumas semanas mais, e minha cômoda regressou; a partir de então, as horas noturnas passaram a ser silenciosas.

Após visitar tudo o que podia em Damasco, aumentando minha determinação de regressar a essa cidade, certo dia, para poder percorrê-la com mais vagar, decidi viajar pelo deserto até Bagdá. Nesse tempo o serviço era feito por uma grande frota de ônibus de seis rodas, que operavam para a Agência Nairn. Dois irmãos, Gerry e Norman Nairn, dirigiam essa empresa. Eram australianos — as pessoas mais amáveis do mundo. Conheci-os na noite anterior ao início de minha viagem, quando ambos faziam, um pouco amadoristicamente, caixas de papelão para carregar os almoços dos passageiros, e me convidaram a ajudá-

los.

O ônibus partiria de madrugada. Dois vigorosos motoristas iriam dirigi-lo, e quando saí pela manhã, com minha bagagem, encafuavam no ônibus um par de fuzis, jogando por cima deles alguns tapetes.

“Não podemos andar anunciando por aí que carregamos isso conosco, mas não gostaria de cruzar o deserto sem eles”, disse um dos motoristas.

“Parece que temos conosco, nesta viagem, a duquesa de Alwiyah”, disse o outro.

“Meu Deus do céu!”, exclamou o primeiro. “Vamos ter problemas! O que quererá ela desta vez? O que você acha?”

“Ficará tudo de pernas para o ar!”, respondeu o outro.

Nesse momento, uma procissão desceu os degraus do hotel. Para surpresa minha e, confesso, para meu desagrado, a figura principal desse cortejo não era outra senão a sra. C, de quem me separara em Trieste. Imaginava que ela já estaria em Bagdá, visto que eu me demorara em visita à cidade.

“Sempre achei que você estaria nesta viagem”, disse ela, cumprimentando-me amavelmente. “Está tudo combinado; vou levá-la comigo para Alwiyah. Seria *impossível* você ficar num hotel em Bagdá.”

O que poderia dizer? Fora capturada! Jamais estivera em Bagdá, e não conhecia, portanto, os hotéis. É possível que fossem, na realidade, repletos de uma fervilhante multidão de pulgas, percevejos, piolhos, cobras, e daquelas pálidas baratas que eu particularmente abomino. Por isso tive que gaguejar algumas palavras de agradecimento. Instalamo-nos, e compreendi que a “duquesa de Alwiyah” não era outra senão minha amiga, a sra. C. Recusou imediatamente o lugar que lhe fora dado, na parte de

trás do ônibus, onde, segundo disse, sempre se sentia nauseada. Escolheu o lugar logo atrás do motorista. Este, porém, fora reservado por uma senhora árabe, semanas antes. A duquesa de Alwiyah fez um vago gesto com a mão. Aparentemente, para ela ninguém mais contava. Dava a impressão de ser a primeira mulher européia a pisar na cidade de Bagdá, e seus caprichos deveriam ter prioridade sobre tudo o mais. A senhora árabe, quando chegou, reclamou seu lugar. O marido tomou também a defesa de sua mulher, e seguiu-se uma esplêndida briga generalizada. Uma senhora francesa reclamou, no que foi acompanhada por um general alemão. Não sei quais os argumentos que prevaleceram, mas, como habitualmente acontece neste mundo, quatro das pessoas mais mansas foram despojadas dos melhores lugares e mais ou menos jogadas para o fundo do ônibus. O general alemão, a senhora francesa, a senhora árabe, coberta de pesados véus, e a sra. C. receberam os louros da vitória. Eu jamais fora boa lutadora e não tive oportunidade de manifestar-me, embora, na realidade, o número de meu lugar me desse direito a uma dessas tão desejadas posições.

Com retumbante ruído, iniciamos a marcha. A princípio fiquei fascinada por estar rodando através do deserto, com suas infundáveis dunas e rochedos arenosos, mas acabei mais ou menos hipnotizada pela monotonia da paisagem, e abri um livro. Jamais, em toda a minha vida, enjoara num automóvel, mas os movimentos de um ônibus de seis rodas, sobretudo se estivermos sentados na parte de trás, assemelham-se aos de um navio; isso, e o fato de estar lendo, causaram-me uma náusea imensa, antes que eu própria entendesse o que estava acontecendo. Senti-me profundamente envergonhada, mas a sra. C. foi muito amável comigo e disse-me que essa forma de enjôo muitas vezes pegava as

pessoas desprevenidas. Da próxima vez se encarregaria de achar um lugar para mim bem *na frente*.

Essa viagem de quarenta e oito horas, cruzando o deserto, foi fascinante e um pouco sinistra. Deu-me a curiosa sensação de estar enclausurada no nada, em vez de rodeada por ele. Uma das primeiras coisas que percebi foi que, manhã alta, é impossível saber se estamos indo para o sul, para o norte, para leste ou oeste; soube também que é nessa altura do dia que a maior parte desses grandes ônibus de seis rodas sai da sua rota. Em uma das minhas últimas viagens pelo deserto, foi o que sucedeu. Um dos motoristas — dos mais experientes, aliás — descobriu, depois de duas ou três horas, que estava dirigindo, em pleno deserto, na direção de Damasco, virando as costas a Bagdá. Isso sucedeu no ponto em que as rotas se separam. Havia um verdadeiro labirinto delas em toda a superfície. Nessa ocasião, apareceu um automóvel à distância, que disparou alguns tiros, e cujo motorista fizera uma volta maior do que a devida. Julgou que retomara seu Caminho; na realidade, ia na direção oposta.

Entre Damasco e Bagdá nada mais existe do que um imenso deserto — não há marcos, e só há um local onde parar em toda aquela imensidão: o grande Forte de Rutbah. Penso que por volta da meia-noite, de repente, vimos bruxulear na escuridão uma luz trêmula. Chegáramos. As grandes portas da fortaleza nos foram abertas. Junto delas, de prontidão, os fuzis apontados, estavam os guardas do Corpo de Camelos, preparados para receber, como bandidos mascarados em ataque, pacíficos viajantes. Seus rostos escuros e de expressão selvagem eram francamente assustadores. Fomos revistados, deixaram-nos entrar, e as portas fecharam-se atrás de nós. Havia nesse forte alguns quartos com camas, onde descansamos. Cinco ou seis mulheres ficaram em cada quarto. No

dia seguinte, continuamos viagem.

Às cinco ou seis horas da manhã, quando amanheceu, tomamos o café da manhã no deserto. Não há melhor desjejum do que salsichas em lata cozidas num fogareiro, no deserto, pela manhã. O chá forte e preto que tomávamos supria todas as nossas necessidades e reavivava nossa energia esmorecida, e a beleza das cores do deserto — os pálidos tons de rosa, a cor de damasco e os azuis —, no ar tonificante e quase pungente, formava um conjunto maravilhoso. Eu estava em transe e era, afinal, por isso que sempre ansiara. Estava longe de tudo — nessa pura manhã de ar revigorante, gozando o silêncio, a ausência de pássaros, a areia que corria por entre nossos dedos, o sol nascente e o sabor das salsichas e do chá. O que mais se poderia pedir à vida?

Depois, prosseguimos nossa viagem e chegamos, por fim, a Felujah, junto do Eufrates, que cruzamos por uma ponte feita de barcos; passamos a base aérea de Habbaniyah e continuamos, até que começamos a enxergar os palmeirais e uma estrada. À distância, sobre o lado esquerdo, avistávamos as cúpulas douradas de Kadhimain; depois cruzamos o Tigre, novamente sobre uma ponte feita de barcos ligados entre si, idêntica à anterior, e prosseguimos até Bagdá — por uma rua cheia de raquíticas construções, com uma linda mesquita de cúpulas azul-turquesa, que ficava, pareceu-nos, em plena rua.

Sequer tive oportunidade de procurar um hotel. Fui transferida pela sra. C. e seu marido Eric para um confortável automóvel e conduzida ao longo da rua principal, em que consistia Bagdá, passando pela estátua do general Maude, e saímos da cidade, por entre extensas filas de palmeiras e manadas de belíssimos búfalos negros, que matavam a sede em poças d'água. Jamais vira algo semelhante!

Depois chegamos a um aglomerado de casas com jardins repletos de flores — não tantas flores como haveria alguns meses mais tarde... Ali estava eu — no que às vezes considerei ser o país de *mem-sahib*¹.

II

Foram muito agradáveis comigo em Bagdá. Todo mundo foi amável e gentil — fiquei até envergonhada pela sensação de estar engaiolada que a princípio senti. Alwiyah hoje faz parte da cidade, pejada de ônibus e outros meios de transporte, mas nesse tempo estava separada da parte principal da cidade por muitos quilômetros. Para chegar até lá, era necessário ir de automóvel. Era um passeio fascinante.

Um dia, levaram-me a visitar a cidade de Búfalo, que ainda pode ser vista de trem quando se chega a Bagdá, vindo do norte. Para alguém não iniciado, parece horrível — uma espelunca, um vasto cercado repleto de búfalos e suas fezes. O cheiro é horrível, e as cabanas feitas de latas de petróleo levam-nos a pensar que são extremas a miséria e a degradação. Na verdade, não é assim. Os proprietários dos búfalos são muito ricos. Embora vivam miseravelmente, cada búfalo vale cem libras, ou mais — provavelmente muito mais, nos dias de hoje. Seus proprietários consideram-se pessoas de sorte e, quando as mulheres caminham por ali, chapinhando na lama, podemos observar, adornando seus tornozelos, braceletes de prata e turquesas.

¹ *Tratamento indiano de respeito, dirigido às mulheres. (N. do E.)*

Em breve aprendi que no Oriente nada é, realmente, aquilo que aparenta ser. As regras de vida e conduta, a observação e o comportamento têm que ser todos invertidos e repensados. Quando vemos um homem gesticulando para nós, violentamente, para que nos afastemos, nós nos retiramos rapidamente — na realidade, ele está nos convidando a nos aproximarmos! Por outro lado, se acenar para que nos aproximemos, está querendo que vamos embora. Dois homens num campo, por exemplo, berrando ferozmente um para o outro, podem parecer, aos olhos do turista desprevenido, envolvidos numa briga de morte. Nada disso! São dois irmãos, em ameno passatempo, levantando as vozes porque são preguiçosos demais para caminhar um ao encontro do outro. Em sua primeira estada em Bagdá, meu marido Max disse-me uma vez que decidira, chocado pelo modo como todo mundo gritava com os árabes, que jamais gritaria com eles. Todavia, não muito depois de estar dirigindo trabalhadores árabes, descobriu que qualquer reparo feito em tom normal de voz era ignorado — não por surdez, mas porque acreditavam que alguém que falava nesse tom de voz só poderia estar conversando com seus botões, e qualquer pessoa que realmente desejasse ser escutada teria de se dar ao trabalho de falar em voz alta o bastante para que ouvissem.

Em Alwiyah ofereceram-me a mais encantadora hospitalidade. Joguei tênis, fui a corridas de cavalos, mostraram-me lindas paisagens, levaram-me a fazer compras — e achei que poderia sentir-me na Inglaterra. Geograficamente, aquilo era Bagdá; psicologicamente, porém, eu continuava na Inglaterra; e meu desejo de viajar fora principalmente motivado pela vontade de sair da Inglaterra e ver outros países. Achei que precisava tomar uma decisão.

Queria visitar a cidade de Ur. Fiz um inquérito, e fiquei

encantada ao descobrir que era encorajada a fazer essa viagem, e não dissuadida disso. Minha viagem foi preparada, descobri mais tarde, com muitos cuidados desnecessários. “Terá que levar com você um acompanhante, é claro”, disse a sra. C. “Faremos uma reserva de trem para você e vamos telegrafar para Ur, para o sr. e a sra. Woolley, avisando-os de que você gostaria que lhe mostrassem várias coisas. Pode passar umas noites na estalagem de lá, e depois Eric irá buscá-la, quando quiser regressar.”

Disse que era muita amabilidade da parte deles e pensei, com grande sentimento de culpa, que era bom eles não saberem que eu também fizera alguns preparativos para meu regresso.

Parti para Ur. Olhei para meu acompanhante, ligeiramente alarmada. Era um homem alto e magro, que parecia ter acompanhado todas as *mem-sahibs* pelo Oriente Próximo, convicto de que sabia o que era melhor para elas. Esplendidamente ataviado, instalou-se em minha cabine, nua e não especialmente confortável, dirigiu-me um *salaam* e deixou-me, explicando que, chegando à estação conveniente, voltaria para me conduzir à sala de jantar do restaurante da estação.

A primeira coisa que fiz, entregue a mim mesma, foi extremamente insensata: abri tolamente a janela. O compartimento estava muito abafado, e eu já não podia mais: ansiava por um pouco de ar fresco. O que entrou, porém, não foi ar fresco, mas um ar muito mais quente, carregado de poeira e com um bando de uns vinte e seis enormes marimbondos. Fiquei horrorizada! Os marimbondos zumbiam de modo absolutamente ameaçador. Não conseguia decidir se deixava a janela aberta para que pudessem sair ou se a fechava para, ao menos, limitar-me aos vinte e seis que já haviam entrado. Senti-me muito infeliz e fiquei encolhida num canto, por uma hora e meia, até que chegou meu

acompanhante e me salvou, conduzindo-me ao restaurante da estação.

A refeição que me serviram era gordurosa e não especialmente boa, e eu não dispunha de muito tempo para comer. Ouviram-se as sinetas, meu fiel acompanhante veio buscar-me e voltei para o vagão. A janela, entretanto, fora fechada, e os marimbondos, expulsos. Depois disso, tive mais cautela com o que fazia. Todo o compartimento era ocupado por mim — parece que era esse o costume —, o tempo passava devagar e também não podia ler, porque o trem balançava terrivelmente e não havia nada especial para ver pela janela, exceto o deserto — coberto por uma vegetação enfezada ou árido e arenoso. Foi uma jornada longa e cansativa, pontuada pelas refeições e pelo sono desconfortável.

A chegada do trem ao entroncamento de Ur tem variado muito desde que fiz essa primeira viagem, mas invariavelmente acontece a uma hora inconveniente. Nessa ocasião, acho que foi às cinco da manhã. Desperta, descí, prossegui até a hospedaria da estação e passei ali o resto do tempo num limpo mas austero quarto até as oito horas, quando me senti com disposição para tomar o café da manhã. Pouco depois, chegou um automóvel que vinha buscar-me para ir às escavações, que distavam aproximadamente dois quilômetros e meio dali. Embora não estivesse cônica disso, concediam-me uma grande honra. A experiência que adquiri posteriormente, depois de participar muitos anos de escavações arqueológicas, ensinou-me como são detestados os visitantes nesses locais — chegam sempre em horas impróprias, querem que lhes mostrem coisas, que falem com eles, desperdiçando tempo valioso e, geralmente, incomodando todo mundo. Numa escavação arqueológica como a de Ur, todos os

minutos são preciosos, e todo mundo trabalha sem cessar. Um grupo de senhoras entusiasmadas, perambulando por entre as ruínas, é a coisa mais irritante que pode aparecer num local de trabalhos arqueológicos. Os Woolleys, no entanto, tinham tudo muito bem organizado: os visitantes iam sozinhos dar uma volta pelas escavações, sendo-lhes mostrado o essencial, e depois eram delicadamente postos fora. Fui recebida, porém, amavelmente, como hóspede importante, e deveria ter dado a esse fato muito maior apreço do que realmente dei.

Esse tratamento em relação a mim foi inteiramente devido a que Katharine Woolley, mulher de Leonard Woolley, tinha acabado de ler um dos meus livros, *O assassinato de Roger Ackroyd*; estava tão entusiasmada com ele que me deu um tratamento VIP. A sra. Woolley levou tão longe seu entusiasmo que perguntou aos outros membros da expedição se já haviam lido meu livro, e os que não o tinham feito foram severamente censurados.

Leonard Woolley, com suas maneiras amáveis, mostrou-me vários detalhes importantes, e também fui guiada pelo padre Burrows, jesuíta e epigrafista. Era também uma figura original; seu modo de descrever as coisas contrastava deliciosamente com o de Leonard. Este enxergava com os olhos da imaginação: para ele, o lugar era tão real como se estivesse vivendo mil e quinhentos anos antes de Cristo, ou ainda antes. Onde ele estava, conseguia fazer reviver o passado. Enquanto o ouvia, eu não podia ter a menor dúvida de que a casa de esquina fora de Abraão — era assim a sua reconstituição do passado, em que acreditava cegamente; por isso, quando o ouvíamos, todos acreditávamos também. A técnica do padre Burrows era totalmente diferente. Com ar apologético, descrevia o grande pátio, ou uma rua comercial cheia de lojas e, quando ficávamos interessados, logo

dizia: “É claro que não sabemos se na realidade era assim. Ninguém pode ter certeza. Acho até que provavelmente *não* devia ser assim”. Ou ainda: “Sim, sim, existiam lojas, mas não creio que fossem construídas como pensamos; talvez fossem bastante diferentes”. Gostava de desacreditar tudo. Era uma pessoa interessante — inteligente, amigável e, no entanto, um pouco distante: havia nele algo vagamente desumano.

Certa vez, sem motivo algum, falou comigo à hora do almoço, descrevendo-me uma história policial que achava que eu poderia escrever, e insistindo para que eu a escrevesse. Até esse momento, eu não suspeitara que apreciasse livros policiais. A história que estava esboçando, embora um pouco vaga, abordava um problema que de algum modo despertava a curiosidade; decidi então que, mais tarde, faria alguma coisa sobre ela. Passaram-se muitos anos e, um dia, talvez vinte e cinco anos depois, toda a idéia do padre Burrows me veio novamente à mente e escrevi não um livro, mas um conto longo, baseado na especial combinação de circunstâncias que ele delineara. O padre Burrows já estava então morto havia muito tempo, mas tive esperança que, de algum modo, pudesse saber que eu utilizara sua idéia com gratidão. Como acontece com todos os escritores, a idéia ficara germinando em minha mente e acabou por não ser exatamente igual à dele; a inspiração, porém, fora sua.

Katharine Woolley, que viria a ser uma de minhas melhores amigas, era uma figura extraordinária. Diante dela, as pessoas ficavam sempre divididas entre um ódio feroz e vingativo, ou um fascínio incondicional — possivelmente porque mudava rapidamente de disposição, e tudo nela era imprevisível. Havia pessoas que a declaravam impossível, que não queriam mais vê-la, que achavam insuportável a maneira como haviam sido tratadas

por ela; e de súbito ela as fascinava de novo. De uma coisa tenho certeza: se alguém tivesse que escolher uma companheira para uma ilha deserta ou algum lugar onde não houvesse vivalma, Katharine poderia distrair essa pessoa melhor do que ninguém. Os assuntos de que falava nunca eram banais. Tinha capacidade de estimular o intelecto dos outros, encaminhando-os por veredas que antes jamais lhes haviam sido sugeridas. Era capaz de ser brusca — de fato, era de uma rudeza insolente, inacreditável, quando queria. Mas se desejava encantar alguém, sempre o conseguia.

Apaixonei-me por Ur, por suas tardes belíssimas, seus zigurates levemente sombreados e aquele vasto mar de areia de maravilhosos tons de alperce, rosa, azul e lilás, que mudavam de minuto a minuto. Gostei dos trabalhadores, dos capatazes, dos garotinhos que carregavam os cestos, dos homens que apanhavam os objetos — de toda aquela técnica e forma de viver. O fascínio do passado tomou conta de mim. Assistir ao lento desenterrar de uma adaga, com seu brilho dourado, na areia, era muito romântico, e o cuidado de levantar os objetos do solo — tudo fazia nascer em mim o desejo de me tornar arqueóloga. Que pena, pensei, ter sempre levado uma vida tão frívola! Então, recordei com profunda vergonha que, quando era mocinha, no Cairo, minha mãe tentara persuadir-me a ir a Luxor e Assuã para admirar as glórias passadas do Egito, e eu só sentira vontade de me encontrar com rapazes e dançar até de madrugada. Suponho que, na verdade, existe um tempo certo para cada coisa.

Katharine Woolley e seu marido instaram comigo para que eu ficasse mais um dia para ver melhor as escavações; concordei, encantada. Meu acompanhante, incumbido pela sra. C. de não me deixar um só momento, era agora completamente desnecessário.

Katharine Woolley mandou-o de volta a Bagdá, pedindo-lhe para avisar que a data de meu regresso era ainda incerta. Dessa maneira, eu esperava que meu retorno passasse despercebido de minha primeira e amável anfitriã, e pudesse me instalar no Tigris Palace Hotel (se é que naquela altura tinha realmente esse nome, pois mudou tantas vezes, depois disso, que esqueço qual foi o primeiro).

Esse plano não deu certo, porém, porque a sra. C. mandava o pobre de seu marido esperar-me no trem que chegava de Ur diariamente. No entanto, pude livrar-me dele facilmente. Agradei-lhe muito, disse que sua mulher e ele eram muito amáveis, mas achava melhor, realmente, ir para o hotel, pois já fizera reserva de quarto. Assim, ele levou-me de automóvel ao hotel. Instalei-me, agradei mais uma vez ao sr. C. e aceitei um convite para jogar tênis daí a três ou quatro dias. Assim, escapei à servidão da vida social à maneira britânica, e tornei-me turista.

O hotel não era ruim. Logo ao entrar, mergulhávamos em profunda obscuridade: uma grande sala de jantar, com cortinas permanentemente fechadas. No primeiro andar, havia uma espécie de varanda à roda de todos os quartos, varanda pela qual qualquer passante podia entrar e passar o dia na cama conosco. Um dos lados do hotel dava para o rio Tigre, o que era um sonho, um encanto. À hora das refeições mergulhávamos na sala em quase total escuridão, iluminada por luzes elétricas muito fracas. Havia várias refeições numa só: pratos e mais pratos, todos estranhamente semelhantes — grandes pedaços de carne frita e arroz, pequenas batatas rijas, omeletes de tomate, imensas couves-flores pálidas que pareciam feitas de couro, etc.

Os Howes, o simpático casal que me incentivara a empreender aquela viagem, deram-me uma ou duas cartas de

apresentação. Essas eu apreciei, pois não eram sociais, mas para pessoas que eles próprios acharam que valeria a pena conhecer, e que lhes haviam mostrado algumas das partes mais interessantes da cidade. Bagdá, a despeito da vida britânica de Alwiyah, era a primeira cidade oriental que eu via — e *era* oriental. Podíamos dobrar a Rua Rachid e vaguear pelas estreitas ruelas, pelos diversos mercados típicos: o mercado do cobre, com seus artesãos que batiam o metal e martelavam, o mercado das especiarias, onde se encontravam acumulados em pilhas toda espécie de temperos.

Um dos amigos do casal Howes, um anglo-indiano, Maurice Vickers, que levava, segundo me pareceu, vida bastante solitária, também se mostrou um bom amigo. Levou-me a visitar as cúpulas douradas de Kadhimain; foi meu guia em várias seções do mercado — aquelas aonde os turistas vão raramente — e levou-me de automóvel ao bairro dos ceramistas e a muitos outros lugares. Demos passeios até o rio, através das palmeiras e dos jardins de tamareiras. Talvez até tenha apreciado mais o que ele me contava do que o que ia vendo. Foi com ele que primeiro aprendi a pensar no *tempo* — algo em que antes jamais pensara; quero dizer, jamais pensara nisso impessoalmente. Para ele, o tempo e as relações temporais eram de especial importância.

“Quando pensamos no tempo e na eternidade, as coisas pessoais cessam de nos afetar do mesmo modo. Tristezas, sofrimentos, todas as coisas finitas da vida se mostram em perspectiva diferente.”

Perguntou-me se eu já lera *Experiment with time*, de Dunne. Eu não havia lido. Emprestou-me o livro e, a partir desse instante, compreendi que algo acontecera comigo — não uma mudança em meu coração, não uma alteração em minha maneira de encarar os

fatos, mas, nem sei explicar como, uma nova visão das coisas na sua devida proporção, a decisão de dar a mim própria menos importância e ver-me apenas como uma faceta de um conjunto, um vasto mundo com centenas de interconexões. De tempos a tempos, surpreendia-me observando, como que de outro plano, minha própria existência. Tudo isso, a princípio, de maneira primária e amadorística; contudo, realmente senti, a partir desse momento, uma grande sensação de conforto e verdadeira serenidade. Coisa que jamais conseguira antes. Sou grata a Maurice Vickers por me ter oferecido uma visão mais vasta da vida. Ele possuía uma grande biblioteca, com livros sobre filosofia e outros assuntos, e era, julgo, ainda muito jovem. Às vezes, perguntava-me se nos voltaríamos a encontrar algum dia, mas acho também que, de modo geral, agradou-me que não nos encontrássemos mais. Nossas vidas foram como dois navios que se cruzam na noite. Ele dera-me um presente que eu aceitara, um presente como jamais recebera na vida, um presente espiritual, ligado à mente e não apenas ao coração.

Não dispunha já de muito tempo para passar em Bagdá, e começava a ficar ansiosa por regressar a casa e dar início a meus preparativos para o Natal. Disseram-me que deveria ir a Basra e especialmente a Mossul — Maurice Vickers insistira muito para que eu visitasse Mossul; disse-me que, se tivesse tempo, ele próprio me levaria até lá. Uma das coisas surpreendentes em Bagdá, e no Iraque em geral, era que sempre havia alguém para nos escoltar a todos os lugares. Com exceção das viajantes famosas, as mulheres nesse tempo raramente viajavam sozinhas. Logo que eu mostrava empenho em viajar, alguém exibia um primo, um amigo, um marido ou um tio que disporia de tempo para me acompanhar.

Encontrei no hotel o coronel Dwyer, do Real Corpo Africano de Fuzileiros, que viajara muito pelo mundo todo. Era homem de certa idade e que sabia quase tudo a respeito do Oriente Próximo. Nossa conversa, por acaso, recaiu sobre o Quênia e Uganda, e mencionei que meu irmão vivera lá muitos anos. Perguntou-me seu nome, e disse-lhe que era Miller. O coronel Dwyer então olhou-me demoradamente, com uma expressão em seu rosto com a qual eu já estava familiarizada: uma espécie de incrédula dúvida.

“Você está dizendo que é irmã de Miller? Que seu irmão era Billy Vaidade Miller?”

Eu não conhecia o apelido que haviam dado a Monty.

“Louco, totalmente louco?”, acrescentou interrogativamente.

“Sim”, concordei sinceramente. “Sempre foi louco.”

“E você é irmã dele! Meu Deus, ele deve ter feito a família passar momentos difíceis, de vez em quando!”

Disse-lhe que seu comentário era exato.

“Uma das figuras mais curiosas que jamais conheci. Ninguém conseguia influenciá-lo, você sabe. Ninguém conseguia fazer que mudasse de idéia — era obstinado como uma mula —, mas não podíamos deixar de sentir respeito por ele. Um dos homens mais corajosos, também, que jamais conheci.”

Pensei um pouco e assenti: Monty podia ser muito corajoso.

“Mas foi o diabo controlá-lo durante a guerra!”, continuou. “Sabe, eu próprio comandeie seu regimento, mais tarde, e avaliei-o bem desde o princípio. Encontrei, viajando pelo mundo, vários homens da sua espécie. São excêntricos, teimosos (quase geniais, porém não totalmente) e, com freqüência, também são homens

frustrados. São os melhores conversadores do mundo, mas, repare, só quando querem. De outras vezes, nem sequer se dão ao trabalho de responder, nem falam com as pessoas.”

Cada palavra que ele pronunciava estava totalmente certa.

“Você é bem mais moça do que ele, não é mesmo?”

“Dez anos mais moça.”

“Quando partiu para o estrangeiro você ainda era, portanto, uma menininha, está certo?”

“Certo. Nem posso dizer que tenha conhecido meu irmão muito bem. Mas ele veio à nossa casa de licença.”

“O que aconteceu com ele depois? A última vez que ouvi falar dele, estava muito doente, num hospital.”

Expliquei as circunstâncias da vida de meu irmão e contei que finalmente fora mandado para casa gravemente doente, mas sobrevivera ainda alguns anos, a despeito do que diziam todos os médicos.

“É claro”, ele disse. “Billy não morreria senão quando sentisse vontade de morrer. Mandei-o para o vagão-hospital, recordo-me, com um braço quebrado, bastante ferido... Ele, porém, não queria ir para o hospital. De cada vez que o mandávamos para um lado, ele saía pelo outro. Deu um trabalho imenso! Finalmente, conseguimos que ficasse lá mas no terceiro dia foi embora do hospital sem que ninguém o visse! Houve uma batalha que foi batizada com seu nome. Sabia disso?”

Eu tinha uma vaga idéia do fato.

“Enfrentou seu comandante. Era o gênero de coisa que Miller fazia. O comandante era um sujeito convencional, um pouco metido a besta, nada no gênero de Miller. Este era, naquele momento, o encarregado das mulas. Billy era maravilhoso com os animais! Seja como for, de repente, disse que o lugar onde

estavam era adequado para se dar combate aos alemães e que suas mulas estavam descansando ali — não poderia ser melhor. Seu comandante disse que o castigaria por rebelião se desobedecesse às suas ordens. Billy sentou-se e declarou que não sairia de lá, nem ele nem as mulas. Quanto a estas, estava absolutamente certo: não se mexeriam do lugar a não ser que Miller falasse. Foi preso para ser julgado em tribunal militar. De repente, porém, surgiu uma importante força de soldados alemães.”

“E deu-se a batalha?”, perguntei.

“Claro que se deu, e ganhamos! A vitória mais decisiva dessa campanha. Então, é claro, o velho coronel Fulano de Tal ficou louco de raiva. Ali estava ele com uma batalha vitoriosa nas mãos, devida à insubordinação de um oficial que ia ser julgado por rebelião! O que já não poderia acontecer, pois a batalha tinha sido ganha. Finalmente, todo mundo acabou se saindo bem. Esse episódio ficou chamado de ‘a Batalha de Miller’.”

“Gostava de seu irmão?”, perguntou-me certa vez abruptamente.

Era uma pergunta difícil de responder.

“Em parte gostava, sim. Acho que não o conheci o bastante para poder sentir afeto fraternal por ele. Algumas vezes, sentia-me desesperada a seu respeito, outras, enraivecida; e outras, ainda, ficava fascinada por ele, encantada!”

“Miller tinha realmente o poder de fascinar as mulheres”, disse o coronel Dwyer. “Elas vinham comer da mão dele. Quase todas queriam se casar com ele. Você sabe, queriam se casar com ele para o converterem, para que levasse uma vida tranqüila e arrumasse um emprego. Será que ele ainda é vivo?”

“Não, morreu há alguns anos.”

“Que pena! Ou não será para lamentar?”

“Muitas vezes, faço essa pergunta a mim própria”, respondi.

Onde se situa, exatamente, o limite entre o fracasso e o êxito? Por todos os sinais exteriores, a vida de meu irmão Monty fora um desastre. Não fora bem-sucedido em nada do que empreendera. Mas talvez porque consideramos tudo isso apenas sob o ponto de vista prático. Será que não podemos admitir que, a despeito de seu malogro financeiro, Monty gostou da maior parte das coisas que fez na vida?

“Suponho”, dissera-me ele um dia alegremente, “que levei uma vida ruim. Devo muito dinheiro pelo mundo inteiro. Desrespeitei as leis de vários países. Todo mundo sabe que amontoei uma boa porção de marfim ilicitamente, que está escondido em algum lugar da África. Só que não se pode descobrir onde! Dei muitas preocupações à nossa pobre mãe e a Madge. Creio que os sacerdotes não aprovam minha maneira de viver. Mas dou-lhe minha palavra de honra, garotinha, de que me diverti um bocado! Acho que levei uma vida muito boa. Jamais me satisfiz, a não ser com o melhor que havia.”

Num aspecto, a sorte de Monty sempre se manteve igual: é que, no momento próprio, sempre aparecia uma mulher, como a pobre sra. Taylor, para cuidar dele. A sra. Taylor e ele viveram pacificamente juntos em Dartmoor. Depois, ela adoeceu de bronquite. Sua convalescença foi lenta, e o médico desaconselhou-a a passar outro inverno em Dartmoor. Mandou-a para um local quente, talvez o sul da França.

Monty ficou encantado. Fez vir todos os prospectos de viagens possíveis e imagináveis. Madge e eu concordamos em que seria demais pedir à sra. Taylor que permanecesse em Dartmoor — embora ela nos assegurasse que ficaria de bom grado.

“Não teria mais coragem de abandonar o capitão Miller!”

Então pensamos no que seria melhor para todos: contrariar as idéias fantasistas de Monty e alugar quartos numa pequena *pension* no sul da França para a sra. Taylor e para Monty. Vendi o bangalô de granito e fui despedir-me deles no Trem Azul. Pareciam radiantes de felicidade; desgraçadamente, porém, a sra. Taylor pegou um resfriado na viagem, que evoluiu para uma pneumonia, e morreu alguns dias mais tarde num hospital.

Em Marselha também levaram Monty para o hospital. Ficara muito abatido com a morte da sra. Taylor. Madge foi até lá, sabendo que teríamos que providenciar alguma coisa, mas sem conseguir imaginar *o quê*. A enfermeira encarregada de Monty era simpática e prestativa. Garantiu-nos que veria o que se poderia fazer.

Uma semana depois, recebemos um telegrama do procurador em cujas mãos havíamos deixado os assuntos bancários, dizendo que fora encontrada uma solução satisfatória. Madge não podia deslocar-se até lá, nessa ocasião, de modo que eu fui. O gerente convidou-me a almoçar. Ninguém teria podido ser mais agradável e simpático. No entanto, mostrou-se curiosamente evasivo. Eu não podia entender por quê. Finalmente, percebi a causa do embaraço. Estava inquieto quanto ao que iriam dizer as *irmãs* de Monty diante de sua proposta. A enfermeira Charlotte oferecera-se para levar Monty para seu apartamento e responsabilizar-se por ele. O tal gerente deve ter receado um assomo de pudica reprovação de nossa parte — mas como estava enganado! Madge e eu teríamos caído nos braços de Charlotte, de pura gratidão! Madge veio a conhecê-la bem, e ficou afeiçoada a ela. Charlotte conseguiu viver com Monty — e ele gostava muito dela também. Ela controlava o dinheiro — enquanto

isso, cheia de tato, ouvia os grandiosos planos de Monty sobre morarem num grande iate, etc...

Monty morreu subitamente, de hemorragia cerebral, num café em frente da sua casa, e Charlotte e Madge choraram juntas em seu enterro. Foi sepultado no cemitério militar de Marselha.

Acho que Monty gozou a vida até o fim.

Depois dessas conversas, o coronel Dwyer e eu ficamos muito amigos. Às vezes ia jantar com ele; outras, ele vinha jantar comigo no meu hotel. Nossas conversas versavam sempre sobre o Quênia, Kilimandjaro, Uganda e o lago, e ele me contava histórias a respeito de meu irmão.

De maneira militar e autoritária, o coronel Dwyer programou meus divertimentos em minha próxima viagem ao estrangeiro: “Planejei três bons safáris para você”, disse-me. “Vou marcá-los para uma época em que eu esteja disponível e seja conveniente para você. Acho que poderemos nos encontrar em algum lugar no Egito; então, pretendo organizar uma viagem de camelo através da África do Norte. Demora uns dois meses, mas será uma viagem maravilhosa, inesquecível. De camelo, poderemos ir aonde nenhum desses empertigados guias conseguirá levá-la. Conheço cada palmo dessa terra. E há também o interior.” E continuava, delineando planos de viagens, a maior parte em carros de bois.

De tempos a tempos, minha mente ficava repleta de dúvidas quanto à minha resistência diante de todos esses programas. Talvez nós dois soubéssemos que não sairiam do reino da fantasia! Homem solitário, o coronel Dwyer era militar de carreira, aliás exemplar. Dwyer foi se afastando, aos poucos, de uma esposa que se recusava a deixar a Inglaterra — tudo o que ela ambicionava, segundo ele dizia, era morar numa pequena e arrumada casinha, numa simpática ruazinha; ademais, seus

filhos não se importavam muito com ele, quando ia a casa de licença. Achavam estúpido e pouco realista seu prazer de viajar por países exóticos.

“Acabei por enviar para a Inglaterra o dinheiro de que ela necessita para viver e educar os filhos. Minha vida, porém, é aqui, nestas regiões do mundo, África, Egito, África do Norte, Iraque, Arábia Saudita — tudo isso, para mim, é a vida.”

Embora se sentisse solitário, creio que o coronel vivia satisfeito. Possuía um senso de humor cáustico, e contou-me algumas fofocas extremamente engraçadas acerca de vários assuntos locais.

Mas era, ao mesmo tempo, excessivamente convencional em outras coisas. Era um militar de estilo rigoroso, religioso, com idéias severas acerca do bem e do mal.

Estávamos no mês de novembro, e o tempo mudava. Os dias não eram mais iluminados por um sol escaldante; às vezes chovia. Eu reservara minha passagem de regresso e deixava Bagdá com saudade — mas não demais, também, porque já tinha planos de voltar no ano seguinte. Os Woolleys haviam sugerido que eu os visitasse e fizesse com eles parte da viagem de regresso; recebi também mais convites para voltar.

Chegou finalmente o dia em que embarquei no ônibus de seis rodas, depois de reservar cuidadosamente o lugar da frente, de modo que não me sucedesse a mesma desgraça da vez anterior. Iniciamos a viagem e, em breve, travaria conhecimento com algumas das surpresas extravagantes do deserto. Veio chuva e, como é costume nessa região, choveu firme até as oito e meia; dentro em pouco, navegávamos num mar de lama. A cada vez que

dávamos um passo, um enorme bolo de lama, pesando talvez uns dez quilos, grudava-se a cada pé. O ônibus derrapava continuamente, dando guinadas, até que finalmente parou. Os motoristas saíram portando pás, colocaram tábuas sob as rodas e começaram a escavar para libertar o ônibus. Passada aproximadamente uma hora de trabalho duro, procedeu-se à primeira tentativa de desatolá-lo. Ele estremeceu, ergueu-se e tornou a afundar-se na lama. No final, como a chuva aumentasse, demos a volta e regressamos a Bagdá. Nossa segunda tentativa, no dia seguinte, foi mais bem sucedida. Ainda tivemos por uma ou duas vezes que arrancar o ônibus da lama, mas conseguimos passar por Ramadi e, quando atingimos o Forte de Rutbah, estávamos novamente no deserto seco, e não houve mais dificuldades.

III

Um dos aspectos mais agradáveis de qualquer viagem é a volta para casa. Rosalind, Carlo, Punkie e sua família — olhei para todos eles com renovado amor.

Fomos passar o Natal com Punkie, em Cheshire. Depois, transferimo-nos para Londres, sendo que Rosalind convidara uma ou duas amigas — Pam Druce, cujos pais conhecêramos nas Canárias. Planejavamos assistir a uma pantomima e depois trazer Pam conosco para Devonshire até o fim das férias.

Passamos um agradável serão, depois da chegada de Pam, mas, quase já de madrugada, fui acordada por uma voz que dizia: “Importa-se que eu venha dormir na sua cama, sra. Christie? Estou tendo sonhos tão esquisitos!”

“Claro que não me importo, Pam”, respondi. Acendi a luz e ela deitou-se junto de mim, soltando um suspiro. Fiquei ligeiramente surpresa, porque Pam não me parecia uma criança nervosa. Contudo, vir dormir na minha cama era a coisa mais reconfortante para ela, sem dúvida, de modo que acabamos dormindo até de manhã.

Depois de me terem trazido meu chá e aberto as cortinas, olhei para Pam. Jamais vira um rosto tão coberto de manchas vermelhas. Ela notou algo de peculiar em minha expressão e disse: “Por que está olhando fixamente para mim?”

“Bem”, respondi, “realmente estou olhando para você...”

“Bem, eu também estou surpresa”, confessou Pam. “Como é que vim parar na sua cama?”

“Você veio de noite, dizendo que tinha sonhos desagradáveis.”

“Foi mesmo? Não me lembro de nada. Não consigo entender por que estou na sua cama.” Fez uma pausa e continuou: “Há mais alguma coisa, não é?”

“Bem, sim”, eu disse, “receio que sim. Sabe, Pam?, acho que você está com sarampo.” Dei-lhe um espelho e ela examinou o rosto. “Oh!”, exclamou, “estou esquisita, não é mesmo?” Concordei.

“O que vai acontecer agora?”, perguntou Pam. “Será que não poderei ir ao teatro, de noite?”

“Acho que não”, respondi. “A primeira coisa a fazer é telefonar para sua mãe.”

Telefonei imediatamente para Beda Druce, que veio logo. Cancelou sua partida e levou Pam para casa. Meti-me no automóvel com Rosalind e segui para Devonshire, onde poderíamos esperar dez dias, para ver se ela também contraíra

sarampo. A viagem foi dificultada pelo fato de eu ter sido vacinada na perna havia uma semana, o que me dificultava dirigir o carro.

Ao fim de dez dias, apareceram-me violentas dores de cabeça e todos os sintomas da febre.

“Talvez *você esteja com sarampo, e eu, não*”, sugeriu Rosalind.

“Que absurdo!”, retorqui. “Já tive sarampo, com uns quinze anos de idade.” Mas não fiquei tranqüila. Era possível pegar sarampo duas vezes — e por que estaria me sentindo tão doente?

Telefonei para Punkie, que, sempre pronta a acorrer em socorro de alguém, disse que, se necessário, eu devia enviar-lhe um telegrama, e ela viria imediatamente para cuidar de mim ou de Rosalind, ou ambas, e fazer tudo o mais que fosse preciso. No dia seguinte, senti-me pior e Rosalind queixou-se de resfriado — seus olhos lacrimejavam e ela espirrava muito.

Punkie chegou, cheia de sua habitual energia para tratar de calamidades. Chamou o dr. Caver, que diagnosticou sarampo em Rosalind.

“E o que você tem?”, perguntou-me. “Você não parece bem.” Confessei que me sentia muito mal; achava até que estava com febre. O médico fez mais algumas perguntas. “Foi vacinada? E veio dirigindo o automóvel até aqui? Vacinada na perna? Por que não foi vacinada no braço?”

“Porque as marcas das vacinas ficam horríveis quando se usam vestidos de cerimônia.”

“Bem, não há mal em ser vacinada na perna, mas é estúpido dirigir por mais de trezentos quilômetros depois de ter sido vacinada na perna”, declarou. “Deixe-me olhar a perna.” Ele examinou-a. “Sua perna está muito inchada. Você não notou?”

“Bem, é claro que notei, mas pensei que fosse apenas

inflamação da vacina.”

“Inflamação? É muito mais do que isso! Vamos tirar sua temperatura.” Ele o fez, e então exclamou: “Meu Deus! Você não a tinha tomado?”

“Bem, ontem vi que estava com febre muito alta, mas achei que fosse diminuir. Mas não estou me sentindo muito bem.

“Seria de estranhar, se estivesse. Está com mais de trinta e nove agora. Vá para a cama enquanto preparo as coisas.”

Regressou dizendo que eu iria imediatamente para uma clínica e que mandaria uma ambulância me buscar. Eu disse que era absurdo ir de ambulância. Por que não de táxi, simplesmente?

“Você fará o que estou dizendo”, declarou, não muito seguro de ser obedecido. “Primeiro falarei com a sra. Watts.” Punkie veio dizer-me: “Cuidarei de Rosalind enquanto ela estiver com sarampo. Ele acha que você está bastante doente. O que fizeram com você? Envenenaram-na com a vacina?”

Punkie colocou na minha mala alguns objetos de primeira necessidade e fiquei na cama, à espera da ambulância, tentando ordenar os pensamentos. Tinha a horrível sensação de estar num balcão de venda de peixe: tudo à minha volta eram filés de peixe, peixe contorcendo-se no gelo; simultaneamente, porém, sentia-me um pedaço de lenha fumegante — a combinação das duas sensações era muito desconfortável. De vez em quando, com enorme esforço, saía desse desagradável pesadelo, dizendo para mim própria: “Eu sou Agatha, estou de cama, não existem peixes por aqui, nem peixaria alguma, e *não* sou um pedaço de madeira ardendo no fogo”. Contudo, logo me sentia deslizando sobre uma escorregadia pele de carneiro, com as cabeças de peixe novamente em torno de mim. Uma delas era muito desagradável, ainda me lembro — um grande rodovalho, com olhos protuberantes e de

boca aberta, que me olhava da maneira mais repugnante.

Quando a porta se abriu e entrou no quarto uma mulher com uniforme de enfermeira e o que parecia ser um ajudante da ambulância, juntamente com uma cadeira de rodas, fiz vários protestos — não tinha a menor intenção de ir a parte alguma numa cadeira de rodas. Podia perfeitamente descer a escada e entrar na ambulância. Fui dominada pela enfermeira, que disse numa voz impertinente: “Ordens do médico. Agora, meu bem, sente-se aqui; vamos atá-la”.

Nunca me sucedera nada mais assustador que ser transportada por esse lance de escada até o *hall*. Eu estava bastante pesada — com bem mais do que setenta quilos — e o ajudante da ambulância era um jovem de aparência extraordinariamente frágil. Ele e a enfermeira colocaram-me na cadeira e começaram a me transportar escada abaixo. A cadeira rangia, prestes a cair aos pedaços, e o homem da ambulância escorregava constantemente, segurando-se no corrimão. Chegou um momento em que a cadeira começou mesmo a se desintegrar no meio da escada: “Ai, ai, enfermeira”, disse o ajudante, resfolegando, “parece que a cadeira está se quebrando todinha!”

“Deixem-me sair!”, gritei. “Deixem-me descer a escada!”

Cederam. Desfizeram as ataduras que me prendiam, segurei-me aos balaústres e caminhei valentemente escada abaixo, sentindo-me muito mais segura e feliz e contendo a custo a vontade de lhes dizer o quanto eram tolos.

A ambulância partiu. Na clínica, uma bela enfermeira estagiária, de cabelos ruivos, deitou-me na cama. Os lençóis estavam frios, mas não o bastante. As visões dos peixes e do gelo recomeçaram, assim como a de um caldeirão fervendo.

“Oh!”, exclamou a enfermeira, olhando para a minha perna

com grande interesse, “a última vez que vi uma perna nesse estado, foi cortada no terceiro dia.”

Felizmente, eu delirava de febre, não apreendi o sentido de suas palavras — de qualquer modo, nesse momento, não me importaria nada se me cortassem as pernas e braços, e até mesmo a cabeça! Ocorreu-me, porém, enquanto a enfermeira preparava minha roupa de cama, que provavelmente ela errara de vocação, e suas observações não teriam o menor sucesso junto aos pacientes do hospital.

Felizmente, também, minha perna não foi cortada no terceiro dia. Passados três ou quatro dias de febre alta e delírio, provocados por envenenamento do sangue, comecei a melhorar. Fiquei convencida, e ainda o estou até hoje, de que algumas dessas vacinas continham dose dupla. Os médicos acreditavam que minha reação fora inteiramente devida ao fato de eu não ter voltado a ser vacinada desde criança e ao esforço que fizera dirigindo o carro desde Londres.

Uma semana depois, estava novamente bem e interessada em saber pelo telefone como estava indo o sarampo de Rosalind. Fora como o de Pam — fulminante! Rosalind apreciou muito os cuidados de sua tia Punkie; todas as noites a chamava com sua vozinha clara: “Tia Punkie! Gostaria de me passar de novo a esponja pelo corpo, como fez ontem à noite? Fiquei tão aliviada!”

No momento devido voltei para casa, ainda com uma grande ligadura na perna esquerda, e ambas tivemos uma convalescença esplêndida e alegre. Rosalind só foi para o colégio duas semanas depois do reinício das aulas, quando estava completamente bem, forte e contente. Fiquei mais uma semana, enquanto minha perna se curava, e depois parti também, primeiro para a Itália, mas não fiquei tanto tempo em Roma como planejara porque tive que pegar

o navio para Beirute.

IV

Dessa vez, viajei no navio do Lloyd Triestino para Beirute, onde passei alguns dias e, uma vez mais, utilizei os serviços da Agência Nairn, na viagem através do deserto. O mar esteve bravo ao longo da costa, desde Alexandretta, e não me senti muito bem. Notara que havia a bordo outra mulher. Sybil Burnett, a mulher em questão, disse-me depois que também não se sentira muito bem com o balanço. Contou-me que, ao olhar para mim, pensara: “Aquela ali é das mulheres mais desagradáveis que já vi em toda a minha vida!” Pensara o mesmo a respeito dela. Disse com meus botões: “Não gosto dessa mulher. Não gosto do chapéu que ela usa e não gosto de suas meias cor de cogumelo”.

Nessa mútua maré de antipatia começamos a travessia do deserto. Quase imediatamente nos tornamos amigas — e assim permanecemos muitos anos. Sybil, chamada habitualmente Bauff Burnett, era a mulher de Sir Charles Burnett, àquela época vice-marechal-do-ar; ia juntar-se a seu marido. Era uma mulher de grande originalidade, que dizia tudo o que lhe ocorria. Gostava de viajar por países exóticos, possuía uma bela casa em Argel, quatro filhas e dois filhos de um primeiro casamento, e uma inexaurível alegria de viver. Conosco viajava uma turma de senhoras anglo-católicas, que estavam sendo acompanhadas até o Iraque para fazer várias visitas a locais bíblicos. Sua guia era uma mulher de aspecto feroz, a srta. Wilbraham. Tinha pés imensos, calçados sempre com sapatos pretos; usava também um enorme capacete. Sybil Burnett disse que ela lembrava uma barata, com o que

concordei. Era daquela espécie de mulheres que não podemos deixar de sentir vontade de contradizer. Sybil Burnett contradisse-a imediatamente.

“Estou levando comigo quarenta mulheres”, disse a srta. Wilbraham; “realmente, devo felicitar-me: todas são genuínas *sahibs*, exceto uma. Isso é importante, não acha?”

“Não”, disse Sybil Burnett. “Acho que, se todas forem *sahibs*, deve ser muito entediante. É sempre melhor ter muitas de várias espécies.”

A srta. Wilbraham não prestou atenção — esse era seu ponto forte: jamais prestava atenção. “Sim”, disse, “realmente devo felicitar-me.”

Bauff e eu fizemos grandes esforços para ver se conseguíamos distinguir a ovelha negra, a que não passara no teste da guia e fora rotulada como a única que não era *sahib*.

Com a srta. Wilbraham ia uma amiga, espécie de segundo-comandante do grupo, Amy Ferguson. A srta. Ferguson era dedicadíssima a todas as causas anglo-católicas e ainda mais à srta. Wilbraham, que considerava uma supermulher. “O pior”, confidenciou, “é que Maude seja tão esplendidamente forte. Claro, minha saúde é boa; devo confessar, por vezes *fico* cansada, o que é muito aborrecido. E tenho apenas sessenta e cinco anos, enquanto Maude tem quase setenta.”

“Uma criatura muito boa”, disse a srta. Wilbraham, falando de Amy. “Muito capaz, muito dedicada. Infelizmente, está sempre se sentindo cansada, o que é muito aborrecido. Não é culpa dela, coitada, pobrezinha! Eu nunca estou fatigada.” Disso tínhamos toda a certeza.

Chegamos a Bagdá. Reencontrei vários amigos e gostei muito dos quatro ou cinco dias que passei ali; quando recebi um

telegrama dos Woolleys, fui para Ur.

Encontrara-me com eles em junho, em Londres, quando estavam na Inglaterra, e até lhes emprestara a pequena casa, feita numas velhas cavaliças, que comprara recentemente na Cresswell Place. Era uma casa encantadora — pelo menos em minha opinião —, uma entre quatro ou cinco casas que haviam sido transformadas de cavaliças em pequenos chalés, semelhantes a antigos *cottages* do campo. Quando a comprei, ainda tinha a divisória dos estábulos para os cavalos e manjedouras à volta de toda a parede, uma grande sala para os arreios e um pequeno quarto de dormir. Uma escada pequena conduzia a dois quartos no andar de cima, onde havia um banheiro em miniatura e outro minúsculo quarto. Com a ajuda de um construtor compreensivo, tudo foi transformado. Conservei na grande cavaliça do térreo as divisórias e todo o trabalho de madeira junto à parede, e, por cima, coloquei um friso de papel de parede, que estava na moda, imitando um gramado, de modo que, ao entrar nesse aposento, tínhamos a impressão de estar num pequeno jardim. A sala dos arreios foi transformada em garagem, e no quarto que ficava entre as duas salas fiz o alojamento da empregada. No andar de cima, o banheiro ficou esplêndido, com golfinhos verdes que pulavam pelas paredes e uma banheira de porcelana verde; o quarto maior foi transformado em sala de jantar, com um divã que se transformava em cama. O cômodo menor era a cozinha, e o outro, um segundo quarto de dormir.

Enquanto os Woolleys estavam instalados nessa casa, imaginaram um maravilhoso plano para mim. Eu iria para Ur mais ou menos uma semana antes do fim da temporada das pesquisas arqueológicas, quando eles estivessem se preparando para partir, e depois viajaria com eles pela Síria e pela Grécia,

onde iríamos a Delfos. Fiquei feliz com o projeto.

Cheguei a Ur em plena tempestade de areia. Já antes tivera que suportar uma tempestade de areia, enquanto ali estivera de visita; esta era muito pior, e durou quatro ou cinco dias. Jamais sonhara que a areia pudesse penetrar por todo lado com tal profundidade. Embora as janelas estivessem fechadas e com telas para mosquitos, à noite, até nossas camas ficavam entulhadas de areia. Sacudíamos os lençóis, deitávamo-nos, e de manhã mais areia cobria nosso rosto, pescoço, e tudo em nosso redor. Esses cinco dias foram quase insuportáveis. Todavia, nossas conversas foram muito interessantes, todo mundo era simpático, e gostei imensamente de estar lá.

O padre Burrows também se achava lá de novo, assim como Whitburn, o arquiteto. Dessa vez, havia o assessor de Leonard Woolley, Max Mallowan, que trabalhava com ele havia cinco anos, mas que estivera ausente no ano anterior, quando eu ali viera. Era um jovem magro, moreno, caladão — raramente falava, mas era extremamente solícito.

Dessa vez notei algo em que não reparara antes: o silêncio extraordinário de todo mundo, quando sentados à mesa. Era como se tivessem medo de falar. Depois de um ou dois dias, descobri o porquê: Katharine Woolley era uma mulher temperamental e tinha tanta facilidade em pôr todo mundo à vontade como em enervar a todos. Notei que era sempre muito considerada: havia sempre alguém oferecendo-lhe mais café, passando-lhe a geléia, etc. Por que, pensei, todos têm medo dela?

Certa manhã em que ela estava meio carrancuda, descobri ainda um pouquinho mais a seu respeito.

“Suponho que ninguém vá me oferecer o sal”, disse Katharine. Imediatamente, quatro mãos diligentes se

movimentaram pela mesa, quase entornando tudo. Seguiu-se uma pausa e então, nervosamente, o sr. Whitburn inclinou-se para ela, insistindo que comesse mais torradas.

“Não está vendo que estou com a boca cheia, sr. Whitburn?”, foi sua única resposta. Ele empertigou-se na cadeira, nervosamente ruborizado, e todo mundo comeu fervorosamente suas torradas, antes que lhas oferecessem de novo. “Acho, realmente”, disse então Katharine, “que talvez não deversem comer todas as torradas antes que Max tenha oportunidade de comer alguma.”

Olhei para Max. A torrada restante foi-lhe oferecida. Ele a aceitou rapidamente, sem o menor protesto. Na realidade, já comera duas torradas, e admirei-me de que não tivesse dito nada. Também descobriria mais tarde o motivo dessa atitude.

O sr. Whitburn iniciou-me em mais alguns desses mistérios: “Você sabe, ela sempre tem seus prediletos”.

“A sra. Woolley?”

“Sim. Jamais são os mesmos, sabe? Uma vez são uns, depois são outros. O que quero dizer, porém, é o seguinte: ou tudo o que você faz está errado, ou então tudo está certo; depende de cair ou não em suas graças. Presentemente, sou eu o bode expiatório.”

Estava igualmente claro que Max Mallowan era agora a pessoa que sempre estava certa. Talvez porque estivera ausente na temporada anterior, de modo que era uma novidade; acredito, porém, que a predileção se devia a que, no decurso de cinco anos, ele aprendera a lidar com os dois Woolleys. Sabia quando ficar calado, sabia quando deveria falar.

Cedo percebi que ele tinha habilidade para tratar com as pessoas mais diferentes. Sabia lidar com os trabalhadores e, o que

era muito mais difícil, com Katharine Woolley. “É claro”, disse-me Katharine, “que Max é o colaborador perfeito! Nem sei o que faríamos sem ele, todos esses anos. Acho que você vai gostar muito dele. Vou mandá-lo com você a Nejef e Kerbala. Nejef é a cidade santa dos mortos muçulmanos e Kerbala possui mesquitas maravilhosas. De maneira que, quando começarmos aqui com os preparativos da partida, ele a levará até lá. No caminho poderá visitar Nipur.”

“Oh”, disse eu, “mas ele não vai também para Bagdá? Não tem lá amigos que queira ver antes de regressar à Inglaterra?” Eu estava desanimada com a perspectiva de ser enviada em viagem com um jovem que, muito provavelmente, estava ansioso por sua liberdade e algum divertimento em Bagdá, depois do esforço de três meses de trabalho em Ur.

“Oh, não!”, respondeu Katharine firmemente. “Max ficará encantado!”

Eu achava que Max não ficaria encantado, embora não tivesse a menor dúvida de que não me deixaria percebê-lo. Senti-me muito pouco à vontade. Considerava Whitburn já como um amigo, pois o conhecera no ano anterior, e falei com ele a esse respeito.

“Você não acha que é um pouco demais? Odeio esse gênero de coisas. Acha que devo dizer que não tenho empenho em visitar Nejef e Kerbala?”

“Bem, acho que você deve visitar esses locais”, disse Whitburn. “E é verdade que Max não se incomodará de ir com você. E, de qualquer jeito, você sabe, se Katharine decidiu, não há nada a fazer.”

Uma admiração enorme me inundou. Que maravilha ser essa espécie de mulher que, sempre que resolvia alguma coisa,

todo mundo acatava sem resmungar, como se sua decisão fosse inelutável!

Muitos meses mais tarde, recordo-me de que falei com admiração acerca de seu marido, Len. “É maravilhoso”, disse eu, “como ele é desprovido de egoísmo. A bordo do navio, ele se levantava de noite para fazer caldo Bengier ou sopa para você! Não existem muitos maridos assim!”

“Deveras?”, perguntou Katharine, parecendo surpresa. “Oh, Len, porém, considera isso um privilégio.” E, de fato, ele considerava isso um privilégio! Na realidade, tudo o que se fazia por Katharine, pelo menos nessa altura, era encarado como um privilégio. Claro, quando, ao voltar para casa, percebíamos que nos havíamos despojado dos dois livros que tínhamos trazido e ansiávamos ler, tendo-os entregado pressurosamente a Katharine, apenas porque ela suspirara, dizendo que não tinha nada para ler no momento, então compreendíamos que mulher notável ela era!

Somente pessoas excepcionais não tombavam a seus pés. Uma delas, recordo-me, era Freya Stark. Um dia, Katharine estava doente e queria que fossem buscar e fazer uma enorme quantidade de coisas para ela. Freya Stark, sua hóspede, era firme, alegre e simpática: “Vejo que você não está se sentindo bem, querida, mas eu não *presto* mesmo para cuidar de doentes, de modo que o melhor que posso fazer é dar o fora e sair de seu caminho”. E esteve fora o dia todo. Estranhamente, Katharine não ficou ressentida; apenas achou esse um esplêndido exemplo de força de caráter. E o era de fato!

Voltando a Max, todo mundo parecia considerar perfeitamente natural que um jovem que trabalhara duramente em árduas escavações e estava a ponto de obter suas férias e se divertir um pouco, se sacrificasse, levando a passear uma mulher

que mal conhecia, bastante mais velha do que ele e que pouco sabia de arqueologia, pelos locais interessantes da região. Max parecia considerar o assunto já resolvido. Era um jovem de aspecto grave, e eu me sentia nervosa junto dele. Preocupava-me, sem saber se devia pedir-lhe desculpas. *Tentei* mesmo dizer uma frase, vacilante, que lhe desse a entender que não fora eu quem sugerira o passeio; Max, porém, mantinha-se absolutamente calmo a esse respeito. Disse que não tinha nada de especial a fazer. Regressaria à Inglaterra por etapas, viajando primeiro com os Woolleys e depois, como já conhecia Delfos, separando-se deles e indo visitar o Templo de Bassae e outros lugares da Grécia. Ele até queria ir a Nipur! Era um local dos mais interessantes, aonde sempre gostava de ir, e também a Nejef e Kerbala, que valia a pena visitar.

Chegou o momento de nossa partida. Apreciei muito o dia que passamos em Nipur, apesar de ter sido exaustivo. Andamos de automóvel várias horas, por estradas ruins, e caminhamos pelo que me pareceu serem vários alqueires de escavações. Suponho que não teria achado nada disso muito interessante se não tivesse sido acompanhada por Max, que me explicava tudo. Assim, cada vez me sentia mais apaixonada por estudos arqueológicos.

Finalmente, por volta das sete horas da noite, chegamos a Diwaniya, onde passaríamos a noite, em casa dos Ditchburns. Embora cambaleasse de sono, consegui escovar a areia de meus cabelos, lavar o rosto, aplicar um pouco de pó-de-arroz, para me dar melhor aparência, e envergar uma espécie de vestido de jantar.

A sra. Ditchburn adorava receber. Era muito falante — na verdade não cessava de falar, em voz alegre e animada. Fui apresentada ao marido dela e colocada à mesa junto dele.

Pareceu-me um homem simpático e tranqüilo, que ficava — como era previsível — longas horas sentado em silêncio. Fiz alguns comentários tolos acerca dos locais que visitara, comentários aos quais ele sequer respondeu. Do outro lado estava sentado um missionário norte-americano, também taciturno. Olhando-o de soslaio notei que suas mãos se torciam e contorciam por baixo da mesa e que estavam rasgando, lentamente, um lenço em pedacinhos. Achei que era um sintoma assustador e perguntei-me o que provocaria aquilo. Sua mulher estava sentada à sua frente e também me parecia muito nervosa.

Foi um serão curioso. A sra. Ditchburn, em pleno exercício de suas atividades sociais, tagarelava com seus vizinhos de mesa e falava comigo e com Max. Este respondia razoavelmente bem. Os dois missionários, marido e mulher, permaneciam de boca fechada: a esposa observava desesperadamente o marido, enquanto este continuava a rasgar o lenço em pedacinhos cada vez menores.

Numa espécie de nebulosa divagação a idéia de uma soberba história policial veio-me à mente. Um missionário enlouquecia, aos poucos, com a tensão em que vivia. Tensão por quê? Uma tensão por um motivo qualquer, fosse qual fosse! Em todo lugar em que estivesse, rasgava lenços, reduzindo-os a fios, providenciando pistas. Pistas, lenços, fiapos — a sala rodou à minha volta e eu quase caí da cadeira de tanto sono.

Nesse momento, uma voz áspera falou em meu ouvido esquerdo: “Todos os arqueólogos são mentirosos”, dizia o sr. Ditchburn, com uma espécie de venenosa amargura.

Despertei e olhei-o, meditando sobre sua declaração. Pronunciara-a como que num desafio. Não me sentia nada autorizada a defender a sinceridade dos arqueólogos; disse

apenas, com suavidade: “Por que acha que todos são mentirosos? A respeito de que mentem eles?”

“A respeito de tudo”, afirmou o sr. Ditchburn. “Tudo! Dizem que sabem as datas das coisas e quando certas coisas aconteceram — isto tem sete mil anos de idade, aquilo, três mil, o rei que reinava nessa época era este e depois reinou aquele outro! Todos mentirosos, todos!”

“Não é possível que o senhor os ache assim tão mentirosos!”

“Não?” O sr. Ditchburn explodiu numa risada sardônica e recaiu em silêncio.

Dirigi mais algumas palavras a meu missionário, mas com pouco resultado. Então, o sr. Ditchburn rompeu o silêncio e, incidentalmente, revelando uma possível pista para sua amargura, disse: “Como de costume, tive que ceder meu quarto de vestir a esse jovem arqueólogo!”

“Oh”, disse eu, sentindo-me pouco à vontade, “desculpe! Eu não havia entendido...”

“Acontece sempre”, continuou o sr. Ditchburn. “Ela sempre faz isso — minha mulher, é claro. Não pára de convidar pessoas para ficarem conosco. Não, não estou me referindo a você; você está ocupando o quarto de hóspedes. Há três quartos de hóspedes, mas não são suficientes para Elsie. Não, ela sempre tem que encher os quartos todos da casa, e o meu quarto de vestir também. Como suporte isso é que não entendo!”

Renovei meus pedidos de desculpas. Não era possível sentir-me mais constrangida; presentemente, porém, concentrava minhas energias em me manter desperta, e quase não o conseguia.

Depois do jantar, pedi licença para me retirar. A sra. Ditchburn ficou muito decepcionada, porque planejava um

esplêndido jogo de bridge, mas meus olhos estavam praticamente fechados, e mal consegui subir a escada, arrancar minha roupa e cair na cama.

Na manhã seguinte, partimos às cinco horas. Viajar no Iraque foi realmente minha introdução a uma espécie de vida extenuante. Visitamos Nejef, que era de fato um lugar maravilhoso: uma necrópole real, cidade de mortos onde circulavam, carpindo, negras figuras de mulheres muçulmanas, cobertas de véus pretos. Tratava-se de um ninho fervilhante de extremistas — nem sempre era possível visitar Nejef. Primeiro tínhamos que comunicar a visita à polícia, que ficaria de vigia, para que não ocorressem atos de fanatismo.

De Nejef fomos a Kerbala, onde existe uma lindíssima mesquita, com uma cúpula azul-turquesa. Era a primeira que eu via de perto. Ficamos, nessa noite, na delegacia de polícia. Estenderam no chão uma cama de campanha que Katharine mandara enrolar para mim, e dormi numa pequena cela. Max dormiu em outra cela, e insistiu que chamasse por ele, mesmo durante a noite, em caso de necessidade. Nos dias de minha meninice, de educação vitoriana, teria achado muito estranho acordar em plena noite um jovem que mal conhecia para lhe solicitar a amabilidade de me escoltar até o banheiro; no entanto, foi exatamente o que sucedeu. Acordei Max, que, por seu turno, chamou um policial; este foi buscar um lampião, e os três caminhamos pelos compridos corredores até atingirmos um cômodo notavelmente malcheiroso, onde havia um buraco no chão. Max e o policial esperaram cortesmente fora da porta para me escoltar e iluminar meu caminho de regresso à cama.

O jantar foi servido na delegacia, numa mesa do lado de fora, enquanto uma enorme lua brilhava por cima de nós e se ouvia o

constante coaxar de rãs. Sempre que ouço o coaxar de rãs, penso em Kerbala e nessa noite. O policial sentou-se junto de nós. De vez em quando, dizia algumas palavras em inglês, cautelosamente, mas a maior parte do tempo falava árabe com Max, que traduzia as palavras que me eram endereçadas. Depois de um dos refrescantes silêncios que sempre fazem parte do ambiente, quando convivemos com os povos do Oriente e quando nos harmonizamos com nossos próprios sentimentos, nosso companheiro disse: “Salve, tu, espírito jovial! Ave tu nunca foste”. Olhei-o, sobressaltada. Ele terminou o poema. “Aprendi-o de cor”, disse, abanando a cabeça. “Inglês muito correto.” Eu confirmei. Assim pareceu terminar essa parte da conversa. Jamais imaginara viajar até os confins do Iraque para escutar a “Ode a uma cotovia”, de Shelley, recitada para mim por um policial árabe, num jardim oriental à meia-noite.

Tomamos nosso café da manhã bem cedo no dia seguinte. Um jardineiro que estava colhendo rosas avançou para mim com um ramallete. Fiquei parada, expectante, pronta a sorrir graciosamente. Algo vexada, vi que ele passava por mim sem um olhar e as oferecia com profunda vênica a Max, que deu uma risada, fazendo-me notar que estávamos no Oriente, onde os presentes eram oferecidos aos homens e não às mulheres.

Arrumamos nossos pertences, camas, provisões de pão fresco e as rosas, e reiniciamos nossa jornada. Faríamos um desvio em nosso regresso a Bagdá para visitar a cidade árabe de Ukhaidir, em pleno deserto. A paisagem era monótona, e para passar o tempo recorreremos às canções de um repertório que ambos conhecíamos, começando por *Frère Jacques* e continuando com várias outras baladas e modinhas. Visitamos Ukhaidir, maravilhosa em seu isolamento, e mais ou menos duas horas

depois chegamos a um lago, também em pleno deserto, de água azul, clara e brilhante. Fazia um calor horroroso, e eu ansiava por tomar um banho. “Você gostaria tanto assim de tomar um banho?”, perguntou Max. “Não vejo por que não possa tomar um.”

“Será que posso?” Olhei pensativa para minha cama enrolada e a pequena mala de viagem. “Mas não tenho maiô.”

“Você acha que poderá tomar banho com algo que... bem, que faça as vezes de maiô?”, perguntou Max delicadamente. Refleti e, finalmente, vesti um colete de seda cor-de-rosa e dois pares de calcinhas. Estava pronta. O motorista, a própria personificação da cortesia e da delicadeza, como são, realmente, todos os árabes, afastara-se. Max, de calções e colete, juntou-se a mim, e ambos nadamos na água azul do lago.

Foi paradisíaco — o mundo parecia perfeito, pelo menos até recomeçarmos nossa viagem de automóvel. Contudo, o carro afundara-se suavemente na areia e recusava-se a andar. Conheci mais alguns inconvenientes de viajar pelo deserto. Max e o motorista, tirando do carro esteiras de aço, pás e vários outros objetos, esforçavam-se por libertá-lo, mas sem êxito. As horas passavam. Ainda fazia um calor terrível. Deitei-me, abrigada pela exígua sombra que havia num dos lados do automóvel, e adormeci.

Max contou-me mais tarde, não sei se com sinceridade, que foi nesse momento que percebeu que eu seria excelente mulher para ele. “Nada de confusão!”, ele disse. “Você não se queixou, nem disse que fora culpa minha, ou que jamais deveríamos ter parado naquele lugar. Parecia não se incomodar se o carro andaria ou não. Realmente, nesse instante comecei a achar que você era maravilhosa!”

Desde que me contou isso, sempre procurei viver segundo

essa reputação. Sou, realmente, pessoa de aceitar as coisas como elas vêm, e não costumo ficar agitada. E também possuo a útil capacidade de dormir a qualquer momento, em qualquer lugar.

Não estávamos, porém, em rota de caravanas; era possível que por vários dias não passasse nenhum caminhão nem qualquer outro veículo, talvez até por mais de uma semana. Tínhamos conosco um guarda que fazia parte do Corpo de Camelos, e que, ao fim de algum tempo, prontificou-se a partir em busca de socorro, coisa que provavelmente só encontraria ao cabo de vinte e quatro ou talvez quarenta e oito horas. Deixou-nos a água que lhe cabia. “Nós, que fazemos parte do Corpo de Camelos do Deserto”, disse altivamente, “em caso de emergência não necessitamos de água.” Deu início à caminhada, e vi-o partir com alguma apreensão. Aquilo fora uma aventura, mas eu mantinha a esperança de que continuasse a ser ao menos uma aventura agradável. A água não era muita; e o pensamento de ficar sem ela imediatamente me deu sede. Todavia, tivemos sorte. Aconteceu um milagre. Uma hora mais tarde, um Ford T com catorze passageiros surgiu no horizonte. Sentado junto do motorista, estava nosso amigo do Corpo de Camelos, acenando exuberantemente com seu fuzil.

De vez em quando, durante nosso regresso a Bagdá, parávamos para examinar vestígios arqueológicos e caminhávamos em volta deles, apanhando cacos de louça. Eu ficava particularmente encantada com os fragmentos vidrados. As cores vivas — verde, turquesa, azul — e uma espécie de desenho dourado eram de um período mais tardio do que aquele por que Max se interessava; mas ele era indulgente para com meus caprichos, e juntamos um grande saco desses fragmentos.

Depois de chegados a Bagdá, de volta ao meu hotel, estendi

meu impermeável, mergulhei os cacos em água e arrumei-os num desenho iridescente e colorido. Max, cedendo amavelmente a meu capricho, emprestou-me seu impermeável e acrescentou quatro cacos à minha exposição. Surpreendi-o olhando para mim com o ar de um professor indulgente que observa bondosamente uma criança tola mas não desagradável — realmente, acredito que, nesse tempo, essa era sua atitude em relação a mim. Sempre amei coisas assim: conchas ou pedacinhos de pedras coloridas — todos esses tesouros exóticos que colecionamos quando somos crianças: uma pena de cores brilhantes, uma folha diferente. Tais coisas, ainda hoje o sinto, são por vezes os *verdadeiros tesouros* da vida, que apreciamos mais do que topázios, esmeraldas ou luxuosas caixinhas Fabergé.

Katharine e Len Woolley já haviam chegado a Bagdá e não estavam nada satisfeitos conosco por nos termos atrasado vinte e quatro horas, devido ao desvio que fizéramos para visitar Ukhaidir. Eu fiquei livre de censuras, visto ter sido apenas uma espécie de pacote carregado de um lugar para outro, sem prévio conhecimento do lugar para onde estava indo.

“Max deveria imaginar que ficaríamos preocupados”, disse Katharine. “Podíamos até ter organizado um grupo para partir em busca de vocês, ou feito qualquer outra coisa estúpida.” Max repetiu pacientemente suas desculpas; não lhe ocorrera que pudessem se alarmar tanto.

Dois dias mais tarde, deixamos Bagdá, de trem, em direção a Kirkuk e Mossul, a primeira etapa de nosso regresso à Inglaterra. O coronel Dwyer foi à Estação Norte de Bagdá despedir-se de nós.

“Não se deixe submeter-se a ela!”

“O que quer dizer com isso?”

“Refiro-me a Sua Alteza”, e acenou com a cabeça em direção

a Katharine Woolley, em conversa com uma amiga.

“Mas ela é tão simpática comigo!”

“Oh, sim! Vejo que você está sentindo o encanto dela. Todos sentimos o mesmo, de vez em quando. Para ser totalmente franco, eu ainda o sinto. Essa mulher pode obrigar-me ao que quiser e quando quiser, mas, como estou lhe dizendo, *não se deixe subjugar*. Ela pode fascinar passarinhos e fazê-los cair das árvores, achando que isso é natural.” O trem soltava aqueles esquisitos gemidos de assombração que dentro em pouco saberia serem característicos dos trens do Iraque. Era um ruído estridente e sobrenatural — de fato, uma bruxa que invocasse seu amado demônio ter-se-ia expressado exatamente assim. Contudo, não era nada tão romântico: meramente uma locomotiva pronta para partir. Subimos para o vagão — Katharine e eu partilhávamos uma cabine-leito; Max e Len, outra. E partimos.

Chegamos a Kirkuk na manhã seguinte, tomamos o café na hospedaria e seguimos de automóvel para Mossul. Naquela época, era uma viagem de seis ou oito horas, a maior parte por uma estrada esburacada, incluindo a travessia em *ferryboat* do rio Zab. O *ferryboat* era tão primitivo que nos sentimos quase nos tempos bíblicos, ao embarcar.

Em Mossul ficamos numa hospedaria que tinha um jardim encantador. Mossul viria a ser, no futuro e por muitos anos, o centro da minha vida. Naquela altura, porém, não me impressionou, principalmente porque fizemos poucas visitas a locais interessantes.

Encontramos o dr. e a sra. MacLeod, que dirigiam o hospital e se tornaram grandes amigos meus. Eram ambos médicos e, enquanto Peter MacLeod estava encarregado do hospital, sua mulher, Peggy, ajudava-o eventualmente nas cirurgias. Estas

tinham que ser feitas de modo muito especial, porque ele não tinha permissão de ver ou tocar pacientes mulher. Era impossível para uma mulher maometana ser operada por um homem, mesmo um médico. Parece-me que colocavam biombos entre o médico e a doente: o dr. MacLeod ficava de fora do biombo e sua mulher na parte de dentro; ele orientava-a, dizendo-lhe como havia de proceder e, por seu turno, ela descrevia-lhe, na devida ocasião e em todos os pormenores, as condições em que estavam os órgãos examinados.

Depois de dois ou três dias em Mossul iniciamos propriamente nossa viagem. Ficamos uma noite numa hospedaria em Tell Afar, que distava duas horas de Mossul; às cinco da manhã do dia seguinte partimos de automóvel por uma trilha que atravessava a região. Visitamos alguns sítios arqueológicos do Eufrates e dirigimo-nos para o norte, à procura de Basrawi, um velho amigo de Len, xeque de uma das tribos dali. Depois de muitas travessias de rios intermitentes, em que nos extraviávamos e reencontrávamos o caminho, chegamos finalmente, já perto da noite. Fomos recebidos esplendidamente com uma espantosa refeição, depois da qual nos retiramos para dormir numa casa de adobe, com dois quartos demantelados que nos foram destinados. Num dos quartos havia duas pequenas camas de ferro, colocadas em diagonal nos cantos do aposento. Surgiu então uma ligeira dificuldade. Uma das camas ficava sob um teto excelente — isto é, não caía chuva na cama, fenômeno que tivemos a oportunidade de observar, pois começara a chover. Todavia, a outra cama estava colocada no canto onde havia corrente de ar e onde a chuva, que se infiltrava pelo teto, caía abundantemente. Demos uma olhada no segundo quarto: era menor e tinha um teto igualmente duvidoso; as camas eram mais estreitas e havia menos ar e menos

luz.

“Acho, Katharine”, Len disse, “que você e Agatha ficariam melhor no quarto menor, com as duas camas secas; nós ficaremos no outro.”

“Minha opinião”, respondeu Katharine, “é que *devemos* nos instalar no quarto maior; eu ficarei na cama boa. Não conseguirei dormir um instante se a água estiver caindo em cima de mim.” E encaminhou-se firmemente para o apetecido canto do quarto, onde colocou seus pertences em cima da cama.

“Acho que posso empurrar um pouco minha cama de modo a evitar o pior”, falei.

“Realmente, não entendo”, disse Katharine, “por que Agatha deve ser forçada a ficar nessa cama onde chove. Um de vocês poderia ficar aí. Max ou Len poderão dormir na cama ruim, neste quarto, e o outro irá para o outro quarto com Agatha.” A sugestão foi considerada, e Katharine olhou avaliadoramente para Max e Len, tentando imaginar qual deles lhe seria mais útil; decidindo finalmente privilegiar Len, enviou Max a partilhar comigo o quarto menor. Só nosso jovial anfitrião pareceu divertir-se com essa combinação — dirigiu vários comentários de natureza maliciosa, em árabe, a Len. “Estejam à vontade”, disse. “Estejam a gosto! Distribuam-se pelos quartos como preferirem — de qualquer modo, o homem ficará satisfeito!”

Na manhã seguinte, todavia, ninguém estava satisfeito. Acordei às seis da manhã com goteiras sobre meu rosto. No outro canto, Max estava exposto a um autêntico dilúvio. Puxou minha cama para fora do local onde chovia mais e também a sua para longe do canto. Katharine também não tivera mais sorte do que os outros: uma goteira não parara de pingar em cima da cama dela. Fizemos uma refeição, demos uma volta com Basrawi pelos seus

domínios e recomeçamos nossa viagem. O tempo estava muito ruim; alguns dos rios intermitentes estavam muito difíceis de cruzar.

Chegamos, por fim, molhados e extremamente cansados, a Alepo, ao comparativamente luxuoso Baron Hotel, onde fomos saudados pelo filho dos donos da casa, Coco Baron. Tinha cabeça redonda e grande, um rosto um tanto amarelado e melancólicos olhos negros.

Uma das coisas que eu mais desejava era um banho quente. Descobri que o banheiro era do tipo meio oriental, meio ocidental, e consegui que corresse alguma água quente, que, como de costume, jorrou no meio de nuvens de vapor e me assustou mortalmente. Tentei fechar as torneiras, mas não consegui, e tive de berrar pelo socorro de Max. Ele apareceu no corredor, dominou as águas e aconselhou-me a voltar para meu quarto. Iria chamar-me quando o banho estivesse suficientemente controlado para que eu o pudesse tomar tranqüilamente. Fui de novo para o quarto e esperei. Esperei muito tempo, sem que nada acontecesse. Finalmente, saí com meu roupão e de esponja sob o braço. A porta estava fechada. Nesse momento, Max reapareceu.

“E meu banho?”, perguntei.

“Oh, Katharine Woolley está tomando banho”, Max disse.

“Katharine? Você permitiu que ela tomasse *meu banho*, o banho que você estava preparando para *mim*?”

“Bem, claro que sim. Ela queria tomar banho”, explicou, olhando-me nos olhos de maneira firme. Compreendi que estava lutando contra algo assim como a lei dos medas e dos persas. Respondi: “Acho que foi muito desleal. *Eu estava* preparando meu banho. *Era o meu* banho!”

Retornei a meu quarto, meditando sobre as palavras do

coronel Dwyer.

Meditaria nelas, novamente, no dia seguinte. O abajur que ficava junto da cama de Katharine causou-lhe problemas. Ela não se sentia bem e ficou de cama, com uma terrível dor de cabeça. Dessa vez, por minha livre decisão, cedi-lhe meu abajur. Levei o meu para o quarto de Katharine e deixei-o lá. Parece que no hotel havia carência de abajures, de modo que, nessa noite, tive que me contentar, para ler, com a fraca luz da lâmpada no teto. Só no dia seguinte começou a despontar em mim certa indignação. Katharine resolveu trocar de quarto, exigindo um onde se ouvisse menos o ruído do tráfego. Embora houvesse agora, junto de sua cama, um abajur funcionando perfeitamente, ela não se dera ao trabalho de me restituir o outro, que estava já na posse firme de outras mãos. Todavia, Katharine era Katharine: era pegar ou largar. Decidi que, de futuro, protegeria um pouco melhor meus interesses.

No dia seguinte, embora quase não tivesse febre, Katharine achou que estava pior. Sua indisposição não lhe permitia suportar viva alma junto dela.

“Se vocês fossem todos *embora!*”, gemia. “Vão embora, todos vocês, deixem-me só. Não *agüento* gente entrando e saindo de meu quarto, perguntando se quero isto ou aquilo, incomodando-me continuamente. Se pudesse ficar tranqüila, totalmente tranqüila, sem ninguém por perto, então talvez de noite me sentisse melhor.” Pensei: sei muito bem como ela está se sentindo, porque também eu, quando doente, reajo de forma semelhante. É o sentimento do cachorro, que rasteja para um canto sossegado e espera que o deixem ali, sem que o perturbem, até que suceda o milagre de se sentir de novo bem.

“Não sei como agir”, disse Len desconsoladamente.

“Realmente, não sei o que fazer por Katharine!”

“Bem”, disse eu, tentando confortá-lo, pois gostava muito dele, “acho que ela sabe melhor do que ninguém o que é bom para si própria. Suponho que quer mesmo que a deixemos sozinha. Eu, se fosse você, deixaria que ficasse sozinha até de noite, e só então veria se está se sentindo melhor.”

Ficou combinado assim. Max e eu saímos juntos, em visita a um castelo do tempo das Cruzadas, em Kalaat Siman. Len disse que permaneceria no hotel, perto de Katharine, para a eventualidade de ela necessitar de algo.

Max e eu partimos, felizes. O tempo melhorara, e a excursão foi lindíssima. Percorremos colinas cobertas de pequenos arbustos e anêmonas vermelhas; mais tarde, apareceram de longe em longe rebanhos de carneiros e, à medida que a estrada subia, rebanhos de cabras pretas, com seus cabritinhos. Finalmente, chegamos a Kalaat Siman e fizemos nosso piquenique. Sentados ali, contemplando a paisagem à nossa volta, Max falou um pouco acerca de si próprio, de sua vida e da sorte que tivera em conseguir empregar-se com Len Woolley, logo ao sair da universidade. Colhemos alguns fragmentos de cerâmicas, aqui e ali, e dispusemo-nos ao regresso quando o sol já desaparecia no horizonte.

Chegados ao hotel, reinava a maior perturbação. Katharine estava imensamente exasperada pela forma como nós a havíamos abandonado.

“Mas foi você quem disse que queria ficar sozinha!”, disse eu.

“Por vezes dizemos essas coisas, quando não nos sentimos bem. E pensar que você e Max *puderam* partir nessa excursão, de modo tão desalmado! Oh, talvez não seja tão ruim de sua parte, porque você não entende, porém Max — Max, que me conhece tão

bem, que sabe que poderia ter necessitado de *alguma coisa!* Como é possível que tenha ido embora desse jeito?” Cerrou os olhos e terminou: “É melhor que me deixem agora”.

“Será que não podemos dar-lhe algo que você deseje, ou ficarmos junto de você?”

“Não, não quero que vocês me tragam nada. Realmente, estou muito magoada com tudo o que se passou. Quanto a Len, o comportamento dele foi absolutamente inqualificável!”

“O que fez Len?”, perguntei com curiosidade.

“Len deixou-me sozinha, sem um pingão de água para beber — nem um pingão de água, nem limonada, nada de *nada!* Fiquei aqui deitada, sem ajuda alguma, morrendo de sede!”

“Por que não tocou a campainha e pediu água?”, perguntei. Falara algo errado. Katharine fulminou-me com o olhar: “Estou vendo que você não entende nada. Pensar que Len foi tão impiedoso! Claro que, se uma *mulher* estivesse por aí, teria sido diferente. Certamente ela teria se lembrado”.

Na manhã seguinte, mal ousávamos nos aproximar de Katharine, mas ela voltara a ser a Katharine de sempre. Sua disposição era encantadora, sorria, mostrou-se feliz em nos ver, grata por tudo o que fizéramos por ela, embora levemente condescendente, como se nos estivesse perdoando, e tudo ficou bem.

Era, realmente, uma mulher notável. À medida que o tempo passou, comecei a entendê-la melhor, embora nunca conseguisse prever o estado de espírito em que a encontraria. Katharine poderia ter sido, creio, uma grande artista, uma cantora ou uma atriz — então, seu modo de ser imprevisível teria sido aceito com naturalidade, como parte de certo temperamento artístico. Por assim dizer, ela era quase uma artista: esculpira uma cabeça da

rainha Chubad que chegou a ser exibida, com o famoso colar de ouro e o toucado. Também esculpira uma boa cabeça de Hamudi, outra de Leonard Woolley e uma linda cabeça de um rapazinho; não tinha, porém, confiança em seus próprios atributos criativos, e estava sempre convidando outras pessoas a lhe darem uma ajuda ou acatando as opiniões delas. Leonard mostrava-se sempre atento a seus menores caprichos, mas nada do que fazia lhe parecia suficiente. Creio que ela o desprezava um pouco. Talvez sucedesse o mesmo a qualquer outra mulher. Afinal, mulher alguma ama um capacho, e Len, que podia ser extremamente autoritário com os outros, era como manteiga derretida nas mãos dela.

Um domingo de manhã bem cedo, antes de deixarmos Alepo, Max levou-me em visita a templos de diferentes religiões. Foi extenuante. Visitamos os maronitas, os católicos sírios, os gregos ortodoxos, os nestorianos, os jacobitas, e outros de que não me recordo. A alguns dos sacerdotes desses templos, apelidei de “sacerdotes-cebolas”, porque usavam uma coifa redonda, em forma de cebola. Os gregos ortodoxos pareceram-me assaz assustadores. Separaram-me de Max e misturaram-me a um rebanho de mulheres confinado a um dos lados da igreja. Fomos então empurradas para uma espécie de baia de cavalos, envolvidas por um cordel e presas à parede. Houve uma cerimônia religiosa esplêndida e misteriosa, cuja maior parte se passou atrás da cortina do altar. De trás dessa cortina, chegavam até nós retumbantes sons, acompanhados por nuvens de incenso. Todo mundo se inclinava a intervalos determinados. Na devida altura, Max reclamou por mim.

Quando recordo minha vida passada, parece-me que os locais onde estive são, de tudo quanto vivi, o que se conservou com maior clareza em minha memória. Lembrar uma árvore, uma colina, uma casa branca aconchegada algures junto de um canal, a forma de uma montanha, pode despertar-me um frêmito de prazer. Às vezes tenho que pensar um instante para lembrar *onde* e *quando!* Então, o quadro desenha-se claramente, eu *sei*.

Jamais tive boa memória para pessoas. Meus amigos me são muito queridos, mas muita gente há que apenas encontrei e até com quem simpatizei, e que desapareceram de minha memória quase imediatamente. Longe de poder dizer “nunca esqueço um rosto”, eu poderia afirmar “nunca guardo um rosto”. Os lugares, esses permanecem firmes. Muitas vezes, retornando a um lugar cinco ou seis anos depois de lá ter estado, lembro-me perfeitamente da estrada a tomar, mesmo que tenha passado por ela apenas uma vez. Não sei por que minha memória dos locais é tão boa e a das pessoas, tão vaga. Talvez porque enxergo mal. Toda a vida sofri de presbitismo, de modo que sempre vi as pessoas como que esboçadas, pois estavam sempre perto de mim, ao passo que via as paisagens com nitidez, pois estavam sempre distantes.

Sou bem capaz de não gostar de um lugar por me parecer que os montes não têm a forma que julgo apropriada — para mim, é muito importante que os montes tenham a forma que considero perfeita. Praticamente todas as colinas de Devonshire são perfeitas. A maior parte das montanhas da Sicília têm forma errada, de modo que não gosto da Sicília. Os montes da Córsega são uma verdadeira delícia; os do País de Gales também são belíssimos. Na Suíça, as colinas e as montanhas estão perto *demais* de nós. As montanhas nevadas podem ser

inacreditavelmente monótonas; devem a emoção que produzem a efeitos de luz variados. As “vistas” também podem ser desinteressantes. Subimos por um caminho íngreme até o cimo de um monte — e daí se avista um panorama esplêndido. *Porém, está tudo ali.* Não há mais nada além. Já está visto! “Soberbo”, dizemos. E é tudo. Tudo está sob nossos olhos. É como terreno já conquistado.

V

De Alepo fomos, de navio, até a Grécia, parando em vários portos pelo caminho. Minha recordação mais nítida é de uma escala em Mersin com Max, onde passei um dia feliz, na praia, banhando-me num mar gloriosamente morno. Foi nesse dia que ele apanhou para mim uma enorme quantidade de cravos, com os quais arranjei um colar que ele prendeu em meu pescoço. Depois fizemos um piquenique no meio de um mar de flores amarelas.

Tinha muita vontade de visitar Delfos com os Woolleys; falavam de Delfos com uma espécie de arrebatamento lírico. Insistiram em que fosse hóspede deles, o que achei extremamente amável. Raras vezes me senti mais feliz e mais cheia de expectativa do que quando chegamos a Atenas.

Certas coisas, porém, acontecem quando menos as esperamos. Ainda me lembro de estar junto ao balcão de recepção do hotel, quando me entregaram minha correspondência: no topo do maço de cartas havia uma pilha de telegramas. Tão logo os vi, fui tomada por uma aguda agonia, porque sete telegramas só poderiam significar más notícias. Havíamos estado fora de alcance do telégrafo pelo menos quinze dias; só agora as notícias me

chegavam às mãos. Abri um dos telegramas — mas o primeiro era, na realidade, o último. Coloquei-os em ordem. Diziam-me que Rosalind estava muito doente, com pneumonia. Minha irmã tomara a responsabilidade de tirá-la da escola e de levá-la para Cheshire. Telegramas mais recentes comunicavam-me que ela estava seriamente doente. O último, que eu abria em primeiro lugar, declarava que seu estado melhorara ligeiramente.

Hoje em dia, é claro, poderia voltar a casa em menos de seis horas, num dos aviões que saem todos os dias do Pireu; em 1930, porém, não existiam tais facilidades. Mesmo que conseguisse reservar uma passagem no primeiro Expresso do Oriente, não conseguiria alcançar Londres antes de quatro dias.

Meus três amigos reagiram com a máxima bondade às péssimas notícias que eu recebera. Len pôs de lado o que fazia e entrou em contato com as agências de viagens para saber qual a primeira passagem que poderia reservar. Katharine falou-me com profunda simpatia. Max falou pouco, mas também saiu com Len à cata das agências de viagens. Caminhando pelas ruas, ainda meio tonta com o choque recebido, enfiei meu pé num desses buracos quadrados em que, nas ruas de Atenas, estão eternamente plantando árvores. Torci o tornozelo e fiquei impossibilitada de andar. Sentada no hotel, cercada da compaixão de Len e de Katharine, perguntava a mim própria por onde andaria Max, que logo chegou. Trazia duas sólidas ataduras e uma ligadura elástica. Explicou-me calmamente que poderia cuidar de mim na viagem de regresso à Inglaterra e ajudar-me a tratar de meu tornozelo.

“Mas você não ia para o Templo de Bassae?”, perguntei. “Não ia encontrar-se lá com alguém?”

“Mudei meus planos”, disse ele simplesmente. “Achei que seria realmente melhor ir para a Inglaterra, de modo que viajarei

com você. Vou ajudá-la a caminhar até o vagão-restaurante, ou trazer as refeições para você; enfim, vou ajudá-la em tudo de que você precisar.”

Parecia-me maravilhoso demais para ser verdade! Pensei então, e na realidade continuo pensando, que maravilhosa pessoa é Max! Tão tranqüilo, tão parco de palavras de comiseração! Ele, porém, *faz* as coisas. Faz justamente as coisas de que precisamos e que consolam mais do que qualquer palavra amiga. Não me disse nada para me confortar acerca de Rosalind, nem falou que provavelmente ela já estaria bem, que eu não me preocupasse tanto. Aceitou o fato de que eu passava por uma fase ruim. Nesse tempo ainda não havia sulfanilamida, e a pneumonia era uma ameaça real.

Max e eu partimos na noite seguinte. Durante a viagem ele falou muito a respeito da sua família, dos irmãos, de sua mãe, que era uma francesa de temperamento artístico e gostava muito de pintura, e falou-me de seu pai, que, segundo me pareceu, tinha certas semelhanças com meu irmão Monty — com a diferença, felizmente, de ser mais estável sob o ponto de vista financeiro.

Em Milão sucedeu-nos uma aventura. O trem estava atrasado. Saímos — eu já podia saltitar, com meu tornozelo preso pela ligadura elástica — e perguntamos ao condutor do carro-leito de quanto tempo seria a espera. “Vinte minutos”, respondeu. Max sugeriu que fôssemos comprar laranjas, e assim nos encaminhamos para uma banca de frutas, e depois regressamos à plataforma. Haviam se passado apenas cinco minutos quando voltamos, mas nenhum trem estava na plataforma.

Disseram-nos que já partira.

“O trem partiu? Mas informaram-nos que ele esperaria vinte minutos aqui”, eu disse.

“Ah, sim, *signora*, mas já estava muito atrasado, ficou apenas alguns instantes.”

Max e eu olhamos um para o outro, desesperados. Um funcionário da ferrovia veio então em nosso socorro. Sugeriu-nos que alugássemos um potente automóvel e que corrêssemos atrás do trem. Achava que tínhamos boa probabilidade de o pegarmos em Domodossola.

Começou então uma viagem que parecia coisa de filme. Primeiro ultrapassamos o trem, depois o trem nos ultrapassou. Em certo momento estávamos desesperados e no próximo instante sentíamos-nos em situação de vantagem, enquanto seguíamos pelas estradas da montanha e o trem saía e entrava nos túneis, umas vezes à nossa frente, outras, atrás de nós. Finalmente alcançamos Domodossola, três minutos depois do trem. Todos os passageiros, parece, estavam suspensos às janelas, certamente todos os de nosso vagão, para ver se chegaríamos a tempo.

“*Ah, madame*”, disse um velhote francês, enquanto me ajudava a subir, “*que vous avez dû éprouver des émotions!*”¹ Os franceses têm uma maneira admirável de encarar as coisas.

Por termos alugado o dispendiosíssimo carro, sem haver tido tempo de pechinchar, Max e eu estávamos praticamente sem dinheiro. A mãe de Max ia encontrar-se com ele em Paris. Max sugeriu com otimismo que eu lhe pedisse algum dinheiro emprestado. Muitas vezes cogitei sobre o que minha sogra deve ter imaginado acerca da moça que pulou de um trem com o filho dela e, depois de uns cumprimentos brevíssimos, lhe pediu emprestado praticamente todo o dinheiro, até o mínimo *sou*, que trazia na bolsa.

¹ “*Ah, senhora, como deve ter experimentado emoções!*” *Em francês no original.* (N. do E.)

Havia pouco tempo para lhe explicar por que eu tinha que partir no mesmo trem para a Inglaterra, de modo que, com confusos pedidos de desculpas, desapareci, agarrando o dinheiro que extraíra dela. Não posso acreditar que a tenha predisposto a meu favor.

Pouco me lembro da viagem com Max, exceto de sua extraordinária bondade, tato e simpatia. Conseguiu distrair-me, conversando muito sobre o que fazia e o que pensava. Ligou meu tornozelo repetidas vezes e ajudava-me a ir até o vagão-restaurante, o que eu não conseguiria sozinha, especialmente com o balanço do Expresso do Oriente à medida que ganhava força e velocidade. Recordo-me, porém, de um comentário. Passáramos ao longo da Riviera italiana. Eu estivera semi-adormecida, sentada em meu canto, e Max viera à minha cabine e sentara-se na minha frente. Quando despertei, encontrei-o a olhar-me, pensativo. “Acho”, disse ele então, “que você tem realmente um rosto *nobre*.” Isso espantou-me tanto que despertei um pouco. Era uma maneira de me descrever na qual jamais pensaria — certamente, ninguém mais pensaria. Um rosto nobre, eu? Não estava convencida disso. Ocorreu-me um pensamento. “Suponho”, disse, “que você diga isso porque tenho um nariz romano.” Sim, pensei, um nariz romano. Talvez meu nariz desse a meu perfil certa nobreza. Mas não estava certa de gostar dessa idéia. Era um gênero de nariz com que não seria fácil viver. Eu sou muitas coisas: tenho bom caráter, sou exuberante, dispersa, esquecida, tímida, afetuosa, completamente desprovida de confiança em mim própria, pouco egoísta — moderadamente apenas —, porém *nobre*, não, não posso pensar em mim como nobre. Recai no sono, todavia, procurando fazer boa figura com meu nariz romano — de frente, e não de perfil.

VI

Senti uma horrível angústia ao pegar no telefone quando cheguei a Londres. Havia cinco dias que não tinha notícias de Rosalind. Oh, o alívio que senti quando minha irmã me disse que Rosalind estava muito melhor, fora de perigo e convalescendo rapidamente! Ao cabo de seis horas, estava em Cheshire.

Embora Rosalind convalescesse depressa, fiquei chocada ao vê-la. Tinha pouca experiência da rapidez com que as crianças apresentam altos e baixos durante as doenças. A maior parte de minha experiência como enfermeira se dera com adultos, e é assustador que as crianças pareçam semimortas num instante e logo no instante seguinte apresentem a melhor aparência possível. Nada disso eu sabia. Rosalind estava muito mais alta e magra, e recostava-se em sua cadeira com um ar de alheamento que não era normal.

A característica mais notável de Rosalind era sua energia. Era daquelas crianças que não ficam quietas por um momento sequer; que, quando regressam de um longo e extenuante piquenique, podem dizer animadamente: “Ainda falta meia hora para o jantar — o que vamos *fazer* enquanto isso?” Não era inesperado para mim dobrar a esquina de casa e encontrá-la plantando bananeira. “Que diabo você está fazendo, Rosalind?”

“Oh, nada especial; estou apenas matando o tempo. A gente precisa estar sempre fazendo *algo*, não é mesmo?”

Agora, Rosalind ali estava recostada na poltrona, com uma aparência frágil e delicada, e completamente esvaziada de sua energia. Tudo o que minha irmã disse foi: “Se você a tivesse visto

há uma semana! Então, sim, realmente parecia morta”.

Rosalind recuperou-se com uma rapidez notável. Uma semana depois de meu regresso estava de novo em Devonshire, em Ashfield, e já parecia a antiga Rosalind, embora eu fizesse o possível para impedir a perpétua agitação que ela pretendia retomar.

Aparentemente, Rosalind regressara ao colégio em boa saúde e com boa disposição. Tudo correria bem, até que apareceu no colégio uma epidemia de gripe que fez caírem de cama metade das crianças. Suponho que essa gripe, aliada à natural falta de resistência devido ao sarampo, levou à pneumonia. Todo mundo se preocupou com ela, embora nem todos concordassem com que minha irmã a levasse de automóvel para o norte. Punkie, porém, insistira nisso dizendo estar certa de que seria o melhor a fazer — como, de resto, se verificou.

Não é possível que uma convalescença se passe melhor do que a de Rosalind. O médico disse que ela estava agora forte e saudável como sempre fora — se não mais ainda. “Parece”, acrescentou, “um pedaço de aço vivo.” Assegurei-lhe que a robustez sempre fora uma das características de Rosalind. Nunca se sentia doente. Nas Canárias tivera amigdalite e jamais me disse uma palavra a esse respeito, a não ser: “Sinto-me muito *brava*, hoje”.

Eu aprendera, por experiência própria, que, quando Rosalind dizia estar brava, existiam duas possibilidades: ou estava doente, ou então essa declaração devia ser tomada ao pé da letra — *estava* brava mesmo, e era uma questão de lealdade sua avisar-nos desse fato.

As mães são sempre, é claro, parciais em seus julgamentos a respeito dos filhos — e por que não o seriam? —, mas não posso

deixar de acreditar que minha filha era mais engraçada do que a maior parte das crianças. Tinha grande talento para respostas inesperadas. Não raro, podemos prever a respeito de uma criança. Rosalind, porém, sempre me surpreendia. Talvez fosse seu sangue irlandês. A mãe de Archie era irlandesa, e acho que era de sua ancestralidade irlandesa que herdara o dom de ser imprevisível.

“É claro”, disse-me Carlo, com o ar imparcial que gostava de assumir, “que Rosalind, por vezes,” nos enfurece. Fico furiosa com ela. Mas, afinal de contas, acho todas as outras crianças muito chatas, comparadas a ela. Pode nos enfurecer, mas nunca nos causa tédio.” Acho que isso sempre foi verdade, ao longo de sua vida.

Somos sempre as mesmas pessoas, quer tenhamos três, dez, ou vinte anos. Apenas, quando somos crianças, nossa maneira de ser se revela mais facilmente porque não disfarçamos nosso temperamento, ao passo que, aos vinte anos, representamos muito, fingimos ser diferentes conforme a moda do momento. Se a moda é ser intelectual, fingimos ser intelectuais; se as moças são gorduchas e frívolas, somos gorduchas e frívolas. No entanto, à medida que a vida vai passando, torna-se maçante manter o caráter que inventamos, e então retomamos nossa personalidade, tornamo-nos mais autênticos. Se isso é, por vezes, desconcertante para aqueles que nos rodeiam, é de grande alívio para nós mesmos.

Pergunto a mim própria se se passará o mesmo com nossa maneira de escrever. É certo que, quando principiamos a escrever, nos ressentimos de uma paroxística admiração por algum escritor e, quer queiramos quer não, não nos podemos furtar à influência do seu estilo. Muitas vezes sequer é um estilo que combina com nossa maneira de ser e, portanto, escrevemos mal. Mas, à medida

que o tempo passa, vamos sendo menos influenciados pela admiração inicial. Continuamos a admirar certos escritores, por vezes até desejaríamos escrever como eles, mas já sabemos muito bem que isso não é possível. Aprendemos certa humildade literária. Se pudesse escrever como Elizabeth Bowen, Muriel Spark ou Graham Greene, daria pulos de contentamento, mas sei que não posso e nem me ocorreria tentar copiá-los. Aprendi a ser *eu*, aprendi que sou capaz de fazer as coisas que (se assim posso dizer) *eu* sei fazer, mas não sei fazer o que gostaria de fazer. Como diz a Bíblia: “Quem, só pensando nisso, poderá acrescentar um côvado à sua estatura?”

Freqüentes vezes passa pela minha mente como um relâmpago a visão dos dizeres de uma estampa suspensa na parede de minha *nursery*, algo que possivelmente ganhei num dos concursos de tiro ao coco em uma das regatas: “Se não conseguir dirigir um trem, seja ao menos o oleador que lubrifica as rodas”. Nunca houve melhor divisa para seguir na vida! Acho que lhe fui fiel. Fiz várias tentativas disto e daquilo, bem sei, mas não me agarrei a coisas que fazia sem competência ou para as quais não tinha aptidão alguma. Rumer Godden, num de seus livros, enumerou uma lista de coisas de que gostava e de que não gostava. Achei que essa idéia era muito boa, e imediatamente escrevi minha própria lista. Acho que hoje poderia acrescentar a essa lista uma outra com as que *não consigo* fazer e as que *consigo* fazer. Naturalmente, o primeiro item é muito mais longo.

Nunca fui boa em jogos; não sou boa conversadora; sou tão facilmente sugestionável que preciso me retirar e ficar sozinha para saber o que realmente estou pensando ou querendo fazer; não sei desenhar; não sei pintar; não sei esculpir nem modelar; não posso apressar-me sem ficar atrapalhada; não tenho

facilidade de expressão — exprimo-me mais facilmente por escrito. Posso agüentar ficar sem comer, por uma questão de princípios, mas por nenhum outro motivo. Se tenho certeza de que amanhã é terça-feira, mas alguém me diz mais do que quatro vezes que amanhã é quarta-feira, na quarta vez me convenço de que estava errada, que é mesmo quarta-feira, e ajo de acordo com isso.

O que *sei* fazer? Bem, sei escrever. Poderia ser uma instrumentista razoável, mas não uma profissional. Sou uma acompanhante competente para cantores. Posso improvisar coisas, quando me encontro em dificuldades — e esse dom me tem sido muito útil. Todo mundo ficaria surpreso se soubesse o que sou capaz de fazer, quando surge um problema doméstico, com grampos de cabelo e alfinetes de segurança! Um dia, fiz uma espécie de bola de pão pegajosa, prendi-a a um grampo de cabelo, colei o grampo com lacre num pedaço de pau e consegui recuperar a dentadura postiça de minha mãe, lá onde ela caíra, no telhado da estufa de plantas! Cloroformizei com êxito um ouriço-cacheiro que se embaraçara na rede de tênis e consegui soltá-lo. Posso orgulhar-me de ser um elemento útil em casa. E assim por diante. É o momento agora de falar sobre aquilo de que gosto e de que não gosto.

Não gosto de multidões, nem de me sentir esmagada de encontro a outras pessoas; vozes altas demais; ruído; conversas infundáveis; grandes festas e, especialmente, coquetéis; cigarro e, de modo geral, fumaça; nenhuma bebida, exceto às refeições; marmelada; ostras; comida morna; céus cinzentos; os pés dos pássaros, ou mesmo a sensação de tocar em qualquer pássaro. Para terminar, a coisa que detesto mais ferozmente — o sabor e o cheiro de leite quente!

Gosto de sol, de maçãs, quase toda espécie de música, trens

e ferrovias, charadas e tudo quanto disser respeito a números; gosto de ir para junto do mar, tomar banho de mar, nadar, gozar o silêncio, dormir, sonhar, comer, cheiro de café, lírios-do-vale, a maioria dos cães e teatro.

Poderia fazer listas muito mais completas, muito mais grandiosas, muito mais *importantes*, mas aí está o que eu dizia: não seria meu gênero, e suponho que tenho de me resignar a ser *eu*.

Estava recomeçando a vida, e tinha que me interessar por meus amigos. Tudo por que eu passara fora uma espécie de teste. Carlo e eu criáramos, entre nós, duas ordens: a Ordem dos Ratos e a Ordem dos Cães Fiéis. Às vezes dizíamos de alguém: “Oh, sim, havemos de lhe conferir a Ordem dos Cães Fiéis, a condecoração mais alta”. Ou então: “Havemos de lhe conferir a condecoração da Ordem dos Ratos, o terceiro grau”. De fato não houve muitos “ratos”, mas às vezes, inesperadamente, surgiam alguns: pessoas que supúnhamos serem verdadeiros amigos, mas que se mostravam ansiosas por se afastar de quem havia atraído notoriedade de má espécie. Essa descoberta, é claro, tornou-me mais sensível e mais inclinada a me isolar. Por outro lado, encontrei amigos inesperados, totalmente leais, que mostravam mais afeto e bondade do que antes.

A lealdade é a virtude que mais admiro. A lealdade e a coragem são duas das mais belas coisas que existem no mundo. Qualquer espécie de coragem, física ou moral, despertava minha admiração. Se suportamos viver, podemos suportar viver com coragem. É um dever!

Encontrei muitos membros dignos da Ordem dos Cães Fiéis entre meus amigos homens. Existem cavalheiros fiéis e admiráveis na vida da maior parte das mulheres, e senti-me particularmente

comovida por um dos que chegou até mim, numa espécie de galope. Enviava-me enormes ramos de flores, escrevia-me cartas e, finalmente, pediu-me em casamento. Era um viúvo alguns anos mais velho do que eu. Disse-me que, quando me conhecera, havia já muito tempo, achara-me jovem demais. Pensava, porém, que agora poderia fazer-me feliz e proporcionar-me um lar tranqüilo. Fiquei emocionada com essa atitude, mas não tinha o menor desejo de me casar com ele, nem realmente tivera, algum dia, qualquer pensamento a esse respeito. Fora um bom amigo para mim, e nada mais. É reconfortante e enternecedor saber que alguém nos ama — mas é loucura casarmos com alguém simplesmente porque queremos ser confortadas ou apenas dispor de um ombro onde chorar.

Em todo caso, não desejava ser confortada. Tinha medo do casamento. Compreendera — como, suponho, todas as mulheres acabam por compreender mais tarde ou mais cedo — que a única pessoa que pode realmente nos fazer sofrer na vida é nosso marido. Ninguém mais é tão próximo, de ninguém dependemos tanto para a vida de todos os dias, para nos sentirmos acompanhadas, para o afeto e tudo em que realmente consiste um casamento. Nunca mais, decidira, me colocaria de novo, e de tal modo, à mercê de *alguém*.

Um de meus amigos da força aérea em Bagdá dissera-me algo que me sobressaltara. Tínhamos conversado a respeito das suas dificuldades conjugais, e ele, por fim, disse: “Você acha que sua vida está traçada e que poderá levá-la do jeito que imaginou, mas no fim uma de duas coisas acontecerá: ou você terá um amante, ou terá vários amantes. A escolha terá que ser feita apenas entre essas duas opções”. Às vezes tinha a incômoda sensação de que ele estava certo. Mas qualquer das duas

alternativas era melhor, pensava eu, do que o casamento. Vários amantes não me fariam sofrer. Um amante, sim, mas não do mesmo modo que um marido. Para mim, um marido estava fora de questão — mas isso, insistia meu amigo da força aérea, não ia durar.

O que me surpreendia era a quantidade de propostas amorosas que me foram dirigidas logo que fiquei na posição, levemente equívoca, de mulher separada ou divorciada. Certa vez, um jovem me disse, como se me achasse pouco sensata: “Bem, você está separada de seu marido, provavelmente se divorciando dele. O que você espera?”

A princípio, não conseguia saber se me sentia lisonjeada ou aborrecida com todas essas atenções. Pensei que, de modo geral, estava satisfeita. Nunca se é velho demais para ser insultado. Por outro lado, isso provocava, às vezes, complicações aborrecidas — como no caso de um italiano. Eu é que provoquei tudo, por não estar a par das convenções italianas. Ele perguntou-me se não me incomodava, de noite, o ruído do carvão sendo jogado nas fornalhas do navio, e eu disse que não, porque minha cabine ficava a estibordo, portanto do lado contrário ao do ruído. “Oh”, ele disse, “julguei que você estivesse na cabine número 33.” “Oh, não”, respondi-lhe, “minha cabine é de número par; é a cabine número 68.” Essa conversa, segundo meu ponto de vista, era bastante inocente. Não entendi que perguntar o número da cabine era uma convenção pela qual um italiano pergunta a uma mulher se pode visitá-la. Nada mais foi dito entre nós; pouco depois da meia-noite, meu italiano apareceu. Seguiu-se uma cena engraçada. Eu não falava italiano, ele quase não pronunciava uma palavra de inglês, de modo que discutimos ambos, em furiosos sussurros em francês. Eu expressava minha indignação, ele

também expressava a sua, só que de natureza diferente. A conversa foi mais ou menos assim:

“Como ousa vir até minha cabine?”

“Você me convidou!”

“Não convidei coisa nenhuma!”

“Convidou! Você até me disse que o número de sua cabine era 68!”

“Bem, você perguntou que número era.”

“É claro que perguntei qual era o número. Perguntei porque queria vir à sua cabine. E você deu a entender que podia vir.”

“Não fiz nada disso!”

A coisa continuou por algum tempo; de vez em quando erguíamos a voz, no calor da discussão, até que o mandei falar baixo. Eu tinha quase certeza de que um médico de uma embaixada qualquer e sua esposa, ambos com ar bastante pudico, que ocupavam a cabine vizinha, estavam, nessa altura, conjecturando o pior. Insisti, zangada, para que ele fosse embora. Ele insistia em ficar. A certa altura, sua indignação foi maior do que a minha, e pedi-lhe desculpas por não ter entendido que sua pergunta era, na realidade, uma proposta. Por fim, consegui livrar-me dele. Continuou se sentindo insultado, mas acabou por aceitar a idéia de que eu não tinha a experiência do mundo que ele pensara. Também lhe expliquei — o que, segundo me pareceu, teve o efeito de acalmá-lo — que eu, sendo inglesa, era frígida por natureza. Apresentou-me suas condolências por esse fato e, desse modo, a honra dele ficou satisfeita. A esposa do médico da embaixada olhou-me friamente na manhã seguinte. Só muito mais tarde descobri que Rosalind avaliava meus admiradores, desde o princípio, de maneira totalmente prática. “Claro, eu pensava que mamãe acabaria por se casar novamente um dia qualquer e, como

é natural, andava um pouco preocupada com quem seria o escolhido”, explicou ela.

Max regressara de sua estada na França com a mãe. Disse-me que ia trabalhar no Museu Britânico e queria saber se eu estava em Londres. No momento não me foi possível vê-lo, pois me achava em Ashfield. Ocorreu, porém, que meus editores iam oferecer uma grande recepção no Savoy, e pediram-me especialmente que comparecesse para me encontrar com meus editores norte-americanos e com outras pessoas. Eu teria muitos encontros nesse dia, e resolvi tomar o trem da noite na véspera. Convidei Max a vir tomar comigo o café da manhã, na casa da estrebaria.

Estava encantada com a idéia de revê-lo, mas, não sei por quê, no momento em que chegou fui tomada de um estranho acesso de timidez. Depois da viagem que fizéramos juntos e dos termos de amizade que já eram os nossos, não podia imaginar por que me sentia totalmente paralisada. Ele também me pareceu encabulado. Todavia, no final de nosso desjejum, que eu própria preparara, havíamos recuperado nossa antiga intimidade. Perguntei se poderia vir passar uns dias conosco em Devon, e combinamos um fim de semana em que estaria livre. Eu estava encantada por não perder o contato com Max.

Depois de *O assassinato de Roger Ackroyd*, eu escrevera *mistério dos sete relógios*. Era uma continuação de outro livro, *O segredo de Chimneys*, e pertencia ao gênero que eu chamava de “livros de terror ligeiros”. Estes sempre eram fáceis de escrever, pois não requeriam muito enredo nem planejamento.

Agora, ia ganhando confiança no que escrevia e achava que

não teria dificuldade em produzir um livro por ano e, possivelmente também, alguns contos. A parte mais agradável estava diretamente relacionada com o dinheiro. Se me decidisse a escrever uma história, sabia que me daria umas sessenta libras de ganho, pouco mais ou menos. Deduzindo o imposto de renda — nesse tempo vinte ou vinte e cinco por cento —, sabia, portanto, que receberia quarenta e cinco libras. Isso estimulava enormemente minha produção. Dizia comigo mesma: “Gostaria de mandar derrubar a estufa e construir uma *loggia* onde pudesse me instalar. Quanto custará?” Quando obtinha o orçamento das despesas, sentava-me diante de minha máquina de escrever, cogitava, planejava e, ao cabo de uma semana, havia nascido uma história em minha mente. Na devida altura eu a escrevia e mandava fazer minha *loggia*.

Que diferença dos últimos dez ou vinte anos de minha vida! Nunca sei quanto estou devendo. Nunca sei quanto dinheiro possuo. Nunca sei quanto dinheiro virei a ter no ano seguinte — e quem anda cuidando de meu imposto de renda está sempre discutindo a respeito de problemas surgidos muitos anos antes, ainda não solucionados. O que podemos fazer nessas circunstâncias?

Mas naquele tempo havia sensatez. Foi um período de minha vida a que chamei “plutocrático”. Minha obra começava a sair em folhetins nos Estados Unidos, e a quantia que recebia de lá, além de ser muito maior do que a que estava acostumada a receber por meus direitos autorais de folhetins na Inglaterra, era livre de impostos. Ainda não recebia as somas que mais tarde vim a receber, mas era como se já as estivesse vendo, e parecia-me que tudo o que tinha a fazer era trabalhar e recolher o dinheiro.

Hoje em dia penso que talvez seja melhor não escrever mais

uma palavra, porque se o fizer só vou criar maiores complicações.

Max veio a Devonshire. Encontramo-nos em Paddington e seguimos no trem da meia-noite. As coisas ruins sempre aconteciam quando eu não estava presente. Rosalind recebeu-nos com sua habitual exuberância e bom humor, e imediatamente anunciou o desastre: “Peter mordeu Freddie Potter no rosto”.

A última coisa que desejaríamos saber, ao chegar a casa, é que o precioso filhinho de nossa preciosa cozinheira-governanta-residente fora mordido no rosto pelo nosso precioso Cachorrinho!

Rosalind explicou que não fora, realmente, culpa de Peter. Ela dissera a Freddie Potter que não colocasse o rosto tão perto de Peter, enquanto o açulava tão ruidosamente.

“Ele estava com o rosto cada vez mais perto de Peter, roncando, de modo que, é claro, Peter o mordeu.”

“Lógico”, falei; “só que não acredito que a sra. Potter entenda o que se passou.”

“Bem, até que ela não foi ruim. Mas não está nada contente!”

“É claro que não pode estar, não é, Rosalind?”

“Seja como for”, prosseguiu Rosalind, “Freddie foi muito corajoso. Ele sempre é”, acrescentou, em defesa leal de seu companheiro favorito de brinquedos. Freddie Potter, o filho da cozinheira, era mais moço do que Rosalind uns três anos, e ela adorava mandar nele, cuidar dele e desempenhar o papel de protetora munificente, ao mesmo tempo que o tiranizava enquanto brincavam. “Foi sorte, não é?”, disse Rosalind, “que Peter não tenha arrancado fora o nariz de Freddie. Se tivesse arrancado, acho que teria de dar um jeito e grudá-lo novamente, de qualquer maneira; mas não sei bem como o faria, talvez desinfetando

primeiro, ou algo assim, não é, mamãe? Só que não sei esterilizar um nariz. Não poderia *fervê-lo*, ou poderia?”

O tempo ficara um tanto indefinido; era um desses dias que podem ser lindos, mas em que, para quem tem experiência do tempo em Devonshire, é quase certo que chova; Rosalind propôs que fizéssemos um piquenique na charneca. Achei uma ótima idéia e Max concordou, parecendo alegre com isso.

Constato que uma das coisas de que meus amigos podiam se queixar era meu inveterado otimismo a respeito do tempo e minha crença inexplicável em que na charneca o tempo sempre estaria mais bonito do que em Torquay. Na verdade, quase sempre se dava o contrário. Eu costumava dirigir meu fiel Morris Cowley — que, evidentemente, era um automóvel de passeio — aberto; ele possuía uma velha capota, com vários rasgões, de modo que aqueles que se sentavam atrás sempre sentiam a chuva correndo firme pela nuca abaixo. Na verdade, quem ia a um piquenique com as Christies era voluntário numa prova de resistência.

Mal partimos para nosso piquenique, a chuva desabou. Persisti, todavia, e falei a Max das belezas da charneca, apesar de não muito visíveis através da chuva e da neblina. Foi uma boa prova para meu novo amigo do Oriente. Certamente, já devia gostar um pouco de mim para agüentar tudo aquilo e manter sua boa disposição.

Quando finalmente voltamos para casa, secamos nossas roupas. Depois de tomar bons banhos quentes, jogamos algum tempo com Rosalind. No dia seguinte, como ainda chovesse, envergamos nossas capas e fomos passear, acompanhados pelo impenitente Peter, agora já nos melhores termos de amizade com Freddie Potter.

Sentia-me muito feliz por estar de novo junto de Max.

Compreendi como se tornara íntima nossa amizade; como nos entendíamos bem um ao outro, quase sem precisarmos falar. Contudo, foi um choque para mim quando, na noite seguinte, depois de termos dado boa-noite um ao outro e de eu estar na cama lendo, ouvi uma batida na porta, e Max entrou. Tinha um livro na mão, que eu lhe emprestara.

“Agradeço-lhe que me tenha emprestado esse livro”, disse ele. “Gostei muito.” E colocou o livro perto de mim. Depois, sentou-se aos pés da cama, olhou-me pensativamente e disse que gostaria de se casar comigo. Nenhuma donzela vitoriana, dessas que exclamavam: “Oh, sr. Simpkins, isso é tão inesperado!”, teria ficado mais completamente tomada de surpresa do que eu. A maior parte dos membros do sexo feminino, é claro, sabe muito bem de que lado sopra o vento — de fato, as mulheres podem prever um pedido de casamento com muita antecedência e resolver-se a esse respeito de duas maneiras: ou tornam-se distantes e desagradáveis, para que seus pretendentes se desiludam com a escolha que fizeram, ou deixam que docemente eles cheguem ao ponto desejado. Agora sei, porém, que é perfeitamente genuína qualquer exclamação do tipo: “Oh, sr. Simpkins, isso foi tão inesperado!”

Jamais me ocorrera que Max e eu pudéssemos chegar a essa situação. Éramos *amigos*. Ficáramos, repentinamente, amigos íntimos, mais íntimos do que qualquer de meus amigos mais antigos.

Tivemos nessa noite uma conversa ridícula, que não vejo necessidade de relatar aqui. Respondi imediatamente que não me era possível casar-me com ele. Max quis saber o motivo de minha recusa. Respondi que recusava por todos os motivos: era anos mais velha do que ele — isso ele teve que admitir, mas disse-me

que sempre desejara casar-se com uma mulher mais velha. Continuei, dizendo que era um casamento absurdo e que não seria bom para ele. Acrescentei que ele era católico, e Max retorquiu que também já pensara a esse respeito. Na verdade, disse-me, ele considerara todas as questões. A única coisa que eu não disse e que naturalmente teria dito, se fosse esse meu sentimento, é que não queria me casar com ele — porque, subitamente, achei que não poderia haver nada melhor no mundo do que estar casada com Max! — se ele fosse mais velho, ou eu, mais moça.

Discutimos, creio, por umas duas horas. Gradualmente, Max foi me rendendo — não tanto com protestos quanto com uma doce pressão.

Partiu na manhã seguinte de trem, bem cedo, e disse-me, quando fui me despedir dele: “Acho que você acabará se casando comigo, sabe?, quando tiver pensado bastante no assunto”.

Era cedo demais para inventariar novamente meus argumentos. Depois de ver Max partir, fui para casa num estado de dolorosa indecisão.

Perguntei a Rosalind se gostara de Max. “Oh, sim, gostei muito dele. Gosto mais dele do que do coronel R. e do sr. B.” Sempre se podia ter certeza de que Rosalind estava a par do que se passava e de que seria bem-educada o bastante para não mencionar certos fatos abertamente.

Como foram horríveis os dias seguintes! Senti-me tão infeliz, tão confusa! Primeiro pensava que a última coisa que desejaria era casar-me de novo, e que deveria *evitar* ser ferida mais uma vez; nada poderia ser mais estúpido do que me casar com um homem vários anos mais moço do que eu; Max era jovem demais para saber o que queria; não seria leal para com ele: ele deveria se

casar com uma mulher jovem e bonita. Além disso, eu estava começando a gostar de viver sozinha. Depois descobri que, imperceptivelmente, meus argumentos haviam mudado. Max era, na verdade, muito mais jovem do que eu, mas tínhamos tanto em comum! Ele, como eu, não apreciava festas, embora fosse alegre e gostasse de dançar; seria difícil para mim acompanhar o ritmo de um homem mais jovem. Poderia, porém, visitar museus tão bem quanto qualquer outra pessoa e, provavelmente, com maior interesse e inteligência do que uma mulher mais jovem. Poderia também percorrer os diversos templos de Alepo, e até gostaria disso; poderia escutar Max falar acerca dos clássicos; poderia aprender o alfabeto grego e ler traduções da *Eneida* — em suma, interessar-me mais genuinamente pelo trabalho e idéias de Max do que por qualquer transação de Archie na City.

“Mas não devo me casar de novo”, dizia comigo mesma. “Não devo ser *estúpida* a esse ponto.”

Tudo sucedera tão insidiosamente! Se eu tivesse pensado em Max como possível marido, quando nos conhecemos, teria sido mais fácil preparar a defensiva. Não teria sido apanhada tão facilmente por esse relacionamento feliz. Eu, porém, não estava prevenida — e nós estávamos sempre contentes, quando juntos, achávamos graça em tudo e falávamos facilmente um com o outro, como se já estivéssemos casados.

Desesperada, consultei meu oráculo doméstico: “Rosalind, você se incomodaria se eu me casasse de novo?”

“Bem, acho que você qualquer dia se casará de novo”, respondeu ela, com ar de quem já estudara todas as eventualidades. Quero dizer, é natural que isso aconteça, não é mesmo?”

“Sim, talvez.”

“Eu não gostaria que se casasse com o coronel R.”, disse Rosalind, pensativa — o que achei interessante, porque o coronel R. sempre lhe fazia muitos carinhos e ela parecia encantada com as brincadeiras com que a divertia.

Mencionei o nome de Max.

“Acho o melhor de todos”, afirmou. “Na verdade, acho que seria até muito bom que você se casasse com ele.” E acrescentou: “Poderíamos ter um barco nosso, não acha? E ele pode ser útil de muitas maneiras. Max é bom jogador de tênis, não é? Poderia jogar tênis comigo”. Prosseguiu enumerando, com a maior franqueza, do seu utilitário ponto de vista, as vantagens de meu casamento: “E Peter gosta dele”, acrescentou, como argumento definitivo.

Apesar de tudo, foi um dos verões mais difíceis de minha vida. Algumas pessoas achavam errada a idéia de meu casamento. Talvez, no fundo, realmente me encorajassem. Minha irmã, por exemplo, era firmemente contra. Aquela diferença de idade! Mesmo meu cunhado James fazia ressoar uma nota de prudência.

“Você não acha”, ele disse, “que pode estar influenciada por um gênero de vida de que gosta, a vida de arqueólogo? Você gostou de ficar em Ur com os Woolleys? Talvez esteja confundindo isso com o sentimento por uma pessoa!”

Sabia, porém, que não era nada disso!

“É claro que é você que terá que decidir”, acrescentara James bondosamente. Minha querida Punkie, essa não achava que eu devesse decidir sozinha — era um assunto particular seu: tinha que me salvar, a todo custo, de cometer um erro estúpido! Carlo, minha querida Carlo, e sua irmã eram fortes como torres. Estiveram sempre do meu lado, mas acho que apenas por uma questão de lealdade. Creio que também pensavam que eu ia fazer

uma coisa absurda, mas não o confessariam nunca, pois não eram pessoas que gostassem de influenciar os outros. Tenho certeza de que lamentavam o fato de eu não me sentir atraída pelo charmoso coronel de quarenta e dois anos; como, porém, decidira de outro jeito, ficariam do meu lado.

Finalmente, dei a notícia aos Woolleys. Pareceram-me contentes. Len, certamente, ficou contente; quanto a Katharine, era mais difícil saber.

“No entanto, você não deverá se casar com ele antes de, pelo menos, dois anos”, disse com firmeza.

“Dois anos?”, disse, consternada.

“Casar-se antes seria fatal!”

“Bem, acho que é uma idéia muito estúpida”, eu disse. “Sou vários anos mais velha do que Max. Por que haveríamos de esperar, enquanto vou ficando ainda mais velha? É melhor que ele ainda aproveite meu resto de mocidade.”

“Acho que seria péssimo para ele”, continuou Katharine. “Muito ruim para ele, na idade que tem, habituar-se à idéia de que sempre conseguirá tudo o que deseja imediatamente. Eu, se fosse você, iria fazê-lo esperar — uma espécie de longo aprendizado.”

Com essa idéia eu não podia absolutamente concordar. Parecia-me um ponto de vista severo e puritano.

A Max, porém, disse que achava errado da parte dele casar-se comigo, e aconselhei-o a ponderar cuidadosamente o assunto.

“O que acha que tenho feito nos últimos três meses?”, replicou. “Refleti todo o tempo que fiquei na França. Depois pensei: bem, quando a vir novamente, saberei se tudo não passa de imaginação minha. Mas não: você é tal qual eu a recordava, e tal como eu a quero.”



Max e meu cachorro James, pouco antes da Segunda Guerra Mundial.

“É um risco terrível para você.”

“Não é um risco para mim. Talvez você ache que é um risco para você. Mas será que importa tanto assim corrermos riscos? O que faremos na vida se não corrermos riscos?”

Com isso concordei. A idéia da segurança jamais me refreara

em coisa alguma. Depois dessa conversa fiquei mais feliz. Pensava: “Bem, o risco é meu, mas acho que vale a pena correr um risco para encontrar alguém com quem seja feliz. Lamentarei se não der certo para Max, mas o risco também é dele, e está sendo muito sensato nisso tudo”. Sugeri que esperássemos seis meses. Max respondeu que não adiantava nada. “Afim”, acrescentou, “terei que ir novamente para o estrangeiro, para Ur. Acho que devíamos nos casar em setembro.” Falei com Carlo e fizemos nossos planos.

Eu já tivera tanta publicidade e ela me causara tanto mal que queria tudo tão secreto quanto possível. Concordamos que Carlo e Mary Fisher, Rosalind e eu iríamos para Skye e aí passaríamos três semanas. Os proclamas seriam aí anunciados e casaríamos discretamente na Igreja de St. Columba, em Edimburgo.

Então levei Max para visitar Punkie e James — James estava resignado, mas triste, e Punkie empenhava-se em evitar nosso casamento.

Na verdade, quase desisti de tudo, pouco antes, no trem para Cheshire, quando, dando mais atenção à história da minha família do que até então dera, Max exclamou: “James Watts, você disse? Estive no New College com James Watts. Será o filho dele? Um ator formidável — fazia maravilhosas imitações das pessoas”. Senti-me abalada por notar que Max e meu próprio sobrinho eram contemporâneos. Nosso casamento pareceu-me então completamente impossível. “Você é jovem demais!”, disse, desesperada. “É jovem demais!” Dessa vez, Max ficou realmente alarmado. “Não sou, não”, disse ele. “Fui para a universidade bastante jovem, e todos os meus amigos eram gente muito séria; eu não pertencia à alegre turma de Jack Watts.” Minha

consciência, porém, ficou abalada.

Punkie fez o possível para dissuadir Max, e comecei a recear que ele não gostasse dela. Foi, porém, o contrário o que sucedeu. Max disse que ela era muito autêntica e estava desesperadamente ansiosa por que eu fosse feliz — e também, acrescentou, era muito divertida. Sempre era esse o veredicto final a respeito de minha irmã. “Querida Punkie”, meu sobrinho Jack costumava dizer de sua própria mãe, “eu amo você; você é tão engraçada e tão doce!” Na realidade, isso a descrevia muito bem.

A visita terminou com a saída de Punkie da sala, em meio a uma tempestade de lágrimas, enquanto James procurava ser bondoso para comigo. Felizmente, meu sobrinho Jack não estava lá — podia ter entornado o caldo!

“É claro que você estava decidida a se casar com ele”, disse-me meu cunhado. “Sei que você não muda facilmente de idéia.”

“Oh, Jimmy, não sei! A mim parece-me que estou mudando de idéia a todo instante!”

“Não está, realmente. Espero que tudo termine bem. Não é quem eu teria escolhido para você; mas você sempre foi sensata, e acho que esse moço ainda irá longe.”

Como eu amava meu querido James, e como ele era paciente e resignado!

“Não faça caso de Punkie”, disse-me ele; “você sabe como ela é. Mudará totalmente de idéia quando verificar que não há nada a fazer.”

Enquanto isso, nosso casamento mantinha-se secreto.

Perguntei a Punkie se ela gostaria de ir a Edimburgo para nosso casamento, mas ela achou melhor não ir. “Só irei chorar”, dizia, “e afligir todo mundo.” Na verdade, fiquei-lhe agradecida. Eu tinha junto de mim duas boas e calmas amigas escocesas para me

providenciar um apoio firme. Portanto, fui para Skye com elas e Rosalind.

Achei Skye um lugar encantador. Às vezes, pensava como seria delicioso se não chovesse todos os dias, apesar de ser uma chuva fina, quase uma neblina, que realmente não chegava a incomodar. Caminhávamos quilômetros e quilômetros pela charneca, no meio da urze, respirando o odor que a terra exalava, com um leve travo de turfa.

Certo comentário de Rosalind provocou algum interesse na sala de jantar do hotel, um ou dois dias depois de nossa chegada. Peter, que estava conosco, não assistia às refeições, é evidente, nos lugares públicos, mas Rosalind, em voz alta, no meio do almoço, anunciou a Carlo: “É claro, Carlo, que Peter deveria ser seu marido, não é mesmo? Quero dizer que, como ele dorme na sua cama...” A clientela do hotel, em sua maioria senhoras idosas, reprovou unanimemente com um olhar a pobre Carlo.

Rosalind também; e deu, em resumidas palavras, seus conselhos a respeito de meu casamento: “Você sabe que quando se casar com Max terá que dormir na mesma cama que ele?”

“Eu sei”, respondi.

“Bem, eu supunha que soubesse, porque, afinal de contas, foi casada com meu pai. Mas estava com receio de que não se lembrasse disso.”

Assegurei-lhe que pensara em tudo o que se relacionava com meu casamento.

As semanas se passavam. Eu continuava a passear pela charneca, com eventuais acessos de infelicidade, pensando que era errado casar-me de novo e que poderia arruinar a vida de Max.

Enquanto isso, Max trabalhava como um condenado, no Museu Britânico e em toda parte, terminando seus desenhos das

cerâmicas e trabalhos arqueológicos. Na última semana antes do casamento, ficou acordado até as cinco horas da manhã, todas as noites, desenhando. Tenho a suspeita de que Katharine Woolley induzira Len a tornar o trabalho de Max mais pesado do que poderia ter sido: estava muito aborrecida comigo por não ter adiado o casamento.

Antes de deixarmos Londres, Len veio visitar-me. Parecia tão encabulado que eu não podia imaginar o que se passava com ele.

“Sabe?” disse-me, “tudo isso vai ser muito embaraçoso para nós. Quero dizer, em Ur e Bagdá. Quero dizer que... Você está entendendo? Não me parece possível você ir na expedição, porque só haverá lugar para os arqueólogos.”

“Ah, não”, respondi, “entendo muito bem; já conversamos a esse respeito. Não possuo quaisquer conhecimentos que possam ser úteis. Tanto Max como eu achamos que seria muito melhor não irmos com você; entretanto, não gostaríamos de deixá-los na mão no começo da temporada, não havendo muito tempo agora para achar alguém que substitua Max.”

“Eu pensei.... eu sei...”, Len fez uma pausa. “Eu pensei que, talvez... bem, as pessoas pudessem achar estranho que você não fosse a Ur.”

“Não sei por quê. Além disso, irei ao final da temporada para Bagdá.”

“Que bom! Espero que vocês venham passar uns dias conosco em Ur.”

“Então está tudo bem, não é mesmo?”, perguntei calorosamente.

“Bem, o que pensei... O que nós pensamos... Quero dizer, Katharine... Sim, nós dois.. .”

“Sim?”, perguntei.

“... é que talvez fosse melhor se vocês não fossem a Bagdá... *agora*. Quero dizer, se vocês fossem a Bagdá e então Max fosse a Ur e você viesse para a Inglaterra, você não acha que todo mundo iria achar estranho? Quero dizer, não me parece que os diretores concordem.”

De súbito, fiquei irritada. Estava disposta a não ir para Ur. Jamais o sugeri porque considerava isso desleal de minha parte, mas não via razão para não ir a Bagdá, se me agradasse.

Na realidade, eu já decidira com Max que não iria a Bagdá: não havia motivo para essa viagem. Iríamos à Grécia, em lua-de-mel, e de Atenas Max seguiria para o Iraque e eu regressaria à Inglaterra. Já estava tudo combinado, mas nesse momento não me sentia com disposição para contar nada disso.

Repliquei, com alguma aspereza: “Você sabe o que estou pensando, Len; não fica bem ficar aí me sugerindo para onde eu posso ou não posso ir no Oriente. Se quiser ir a Bagdá, irei a Bagdá, e não terei nada a ver com escavações arqueológicas nem com vocês”.

“Oh, oh, espero que não fique zangada! É que Katharine pensou...”

Eu estava certa de que tudo aquilo fora o que Katharine pensara, e não Len. Embora fosse amiga dela, não consentiria que se intrometesse na minha vida. Portanto, quando estive com Max, disse-lhe que, embora não planejasse ir a Bagdá, eu não dissera nada disso a Len. Max ficou furioso com toda a história, e tive de acalmá-lo.

“Sinto-me quase inclinado a insistir para que você venha”, ele disse.

“Seria um absurdo. Fariamos uma grande despesa, e para mim seria muito mais triste separar-me de você em Bagdá.”

Foi então que me contou que fora sondado pelo dr. Campbell-Thompson para no próximo ano fazer pesquisas em Nínive, no norte do Iraque. Segundo todas as probabilidades, eu poderia acompanhá-lo. “Nada está decidido ainda, mas não vou separar-me de você por mais de seis meses, depois dessa temporada. Len terá então tempo suficiente para procurar alguém que me substitua.”

Os dias passavam; em Skye os proclamas foram devidamente anunciados na igreja, e todas as velhas senhoras que se sentavam perto de mim me sorriam, radiantes, com a amável simpatia que todas as velhas senhoras sentem por algo que lhes pareça um casamento romântico.

Max foi a Edimburgo, e Rosalind, eu, Carlo, Mary e Peter também fomos de Skye até lá. Casamo-nos na pequena Igreja de St. Columba. Nosso casamento foi um triunfo: não havia jornalista nem nenhum sinal de que nosso segredo houvesse transpirado. Nosso disfarce continuou, porque nos separamos, como na velha canção, à porta da igreja. Max regressou a Londres por mais três dias, para terminar o trabalho de Ur, e eu, no dia seguinte, voltei com Rosalind para a Cresswell Place, onde fui recebida por minha fiel Bessie, que sabia do segredo. Max continuou ausente; passados dois dias, chegou à porta da Cresswell Place um Daimler de aluguel. Fomos de carro para Dover e de lá cruzamos o canal para a primeira etapa de nossa lua-de-mel: Veneza.

Max planejara a lua-de-mel inteiramente sozinho: para mim seria surpresa. Tenho certeza de que ninguém gostou mais de uma lua-de-mel do que eu. Houve apenas um senão em toda ela: o Expresso do Oriente, mesmo antes de chegar a Veneza, estava novamente empestado de percevejos!

Nona parte

VIVER COM MAX

I

Nossa viagem de núpcias levou-nos a Dubrovnik, e de lá a Split. Jamais esquecerei Split. Estávamos vagando pela praça, à noite, perto de nosso hotel, quando, ao dobrar uma esquina e entrar em outra praça, vimos a imagem de São Gregório, brilhando nas alturas, uma das mais belas obras do escultor Mestrovic. Dominava toda a cidade, e era uma dessas visões que ficam na nossa memória como um marco permanente.

Divertimo-nos imensamente com os cardápios. Estavam escritos em iugoslavo e, como é óbvio, não fazíamos a menor idéia do que queriam dizer. Costumávamos apontar para uma entrada qualquer e esperar com ansiedade o que nos trariam. Às vezes era um colossal prato de frango; outras, ovos mergulhados num molho branco muito temperado; outras ainda, uma espécie de *super-gulasch*. Todas as porções eram enormes, e nenhum dos restaurantes mostrava o menor empenho em que pagássemos as contas. O chefe murmurava em francês, ou inglês, ou italiano: “Esta noite não, esta noite não! Volte amanhã para pagar!” Não sei o que sucederia se as pessoas fossem comer lá durante semanas sem pagar e depois embarcassem e fossem embora! Claro que na última manhã, quando fomos pagar, tivemos a maior dificuldade para que aceitassem o dinheiro. “Ah, poderá fazer isso depois”, diziam. Nós explicamos, ou tentamos explicar: “Não poderemos voltar mais tarde porque vamos partir no navio do meio-dia”. O criado do restaurante suspirou tristemente à perspectiva de ter de

fazer algumas contas. Retirou-se para um cubículo, coçou a cabeça, utilizou vários lápis, resmungou, e cinco minutos depois trouxe-nos o que nos pareceu uma conta razoável para as enormes quantidades que havíamos ingerido. Depois desejou-nos felicidades, e partimos.

Na etapa seguinte, descemos a costa da Dalmácia e a costa da Grécia, até Patras. Iríamos num pequeno cargueiro, explicou Max. Ficamos no cais esperando a chegada do navio com alguma ansiedade. De repente, enxergamos uma embarcação, tão diminuta, porém, que mal podíamos acreditar que fosse nosso navio. Seu nome era estranho, todo composto de consoantes, *Sbrnn*, e jamais soubemos como se pronunciava. Mas era ele, sem dúvida. A bordo havia quatro passageiros. Nós, numa das cabines, e mais dois em outra. Os outros dois passageiros saíram no porto seguinte, e ficamos com o navio por nossa conta.

Nunca comi comida mais deliciosa do que a que nos serviram a bordo: carneiro magnífico, muito macio, em pequenas costeletas; verduras suculentas, arroz, molhos suntuosos e saborosas iguarias servidas em espetos. Conversávamos com o capitão em mau italiano. “Gostam da comida de bordo?”, perguntou-nos. “Estou satisfeito com isso. Mandei fazer comida inglesa para vocês.” Fiquei com a sincera esperança de que ele jamais fosse à Inglaterra, para que não descobrisse como era, na realidade, a comida inglesa. Contou-nos que lhe fora oferecida uma promoção para capitanear um navio maior, mas que preferira continuar ali mesmo, porque naquele navio tinha um bom cozinheiro e ele gostava da vida pacífica: não tinha preocupações com passageiros. “Um navio de passageiros dá preocupações o tempo todo”, explicou. “Portanto, preferi não ser promovido.”

Passamos alguns dias felizes a bordo do pequeno navio

sérvio. Paramos em diversos portos: Santa Anna, Santa Maura, Santi Quaranta. íamos a terra e o capitão assegurava-nos que mandaria tocar a sirena de bordo meia hora antes da partida. De modo que, quando vagueávamos por entre as oliveiras ou nos sentávamos no chão florido, de repente escutávamos o navio apitar e corríamos a bordo. Como era gostoso sentar por entre essas oliveiras, sentindo-nos totalmente em paz e felizes! Era o Éden, o paraíso terrestre!

Chegamos, por fim, a Patras, dissemos alegres adeuses ao nosso capitão e subimos para um esquisito trenzinho que nos levou a Olímpia. Não levou somente a nós, como passageiros, mas também grande quantidade de percevejos. Dessa vez subiram pelas calças que eu estava usando. No dia seguinte, tive que cortar minhas roupas, pois minhas pernas incharam novamente.

A Grécia não precisa de descrição. Olímpia era tão bela quanto eu esperava que fosse. No dia seguinte, fomos em mulas até Andritsena, e isso, devo dizer, quase acabou com nossa vida de casados.

Sem prévio treinamento de cavalgar mulas, uma jornada de catorze horas resultou para mim numa agonia quase inacreditável. Fiquei num tal estado que não sabia o que era mais doloroso, se caminhar ou ficar sentada na mula. Quando finalmente chegamos, caí da mula, tão hirta que não podia andar, e censurei Max: “Você realmente não deveria se casar com ninguém, se não consegue avaliar como fica uma pessoa depois de uma viagem dessas!”

Na verdade, Max estava tão dolorido quanto eu. As explicações de que, pelos seus cálculos, a jornada não deveria ter demorado mais do que oito horas não me convenceram. Demorei sete ou oito anos para descobrir que suas avaliações do tempo das

viagens estavam sempre abaixo da realidade, de modo que passei a acrescentar um terço a mais do tempo que ele anunciava.

Durou dois dias nossa recuperação em Andritsena. Então confessei não estar arrependida de ter me casado com ele, e admiti que talvez ele conseguisse aprender como deveria tratar uma esposa, evitando levá-la em longos passeios no dorso de mulas, sobretudo sem calcular cuidadosamente as distâncias. Continuamos nossa viagem, sempre de mula, até o Templo de Bassae, agora, porém, com mais cautela, sem etapas que durassem mais de cinco ou seis horas, e assim não fiquei exausta.

Fomos a Micenas, a Epidauro, e hospedamo-nos num hotel de Náuplia, no que nos pareceu ser a suíte real. Tinha cortinados de veludo nas janelas e, na imensa cama, cortinas de brocado dourado. Tomamos o café da manhã numa varanda não muito firme mas muito ornamentada, de onde se avistava uma ilha, e depois fomos para a praia tomar banho, com algumas precauções, por causa da enorme quantidade de águas-vivas que por lá havia. Epidauro pareceu-me especialmente bonita, mas foi aí que, pela primeira vez, me insurji contra o temperamento dos arqueólogos. Estava um dia de sonho, subi até o cimo do teatro e fiquei sentada ali, depois de deixar Max no museu examinando uma inscrição. Finalmente, impacientei-me, desci e fui ao museu. Max ainda estava deitado de barriga no chão, estudando a inscrição, completamente deliciado.

“Você ainda está decifrando isso aí?”, perguntei.

“Sim, esta inscrição é bastante rara”, disse Max. “Venha ver. Quer que eu a explique para você?”

“Acho que não”, disse com firmeza. “Está um tempo lindo lá fora, uma beleza!”

“Sim, deve estar, claro”, respondeu Max, distraído.

“Você não se incomoda se eu sair novamente?”

“Oh, não”, disse Max, levemente surpreso. “Está certo que vá. Apenas pensei que talvez achasse a inscrição interessante.”

“Não me parece que a ache tão interessante assim”, respondi, e voltei a sentar-me no alto do teatro. Max foi ter comigo passada pouco mais ou menos uma hora, muito gratificado porque decifrara uma frase grega particularmente obscura e, no que lhe dizia respeito, ganhara o dia.

Foi Delfos, porém, o ponto mais alto de toda a viagem. Impressionou-me por sua inimaginável beleza; caminhamos por ali tentando escolher um local onde pudéssemos construir um dia, no futuro, uma casa para nós. Reservamos três locais, recordo-me. Era um sonho bem agradável: não sei se, nessa altura, acreditávamos nele. Quando lá voltei, há um ou dois anos, e vi os grandes ônibus trafegando para cima e para baixo, os cafés, as recordações para turistas, os próprios turistas, fiquei muito feliz por *não* termos construído a casa.

Estávamos sempre escolhendo lugares para casas. Isso devido principalmente a mim, porque sempre tive paixão por casas — houve até uma altura na minha vida, não muito distante do início da Segunda Guerra Mundial, em que eu era a orgulhosa proprietária de oito casas. Viciara-me em encontrar espeluncas meio arruinadas, em Londres, e em fazer alterações estruturais, reformas e acabamentos nessas casas, que depois mobiliava. Quando eclodiu a Segunda Guerra e tive que pagar seguros contra danos de guerra por todas elas, não foi muito divertido. Contudo, no final, todas me deram um bom lucro, quando as vendi. Foi um passatempo gostoso enquanto durou, e ainda gosto de passar junto de qualquer das *minhas* casas para ver como estão conservadas e para imaginar que espécie de gente mora nelas.

No último dia que passamos em Delfos, caminhamos até o mar, até Itea, bem embaixo. Veio conosco um grego mostrar-nos o caminho, e Max conversou com ele. Max tinha um feitio muito inquiridor, e sempre fazia muitas perguntas a qualquer nativo da região onde estivéssemos. Nessa ocasião, perguntava a nosso guia os nomes de várias flores. O guia era encantador e estava ansioso por nos agradar. Max apontava uma flor e ele dizia o nome, que Max escrevia cuidadosamente em seu caderno de apontamentos. Depois de ter escrito mais de vinte e cinco nomes, notou que havia ali muitas repetições... Repetiu o nome grego que lhe estava sendo indicado como o de uma flor azul, espinhosa, e reconheceu que era o mesmo anteriormente dado a uma das primeiras flores que víamos, amarela, grande, parecida com um cravo. Então entendemos que, em sua ânsia de nos ser agradável, o grego repetia sempre os nomes das flores que conhecia. Não sabendo os nomes de muitas delas, repetia-os para cada nova flor que encontrávamos. Com alguma tristeza, Max compreendeu que a lista cuidadosamente elaborada com os nomes das flores selvagens era totalmente inútil.

Chegamos a Atenas, onde nos esperava a separação, dentro de quatro ou cinco dias. Então, sucedeu uma desgraça aos felizes habitantes do Éden. Contraí o que julguei fosse uma dessas complicações intestinais que tantas vezes nos assaltam no Oriente, chamadas de “doença de Gypsy”, “doença de Bagdá”, “doença de Teerã”, etc. Pensei que fosse a doença intestinal de Atenas, mas era bem pior.

Levantei-me da cama ao cabo de poucos dias, mas, estando ao volante numa excursão, senti-me tão mal que tiveram que me trazer imediatamente para o hotel. Tinha febre alta e, depois de muitos protestos de minha parte e quando todos os outros

remédios já haviam falhado, chamamos um médico. Só conseguimos um médico grego. Ele falava francês, e em breve percebi que meu francês era suficiente para uma conversa social, mas que desconhecia todos os termos usados pelos médicos.

O médico atribuiu minha doença a uns salmonetes que, segundo ele, eram altamente perigosos, sobretudo para os estrangeiros, que não sabiam dissecar esse peixe de maneira adequada. Contou-me uma história sinistra de um ministro que tivera a mesma doença e quase morrera, recuperando-se apenas nos últimos momentos. A verdade é que eu também me sentia moribunda! Continuei com febre alta e sem poder conservar coisa alguma no estômago. Todavia, o médico foi bem sucedido. De repente comecei a sentir-me de novo gente, embora a idéia de me alimentar me fosse insuportável, e ainda sequer pudesse pensar em me mexer dali. Mas recuperava-me, e estava cônica disso. Garanti a Max que ele poderia partir no dia seguinte.

“Mas é horrível! Como posso deixar você nesse estado, querida?”

Nossa aflição é que Max se comprometera a estar em Ur a tempo de mandar ampliar a casa da expedição, de modo que estivesse pronta quando da chegada dos Woolleys e dos outros membros, daí a quinze dias. Teria também que mandar construir uma nova sala de jantar e um novo banheiro para Katharine.

“Eles vão entender, tenho certeza”, afirmava Max. Dissera isso, no entanto, dubitativamente, e eu sabia muito bem que não entenderiam coisa nenhuma. Fiquei muito aflita e fiz-lhe ver que atribuiriam a *mim* as causas desse abandono do dever por parte de Max. Tornou-se para nós um ponto de honra que Max estivesse em Ur a tempo. Assegurei-lhe que já me sentia bem o bastante. Continuaria ali deitada, convalescendo por mais uma semana

talvez, e depois iria para a Inglaterra pelo Expresso do Oriente.

Max, o pobrezinho, estava aos pedaços! Ele também estava imbuído do terrível senso de dever britânico. Leonard Woolley dissera-lhe firmemente: “Confio em você, Max. Sei que está se sentindo muito feliz e tudo o mais, mas conto com você no dia combinado para se encarregar do trabalho”.

“Você pode calcular o que Len dirá”, acrescentei.

“Mas você está doente!”

“Sei disso, mas eles não vão acreditar! Vão pensar apenas que o estou impedindo de ir, e não posso admitir que pensem isso a meu respeito! E se continuarmos discutindo desse jeito, minha febre subirá e então, sim, ficarei muito doente!”

Por fim, Max seguiu o caminho do dever, fazendo com que ambos nos sentíssemos heróicos.

A única pessoa que não concordou com a decisão foi o médico grego, que ergueu as mãos aos céus e explodiu em torrentes de indignado francês. “Ah, sim, são todos iguais, esses ingleses! São fanáticos pelo trabalho, pelo dever. O que é o trabalho, o que é o dever, comparados à vida de um ser humano? Uma esposa é um ser humano, não é mesmo? A esposa também é um ser humano, e está doente, e é isso o que deveria importar. É isso o *importante* — um ser humano que necessita de ajuda!”

“O senhor não está entendendo”, disse eu. “O trabalho de Max também é importante, e ele deu sua palavra de honra de que estaria lá nessa data. A responsabilidade de Max é enorme!”

“Ah, e o que é a responsabilidade? O que é o trabalho, o que é o dever comparados ao afeto? Os ingleses, porém, são assim! Ah, que frieza, que *froider*! Que horror deve ser casar-se com um inglês! Não desejo isso a mulher alguma — não, realmente, não desejo a ninguém uma coisa dessas!”

Estava fraca demais para argumentar com ele, mas garanti-lhe que ficaria boa.

“Mas precisará tomar muito cuidado”, avisou-me. “Nem é bom estar falando desse jeito. O ministro de que lhe falei, sabe quanto tempo demorou até que pudesse voltar a trabalhar? Um mês inteirinho!”

Não fiquei impressionada. Disse-lhe que os estômagos ingleses não eram tão frágeis. Os estômagos ingleses, garanti-lhe, recuperavam-se mais rapidamente. O médico ergueu de novo as mãos aos céus, vociferou em francês e saiu, mais ou menos com a atitude de quem lavava as mãos a meu respeito. Se sentisse fome, disse-me que poderia comer um pouco de macarrão, simplesmente cozido. Não sentia a menor vontade de comer. E comer macarrão cozido, ainda menos. Fiquei quieta no meu quarto, forrado de papel verde, sentindo-me nauseada, com dores de estômago e em volta da cintura, e tão fraca que mal podia levantar um braço. Mandei vir um prato de macarrão cozido. Comi três fiapinhos e deixei o restante de lado. Fiquei com a impressão de que nunca mais voltaria a sentir vontade de comer.

Pensava em Max: àquela hora já deveria ter chegado a Beirute. No dia seguinte partiria, pela Agência Nairn, deserto afora. Pobre Max, como devia estar preocupado comigo!

Felizmente, eu não estava mais preocupada comigo. Na realidade, sentia que se agitava em mim a determinação de fazer alguma coisa ou ir a algum lugar. Comi mais um pouco de macarrão cozido. Pouco depois, passei a acrescentar ao macarrão cozido um pouco de queijo ralado, e forcei-me a caminhar pelo quarto todas as manhãs, dando três voltas consecutivas para ficar com as pernas um pouco mais fortes. Quando o médico veio ver-me novamente, disse-lhe que me sentia bem melhor.

“Que bom! Sim, estou vendo que está bem melhor.”

“De fato”, continuei, “acho que estarei apta a regressar à Inglaterra depois de amanhã.”

“Ah não diga loucuras! Já lhe disse que o ministro...”

Eu já estava cansada desse ministro! Chamei o empregado do hotel e pedi-lhe que me reservasse uma passagem no Expresso do Oriente para daí a três dias. Não comuniquei minha intenção ao médico senão na véspera da partida. Suas mãos ergueram-se de novo para os céus. Acusou-me de ingratidão, de loucura, e avisou-me que provavelmente eu seria tirada do trem *en route*, para morrer na plataforma de qualquer estação. Eu sabia que não seria tudo assim tão ruim. Como dissera, os estômagos ingleses recuperam-se depressa.

Finalmente, parti. Meus passos vacilantes foram apoiados pelo porteiro do hotel até o trem. Caí no meu compartimento e por ali fiquei. De vez em quando pedia um pouco de sopa quente, mas, como quase sempre era muito gordurosa, repugnava-me. Todo esse jejum teria sido ótimo para minha elegância, alguns anos mais tarde, mas nessa altura ainda era esbelta e, no fim da viagem, parecia um saco de ossos. Foi maravilhoso voltar para casa e deixar-me cair pesadamente na minha cama. Demorou, mesmo assim, quase um mês até que recobrasse minha antiga saúde e disposição.

Max chegara a Ur são e salvo, embora tremendamente apreensivo a meu respeito; enviara vários telegramas *en route* e estava esperando pelos meus, que de resto nunca chegaram. Entregou-se ao trabalho com tanta energia que fez muito mais do que os Woolleys esperavam.

“Vão saber quem eu sou”, disse Max. Mandou construir um banheiro para Katharine tão pequeno e limitado quanto possível,

segundo seus próprios planos, e acrescentou-lhe, assim como à sala de jantar, os adornos que lhe pareceram adequados.

“Mas não queríamos que você fizesse tudo isso”, exclamou Katharine quando chegaram.

“Achei que, como estava aqui, era melhor fazer o máximo que pudesse”, respondeu Max sombriamente. Explicou em seguida que me deixara em Atenas às portas da morte.

“Você deveria ter ficado junto dela”, disse Katharine.

“Acho que provavelmente deveria”, confirmou Max. “Mas vocês dois insistiram tanto na importância desse trabalho!”

Katharine encarregou Len de dizer que o banheiro não estava como ela desejara, e que o melhor seria derrubá-lo e construí-lo novamente, o que foi feito, aliás, com consideráveis inconvenientes.

Com minha idade atual, já tive ocasião de aprender muito bem a lidar com pessoas temperamentais, de todas as espécies — atores, produtores, arquitetos, músicos e prima-donas congênicas, justamente o caso de Katharine Woolley. A mãe de Max era aquilo a que eu chamava uma prima-dona de direito. Minha mãe fora quase isso: ficava freqüentemente muito exaltada, mas no dia seguinte, invariavelmente, estava tudo esquecido. “Mas a senhora ontem estava tão desesperada!”, dizia-lhe eu. “Desesperada?”, dizia minha mãe, com sincera surpresa. “Estava desesperada, eu?”

Vários dos nossos amigos do teatro podem fazer uma cena emocional, como, aliás, quase todo mundo. Quando Charles Laughton desempenhou o papel de Hercule Poirot, em *Alibi*, explicou-me seu método enquanto saboreávamos sorvetes durante uma pausa no ensaio: “É uma boa coisa fingir que se é temperamental. É, mesmo que não se seja temperamental. Acho

que ajuda muito. As pessoas dizem: não quero nada que o aborreça. Você sabe como ele é temperamental!”

“Por vezes é fatigante”, continuou, “especialmente quando não estamos com a menor vontade de fazer uma cena dessas. Mas dá resultado. Todas as vezes dá resultado.”

II

Minhas atividades literárias desse período parecem curiosamente vagas na minha memória. Penso, porém, que nessa altura eu ainda não me considerava uma escritora *bona fide*. Escrevia, sim, livros e histórias. Meus trabalhos eram publicados, e começava a me acostumar ao fato de poder contar com uma fonte de renda segura. Quando, porém, eu tinha que preencher algum formulário e chegava à linha em que deveria indicar minha profissão, jamais me ocorria nada que não fosse a antiga e honesta fórmula: “prendas domésticas”. Eu era uma mulher casada, esse era meu *status* e minha ocupação. Como passatempo, escrevia livros. Nunca conferi honras de “carreira” ao fato de escrever livros. Acharia ridículo!

Minha sogra não entendia: “Você escreve muito bem, querida Agatha, e seguramente poderá vir a escrever algo mais... Bem, mais sério...” Algo que valesse a pena, ela queria dizer. Era-me difícil explicar-lhe — e, na realidade, sequer tentei — que eu escrevia para me distrair.

Meu projeto era ser uma boa escritora de livros policiais, sim, e nessa época tinha a vaidade de pensar que *era* uma boa escritora de livros policiais. Alguns de meus livros agradavam-me. Nunca inteiramente, é claro, porque isso, suponho, jamais ocorre.

Nada é, na realidade, como imagináramos ao esboçar nossas anotações para o primeiro capítulo, ou enquanto deambulávamos murmurando para nós mesmos o desenrolar da história.

Minha querida sogra gostaria, creio, que eu escrevesse a biografia de alguma figura de renome mundial. Não consigo lembrar-me de algo que fosse menos apta a fazer! Seja como for, consegui permanecer modesta o suficiente para dizer, mais de uma vez, sem prestar-lhe atenção: “Sim, é claro, não sou realmente uma escritora”. Geralmente, isso era corrigido por Rosalind, que dizia: “Mas é uma escritora, mamãe. Agora já é decididamente uma escritora!”

O pobre Max sofreu um sério castigo casando-se comigo. Que eu saiba, ele até então jamais lera um romance. Katharine Woolley forçara-o a ler *O assassinato de Roger Ackroyd* — tarefa a que ele conseguira subtrair-se. Alguém discutira o desfecho perante ele, e Max, depois, comentou: “Para que serve ler um livro quando se conhece de antemão o final?” Contudo, depois de casar-se comigo, entregou-se corajosamente à tarefa de ler meus livros.

Por essa altura eu já escrevera aproximadamente dez livros, e ele começou lentamente a se atualizar, pois a noção que tinha de uma leitura “leve” era a de um livro erudito sobre arqueologia ou assuntos clássicos. Era engraçado ver com que dificuldade lia livros ligeiros de ficção. Contudo, manteve-se fiel no cumprimento da tarefa que se atribuíra, e tenho orgulho de dizer que, passado algum tempo, já parecia gostar dela.

É curioso, mas não me lembro bem dos livros que escrevi logo depois de meu casamento. Suponho que me sentia tão feliz com o simples fato de viver que escrever foi, durante esse tempo, um encargo de que me desempenhava por acessos e rompantes.

Nunca tive um lugar especial, que considerasse *meu*, ou um aposento aonde me retirasse para escrever. Isso acarretou muita perturbação para mim, nos anos que se seguiram, visto que, sempre que eu precisava receber alguém para uma entrevista, o primeiro desejo dessa pessoa era fazer uma fotografia minha em meu local de trabalho: “Mostre-me onde escreve seus livros”.

“Oh, escrevo em qualquer lugar!”

“Bem, mas certamente existe um lugar preferido onde costuma trabalhar, não?”

A verdade, porém, é que não tinha um local de trabalho. Só precisava de uma mesa e uma máquina de escrever, embora ainda costumasse escrever os primeiros capítulos e eventualmente alguns outros à mão, passando-os depois à máquina. O tampo de mármore de um lavatório de quarto era um bom local para meu trabalho, assim como a mesa da sala de jantar, entre as refeições.

Minha família habitualmente percebia a aproximação de uma temporada de atividade, e dizia: “Olhem para a patroa, está chocando algo!” Carlo e Mary chamavam-me sempre de “patroa”, e Rosalind também me tratava mais vezes de patroa do que de mamãe ou mãe. Realmente, todo mundo reconhecia os sinais de que eu estava choca, olhando-me esperançosos e impelindo-me a fechar-me num quarto e trabalhar.

Muitos amigos meus me disseram: “Nunca sabemos quando você escreve seus livros, pois nunca vimos você escrever, nem afastar-se para ir escrever”. Meu comportamento deve ser semelhante ao do cachorro quando pega um osso: retira-se por meia hora e regressa constrangido, com lama no focinho. Acho que é assim que procedo. Sentia-me sempre levemente encabulada quando ia escrever. Depois de me afastar, de fechar a porta e ir aonde ninguém me interrompesse, eu era capaz de me

lançar a toda a velocidade, inteiramente mergulhada no que fazia.

Na realidade, meu rendimento parece ter sido muito bom nos anos de 1929 a 1932, pois, além de livros policiais completos, produzi duas coletâneas de contos. Uma delas, com as histórias do sr. Quin, é das minhas prediletas. Escrevia uma história, de tempos em tempos, não com muita freqüência, com intervalos talvez de três a quatro meses, às vezes mais. As revistas pareciam apreciá-las, e eu própria gostava dessas histórias; recusei, no entanto, todas as ofertas de transpô-las para folhetins. Não quis fazer folhetins com a série do sr. Quin: só queria escrever uma dessas histórias quando realmente me sentia com disposição. Era uma reminiscência, para mim, dos meus antigos poemas das série de *Arlequim e Colombina*.

O sr. Quin era uma personagem que mal passava pela história — um catalisador, nada mais —, mas sua presença afetava todos os seres humanos. Havia sempre um pequeno fato, qualquer frase aparentemente irrelevante, que apontava para ele, mostrando-o tal como era: um homem banhado de uma luz filtrada por um vitral, que lhe dava as cores e a aparência de um Arlequim; uma súbita aparição seguida de uma igualmente súbita desapareção. Sempre representava as mesmas coisas: protegia os que se amavam e estava ligado à morte. O sr. Satterthwaite, aquele senhor baixinho que podemos considerar um emissário do sr. Quin, também se tornou uma de minhas personagens favoritas.

Também publiquei uma coletânea de contos com o título *Sócios no crime*. Cada uma dessas histórias foi escrita à maneira de um detetive particular da época. Alguns desses detetives eu hoje já nem poderia reconhecer. Recordo-me de Thornley Colton, o detetive cego — Austin Freeman, é claro; Freeman Wills Croft, com

seus maravilhosos horários e, inevitavelmente, Sherlock Holmes. É interessante ver quais dos doze autores de histórias policiais que escolhi ainda são hoje lembrados e conhecidos — uns são nomes familiares, outros, porém, desapareceram no esquecimento. Todos eles, nesse tempo, pareceram-me escrever bem e de modo divertido, embora de maneiras diferentes. *Sócios no crime* fez aparecer meus dois jovens investigadores, Tommy e Tuppence, que haviam sido as principais personagens de meu segundo livro, *O inimigo secreto*. Foi divertido voltar a eles.

Assassinato na casa do pastor saiu em 1930, mas não consigo lembrar onde, quando e como o escrevi, ou por que o escrevi, nem sequer o que me sugeriu a idéia de criar uma nova personagem — Miss Marple, a investigadora da história. Estou certa, porém, de que, nesse tempo, não tinha a menor intenção de continuar com ela para o resto da vida. Não sabia que se tornaria rival de Poirot.

Muita gente me escreve sugerindo que Miss Marple e Hercule Poirot se encontrem — mas *por que* deveriam encontrar-se? Tenho certeza de que nenhum deles apreciaria tal encontro. Hercule Poirot, um egoísta completo, não gostaria que alguém lhe ensinasse seu ofício, sobretudo em se tratando de uma solteirona já idosa. É um investigador profissional, não se sentiria à vontade no mundo de Miss Marple. Não, cada um deles é uma *estrela*, e todos os dois têm direito a sê-lo. Creio que não deixarei que se encontrem, a não ser que sinta um súbito impulso nesse sentido!

Acho possível que Miss Marple tenha nascido do prazer que senti em descrever a irmã do dr. Sheppard em *O assassinato de Roger Ackroyd*. Nesse livro ela era minha personagem favorita — uma solteirona ácida, roída de curiosidade, que sabia tudo, escutava tudo, um verdadeiro serviço de investigações a domicílio.

Quando o livro foi adaptado para o teatro, uma das coisas que me entristeceu mais foi a desapareição de Caroline. No lugar dela, o médico foi beneficiado com outra irmã — muito mais jovem —, uma moça bonita que poderia proporcionar a Poirot o romantismo que lhe faltava para o palco.

Quando me sugeriram essa adaptação, não fazia a menor idéia dos sofrimentos que tal tarefa implicaria, dadas as alterações que se impõem. Escrevera já uma peça de teatro, não posso recordar exatamente quando. Meu agente não a aprovou. Mais: sugeriu-me até que a esquecesse totalmente — por isso, não insisti. Dera-lhe o título de *Café preto*. Era uma história convencional de espionagem e, apesar de cheia de clichês, não era, em minha opinião, excessivamente ruim. Mas, na devida ocasião, a peça foi aproveitada. Um amigo meu de Sunningdale, o sr. Burman, ligado ao Royalty Theatre, disse-me que talvez pudesse ser representada.

Sempre me pareceu estranho que os atores que fizeram o papel de Poirot nunca tivessem as medidas certas... Charles Laughton tinha peso demais, e Francis Sullivan era grande, forte e tinha mais de um metro e oitenta de altura. Era ele que fazia Poirot em *Café preto*. Creio que essa peça foi levada à cena em primeiro lugar no Everyman, em Hampstead, e o papel de Lucia fora confiado a Joyce Bland, que sempre considerei excelente atriz.

A peça esteve apenas quatro ou cinco meses em cartaz, e finalmente foi representada no West End; voltou à cena vinte e poucos anos mais tarde, com alterações sem importância, e ficou em cartaz por bastante tempo.

As peças de suspense são geralmente muito semelhantes entre si, só muda mesmo o inimigo. Há quase sempre uma gangue

internacional *à la* Moriarty — primeiramente os alemães, os “hunós” da Primeira Guerra; depois os comunistas, que, por seu turno, foram substituídos pelos fascistas. Agora temos os russos e chineses, e aí estamos de volta à gangue internacional, com o sempre presente Criminoso Supremo, aquele que invariavelmente procura obter a supremacia mundial.

Alibi, a primeira peça a ser encenada baseada num romance meu, *O assassinato de Roger Ackroyd*, foi adaptada por Michel Morton, que era experiente em adaptação de peças. Não gostei de sua primeira sugestão, que era rejuvenescer vinte anos nosso amigo Poirot, chamá-lo de Beau Poirot e rodeá-lo de muitas moças apaixonadas. Eu já estava tão ligada a Poirot que compreendi que o ficaria o resto da vida. Argumentei violentamente contra a idéia de alterar sua personalidade. No fim, com o apoio de Gerald du Maurier, o produtor, decidimo-nos a fazer desaparecer essa excelente personagem, Caroline, a irmã do médico, e substituí-la por uma moça atraente. Como já disse, tive muita pena da desapareção de Caroline: gostava do papel que ela desempenhava naquele lugarejo, e também da idéia de que a vida do pequeno povoado aparecesse refletida no dia-a-dia do médico e de sua dominadora irmã.

Acho que foi nesse momento, em St. Mary Mead, lugar que eu não conhecia, que nasceu Miss Marple, e com ela também a srta. Hartnell, a srta. Wetherby e o Coronel e a sra. Bantry — na verdade, havia muito que estavam todos enfileirados atrás das fronteiras do inconsciente, prontos a viver e pular para o palco.

Lendo agora *Assassinato na casa do pastor*, já não gosto tanto do livro. A meu ver, tem personagens demais e demasiados enredos secundários. De qualquer modo, o enredo *principal* é bom. O povoado para mim é absolutamente real — na verdade, existem

muitos semelhantes, mesmo em nossos dias. As mocinhas vindas de orfanatos e as bem-treinadas empregadas domésticas desapareceram, a caminho de mais altos vãos, mas as diaristas que lhes sucederam são igualmente reais e humanas — embora, nem por sombra, devo acentuar, tão bem preparadas quanto suas predecessoras.

Miss Marple insinuou-se tão de mansinho em minha vida que quase não notei sua chegada. Escrevi uma série de seis contos para uma revista, e escolhi seis pessoas que eu achava que se poderiam encontrar uma vez por semana num povoado, quando então descreveriam um crime por solucionar. Comecei com Miss Jane Marple, uma senhora que se assemelharia a qualquer daquelas amigas íntimas de vovó, lá em Ealing — senhoras que já encontrara incontáveis vezes em pequenas cidades onde estivera quando menina. Miss Marple não era, de modo algum, um retrato de minha avó; era muito mais atarantada e tinha suas manias de solteirona, o que não era o caso de minha avó. Havia entre elas, porém, algo comum: apesar de serem pessoas alegres, esperavam sempre o pior de todo mundo e de tudo, o que, com quase assustadora exatidão, sempre se provava certo.

“Eu não ficaria surpresa se isso estivesse acontecendo”, costumava dizer minha avó, acenando sombriamente com a cabeça, e, apesar de não haver motivos para essa asserção, não é que estava exatamente acontecendo *aquilo!*? “Esse moço é muito sabido, não confio nele”, notava minha avó, e, quando mais tarde se descobria que o jovem e cortês bancário era estelionatário, ela não ficava nada espantada, apenas acenava com a cabeça.

“Sim”, dizia, “já conheci um ou dois igualzinhos a esse aí.”

Nunca ninguém engabelaria minha avó acerca de suas economias, nem lhe faria uma proposta que engolissem

ingenuamente. Ela teria olhado para essa pessoa, fitando-a com seus olhos argutos, e comentaria mais tarde: “Conheço gente daquela espécie. Sei o que pretendem. Acho que vou convidar alguns amigos para tomar chá e avisá-los de que esse jovem anda circulando por aí”.

As profecias de vovó eram muito temidas. Meu irmão e minha irmã criaram em casa, durante cerca de um ano, um esquilo manso, quando vovó, depois de encontrá-lo no jardim com uma pata quebrada, lhes disse sapientemente: “Notem o que estou dizendo: esse esquilo subirá pela chaminé um dia desses!” Subiu mesmo pela chaminé cinco dias depois.

Houve também o caso do vaso na prateleira colocada acima da porta da sala. “Eu, se fosse você, não deixaria esse vaso aí, Clara”, disse vovó. “Um dia desses alguém vai bater a porta com força, ou o vento fará a porta bater, e o vaso cairá.”

“Querida titia-vovó, esse vaso está aí há exatamente dez meses.”

Poucos dias após essa conversa, houve uma forte trovoadas, a porta bateu e o vaso caiu. Talvez fosse premonição. Seja como for, dotei Miss Marple com alguns dos atributos proféticos de minha avó. Não há maldade em Miss Marple, ela apenas não confia nas pessoas. Embora sempre espere o pior, muitas vezes aceita as pessoas com bondade, a despeito de serem como são.

Miss Marple nasceu com sessenta e cinco anos — o que, tal como sucedera com Poirot, provou ser uma infelicidade, porque ela teria que durar muito tempo na minha vida. Se *eu* tivesse o dom da premonição, teria feito meu primeiro detetive um precoce aluno de escola; só assim poderia ter crescido comigo.

Dei a Miss Marple cinco colegas na primeira série de seis histórias. Primeiro, seu sobrinho: um romancista moderno que

tratava de assuntos fortes em seus livros, tais como incesto, sexo e sórdidas descrições de quartos de dormir e equipamento sanitário — Raymond. West via sempre o lado áspero da vida. Sua querida, linda e velha tia Jane era tratada por ele com indulgente bondade, como quem não conhece nada do mundo. Em segundo lugar, criei uma mulher jovem, uma pintora modernista, que estava justamente se relacionando em termos muito especiais com Raymond West. Depois havia o sr. Pettigrew, o solicitador local, seco, arguto, já de certa idade; o médico — pessoa útil por ter conhecimento de casos que poderiam tornar-se histórias apropriadas a ser contadas no serão; e um sacerdote.

A história contada pela própria Miss Marple ostentava o título algo ridículo de “O polegar de São Pedro” e referia-se a um hadoque... Passado algum tempo, escreveria outras seis histórias de Miss Marple, e as doze, com ainda uma história extra, foram publicadas na Inglaterra com o título de *The thirteen problems* e nos Estados Unidos com o de *The Tuesday Club murders*.

Perigo na casa do fim foi outro de meus livros que deixou tão fraca impressão em minha mente que nem me recordo de tê-lo escrito. Possivelmente, eu já pensara no enredo bastante tempo antes, visto que é um de meus hábitos. Muitas vezes, fico confusa acerca de quando um de meus livros foi escrito e publicado. Os enredos ocorrem-me nos mais estranhos momentos — por exemplo: quando estou caminhando por uma rua qualquer, ou examinando uma vitrine de chapéus com particular interesse, pode, de repente, pular uma idéia esplêndida de dentro de minha cabeça. Então penso: “Esta seria uma boa maneira de encobrir o crime e fazer que ninguém enxergasse o motivo”. É claro, todos os pormenores práticos terão depois de ser trabalhados, e as personagens se arrastam, devagar, até eu tomar plena consciência

delas; só então anoto minha esplêndida idéia num caderninho escolar.

Até aí, tudo bem — porém, invariavelmente sucede que eu perca o caderno. Habitualmente, tenho à mão uma dúzia deles, e anoto as idéias à medida que vão me ocorrendo, acerca de um veneno ou de alguma droga, ou de qualquer notícia de contrabando lida no jornal. É claro que, se conseguisse ter todas essas coisas bem arrumadas, classificadas, rotuladas, pouparia muito trabalho. Todavia, é um prazer, às vezes, quando passo os olhos por uma pilha de cadernos velhos, encontrar algo garatujado: “enredo possível — faça você mesma — moça não é irmã verdadeira — agosto”, deparando assim com uma espécie de esboço de enredo. Não que me recorde do que tudo isso significa; muitas vezes, porém, isso basta para me estimular e, se não utilizo o enredo original, escrevo pelo menos um outro qualquer.

Há também enredos instigantes, que bolem com minha mente, enredos sobre os quais me dá prazer refletir, com os quais, se assim posso dizer, gosto de brincar, sabendo que um dia os desenvolverei. Roger Ackroyd andou bailando na minha cabeça por muito tempo antes que conseguisse definir-lhe os contornos. Uma vez, também, tive uma idéia depois de assistir a um espetáculo de que Ruth Draper participava. Estava pensando em como era boa atriz e como eram excelentes suas interpretações das personagens, a forma maravilhosa como se transformava de esposa insuportável em moça camponesa ajoelhada numa catedral. Pensar nela levou-me a escrever o livro *A morte de Lorde Edgware*.

Quando comecei a escrever histórias policiais, não tinha condições de criticá-las ou de pensar seriamente sobre o crime. A história policial era apenas a história de uma investigação; deveria

também ter uma moral; de fato, era a velha Moralidade de Todo Mundo, a perseguição do Mal e o triunfo do Bem. Nesse tempo, durante a guerra de 1914, o malfeitor não era um herói: o *inimigo* era ruim e o *herói* era bom; tudo era, portanto, simples. Ainda não começáramos a chapinhar na psicologia. Provavelmente como todo mundo que, então, escrevia livros, ou que os lia, eu era *contra* os criminosos e *a favor* da vítima inocente.

Havia a exceção do popular herói Raffles, um jogador de críquete e bem-sucedido arrombador de cofres, com seu sócio Bunny, que se parecia com um coelho. Acho que Raffles sempre me chocou um pouco, e hoje, olhando para o passado, sinto-me muito mais chocada do que então, embora essa personagem fosse uma tradição do passado — algo no gênero de Robin Hood. Raffles, porém, era uma alegre exceção. Ninguém sonhava que mais tarde os livros policiais seriam lidos por amor à violência, pelo prazer sádico da brutalidade. Era normal pensar que a comunidade se levantaria horrorizada contra esse tipo de coisas; hoje, porém, a crueldade parece ser o pão com manteiga diário. Ainda me admiro de que isso possa acontecer, quando penso que a vasta maioria das pessoas que conhecemos, rapazes e moças, assim *como* as pessoas mais velhas, são extraordinariamente prestativas e bondosas: fazem tudo o que podem para ajudar. Estão dispostas, e direi mesmo ansiosas, a se fazer úteis. A minoria — aqueles, afinal, que penso estarem dominados pelo ódio — é de fato muito pequena, como todas as minorias, mas faz-se sentir muito mais do que a maioria.

Uma das conseqüências de escrever livros policiais é o interesse pelo estudo da criminologia. Tenho particular interesse em ler livros escritos por pessoas que estiveram em contato com criminosos, especialmente aqueles que tentaram beneficiá-los ou

encontrar meios do que, naquele tempo, se teria chamado de regeneração — coisa para a qual, hoje em dia, se usam termos mais imponentes. Parece não haver dúvida de que existem seres como Ricardo III, tal como Shakespeare o descreve, seres que dizem de fato: “Mal, tu serás o meu Bem!” Esses escolheram o Mal, acredito, tal como fez o Satanás de Milton: queria ser grande, ambicionava o poder, queria ser igual a Deus. Dentro dele não existia amor, de modo que não conhecia a humildade. Eu diria, apenas pela observação comum da vida, que onde não existe humildade *o povo perece*.

Um dos prazeres de escrever histórias policiais é que há muitos gêneros a escolher: o livro de terror, particularmente agradável de escrever; a história policial intrincada, com um enredo complicado, tecnicamente interessante e que requer muito trabalho, mas é sempre compensadoras e, ainda, o que posso descrever como a história policial que tem como pano de fundo uma espécie de paixão: nesse caso, é a paixão o que ajuda a salvar a inocência. Porque é a *inocência* que importa, não a *culpa*.

Posso deixar de julgar os que matam — mas considero-os um mal para a comunidade; não têm nada para dar, exceto ódio, e tiram da comunidade tudo o que podem. Estou disposta a acreditar que nasceram desse jeito, que nasceram com essa deficiência, e que por isso deveríamos lamentá-los. Mesmo assim, acho que não deveriam ser poupados — porque não podem ser mais poupados do que um homem que sai cambaleante de um povoado, na Idade Média, infestado pela peste, e vai misturar-se às crianças inocentes e sadias do povoado mais próximo. Os *inocentes* têm que ser protegidos; deve-se assegurar que possam viver em paz e amor com seus vizinhos.

Assusta-me pensar que ninguém parece preocupar-se com

os inocentes. Quando lemos uma notícia sobre um crime, ninguém parece ficar horrorizado com o quadro de uma frágil velhinha, numa pequena loja, que vira as costas para apanhar um maço de cigarros e é atacada e mortalmente golpeada por um jovem assassino. Ninguém parece pensar no terror que ela deve ter sentido e em seu sofrimento, e no misericordioso desfalecimento final. Ninguém parece imaginar a agonia da velhinha, da *vítima*; todos se enchem de compaixão pelo jovem assassino — *porque é jovem*.

Por que não deverá ser executado? Será que estamos vivendo como lobos neste país? Não tentamos ensinar lobos a viver como cordeiros — e duvido que o conseguíssemos. Perseguimos o javali nas montanhas, mesmo que não desça aos povoados para atacar as crianças junto aos riachos. É um inimigo; por isso, nós o abatemos.

Que poderemos fazer por aqueles que estão corrompidos pelos germes da crueldade e do ódio, para quem a vida dos outros não vale nada? Muitas vezes são pessoas que possuem boas casas e tiveram boas oportunidades na vida, e educação, que se transformam no que, em bom inglês, se chama de “malvados”. Será que há cura para a maldade? Que podemos fazer a um assassino? Metê-lo numa prisão por toda a vida? Seria, certamente, muito mais cruel do que dar-lhe a taça de cicuta da Grécia antiga. A melhor resposta que encontramos até hoje foi, creio, a deportação para uma vasta terra quase desabitada, cujos ocupantes são seres humanos em estado primitivo, onde o homem pode viver com simplicidade.

Encaremos como certo que as coisas que hoje em dia consideramos defeitos eram, em outros tempos, qualidades. Sem crueldade, sem uma total ausência de compaixão, o homem talvez

não tivesse sobrevivido; teria sido rapidamente destruído. O homem de maus instintos dos dias de hoje pode talvez corresponder ao homem bem-sucedido do passado. Naqueles tempos era necessário ser assim; hoje, porém, esse tipo de homem não é mais necessário — é, ao contrário, um perigo.

A única esperança, parece-me, seria condenar essas criaturas a prestarem obrigatoriamente qualquer serviço em benefício da comunidade em geral. Seria mesmo possível dar a escolher, a um criminoso, entre a taça de cicuta e servir de cobaia, por exemplo, num tipo qualquer de pesquisa. Existem muitos campos de pesquisa, especialmente na medicina, onde as cobaias humanas são vitalmente necessárias. Hoje, parece-me que o próprio cientista, ou o abnegado pesquisador, arrisca sua vida, mas podiam existir cobaias humanas que aceitassem servir de experiência, por certo tempo, em vez de ser condenadas à morte. Se sobrevivessem, estariam redimidas e poderiam, então, viver livres entre os outros homens, tendo removido de suas testas a marca de Caim.

É possível que isso não alterasse suas vidas; poderiam dizer apenas: “Bem, tive sorte: escapei”. No entanto, o fato de a sociedade lhes dever gratidão poderia fazer uma leve diferença. Não se deve ter esperança demais, mas deve-se manter sempre um pouco de esperança. Esses criminosos poderiam ter, pelo menos, a oportunidade de praticar uma ação meritória e livrar-se assim da retribuição que mereciam — e estaria nas mãos deles recomeçar, ou não, uma nova vida. Será que não recomeçariam de modo diferente? Quem sabe não sentiriam um pouco de orgulho de si próprios?

Se não for assim, podemos dizer: “Que Deus tenha compaixão deles”. Quem sabe se numa outra vida não se

conduzirão de modo a subir um pouco? Pode ser que se movam “pelo caminho acima”. Contudo, o mais importante é ainda a inocência dos que, na nossa época, vivem com sinceridade e sem temor, e que têm direito a ser protegidos e salvos do mal. São esses os que mais importam.

Talvez a maldade possa ainda ter uma cura física — já é possível costurar nossos corações, congelar-nos —, talvez um dia possam reorganizar nossos genes, alterar nossas células. Pensemos na quantidade imensa de cretinos que havia antigamente, que dependiam, para melhorar seu intelecto, da súbita descoberta do papel que a glândula tiróide, funcionando deficientemente ou em excesso, desempenha em nós!

Parece-me que me desviei das histórias policiais, mas isso explica, talvez, por que tenho mais interesse por minhas vítimas do que por meus criminosos. Quanto mais cheia de vida for a vítima, maior e mais profunda será minha indignação com o que lhe aconteça de mau, e sinto-me deliciosamente triunfante quando consigo arrancar uma quase-vítima do sombrio vale da morte.

Retornando do sombrio vale da morte, decidi não arrumar demais este livro. Um dos motivos que me leva a isso é o fato de já estar bastante idosa. Não há nada de mais extenuante do que ler e reler o que já escrevemos e tentar colocar textos na seqüência devida ou então invertê-los totalmente. Talvez esteja falando sozinha — coisa que sucede com freqüência aos escritores; vamos caminhando ao longo de uma rua, passando por lojas onde tínhamos intenção de entrar, ou por escritórios aonde precisávamos ir, falando animadamente com nossos botões — não alto demais, espero! —, e exprimindo vivamente com o rosto o que nos vai aqui dentro, e de repente notamos que há pessoas nos olhando e se afastando discretamente, pensando, é claro, que

somos loucos.

Oh, pois bem, suponho que está voltando a época em que eu tinha quatro anos e falava com meus gatinhos. De fato, continuo falando com os gatinhos.

III

Em março do ano seguinte, fui para Ur, como combinado. Max encontrou-se comigo na estação. Perguntava a mim própria se me sentiria encabulada — afinal, casáramo-nos muito pouco tempo antes de nos separarmos. Max escrevera-me cartas enormes, e eu me sentia tão bem-informada sobre os progressos arqueológicos das escavações desse ano quanto pode estar um novato no assunto. Antes de nosso regresso para casa, passei uns dias na casa da expedição. Len e Katharine receberam-me calorosamente, e Max levou-me imperiosamente a visitar as escavações.

Tivemos pouca sorte com o tempo, pois houve uma tempestade de areia. Foi então que notei que os olhos de Max eram insensíveis à areia. Enquanto eu tropeçava junto dele, cegada por aquele horroroso vento, Max, de olhos abertos, apontava-me isto ou aquilo esta e aquela peça. Minha primeira idéia fora correr e abrigar-me na casa, mas agüentei firme, cheia de tato, porque, apesar do grande desconforto, estava extremamente interessada em ver todas as coisas sobre as quais Max me escrevera.

Como o período das escavações da expedição estivesse

terminando, decidimos fazer uma escala na Pérsia. Uma pequena linha aérea alemã havia começado justamente a operar entre Bagdá e a Pérsia, e foi com ela que seguimos viagem. Era um avião mono-motor, com um único piloto, e por isso nos sentíamos extremamente audaciosos. Talvez fosse mesmo uma aventura — o tempo todo parecia que estávamos voando de encontro aos picos das montanhas.

A primeira etapa foi Hamadã; a segunda, Teerã.

De Teerã voamos para Xiraz: recordo-me de como era linda — lembrava uma enorme esmeralda verde-escura, no meio de um grande deserto de tonalidades cinza e marrons. Depois, à medida que baixávamos, voando em círculos, o verde tornava-se ainda mais intenso; finalmente, aterrissamos numa bela cidade verde, um oásis, com palmeiras e jardins. Não imaginara que os desertos da Pérsia fossem tão extensos, e entendi por que os persas apreciam tanto os jardins — porque lhes é difícil possuir um.

Recordo-me de que ficamos hospedados numa belíssima casa. Anos mais tarde, quando da nossa segunda visita a Xiraz, tentei encontrar novamente essa casa, mas em vão. Da terceira vez, consegui. Identifiquei-a porque num dos quartos havia vários quadros pintados em medalhões no teto e nas paredes. Um desses quadros representava o Viaduto Holborn. Segundo parece, um xá da era vitoriana, depois de visitar a Inglaterra, enviara a Londres um artista com instruções para pintar em medalhões várias paisagens e cenários que ele queria retratados — assim, muitos anos depois, lá estava o Viaduto Holborn, embora um pouco destruído pelo tempo. A casa já estava arruinada e não era mais habitada, mas ainda era bonita, embora fosse perigoso andar dentro dela. Utilizei-a para cenário de um conto chamado “Uma casa em Xiraz”.

De Xiraz fomos de automóvel para Isfahan. Foi uma longa viagem, por um caminho ruim, sempre pelo deserto, onde aparecia, de longe em longe, um pobre povoado. Tivemos que pernoitar numa estalagem excessivamente primitiva. Dormimos nas tábuas do assoalho, em cima de um tapete que trouxemos do automóvel, tendo como vigia um bandido de aspecto duvidoso, ajudado por alguns camponeses fanfarrões.

A noite foi demasiado penosa. A dureza do chão era inimaginável! Não concebia que as ancas, os cotovelos e os ombros pudessem ficar tão doloridos em tão poucas horas. Certa vez, como a cama do hotel de Bagdá fosse desconfortável, investiguei a causa, e descobri que, sob o colchão, fora colocada uma pesada tábua, para impedir que se visse como as molas estavam frouxas. A última pessoa que ali pernoitara, explicou-me o empregado, fora uma senhora do Iraque, e ela não conseguira pregar olho por causa da maciez do colchão, de modo que colocaram a tábua para que ela pudesse ter um sono tranqüilo.

Recomeçamos nossa viagem de automóvel e chegamos, bem cansados, a Isfahan — e Isfahan, desde esse dia, tornou-se para mim a *mais linda* cidade do mundo. Jamais vira nada semelhante, com coloridos tão magníficos, em cor-de-rosa, azul e dourado — as flores e os pássaros, os arabescos, edificios adoráveis, que pareciam saídos de contos de fadas, e por toda parte belíssimos azulejos coloridos — sim, uma cidade de conto de fadas. Desde que a vi dessa vez, não voltei a visitá-la por vinte anos; quando de novo a visitei, fiquei apavorada pensando que estaria totalmente diferente. Felizmente, porém, pouca coisa mudara. Naturalmente, havia ruas e algumas lojas mais modernizadas; porém, os nobres edificios islamitas, os pátios, os azulejos e as fontes — tudo permanecera igual. As pessoas também haviam se tornado menos

fanáticas, e pudemos visitar o interior de muitas mesquitas, antes inacessível.

Max e eu decidimos continuar nossa viagem de regresso pela Rússia, se pudéssemos resolver os problemas relativos a passaportes, vistos, dinheiro, e tudo o mais. Insistindo nessa idéia, fomos ao Banco do Irã, que ficava num edifício de tal magnificência que não podíamos deixar de considerá-lo um palácio, mais do que um estabelecimento financeiro — na realidade, foi difícil descobrir onde se processava a atividade bancária. Quando, finalmente, chegamos, após percorrer corredores com fontes e uma vasta antecâmara, avistamos à distância um balcão, atrás do qual um jovem elegantemente vestido com roupas ocidentais escrevia em lousas. Mas, tanto quanto pude observar, no Oriente Médio não se discutem negócios no balcão de um banco. Sempre éramos conduzidos até um gerente, um subgerente, ou, pelo menos, alguém com essa aparência.

Um funcionário acenava a um dos *boys* do banco, vestido com pitorescas roupagens e cujas atitudes também eram pitorescas; então, ele nos indicava um dos vários e enormes divãs de couro, e desaparecia. Passado algum tempo, reaparecia, acenava-nos para que nos dirigíssemos até ele, acompanhava-nos por uma escadaria de mármore de grande magnificência e conduzia-nos até uma porta presumivelmente sagrada. Nosso guia dava uma discreta batida, entrava, deixando-nos do lado de fora, para voltar imediatamente, com um sorriso radioso no rosto e mostrando-se encantado por termos obtido êxito no teste. Então entrávamos no aposento, sentindo-nos como os príncipes da Etiópia!

Um homem encantador, geralmente de aspecto bastante

imponente, erguia-se, cumprimentava num inglês perfeito, ou em francês, pedia-nos que nos sentássemos, oferecia-nos chá ou café; perguntava-nos quando havíamos chegado, se gostávamos de Teerã, de onde vínhamos, e finalmente — quase que por acaso — o que queríamos. Mencionávamos coisas tais como cheques de viagem. Ele tocava uma campainha. Entrava um novo mensageiro, a quem dizia: “O sr. Ibrahim”. Chegava então café, conversávamos mais um pouco acerca de viagens, do estado geral da política, do bom ou mau estado das colheitas.

Aparecia então o sr. Ibrahim. Usava um terno europeu cor de pulga, e tinha mais ou menos trinta anos de idade. O gerente do banco explicava-lhe nosso pedido, e nós mencionávamos em que moeda gostaríamos que o pagamento fosse feito. Ele, então, exibia seis ou mais diferentes formulários, que tínhamos de preencher e assinar. O sr. Ibrahim desaparecia, e sobrevinha outro longo intervalo.

Foi numa dessas ocasiões que Max começou a falar da possibilidade de irmos à Rússia. O gerente suspirou, ergueu as mãos aos céus.

“Terão dificuldades.”

“Sim”, disse Max, “calculava que existissem dificuldades, mas não seria possível? Haveria algum impedimento a que atravessássemos a fronteira?”

“Creio que, no momento, os ingleses não têm lá representante diplomático. Não há consulados lá.”

Max disse que estava ciente de que não tínhamos cônsules na Rússia, mas acreditava que os ingleses não estavam proibidos de entrar no país, se assim desejassem.

“Não, não há proibição alguma. É claro, terão que levar dinheiro com vocês.”

Naturalmente, disse Max, esperava levar dinheiro.

“E nenhuma transação que fizer conosco será legal”, disse o gerente tristemente.

Isso sobressaltou-me. Max, indubitavelmente, não era novato no modo oriental de negociar, mas eu era. Parecia-me estranho que uma transação financeira através de um banco fosse ilegal e, mesmo assim, eles a praticassem.

“Como sabem”, explicou o gerente, “eles alteram as leis; estão sempre alterando as leis. E as leis contradizem-se umas às outras. Uma lei diz que não se pode levar dinheiro de determinada forma, porém outra lei diz ser essa a única maneira legal de levar dinheiro — de modo que ficamos sem poder fazer nada. Fazemos o que nos parece melhor naquele exato dia daquele exato mês! Vou dar-lhes uma sugestão antes de fazermos a transação, embora eu possa fazê-la de qualquer jeito: posso mandar alguém ao bazar, conseguir lá o dinheiro na moeda que lhes for mais conveniente, mas tudo isso é ilegal.”

Max disse que compreendia muito bem. O gerente alegrou-se e disse-nos que gostaríamos muito dessa viagem. “Deixem-me ver, querem ir ao mar Cáspio de automóvel? Sim? É um passeio lindíssimo. Terão que ir a Recht, e de lá irão de navio até Baku. Será um navio russo. Não sei nada a esse respeito, absolutamente nada, mas há gente que viaja nesse navio.”

Seu tom sugeria que as pessoas que iam nesse navio desapareciam no espaço e não mais se sabia o que lhes acontecia. “Terão que levar não apenas dinheiro”, avisou-nos, “mas também comida. Não sei se terão possibilidade de conseguir comida na Rússia. De qualquer modo, não é possível comprar comida nos trens de Baku até Batumi. Deverão levar com vocês tudo de que necessitarem.”

Discutimos as acomodações nos hotéis e outros assuntos, e tudo parecia igualmente difícil.

Nisso, entrou outro cavalheiro com um terno também cor de pulga. Era mais jovem do que o sr. Ibrahim, e seu nome era Mahomet. O sr. Mahomet trouxe consigo vários formulários que Max assinou, e pediu pequenas somas de dinheiro para comprar os selos necessários. Chamaram um mensageiro e enviaram-no ao bazar para trocar nosso dinheiro.

O sr. Ibrahim reapareceu. Exibiu o dinheiro que havíamos pedido em notas altas, e não em notas baixas, como era conveniente.

“Ah, é que é sempre tão difícil!”, disse ele tristemente. “Muito, muito difícil. Sabem como é: em certos dias temos muitas notas altas, e em outros, baixas. É uma questão de sorte.” Era óbvio que teríamos de nos contentar com nossa pouca sorte.

O gerente tentou animar-nos mandando vir mais café. Virando-se para nós, continuou: “O melhor que têm a fazer é levar para a Rússia todo o dinheiro que puderem em *tomans*. *Tomans* são ilegais na Pérsia, mas é a única coisa que podemos utilizar aqui, porque é a única coisa que aceitam nos bazares”.

Mandou outro subalterno ao bazar trocar grandes quantidades do nosso dinheiro recém-adquirido por *tomans*. *Tomans*, afinal, eram moedas de prata pura e excessivamente pesadas.

“Os passaportes estão em ordem?”

“Estão.”

“São válidos para a União Soviética?” Afirmamos que sim; eram válidos para todos os países da Europa, inclusive a União Soviética.

“Então, tudo bem. Os vistos, sem dúvida, serão fáceis. Está

entendido, não é mesmo? Farão os preparativos para conseguir um automóvel — o hotel fará isso — e terão que carregar com vocês a comida suficiente para três ou quatro dias. A viagem de Baku a Batumi demora vários dias.”

Mas disse que gostaria de interromper a viagem em Tiflis.

“Ah, quanto a isso, terão que perguntar, quando forem apanhar os vistos. Não sei se é possível.”

A dúvida afetou um pouco Max. Todavia, aceitou o fato. Dissemos adeus e agradecemos ao gerente. Haviam se passado duas horas e meia.

Retornamos ao hotel, onde nossa alimentação era um pouco monótona. A tudo o que mandávamos vir, ou a tudo o que pedíamos, o empregado respondia: “Hoje temos caviar muito bom; muito bom, muito fresco”. Costumávamos pedir caviar, gulosamente. Era espantosamente barato e, apesar de comermos enormes quantidades, parece que sempre pagávamos por ele a quantia de cinco xelins. Contudo, vez por outra, negávamo-nos a comer caviar no café da manhã — não parece muito adequado caviar no café da manhã!

“O que poderemos almoçar hoje?”, eu perguntava.

“Caviar, *très frais* ¹.”

“Não, hoje não quero caviar. Quero algo diferente. Ovos? Presunto?”

“Não, não temos mais nada. Temos apenas pão.”

“Não há mais nada para comer? E ovos?”

“Caviar, *très frais*”, respondia o empregado firmemente.

De modo que comíamos um pouco de caviar e muito pão.

¹ “Muito fresco.” *Em francês no original. (N. do E.)*

A única alternativa oferecida ao almoço era algo chamado *la tourte*, que consistia numa grande e adocicada torta de geléia, pesada mas agradável.

Tivemos que consultar o empregado a respeito da comida que poderíamos levar conosco para a Rússia. Recomendou-nos que levássemos caviar. Concordamos em levar duas enormes latas. Sugeriu também seis patos já preparados. Além disso, levamos pão, uma lata de biscoitos, potes de geléia e meio quilo de chá — “para a locomotiva”, explicou o garçom. Não entendemos muito bem o que teria a locomotiva a ver *com* isso. Talvez devêssemos oferecer ao condutor um presente de chá. Assim mesmo, levamos o chá e um pouco de café.

Nessa noite, depois do jantar, conversamos com um jovem francês e sua mulher. Estava interessado em ouvir nossos planos de viagem e abanava a cabeça, horrorizado: “*C’est impossible! C’est impossible pour madame! Ce bateau, le bateau de Recht à Bakou, ce bateau russe, c’est infecte! Infecte, madame!*”¹ O francês é uma língua maravilhosa! Ele fazia com que a palavra “*infecte*” soasse tão depravada e suja que eu quase não ousava pensar em nosso projeto.

“Não pode levar madame para esses lugares”, insistia o francês com firmeza. Madame, porém, sequer estremeceu.

“Não creio que seja assim tão infecto como ele falou”, eu disse mais tarde. “E, se for, carregamos conosco grandes quantidades de pó para percevejos e coisas desse gênero!”

¹ “*É impossível! É impossível para a senhora! Esse navio, esse navio de Recht a Baku, esse navio russo, é infecto! Infecto, senhora!*” *Em francês no original. (N. do E.)*

De modo que, na devida altura, carregando muitos *tomans* e nossas credenciais do cônsul russo, que fora irredutível quanto a nossa parada em Tiflis, partimos. Alugamos um bom automóvel e nos pusemos a caminho.

Foi uma viagem lindíssima até o mar Cáspio. A princípio, subimos por montanhas áridas e rochosas e, depois de alcançarmos o topo e começarmos nossa descida pela outra vertente, encontramos-nos em outro mundo. Chegamos finalmente, com uma temperatura suave e quente e alguma chuva, a Recht.

Algo nervosos, fomos conduzidos ao *infecte* navio russo. Tudo era o mais diferente possível da Pérsia e do Iraque. Primeiro, o navio estava escrupulosamente limpo; tão limpo quanto um hospital, coisa a que, aliás, se assemelhava. Suas pequenas cabines tinham altas camas de ferro, duros colchões de palha, lençóis de algodão grosseiro, impecavelmente limpos, e uma simples bacia com um jarro de lata. A tripulação do navio parecia compor-se de robôs; todos tinham aproximadamente um metro e oitenta de altura, cabelos louros e rostos impassíveis. Tratavam-nos com cortesia, mas olhavam-nos como se não estivéssemos realmente ali. Max e eu nos sentimos exatamente como o casal suicida da peça *Outward bound* — o marido e a mulher que se movimentam por um navio como assombrações. Ninguém falava conosco, ninguém nos olhava ou concedia a menor atenção.

Vimos, porém, que serviam comida no salão. Fomos esperançosamente até a porta e olhamos. Ninguém nos fez o menor sinal. Nem pareciam ter-nos visto. Finalmente, Max encheu-se de coragem e perguntou se poderiam nos servir alguns alimentos. O pedido não foi compreendido. Max em vão tentou falar francês, árabe e persa, línguas que sabia. Finalmente, apontou com o dedo para a garganta, nesse gesto tão velho quanto

o mundo e que não pode deixar de ser entendido. Imediatamente, o homem nos encaminhou para uma mesa, onde nos sentamos, e trouxeram comida. Era bastante gostosa, embora simples e muito cara.

Chegamos a Baku. Então, veio a nosso encontro um agente da Intourist. Era um homem encantador, cheio de conhecimentos, e falava francês fluentemente. Disse-nos que poderíamos assistir a uma representação do *Fausto*, na Ópera. Mas eu não quis. Achei que não tinha feito toda aquela imensa viagem até a Rússia para assistir a uma representação do *Fausto*. Ele então falou em procurar outra diversão qualquer. Em vez da representação do *Fausto*, fomos obrigados a visitar vários edifícios e blocos de apartamentos semi-construídos.

Quando deixamos o navio, o procedimento era simples: seis carregadores, que pareciam robôs, avançavam por ordem de idade. O preço, disse o homem da Intourist, era de um rublo por cada peça de bagagem. Avançavam até nós, e cada carregador tomava conta de uma peça de bagagem. Um deles teve a pouca sorte de pegar a mala de Max, que continha livros; o mais feliz transportou apenas minha sombrinha; todos, porém, receberam o mesmo pagamento.

O hotel para onde fomos também era curioso. Tratava-se de uma relíquia de tempos mais luxuosos, imagino, e o mobiliário era grandioso, embora fora de moda. Fora pintado de branco e tinha entalhes de rosas e querubins. Não sei por quê, tudo ficava no meio do aposento, como se os carregadores de uma mudança tivessem acabado de transportar para ali um armário, uma mesa, uma cômoda, e houvessem deixado tudo fora do lugar. As próprias camas não estavam encostadas na parede. Eram de um estilo grandioso e muito confortáveis, mas os lençóis eram de algodão

grosso e pequenos demais para cobrir o colchão.

Na manhã seguinte, Max pediu um pouco de água quente para se barbear, mas não teve sorte. “Água quente” era a única expressão que ele falava em russo — além de “por favor” e “obrigado”. A mulher a quem pediu a água quente assentiu vigorosamente com a cabeça e trouxe um grande jarro de água fria. Max empregou a palavra “quente” várias vezes, esperançosamente, explicando o que queria, levando a navalha de barbear até junto do queixo. Ela abanou a cabeça, parecendo nos desaprovar.

“Parece-me”, eu disse, “que você está bancando o aristocrata acostumado ao luxo, pedindo água quente para se barbear. É melhor desistir.”

Tudo em Baku lembrava um domingo escocês. Não havia alegria nas ruas: a maior parte das lojas estava fechada; uma ou duas que estavam abertas tinham longas filas, com pessoas em pé, esperando pacientemente por artigos nada atraentes.

Nosso amigo da Intourist nos acompanhou à estação do trem. A fila para as passagens era enorme. “Vou ver se consigo reservar lugares”, disse ele, afastando-se de nós. Nós avançávamos, vagorosamente, na fila.

De repente, alguém nos bateu no braço. Era uma mulher da frente da fila. Sorria abertamente. Na realidade, todas as pessoas pareciam prontas a sorrir ao menor pretexto. A mulher era a amabilidade personificada. Com grandes gestos, insistiu para que passássemos para a frente da fila. Tivemos escrúpulo de o fazer e nos mantivemos em nossos lugares; porém, a fila inteira insistia. Pegavam em nossos braços, dando amistosas palmadinhas, acenavam, convidando-nos com gestos; finalmente, um homem levou-nos pelo braço, forçando-nos a avançar, e a mulher que

ocupava o primeiro lugar da fila ficou de lado e curvou a cabeça, cumprimentando-nos e sorrindo. Compramos nossas passagens no Surtchet.

O homem da Intourist regressou. “Ah, está tudo pronto”, disse.

“Essa amável gente cedeu-nos o lugar”, disse Max, receoso. “Gostaria que lhes explicasse que não queríamos, de modo algum, prejudicá-los.”

“Ah, sempre fazem isso”, explicou ele. “De fato, até gostam de ficar no fim das filas. Gostam que seja o mais longa possível. E são sempre muito corteses com os estrangeiros.”

E o eram, realmente. Cumprimentaram-nos e acenaram para nós quando o trem partiu. A plataforma da estação estava apinhada de gente. Descobrimos, mais tarde, que praticamente só nós seguíamos nesse trem. Todas as outras pessoas tinham ido até ali apenas para se distrair um pouco e para passar uma tarde agradável. Finalmente, fomos para nosso vagão. O homem da Intourist despediu-se de nós e assegurou-nos de que viria alguém ao nosso encontro em Batumi, daí a três dias, e que tudo correria bem.

“Não estão levando um bule com vocês, segundo vejo”, disse ele. “Mas qualquer mulher lhes emprestará um bule.”

Descobri o significado disso quando o trem fez sua primeira parada, depois de duas horas de marcha. Então, uma mulher que ia em nosso compartimento bateu violentamente em meu ombro, mostrou-me seu bule e explicou, com a ajuda de um rapaz que falava alemão, que o costume era deitar um pouco de chá no bule e ir até a locomotiva, onde o condutor nos forneceria um pouco de água fervente. Trazíamos xícaras conosco, e a mulher garantiu-nos que se ocuparia do resto. Regressou com duas fumegantes

xícaras de chá, e nós desembulhamos nossas provisões. Convidamos nossos novos amigos a partilharem-nas conosco, e a viagem continuou bem.



No cenário de *Testemunha de acusação*.



A Greenway House.



Rosalind e Mathew em Pwllwyrach, 1947.



Mathew e eu.

Nossa comida durou bastante — quero dizer, felizmente comemos os patos antes que apodrescessem, e comíamos um pouco de pão, que a cada dia ficava mais duro. Esperávamos

poder comprar pão pelo caminho, mas não foi possível. É claro que também comemos nosso caviar. No último dia quase passamos fome, pois só nos restava a asa de um pato e dois potes de geléia de ananás; mas isso foi o suficiente para abrandar os tormentos da fome.

Chegamos a Batumi à meia-noite, e chovia a cântaros. Claro que não havíamos reservado hotel. Saímos da estação para a noite escura, com nossa bagagem. Nem sinal de alguém da Intourist à nossa espera. Havia à nossa espera uma *drochki*, um dilapidado carro de cavalos semelhante a uma vitória fora de moda. Amável, como todo mundo, o cocheiro ajudou-nos a entrar e empilhou nossa bagagem em cima de nós. Dissemos que queríamos ir para um hotel. Ele assentiu, com um gesto de cabeça encorajador, fez estalar o chicote, e partimos a desengonçado trote pelas ruas molhadas.

Em breve chegamos a um hotel, e o cocheiro nos fez sinal para irmos à frente. Logo descobrimos por quê. Quando entramos no hotel, disseram-nos que não havia quartos livres. Perguntamos onde poderíamos passar a noite, mas o homem apenas abanou a cabeça, sem nos compreender. Saímos, e o cocheiro mais uma vez se pôs a caminho. Fomos a sete hotéis, todos lotados.

No oitavo hotel, Max disse que deveríamos tomar medidas mais drásticas; tínhamos, forçosamente, que encontrar um hotel para dormir! À chegada ao hotel seguinte, baqueamos num sofá de pelúcia no *hall* e ficamos olhando como retardados mentais, fingindo não entender, quando nos disseram não haver quarto vago. No fim, o recepcionista e os outros empregados levantavam as mãos aos céus e nos olhavam com desespero. Continuamos a fingir que não os entendíamos e também continuamos a dizer, em todas as línguas que pudessem entender, que queríamos um

quarto para aquela noite. Finalmente, desistiram. O cocheiro veio colocar nossa bagagem junto de nós e foi embora, acenando um alegre adeus.

“Você não acha que ‘queimamos as pontes’ atrás de nós?”, perguntei lugubrememente.

“É nossa única esperança”, respondeu Max. “Uma vez que não temos mais transporte para nos levar daqui e nossa bagagem está conosco, acho que acabarão por nos conseguir alguma coisa.”

Passaram-se vinte minutos e, de repente, chegou o anjo do socorro, sob a forma de um homem com mais de um metro e oitenta de altura, de terríveis bigodes negros, calçando botas de montar, e que lembrava exatamente uma figura de balé russo. Olhei-o com admiração. Ele sorriu para nós, bateu-nos no ombro amistosamente e fez-nos sinal para que o seguíssemos. Subimos dois lances de escada, até o último andar. Aí ele puxou a porta de um alçapão no teto e apoiou nele uma escada. Parecia pouco convencional, mas não havia outro remédio! Max puxou-me para cima, depois de subir, e chegamos ao telhado. Continuando a sorrir e chamando-nos por gestos, nosso hospitaleiro amigo conduziu-nos ao telhado da casa vizinha e, finalmente, entramos por outro alçapão. Estávamos num grande sótão, muito bem mobiliado, com duas camas. Ele apalpou as camas, apontou-as, dirigindo-se a nós, e desapareceu. Pouco depois chegava nossa bagagem. Por sorte, não viajávamos com muita bagagem; em Baku deixáramos a maior parte dela, e o homem da Intourist nos disse que a encontraríamos novamente, à nossa espera, em Batumi. Tínhamos fé que isso acontecesse no dia seguinte; agora, a única coisa que queríamos era uma cama para dormir.

Na manhã seguinte, procuramos descobrir onde tomaríamos o navio francês que saía no mesmo dia para Istambul, e no qual

hávamos reservado passagens. Tentamos explicar isso a nosso hospedeiro, ele não nos compreendeu, e não vimos por ali ninguém que nos pudesse compreender. Fomos para a rua e procuramos, sozinhos, o caminho. Nunca imaginara a dificuldade de encontrar o mar se não se pode avistá-lo de lugar algum. Caminhamos numa direção, depois noutra, depois ainda numa terceira, perguntando por um “navio” em todas as línguas que conhecíamos, e repetindo as palavras “porto” e “cais”: ninguém entendia francês, alemão, inglês. Por fim, conseguimos encontrar nosso caminho de volta ao hotel.

Max fez então o desenho de um navio num pedaço de papel, e nosso hospedeiro imediatamente compreendeu. Levou-nos para uma sala, no primeiro andar, sentou-nos num sofá e explicou-nos por mímica que deveríamos esperar ali. Passada meia hora, regressou com um homem muito velho, de boné azul, que falava francês. Aparentemente, esse ancião fora porteiro de um hotel, nos antigos tempos, e ainda se ocupava dos visitantes. Imediatamente, prontificou-se a nos guiar até nosso navio, carregando ele próprio a bagagem.

Primeiro, tivemos que reclamar a bagagem que já deveria ter chegado de Baku. O velhote nos levou diretamente ao que era, obviamente, uma prisão, onde fomos conduzidos a uma cela de pesadas grades. Ali estava nossa bagagem. O velho apanhou-a e levou-nos para o porto. Durante todo o caminho ele foi rezingando, e nós ficamos um pouco nervosos, porque a última coisa que desejaríamos era fazer críticas ao governo de um país onde não tínhamos cônsul que nos tirasse de qualquer complicação.

Tentamos em vão fazer calar o velhote. “Ah, as coisas hoje não são mais o que foram”, dizia. “O que estão pensando? Estão

vendo o paletó que uso? É um bom paletó, sem dúvida, mas será que me pertence? Não! Pertence ao governo. Nos velhos tempos eu não possuía apenas um paletó — possuía quatro! Talvez não fossem de tão boa qualidade, mas eram *meus!* Quatro paletós: um para o inverno, outro para o verão, um para a chuva, e outro mais elegante. Quatro paletós, era o que eu tinha!”

Finalmente, baixou a voz levemente e falou: “Aqui é estritamente proibido dar gorjeta, de modo que, se pensam dar-me alguma coisa, é melhor fazê-lo enquanto descemos esta ruazinha, agora”. Uma sugestão tão categórica não podia ser ignorada, e como seus serviços haviam sido inestimáveis, entregamos-lhe apressadamente uma soma generosa. Ele expressou sua aprovação, resmungou um pouco mais a respeito do governo e finalmente apontou orgulhosamente para as docas, onde um lindo navio das Messageries Maritimes esperava, no cais.

Fizemos uma linda viagem pelo mar Negro. O que recordo mais nitidamente é a chegada ao porto de Inebolu, onde embarcaram oito ou dez encantadores ursinhos castanhos. Iam, segundo ouvi dizer, para o jardim zoológico de Marselha, e fiquei triste, com pena deles: eram tão semelhantes a ursinhos de pelúcia! Mas eles também poderiam ter tido pior sorte: podiam ter sido mortos a tiros e embalsamados, ou sofrido qualquer outro destino ainda mais sinistro. Assim, fizeram pelo menos uma viagem agradável pelo mar Negro. Ainda me dá vontade de rir quando lembro um cabeludo marinheiro francês que alimentava solenemente os ursinhos, um após outro, com uma mamadeira cheia de leite.

IV

A coisa mais importante que se passou em nossas vidas, logo a seguir, foi minha visita ao dr. e sra. Campbell-Thompson, para ser examinada, antes de obter a permissão de ir para Nínive. Eu me sentia como um animal que é levado ao veterinário num fim de semana. Max estava praticamente resolvido a aceitar participar dessas escavações no outono e inverno seguintes. Os Woolleys não ficaram contentes com o fato de que Max iria deixar Ur, mas ele estava decidido a essa mudança.

C. T., como Campbell-Thompson era habitualmente conhecido, aplicava certos testes às pessoas. Um deles era o do passeio no campo, num dia de chuva. Quando alguém, como eu, estava em casa dele, costumava levar essa pessoa a passear no dia em que mais chovesse, por caminhos horrorosos, e notava o gênero de sapatos que a pessoa usava, se ela se cansava facilmente ou não, se concordava em se aventurar entre cercas vivas e forçar passagem pelos bosques. Passei em todos esses testes com êxito, tendo feito muitas caminhadas e explorações em Dartmoor, por toda espécie de terrenos. O mato não me causava terror. Mas fiquei contente com o fato de o teste não ter sido feito em campos lavrados, coisa que acho realmente muito cansativa.

O teste seguinte consistiu em verificar se eu era enjoada com comida. C. T. logo descobriu que eu comia de tudo, e isso lhe agradou. Também gostava muito de ler meus livros policiais, o que o predispôs a meu favor. Decidi finalmente que eu servia para ir para Nínive, e esse assunto ficou resolvido. Max deveria seguir para lá em fins de setembro, e eu iria ter com ele no fim de outubro.

Meu plano era passar algumas semanas descansando e

escrevendo na ilha de Rodes, e depois ir de navio até o porto de Alexandretta, onde conhecia o cônsul britânico. Aí, alugaria um automóvel que me levasse até Aleppo. Em Aleppo, pegaria o trem para Nisibin, na fronteira da Turquia com o Iraque, e, a partir daí, faria uma viagem de oito horas até Mossul.

Era um bom plano, elaborado junto com Max, que se encontraria comigo em Mossul — mas essas combinações, no Oriente Médio, raramente se conseguem cumprir. O Mediterrâneo pode ser, por vezes, um mar muito agitado; depois de aportarmos em Mersin, as ondas ficaram violentas, e eu permaneci deitada, gemendo, na minha cabine. O criado italiano ficou cheio de compaixão e muito aflito pelo fato de eu ter deixado de comer. Vez por outra, metia a cabeça pela porta entreaberta e tentava-me com algo que constava do cardápio do dia. “Estou trazendo aqui um ótimo espaguete. Muito bom, com um esplêndido molho de tomate, como a senhora gosta.” “Oh”, gemia — a mera sugestão do molho do tomate quase me liquidava. Ele voltava mais tarde: “Trago aqui algo de que a senhora gosta muito: folhas de parreira no azeite — recheadas com arroz, e o azeite é verdadeiro. Muito gostoso!” Mais gemidos de minha parte. Uma vez, trouxe-me uma tigela de sopa, mas a camada de gordura da superfície me fez ficar verde.

Quando nos aproximávamos de Alexandretta, consegui levantar-me, vestir-me, fazer as malas e depois caminhar, cambaleante, até o tombadilho, para me revigorar com o ar livre. Já me sentia bem melhor com o vento fresco, quando vieram dizer-me que fora chamada ao camarote do comandante. Ele comunicou-me então que o navio não poderia aportar em Alexandretta. “O mar está agitado demais”, disse. “O porto de Alexandretta não é fácil, sabe, não é fácil desembarcar nele.”

Realmente, para mim isso era muito grave. Parecia que nem mesmo poderia me comunicar com o cônsul.

“O que poderei fazer?”

O comandante deu de ombros. “Terá que seguir neste navio até Beirute. Não há mais nada a fazer.”

Senti-me desalentada. Beirute ficava inteiramente na direção errada! Mas não podia fazer nada.

“Não pagará mais por isso”, disse o comandante amavelmente. “Visto que não podemos desembarcá-la aqui, levamo-la gratuitamente até o próximo porto.”

Quando chegamos a Beirute, o mar estava um pouco mais calmo, mas ainda bastante agitado. Fui transportada para um trem excessivamente lento, que me levou a Alepo. Demorou, tanto quanto me lembro, o dia todo e mais dezesseis horas, pelo menos. Nesse trem não havia nenhuma espécie de toailete, e quando parava em qualquer estação não sabíamos também se ali haveria um banheiro ou não. Tive que suportar isso por dezesseis horas inteirinhas; felizmente, também consigo suportar longas esperas.

No dia seguinte, peguei o Expresso do Oriente para Tell Kochek, que era, na época, o término da ferrovia Berlim—Bagdá. Em Tell Kochek a falta de sorte continuou a perseguir-me. O tempo estivera tão ruim que não existia mais o caminho para Mossul: fora carregado pelas águas em dois locais, e os rios estavam cheios demais. Tive que passar dois dias na estalagem — um estabelecimento primitivo, onde não tinha absolutamente nada para fazer. Vaguei à roda da cerca de arame farpado, caminhei um pouco pelo deserto e voltei. As refeições eram sempre iguais: ovos fritos e frango assado. Li o único livro que levava comigo; depois, fiquei reduzida à meditação!

Acabei, pelo menos, por chegar à estalagem de Mossul.

Misteriosamente, alguma notícia minha chegara até lá, pois Max me esperava na escadaria.

“Você não ficou horrorosamente preocupado”, perguntei, “quando, há três dias, não me viu chegar?”

“Oh, não!”, respondeu Max, “isso sucede freqüentemente.”

Fomos de automóvel até a casa que os Campbell-Thompsons haviam alugado junto da colina artificial de Nínive. Ficava a dois quilômetros e meio de Mossul e era encantadora — sempre pensarei nesse local com amor e afeto. Tinha um telhado plano, com uma torre quadrada, onde havia um quarto e um lindo pórtico de mármore. Max e eu ficávamos no quarto do andar de cima. Era escassamente mobiliado: consistia, basicamente, em caixotes de transporte de laranjas e duas camas de campanha. A toda a volta da casa havia roseiras. Quando chegamos, estavam cobertas de botões rosados. Amanhã de manhã, pensei, as rosas já terão desabrochado; que lindas estarão! Na manhã seguinte, porém, as rosas continuavam em botão! Não entendia esse fenômeno da natureza — a rosa não é, certamente, como uma flor-da-noite. A verdade, porém, é que essas roseiras haviam sido plantadas para a produção de essência de rosas, e todos os dias, às quatro horas da manhã, vinham homens cortar as rosas, à medida que iam desabrochando. Quando as olhava pela manhã, restavam apenas os botões por abrir.

O trabalho de Max implicava também montar a cavalo. Duvido muito de que tivesse montado muitas vezes em sua vida, antes de ir para lá, mas insistia que podia montar; chegou a me dizer que, antes de ir para lá, freqüentara um picadeiro em Londres. Max teria ficado mais apreensivo se soubesse que a grande paixão da vida de C. T. era a economia — embora em muitas ocasiões se mostrasse muito generoso, pagava aos

trabalhadores os mais baixos salários. Uma de suas formas de economizar era nunca pagar muito dinheiro por um cavalo; portanto, qualquer animal que comprasse tinha normalmente uma característica desagradável, que permanecia oculta até que seu proprietário conseguisse assegurar-se de um comprador; habitualmente escoiceavam, ou empinavam-se, ou esquivavam-se. O cavalo de Max não era exceção, e montá-lo todas as manhãs por um caminho escorregadio e enlameado até o cimo da colina era uma provação, especialmente porque Max se esforçava para aparentar a maior descontração. Todavia, tudo se passou bem, e Max *jamais* caiu do cavalo. Isso teria sido, na verdade, a suprema ignomínia.

“Lembre-se”, dissera-lhe C. T. antes de sair da Inglaterra, “de que cair do cavalo significará que jamais qualquer daqueles trabalhadores terá uma migalha de respeito por você.”

O ritual começava às cinco da madrugada. C. T. subia ao telhado. Max ia para junto dele, e, depois de se consultarem, faziam sinais com um lampião para o vigia da noite, que ficava na colina de Nínive. Essa troca de sinais visava saber se o tempo oferecia condições de continuar o trabalho. Como estávamos no outono e na estação das chuvas, essa questão provocava alguma ansiedade. Grande parte dos trabalhadores vinha de uma distância de três a cinco quilômetros; eles sempre olhavam para a luz da colina para saber se deviam ou não sair de casa. Depois, no devido momento, Max e C. T. saíam a cavalo e subiam a colina.

Barbara Campbell-Thompson e eu caminhávamos pela colina acima, por volta das oito da manhã, e tomávamos o desjejum todos reunidos: ovos cozidos, chá e pão da região. Nos dias de outubro isso era muito agradável, mas no mês seguinte a temperatura caiu e tivemos que nos agasalhar. A região à nossa

volta era linda: colinas e montanhas à distância; o carrancudo Jebel Maklud, às vezes os montes Curdos com neve. Olhando para o outro lado, avistávamos o rio Tigre e a cidade de Mossul com seus minaretes. Regressávamos para casa e mais tarde, no almoço, fazíamos um novo piquenique.

Travei, certa ocasião, uma batalha com C. T., e ele só cedeu por cortesia para comigo, mas acho que seu apreço por mim diminuiu. Eu queria comprar para mim uma mesa num bazar. Podia guardar minhas roupas nos caixotes das laranjas, e tinha um deles junto de minha cama, como mesa-de-cabeceira, mas *necessitava*, se quisesse continuar a escrever meus livros, de uma mesa sólida, sobre a qual pudesse colocar a máquina de escrever e sob a qual pudesse enfiar meus joelhos. Queria que C. T. me comprasse uma mesa — ou, antes, eu compraria a mesa —, mas ele me olhava como se eu fosse uma perdulária que pretendesse despender dinheiro em algo que não era de necessidade. Eu, porém, insistia em que *era* de absoluta necessidade.

Escrever livros, fiz notar, era meu trabalho, e para esse trabalho precisava de alguns utensílios: uma máquina de escrever, um lápis e uma mesa à qual pudesse me sentar. De modo que C. T. cedeu, mas ficou triste. Também insisti em obter uma mesa *sólida*, não apenas uma coisa com quatro pernas e um tampo, que balançasse ao tocarmos nela, de modo que minha mesa custou dez libras, uma quantia fantástica naquela região. Creio que se passaram mais de quinze dias até que me perdoasse a luxuosa extravagância. Todavia, depois de obter a mesa, fiquei muito feliz, e C. T. costumava inquirir amavelmente acerca dos progressos de minha obra. O livro em questão era *A morte de Lorde Edgware*, e um esqueleto que surgiu à luz do dia, num túmulo da colina, foi logo batizado como Lorde Edgware.

O objetivo da vinda de Max para Nínive era fazer uma escavação profunda na colina. C. T. não se mostrava muito entusiasmado, mas concordara antecipadamente em que Max fizesse uma tentativa. Em arqueologia, a moda, subitamente, era a Pré-História. Quase todas as escavações haviam sido, até então, de natureza histórica; agora, porém, todo mundo estava apaixonadamente interessado nas civilizações pré-históricas, sobre as quais ainda se sabia *muito* pouco.

Examinavam-se pequenas colinas artificiais em todo o país, apanhavam-se fragmentos de cerâmica pintada em todo lugar aonde se ia, rotulando-os, metendo-os em saquinhos e examinando-lhes os desenhos — eram de um interesse inesgotável. Apesar de tão velhos, eram algo tão *novo!*

Como a escrita ainda não fora inventada quando essas cerâmicas foram feitas, datá-las era extremamente difícil. Era muito complicado discernir se determinado tipo de cerâmica viera antes ou depois de outro tipo. Woolley, em Ur, escavara até os níveis dos povoados da época do Dilúvio e, abaixo deles ainda, a interessante cerâmica pintada descoberta em Tell-Ubaid provocava muitas especulações. Max fora contagiado, assim como todos os outros — e, na realidade, os resultados de nossa escavação mais profunda em Nínive *foram* apaixonantes, porque em breve se tornou evidente que a enorme colina, com quase trinta metros de altura, era setenta e cinco por cento pré-histórica, coisa de que ninguém antes suspeitara. Apenas a camada do topo era assíria.

A escavação profunda tornou-se rapidamente assustadora, porque tinham que escavar desde os trinta metros de altura até o solo virgem. Ficou pronta no fim da temporada. Um dia, C. T., que era homem corajoso, fez questão de descer também, com os

trabalhadores, às escavações. Como sofria um pouco de vertigens, para ele a descida foi uma agonia. Max não se perturbava com a altura, e sentia-se muito bem subindo ou descendo. Os trabalhadores, como todos os árabes, não sofriam de qualquer espécie de vertigem. Corriam para cima e para baixo, pelo estreito caminho em espiral, úmido e escorregadio, atiravam cestos uns aos outros, carregando o lixo até em cima, e brincavam empurrando-se uns aos outros, quase na beira do abismo.

“Oh, meu Deus do céu!”, costumava gemer C. T., e punha as mãos na cabeça, incapaz de olhar para eles. “Alguém vai morrer, um dia desses!”

Mas ninguém morreu. Tinham os pés tão firmes quanto as mulas.

Num de nossos dias de descanso, decidimos alugar um automóvel e ir em busca da grande colina de Nimrod, que fora escavada por Layard. Max teve alguma dificuldade em chegar lá porque as estradas estavam péssimas. Grande parte da viagem foi feita através dos campos, e os rios intermitentes e os canais de irrigação eram muitas vezes intransponíveis. Por fim, conseguimos chegar e fizemos um piquenique — que lindo lugar era, naquele tempo! O Tigre corria a apenas pouco mais de um quilômetro, e na grande colina da acrópole enormes cabeças de pedra assírias surgiam do solo. Num local via-se a enorme asa de um grande gênio. Era um trecho de paisagem espetacular — pacífico, romântico e impregnado de passado. Recordo-me de ouvir Max dizer: “É aqui que gostaria de escavar, mas teria que ser em grande escala. Precisaria de muito dinheiro, mas, se pudesse, seria esta a colina que eu escolheria”. Suspirou: “Oh, creio que isso nunca sucederá!”

Tenho em frente de meus olhos *Nimrod and its remains*. Como me sinto feliz por ter realizado o desejo de seu coração! Nimrod despertou de seu sono de cem anos, desde a época de Layard. Ele iniciou o trabalho e meu marido terminou-o.

Max descobriu seus segredos: o grande Forte Shalmaneser, nos limites da cidade, os outros palácios nas outras partes da colina. A história de Calach, capital militar da Assíria, foi desvendada. Historicamente, Nimrod não tem a fama que merece, e alguns dos mais lindos objetos jamais feitos pela mão do homem, por artistas, como eu os chamaria, foram levados de Nimrod para os museus de todo o mundo: marfins requintadamente trabalhados, coisas de grande beleza.

Tomei parte na limpeza desses objetos. Tinha minhas ferramentas e utensílios prediletos, como qualquer profissional: um pauzinho de laranjeira, uma agulha de tricô muito fina — numa das temporadas, tive em meu poder um instrumento de dentista, que me foi emprestado, ou melhor, oferecido — e um pote de creme facial, que achei mais útil do que qualquer outra coisa para conseguir remover suavemente os dejetos das ranhuras sem prejudicar o friável marfim. Na realidade, usei tanto creme facial que, passadas duas semanas, não restava mais nenhum para meu pobre e velho rosto!

Como esse trabalho era emocionante! A paciência, o cuidado necessários, a delicadeza do toque! E o dia mais emocionante de todos — um dos mais emocionantes de toda a minha vida —, quando os trabalhadores vieram correndo do seu trabalho de limpeza de um poço assírio, gritando: “Achamos uma mulher no poço!” E trouxeram-na num saco, uma grande massa de lama.

Tive o prazer de lavar suavemente a lama numa grande

bacia. Pouco a pouco emergia a cabeça, conservada pela lama por aproximadamente dois mil e quinhentos anos. Diante de mim estava a maior cabeça de marfim jamais encontrada até então; de uma tonalidade marrom-clara, cabelo preto, lábios levemente coloridos, arvorava o sorriso enigmático de uma das virgens da acropole. A Senhora do Poço — a Mona Lisa, como o diretor do Departamento de Antiguidades do Iraque insistia em chamar-lhe — tem seu lugar, agora, no novo museu de Bagdá: um dos objetos mais interessantes que encontramos.

Existiam muito mais peças de marfim, algumas até de maior beleza do que essa cabeça, embora não tão espetaculares. As placas com vacas de cabeças viradas para trás, que amamentavam vitelinhos; senhoras de marfim à janela que olhavam para fora, como, possivelmente, Jezebel, a Má; duas maravilhosas placas com um negro no ato de ser morto por uma leoa: o negro jaz por terra, com um pano dourado cingindo-lhe os rins, pontos dourados nos cabelos e a cabeça erguida, como que em êxtase, com a leoa por cima, para matá-lo; por trás dele vê-se a folhagem do jardim: lápis-lazúli, cornalina e ouro formam as flores e a folhagem. Que bom que essas duas peças foram recuperadas! Uma delas está no Museu Britânico, e a outra, em Bagdá.

Por vezes sentimos orgulho em pertencer à raça humana, quando vemos as coisas maravilhosas que os seres humanos fizeram com suas mãos. Foram criadores — devem, portanto, partilhar um pouco da santidade do Criador, que fez o mundo e tudo o que nele existe e viu que sua obra era boa. Ele deixou, no entanto, algo a ser feito. Deixou que os homens formassem coisas com suas próprias mãos. Deixou-os, a eles, para as formarem, para seguir Seus passos, porque foram criados à Sua imagem, para contemplar o que Ele fizera e ver que a obra era boa.

O orgulho da criação é algo extraordinário. Até mesmo o carpinteiro, que um dia fez um suporte de toalhas em madeira, especialmente medonho, para uma das nossas casas da expedição, possuía espírito criativo. Quando lhe perguntaram por que fizera pés tão grandes, contrariando nossas ordens, respondeu com certo ar de censura: “*Tive* que fazê-los desse jeito porque são mais bonitos assim!” A nós, pareceram-nos hediondos, mas para ele eram belos, e ele os fizera com espírito criativo, *porque* lhe pareceram belos assim...

Os seres humanos podem ser maus — mais até do que seus irmãos irracionais —, contudo, também podem elevar-se aos céus no êxtase da criação. As catedrais da Inglaterra permanecem como testemunhos da adoração da humanidade por aquilo que a transcende. Gosto da rosa Tudor que está, creio, num dos capitéis da capela do King’s College, em Cambridge, em que o escultor, contrariando ordens, colocou o rosto da Madona no centro da rosa, porque pensou que os reis Tudor estavam sendo adorados demais e o Criador, o Deus para quem aquele local de adoração estava sendo construído, não era ali bastante glorificado.

Essa temporada nas escavações seria, em princípio, a temporada final do dr. Campbell-Thompson. Ele era antes de tudo um epigrafista, e para ele a palavra escrita, o relato histórico, era muito mais interessante do que o aspecto arqueológico de uma escavação. Como todos os epigrafistas, preocupava-se com a idéia de encontrar um número elevado de tabuinhas com inscrições.

Haviam sido feitas tantas escavações em Nínive que era difícil classificar todas as construções. Para Max, os edifícios, os palácios não eram especialmente interessantes: o que realmente

despertava seu interesse era o profundo poço do período pré-histórico, do qual tão pouco se sabia.

Max formara um plano que eu pessoalmente achei interessante: cavar sozinho numa pequena colina artificial nessa região. Teria que ser pequena mesmo, porque seria difícil reunir dinheiro para isso, mas pensava que um dia conseguiria e que seria importante fazê-lo. Por isso, tinha particular interesse, à medida que o tempo passava, no progresso do profundo poço que avançava em direção ao solo virgem. Quando este foi alcançado, a base era uma pequena parcela de terreno. Descobriram-se alguns fragmentos de louça — não muitos, devido ao pequeno espaço; eram de períodos diferentes daqueles encontrados nos terrenos das camadas superiores. A partir desta altura, Ninive foi rotulada de novo, só que de baixo para cima: Ninivite 1, junto ao solo virgem; Ninivite 2, Ninivite 3, Ninivite 4 e Ninivite 5, estágio no qual a cerâmica já era feita num torno e havia belos potes com pinturas e incisões. Vasos semelhantes a cálices eram particularmente característicos, e as ornamentações e pinturas eram vigorosas e encantadoras. Todavia, a cerâmica em si mesma, sua textura, não era de tão fina qualidade como a que fora feita possivelmente milhares de anos antes: delicadas louças cor de alperce, quase semelhantes às gregas, com superfícies lisas e vidradas e ornamentações na maioria geométricas, especialmente um desenho pontilhado. Era, disse Max, igual à louça encontrada em Tell Halaf, na Síria, mas sempre se pensara que esta era muito mais recente e, em todo caso, de melhor qualidade.

Max conseguiu que os trabalhadores lhe trouxessem vários pedaços de louça dos povoados onde moravam. Em algumas das colinas artificiais, as louças eram quase todas da qualidade das de Ninivite 5, e, além da variedade pintada, havia outro tipo muito

belo de potes cinzelados, delicadamente trabalhados. Havia também louça vermelha, de um período mais antigo, e louça cinzenta, ambas lisas, sem pinturas.

Evidentemente, uma ou duas dessas pequenas colinas, semelhantes a bolhas, que cobriam a região até as montanhas, foram abandonadas muito cedo, antes de as louças serem feitas em tornos: essa bela louça mais antiga era feita à mão. Havia, especialmente, uma colina muito pequena, chamada Arpachiyah, a apenas seis quilômetros e meio de distância, a leste do grande círculo de Nínive. Nessa pequena bolha, quase não restavam vestígios de nada mais moderno do que os belos fragmentos pintados de Ninivite 2.

Max sentia-se atraído por essa colina. Eu o estimulava, porque achava a louça muito bela e acreditava que seria interessante descobrir algo a esse respeito. Seria como que um jogo, disse Max. Deveria ter sido um povoado pequeno e dificilmente teria sido importante, de modo que era legítimo duvidar acerca do que se viesse a encontrar. No entanto, as pessoas que faziam essa louça deveriam ter vivido ali. A ocupação da colina fora feita em bases primitivas, mas a louça não o era; pelo contrário, era de ótima qualidade. Não era também natural que o fizessem para a grande e vizinha cidade de Nínive, como se fossem os Swanseas ou os Wedgwoods locais, pois Nínive ainda não existia quando eles moldavam o barro. Só viria a existir alguns milhares de anos depois. Portanto, a questão era: *por que faziam* essa louça? Só por amor à beleza?

Naturalmente, C. T. pensava que Max não estava certo ao atribuir tanta importância aos tempos pré-históricos e a todo aquele “alvoroço” recente acerca das louças. Os registros históricos, dizia ele, eram as únicas coisas que importavam.

Ambos estavam certos: C. T. tinha razão porque os registros históricos eram, na realidade, extraordinariamente reveladores; e Max também, porque, para descobrir algo de novo sobre a história da humanidade, há que utilizar o que o próprio homem nos pode revelar, e estudar o que ele produzia com suas próprias mãos. Estava certa quando notei que a louça desse minúsculo povoado era bela e a considerei importante. Acho que também era procedente minha pergunta: “Por quê?” Para pessoas como eu, indagar o porquê das coisas torna a vida interessante.

Gostei muito de minha primeira experiência ao acompanhar as expedições e as escavações. Gostara de Mossul; fiquei muito afeiçoada tanto a C. T. como a Barbara. Já escrevera o assassinato de Lorde Edgware, e perseguira com êxito seu assassino. Fiz uma visita a C. T. e a sua mulher e li-lhes o manuscrito em voz alta, e eles gostaram muito. Acho que foram as únicas pessoas a quem li um manuscrito — exceto, é claro, minha família.

Quando, em fevereiro do ano seguinte, Max e eu nos instalamos de novo em Mossul, quase não acreditei! Estavam em curso negociações para que se procedesse às escavações na nossa colina, na “bolha” de Arpachiyah — a pequena colina de Arpachiyah, com que ninguém se importava e que sequer era conhecida, mas que viria a ser um nome falado em todo o mundo arqueológico. Max persuadira John Rose, que fora arquiteto em Ur, a trabalhar conosco. Era amigo nosso; era um magnífico desenhista, com uma maneira de falar suave e um doce senso de humor, que eu achava irresistível. John, a princípio, estava indeciso se viria ou não trabalhar conosco: não desejava retornar a Ur, certamente, mas tinha dúvidas se continuaria trabalhando em arqueologia ou se se encaminharia novamente para a

arquitetura. Contudo, Max fez-lhe ver, a expedição não seria demorada — dois meses no máximo —, e provavelmente não haveria muito o que fazer.

“De fato”, Max disse persuasivamente, “você quase pode considerar que vai ter umas férias: a época do ano é encantadora; as flores são lindíssimas e o clima é bom; não existem tempestades de areia, como em Ur. Só montanhas e colinas. Vai gostar imensamente. Você terá repouso completo.” John deixou-se convencer.

“É claro que se trata de um risco, quase um desafio”, disse Max. Para ele, foi uma temporada de grande ansiedade, pois estava no princípio de sua carreira e arcaria com o peso de sua opção: vencer ou fracassar conforme os resultados obtidos.

Tudo começou de maneira pouco propícia. De início, o tempo estava horroroso. A chuva caía a cântaros; era quase impossível sair de automóvel, e foi extremamente difícil descobrir a quem pertencia o terreno que nos propúnhamos escavar. As questões de propriedade de terras, no Oriente, são sempre problemáticas. Se se situam muito longe das cidades, estão sob jurisdição de um xeque, e é com ele que se fazem combinações financeiras e de outras naturezas, com o apoio do governo, para nos conferir alguma autoridade. Todo terreno registrado como *tell* — quer dizer, que fora habitado na Antiguidade — é propriedade do governo, e não do senhor da terra. Mas duvido que Arpachiyah, tão semelhante a uma ampola na superfície do solo, tivesse sido classificada; assim, foi preciso entrar em contato com o senhor das terras. Parecia simples. Veio ter conosco um homem enorme e jovial, assegurando-nos ser ele o proprietário. No dia seguinte, porém, ouvimos dizer que as terras não eram dele: o legítimo proprietário era o segundo primo da mulher dele. Mais um dia

passou, e nos comunicaram que a terra não era propriedade do segundo primo da mulher daquele homem, e que afinal existiam muitos outros co-proprietários. No terceiro dia de chuva incessante, depois de todo mundo se ter comportado de forma quase intolerável, Max jogou-se na cama com um gemido: “O que você pensa?”, perguntou-me. “São *dezenove proprietários!*”

“Dezenove proprietários desse pequeno pedaço de terra?”, exclamei, incrédula.

“É o que parece!”

Finalmente, conseguimos deslindar o caso. Encontramos o legítimo proprietário — era a segunda prima do primo da tia do marido da tia, a qual, sendo totalmente inapta para se ocupar sozinha de qualquer espécie de negócio, tivera que se fazer representar pelo marido e por vários outros parentes. Com a assistência do *mutas-sarif*¹ de Mossul, do Departamento de Antiguidades de Bagdá, do cônsul britânico e mais alguns assessores, toda a questão foi resolvida e assinou-se um contrato, aliás, extremamente severo. Terríveis penalidades recairiam sobre qualquer dos lados que falhasse no cumprimento do acordo. O que mais agradou ao marido da proprietária foi a inserção de uma cláusula declarando que, se de qualquer modo houvesse interferência em nossas escavações, ou o contrato fosse invalidado, ele teria que pagar uma quantia de mil libras. Imediatamente, foi se vangloriar junto a todos os seus amigos.

“Esse assunto é de tanta importância”, dizia orgulhosamente, “que, se eu não der todo o auxílio que me couber dar e não cumprir todas as promessas que fiz em nome de minha mulher, perderei mil libras!”

¹ *Autoridade da administração de vários distritos do Império Otomano e do Iraque. (N. do E.)*

Todo mundo ficou muito impressionado.

“Mil libras”, diziam. “É impossível ele perder mil libras! Escutaram isso? Podem obrigá-lo a pagar mil libras se houver alguma encrenca!”

Devo dizer que, se alguma penalidade financeira fosse aplicada, um dia, a esse bom homem, tudo o que poderia pagar seria mais ou menos dez dinares.

Alugamos uma pequena casa, bastante parecida com a que partilháramos com C. T. Era um pouco afastada de Mossul, ficava perto de Nínive, e possuía o mesmo telhado plano e uma varanda de mármore, com janelas de mármore de Mossul, de estilo levemente eclesiástico, e prateleiras de mármore para colocar as louças. Tínhamos um cozinheiro e um empregado, e também uma enorme e feroz cachorra que ladrava para os outros cachorros da vizinhança e para todo mundo que se aproximava da casa. A certa altura, surgiram mais seis cachorrinhos nascidos dela. Também tínhamos um pequeno furgão e um motorista irlandês, chamado Gallagher. Esse irlandês ficara por ali depois da guerra de 1914, e não regressara mais à sua terra.

Gallagher era um ente extraordinário. Às vezes nos contava histórias maravilhosas. Narrou uma saga sobre sua descoberta de um esturjão, nas costas do mar Cáspio, que ele e seu amigo haviam conseguido trazer mergulhado em gelo, através das montanhas até o Irã, onde o venderam por uma enorme quantia. Ouvir as inúmeras aventuras que lhe aconteceram era como ouvir a *Odisséia* ou a *Eneida*.

Dava-nos informações utilíssimas quanto ao preço exato da vida de um homem. “O Iraque é melhor do que o Irã”, dizia. “No Irã são necessárias sete libras em dinheiro vivo para matar um homem. No Iraque isso custa apenas três libras.”

Gallagher ainda tinha recordações de seu serviço durante a guerra, e sempre treinava militarmente seus cachorros. Os seis cachorrinhos eram convocados, cada um por sua vez, pelos seus nomes, e vinham, por ordem de chamada, até a cozinha. A primeira a ser chamada era a Senhorita Suíça, a predileta de Max. Esses cachorrinhos eram medonhos, mas possuíam a graça própria dos cachorrinhos. Costumavam vir até a varanda, depois do chá, e nós lhes arrancávamos os carrapatos cuidadosamente. No dia seguinte, estavam novamente cobertos de carrapatos, e nós fazíamos por eles o que podíamos.

Gallagher era também um leitor onívoro. Minha irmã costumava enviar-me pacotes com livros todas as semanas — e, na devida altura, eu os passava para ele. Gallagher lia rapidamente, e não parecia ter preferência por assunto: lia biografias, ficção, romances de amor e policiais, obras científicas, tudo, enfim. Era como um homem esfomeado, para quem a qualidade da comida não tinha importância: o que ele queria era *comida*. Gallagher necessitava de alimento para seu espírito.

Certo dia falou-nos de seu “tio Fred”. “Um crocodilo pegou-o, na Birmânia”, disse tristemente. “Eu fiquei sem saber o que fazer. Achei, porém, que a melhor coisa era mandar empalhar o crocodilo, e foi o que fiz, e depois enviei-o à esposa de meu tio.”

Falava num tom de voz tranqüilo. A princípio, eu julguei que ele romanceava; depois, cheguei à conclusão de que praticamente tudo o que contava era verdade. Pertencia àquele tipo de pessoa a quem, de fato, sucedem coisas extraordinárias.

Para nós essa época foi de ansiedade. Ainda não existia nada que nos levasse a acreditar que a jogada de Max daria certo. Descobrimos construções de natureza pobre e em estado decrépito — nem sequer eram de tijolos de lama, consistiam em paredes de

pisé difíceis de datar. Por toda parte descobríamos lindos cacos de louça e algumas belas facas de obsidiana, com as bordas delicadamente trabalhadas, mas nada ainda fora do comum.

John e Max animavam-se mutuamente, dizendo um ao outro que ainda era cedo para concluir algo a respeito das escavações, e que antes da chegada do dr. Jordan, que era o diretor alemão do Departamento de Antiguidades de Bagdá, já teríamos, pelo menos, todos os nossos níveis bem medidos e classificados, de modo a se verificar que nossa escavação fora feita nas condições científicas apropriadas.

Então, repentinamente, chegou o grande dia! Max correu de volta a casa para me apanhar; eu estava colando algumas peças de cerâmica.

“Um achado maravilhoso”, disse-me. “Encontramos uma oficina de louças, onde houve um incêndio. Você tem que vir comigo. É a coisa mais maravilhosa que você jamais viu.”

E era mesmo! Fora um golpe de sorte esplêndido. A oficina de oleiro estava toda ali sob a terra. Fora abandonada depois do incêndio, e este não a deteriorara. Havia pratos maravilhosos, vasos, taças e placas, cerâmica policromada, tudo brilhando ao sol — escarlata, negro e cor de laranja, uma visão magnífica.

A partir daí ficamos tão freneticamente atarefados que quase não demos conta do recado. Iam aparecendo vasos e mais vasos. O teto, que caíra, quebrara-os — mas estavam todos ali, e podiam ser reconstituídos. Alguns deles estavam um pouco queimados, mas como as paredes tinham caído por cima deles, haviam se conservado por seis mil anos intactos. Um enorme prato queimado, de um lindo vermelho escuro, com uma roseta de pétalas no centro e lindos desenhos geométricos em torno, quebrara-se em setenta e seis pedaços. Mas os pedaços foram

reunidos, e agora é uma das maravilhas do museu onde se encontra. Havia uma tigela que eu adorei, com um desenho a toda a volta, um pouco no gênero da bandeira do Reino Unido, em cor de tangerina, de uma tonalidade profunda e suave.

Eu explodia de felicidade. Max também, é claro, embora à sua maneira, mais tranqüila, assim como John, igualmente calmo. Meu Deus, como trabalhamos até o final da temporada!

Nesse outono eu tentara aprender a desenhar por escala. Fora a uma escola secundária local e recebera lições de um homenzinho encantador, que não queria acreditar que eu soubesse tão pouco quanto dizia.

“Você parece que nunca escutou falar em ângulo reto”, disse-me ele desaprovadamente. Admiti que era verdade. Não tinha mesmo!

“Assim é difícil descrever as coisas”, disse ele.

Todavia, aprendi a medir, calcular e desenhar as coisas dois terços menores do que eram na realidade, ou como fosse necessário desenhá-las. Agora, chegara o momento de tentar o aprendizado. Havia tanto o que fazer que cada um de nós tinha de colaborar *com todas* as suas forças. Eu, é claro, demorava duas ou três vezes mais do que os outros, mas John precisava de ajuda e eu podia dá-la. Max tinha que passar o dia todo nas escavações, enquanto John desenhava. À noite, quando vinham jantar, cambaleantes de cansaço, John dizia: “Acho que vou ficar cego. Meus olhos estão tão esquisitos! Sinto-me tão tonto que mal posso caminhar. Desenhei sem parar, a toda a velocidade, desde as oito da manhã”.

“Vamos ter que continuar depois do jantar”, disse Max.

“E foi você quem disse”, acusou John, “que eu teria férias!”

Para festejar o fim da temporada, decidimos organizar uma

corrida de cavalos para os homens que trabalhavam ali. Nunca se fizera nada semelhante. Haveria prêmios esplêndidos, e a competição seria aberta a todos os homens que quisessem participar.

Houve grande falatório sobre isso. Para começar, os homens mais graves, mais idosos, logo se preocuparam com o vexame que representaria uma derrota. A dignidade era muito importante. Competir com homens mais jovens, talvez até com rapazes imberbes, não era coisa que um homem digno, um homem de alguma importância, devesse fazer. Mas acabaram concorrendo, e nós preparamos os pormenores. A corrida seria de cinco quilômetros, e teriam que cruzar o rio Khosr bem junto da colina de Nínive. As regras foram cuidadosamente estudadas. A principal era não permitir qualquer deslealdade: ninguém deveria jogar ninguém por terra, nem empurrar, nem atravessar o caminho de um adversário. Apesar de não alimentarmos muita esperança de que essas regras fossem cumpridas, pensamos que os piores excessos seriam, assim, evitados.

Os prêmios eram os seguintes: *primeiro prêmio*: uma vaca e seu bezerro; *segundo*: um carneiro; *terceiro*: uma cabra. Havia ainda alguns prêmios menores — galinhas, sacos de farinha e ovos, em quantidades que variavam de cem a dez. Também haveria, para todos os que completassem a corrida, um punhado de tâmaras e a quantidade de *halva*¹ que um homem pudesse segurar com ambas as mãos. Esses prêmios, posso dizê-lo, custaram-nos dez libras. Bons tempos aqueles, não há dúvida!

¹ Massa doce, muito apreciada pelos turcos, feita de farinha, mel, goma e suco de frutas, a que se incorporam pedaços de amêndoa, avelã ou pistácia. (N. do E.)

Chamamos a essa corrida e a nosso grupo esportivo Associação Atlética de Amadores de Arpachiyah. O rio estava cheio, e não se podia passar pela ponte para vigiar a corrida; a RAF, porém, foi convidada a fazê-lo do céu.

Chegou finalmente o memorável dia. A primeira coisa que sucedeu foi que todo mundo partiu simultaneamente, quando soou o tiro de pistola, e a maior parte dos concorrentes caiu no Khosr. Outros desvencilharam-se do fervilhante enxame e continuaram. Não se pode dizer que tenham sido desleais: ninguém jogou ninguém no chão. Houve muitas apostas, mas nenhum dos favoritos parecia bem colocado. Ganharam três cavalos pretos — e as aclamações foram tremendas. O que ganhara o primeiro prêmio era um homem atlético; o segundo, o mais popular, um homem muito pobre, que sempre parecia meio morto de fome; o terceiro foi um rapaz bastante jovem. Nessa noite houve grande regozijo: os capatazes dançaram, os trabalhadores dançaram e o homem que ganhara o segundo prêmio, o carneiro, matou-o imediatamente e fez com ele uma festa para toda a família e amigos. Grande dia para a Associação Atlética de Amadores de Arpachiyah!

Partimos no meio de gritos de: “Deus os abençoe!” “Venham de novo!” “Deus é misericordioso!” Fomos para Bagdá, onde todos os objetos recuperados por nós se achavam à nossa espera no museu. Max e John Rose desempacotaram tudo e fez-se a partilha. Estávamos no mês de maio, e em Bagdá a temperatura abrasava. John não passava bem com o calor, e a cada dia parecia mais doente. Tive a felicidade de não pertencer à equipe das partilhas. Ficava em casa.

Em Bagdá, aumentava a tensão política e, embora mantivéssemos a esperança de poder voltar no ano seguinte, para

continuar o trabalho em outra colina ou para prosseguir um pouco mais com as escavações de Arpachiyah, começávamos a ter dúvidas de que isso seria possível. Depois de deixarmos Bagdá, houve complicações com o embarque das antiguidades, e foi muito difícil reaver nossos caixotes. Por fim, os ânimos aplacaram-se depois de muitos meses; por isso, foi considerado desaconselhável voltarmos no ano seguinte para novas escavações. Durante alguns anos, praticamente não se escavou no Iraque. Todo mundo ia para a Síria. Assim, no ano seguinte, decidimos escolher nesse país um local arqueológico adequado.

Recordo ainda uma última coisa, um presságio do que viria a seguir. Tomáramos chá em casa do dr. Jordan, em Bagdá; ele era bom pianista, e nesse dia tocou Beethoven para nós. Jordan tinha uma cabeça linda e pensei, ao olhá-lo, que era um homem esplêndido. Sempre tão gentil e atencioso! Então, casualmente, alguém mencionou os judeus. Sua expressão alterou-se de uma forma tão extraordinária como eu jamais vira num rosto humano; estava transformado.

Ele disse: “Vocês não entendem. Nossos judeus talvez sejam diferentes dos de vocês. São um perigo. Deveriam ser exterminados! É a única coisa a fazer”.

Eu o olhava fixamente, sem poder acreditar no que ouvia. E ele era sincero. Foi a primeira vez que notei uma alusão ao que depois se passaria na Alemanha. Suponho que as pessoas que tinham estado na Alemanha certamente já houvessem notado essa atmosfera, mas pessoas comuns como eu não poderiam ter em 1932 ou 1933 a menor premonição do que sucederia.

Foi nesse dia, sentada na sala do dr. Jordan, escutando-o tocar piano, que vi pela primeira vez um nazista; descobri mais tarde que sua mulher era mais feroz ainda do que ele. Ali, em

Bagdá, ele estava cumprindo uma missão: não apenas a de diretor do Departamento de Antiguidades, ou a de trabalhar para seu país, mas também a de espionar o próprio embaixador da Alemanha. Há coisas nesta vida que, quando se tornam evidentes para nós, causam-nos a mais profunda tristeza.

V

Chegamos à Inglaterra iluminados pelo triunfo, e Max enfrentou um verão muito trabalhoso, escrevendo o relatório de sua campanha. Fizemos no Museu Britânico uma exposição de alguns dos objetos encontrados, e o livro de Max sobre Arpachiyah saiu no mesmo ano ou no seguinte. Não se podia perder tempo, dizia ele. Todos os arqueólogos têm tendência para adiar suas publicações; descobertas assim devem ser tornadas públicas tão cedo quanto possível.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando trabalhava em Londres, escrevi um relato de nossa estada na Síria. Chamei esse livro de *Venha, conte-me como você vive*, e ainda sinto prazer em relê-lo, de tempos em tempos, e em recordar nossa temporada na Síria. Um ano passado numa expedição arqueológica é muito semelhante ao outro — sempre sucedem as mesmas coisas —, de modo que repetir esse tipo de narrativa não teria grande interesse. Foram anos felizes, divertimo-nos imensamente, e nossas escavações sempre tiveram bastante êxito.

Os anos entre 1930 e 1938 foram particularmente satisfatórios, livres de sombras externas. À medida que aumenta a pressão do trabalho, especialmente quando bem-sucedido, nossa tendência é a de termos cada vez menos momentos de ócio.

Aqueles, porém, ainda foram anos despreocupados, cheios de trabalho, sim, trabalho totalmente absorvente. Escrevi livros policiais, Max escreveu trabalhos sobre arqueologia, relatórios e artigos. Estávamos muito ocupados, mas não sujeitos a esforço intenso.

Era difícil para Max ir a Devonshire tantas vezes quantas gostaria, e por isso passamos lá as férias de Rosalind; morávamos, porém, em Londres a maior parte do tempo, mudando-nos de uma de minhas casas para outra, tentando decidir de qual delas gostávamos mais. Enquanto estivemos na Síria, durante um ano, Carlo e Mary procuraram uma casa que nos servisse, e possuíamos uma grande lista de casas para visitar. Aconselharam-me a ir ver o número 48 da Sheffield Terrace. Quando vi essa casa senti vontade de morar ali como jamais tivera de morar em qualquer outro lugar. Era perfeita, à exceção talvez do fato de ter um porão. Não possuía muitos quartos, mas todos eram espaçosos e bem-proporcionados. Era justamente do que precisávamos. Logo à entrada, havia uma grande sala de jantar, à direita. No meio do patamar ficava um banheiro, e no primeiro andar, do lado direito, por cima da sala de jantar e do mesmo tamanho, uma sala que poderia servir de biblioteca para Max — bastante grande, com espaço para conter mesas para seus papéis e cerâmicas. Do lado esquerdo do patamar, por cima da sala, havia outros dois quartos grandes, e um pequeno entre esses dois. O quarto pequeno seria de Rosalind; o grande, por cima da biblioteca de Max, ficaria para as coisas dele; o quarto do lado esquerdo, declarei, ficaria para *mim*; seria minha sala de estar e trabalhar. Todo mundo ficou surpreso com minha decisão, porque

antes eu jamais havia pensado em tal coisa, mas todo mundo concordou também que era tempo de a pobre patroa ter um aposento só para si.

Eu queria um lugar onde não fosse perturbada. Que não tivesse telefone. Queria ter um piano de cauda, uma mesa grande e firme, um sofá ou divã confortável, uma cadeira firme e ereta para me sentar batendo à máquina, uma poltrona onde me reclinasse, e *nada mais*. Comprei um grande piano Steinway e apreciei imensamente “meu aposento”. Ninguém tinha permissão de usar o aspirador nesse andar quando eu estava em casa e, a menos que a casa estivesse pegando fogo, ninguém deveria aproximar-se de mim. Finalmente, tinha um lugar só meu, e não parei de usá-lo, gostosamente, por cinco ou seis anos, até que a casa foi bombardeada na guerra. Não sei por que nunca mais tive um aposento como esse. Suponho que me reacostumei a trabalhar na mesa da sala de jantar ou no canto do lavatório.

Sheffield Terrace, 48, era uma casa feliz. Senti isso no momento em que entrei nela. Acredito que, se crescemos em casas grandes, com cômodos espaçosos, como nossa casa de Ashfield, sentimos muito, em outras menores, a falta de espaço. Morara em várias casas pequenas e encantadoras — tanto na Campden Street como na casa da estrebaria —, mas nunca me satisfizera. Não por ter mania de grandeza: pode-se morar num pequeno apartamento muito elegante, ou alugar uma casa grande mas desconfortável, como uma casa no campo ou uma casa paroquial decrépita, por muito menos dinheiro. É uma questão de sentir o espaço que nos rodeia — de sentir a capacidade de nos deslocarmos. Na realidade, se temos que fazer a faxina de um apartamento, é muito mais fácil limpar uma sala grande do que andar aos encontrões por tudo quanto é canto e por todas as

peças do mobiliário, numa sala pequena, onde o corpo sempre esbarra em alguma coisa.

Max dava-se ao prazer de dirigir pessoalmente a construção de uma chaminé na sua biblioteca. Ele lidara tanto com chaminés, no Oriente, e com lareiras feitas de tijolo cozido, que lhe agradou a tarefa. O construtor olhava, desconfiado, para seus planos. Nunca se podia saber se uma chaminé iria funcionar bem, dizia ele. Às vezes, segundo todas as normas, a chaminé deveria estar perfeita, mas não estava.

“E essa sua chaminé não vai dar certo, disso tenho certeza”, dizia a Max.

“Você vai construí-la exatamente como eu disse”, insistia Max, “e verá.”

Para grande desapontamento seu, o sr. Withers tinha razão. A chaminé de Max jamais deixou escapar fumaça. Havia um grande tijolo com escrita cuneiforme por cima da prateleira da chaminé, e o aposento ficava assim devidamente rotulado como o refúgio privativo de um arqueólogo.

Depois de mudarmos para a Sheffield Terrace, uma coisa me perturbou, um cheiro persistente que havia em nosso quarto. Max não sentia coisa alguma, e Bessie pensava que eu imaginava coisas, mas eu insistia com firmeza que não imaginava coisa nenhuma: cheirava a *gás*. “Não há gás nesta casa”, afirmava Max. “Não há instalações de gás.”

“O que hei de fazer?”, dizia eu. “Sinto cheiro de gás.”

Chamei operários, chamei os homens da companhia de gás, todos se deitaram de barriga no chão e cheiraram sob a cama e me disseram que eu, realmente, imaginava coisas.

“É claro, é possível que o que esteja acontecendo — se é que está acontecendo algo —, embora eu não sinta cheiro algum,

senhora”, disse o homem do gás, “seja um rato morto. Não acredito que seja isso, pois, se fosse um rato morto, *eu* sentiria o cheiro também, não é mesmo? É possível, porém, que se trate de um camundongo morto. Um camundongo *muito pequeno*.”

“Podemos levantar as tábuas do assoalho.”

Levantaram o assoalho, mas não acharam nenhum camundongo morto, nem pequeno nem grande. Todavia, quer fosse gás, quer fosse rato morto, *algo* continuava a cheirar mal.

Insisti em mandar chamar operários, homens da companhia de gás, encanadores e todo mundo que eu imaginava pudesse ajudar. Olhavam para mim com ódio, ao fim de certo tempo. Todo mundo estava cheio — Max, Carlo, Rosalind —, todos diziam que era a “imaginação da mamãe”. Porém “mamãe” sabia o que era cheiro de gás, e continuava a insistir. Finalmente, depois de quase enlouquecer todo mundo, fui vingada. Existia um obsoleto cano de gás, debaixo do chão de meu quarto, por onde escapava um pouco de gás. Quem estaria pagando esse gás, não sei — não havia contador de gás em nossa casa —, mas lá estava o cano fora de uso. Fiquei tão vaidosa com a prova de que eu tinha razão que por algum tempo me tornei insuportável — e, mais do que nunca, posso dizê-lo, confiante nas proezas de meu nariz.

Antes da aquisição da casa da Sheffield Terrace, Max e eu compráramos uma casa no campo. Queríamos uma pequena, ou um *cottage*, porque ir e vir nos fins de semana a Ashfield era impraticável. Se possuíssemos, um pequeno *cottage* não muito afastado de Londres, seria muito melhor.

As duas regiões da Inglaterra preferidas de Max eram os arredores de Stockbridge, onde estivera em criança, e as cercanias de Oxford. O tempo que passara em Oxford fora dos mais felizes de sua vida. Conhecia toda aquela região, e amava o Tâmis.

Portanto, iniciamos nossas buscas subindo e descendo o Tâmisia. Procuramos em Goring, Wallingford, Pangbourne. Era difícil encontrar uma casa perto do Tâmisia, porque só havia casas medonhas do fim do período vitoriano, ou *cottages* que ficavam completamente submersos durante o inverno.

Por fim, vimos um anúncio no *Times*. Foi no outono, pouco mais ou menos uma semana antes de partirmos para a Síria.

“Olhe aqui, Max”, disse eu, “há um anúncio de uma casa em Wallingford. Você se lembra de como gostamos de Wallingford? E se for uma casa junto ao rio? Não havia nenhuma para alugar, quando fomos lá.” Telefonamos ao agente e corremos para Wallingford.

Era uma casa encantadora, estilo rainha Ana, pequena, perto da estrada, ao fundo de um jardim com uma horta murada — maior do que gostaríamos —, e para além da horta havia aquilo que Max sempre considerara ideal: prados descendo docemente até o rio. Era, ademais, um trecho lindo do rio, mais ou menos a um quilômetro e meio de Wallingford. A casa tinha cinco quartos de dormir, três salas e uma cozinha muito bonita. Olhando pela janela da sala, através da chuva que caía, avistamos um cedro particularmente bonito, um cedro-do-líbano. Essa árvore erguia-se nos campos que chegavam até o vaiado; os prados seriam empurrados para baixo, para que o cedro ficasse no meio do gramado. Nos dias quentes do verão, poderíamos tomar nosso chá à sombra da árvore.

Não dispúnhamos de muito tempo para hesitações. A casa era notavelmente barata, estava livre de qualquer encargo, e decidimos ali mesmo. Telefonamos ao agente, assinamos papéis, falamos com advogados e procuradores e, depois de nos sujeitarmos à aprovação dos administradores, compramos a casa.

Infelizmente, não a veríamos de novo durante nove meses. Partimos para a Síria e passamos aí o tempo interrogando-nos, sem saber se havíamos cometido uma loucura. Nossa idéia fora comprar um pequeno *cottage*; em vez disso, compráramos uma casa rainha Ana, com lindas janelas e boas proporções. Mas Wallingford era um lugar apazível. Os serviços de trens para lá não eram grande coisa; portanto, não se tratava de lugar para onde fosse muita gente, quer de Oxford, quer de Londres. “Acho”, dizia Max, “que vamos gostar muito de morar lá.”

Na verdade, nela fomos felizes por quase trinta e cinco anos. A biblioteca de Max foi ampliada, e de lá avistava-se o rio. A Winterbrook House, em Wallingford, é a casa de Max, e sempre foi. Ashfield era a minha casa e, creio, também a de Rosalind.

Assim fomos vivendo. Max tinha sua arqueologia e seu entusiasmo pelo trabalho; eu escrevia meus livros, atividade que se tornava, agora, mais profissional e, por isso mesmo, menos divertida.

Fora interessante, a princípio, escrever livros — em parte porque eu não me sentia realmente uma autora e, portanto, continuava a sentir-me surpreendida por ser capaz de escrever livros que eram, de fato, *publicados*. Agora, escrevia livros regularmente. Era minha profissão. E não eram só publicados — os editores insistiam comigo para que continuasse a escrever. Mas eu achava que se apoderaria de mim o eterno desejo de fazer algo que não era de minha especialidade. Se isso não acontecesse, a vida ficaria monótona demais.

O que gostaria de fazer, agora, seria escrever um livro que não fosse policial. De modo que, com certo sentimento de culpa,

diverti-me escrevendo um romance chamado *O gigante*. Era sobretudo a respeito de música, e desvendava, aqui e ali, que eu possuía alguns conhecimentos técnicos do assunto. A crítica foi boa, e vendeu-se razoavelmente o que foi considerado um “primeiro livro”. Usava o pseudônimo de Mary Westmacott, e ninguém sabia que o livro fora escrito por mim. Consegui conservar secreto esse fato por quinze anos.

Escrevi outro livro sob o mesmo pseudônimo, um ou dois anos mais tarde, chamado *O retrato*. Só uma pessoa suspeitou de meu segredo: Nan Watts — agora Nan Kon. Nan possuía boa memória, e alguma frase que eu empregara acerca de umas crianças e um poema no primeiro livro atraíram sua atenção. Imediatamente, disse para consigo: “Tenho certeza de que foi Agatha quem escreveu isto”.

Um dia, cutucou-me as costelas e disse, num tom de voz levemente afetado: “Outro dia li um livro seu de que gostei muito; agora, deixe-me ver — como era mesmo o título? *O sangue do anão*, é isso, sim!” E piscou para mim da maneira mais maliciosa. Quando a levei para casa, disse-lhe: “Conte-me agora — como foi que você descobriu a respeito de *O gigante*?”

“É claro que eu sabia que havia sido você. Conheço sua maneira de se exprimir”, disse Nan.

De tempos em tempos, eu escrevia canções, baladas sobretudo — mas não fazia a menor idéia de que teria chance de exercitar-me em outro setor da arte literária inteiramente diferente, e de que o faria, ademais, numa idade em que já não é fácil empreender novas aventuras.

Creio que o que me lançou por esse caminho foi o aborrecimento que sentia com as adaptações de meus livros para teatro, feitas por outras pessoas e de forma que nem sempre me

agradava. Embora tivesse escrito a peça *Café preto*, nunca pensara seriamente em escrever para teatro — divertira-me escrever *Akhenaton*, mas não acreditava que fosse levada à cena. De repente, ocorreu-me que, se não gostava da maneira como os outros adaptavam meus livros, *eu própria* deveria tentar adaptá-los. A mim, parecia-me que a adaptação de meus livros para o palco falhava principalmente porque as peças se prendiam demais ao texto original. Uma história policial é muito diferente de uma obra dramática e, portanto, muito mais difícil de adaptar do que qualquer outro gênero literário. O enredo é intrincado e contém, normalmente, tantas personagens e pistas falsas que facilmente fica confuso e sobrecarregado. Fazia-se necessário *simplificá-los*.

Eu escrevera *O caso dos dez negrinhos*, livro tão difícil de fazer que a idéia de escrevê-lo me fascinava. Tinham que morrer dez pessoas, sem que o livro se tornasse ridículo ou o assassino ficasse demasiado óbvio. Escrevi-o depois de elaborar planos tremendos, e fiquei contente com o resultado. Era claro, direto, desconcertante e, todavia, a explicação era perfeitamente razoável; de fato, tive que escrever um epílogo para poder explicá-lo. Foi bem recebido pelo público e pela crítica, mas a pessoa que realmente ficou contente com ele fui eu, porque sabia, melhor do que qualquer crítico, como ele fora difícil.

Agora, daria mais um passo à frente. Pensei comigo mesma que seria interessante transformá-lo em peça de teatro. À primeira vista parecia impossível, porque não sobrava ninguém para contar a história; portanto, teria que modificá-lo. Achava que poderia fazer dele uma excelente obra teatral, desde que modificasse inicialmente a narrativa. Tinha que criar duas personagens inocentes que se reuniriam no final e escapariam à provação. Isso não ia contra o espírito da cantiga de *nursery* original, visto existir

uma versão de *O caso dos dez negrinhos* que termina assim: “Ele se casou e não restou nenhum”.

Escrevi a peça mas não fui encorajada a pô-la em cena: “impossível”, foi o veredicto. Charles Cochran entusiasmou-se, fez o possível para representá-la, mas, infelizmente, não conseguiu persuadir seus financiadores a concordarem com ele. Disseram as coisas do costume — que não seria possível levá-la à cena, que era irrepresentável, que provocaria risadas no público, que não havia tensão nela. Cochran retorquiu firmemente que não estava de acordo — mas o que poderia fazer?

“Espero que você tenha mais sorte com essa peça em outra ocasião”, ele disse, “porque gostaria de vê-la representada.”

A certa altura, porém, tive minha oportunidade. Bertie Mayer, que levava à cena *Alibi* com Charles Laughton e Irene Henschell, montou-a, e, no meu entender, muito bem. Foi interessante assistir a seus processos de trabalho, por serem diferentes dos de Gerald du Maurier. Para começar, ela parecia hesitante, a meus olhos inexperientes, como se não estivesse segura de si própria; à medida, porém, que vi sua técnica desenvolver-se, compreendi como era firme. A princípio ela *sentia* o palco, como se estivesse vendo tudo, e não apenas escutando: os movimentos e as luzes, a aparência de tudo aquilo. Depois, quase como reflexão tardia, concentrava-se de fato no texto. Era eficiente e impressionante. A tensão crescia, e a iluminação com três pequenos *spots*, numa cena em que as luzes se apagam e todo mundo está sentado com velas acesas, surtiu um efeito maravilhoso.

Como a peça foi muito bem representada e podia-se sentir a tensão crescer, o medo e a desconfiança nasceram na platéia. As mortes foram encenadas de modo que jamais, em todas as vezes

que assisti à representação da peça, houvesse a menor sugestão de riso no público nem o conjunto se tornasse ridículo. Não posso dizer que seja a minha peça ou o meu livro de que mais gosto, mas penso realmente que, sob certos aspectos, é um trabalho que exigiu mais *perícia* do que qualquer outra coisa que eu haja escrito. Suponho que foi *O caso dos dez negrinhos* que me lançou no caminho das peças teatrais. Eu estava então decidida a que, de futuro, ninguém mais adaptasse meus livros para teatro, a não ser eu própria: escolheria os livros a serem adaptados e apenas os que eu considerasse adaptáveis.

A seguir, mas muitos anos depois, adaptei outro livro, *A Mansão Hollow*. Lembrei-me um dia, repentinamente, de que *A Mansão Hollow* poderia dar uma boa peça. Conteí minha idéia a Rosalind, que desempenhou na minha vida a inestimável função de tentar desencorajar-me eternamente, porém sem êxito.

“Fazer uma peça de *A Mansão Hollow*, mamãe!”, exclamou, horrorizada. “É um bom livro, gosto dele, mas não é *possível* transformá-lo em peça de teatro.”

“Eu conseguirei”, respondi, estimulada pela oposição.

“Oh, preferia que não fizesse isso”, suspirou Rosalind.

Eu, porém, me divertia, rabiscando idéias para *A Mansão Hollow*. Era decerto, sob alguns aspectos, mais um romance do que uma história policial. *A Mansão Hollow* era um livro que sempre considerei prejudicado pela presença de Poirot. Eu estava acostumada a ter Poirot em meus livros e, naturalmente, ele também figurou nesse romance, mas acho que foi errado. Ele saiu-se bem, mas penso que, como livro, teria sido bem melhor se ele não tivesse aparecido. Assim, quando comecei a esboçar a peça, Poirot saiu de cena.

A Mansão Hollow foi escrita a despeito de muita oposição,

não apenas de Rosalind. Peter Saunders, que produziu muitas peças minhas desde então, foi a pessoa que gostou dela e a lançou. Quando ela alcançou êxito, fiquei tranqüila. É claro que sabia que escrever livros era minha estável e sólida profissão, que poderia continuar inventando enredos e escrevendo meus livros até ficar gagá: nunca me senti desesperada por falta de idéias para mais um livro.

Existem sempre, é certo, três semanas ou um mês que são terríveis, que temos que agüentar firme, quando tentamos começar um novo livro. Não há agonia igual a essa. Sentava-me num quarto, mordendo os lápis e olhando para a máquina de escrever, caminhando pelo quarto ou jogando-me em cima de um sofá, com vontade de chorar! Depois saía, interrompia *alguém* que estava trabalhando — Max, quase sempre, pois ele tem excelente caráter — e dizia: “É horrível, Max, você sabe, acho que esqueci como se escreve um livro! Simplesmente não sou mais capaz! Jamais escreverei outro livro!”

“Oh, sim, claro que escreverá”, dizia Max, confortando-me. A princípio, costumava dizer isso com alguma ansiedade; agora, porém, seus olhos se voltavam de novo para o trabalho, enquanto falava apenas para me acalmar.

“Não, sei que não conseguirei. Não tenho uma idéia sequer! Tive uma idéia, mas agora sinto que não serve.”

“Você sabe muito bem que é uma fase que você superara. Você já sentiu o mesmo antes. Disse a mesma coisa no ano passado. E no ano anterior também.”

“Mas desta vez é diferente”, dizia eu, positivamente certa.

Mas não era diferente, claro, era exatamente a mesma coisa de antes. De todas as vezes esquecia o que sentira antes, o desespero, a infelicidade e a incapacidade de fazer algo criativo. No

entanto, parece que essa fase especial de infelicidade tem que ser vivida. É talvez como colocar os furões à entrada da toca para fazer os coelhos saírem. Até que tenha havido muita perturbação interior, até que se tenham passado várias horas de um tédio total, não nos sentimos normais. Não sabemos o que queremos escrever e, se pegamos num livro para ler, não entenderemos o que estamos lendo. Se quisermos fazer palavras cruzadas, nossa mente não dará atenção ao que estamos fazendo; ficamos paralisados por um sentimento de total desesperança.

Então, por qualquer motivo desconhecido, começa a trabalhar como que um motor interno, começamos a funcionar, compreendemos que o livro está *saindo*, que a neblina está se dissipando. Com absoluta certeza, sabemos o que A quer dizer a B. Podemos sair para a rua, caminhar pela estrada, falando sozinhos, arrebatadamente, repetindo a conversa que, suponhamos, Maud terá com Aylwin, e exatamente em que local estarão, e sabemos também exatamente onde estará o outro homem a espia-los, por trás das árvores, e como o pequeno faisão morto fará com que Maud pense em algo que esquecerá, etc., etc. E voltamos para casa estourando de prazer; ainda não fizemos nada, mas nos sentimos triunfantes — *já está resolvido!*

Naquela ocasião, escrever peças parecia-me fascinante, mas apenas porque não era minha profissão, porque não tinha a sensação de que *devia* escrever uma peça de teatro — tinha apenas que escrever a peça na qual pensava. É muito mais fácil escrever uma obra teatral do que um romance, porque podemos vê-la com os olhos da imaginação e não somos prejudicados por todas as descrições que, num livro, nos estorvam terrivelmente e nos impedem de fazer avançar a ação. Os reduzidos limites de um palco simplificam tudo para o autor. Não temos que seguir a

protagonista escadas acima ou abaixo, ou até o campo de tênis, ou pensar naquilo que temos de escrever. Temos apenas que tratar do que é visível, do que será ouvido ou feito. Tudo com que nos temos de preocupar é o olhar, o escutar e o sentir.

Eu teria que escrever um livro por ano, estava certa disso. Escrever peças seria minha aventura — e seria, também, uma jogada, um desafio. Pode acontecer que uma peça após outra tenha êxito e depois, sem qualquer motivo especial, um autor fracasse. Por quê? Ninguém sabe, realmente. Vi acontecer isso a muitos dramaturgos. Vi fracassarem muitas peças que, em minha opinião, eram tão boas ou tão ruins quanto outras do mesmo autor que haviam obtido sucesso, porque não conseguiram o favor do público, ou porque foram escritas na época errada, ou porque os atores eram diferentes. Sim, não podia estar segura do êxito de minhas peças no teatro. De todas as vezes era, para mim, como um maravilhoso jogo de roleta, e eu apreciava essa sensação.

Soube, quando escrevi *A Mansão Hollow*, que não se passaria muito tempo sem que me sentisse inclinada a escrever novamente para teatro. E pensava comigo mesma que, se fosse possível, escreveria uma peça que não fosse a adaptação de um romance, uma peça que fosse, de saída, escrita para teatro mesmo.

O Caledonia foi um sucesso para Rosalind. Era, acho, um dos melhores colégios que conheci. Todos os professores me pareceram os melhores em suas disciplinas. Certamente conseguiram fazer aparecer o que havia de melhor em Rosalind. Foi a primeira classificada do colégio até o final, embora, como ela me fazia notar, isso não fosse justo, pois havia no colégio uma moça chinesa que era muito mais inteligente do que ela. “E eu sei o que eles pensam: acham que a primeira aluna do colégio deve

ser inglesa.” Calculo também que Rosalind estivesse com a razão.

Do Caledonia, Rosalind foi para o Benenden. Aí, desde o começo, ela se sentiu entediada. Não sei qual o motivo — afinal de contas, era um bom colégio. Ela não estava interessada em estudar por estudar — não existia em Rosalind nada de intelectual. E aquilo de que ela gostava menos eram os assuntos que a mim mais interessariam, tais como história, por exemplo; mas era boa em matemática. Quando eu estava na Síria costumava receber cartas dela insistindo em que a deixasse sair do Benenden: “Realmente, não poderei agüentar mais um ano neste lugar”, escrevia. Todavia, eu achava que, uma vez que iniciara seus estudos, pelo menos deveria terminá-los, de modo que lhe respondia dizendo que, tão logo obtivesse o certificado do curso, poderia deixar o Benenden e escolher outra forma de se instruir.

A srta. Sheldon, a diretora de Rosalind, escrevera-me dizendo que, embora Rosalind estivesse desejosa de obter seu certificado já no período seguinte, não acreditava que ela conseguisse passar nos exames, embora não houvesse motivo algum para que não o tentasse. A diretora, no entanto, enganou-se, pois Rosalind obteve facilmente seu certificado. Passei a imaginar qual o próximo passo que daria minha filha, então com apenas quinze anos de idade.

Concordamos em que iria para o estrangeiro. Max e eu nos empenhamos no que me pareceu uma missão espinhosa — inspecionar vários estabelecimentos educacionais: uma família em Paris, algumas moças em Lausanne, cuidadosamente preparadas, pelo menos três educadores em Lausanne, altamente recomendados, e um instituto em Gstaad, onde as moças podiam fazer esqui e outros esportes de inverno. Nunca tive o dom de

entrevistar pessoas. No momento em que me sentava e me preparava para a entrevista, ficava muda. Apenas *sentia*: “Devo mandar minha filha para junto de você ou não? Como posso saber como você é, realmente? Como poderei descobrir se *ela* vai gostar de ficar aqui, com *você*? E, afinal para que serve tudo isto?” Em lugar de dizer o que me passava nela mente, apenas gaguejava “ahn, ahn” e fazia perguntas que eu própria achava totalmente idiotas.

Depois de muitas consultas familiares, decidimo-nos pela pensão de Mlle Tschumi, em Gstaad. Foi um fiasco. Acho que passei a receber cartas de Rosalind duas vezes por semana: “Este lugar é horrível, mamãe, absolutamente *horroroso*. As moças aqui, bem, você não faz idéia de como são! Imagine que ainda usam *snoods*¹!”

Eu, porém, não *podia* imaginar; não entendia qual o inconveniente de usar *snoods*; de mais a mais, nem sabia o que eram os tais *snoods*!

“Quando saímos, caminhamos duas a duas — duas a duas, imagine! Com a *nossa* idade! E não nos permitem, nem por um segundo, ir ao povoado, para fazer qualquer compra numa loja. É uma coisa horrorosa! É uma verdadeira prisão! Não nos ensinam nada, também. E, quanto a esses banheiros de que me falou, são um verdadeiro logro. Jamais são utilizados. Nenhuma de nós tomou banho uma *única* vez! Nem sequer há água quente ligada! E o esqui fica muito longe. Talvez possamos fazer um pouco de esqui em fevereiro, mas não estamos acreditando que nos levem até lá!”

¹ *Fita usada em torno da cabeça, especialmente na Escócia, por moças solteiras. (N. da T.)*

Libertamos Rosalind de seu cárcere e enviamos-la, primeiro, para uma pensão em Château d'Oex e, depois, para uma simpática família, com hábitos de vida um tanto antiquados, em Paris. Em nosso regresso da Síria, apanhamos-la em Paris, dizendo que esperávamos que, pelo menos, soubesse falar francês. “Mais ou menos”, respondeu cautelosamente, para não nos deixar ouvir uma só palavra nessa língua. Nesse momento, notou que o motorista do táxi que pegáramos na Estação de Lyon, para nos conduzir à casa de Mme Laurent, tomava um caminho mais longo e desnecessário. Rosalind baixou o vidro, esticou a cabeça e dirigiu-se a ele em francês fluente, perguntando-lhe por que seguira por aquelas ruas e explicando-lhe o melhor caminho. Ele ficou imediatamente rendido e eu, encantada, porque de outro jeito me seria difícil descobrir se Rosalind sabia ou não falar francês.

Mme Laurent e eu tivemos uma conversa amistosa. Assegurou-nos que Rosalind se comportara admiravelmente, sempre *très comme il faut*¹. Porém, disse: “*Madame, elle est d'une froideur — mais d'une froideur excessive! C'est peut-être le phlegme britannique*”².

Respondi apressadamente que estava certa de que era isso mesmo, *le phlegme britannique*. De novo Mme Laurent me garantiu que tentara ser como uma mãe para Rosalind. “*Mais cette froideur — cette froideur anglaise!*”

Mme Laurent suspirou, lembrando-se de como haviam sido rejeitados os esforços de seu expansivo coração.

¹ “Muito convenientemente.” Em francês no original. (N. do E.)

² “Senhora, ela é de uma frieza — uma frieza excessiva!. Deve ser a fleuma britânica.” Em francês no original. (N. do E.)

Rosalind ainda teria que agüentar mais seis meses, ou talvez um ano, de estudo. Passou-os com uma família, perto de Munique, aprendendo alemão. A seguir iria para Londres, na temporada elegante.

Aí seu êxito foi decisivo; considerada uma das mais belas debutantes do ano, divertiu-se muito. Acho que essa temporada foi muito útil para ela, deu-lhe confiança em si própria e boas maneiras. Também a curou do louco desejo de continuar indefinidamente na agitação social. Confessou ter gostado das experiências que fizera, mas que não tinha a menor intenção de continuar com uma vida tão estúpida.

Abordei a idéia de um emprego, falando com Rosalind e sua grande amiga Susan North.

“Todos nós temos que escolher algo para fazer”, disse-lhe ditatorialmente. “Não me importo com o que você escolher. Por que não aprende a ser *masseuse*¹? Poderá ser de grande utilidade, mais tarde, na vida. Ou talvez você goste mais de arrumar flores.”

“Oh, é o que todo mundo está fazendo”, comentou Susan.

Algum tempo depois, as duas moças vieram falar comigo, dizendo-me que gostariam de fazer fotografia. Fiquei feliz. Eu própria teria gostado de aprender fotografia. Era eu quem fazia a maior parte das fotografias nas escavações, e achava que me teriam sido úteis algumas aulas num estúdio, pois sabia muito pouco dessa arte, e muitos dos objetos descobertos tinham que ser fotografados ao ar livre. Como muitos deles permaneciam na Síria, era importante que conseguíssemos as melhores fotografias. Alonguei-me entusiasticamente sobre esse assunto, e as moças romperam em incontroláveis risadas.

¹ “*Massagista*.” Em francês no original. (N. do E.)

“Nós não pretendemos fazer o que a senhora está pensando”, disseram. “Não estamos interessadas em aulas de fotografia.”

“O que vocês estão querendo, afinal?”, perguntei, desconcertada.

“Pretendemos ser fotografadas de maiô, e esse gênero de coisas, para publicidade comercial.”

Fiquei horrivelmente chocada.

“Você, Rosalind, não vai ser fotografada de maiô para comerciais. Não quero mais ouvir falar nesse assunto.”

“Mamãe, a senhora é tão quadrada!”, disse Rosalind com um suspiro. “Tantas moças estão sendo fotografadas para publicidade! E sentem uma inveja terrível umas das outras.”

“E nós também conhecemos alguns fotógrafos”, disse Susan. “Acho que conseguiríamos persuadir um deles a fotografar uma de nós para um anúncio de sabonete.”

Continuei a vetar o projeto. Por fim, Rosalind informou-me que teria aulas de fotografia. “Poderia”, disse, “ser modelo nas aulas de fotografia; não é necessário ser fotografada de maiô, poderei inclusive ser fotografada com roupas até o pescoço, se a senhora deixar.”

Um dia, fui à Escola de Fotografia Comercial Reinhardt e acabei ficando tão interessada que, quando voltei para casa, tive que confessar que me inscrevera, *eu própria*, para fazer um curso de fotografia, e não a *elas*. Quase morreram de rir. “Foi mamãe que ficou fascinada, em vez de nós!”

“Pobre querida, vai ficar tão cansada!”, comentou Susan. E fiquei mesmo! Depois do primeiro dia subindo e descendo vários lances de escada, fotografando e revelando minhas fotos, que eu fazia sobre qualquer assunto, fiquei totalmente extenuada.

A Escola de Fotografia Comercial Reinhardt era composta de

diferentes seções, incluindo uma de fotografia comercial; um de meus cursos era nessa seção. Nesse tempo, a voga em fotografia era fazer com que o que se fotografasse se parecesse o menos possível com a realidade. Colocavam-se seis colheres de sopa em cima de uma mesa, depois subia-se a uma escada e, debruçada lá de cima, conseguia-se realizar a fotografia, deformada pela posição, ou desfocada. Havia também a tendência a fotografar um objeto não no centro de uma placa, mas no canto esquerdo, ou algo assim, ou um rosto que era somente a metade de um rosto. Tudo isso era a última moda. Tomei como modelo uma cabeça esculpida em faia e fiz com ela várias experiências, utilizando toda espécie de filtros — vermelhos, verdes, amarelos — e estudando os diversos efeitos que era possível obter assim.

Quem não partilhava do meu entusiasmo era meu pobre Max. Queria que suas fotografias fossem exatamente o oposto do que eu estava fazendo. As coisas deveriam, segundo ele, parecer exatamente o que eram, com todos os pormenores possíveis, com a perspectiva exata, etc.

“Você não acha que esse colar assim fica *sem graça?*”, perguntava-lhe.

“Não, não acho”, Max respondia. “Quero que pareça o que é. E você não utilizou aí a escala de medidas.”

“Não, porque se botar nessa foto uma varinha com as medidas vou arruinar o lado artístico. Ficaré horrível!”

“Você tem que mostrar o tamanho do objeto”, disse Max. “É da maior importância!”

“Você não acha que pode escrever as medidas por baixo, no título?”

“Não é a mesma coisa. É preciso ver exatamente a escala.”

Eu suspirava. Admitia que fora traída por minhas

inclinações artísticas e me afastara do que prometera fazer, de modo que pedia a meu professor que me ensinasse a fotografar as coisas na perspectiva exata. Ele ficou um pouco entediado e reprovou os resultados. Todavia, isso me seria depois muito útil.

Pelo menos, eu aprendera que não se fazia uma fotografia primeiro e outra depois só porque a primeira não saíra bem. Ninguém na Escola Reinhardt jamais tirava menos de dez negativos de *qualquer* assunto; muitos faziam até vinte. Era singularmente exaustivo, e eu voltava para casa tão cansada que chegava a desejar não ter começado o curso. Mas na manhã seguinte o cansaço desaparecia...

Houve um ano em que Rosalind viajou também à Síria, e acho que ela gostou de ter visitado nossas escavações. Max conseguiu que fizesse alguns desenhos. A verdade é que ela desenhava excepcionalmente bem, e fez um bom trabalho; o que há de errado com Rosalind é que, ao contrário de sua despreocupada e feliz mãe, ela é perfeccionista. A menos que consiga que algo resulte tão perfeito quanto queria, inutiliza todo o trabalho. Rosalind fez uma série desses desenhos e depois disse a Max: “Não estão muito bons, realmente. Acho melhor rasgá-los”.

“Não rasgue coisa nenhuma”, disse Max.

Tiveram então uma discussão enorme; Rosalind ficou tremendo de raiva e Max também se zangou. Mas os desenhos dos potes pintados acabaram salvos e apareceram no livro de Max sobre Tell Brak; Rosalind, porém, nunca se mostrou satisfeita com eles.

O xeque forneceu-nos cavalos, e Rosalind passeava acompanhada por Guilford Bell, o jovem arquiteto sobrinho de

minha amiga australiana Aileen Bell. Era um excelente rapaz, e desenhava muito bem. Fez alguns desenhos a lápis extraordinariamente belos de nossos amuletos de Tell Brak. Esses amuletos eram objetos pequeninos e belíssimos: rãs, leões, carneiros e touros; a delicadeza do traço de Guilford e seu sombreado no desenho a lápis eram perfeitos.

Nesse verão, Guilford passou uma temporada conosco em Torquay; um dia soubemos que estava à venda uma casa que eu conhecera quando menina — a Greenway House, perto do Dart, uma casa de que minha mãe sempre falava (e eu pensava como ela) como a mais perfeita das várias que existiam na região.

“Vamos dar uma olhada”, propus. “Terei imenso prazer em vê-la de novo. Não volto lá desde que, em menina, a visitava com minha mãe.”

Assim, fomos até a Greenway House; realmente, a casa e os terrenos que a rodeavam continuavam lindíssimos. Era uma residência georgiana, de cerca de 1780 ou 1790, com um bosque que descia suavemente até o Dart e muitas árvores e arbustos — a casa ideal, um sonho de casa. Como tínhamos autorização para visitá-la, perguntei o preço, embora sem muito interesse. Quando me responderam, pareceu-me que não escutara corretamente a resposta.

“*Dezesseis mil, foi o que disse?*”

“Seis mil.”

“Seis mil?” Não podia acreditar! Voltamos, comentando o assunto. “É incrivelmente barata”, disse eu. “São trinta e três acres de terra. Não parece em mau estado. Só precisa ser um pouco restaurada, nada mais.”

“Por que não compra essa casa?”, perguntou Max.

Fiquei tão sobressaltada por essa idéia ter partido de Max

que minha respiração parou.

“Você tem tido problemas com Ashfield, não é mesmo?”

Então entendi o que queria dizer. Ashfield, que sempre considerara o meu lar, mudara muito. Em outros tempos, as casas dos vizinhos rodeavam a nossa, ou vilas do mesmo gênero, mas agora, bloqueando a vista da parte mais estreita do jardim, havia o edifício de uma grande escola entre nós e o mar. Todo dia escutávamos os gritos das crianças. Do outro lado, fora construída uma clínica para doentes mentais. Às vezes, ruídos estranhos chegavam até nós e, no jardim, apareciam-nos subitamente doentes da clínica. Não eram doentes mentais declarados, de modo que, presumo, podiam circular livremente. Tivéramos já alguns incidentes desagradáveis. Um coronel moreno apareceu certo dia, de pijama, agitando um taco de golfe, decidido a matar todas as toupeiras do jardim; de outra vez surgiu para atacar um cão que latira. As enfermeiras pediam desculpas, levavam-no de volta e diziam que ele estava bem, apenas um pouco “perturbado”; mas o fato era alarmante, e, uma ou duas vezes, crianças que estavam em nossa casa se haviam assustado.

Antigamente, em redor de Torquay, tudo eram campos verdes — três casas no alto da colina e o caminho que findava nos campos. Os viçosos e verdes prados onde eu costumava espiar os cordeirinhos, na primavera, tinham dado lugar a inúmeras casas pequenas. Não morava nessa estrada mais ninguém que conhecêssemos. Era como se Ashfield se tivesse tornado um arremedo do que fora.

Apesar de tudo, não havia motivo para que eu comprasse a Greenway House. Mas como me sentia atraída por essa casa! Sempre soubera que Max não gostava, realmente, de Ashfield. Não porque ele tenha dito isso — mas eu sabia. Acho que, de certa

forma, sentia ciúmes da casa, pois ela fora uma parte de minha vida que eu não partilhara com ele — era só minha. E Max dissera espontaneamente acerca da Greenway House: “Por que você não a compra?”

Portanto, fizemos nossas investigações. Guilford ajudou-nos. Viu a casa sob o ponto de vista profissional e disse-nos: “Bem, vou dar *meu* conselho: botem abaixo metade do edifício”.

“Derrubar metade da casa!”

“Sim. Vocês sabem, toda a parte dos fundos é vitoriana. Vocês podiam deixar só a casa primitiva, a casa de 1790, e derrubar tudo o que foi acrescentado posteriormente, o salão de bilhar, o escritório, esses quartos e banheiros novos do andar de cima. Ficaria uma casa muito melhor, muito mais leve. A casa original é, de fato, uma beleza.”

“Se derrubarmos esses banheiros vitorianos ficaremos sem nenhum”, eu disse.

“Bem, acho que vocês poderiam construir facilmente os banheiros no último andar. E outra coisa ainda: essa obra baixaria bastante os impostos.”

Assim, compramos a Greenway House. Encarregamos Guilford da restauração, e ele desenhou a casa novamente em suas linhas primitivas. Fizemos os banheiros no andar de cima e um pequeno vestiário no de baixo, mas o resto deixamos como estava. Lamento não ter tido, nessa altura, o dom da premonição — se assim fosse, teria derrubado ainda outro grande pedaço da casa: a vasta despensa, os grandes porões onde se preparavam os porcos, o galpão de lenha, as várias copas. Em vez de tudo isso, teria instalado uma cozinha pequena, cômoda e bonita, de onde

pudesse facilmente ir até a sala de jantar em poucos passos, e que seria fácil arrumar sem ajuda de ninguém. Jamais me ocorreu, porém, que chegaria o dia em que eu não teria nenhuma ajuda no trabalho doméstico; por isso, deixamos a ala da cozinha como estava. Quando o acabamento, todo em branco, ficou pronto, mudamo-nos para lá.

Logo depois, e exultantes em nossa nova casa, fomos atingidos pela Segunda Guerra. Não foi tão imprevista quanto a de 1914. Tivéramos avisos: Munique, por exemplo. Mas déramos ouvidos às tranqüilizantes palavras de Chamberlain e pensáramos que o que ele dissera, “paz no nosso tempo”, pudesse ser verdade.

Não teríamos, porém, paz no nosso tempo.

Décima parte
A SEGUNDA GUERRA

I

E a guerra voltou, uma vez mais. Não foi como a anterior. Esperávamos que fosse, porque sempre esperamos que as coisas se repitam. A Primeira Guerra veio com um choque de incompreensão, como algo inaudito, impossível, algo que jamais acontecera, na memória da humanidade, e que jamais aconteceria! Esta foi diferente.

De princípio, houve uma surpresa incrédula por não estar se passando nada. Esperávamos que Londres fosse bombardeada na primeira noite. E Londres não foi bombardeada.

Parece-me que todo mundo tentou telefonar a todo mundo. Peggy MacLeod, minha amiga médica dos tempos de Mossul, telefonou da costa leste, onde exercia sua profissão, com seu marido, perguntando-me se eu poderia tomar conta dos filhos deles. Disse-me: “Estamos tão assustados aqui! Estão dizendo que é por aqui que tudo vai começar. Se você puder ficar com meus filhos, vou já pegar o automóvel para levá-los”. Respondi que estava bem: podia trazer as crianças e a *nurse* também, se quisesse.

Peggy MacLeod chegou no dia seguinte, depois de dirigir um dia e uma noite completos, atravessando a Inglaterra com Crystal, minha afilhada, de três anos de idade, e David, de cinco. Peggy estava exausta. “Não sei se teria conseguido tudo isso sem Benezdrine”, disse ela. “Olhe, trouxe um pouco comigo. É melhor que o dê a você. Poderá ser-lhe útil quando estiver completamente

exausta.” Eu ainda tenho aquela latinha chata de Benzedrine: nunca a utilizei. Guardei-a, talvez como uma espécie de reserva para o momento em que me sentisse realmente exausta.

Organizamo-nos mais ou menos e ali ficamos, à espera do que iria acontecer. Mas, como não aconteceu nada, pouco a pouco recomeçamos a viver nossa vida habitual, a retomar nossas ocupações de rotina e algumas atividades adicionais devido à guerra.

Max alistou-se num corpo de voluntários que, nesse tempo, parecia integrar uma ópera cômica. Quase não dispunham de armas — uma para cada oito homens, parece. Max costumava sair todas as noites com eles. Alguns desses homens divertiam-se muito — e algumas esposas andavam já muito desconfiadas quanto ao que os maridos andavam fazendo, sob pretexto de vigiar a região. Os meses se passavam e realmente não acontecia nada, e esses encontros foram se tornando alegres e tumultuosos. Por fim, Max decidiu ir para Londres. Como todo mundo, ele pedia que o convocassem para combater no exterior, pedia que lhe dessem algo que fazer — mas tudo o que lhe diziam era: “Por agora, não se pode fazer nada”. Ninguém era necessário.

Fui ao hospital de Torquay e perguntei se me deixariam trabalhar no dispensário, para refrescar minha memória e meus conhecimentos, caso pudessem ser úteis mais tarde. Como a qualquer momento eram esperados os feridos, a enfermeira-chefe mostrou vontade de me aceitar. Atualizou meus conhecimentos, familiarizando-me com os vários remédios então receitados. No geral, era muito mais simples do que em meus tempos de mocidade, com tantas pílulas, tabletes, pós e outros ingredientes já preparados em vidros!

A guerra começou não em Londres, nem na costa leste, mas

na nossa região. David MacLeod, menino muitíssimo inteligente, era doido por aviões e fazia grande esforço para me ensinar a distinguir os vários tipos. Mostrava-me os desenhos dos Messerschmitts e de outros tipos de aviões, e apontava-me os Hurricanes e Spitfires no céu.

“Será que você entendeu, desta vez?”, perguntou-me certo dia ansiosamente. “Você sabe o que é *aquilo* lá em cima?”

Estava tão distante o avião que para mim era apenas um ponto no céu; porém, disse esperançosamente que era um Hurricane.

“Não”, David replicou, desgostoso. “Você sempre erra! É um Spitfire!”

No dia seguinte, comentou, olhando para o céu: “Esse aí, que está se aproximando, é um Messerschmitt”.

“Não, não, meu querido”, disse eu, “não é um Messerschmitt. É um dos nossos, é um Hurricane.”

“Não é um Hurricane.”

“Bem, então só pode ser um Spitfire.”

“Não é um Spitfire! É um Messerschmitt! Será que você não distingue um Hurricane de um Spitfire ou de um Messerschmitt?”

“Mas não pode ser um Messerschmitt!”, disse eu. Nesse momento duas bombas caíram na vertente da colina.

David olhou para mim, chorando. E com voz lamentosa: “Eu disse que era um Messerschmitt”.

Na mesma tarde, quando as crianças andavam de barca com a *nurse*, um avião baixou repentinamente e disparou com a metralhadora contra elas. As balas passaram perto da *nurse* e das crianças, e ela voltou para casa muito nervosa. “Acho que seria melhor telefonar para a sra. MacLeod”, disse. Telefonei a Peggy e conversamos acerca do que poderíamos fazer.

“Aqui não está acontecendo nada”, disse Peggy. “Suponho que poderá começar a qualquer momento. Não acho prudente as crianças voltarem para cá. O que você acha?”

“Talvez não aconteça mais nada”, falei.

David ficara excitado com as bombas e insistia em ver se haviam caído mais algumas. Duas tinham caído em Dittisham, junto do rio, e outras na colina, por trás de nossa casa. Soubemos disso porque demos um passeio pelos campos, através das urtigas e cercas vivas, e chegamos a um local onde três camponeses examinavam a cratera que uma das bombas abrira no campo, perto da qual estava a outra bomba, que não explodira.

“Diabos as carreguem”, disse um dos camponeses, dando um vigoroso pontapé na bomba que não explodira, “essas coisas malditas, estão mandando essas coisas malditas para cima de nós!”

Vibrou novo pontapé na bomba. A mim parecia-me mais seguro que não continuasse dando pontapés na bomba, mas, obviamente, ele desejava mostrar seu desprezo por todas as obras de Hitler.

“Nem sequer sabe explodir!”, continuou, desdenhoso.

Todas essas bombas eram bem pequenas, comparadas com as que veríamos mais tarde; o fato, porém, era que as hostilidades *havia* sido iniciadas. No dia seguinte recebemos notícias de Cornwirthy, um pequeno vilarejo junto do Dart: aí, um avião, em vôo rasante, metralhara o pátio da escola onde as crianças brincavam. Uma das professoras fora atingida no ombro.

Peggy telefonou-me novamente e disse-me que conseguira que as crianças fossem para Colwyn Bay, onde morava a avó deles. Parecia ainda um lugar pacífico.

As crianças partiram, e fiquei terrivelmente triste por me

separar delas. Em breve a sra. Arbuthnot escreveu-me pedindo-me que lhe alugasse a casa. Agora que os bombardeios haviam começado, as crianças estavam sendo evacuadas para vários lugares da Inglaterra. Ela desejava alugar a Greenway House para transformá-la numa *nursery* para crianças evacuadas de St. Pancras.

A guerra parecia ter se afastado de nossa região; não houve mais bombardeios; na devida altura chegaram o sr. e a sra. Arbuthnot; ficaram com meu mordomo e sua mulher e estabeleceram-se em minha casa com duas enfermeiras profissionais e dez crianças com menos de cinco anos de idade. Eu decidira ir para Londres, juntar-me a Max, que trabalhava no Reforço Turco.

Cheguei a Londres logo depois dos primeiros reides, e Max, que fora me esperar em Paddington, levou-me para um apartamento na Half Moon Street. “Receio que seja muito ruim”, disse, desculpando-se. “Podemos depois procurar outro.”

O que me desconcertou um pouco, quando cheguei, foi o fato de o edifício ser isolado, espetado igual a um dente, sem quaisquer outras construções de ambos os lados. Havia sido atingido por uma bomba dez dias antes e, como os proprietários haviam largado o apartamento, nos foi possível alugá-lo. Não posso dizer que me tenha sentido muito bem. Cheirava horrorosamente a lixo, gordura e perfume barato.

Max e eu mudamos, passada uma semana, para um apartamento na Park Place, perto da St. James’s Street. Os serviços domésticos estavam incluídos, mas era bastante caro. Moramos aí por algum tempo, o estampido das bombas à nossa volta, por todo lado. Eu sentia pena dos empregados, que tinham de servir as refeições da noite e depois iam para suas casas sob os

reides aéreos.

Nessa altura, nossos inquilinos da Sheffield Terrace perguntaram-nos se podiam deixar o apartamento. Mudamos então para lá.

Rosalind preencheram os formulários para se alistar no WAAF¹, mas não sentia entusiasmo especial por esse serviço e achava que, afinal, teria preferido outra ocupação.

Foi a uma entrevista no WAAF e demonstrou uma lamentável falta de tato. Quando lhe perguntaram por que se alistara, respondeu apenas: “Porque temos que agir e isto aqui é tão útil quanto qualquer outra coisa”. Embora sincera, a resposta não foi, acho, bem recebida. Um pouco mais tarde, depois de um breve período em que andou entregando refeições a colegiais e trabalhando em não sei que escritório militar, também não sei onde, disse que talvez fosse melhor alistar-se no ATS². Lá não eram, em sua opinião, tão despóticos quanto no WAAF. Preencheu novos formulários.

Nessa altura, Max, com grande alegria, foi para a força aérea, ajudado por nosso amigo Stephen Glanville, que era professor de egiptologia. Ele e Max serviam no Ministério do Ar, onde partilhavam o mesmo quarto, ambos — Max com seu cachimbo — fumantes incuráveis. A atmosfera do quarto deles era tal que os amigos o denominaram “a pequena casa dos gatos”.

¹ *Women's Auxiliary Air Force: Serviço Auxiliar Feminino de Força Aérea. (N. do E.)*

² *Auxiliary Territorial Service: Serviço Auxiliar Territorial, organizado em 1941 para mulheres que serviam no exército britânico. (N. do E.)*

Os acontecimentos sucediam-se confusamente. Recordo que a Sheffield Terrace foi bombardeada num fim de semana, quando estávamos ausentes de Londres. Uma bomba caiu exatamente em frente de nosso apartamento, do outro lado da rua, e destruiu totalmente três prédios. O efeito que teve no número 48 foi o de fazer ir pelos ares o local que poderia ter sido considerado o mais seguro, isto é, o porão, causando também danos no telhado e no último andar. O térreo e os andares mais baixos não sofreram qualquer avaria. Mas meu piano Steinway nunca mais foi o mesmo.

Como Max e eu sempre dormíamos em nosso quarto e jamais íamos para o porão, não teríamos sofrido nenhum prejuízo pessoal mesmo que estivéssemos em casa durante o bombardeio. Nunca fui para nenhum abrigo durante a guerra. Sempre me deu horror pensar que poderia ficar lá fechada como numa armadilha, debaixo da terra; assim, sempre dormi em minha própria cama, estivesse onde estivesse. Por fim, acostumei-me aos reides aéreos em Londres — de tal maneira que quase não me acordavam. Sonolenta, escutava as sirenes ou as bombas que explodiam não muito longe.

“Ai, ai, lá estão eles de novo!”, resmungava, e virava-me na cama para o outro lado.

Uma das dificuldades que enfrentamos com o bombardeio da Sheffield Terrace foi que, por essa época, havia pouco espaço para armazenamento, em Londres; no estado em que a casa ficou, era difícil entrar pela porta da frente, e só tínhamos acesso por uma escada. Por fim, consegui que uma firma fizesse a mudança e tive a idéia de guardar o mobiliário em Wallingford, no salão de *squash* que mandáramos construir havia mais ou menos um ano. De modo que foi tudo para lá. Enviei também operários, prontos a

retirar a porta do salão de *squash* se necessário — o que realmente aconteceu, porque o sofá e as cadeiras não entravam.

Max e eu mudamos então para um bloco de apartamentos em Hampstead — o Lawn Road Flats —, e comecei a trabalhar no dispensário do hospital da universidade.

Quando Max me comunicou (o que ele já sabia há algum tempo, acho) que teria de ir para o Mediterrâneo, provavelmente para a África do Norte ou o Egito, fiquei contente por ele. Eu sabia que estava querendo ir, e também me parecia certo que utilizasse devidamente seu conhecimento da língua árabe. Era nossa primeira separação, ao cabo de dez anos.

O Lawn Road Flats era um bom lugar para mim. Havia ali boa gente. E também um pequeno restaurante, com uma atmosfera informal e “feliz”. Da janela de meu quarto, num segundo andar, avistava uma ladeira plantada com árvores e arbustos. Exatamente em frente de minha janela havia uma grande e branca cerejeira que atingira a forma de uma pirâmide. O efeito dessa ladeira era muito semelhante àquele do segundo ato de *Dear Brutus*, de Barrie, quando as personagens se viram para a janela e descobrem que o bosque de Lob chegou até as janelas. A cerejeira era especialmente propícia, pois, quando eu acordava na primavera, me alegrava logo pela manhã.

Existia um pequeno jardim no fim de um dos apartamentos, e nas noites de verão podíamos tomar nossas refeições ou permanecer sentados lá. Hampstead Heath também ficava a dez minutos de caminhada, e eu costumava passear lá com James, o cão *sealyham* de Carlo. Tinha-o comigo porque Carlo trabalhava agora numa fábrica de munições e não podia cuidar dele. Eram muito simpáticos comigo no University College Hospital: deixavam que eu o levasse comigo para o dispensário. James comportava-se

impecavelmente. Estendia seu corpo, que parecia uma salsicha branca, debaixo das prateleiras das garrafas e ali ficava, aceitando, ocasionalmente, as atenções da faxineira quando ela fazia a limpeza.

Rosalind fora recusada afortunadamente no WAAF e em várias outras espécies de trabalhos auxiliares do exército, sem se empenhar, tanto quanto pude julgar, em nada de especial. Decidiu ingressar no ATS e preencheu grande número de formulários, com datas, locais, nomes e toda a desnecessária informação que a burocracia exige. Depois, subitamente, declarou: “Esta manhã rasguei todos os formulários. Afinal, não ingressarei no ATS”.

“Mas, Rosalind”, disse eu, com severidade, “você tem que tomar uma decisão a respeito das coisas. Não me preocupo com o que você faz — pode fazer exatamente o que lhe der na veneta —, mas não continue a iniciar tarefas a que não dá seqüência, rasgando formulários e mudando de idéia o tempo todo.”

“Bem, é que pensei numa coisa melhor para fazer”, disse Rosalind. E acrescentou, com a relutância em dar informações aos pais que parece existir em toda gente jovem: “Na verdade vou me casar com Hubert Prichard, na próxima terça-feira”.

Não era uma surpresa total para mim, exceto a data tão próxima.

Hubert Prichard era um major do exército regular, nativo do País de Gales; Rosalind conhecera-o em casa de minha irmã, que ele fora visitar na qualidade de amigo de meu sobrinho, Jack. Fora, certa ocasião, passar conosco uns dias na Greenway House, e eu gostara muito dele. Era tranqüilo, moreno, extremamente inteligente e gostava muito de galgos, que possuía em grande

número. Ele e Rosalind eram amigos desde há algum tempo, mas eu havia abandonado a idéia de que daquela amizade pudesse resultar outra coisa.

“Suponho”, disse Rosalind, “suponho que queira assistir ao casamento, não é, mamãe?”

“É claro que quero ir a seu casamento.”

“Eu imaginei que iria... Mas, realmente, acho que não é preciso espalhafato. Quero dizer, não lhe parece que seria muito mais simples e menos cansativo para a senhora se não fosse? Nós nos casaremos em Denbigh, sabe, porque ele não está de licença.”

“Está tudo bem”, garanti. “Irei a Denbigh.”

“Mas tem certeza de que quer ir?”, disse Rosalind, com uma última esperança.

“Sim”, disse com firmeza. Em seguida acrescentei: “Estou bastante surpresa porque você me comunicou que vai se casar, em vez de me anunciar seu casamento depois de efetuado”.

Rosalind ruborizou-se, e vi que havia acertado.

“Foi Hubert que insistiu para que *você* contasse...”

“Bem, bem... sim”, disse Rosalind. “De certo modo, foi. Também me fez notar que eu ainda não tenho vinte e um anos.”

“Pois bem”, disse eu, “talvez então seja melhor você se resignar a que eu vá a seu casamento.”

Sempre existira em Rosalind algo reservado, ela sempre fora fechada como uma ostra, e isso sempre nos fizera rir; por isso, não pude deixar de rir, também, nesse momento.

Viajei de trem com Rosalind até Denbigh. Hubert veio buscá-la no hotel, pela manhã. Acompanhava-o um oficial, seu colega, e fomos todos até o cartório, onde se efetuou a cerimônia, com o mínimo de *espalhafato!* O único senão foi que o idoso funcionário do cartório se recusou a acreditar que o nome e a patente do pai

de Rosalind estivessem corretos: “Coronel Archibald Christie, CMG, DSO, RFC”.

“Se ele estava na força aérea, não pode ser coronel”, disse o homem do cartório.

“Mas *é*”, afirmou Rosalind. “Essa é a sua patente, e esses, os seus títulos.”

“Tem que ser um comandante”, disse o homem.

“Não, ele *não é* comandante”, disse Rosalind, e explicou o melhor que podia que, vinte anos antes, a RAF ainda não existia. O homem do cartório continuou afirmando que nunca ouvira falar disso, de modo que juntei meu testemunho ao de Rosalind; finalmente, resmungando, ele rendeu-se.

II

O tempo passava e agora não parecia um pesadelo, mas algo muito antigo, que *sempre* existira. De fato, agora era natural esperar morrer de súbito, e isso também poderia acontecer às pessoas que mais amávamos, pois estávamos sempre escutando notícias da morte de amigos queridos. Janelas quebradas, bombas lança-minas e, mais tarde, as bombas e foguetes voadores, todas essas coisas eram realidade e ninguém as encarava mais como algo extraordinário, mas como se fossem perfeitamente naturais. Depois de três anos, a guerra tornou-se um acontecimento de todos os dias. Nem sabíamos como seria mais tarde um tempo sem guerra.

Eu tinha muito com que me ocupar. Trabalhava dois dias completos, três meios períodos e domingos alternados no hospital. O resto do tempo, escrevia.

Decidira-me a escrever dois livros simultaneamente, visto que uma das dificuldades de escrever um livro é que, de repente, sente-se que ele está cediço, estagnado dentro de nós. Nessa altura temos que colocá-lo de parte e fazer outras coisas — mas eu não tinha outras coisas para fazer. Não sentia, contudo, o menor desejo de ficar parada, cogitando em tristezas. Acreditei que, se escrevesse dois livros ao mesmo tempo, me manteria cada vez mais animada nessa tarefa. Um deles foi *Um corpo na biblioteca*, que há tempos eu pensava escrever; o outro era *M ou N?*, uma história de espionagem que era, de certo modo, a continuação de *O inimigo secreto*, na qual apareciam Tommy e Tuppence. Agora, com um filho e uma filha já crescidos, Tommy e Tuppence andavam entediados porque ninguém mais precisava deles em tempo de guerra. Contudo, fizeram uma esplêndida reaparição, como um casal já de meia-idade, e partiram na pista dos espões com o mesmo entusiasmo da mocidade.

Ao contrário do que algumas pessoas pensaram, nunca tive, durante a guerra, dificuldade em escrever. Suponho que isso se deve ao fato de eu ter criado uma espécie de compartimento especial em minha mente. Eu podia viver dentro de meus livros, viver com as pessoas sobre as quais escrevia, murmurando as suas conversas e vendo-as caminhar pelo quarto que para elas inventara.

Uma ou duas vezes fui passar alguns dias com Francis Sullivan, o ator, e sua mulher. Possuíam uma casa em Haslemere, rodeada de castanheiros espanhóis.

Durante a guerra, achava muito repousante conviver com atores, porque, para eles, o ato de *representar* e o mundo do teatro é que eram o mundo *real*. A guerra era um demorado pesadelo que evitava que continuassem vivendo suas vidas de maneira normal,

de modo que as conversas deles eram acerca da gente de teatro, tudo o que se passava no mundo do teatro. Era maravilhosamente confortador.

Depois, voltava para o Lawn Road Flats, cobria meu rosto com uma almofada para protegê-lo dos estilhaços de vidro e colocava numa cadeira a meu lado minhas duas preciosidades: meu casaco de peles e minha bolsa de água quente — uma bolsa de água quente, algo insubstituível, naquele tempo. Assim, eu estava pronta para todas as emergências.

Sucedeu então algo inesperado. Abri uma carta e encontrei uma notificação do Almirantado, que se preparava para se apossar da Greenway House, praticamente sem aviso prévio.

Fui até lá e encontrei um amável e jovem tenente da marinha. Ele quase não dispunha de tempo para me atender. Não ficara impressionado com o compromisso existente com a sra. Arbuthnot, a qual, depois de tentar lutar contra a ordem, agora só pedia que lhe dessem tempo para conferenciar com o Ministério da Saúde, a fim de saber para que localidade teria que mudar sua *nursery*. O ministro da Saúde não perdeu tempo algum, quando se viu em oposição ao Almirantado. Houve ordem para evacuar a casa e, assim, fiquei com mais uma mudança a fazer! O pior é que não existia nenhum local para onde ir com a mobília. Mais uma vez não havia espaço em parte alguma, nem galpão disponível: todos já estavam cheios até o teto. Por fim, dirigi-me ao Almirantado, e eles concordaram em que eu utilizasse uma sala, na qual todo o mobiliário poderia ficar, além de um pequeno cômodo no último andar.

Enquanto o trabalho de mudança progredia, Hannaford, o jardineiro, que era um velho cão fiel, dedicado aos patrões a quem servira por tanto tempo, chamou-me de parte e disse: “Veja o que

salvei para a senhora, o que tirei deles”. Eu não fazia a menor idéia do que ele queria dizer, mas acompanhei-o à torre do relógio, por cima das cavalariças. Aí, passando por uma espécie de porta secreta, mostrou-me uma enorme quantidade de cebolas espalhadas no chão, cobertas com palha, e também pilhas de maçãs.

“A outra veio ter comigo, antes de ir embora, e disse que, se existissem algumas cebolas e maçãs, ela iria levá-las, mas eu não ia deixar. Nada disso! Não permitiria! Disse-lhe que quase toda a colheita fora ruim, e só lhe dei algumas para comer. Ora, as maçãs nasceram *aqui* e as cebolas também, ela não tinha por que levá-las para as Midlands, ou para a costa leste, ou aonde quer que vá!”

Fiquei comovida com a mentalidade feudal de Hannaford, embora a situação não pudesse ser mais embaraçosa. Preferia mil vezes que a sra. Arbuthnot tivesse carregado as maçãs e as cebolas; agora enchiam minhas mãos, enquanto Hannaford abanava a cauda, como um cachorro que tivesse ido buscar no rio algo de que nos tivéssemos querido desfazer.

Enchemos caixotes e caixotes de maçãs, e enviei-as a todas as pessoas minhas conhecidas que tinham crianças e que poderiam apreciá-las. Não podia imaginar-me regressando ao Lawn Road Flats com duzentas cebolas. Tentei oferecê-las aos hospitais, mas parece que por toda parte havia fartura de cebolas.

Embora o Almirantado estivesse conduzindo as negociações, seria a marinha dos Estados Unidos que tomaria conta da Greenway House. A Maypool, uma casa grande que ficava acima da nossa, no alto da colina, acomodaria os marinheiros, e os oficiais viriam para nossa casa.

Jamais estarei exagerando ao falar da amabilidade dos

norte-americanos e do cuidado que tomaram com nossa casa. Era inevitável, é claro, que a cozinha e a área de serviço ficassem na maior desordem — eles cozinhavam para aproximadamente quarenta pessoas, e instalaram alguns horrorosos fogões enormes e fumacentos —, mas tomavam muito cuidado com as portas de mogno; de fato, o comandante mandara forrar todas as portas com madeira compensada. Apreciavam a beleza do lugar. Muitos dos homens que compunham essa flotilha especial eram oriundos da Louisiana, e as grandes magnólias, especialmente a *Magnolia grandiflora*, davam-lhes a sensação de estarem de volta à sua terra natal.

Depois de terminada a guerra, aparecia, de vez em quando, um parente de um ou outro oficial dos que estiveram na Greenway House, em visita ao local em que seu filho, ou primo, ou quem quer que fosse, se aboletara. Muitos desses visitantes contavam-me que seu parente, nas cartas, descrevia nossa casa. Muitas vezes caminhei pelo jardim, com essas pessoas, tentando identificar certos locais de que eles gostavam especialmente, embora nem sempre fosse fácil, porque, nesse meio tempo, as árvores haviam crescido.

No terceiro ano de guerra, nenhuma das minhas várias casas estava disponível. A Greenway House fora tomada pelo Almirantado; Wallingford estava repleta de oficiais evacuados, e logo que estes regressaram a Londres, uns amigos nossos — um inválido, já idoso, e sua mulher — alugaram Wallingford e foram morar lá com a filha e os netos. O número 48 da Campden Street fora vendido com excelente lucro. Carlo mostrara a casa a alguém que queria comprá-la. “Não a vendo por menos de três mil e quinhentas libras”, dissera-lhe eu. Nesse tempo parecia muito dinheiro. Carlo voltou muito satisfeita: “Consegui que dessem

mais quinhentas libras”, disse-me. “Achei que eles mereciam.”

“O que quer dizer com ‘eles mereciam?’”

“Eram mal-educados”, respondeu Carlo, que tinha verdadeiro horror escocês pelo que chamava de insolência.

“Falaram mal da casa diante de mim, o que não deveriam ter feito! Disseram: ‘Que decoração horrorosa! Esse papel de parede todo florido, temos que mudar isso! Como certas pessoas são extraordinárias: imaginem deitar abaixo essa parede divisória!’ Então pensei que seria bom dar-lhes uma lição, e subi o preço em quinhentas libras.” Aparentemente, pagaram sem protestar.

Possuo na Greenway House meu monumento comemorativo da guerra. Na biblioteca, que era a sala de encontro dos oficiais, um deles, artista, pintou um afresco no alto das paredes, em toda a volta da sala. Pintou todos os lugares em que a frota estivera. Começara com Key West, Bermudas, Nassau, Marrocos, etc., e acabara com uma exagerada glorificação dos bosques da Greenway House, em que a casa branca aparecia por entre o arvoredo. Há ainda uma linda ninfa, não totalmente terminada — uma *pinup* nua, que sempre imaginei representar seu sonho de huri, no fim da jornada, quando a guerra finalmente terminasse.

O comandante escreveu-me perguntando se queria que removesse o afresco da parede, para que ficasse tudo como eles haviam encontrado. Respondi apressadamente que considerava essas pinturas um memorial histórico, e que ficaria encantada se pudesse conservá-las. Sobre a chaminé estavam, apenas em esboço, as cabeças de Churchill, Stálin e do presidente Roosevelt. Gostaria de ter conhecido o artista!

Quando deixei a Greenway House, tinha o pressentimento de que essa casa seria bombardeada e de que nunca mais a veria, mas, felizmente, todas essas intuições estavam erradas. A

Greenway House não foi atingida. Foram acrescentados catorze banheiros, no lugar onde estivera a despensa, e tive que lutar com o Almirantado para que fossem removidos.

III

Meu neto Mathew nasceu em Cheshire, a 21 de setembro de 1943, numa clínica perto da casa de minha irmã. Punkie, devotada a Rosalind como sempre, estava encantada porque ela fora até lá para ter o bebê. Minha irmã era a mulher mais infatigável que conheci; uma espécie de dínamo humano. Desde a morte de seu sogro, ela e James continuaram morando em Abney, que, como já disse, era uma casa enorme, com catorze quartos de dormir e salas sem conta; nos tempos de minha mocidade, quando lá fui pela primeira vez, moravam ali com dezesseis empregados. Agora não havia ninguém em casa, exceto minha irmã e uma moça que fora ajudante de cozinha, casara e vinha agora diariamente.

Quando eu lá ficava, costumava ouvir minha irmã se movimentando pela casa às cinco da manhã. Fazia todo o trabalho doméstico, nessa altura — limpava o pó, arrumava, varria, cuidava das lareiras, areava os metais e encerava o mobiliário, e depois chamava as pessoas para o café da manhã. A seguir, limpava os banheiros e arrumava os quartos de dormir. Às dez e meia não havia mais trabalho doméstico a fazer, de modo que corria para a horta, repleta de batatas, ervilhas, feijão, favas, espargos, cenouras, e tudo o mais. Uma erva daninha jamais ousaria erguer sua cabeça na horta de Punkie. Os canteiros com roseiras e de outros tipos, em torno da casa, também não tinham

uma erva.

Minha irmã adotara um cachorro, um *chow chow* cujo dono, um oficial, não pudera continuar tomando conta dele. O *chow chow* sempre dormia no chão do salão de bilhar. Certa manhã, quando ela desceu do quarto e entrou no salão de bilhar, viu o *chow chow* muito quieto em seu cesto, mas a parte central do assoalho aninhava confortavelmente uma enorme bomba. Na noite anterior haviam caído muitas bombas incendiárias no telhado, e todo mundo tentara apagá-las. Aquela fora parar na sala de bilhar sem que ninguém tivesse escutado, no meio de todo o estrépito, e não explodira.

Minha irmã telefonou para os técnicos em remoção de bombas, que vieram correndo. Depois de a examinarem, deram vinte minutos para que todo mundo estivesse fora de casa.

“Levem apenas o essencial.”

“E o que pensa você que levei comigo?”, perguntou-me minha irmã. “Realmente, podemos fazer as coisas mais loucas, quando estamos nervosos.”

“Bem, o que levou com você?”, perguntei-lhe.

“Primeiro dei uma olhada nos objetos pessoais de Nigel e Ronnie”, dois oficiais que estavam lá, nessa ocasião, “porque pensei que seria horrível se algo acontecesse com as coisas deles. Depois, peguei minha escova de dentes e não consegui lembrar-me de mais nada para carregar comigo. Procurei em toda a casa, mas havia um branco na minha cabeça. Não posso imaginar por que carreguei também o grande buquê de flores de cera que está na sala.”

“Não sabia que você gostava tanto disso”, disse eu.

“Mas não gosto, mesmo”, disse Punkie; “é isso o que acho engraçado.”

“Não pensou em levar seu casaco de peles, nem suas jóias?”

“Nem pensei nisso”, ela disse.

A bomba foi levada e fizeram-na explodir; felizmente, não ocorreram mais incidentes dessa espécie.

Certo dia, recebi um telegrama de Punkie e corri para lá, para encontrar Rosalind, muito orgulhosa, numa clínica, dando indícios de se vangloriar do tamanho e força de seu bebê.

“Ele é um monstro”, ela disse, com a expressão radiante. “Um bebê imenso, um verdadeiro monstro!”

Fui olhar o monstro. Estava com um ar feliz de saúde, com seu rostinho enrugado que exibia um leve trejeito, talvez provocado por gases, embora me parecesse um sorriso de amabilidade.

“Está vendo?”, exclamou Rosalind. “Esqueci quanto me disseram que ele media, mas é um verdadeiro monstro!”

Ali estava o monstro, e todo mundo se sentia feliz. E, quando Hubert e seu fiel ordenança vieram ver o bebê, foi um momento de verdadeiro júbilo. Hubert estava tão contente quanto Punkie e Rosalind.

Ficara combinado que Rosalind moraria no País de Gales depois do nascimento do bebê. O pai de Hubert morrera em dezembro de 1942 e a mãe mudara para uma casa menor, nas proximidades. Esse plano agora seria executado. Rosalind ficaria em Cheshire por mais três semanas, e depois viria para junto dela uma *nurse* que tinha algum tempo livre “entre dois bebês”, como dizia, para ajudar Rosalind enquanto se instalavam no País de Gales. Aí também eu lhe daria assistência, logo que tudo estivesse a postos para que partisse.

É claro que, em tempo de guerra, nada era fácil. Rosalind e a *nurse* vieram para Londres, e instalei-as no número 48 da Campden Street. Como Rosalind estivesse ainda um pouco fraca, eu costumava ir de Hampstead fazer-lhe o jantar. A princípio fazia também o café da manhã, mas a *nurse*, logo que ficou bem estabelecido seu *status* de nurse-que-não-fazia-trabalho-doméstico, declarou-se pronta a ajudar a prepará-lo. Infelizmente, os bombardeios pioraram. Noite após noite, ficávamos sentadas, ansiosas. Quando soava o alarme, empurrávamos Mathew, em seu carrinho, para baixo de uma sólida mesa de *papier mâché*, com um grosso tampo de vidro, por ser o móvel mais pesado sob o qual podíamos colocá-lo. Era angustiante para uma jovem mãe, e eu desejava ardentemente ter de volta a Winterbrook ou a Greenway House.

Max estava na África do Norte. Começara por ir para o Egito, mas agora estava em Trípoli. Mais tarde, foi para o deserto de Fezzan. As cartas demoravam muito a chegar, e eu às vezes não recebia notícias dele durante mais de um mês. Meu sobrinho Jack também estava no estrangeiro, no Irã.

Stephen Glanville ainda estava em Londres, o que me alegrava muito. Às vezes telefonava para o hospital e ia buscar-me para jantar em casa dele, em Highgate. Geralmente festejávamos quando ele ou eu havíamos recebido um presente de comida.

“Recebi manteiga dos Estados Unidos; você poderia trazer uma lata de sopa?”

“Mandaram-me duas latas de lagosta e uma dúzia de ovos, *dos amarelinhos!*”

Num dia anunciou-me um arenque *fresco*, oriundo da costa leste. Chegamos à cozinha e Stephen desembulhou o presente. Que maravilhosos arenques deviam ter sido! Agora, porém, só

havia um lugar para eles — a lixeira. Um triste serão!

Nesse tempo, nossos amigos e conhecidos haviam-se evaporado. Não podíamos manter contato com as pessoas com quem habitualmente convivíamos; era raro escrever aos amigos.

Dois de meus amigos íntimos, que não consegui deixar de ver, foram Sidney e Mary Smith. Ele era o diretor do Departamento de Antiguidades Egípcias e Assírias do Museu Britânico; seu temperamento era o de uma prima-dona, e era homem de pensamento original. Sua visão sobre qualquer assunto era sempre diferente da de todo mundo e, se passava meia hora conversando com ele, eu ia embora estimulada pelas idéias que me sugeria, saindo de sua casa como se levitasse. No entanto, provocava sempre em mim alguma resistência, de modo que discutia com ele todos os assuntos, ponto por ponto. Era um homem que não queria nem podia estar de acordo com os outros. Se não gostava de alguém ou não concordava com alguém, não se modificava, nem às suas idéias. Por outro lado, se era amigo de alguém então agia como um verdadeiro amigo. Sua mulher, Mary, era uma excelente pintora e uma mulher muito bela, com lindos cabelos grisalhos e um pescoço alto e elegante. Possuía um devastador bom senso, que acrescentava mais encanto à sua personalidade.

Os Smiths eram extremamente bondosos para comigo. Moravam não muito longe de mim, e eu era sempre bem-vinda em casa deles. Quando saía do hospital, muitas vezes ia até lá e conversava uma hora com Sidney. Ele emprestava-me livros que achava que poderiam me interessar. Sua atitude lembrava a de um filósofo grego da Antiguidade, enquanto eu me sentava a seus pés, sentindo-me sua humilde discípula.

Sidney apreciava minhas histórias policiais, embora suas

críticas fossem mais severas do que quaisquer outras. Acerca de algo, num de meus livros, que eu não achava bom, dizia-me freqüentemente: “Mas isso é o melhor que você fez nesse livro”. Quando lhe falava de algo que me agradava ou me satisfazia em minha obra, retorquia: “Não, não é o que fez de melhor. Aí você ficou abaixo de seu nível”.

Um dia, Stephen Glanville fez-me um desafio: “Pensei num projeto para você”.

“Oh, que projeto?”

“Gostaria que escrevesse um romance policial sobre o Egito antigo.”

“Sobre o Egito antigo?”

“Sim.”

“Mas eu não conseguiria!”

“É claro que sim. Qual é a dificuldade? Não há motivo para que seja mais difícil situar um romance policial no Egito antigo do que na Inglaterra, em 1943.”

Entendi o que queria dizer. As pessoas são sempre iguais, seja qual for o século ou o país em que vivam.

“E seria muito interessante”, continuou ele. “Você deveria escrever esse romance, de modo que as pessoas que gostam de livros policiais e de ler sobre tempos passados pudessem combinar os dois gostos.”

De novo disse-lhe que não seria capaz de escrever algo nesse estilo. Não sabia história antiga o suficiente. Mas Stephen era um homem extraordinariamente persuasivo e, no fim da noite, quase me convencera de que eu seria capaz de escrever o livro.

“Você leu muito sobre egiptologia”, dizia ele. “Não se

interessou apenas pela Mesopotâmia, não é mesmo?”

Era verdade que um dos livros de que mais gostara, no passado, fora *The dawn of conscience*, de Breasted, e que eu lera muito sobre a história do Egito quando escrevi minha peça sobre Akhenaton.

“Tudo o que você precisa é fixar-se num período ou num incidente, algo definido”, continuou Stephen.

Tive a terrível sensação de que os dados haviam sido lançados.

“Mas você terá que me dar algumas idéias”, disse eu debilmente, “quanto ao tempo e lugar.”

“Bem”, disse Stephen, “aqui estão um ou dois incidentes que talvez sirvam.” E marcou duas ou três coisas num dos livros que retirara da prateleira. Depois entregou-me meia dúzia de livros e levou-me para o Lawn Road Flats, junto com os livros, e disse ainda: “Amanhã é sábado. Passe este fim de semana lendo, confortavelmente, esses livros, e veja se contêm algo que lhe desperte a imaginação”.

Marquei dois ou três detalhes possivelmente interessantes — nenhum incidente muito conhecido, nem a respeito de figuras conhecidas, tampouco, porque é isso o que faz com que os romances históricos soem tão falsos. Afinal de contas, ninguém sabe ao certo como eram o rei Pepi ou a rainha Hatshepsut, e fingir que o sabemos é uma espécie de arrogância. Podemos, porém, situar em qualquer época uma personagem criada por nós e, contanto que se tenha conhecimento da cor local e da maneira geral de viver nesse período, tudo estará certo. Escolhi um incidente ocorrido na quarta dinastia, e outro acontecido muito mais tarde — no tempo, acredito, de um dos últimos Ramsés; o terceiro, aquele em que afinal me fixei, foi baseado em cartas

publicadas havia pouco, de um sacerdote de Ka, da décima primeira dinastia.

Essas cartas descreviam à perfeição a vida de uma família — o pai, espalhafatoso e complicado, autoritário, aborrecido com os filhos que não faziam o que ele dizia; os filhos, dos quais um era obediente, mas obviamente não muito brilhante, e o outro, arguto, genioso, exuberante e extravagante. As cartas que o pai escrevia a seus dois filhos tratavam de como deveriam cuidar de uma mulher de meia-idade, possivelmente uma parenta pobre, dessas que, através de todas as épocas, vivem com as famílias, e para as quais os chefes de família são sempre gentis, enquanto os mais moços crescem sem gostar delas, porque são, muitas vezes, bajuladoras e parasitas, também causadoras de muita perturbação.

O velho estabelecia as regras: como deveria fazer isto ou aquilo com o azeite, isto e aquilo com a cevada. Como deveriam se defender de ser trapaceados por esta ou aquela pessoa a respeito da qualidade dos alimentos. A família toda se tornava cada vez mais claramente visível em minha imaginação. Acrescentei uma filha e alguns pormenores a esses textos — a chegada de uma nova esposa, por quem o pai andava fascinado. Também inventei um rapazinho que não prestava e uma avó ávida, porém astuta.

Entusiasmada, comecei a trabalhar. Nesse momento não tinha em mãos nenhum livro. O *caso dos dez negrinhos* seguia sua carreira com bastante êxito no St. James's Theatre, até que o edifício foi bombardeado; então a peça foi transferida para o Cambridge por mais alguns meses. Eu estava justamente acalentando a idéia de um novo livro. Era aquele, portanto, o momento exato para começar uma história policial egípcia.

Não há dúvida de que me meti nisso influenciada por Stephen. Não há dúvida também de que Stephen decidira que eu

havia de escrever uma história policial passada no antigo Egito, e eu teria de obedecer. Ele pertencia a essa espécie de pessoas.

Como lhe fiz notar nas semanas e meses seguintes, deve ter ficado muito arrependido por ter insistido comigo para que escrevesse algo desse gênero. Eu não parava de lhe telefonar, fazendo perguntas que, como ele dizia, a mim só me custavam dois ou três minutos, enquanto ele necessitava consultar oito livros diferentes para conseguir a resposta. “Stephen, o que eles comiam às refeições? Como cozinavam a carne? Havia pratos especiais para os dias festivos? Os homens e as mulheres comiam juntos? Como eram os quartos onde dormiam?”

“Oh, meu Deus do céu!”, gemia Stephen, e depois ia procurar todas essas informações, fazendo-me notar que tínhamos que deduzir várias coisas, partindo de poucas evidências. Havia pinturas com aves servidas em espetos, pinturas onde apareciam pães, com homens que colhiam uvas, etc. De qualquer modo, fui obtendo as informações necessárias para fazer que o cotidiano do período que eu descrevia não soasse falso; mas sempre voltava com novos inquéritos.

“Será que eles comiam numa mesa ou no chão? Será que as mulheres ocupavam uma parte separada da casa? Eles guardavam as roupas em arcas ou armários? Como eram suas casas?”

Era muito mais difícil descobrir como eram as casas do que os templos ou os palácios, pois os templos e os palácios ainda existiam, por serem construídos de pedra, ao passo que as casas tinham sido construídas de material mais perecível.

Stephen discutiu comigo o desenlace da história, e lamento ter cedido à opinião dele. Fiquei aborrecida comigo mesma por não lhe ter resistido. Stephen exercia uma espécie de influência

hipnótica sobre mim. Ele sempre tinha tanta certeza de que *estava com a razão* que não podíamos deixar de sentir dúvidas sobre o que pensávamos. Até então, de modo geral, embora freqüentemente abdicasse de minha opinião em todos os demais assuntos, *eu nunca havia abdicado de minha opinião acerca de meus livros*.

Se penso que em meus livros algo está certo, não sou facilmente convencida do contrário. Mas nesse caso, e contra minha própria convicção, *cedi*. Era um ponto discutível, mas ainda estou convencida, quando releio o livro, de que gostaria de reescrever o final — o que prova que devemos nos fixar, em primeiro lugar, às nossas idéias. Mas eu me encontrava tolhida pela gratidão que sentia por Stephen, por todo o trabalho que lhe dera e pelo fato de ter sido sua a idéia do livro. Seja como for, acabei escrevendo *E no final a morte*.

Pouco depois escrevi outro livro — que me satisfiz totalmente. Dessa vez usei de novo o pseudônimo de Mary Westmacott. Era o livro que sempre quisera escrever, que sempre estivera claramente delineado em minha mente, o retrato de uma mulher com uma imagem de si própria totalmente errada. Isso seria revelado ao leitor através de seus atos, de seus sentimentos e pensamentos. Ela estaria, se assim posso dizer, continuamente *encontrando-se consigo mesma*, embora não se reconhecesse e se sentisse cada vez menos à vontade. E o que, afinal, lhe traria a revelação seria a chance de ficar sozinha pela primeira vez em sua vida — totalmente só — por quatro ou cinco dias.

Eu já encontrara o cenário em que situaria a história, coisa que até então não me havia sucedido. Seria uma dessas estalagem que se encontram no interior da Mesopotâmia, onde podemos ficar imobilizados e onde apenas existem nativos que mal falam o inglês

— que trazem as refeições e acenam com a cabeça, concordando com tudo o que dizemos. Não há lugar algum para onde possamos ir. Assim, temos que ficar sentados e pensar em *nós próprios*, depois de terminados os livros que tínhamos para ler. Pensamos em nós próprios! E o ponto de partida — eu sempre soubera qual deveria ser — era o trem que essa mulher tomaria na estação de Victoria para ir visitar uma de suas filhas, casada e residente no estrangeiro. Então, olhando para trás, à medida que o trem deixa a estação, ela vê seu marido, de costas, abandonando a plataforma, e sente uma súbita e cruciante dor porque o imagina como um homem imensamente aliviado, que se sente, finalmente, livre da servidão. Era uma impressão tão surpreendente que ela mal podia acreditar nela. Mas é claro que estava enganada; é claro que Rodney sentiria muito sua falta; e, no entanto, essa pequenamente permanece em seu íntimo a incomodá-la. E ali, totalmente só, começa a cogitar em sua vida, que se desenrola diante dela como um filme, pouco a pouco. Esse livro seria tecnicamente difícil de escrever para que ficasse como eu queria: leve, coloquial, mas com uma tensão crescente, um constrangimento, aquela sensação que se tem — que, segundo creio, todo mundo já experimentou algum dia — quando se pergunta: *Quem sou eu? Como sou eu, realmente? O que pensarão de mim todas as pessoas que realmente amo? Terão a meu respeito a opinião que julgo que têm?*

O mundo inteiro surge sob uma luz diferente — ela começa a enxergá-lo de maneira diferente, também. Procura sossegar-se a si própria, mas a suspeita e a ansiedade iniciais não desaparecem.

Escrevi esse livro em apenas três dias, de um jato. No terceiro dia, uma segunda-feira, desculpei-me no hospital, porque não tinha coragem de deixar meu livro naquele ponto. Tinha que

continuar até o fim. Não era um livro extenso. Apenas cinco mil palavras, mas havia muito tempo que o carregava em mim.

É uma sensação estranha, essa de sentir um livro crescendo dentro de nós, por talvez seis ou sete anos, sabendo que um dia iremos escrevê-lo, sabendo que não pára de se formar esse tempo todo. Sim, já está todo dentro de nós — só falta que se destaque mais nitidamente da neblina. Todas as personagens estão ali, prontas, à espreita, prestes a entrar no palco quando escutarem suas deixas — e, de repente, é como se ouvíssemos uma ordem súbita e clara: “Agora!”

Esse “agora” soa quando já estamos prontos para escrever o livro. Agora já sabemos tudo a respeito dele. Oh, que milagre, quando podemos escrevê-lo logo, quando *agora* é realmente *agora!*

Eu estava tão receosa das interrupções, de algo que quebrasse a continuidade, que, depois de escrever com ardor o primeiro capítulo, comecei a escrever o último, porque tinha a nítida consciência de para onde estava indo, e queria dizê-lo no papel. Mas não tive que interromper coisa alguma — fui escrevendo sem parar. Acho que nunca me cansei tanto. Quando terminei, quando verifiquei que não precisava alterar sequer uma palavra no capítulo que escrevera anteriormente, caí na cama e, se bem me recordo, dormi vinte e quatro horas seguidas. Depois levantei-me, devorei um imenso jantar e no dia seguinte estava pronta para de novo trabalhar no hospital.

Minha aparência era tão estranha que todo mundo se afligiu.

“Decerto você esteve doente”, diziam-me; “está com olheiras enormes!” Era apenas a fadiga, a exaustão, mas essa fadiga, essa exaustão valeram a pena, porque, ao menos uma vez na vida, não me fora difícil escrever — não sentira a menor dificuldade, além do esforço físico. Foi uma experiência bastante compensadora.

Chamei a esse livro *A ausência*, título tirado daquele soneto de Shakespeare que começa com essas palavras: “*From you have I been absent in the spring*”¹. Não tenho uma idéia nítida, na verdade, do valor desse livro. É possível que seja mal-escrito, estúpido, que não preste para nada. Foi, porém, escrito com integridade, com sinceridade, foi escrito como eu tivera intenção de escrevê-lo, e essa é a maior alegria que um autor deve ter, a que lhe dá mais orgulho.

Anos mais tarde escrevi outro livro com o nome de Mary Westmacott, chamado *A rosa e o teixo*. É um livro que ainda leio com prazer, embora não tenha sido escrito com a mesma compulsão de *A ausência*. Mas a idéia de seu enredo também andara muito tempo trabalhando em meu espírito — na realidade, desde 1929. Só seu esboço, é certo, mas eu sabia que acabaria por escrevê-lo.

Às vezes pergunto a mim própria de *onde* virão as coisas que imaginamos — quero dizer, as que se tornam compulsivas. Penso também que é nesses momentos que nos sentimos mais perto de Deus, porque nos foi consentido experimentar um pouco da alegria pura da criação. Fomos capazes de fazer algo que não nos pertence. Parece que temos um parentesco com o Todo-Poderoso, quando podemos verificar, no sétimo dia, que o que fizemos era bom.

Ainda escrevi outro livro que fugia de meu gênero habitual: um livro nostálgico, saudoso, porque estava separada de Max, raramente recebia notícias dele e eram para mim uma recordação pungente os dias que passáramos em Arpachiyah, na Síria.

¹ “*Afastei-me de você na primavera.*” (N. do E.)

Queria reviver nossa vida, sentir o gosto de recordá-la — e então escrevi *Venha, conte-me como você vive*, um livro leve e frívolo, mas que refletia os tempos que passáramos e tantas pequenas coisas fúteis que esquecêramos. O público gostou muito. Fez-se dele apenas uma edição pequena, porque havia falta de papel.

É claro que Sidney Smith me disse: “Você não pode publicar isso, Agatha”.

“Mas vou publicar”, respondi.

“Não”, insistiu. “Acho melhor você não publicar.”

“Mas quero publicar esse livro!” Sidney Smith olhou-me reprovadoramente. Não era uma atitude com que ele concordasse, essa de fazermos nossa vontade quando ela não combinava com sua visão pessoal, um pouco calvinista.

“Max poderá não gostar.”

Embora com dúvidas, considerei essa opinião.

“Não penso que ele se importe. Ele também gostará, certamente, de recordar todas as coisas que fizemos. Eu não tentaria escrever um livro *sério* sobre arqueologia; sei que cometeria erros estúpidos. Mas isso é diferente, é *pessoal*. Vou publicá-lo!”

“Está certo”, disse Sidney. Sua voz traía a dúvida. Todavia, esse “está certo” dito por Sidney era uma concessão.

“Que absurdo!”, disse Mary, sua mulher. “Claro que você pode publicar esse livro. Por que não? É muito agradável. E entendo muito bem o que você quer dizer quando diz que gosta de relê-lo e de recordar tudo o que viveu.”

Meus editores também não gostaram do livro. Desaprovaram-me, e suspeitaram que eu estivesse esgotada como escritora de romances policiais. Haviam odiado a escritora Mary Westmacott. Estavam, de antemão, preparados para não gostar

desse, ou de qualquer outro gênero, na realidade, que se afastasse da linha de meus livros policiais. O livro, porém, teve êxito, e acho que depois lamentaram a falta de papel. Publiquei-o com o nome de Agatha Christie Mallowan para que não fosse confundido com nenhum de meus livros policiais.

IV

Há coisas que não gostamos de recordar. Coisas que aceitamos porque aconteceram, mas em que não gostamos de pensar novamente.

Rosalind telefonou-me um dia dizendo que Hubert, que combatia na França havia algum tempo, fora dado como desaparecido, e admitia-se que tivesse morrido.

Isso é, creio, a coisa mais cruel que pode suceder a qualquer jovem em tempo de guerra: uma incerteza insuportável. Se o marido morre, é horrível; mas é algo com que terá de se acostumar. Essa fatal suspensão da esperança é cruel, *cruel...* E ninguém pode ajudar.

Fui para junto dela e fiquei em Pwlllywrach algum tempo. Tínhamos esperança — é claro que, enquanto é possível, sempre se tem esperança, mas acredito que Rosalind, em seu íntimo, já não se sentisse confiante. Sempre fora propensa a acreditar no pior. E pensei também que sempre existira algo em Hubert — não exatamente uma melancolia, mas um toque sutil, talvez o olhar de alguém que não está destinado a viver uma longa vida. Era uma pessoa adorável, e fora sempre muito bom para comigo. Hubert possuía também algo que não posso chamar de lirismo, mas que era semelhante. Gostaria de tê-lo conhecido melhor, além de

nossos raros e breves encontros!

Por muitos meses não tivemos mais notícias. Rosalind recebeu-as vinte e quatro horas antes de comunicá-las a mim. Comportou-se como sempre: como uma pessoa de enorme coragem. Por fim, relutantemente mas sabendo que tinha de contar, falou abruptamente: “É melhor que veja isto”, e entregou-me um telegrama que noticiava que Hubert já fora dado como morto no campo de batalha.

A coisa mais triste que pode suceder-nos na vida, a mais triste de suportar, é não podermos evitar o sofrimento a alguém que amamos muito. Podemos fazer coisas que ajudem os incapacitados físicos; mas pouco podemos fazer para ajudar as dores morais. Penso que posso ter errado, que a melhor coisa a fazer para ajudar Rosalind teria sido falar o menos possível e continuar vivendo como habitualmente. Acho que essa teria sido minha reação. Teria gostado que não falassem comigo nem comentassem esse doloroso assunto. Espero que meu modo de agir também tenha sido confortador para ela, mas nunca podemos saber o que se passa no íntimo de outra pessoa. Talvez tivesse sido mais fácil para ela se eu fosse uma mãe do tipo decidido, que a convencesse a desabafar e a consolasse. O instinto pode não ser infalível. Nosso maior desejo é não ferir a pessoa que amamos muito — não fazer nada que seja ruim para ela! Eu sentia que *deveria* saber o que fazer, mas nunca se pode ter certeza.

Rosalind continuou morando em Pwlllywrach, na grande casa vazia, com Mathew — um menino encantador e sempre muito alegre; tinha vocação para ser feliz. E ainda tem. Fiquei muito contente porque Hubert conheceu seu filho; ao menos soube que tinha um filho, embora devesse ter sido cruel saber que jamais voltaria para a casa que amava, para criar o filho que tanto

desejara.

Não podemos evitar de sentir raiva quando pensamos na guerra. Na Inglaterra, tivemos demasiadas guerras em muito pouco tempo. A Primeira Guerra foi inacreditável, espantosa! Parecia tão desnecessária! Mas ficou-nos a esperança de que esse negócio de guerras estivesse terminado, que o desejo de uma nova guerra jamais surgisse nos corações alemães. Mas surgiu — sabemos agora, por documentos que fazem parte da história, que a Alemanha já a planejava anos antes de sua eclosão.

Ficamos com a horrível sensação de que a guerra não resolve *coisa alguma*; que *ganhar* uma guerra é tão desastroso quanto perdê-la! A guerra, acho, já teve seu tempo e lugar, nas eras primitivas, quando só os guerreiros viviam para perpetuar a espécie. Ser manso, bondoso, ceder facilmente, era prenúncio do desastre. A guerra era, então, uma necessidade, porque uns ou outros pereceriam. Era necessário combater pelo próprio território, defendê-lo, como fazem as aves, os animais. A guerra fornecia escravos, terras, alimentos, mulheres — coisas necessárias à sobrevivência. Agora, porém, é preciso aprender a evitar as guerras, não porque nossas naturezas se tenham tornado melhores ou haja aumentado nosso horror de ferir os outros, mas porque a guerra não é proveitosa para ninguém, porque não existirá sobrevivência para a humanidade se elas continuarem, e seremos *destruídos* por elas. O tempo dos tigres terminou; agora, sem dúvida, teremos o tempo dos vagabundos, dos charlatães, dos ladrões, dos bandidos e punquistas; é, porém, menos mau: já é um degrau acima, na ascensão do homem.

Existe hoje, pelo menos, o alvorecer de uma espécie de boa vontade. Nós nos compadecemos quando escutamos a notícia de um terremoto ou de qualquer outro desastre espetacular para a

humanidade. Nós *queremos* ajudar. Isso é uma conquista real, que, penso, nos conduzirá adiante. Não rapidamente, talvez — nada acontece rapidamente —, mas pelo menos permite a esperança. Muitas vezes considero que não apreciamos devidamente essa segunda virtude cardeal, tão raramente mencionada entre as outras duas: a fé e a caridade. Fé, todos a temos, pode-se dizer que quase *demais*: a fé pode tornar-nos amargos, duros e implacáveis; podemos usar mal a nossa fé. O amor, esse, não podemos deixar de senti-lo em nossos próprios corações, e ele é essencial. Mas quantas vezes esquecemos que a esperança existe também, e que é raro pensarmos nela? Estamos sempre prontos a desesperar cedo demais, prontos a dizer: “Para que serve isto ou aquilo?” A esperança é a virtude que mais deveríamos cultivar nos tempos presentes e na era em que vivemos.

Temos um Ministério do Bem-Estar Social, que nos libertou do medo, nos deu segurança, nosso pão de cada dia, e um pouco mais ainda do que nosso pão diário; no entanto, parece-me agora que, apesar desse Ministério do Bem-Estar Social, a cada ano que passa é mais difícil encarar o futuro. Nada vale a pena. Por quê? Será porque não lutamos mais pela sobrevivência? Será que viver não é mais interessante? Nós não apreciamos devidamente o fato de estarmos vivos. Será que necessitamos da falta de espaço, da vontade de abrir novos mundos, uma espécie diferente de privações e agonia, doença e dor, e de um selvagem desejo de sobrevivência?

Pois bem, sou uma pessoa que tem esperança. A única virtude que jamais estancaria em mim seria, acredito, a esperança. Por isso, considero meu querido neto Mathew como alguém com quem é bom viver. Sempre teve um incurável

temperamento otimista. Recordo, um dia, quando ele estava numa escola preparatória e Max perguntou se tinha chances de pertencer ao grupo dos Onze Primeiros do Críquete. “Oh, bem”, disse Mathew, com um sorriso radiante, “sempre há uma esperança, não é?”

Deveríamos adotar algo assim, acho, como divisa para nossas vidas. Fiquei furiosa ao escutar a história de um casal de meia-idade que morava na França quando a guerra começou, e que, vendo que os alemães, em sua marcha através da França, se aproximavam, decidiu que a única coisa a fazer era cometer suicídio — o que, aliás, fizeram. Que desperdício! Que pena! Não fizeram bem algum com seu suicídio. Poderiam ter vivido, talvez, uma vida difícil, mas deveriam ter agüentado, sobrevivido. Por que abandonar toda esperança enquanto há vida?

Isso me faz lembrar uma história que minha avó americana costumava contar, há muitos e muitos anos, acerca de duas rãs que caíram num balde de leite. Uma delas disse: “Ooh! Estou me afogando, estou me afogando!” A outra rã disse: “*Eu* não me afogarei”. “Como você poderá não se afogar?”, perguntou a primeira rã. “Bem, ficarei me mexendo, me mexendo, como uma louca”, respondeu a segunda rã. No dia seguinte, a primeira rã, a que se entregara à sua sorte, estava afogada, e a segunda, que ficara se mexendo a noite inteira, estava lá sentada no balde, bem em cima de um bocado de manteiga.

Nos últimos anos de guerra, todo mundo estava inquieto. Desde o Dia D havia a sensação de que ela poderia terminar, e muitas pessoas que, até aí, tinham sido de opinião contrária começaram a engolir suas palavras.

Eu andava desassossegada. Muitos doentes haviam saído de Londres, embora ainda tivéssemos no hospital os doentes de

ambulatório. Mesmo assim, sentíamos que não era tão ruim quanto fora na última guerra, em que “costurávamos” os feridos que nos chegavam diretamente das fronteiras. Agora, a maior parte do tempo, tudo o que fazíamos era distribuir grandes quantidades de pílulas a epiléticos — trabalho muito necessário, mas a que faltava aquele compromisso, aquela ligação direta com a guerra de que nós necessitávamos para nos sentir úteis. As mães levavam seus bebês ao Ministério do Bem-Estar Social — e muitas vezes eu pensava que fariam muito melhor em ficar com eles em casa. Nesse aspecto, o farmacêutico-chefe era inteiramente de minha opinião.

Nessa época, eu andava matutando um ou dois projetos. Uma de minhas jovens amigas, que estava no WAAF, combinou um encontro entre mim e outra de suas amigas, para que eu pudesse fazer algum trabalho fotográfico de informação. Forneceram-me um impressionante salvo-conduto que me permitiu percorrer o que me pareceram quilômetros de corredores subterrâneos no Ministério da Guerra e, finalmente, fui recebida por um grave e jovem tenente, que me assustou mortalmente. Embora já tivesse experiência de fotografia, a única coisa que nunca fizera e de que não possuía qualquer experiência era fotografia aérea. Por conseqüência, achei praticamente impossível reconhecer qualquer das fotografias que me foram exibidas. A única a respeito da qual tinha quase certeza era uma fotografia de Oslo, mas, nessa altura, já estava tão deprimida que não ousei afirmá-lo, depois de alguns enganos. O jovem tenente suspirou, olhou-me como a débil mental que eu era afinal de contas, e disse-me gentilmente: “Acho que talvez seja melhor retornar a seu trabalho no hospital”. Parti, sentindo-me totalmente derrotada.

No princípio da guerra, Graham Greene escrevera,

perguntando-me se eu gostaria de trabalhar em propaganda. Pensava que não seria o gênero de escritora que servisse para a propaganda, por me faltar a simplicidade de espírito necessária para encarar as coisas de um só lado. Nada pode ser mais ineficaz do que uma propaganda sem ênfase. Devemos dizer: “X é negro como a noite”, e *senti-lo*. Acho que não seria capaz de ser tão persuasiva.

Mas, a cada dia, ficava mais inquieta. Queria exercer um trabalho no qual me sentisse ligada à guerra. Ofereceram-me um emprego que consistia em preparar receitas para um médico em Wendover; ficava perto de onde moravam uns amigos meus. Pensei que seria agradável para mim e que me sentiria bem morando no campo. Entretanto, se Max chegasse da África do Norte — ao fim de três anos surgia a possibilidade de que ele voltasse —, acho que não poderia dar a menor atenção ao trabalho com esse médico. Também tinha um projeto teatral. Era possível que eu acompanhasse o ENSA, na qualidade de produtora-extra, ou algo assim, numa *tournée* à África do Norte. Ficara entusiasmadíssima com a idéia. Seria maravilhoso ir à África do Norte! Por felicidade, não sucedeu nada disso, pois mais ou menos quinze dias antes da data em que eu deveria sair da Inglaterra recebi uma carta de Max dizendo que muito provavelmente regressaria dentro de três semanas. Que desgosto se eu chegasse lá com o ENSA justamente no momento em que Max vinha embora!

As semanas seguintes foram de verdadeira agonia. Ali estava eu, nervosa, à espera! Faltam quinze dias, três semanas, não, talvez mais — dizia para mim própria —, essas coisas sempre demoram mais do que se espera.

Fui passar um fim de semana com Rosalind, no País de Gales, e voltei a Londres num trem tardio, domingo à noite. Era

um desses trens que tivemos que agüentar durante a guerra, frios como geladeiras, e, claro, quando chegávamos à estação de Paddington, não existiam quaisquer meios de locomoção. Tomei outro trem algo complicado, que, finalmente, me deixou numa estação de Hampstead, não muito distante do Lawn Road Flats, e da estação fui a pé para casa, carregando alguns peixes defumados e minha mala. Entrei no apartamento, fatigada e morrendo de frio, e fui ligar o gás para esquentar um pouco a casa, jogando fora meu casacão e largando a mala. Coloquei os peixes na frigideira. Escutei, então, lá fora, um estrépito muito peculiar, e perguntei a mim própria o que poderia ser. Fui à varanda e olhei para baixo, para as escadas. Por essas mesmas escadas subia uma figura carregada com tudo o que se possa imaginar, coberta de coisas que faziam ruído. Talvez o Cavaleiro Branco pudesse dar idéia dessa figura. Não me parecia possível que um ser humano pudesse carregar tantas coisas! Não podia ter dúvidas, porém — era meu marido! Dois minutos depois, todos os meus receios de que tudo estivesse diferente, de que Max pudesse ter mudado, pareceram-me sem fundamento. Max se comportava como se me tivesse deixado na véspera! Estava de volta! Estávamos *ambos* de volta! Um cheiro horrível de peixe frito chegou a nossos narizes, e corri para a cozinha.

“O que você está comendo?”, perguntou Max.

“Peixe defumado”, respondi. “Você devia provar.” Então olhamos um para o outro. “Max!”, disse eu, “você engordou pelo menos dez quilos!”

“Mais ou menos. Mas você também não emagreceu”, acrescentou.

“É porque comi muita batata”, respondi. “Quando não temos carne e outros alimentos, comemos batatas e pão.”

Ali estávamos os dois! Com mais alguns quilos entre nós do que quando nos havíamos separado. Não parecia certo. Certo, mesmo, teria sido o contrário.

“Pensei que você emagreceria, depois de todo esse tempo no deserto”, comentei. Max explicou que não se emagrecia nos desertos, porque lá eles não faziam coisa alguma, só ficavam sentados, ingeriam comidas gordurosas e bebiam cerveja.

Que noite maravilhosa! Comendo peixe frito estorricado, como estávamos felizes!

Décima primeira parte

OUTONO

I

Estou escrevendo no ano de 1965. E tudo isso aconteceu em 1945. Vinte anos se passaram — e não me pareceram vinte anos. Os anos de guerra também não parecem reais. Foram um pesadelo durante o qual a realidade parou. Alguns anos depois, eu ainda dizia constantemente: “Oh, isso passou-se há cinco anos”; mas a verdade é que eu deveria ter acrescentado pelo menos mais cinco anos. Agora, quando digo que algo se passou faz algum tempo, quero dizer que se passou há muito tempo. Para mim, a noção de tempo alterou-se, como sempre acontece com as pessoas de idade.

Minha vida recomeçou, depois de terminada a guerra com os alemães. Embora a guerra prosseguisse com os japoneses, *nossa* guerra terminara. Depois chegou o momento de recolhermos os pedaços, todos os pedaços espalhados por tudo quanto era lugar — pedaços de nossas vidas.

Depois de algum tempo de licença, Max foi para o Ministério do Ar. O Almirantado decidira entregar-nos de novo a Greenway House — como sempre, praticamente sem aviso —, e a data que escolheram para a devolução da casa foi o dia de Natal. Não poderia haver pior dia para receber de volta uma casa abandonada. Foi mesmo um azar. Nosso gerador elétrico estava nas últimas quando o Almirantado tomou conta da casa. O comandante americano dissera-me várias vezes que receava que enguiçasse totalmente antes que se passasse muito tempo. “Se

assim for”, ele disse, “nós lhe daremos outro, completamente novo, para substituí-lo, para que fique com boas recordações nossas.” Infelizmente, a casa foi entregue três semanas antes da substituição do gerador elétrico.

A Greenway House estava uma beleza, quando fomos para lá novamente, num ensolarado dia de inverno — mas não fora bem cuidada, e estava selvagem como uma floresta virgem. Os atalhos haviam desaparecido; na horta, em lugar das cenouras e alfaces, cresciam agora ervas daninhas, e as árvores frutíferas não haviam sido podadas. De certo modo, era triste ver a propriedade nesse estado, mas a beleza do lugar permanecia. O interior da casa não estava tão ruim quanto receáramos. Não haviam deixado o linóleo, o que era aborrecido, pois não podíamos obter permissão para colocar outro, já que o Almirantado o tirara e pagara por ele. A cozinha estava indescritível, com as paredes negras, cobertas de gordura e fuligem — e havia, como já disse, catorze privadas, ao longo do corredor de pedra.

Havia no Almirantado um homem esplêndido, que lutou a meu favor; devo dizer que o Almirantado nos deu algum trabalho. O sr. Adam foi um firme aliado meu. Alguém me dissera que era a única pessoa capaz de tirar água de pedra, ou arrancar algum dinheiro do Almirantado!

Recusaram-me o dinheiro necessário para restaurar os cômodos, com o absurdo pretexto de que a casa havia sido pintada um ano ou dois antes de eles tomarem conta dela — portanto, nos dariam apenas a quantia suficiente para uma parte da pintura de cada cômodo. Como é possível restaurar três quartas partes de um aposento? Contudo, descobrimos que a casa que abrigava o barco ficara bastante estragada, pedras haviam sido retiradas, degraus, quebrados, e isso, sim, eram dispendiosos

estragos estruturais que o Almirantado teria de pagar. De modo que, quando recebi o dinheiro para restaurar a casa do barco, pude também consertar a cozinha.

Tivemos outra batalha desesperada por causa das privadas, porque queriam que eu as pagasse como *benfeitorias*. Expliquei que não considerava um melhoramento dispor de catorze privadas ao longo de um corredor que conduzia à cozinha. O que eu necessitava nesse lugar era uma despensa e um local para arrumar a lenha, e uma copa, os quais, Originariamente, lá estavam. Insistiram que essas privadas seriam de grande utilidade se a casa fosse transformada numa escola para moças. Retorqui que a casa não seria transformada em colégio. Poderiam deixar-me *uma* das privadas, eu disse, com condescendência. Mas não a deixaram. Ou tiravam *todas* as privadas, ou eu pagaria o custo delas. Então eu, como a rainha Vitória, disse: “Levem tudo embora!”

Isso custou muito trabalho e despesa ao Almirantado, pois tiveram que tirar todas as privadas. Mas o sr. Adam ainda teve de providenciar para que os operários do Almirantado viessem novamente à Greenway House completar o trabalho dado como pronto, pois deixaram canos espetados e outras coisas do gênero, e também para que colocassem de novo a copa e a despensa como as haviam encontrado anteriormente. Foi uma longa e sinistra batalha.

Na devida altura, o pessoal da mudança veio e redistribuiu o mobiliário por toda a casa. Era espantoso verificar que quase nada se estragara ou danificara, exceto alguns tapetes, destruídos pelas traças. Havia sido feitas recomendações de que os preservassem das traças, mas, por um sentimento de falso otimismo, esse trabalho foi negligenciado. “A guerra estará terminada por volta do

Natal”, diziam. Alguns livros também haviam sido estragados pela umidade — mas, para minha surpresa, foram poucos. Nada atingira o telhado dessa sala, e todo o mobiliário que aí ficara guardado permanecera em ótimas condições.

Como a Greenway House estava bela, em seu esplendor selvagem! Perguntava a mim mesma se algum dia voltaria a desbravar os antigos atalhos, ou se saberia descobrir onde tinham sido. O local, dia a dia, se tornava mais bravio, e toda a vizinhança o considerava assim. Estávamos sempre pedindo a pessoas que saíssem de nossa propriedade. Na primavera aparecia muita gente caminhando por ali, arrancando descuidadamente galhos de rododendros e destruindo arbustos. É claro que a casa ficara vazia por alguns tempos, depois de o Almirantado tê-la desocupado. Estávamos em Londres, e Max ainda trabalhava no Ministério do Ar. Não havia ninguém cuidando da Greenway House, e todo mundo que passava servia-se à vontade de tudo o que havia — não somente *colhiam* flores, mas também quebravam tudo.

Pudemos, finalmente, nos instalar lá, e a vida recomeçou, em hora diferente. Havia em todos imenso alívio com a chegada da paz, mas nada nos certificava quanto à paz futura, nem quanto a coisa alguma. Íamos vivendo docemente, felizes por estar juntos e tentando saber o que poderíamos fazer com a vida. Os negócios também nos preocupavam. Formulários a preencher, contratos a assinar, problemas com os impostos — uma porção de exigências complicadas, das quais nada entendíamos.

Só agora é que percebo bem, ao recordar minha produção durante a guerra, que, durante esses anos, fiz uma quantidade inacreditável de coisas. Suponho que devo isso ao fato de não haver distrações de natureza social. Praticamente ninguém saía à noite.

Além dos que já mencionei, escrevera dois livros extras, durante os primeiros anos da guerra. Era uma providência para a eventualidade de eu sucumbir aos ataques aéreos, coisa altamente provável, pois eu trabalhava em Londres. Um foi escrito pensando em Rosalind, aquele que escrevi primeiro — um livro em que entrava Hercule Poirot —, e o outro se destinava a Max, com Miss Marple. Esses dois livros, depois de escritos, foram enviados para os cofres de um banco, e leguei-os formalmente a Rosalind e a Max. Ficaram seguros contra uma possível destruição.

“Isso há de alegrar vocês”, expliquei a ambos; “quando estiverem vindo do enterro, saberão que existem esses dois livros, que pertencem a vocês!” Responderam que, apesar de tudo, preferiam ter a *mim*, e eu disse: “Também espero que sim!” E todos rimos alegremente.

Não sei por que as pessoas ficam tão perturbadas ao discutir assuntos relativos à morte. O querido Edmund Cork, meu agente literário, ficava sempre muito aflito quando eu abordava essa questão: “Sim, vamos supor que eu *morra*”. Na realidade, esse assunto é tão importante, hoje em dia, que tem que ser discutido. Tanto quanto entendi do que me explicaram os advogados e o pessoal dos impostos acerca dos pagamentos de direitos — do que eu entendia muito pouco —, o imposto sobre meu legado seria um desastre sem paralelo para todos os meus parentes, e a única esperança deles era me manterem viva o máximo de tempo possível!

Levando em consideração o nível a que haviam subido os impostos, fiquei contente em pensar que não valia a pena trabalhar tanto: um livro por ano era mais do que suficiente. Se eu escrevesse dois por ano, não ganharia muito mais do que se fizesse apenas um, e teria muito mais trabalho. Como é evidente,

deixei de ter o mesmo incentivo. Se aparecesse algo fora do comum que eu realmente *quisesse* escrever, então seria diferente.

Mais ou menos nessa época, a BBC telefonou perguntando-me se eu gostaria de escrever uma peça curta para rádio, para um programa que iam fazer, algo relacionado com a rainha Mary. A rainha exprimira o desejo de que fosse uma obra escrita por mim, porque gostava muito de meus livros. Eu poderia escrever rapidamente alguma coisa para eles? A idéia seduziu-me. Pensei muito, caminhei de um lado para outro, segundo meu costume nessas circunstâncias, e depois telefonei-lhes dizendo que sim. Viera-me à mente uma idéia que achei que serviria, e escrevi um pequeno *sketch* para rádio, chamado *Os três ratos cegos*. Tanto quanto sei, a rainha Mary gostou da peça.

Parecia que aquilo iria ficar por ali, mas, pouco tempo depois, sugeriram-me que aumentasse a peça e a transformasse em conto. *A Mansão Hollow*, que eu adaptara para o palco, fora produzida por Peter Saunders e alcançara êxito. Eu própria gostara tanto que pensara em continuar a escrever mais peças teatrais. Por que não escrever uma peça, em lugar de um romance? Seria muito mais divertido. Um livro por ano assegurava minha boa situação econômica, de modo que agora podia me divertir escrevendo coisas absolutamente diferentes.

Quanto mais pensava em *Os três ratos cegos*, mais me parecia que poderia transformá-la de uma peça para rádio, com duração de vinte minutos, numa peça teatral de terror. Necessitava de mais duas personagens, um enredo e ambiente mais ampliados, e uma lenta aproximação do clímax. Em minha opinião, uma das vantagens de *A ratoeira*, que seria o título da versão teatral de *Os três ratos cegos*, é o fato de ter sido escrita a partir de um resumo, de modo que a princípio houve o esqueleto

da peça, depois preenchido com carne. Tudo estava lá nas proporções necessárias, desde o começo. E a construção foi boa.

Quanto ao título, tenho que agradecê-lo a meu genro, Anthony Hicks. Ainda não mencionei Anthony porque não é uma reminiscência, pois está conosco. Verdadeiramente, não sei o que faria, na vida, sem ele. Não só é uma das melhores pessoas que conheço, mas também é notável e interessante. Tem idéias. Pode tornar brilhante a conversa de qualquer mesa de jantar, propondo subitamente “um problema”. Num abrir e fechar de olhos, todo mundo estará discutindo furiosamente.

Ele estudou sânscrito e tibetano; também sabe falar, com autoridade, sobre borboletas, arbustos raros, além de leis, selos, pássaros, louça Nantgar, antiguidades, atmosfera e climas. Se possuo algum defeito é o de discutir longamente sobre vinhos, coisa em que não sou boa julgadora, porque não gosto de vinhos.

Quando nos apercebemos de que o título original da peça *Os três ratos cegos* não poderia ser utilizado — já havia uma peça com esse nome —, exaurimo-nos todos, pensando em novos títulos. Anthony lembrou *A ratoeira*. Foi adotado. Ele deveria partilhar de meus direitos de autor, acho, mas nessa altura ninguém sonhava que essa peça fosse fazer história no teatro.

Muita gente me pergunta a que atribuo o êxito dela. Além de replicar com a resposta óbvia — “Sorte!” — porque noventa e cinco por cento do êxito se deveu à sorte —, a única razão que posso dar é que ela contém algo que atinge todo mundo: pessoas de diferentes idades e gostos podem apreciá-la. Gente moça gosta, e também gente de meia-idade; Mathew e seus amigos de Eton e, mais tarde, Mathew e seus amigos da universidade iam vê-la e gostavam, e as sumidades de Oxford também gostam. Quando reflito sobre ela, sem vaidade nem modéstia demais, vejo que, em

seu gênero leve, no qual coexistem humor e apelo à emoção, é uma peça bem-construída. O assunto desenrola-se de modo que todo mundo queira saber o que acontecerá em seguida, e ninguém suspeita até onde a ação conduzirá, mesmo nos minutos seguintes. Também penso (embora as personagens de peças em cartaz por muito tempo acabem virando caricaturas) que as personagens de *A ratoeira* poderiam ser reais.

Certa vez, três crianças foram negligenciadas e destratadas depois de entregues pela Câmara, numa fazenda, aos cuidados de uma família. Uma dessas crianças morreu, e ficou o receio de que um dos rapazes sobreviventes, que demonstrava certas tendências para a delinqüência, pudesse crescer com recalques e desejo de vingança. Aconteceu também outro caso de assassinato, em que alguém que alimentava, havia muitos anos, um ressentimento infantil, não sei qual, tentara vingar-se. Essa parte do enredo, portanto, não era inverossímil.

Quanto às personagens — uma mulher jovem, rancorosa, determinada a viver apenas o futuro; um jovem que se recusa a enfrentar a vida e só ambiciona proteção; o rapazinho que queria vingar seu amigo Jimmy da mulher cruel que o fizera sofrer — e também de sua jovem professora —, todas me parecem reais, naturais, quando as vejo em cena.

Richard Attenborough e sua encantadora mulher, Sheila Sim, encarnavam as personagens principais na primeira montagem. Que belas atuações! Amavam a peça, acreditavam nela, e Richard Attenborough dava grande atenção à personagem que representava. Eu gostava de assistir aos ensaios, gostava de cada minuto deles!

Finalmente, a peça foi levada à cena. Devo dizer que não sabia que tinha em minhas mãos um grande êxito, nem nada que

remotamente se parecesse com isso. Achava que a peça teria sucesso, mas pensei que fracassara — não sei se na primeira representação, talvez no princípio da *tournee*, em Oxford —, quando fui, com alguns amigos, assistir à representação. Colocara nela situações humorísticas demais; o público ria demais; isso talvez lhe tirasse a emoção e o terror. Senti-me um pouco deprimida em relação à peça, recordo-me bem.

Peter Saunders, por outro lado, assentia com a cabeça para mim e dizia: “Não se preocupe! Meu prenúncio é de que essa peça ficará um ano em cena; acho que a mantereí em cartaz uns catorze meses!”

“Não durará tanto tempo”, eu disse. “Oito meses, talvez. Sim, talvez oito meses.”

E agora, no momento em que estou escrevendo isto, ela está justamente completando treze anos de representações consecutivas, tendo sido interpretada por numerosos e diferentes atores. O Ambassadors Theatre teve que renovar totalmente as poltronas e instalar uma cortina nova. Agora, soube que terá um novo cenário, porque o anterior está ficando velho demais. E o público continua indo ao teatro.

Devo dizer que me parece incrível. Por que ficaria em cena *treze anos* uma peça agradável, divertida, para passar um serão? Não pode haver dúvida de que os milagres acontecem.

Para quem vão os lucros? A maior parte, é claro, vai para os impostos, como em tudo o mais; à parte isso, porém, quem ganha? Fiz presente de muitos dos direitos autorais de meus livros e histórias a outras pessoas. Os direitos autorais de um conto, “Santuário”, foram oferecidos ao Fundo de Ajuda da Abadia de Westminster, e outras histórias foram dadas a um ou outro de meus amigos. O fato de podermos sentar-nos a uma mesa e

escrever algo que passa diretamente de nós para outrem dá-nos uma felicidade muito mais natural e muito maior do que dar presentes, cheques, ou coisas do gênero. Podemos pensar que dá tudo no mesmo, mas não é bem assim. Um de meus livros pertence aos sobrinhos de meu marido; apesar de ter sido publicado há muitos anos, ainda lhes proporciona uma boa renda. Dei meu quinhão dos direitos autorais do filme *Testemunha de acusação* a Rosalind.

A peça *A ratoeira* foi dada a meu neto Mathew. É claro que Mathew sempre foi o sortudo da família, e o presente de Mathew *tinha* que ser o mais rendoso.

Tive especial prazer quando, depois de escrever um livro mais longo, algo entre um romance e uma novela, os proventos foram destinados à colocação de um vitral na janela da igreja da minha cidade, em Churston Ferrers. É uma linda igreja, e a janela do lado do nascente, tapada com um vidro branco, sempre me dava a idéia da falta de um dente. Olhava para ela todos os domingos e costumava pensar em como ficaria bonita com um vitral de tons pálidos. Não entendia coisa alguma a respeito de vitrais e passei uma temporada difícil, em que visitei estúdios e obtive esboços diversos, feitos por artistas especializados em vitrais. Por fim, limitei-me a um artista chamado Patterson, que morava em Bideford, e que me enviou um desenho para a janela que apreciei muito — particularmente suas cores, que não eram os habituais vermelhos e azuis, mas o lilás e o verde-pálido, minhas cores favoritas. Queria que a figura central fosse a do Bom Pastor. Tive algumas dificuldades acerca disto com a diocese de Exeter e, posso dizê-lo, também com o sr. Patterson. Tanto uma como o outro insistiam que o desenho central de uma janela do lado do nascente *tinha* que ser, forçosamente, a Crucificação.

Todavia, a diocese, procedendo a pesquisas a esse respeito, concordou em que figurasse a imagem de Jesus como Bom Pastor, pois tratava-se de uma paróquia pastoral. Queria que essa janela fixasse um motivo que fizesse as pessoas se sentirem felizes e para o qual as crianças também pudessem ter prazer em olhar. Por isso, no centro do vitral está o Bom Pastor, com seu Cordeiro, e os outros painéis são o presépio com a Virgem e o Menino Jesus, e os anjos que aparecem aos pastores nos campos; os pescadores são vistos com suas redes, e a figura do Cristo caminha sobre as águas. São as cenas simples do Evangelho. Amo esse vitral, gosto de olhar para ele aos domingos. O sr. Patterson fez um belo trabalho. Espero que resista às provações dos séculos, por ser simples. Sinto-me simultaneamente orgulhosa e humilde por me ter sido permitido oferecê-lo com os proventos de meu trabalho.

II

Certa noite de estréia se destaca em minhas reminiscências de forma especial: a primeira representação de *Testemunha de acusação*. Posso dizer com segurança que foi a única estréia de uma peça minha a que gostei de ter assistido.

As estréias são normalmente de uma angústia insuportável. Há apenas dois motivos para irmos às estréias de nossas peças: um deles não é ignóbil: é que os pobres atores têm que agüentar aquilo tudo e, se as coisas correm mal, é deslealdade do autor não estar presente para partilhar a tortura deles. Conheci essa agonia na estréia de *Alibi*. O texto exige que o mordomo e o médico batam à porta fechada de um escritório e depois, em crescente alarme, forcem a porta. Na noite de estréia, a porta do escritório não

esperou ser forçada — abriu-se amavelmente ante a primeira pessoa que lhe botou a mão, exibindo o cadáver no ato de compor sua atitude final! Isso fez com que eu ficasse para sempre nervosa nas estréias de minhas peças, pensando em portas fechadas, luzes que não se apagam quando tudo exige que se *apaguem*, e luzes que *não* se acendem quando *deveriam* acender-se. Essas são as verdadeiras agonias do teatro.

O outro motivo para assistir às primeiras exhibições é, claro, a curiosidade. Sabemos que vamos detestar; que vamos ficar infelizes; que vamos notar os erros, as falas que o ator esquece, as lacunas, e tudo o mais. Nós vamos, porém, por causa de nossa curiosidade insaciável. Temos que ver *com nossos próprios olhos!* Nada do que nos pudessem contar teria o mesmo valor. Portanto, lá vamos nós tremendo, sentindo frio e calor, pedindo aos céus para que ninguém note nossa presença, nos píncaros do teatro, onde procuramos nos esconder.

A estréia de *Testemunha de acusação* não foi uma agonia. Era uma de minhas peças de que eu mais gostava. Estava quase mais satisfeita com ela do que com qualquer outra. Eu, a princípio, não quisera escrevê-la; sentia mesmo terror de escrevê-la. Fui forçada a isso por Peter Saunders, dono de maravilhosos poderes de persuasão. Docemente tirânico, sutilmente bajulador: “Claro que poderá escrever essa peça!”

“Não tenho o menor conhecimento sobre processos legais. Farei triste figura.”

“Mas tudo é muito fácil. Pode ler algo a esse respeito, e teremos um advogado à mão para esclarecer-lhe as dúvidas que possam surgir...”

“Não saberei escrever uma cena passada num tribunal.”

“Saberá, sim, já viu cenas representadas em tribunais.

Poderá ler alguns julgamentos.”

“Oh, não sei, não... Acho que não conseguirei!”

Peter Saunders continuou a dizer que eu poderia e que deveria começar a escrever a peça, pois estava com pressa de encená-la. Desse modo, quase hipnotizada e sempre dócil ao poder de sugestão, li quantidades de julgamentos famosos, fiz perguntas a advogados e, de repente, senti que me divertia — o maravilhoso instante na vida de um escritor que, apesar de breve, nos empolga com uma espécie de vigor e nos arrasta como a onda ao nos impelir para a praia. “É ótimo, estou conseguindo, está dando certo, o que vou escrever a seguir?” Há também aquele momento inestimável em que temos a visão da obra — não no palco, mas em nossa mente. Está tudo ali, a realidade, um tribunal autêntico — não o Old Bailey, é claro, porque nunca fora lá, mas um tribunal de verdade, esboçado vagamente em minha imaginação. Eu via o nervoso e desesperado jovem no banco dos réus e, na das testemunhas, a enigmática mulher que viria a ser testemunha não de seu amante, mas da Coroa. Foi uma das coisas que escrevi mais rapidamente — acho que demorei apenas duas ou três semanas, depois de minhas leituras preparatórias.

É claro, posteriormente tive que fazer algumas alterações e lutar com denodo pelo desfecho que escolhera. Ninguém gostava dele, ninguém o queria, todo mundo dizia que estragava a peça. Todos diziam: “Você não se safa com esse desfecho”, e queriam que fosse diferente; preferiam o desfecho da história original, escrita havia alguns anos. Era um conto, porém, e não uma peça de teatro. O conto não tinha cenas em tribunais, nem julgamentos de assassinos. Era um mero esboço da história de uma pessoa acusada e uma testemunha enigmática. Teimei, porém, até o fim. Normalmente, nesses assuntos, não teimo, quase nunca possuo

convicção suficiente. Nesse caso, porém, eu a tinha. Queria aquele final. Queria tanto aquele final que não concordaria que a peça fosse representada sem ele.

Venci: a peça foi um êxito. Algumas pessoas acharam o final forçado, mas eu sabia que não era. Era o desfecho lógico. Era o que seria possível suceder e que, a meu ver, provavelmente teria sucedido — talvez com um pouco menos de violência, mas o fator psicológico estava correto, e o pequeno fato em que assentava ficava implícito durante toda a peça.

Um advogado e seu assessor deram-me conselhos, vieram aos ensaios por duas ocasiões. A crítica mais severa veio do assessor. Disse-me: “Bem, para mim está tudo errado, porque um julgamento como este demoraria três ou quatro dias pelo menos. Não vai conseguir fazer com que tudo se passe em uma hora e meia ou duas”. É claro que estava com a razão, mas lhe explicamos que todas as cenas de tribunal seriam beneficiadas com a dimensão da ação teatral, e que os três dias teriam que ser condensados num período contado em horas, não em dias. Uma cortina que descia, de tempos em tempos, ajudava a dar a idéia da passagem do tempo; assim, em *Testemunha de acusação*, acho que foi válida a continuidade obtida na cena do tribunal.

Seja como for, gostei de assistir à estréia. Suponho que cheguei com meu habitual nervosismo, mas, logo que o pano subiu, comecei a ficar satisfeita. De todas as peças que escrevi, esta tinha o elenco que mais se aproximava do que eu queria: Derek Blomfield era o jovem acusado; as personagens da lei que eu jamais vira na realidade, pois mal conhecia assuntos de leis, de repente pareciam reais; e Patrícia Jessel, que tinha o papel mais difícil de todos e de quem o êxito da peça com certeza mais dependia, era a artista mais perfeita que se poderia ter

encontrado. O papel era difícil, especialmente no primeiro ato, onde o texto não a ajudava. O texto é hesitante, reservado, e toda a força da peça está na atriz, em sua mímica, em seus olhares, reticências, na sensação que possa comunicar de que algo maligno a inspira. Ela sugeria tudo isso à perfeição — *era* a personagem tensa, enigmática. Ainda considero seu desempenho como Romaine Helder uma das melhores atuações que jamais vi.

Assim, estava feliz, radiosamente feliz, sobretudo com os aplausos da platéia. Como de costume, fugi do teatro logo que o pano desceu e fui para Long Acre. Em poucos minutos, enquanto procurava o carro à minha espera, fui rodeada amistosamente por uma multidão de pessoas que estavam entre a platéia e me haviam reconhecido, davam-me pancadinhas nas costas e encorajavam-me: “A melhor coisa que escreveu até hoje, querida!” Ou então: “De primeira categoria! Positivo!” Ou ainda: “Para esta peça só o V da vitória!” E mais: “Amei cada minuto desta peça!” Deram-me livros de autógrafos para assinar, e eu os assinei, alegre e feliz. Minha timidez, meu nervosismo dessa vez haviam me abandonado. Sim, foi uma noite memorável, e ainda hoje me sinto orgulhosa dela. De longe em longe, procurando nos escaninhos da memória, recordo essa noite e digo para comigo: “Essa foi uma grande noite!”

Outra ocasião de que também me lembro com certo orgulho, mas, devo dizer, também com alguma mágoa, foi o décimo aniversário de *A ratoeira*. Houve uma recepção — era forçoso haver uma celebração e, o que era pior, *eu* teria que comparecer a ela. Não me incomodava ir a pequenas recepções de teatro, dadas somente para o elenco, ou algo desse gênero; uma delas foi apenas uma reunião de amigos e eu, embora nervosa, fui. Esta, porém, era em grande estilo, uma super-recepção no Savoy. Continha

tudo o que há de mais horroroso numa recepção: multidões de pessoas, televisão, luzes, fotógrafos, repórteres, discursos, e mais isto e aquilo! Ninguém, no mundo, está menos preparado para representar o papel de vedete do que eu. Mas não podia deixar de estar presente. Certamente, não teria que discursar, apenas dizer algumas palavras — algo que nunca fizera. Eu não *sei* fazer discursos, *nunca* faço discursos e *já* farei discursos, o que é ótimo para mim porque, se os fizesse, seriam péssimos.

Sabia que qualquer discurso que fizesse nessa noite seria muito ruim. Tentei pensar em algo para dizer e desisti, porque só em pensar no discurso sentia-me pior ainda. Era preferível não pensar em nada e, quando chegasse o momento horrível e eu *tivesse*, mesmo, que dizer algumas palavras — não teria muita importância o que poderia dizer e não poderia ser pior do que um discurso que já tivesse planejado e que iria gaguejar.

Para mim, a recepção começou da maneira menos auspiciosa. Peter Saunders pedira-me para estar no Savoy trinta minutos antes da hora marcada. (Isso — descobri quando lá cheguei —, para ser submetida às torturas das fotografias, em maior número do que eu pensava.) Fiz como me disseram, e cheguei corajosamente só ao Savoy. Quando tentei, porém, entrar na sala reservada à recepção, fui impedida. “Ninguém pode entrar por enquanto, minha senhora. Faltam vinte minutos para que se possa entrar.” Retirei-me. Não podia declarar de chofre: “Sou a sra. Christie; disseram-me que entrasse”. Não pude. Por causa de minha desgraçada, horrorosa, inevitável timidez. Acho isso especialmente estúpido quando considero que as reuniões sociais normais não me intimidam. Não gosto de recepções grandes, mas consigo comparecer a elas, e o que sinto então não é verdadeiramente timidez. Suponho que, nessa altura — não sei se

todos os escritores sentem o mesmo, mas sei que muitos o sentem —, sinto que estou pretendendo passar por alguém que na verdade não sou, porque, mesmo hoje em dia, não consigo comportar-me como uma escritora. Ainda tenho como que a sensação de estar *fingindo* que sou escritora. Talvez me pareça um pouco com meu neto, o jovem Mathew, aos dois anos de idade, quando descia as escadas sossegando-se a si próprio, dizendo: “Este é Mathew, descendo as escadas!” Assim fui até o Savoy, dizendo a mim própria: “Esta é Agatha, fingindo que é uma escritora renomada, indo para a grande recepção dada em sua honra. Ela tem que parecer alguém, tem que fazer um discurso que não sabe fazer, tem que ser uma personagem que não sabe interpretar”.

Seja como for, não retorqui à proibição de entrar, voltei-me e vagueei desconsoladamente pelos corredores do Savoy, tentando ganhar coragem para voltar e dizer como Margot Asquith: “Eu sou eu!” Felizmente, fui salva pela querida Verity Hudson, a administradora de Peter Saunders. Ela riu muito — não podia deixar de rir —, e Peter Saunders também deu grandes risadas. Assim que entrei na sala, fui submetida ao corte de fitas, à obrigação de beijar atrizes, com um sorriso afetado de orelha a orelha, e tive que sofrer o insulto à minha vaidade de encostar o rosto, carinhosamente, ao de uma atriz jovem e bonita, sabendo que essa fotografia ia aparecer no noticiário do dia seguinte — ela, belíssima e confiante em seu papel, e eu, realmente *horrorosa!* Mas suponho que isso seja bom para nos curar da vaidade.

Tudo se passou bem, porém teria sido melhor se a rainha da festa tivesse algum talento e fizesse um bom desempenho. Ainda assim, meu “discurso” não foi um desastre. Pronunciei apenas algumas palavras, e as pessoas foram amáveis, todo mundo me

disse que estava bom. Não cheguei a acreditar, mas acho que, afinal, não terá sido de todo mau. As pessoas sentiam pena de minha inexperiência, entendiam que eu tentava fazer o melhor que podia e mostravam simpatia pelos meus esforços. Minha filha, devo dizer, não concordou. Disse-me: “Mamãe, devia ter preparado de antemão algo mais *adequado*”. Mas ela é ela, e eu sou eu, e no meu caso preparar seja o que for conduz muito mais infalivelmente ao desastre do que confiar na inspiração do momento, quando, pelo menos, podemos contar com os sentimentos cavalheirescos e generosos da assistência.

“Você, esta noite, fez história do teatro”, disse-me Peter Saunders, esforçando-se ao máximo para me animar. Suponho que, de certo modo, seja verdade.

III

Há alguns anos, estávamos na embaixada em Viena, quando Sir James e Lady Bowker ocupavam aquele posto, e Elsa Bowker chamou minha atenção quando chegaram alguns repórteres para uma entrevista.

“Mas, Agatha!”, exclamou, com sua encantadora pronúncia estrangeira, “não compreendo você! Se eu estivesse em seu lugar me alegraria, estaria orgulhosa. Eu teria dito: Sim! Venham sentar-se junto de mim! Tudo o que fiz foi maravilhoso, sou a melhor escritora de livros policiais do mundo, sinto-me orgulhosa com esse fato. Sim, sim, é claro que vou contar tudo sobre mim. Mas estou encantada! Sem dúvida que sou muito inteligente! Se eu fosse você eu me sentiria inteligentíssima, tão inteligente que não falaria de mais nada o tempo todo!”

Ri muito e respondi: “Bem que gostaria, Elsa, se pudéssemos trocar de pele, pelo menos durante meia hora. Você daria uma entrevista muito bonita, e eles adorariam você. Eu, porém, não sou qualificada para fazer bem esse gênero de coisas, sobretudo diante de assistência”.

De modo geral eu fora bastante sensata para *não* fazer coisas em público, exceto quando era absolutamente necessário ou quando pudesse ferir os sentimentos das pessoas com minha recusa. Quando não fazemos bem alguma coisa, é muito mais sensato não tentarmos fazê-la e, realmente, não vejo por que os escritores devam fazer esse gênero de exhibições — não faz parte de seu ofício. Há muitas carreiras em que as personalidades e as relações públicas são importantes — por exemplo, o caso de um ator ou de qualquer figura pública. O que um escritor tem que fazer é, simplesmente, escrever. Os escritores são criaturas sem confiança — necessitam de encorajamento.

Minha terceira peça representada em Londres (todas ao mesmo tempo) foi *A teia de aranha*, escrita especialmente para Margaret Lockwood. Peter Saunders pedira-me que me encontrasse com ela e conversássemos sobre esse assunto. Margaret Lockwood disse-me que gostava da idéia de que eu escrevesse uma peça para ela e perguntei-lhe, exatamente, de que gênero de peça gostaria. Disse-me imediatamente que não gostaria de continuar desempenhando papéis sinistros e melodramáticos, e que fizera filmes demais, ultimamente, em que fora a mulher má. Queria representar comédias. Acho que estava com a razão, porque tinha enorme talento para a comédia, tanto quanto para papéis dramáticos. É ótima atriz e possui um ritmo perfeito, que a

torna capaz de dar ao texto seu verdadeiro peso.

Também gostei muito de escrever as falas de Clarissa em *A teia de aranha*. A princípio, houve certas hesitações quanto ao título; hesitamos entre *Clarissa encontra um cadáver* e *A teia de aranha*; mas, por fim, o último título levou a melhor. Ficou em cena dois anos, e eu me senti muito feliz com ela. Quando Margaret Lockwood conduzia o inspetor de polícia pelo caminho do jardim, era encantadora.

Mais tarde, escreveria uma peça chamada *O hóspede inesperado*, e outra ainda, que não obteve muito êxito junto ao público, mas me satisfez completamente. Seu título era *Veredicto*, um mau título. Eu a intitulara primeiro *Não há amarantos*, tirado das palavras de Walter Landor: “Não há flores de amarantos nesse lado do túmulo”. Ainda considero essa peça uma das melhores que escrevi, com exceção de *Testemunha de acusação*; creio, no entanto, que falhei: ela não é verdadeiramente uma história policial ou de terror. É uma peça sobre um crime, mas seu tema real, o ponto enfocado, é a idéia de que um idealista é sempre uma pessoa perigosa, um possível destruidor daqueles que o amam. A peça discute até que ponto devemos sacrificar, não a nós próprios, mas àqueles a quem amamos, por aquilo em que acreditamos, mesmo que nossa crença não seja partilhada por nossos entes queridos.

De todos os meus livros policiais, os dois que mais me satisfazem são *A casa torta* e *Punição para a inocência*. Com grande surpresa minha, ao relê-los outro dia, achei que há mais um que me dá real satisfação: *A mão misteriosa*. É um grande teste reler o que escrevemos há dezessete ou dezoito anos. Nossos

pontos de vista mudam. Alguns livros não resistem à passagem do tempo.

Uma moça italiana que uma vez me entrevistou (e me fez, devo dizer, perguntas bastante tolas) incluiu esta: “Já escreveu ou publicou algum livro que considere francamente ruim?” Repliquei com indignação que não. Nenhum livro, respondi, era exatamente o que desejaria que fosse, e jamais ficava totalmente satisfeita com meus livros, mas se achasse ruim um livro escrito por mim não permitiria que chegasse a ser publicado.

Todavia, penso que o fiz com *O mistério do trem azul*. Sempre que o leio, acho-o cheio de lugares-comuns, clichês, e com um enredo desinteressante. Muita gente, lamento dizê-lo, *gosta* desse livro. Diz-se, porém, que os autores não são bons juizes de seus próprios trabalhos.

Como será triste quando não mais puder escrever! No entanto, não devo ser ambiciosa demais. Afinal de contas, continuar escrevendo aos setenta e cinco anos sempre é uma sorte. Deveríamos saber ficar satisfeitos e nos aposentar nessa idade. Mas fui tentada a continuar pelo fato de meu último livro publicado ter vendido melhor do que todos os outros até então: parecia uma tolice parar de escrever. Talvez agora deva marcar como limite de idade os oitenta anos.

Apreciei muito a segunda floração da vida, que chega quando já terminou nosso período de emoções e comprometimento pessoal, e quando de súbito verificamos — vamos dizer, por volta dos cinqüenta anos — que uma nova era se abre perante nós, cheia de motivos sobre os quais podemos meditar, estudar ou ler. Freqüentamos de novo exposições de pintura, concertos e óperas com o mesmo entusiasmo dos vinte ou vinte e cinco anos. Durante certo período, nossa vida pessoal absorve todas as nossas

energias; a partir daí, porém, estamos de novo livres para olhar à nossa volta. Podemos gozar nossos ócios; podemos gozar as coisas. Ainda temos bastante juventude para viajar por países estrangeiros, embora não possamos agüentar uma maneira de viver tão dura quanto a que suportávamos quando jovens. É como se uma nova seiva de idéias e pensamentos nascesse dentro de nós. Com ela, naturalmente, pagamos o tributo da idade — a descoberta de que nosso corpo está sempre doendo em algum lugar; estamos sofrendo de lumbago; ou passamos o inverno com reumatismo no pescoço, de modo que nos é penoso virar a cabeça; ou estamos sofrendo de artrite nos joelhos e não suportamos mais ficar muito tempo de pé ou caminhar por montes e vales — tudo isso acontece com a idade, e tem que ser suportado. Mas nossa gratidão pelo dom da vida é, acredito, ainda mais forte e vital durante esses anos do que antes. Possui algo da intensidade e realidade dos sonhos — e eu ainda aprecio sonhar.

IV

Por volta de 1948, a arqueologia de novo erguia a cabeça. Todo mundo falava de possíveis expedições e fazia planos para visitar o Oriente. As condições para se fazer escavações no Iraque eram novamente favoráveis.

A Síria providenciara os melhores achados arqueológicos, antes da guerra, mas agora as autoridades do Iraque e o Departamento de Antiguidades ofereciam boas condições. Qualquer peça original tinha que ser enviada para o Museu de Bagdá, mas os objetos duplicados seriam partilhados, e o pessoal da escavação receberia boa parte deles. Assim, depois de um ano

de escavações experimentais em pequena escala, aqui e ali, começou a retomada de trabalho naquele país. Fora criada uma cadeira de arqueologia asiática ocidental, para a qual Max fora nomeado professor, no Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres. Dar-lhe-iam uns tantos meses por ano para que trabalhasse nas escavações arqueológicas.

Com enorme prazer partimos de novo, depois de um lapso de dez anos, para reassumir nosso trabalho no Oriente. Dessa vez não pelo Expresso do Oriente, infelizmente! Já não era o modo mais barato de viajar — na realidade, não se podia viajar nesse trem. Fomos de avião, e foi nossa iniciação na entediante rotina que é a viagem aérea. Mas não podíamos ignorar o tempo que poupávamos. Lamentável, também, era não haver mais jornadas através do deserto, pela Agência Nairn; voava-se de Londres até Bagdá, e pronto! Nesses primeiros tempos ainda se passava uma noite aqui ou ali, pelo caminho, mas estávamos no início de uma era que já se podia antever, na qual viajar se tornaria um tedioso planejamento de despesas sem prazer.

Fomos até Bagdá, Max e eu, juntamente com Robert Hamilton, que trabalhara nas escavações dos Campbell-Thompsons e, mais tarde, fora diretor do Museu de Jerusalém. Depois, todos juntos, visitamos locais no norte do Iraque, entre o Pequeno Zab e o Grande Zab, até que chegamos à pitoresca colina e cidade de Erbil. Daí partimos na direção de Mossul e, no caminho, fizemos nossa segunda visita a Nimrod.

Nimrod continuava uma região tão bela quanto eu recordava, desde nossa primeira visita, havia muito tempo. Max examinou-a com particular zelo dessa vez. Antes, nem longinquamente seria possível pensar em visitar esse lugar, mas agora, embora ele não o tivesse dito logo, seria possível. Mais uma

vez fizemos aí um piquenique. Visitamos ainda várias colinas artificiais, e depois fomos para Mossul.

O resultado dessa viagem foi que Max, por fim, declarou abertamente que queria explorar Nimrod. “É um sítio arqueológico e histórico imenso, e *deve* ser escavado. Ninguém mexeu lá nestes últimos cem anos, aproximadamente, desde os trabalhos de Layard — e Layard só escavou a franja dos terrenos. Encontrou alguns bonitos fragmentos de marfim — devem existir montes deles. É o local de uma das três cidades importantes da Assíria. Assur era a capital religiosa, Nínive, a capital política, e Nimrod, ou Calach, como era então seu nome, a capital militar. *Deveria ser escavada*. Isso significaria muitos trabalhadores, muito dinheiro e vários anos. Há sérias probabilidades, se tivermos um pouco de sorte, de que seja uma das escavações históricas que trará mais contribuição ao conhecimento do passado do mundo.”

Perguntei a Max se não se interessava mais por cerâmica pré-histórica. Ele respondeu: “Sim”, mas tantas perguntas já haviam tido resposta que ele só estava interessado, agora, em Nimrod, como sítio a ser escavado.

“É do nível”, disse-me, “dos túmulos de Tutancâmon, de Cnossos, Creta e Ur. Para estudar um local desses terei coragem de pedir um empréstimo.”

O dinheiro apareceu; não muito, a princípio, mas, à medida que fazíamos novas descobertas, as dotações aumentavam. O Museu Metropolitano de Nova York foi um dos maiores contribuintes; veio dinheiro da Escola de Arqueologia Gertrude Bell, no Iraque, e muito mais: do Ashmolean, do Fitzwilliam, de Birmingham. Assim, começamos o que seria nosso trabalho nos dez anos seguintes.

Neste mesmo mês, agora, será publicado o livro de meu

marido, *Nimrod and its remains*. Levou dez anos para escrevê-lo. Sempre receou não viver tempo bastante para completá-lo. A vida é muito incerta, e doenças tais como trombose, pressão alta e todos os males modernos parecem estar sempre esperando por nós, particularmente os homens. Mas está tudo certo. É o trabalho de toda a sua vida: foi para isso que ele se encaminhou, desde 1921, serena e constantemente. Tenho orgulho dele, e estou feliz com sua felicidade. Parece um milagre que, tanto ele como eu, tenhamos tido êxito nas tarefas a que nos dedicamos.

Nada poderia ser mais diferente do que nossos trabalhos. Eu não sou uma intelectual, e ele sim; no entanto, nós nos completamos um ao outro e nos ajudamos mutuamente. Muitas vezes ele pediu minha opinião sobre certos assuntos, e, embora eu seja uma amadora, sei bastante acerca de sua especialidade arqueológica. Na realidade, há muitos anos, disse a Max, com tristeza, que era uma pena não ter estudado arqueologia quando moça, de modo a ter mais conhecimentos sobre essa matéria, e ele respondeu-me: “Você não está vendo que neste momento sabe mais sobre cerâmicas pré-históricas do que qualquer outra mulher na Inglaterra?”

Naquele momento talvez eu soubesse, embora mais tarde tenha esquecido. Jamais terei uma atitude profissional nem recordarei as datas exatas dos reis da Assíria, mas interesse-me particularmente pelos aspectos humanos que a arqueologia revela. Gosto de encontrar um Cachorrinho enterrado debaixo do limiar de uma porta na qual estão inscritas as seguintes palavras: “Não pare para pensar. Morda!” Que boa divisa para um cão de guarda! Podemos imaginar que, quando alguém a inscrevia no barro, todo mundo ria. As lâminas onde estavam inscritos os contratos são interessantes, pois esclarecem quando e como alguém se vendia

como escravo, ou as condições em que se adotava um filho. Podemos visualizar Shalmaneser construindo seu jardim zoológico, enviando animais exóticos de suas campanhas, tentando aclimatar novas plantas e árvores. Sempre gulosa, fiquei fascinada quando descobrimos uma esteira que descrevia um festival oferecido pelo rei, na qual constava a lista de todas as coisas que iam comer. O que me pareceu mais estranho, depois de cem carneiros, seiscentas vacas, e tudo o mais nessas quantidades, foi descobrir que só estavam indicados vinte pães. Por que seria tão diminuto esse número? E por que mencionaram o pão?

Eu nunca fui arqueóloga tão entusiástica que me interessasse demais pelos níveis, planos e tudo o que é examinado, hoje, com tanto cuidado pelos adeptos da escola moderna. Interesse-me, digo sem me envergonhar, sobretudo pelos objetos de artesanato e de arte que vão aparecendo no solo. Sei que não é o mais importante, mas para mim nunca haverá nada que me fascine mais do que o trabalho produzido por mãos humanas: os pequenos escrínios de marfim, com cenas cinzeladas com músicos e seus instrumentos; o menino alado, a maravilhosa cabeça de mulher, feia mas cheia de energia e personalidade.

Morávamos numa parte da casa do xeque, no vilarejo entre o *tell*¹ e o rio Tigre. Destinaram-nos no andar de baixo um cômodo para tomarmos nossas refeições e onde armazenávamos nossas coisas, uma cozinha anexa, e dois quartos no andar de cima — um para Max e para mim, e um menor, sobre a cozinha, para Robert.

¹ “Colina.” *Em árabe no original. (N. do E.)*

Eu revelava as fotografias à noite, na sala de jantar, de modo que Max e Robert iam para o andar de cima. Sempre que andavam, lá em cima, costumavam cair do teto pedacinhos de lama, dentro do prato onde estavam as fotografias por revelar. Antes de preparar o prato seguinte, subia as escadas e dizia, furiosa: “*Lembrem-se* de que estou *revelando* fotografias, bem embaixo de vocês! Todas as vezes que se mexem aqui em cima, algo cai lá embaixo. Será que não podem ficar quietos por alguns momentos?”

Mas acabavam por se entusiasmar com qualquer assunto e corriam a uma mala para tirar um ou outro livro de consulta, e, novamente, caíam pedacinhos de lama.

No pátio da casa havia um ninho de cegonhas; quando se acasalavam, faziam um ruído terrível, batendo com as asas, e ainda outro ruído diferente, que parecia um chocalhar de ossos. As cegonhas são muito apreciadas na maior parte do Oriente Médio, e todo mundo as trata com grande respeito.

Quando, no fim da primeira temporada de trabalho, saímos de lá, tínhamos tudo planejado para a construção de uma casa de adobe, na colina que estava sendo escavada. Os tijolos já estavam prontos, postos a secar, e providenciava-se o telhado.

No ano seguinte, ao regressarmos, ficamos muito orgulhosos com nossa casa. Tínhamos uma cozinha; junto dela uma sala para refeições e a sala de estar, e, a seguir, um cômodo para desenhar e outro para guardar as antiguidades. Dormíamos em tendas. Um ou dois anos mais tarde, acrescentamos à nossa casa um pequeno escritório com uma escrivaninha e uma janela, junto à qual podíamos pagar aos trabalhadores, e, do outro lado, outra escrivaninha para o epigrafista. A seguir vinha o cômodo para desenhar e o aposento de trabalho, com tabuleiros onde ficavam os objetos que precisavam ser restaurados. Além disso, havia

também uma espécie de casa de cachorro, onde o infeliz fotógrafo tinha que preparar a câmara fotográfica e revelar as fotos. De vez em quando, desencadeava-se uma terrível tempestade de areia, com um vento que não se sabia de onde vinha. Tínhamos que sair de casa imediatamente e segurar nossas tendas, com toda a força, enquanto todos os caixotes cheios de lixo voavam para longe. Quando o vento amainava, geralmente as tendas caíam com um *flop*, embrulhando alguém em suas pregas.

Por fim, um ou dois anos mais tarde, fiz um requerimento para que acrescentassem um cômodo que me seria destinado, e cuja construção eu pagaria. Mandei então construir, pela soma de cinqüenta libras, um quarto pequeno, quadrado, feito de adobe; foi aí que comecei este livro. Tinha uma janela, uma mesa, uma cadeira reta e os restos do que fora uma cadeira Minty, tão decrépita que era difícil sentar-se nela, mas ainda confortável. Na parede suspendi dois quadros pintados por jovens artistas do Iraque. Um representava uma vaca de olhar triste junto de uma árvore; o outro era um caleidoscópio de todas as cores imagináveis, que a princípio parecia um mosaico, mas em que, de repente, percebíamos dois burros e o homem que os conduzia através das ruas de um mercado — sempre achei essa pintura fascinante. Por fim, deixei-o lá, porque todo mundo gostava dele e foi promovido à parede da sala principal. Algum dia, espero que volte às minhas mãos.

Na porta, Donald Wiseman, um de nossos epigrafistas, fixou um cartaz escrito em caracteres cuneiformes, anunciando que aquela era a Beit Agatha — a Casa de Agatha —, e para a Casa de Agatha eu ia todos os dias fazer um pouco de meu trabalho. A maior parte do dia, contudo, passava tratando das fotografias ou restaurando e limpando os marfins.

Tivemos uma esplêndida sucessão de cozinheiros. Um deles era louco. Era um indo-português. Cozinhava bem, mas tornou-se cada vez mais estranho, e falava cada vez menos, à medida que o tempo passava. Finalmente, os rapazes que o ajudavam na cozinha vieram dizer-me que estavam ficando preocupados com José — estava muito esquisito. Certo dia, não veio trabalhar. Andamos à sua procura e participamos o fato à polícia, mas por fim foi o pessoal do xeque que o trouxe de volta. Ele então explicou que recebera uma ordem do Senhor a que tivera de obedecer, mas que agora o Senhor lhe dissera que deveria voltar e assegurar-se de que eram cumpridos os desejos d’Ele. Parecia existir em sua mente uma ligeira confusão entre Deus Todo-Poderoso e Max. José vagueou pela casa e caiu de joelhos na frente de Max, que explicava algo aos trabalhadores, e beijou a fimbria de suas calças, o que o deixou imensamente encabulado.

“Levante-se, José”, disse Max.

“Eu devo fazer o que me ordenar, Senhor. Diga para onde deverei ir e irei. Mande-me para Basra e irei para Basra. Diga-me para visitar Bagdá e visitarei Bagdá; se me mandar para as neves do norte, irei para as neves do norte.”

“Estou dizendo”, respondeu Max, aceitando o papel de Deus Todo-Poderoso, “estou dizendo que deve ir imediatamente para a cozinha, para cozinhar a comida de que necessitamos.”

“Irei, Senhor”, disse José, que de novo beijou a bainha das calças de Max, e encaminhou-se para a cozinha. Infelizmente, as linhas pareciam cruzadas, porque chegavam constantemente outras ordens ao pobre José, e ele fugia de novo. Por fim, tivemos que mandá-lo para Bagdá. Cozemos o dinheiro dele em seu bolso e enviamos um telegrama à sua família.

Nessa altura, o ajudante, Daniel, disse que sabia algo de

cozinha e que daria conta do recado naquelas últimas três semanas da temporada. O resultado foram permanentes indigestões. Alimen-távamo-nos exclusivamente com o que ele chamava de “ovos escoceses”, excessivamente indigestos e cozinhados numa gordura muito peculiar. Daniel, porém, decepcionou-nos antes de partir. Brigou com nosso motorista, que o denunciou e informou que ele já havia guardado em sua bagagem vinte e quatro latas de sardinhas e vários outros pitéus. Foi lida a sentença habitual nestes casos. Daniel foi declarado péssimo cristão e péssimo criado, culpado de provocar, entre os árabes, um mau conceito dos cristãos, e avisamos-lhe que não mais o contrataríamos. Foi o pior empregado que jamais tivemos.

Para Harry Saggs, um de nossos epigrafistas, Daniel foi dizer: “O senhor é o único homem bom neste local: lê a Bíblia — já vi o senhor lendo a Bíblia. Então, como é um homem bom, o senhor me dará seu melhor par de calças”.

“Não”, Harry Saggs disse, “não darei nada disso.”

“Se o senhor me der suas melhores calças, então o senhor mostrará que é um bom cristão.”

“Não lhe darei nem minhas melhores calças, nem minhas piores calças”, disse Saggs. “Preciso desses dois pares de calças.” Daniel retirou-se para tentar obter algo em outro lugar. Era extremamente preguiçoso, e sempre arranjava maneira de limpar nossos sapatos depois de escurecer, de modo que ninguém visse se ele estava realmente limpando os sapatos ou se estava apenas sentado, fumando e cantarolando em voz baixa.

Nosso melhor empregado era Michael, que trabalhara no consulado britânico em Mossul. Parecia uma figura pintada por El Greco, com um longo e melancólico rosto e olhos enormes. Estava sempre brigando com sua mulher. Uma ocasião ela tentou matá-lo

com uma faca. Por fim, o médico persuadiu-o a levá-la para Bagdá.

“Ele me escreveu”, Michael nos disse certo dia, “afirmando que é só uma questão de dinheiro. Se lhe der duzentas libras, tentará curá-la.” Max insistiu com ele para que levasse a mulher ao hospital principal, para o qual Max já lhe dera um bilhete de recomendação, a fim de que não fosse vítima de vigaristas.

“Não”, Michael disse, “esse homem é muito importante, mora numa rua principal, numa casa suntuosa. Ele deve ser o melhor.”

A vida em Nimrod nos primeiros três ou quatro anos foi relativamente simples. O mau tempo separava-nos freqüentemente daquilo que era chamado ali de estrada, fato que mantinha os visitantes afastados. Finalmente, devido à nossa crescente importância, foi construído mais tarde um atalho que conduzia de nossa casa à estrada principal e à atual estrada de Mossul, asfaltada em grande parte.

Para nós, foi uma infelicidade. Nos últimos três anos eram tantos os visitantes que nos fazia falta um empregado exclusivamente para recebê-los, acompanhá-los, oferecer-lhes chá, bebidas, etc. Vinham também ônibus repletos de crianças. Foi nossa pior dor de cabeça, porque existiam grandes escavações por todos os lados e as vertentes eram pouco seguras e se desmoronavam facilmente, a não ser que se soubesse, exatamente, por onde se estava caminhando. Implorávamos aos professores das escolas que mantivessem as crianças afastadas das escavações, mas eles, é claro, adotavam a costumeira atitude do “*Inshallah*, tudo dará certo”. Passado algum tempo, até bebês vinham às escavações com seus pais.

“Este lugar”, disse Robert Hamilton, em tom insatisfeito, ao olhar o cômodo onde eram feitos os desenhos e que estava repleto de carrinhos com bebês, guinchando: “Este lugar, hoje em dia, é uma autêntica creche, nada mais!”, suspirou. “Vou sair para medir esses níveis!”

Todos gritamos para Robert, protestando: “Então, Robert, o que é isso?! Você mesmo é pai de cinco filhos. Você é a pessoa indicada para tomar conta dessa creche. Não podemos deixar esses jovens solteiros tomando conta desses bebês!”

Robert olhou-nos friamente e partiu.

Como foram bons esses tempos! Cada ano que passava tinha sua graça diferente, embora, em certo sentido, a cada ano a vida se tornasse mais complicada, mais sofisticada, mais urbana.

A própria colina perdeu a beleza inicial, por causa das escavações enormes. Desaparecera a inocente simplicidade, com cabeças de pedra espetadas por entre a grama verde, salpicada de ranúnculos vermelhos. Desapareceram os bandos de pássaros que se alimentavam de abelhas — adoráveis passarinhos dourados, verdes e cor de laranja e, um pouco mais tarde, outras aves maiores, também azuis e cor de laranja, com o curioso hábito de se despencarem, súbita e desajeitadamente, do céu. Conta uma lenda que essas aves foram punidas por Istar, a serem vencidas pelas asas, porque, de algum modo, haviam insultado essa divindade.

Agora, Nimrod dorme.

Nós a cobrimos de cicatrizes com nossos buldôzers. Suas covas escancaradas foram tapadas com terra. Algum dia suas feridas estarão curadas e, mais uma vez, na primavera se cobrirá de flores.

Aqui existiu Calach, a Grande Cidade. Depois, Calach

dormiu...

Aqui veio Layard perturbar sua paz. E Calach-Nimrod, de novo, adormeceu...

Aqui estiveram Max Mallowan e sua mulher. E, a seguir, novamente Calach dorme... Quem virá, ainda, perturbá-la?

Ninguém sabe.

Não mencionei nossa casa de Bagdá. Tínhamos uma velha casa turca, na margem ocidental do rio Tigre. Era considerado algo esquisito de nossa parte gostarmos tanto dessa casa e não preferirmos uma dessas caixas modernas; mas a verdade é que nossa velha casa turca era fresca e deliciosa, com seu pátio e suas palmeiras, que chegavam até os balaústres da varanda. Atrás de nós havia jardins de palmeiras irrigados e a minúscula casa do porteiro, construída de latas de petróleo. Por ali, alegremente, brincavam as crianças. As mulheres iam e vinham do rio, onde lavavam suas panelas e louças. Em Bagdá, os ricos e os pobres vivem misturados, em intimidade.

Como cresceu essa cidade, desde que a visitei pela primeira vez! Muitos edifícios modernos são feios e copiados de revistas francesas, alemãs, italianas — completamente inadequados ao clima. Já não entramos naqueles frescos *sirdab*, no calor do dia as janelas não são mais aquelas aberturas no alto das paredes, que conservavam o frescor e defendiam-nos dos ardores do sol. Possivelmente, os encanamentos são hoje em dia melhores — os antigos não podiam ser piores —, mas duvido disso. As instalações modernas têm bom aspecto, as louças dos banheiros são de maravilhosas cores lilás ou orquídea, mas os esgotos não têm muito para onde escoar. São ainda descarregados no Tigre, à

maneira antiga, e, como sempre, parece insuficiente a água das descargas. Há algo particularmente irritante nos belos banheiros e lavatórios modernos, devido às dificuldades de uso e à falta de amplo abastecimento de águas.

Devo recordar a primeira visita que fizemos a Arpachiyah, depois de uma ausência de quinze anos. Fomos imediatamente reconhecidos. O lugarejo inteiro saiu à rua. Houve gritos de alegria, choro, cumprimentos, boas-vindas. “Lembra-se de mim, *Hawajah?*”, disse um homem. “Quando a senhora saiu daqui eu era um dos rapazes dos cestos. Agora tenho vinte e quatro anos e sou casado. Tenho um filho grande, um filho crescido — vou mostrá-lo para a senhora.”

Estavam espantados porque Max não se recordava de cada rosto e de cada nome. Lembraram a famosa “corrida”, que ficara na história. Estávamos sempre encontrando amigos nossos de quinze anos atrás.

Um dia em que dirigia um furgão pela cidade de Mossul, o policial que estava dirigindo o tráfego interrompeu-o de repente e gritou: “*Mama! Mama!*”, e avançou para mim, segurou minha mão, sacudindo-a freneticamente:

“Que alegria em vê-la, *Mama!* Sou Ali! Sou Ali, o rapaz dos potes — lembra-se de mim? Sim? Agora sou policial!”

E assim, toda vez que eu estava dirigindo o carro, em Mossul, e Ali estava no serviço, no momento em que me reconhecia, todo o trânsito da rua era interrompido, trocávamos cumprimentos e eu então ia em frente, com todas as prioridades. Como é bom ter amigos assim, calorosos, simples, cheios de alegria de viver e capazes de rir por tudo e por nada! Os árabes gostam de rir e também são muito hospitaleiros. Quando, por acaso, passávamos em qualquer vilarejo onde morava um dos

nossos trabalhadores, ele corria para nós e insistia para que fôssemos à sua casa, tomar coalhada com eles. Alguns dos efêndis da cidade são maçantes; os nativos, porém, são esplêndidos amigos.

Como eu amei esses países!

E ainda os amo e amarei sempre.

Epílogo

A idéia de escrever minha autobiografia assaltou-me, subitamente, em minha “casa” de Nimrod, Beit Agatha.

Reli tudo o que escrevi nessa ocasião e sinto-me satisfeita. Fiz o que era minha intenção fazer. Escrevendo-a, é como se fizesse uma viagem. Não tanto uma viagem *retrospectiva* através do passado, mas uma viagem para o *futuro* — que começa no princípio de tudo, a partir do *Eu* que inicia sua viagem para diante, através do tempo. Não fui limitada nem pelo tempo nem pelo espaço. Fui capaz de me demorar onde queria, de pular para a frente e para trás, conforme desejasse.

Recordei, suponho, tudo o que queria; muitas coisas ridículas e que talvez nem tivesse sentido lembrar. Mas é assim que nós, criaturas humanas, somos feitas.

E agora que cheguei aos setenta e cinco anos, parece-me o momento de parar, porque, no que diz respeito à minha vida, escrevi tudo o que tinha para escrever.

Vivo agora um tempo tomado de empréstimo, esperando, na antecâmara, pelo chamado que inevitavelmente virá. Então partirei para o que vier a seguir — seja lá o que for. Felizmente, não temos que nos preocupar com isso.

Estou pronta, agora, a aceitar a morte. Fui singularmente feliz. Tenho junto de mim meu marido, minha filha, meu neto, meu bondoso genro — as pessoas que constituem meu mundo. Ainda não atingi completamente o momento em que serei um embaraço total para todos eles.

Sempre admirei os esquimós. Um belo dia, cozinham uma deliciosa refeição para a querida e velha mãe, e depois ela se afasta, caminhando pelo gelo, *e não volta mais...*

Deve-se sentir orgulho em deixar a vida desse modo — com dignidade e resolução.

É claro que é muito bonito escrever essas palavras grandiosas. O mais provável é que eu chegue aos noventa e três anos enlouquecendo todo mundo que estiver junto de mim por não ser capaz de escutar o que estão dizendo, queixando-me amargamente dos mais recentes aparelhos científicos para surdos, fazendo inúmeras perguntas, esquecendo imediatamente as respostas e perguntando, novamente, as mesmas coisas. Brigarei violentamente com qualquer paciente enfermeira que estiver me atendendo e a acusarei de estar me envenenando, ou fugirei do mais moderno e confortável Lar para Senhoras Idosas, causando assim imenso trabalho à minha família. E quando finalmente sucumbir à bronquite, um murmúrio será ouvido: “Não podemos deixar de reconhecer que para ela foi um alívio misericordioso...”

E será mesmo um alívio misericordioso (para eles), a melhor coisa que poderia acontecer.

Até lá, enquanto ainda espero confortavelmente na antecâmara da Morte, divirto-me. Embora, a cada ano que passa, eu tenha que cortar *algo* da lista de prazeres que me restam.

Terminaram já meus longos passeios e, infelizmente também, meus banhos de mar; terminaram os filés, as maçãs e as amoras (dificuldades dentárias), e não posso mais ler letras miúdas. Mas ainda sobrou muita coisa. Óperas e concertos, leituras, e o enorme prazer de me deitar na cama e dormir, tendo sonhos variados, e receber freqüentemente visitas de jovens muito bons para mim. E, talvez o melhor de tudo, ficar sentada ao sol — docemente sonolenta. ..

E eis que estou, de novo, recordando! “Eu recordo, eu recordo, a casa onde nasci...”

Sempre, na minha memória, volto a Ashfield.

*“Ô ma chère maison; mon nid, mon gîte,
Le passé l’habite... Ô ma chère maison...”*

Quanto Ashfield significa para mim! Quase nunca sonho com a Greenway House nem com Winterbrook. É sempre com Ashfield, o velho cenário familiar, onde minha vida começou, mesmo que nos sonhos as pessoas sejam do presente. Como conheço bem cada pormenor ali: a cortina vermelha junto da cozinha, o guarda-fogo de latão da lareira do *hall*, com um desenho de girassóis, o tapete turco das escadas, a grande e malcuidada sala de estudos, com seu papel de parede com desenhos azul-marinho e dourados!

Há uns dois anos fui visitar não Ashfield, mas o local onde existiu Ashfield. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que ir lá. Mesmo que me fizesse sofrer, teria que ir.

Três anos antes, alguém me escrevera, perguntando-me se sabia que a casa estava sendo destruída e que iam fazer lá um conjunto habitacional. A pessoa que me escrevia perguntava se eu não poderia tentar salvar Ashfield — alguém lhe dissera que eu morara naquela casa tão bela.

Fui falar com meu advogado. Perguntei-lhe se me seria possível comprar a casa e doá-la talvez a um asilo para pessoas de idade. Mas não era possível. Havia sido vendidas em conjunto quatro ou cinco casas e jardins — todas seriam demolidas e, em seu lugar, construiriam os tais blocos de apartamentos.

Não poderia, portanto, haver tréguas para minha querida Ashfield.

Isso sucedeu um ano e meio antes de eu me decidir a fazer a viagem pela Barton Road...

Não havia mais nada que me suscitasse sequer uma lembrança. Ali tinham sido construídas as mais mesquinhas, vulgares e pretensiosas casinhas que eu jamais vira. Não restava nenhuma das grandes árvores. Os freixos do bosque haviam desaparecido, assim como os restos da grande faia, a wellingtônia, os pinheiros, os olmos que bordejavam a horta, a escura azinheira — eu nem sequer pude situar, na minha mente, onde antigamente ficava a casa. E então encontrei a única pista — os vestígios do que fora uma araucária, lutando pela sobrevivência num pátio de fundos. Tudo o mais era asfalto. Nem uma folha de capim exibiu seu verde.

Eu disse à árvore: “Valente araucária”, e refiz o caminho de volta.

Mas fiquei menos triste quando refleti sobre o que sucedera. Ashfield existira; seu tempo, porém, terminara. E, porque *havia existido*, ainda *existe* na eternidade. Ashfield ainda é Ashfield. Recordar minha casa não me causa mais sofrimento.

Talvez alguma criança, mordendo um brinquedo de plástico e tamborilando numa tampa de lata de lixo, possa um dia olhar para outra criança com cachos em forma de salsicha, de um louro muito pálido e de rosto solene. A criança solene estará junto de uma araucária, num canteiro gramado, segurando um arquinho. Ela olhará para a nave espacial de plástico que a outra criança está mordendo e esta olhará para o arquinho. Mas ela não sabe o que é um arquinho. E não sabe que está vendo uma assombração...

Adeus, querida Ashfield.

Tantas outras coisas para recordar! Caminhar por um tapete

de flores até o santuário dos yezidas, em Sheikh Adi... A beleza das grandes mesquitas de azulejos de Isfahan — uma cidade que parece saída de um conto de fadas... Um poente vermelho visto de nossa casa de Nimrod. .. Sair do trem nas Portas Amânicas ao crepúsculo... As árvores de New Forest no outono... Nadar em Torbay com Rosalind... Mathew jogando no torneio entre Eton e Harrow... Max ao voltar da guerra, comendo comigo peixe defumado... Tantas coisas, tão tolas, tão engraçadas — e algumas também tão belas! Dois cumes de ambição atingidos: jantar com a rainha da Inglaterra (como a *nursie* teria ficado contente! “Gatinho, gatinho, onde estava você?”) e a orgulhosa posse de um automóvel Morris — um automóvel meu! A mais pungente de minhas experiências: Goldie, o canário, pulando da cortina, depois de um dia de desesperada infelicidade.

Uma criança diz: “Graças, meu Deus, por meu bom jantar”.

Que poderia dizer eu, ao fim de setenta e cinco anos de vida? “Graças, meu Deus, por minha vida tão feliz e por todo o amor que me foi dado.”

Wallington, 11 de outubro de 1965.

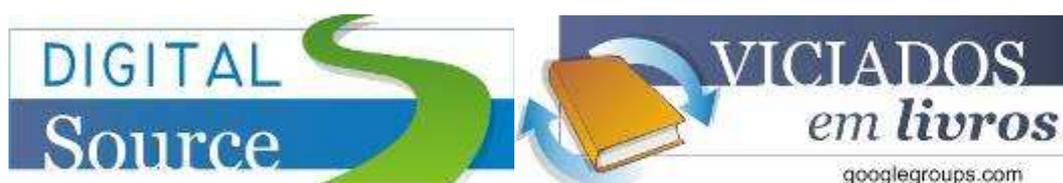
1

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Ilustrações

Minha mãe em seu vestido de noiva, por volta de 1877	167
Minha irmã Madge, meu irmão Monty, meu pai, e eu aos dezesseis anos	169
Minha tia-vovó na velhice	248
Minha mãe, em sua casa em Torquay, pouco antes da Primeira Guerra Mundial	248
Ashfield	300
Meu irmão Monty em Truelove	300
Eu, quando criança	301
Em Paris, 1906	400
O <i>dandie-dinmont</i> de Monty. Pintura de N. H. J. Baird	402
Aula de dança em Torquay: sou a moça do centro	402
Passeio no Egito	450
Archie e eu com nossas pranchas de surfe em Honolulu	503
Rosalind e eu	553
Nossa casa em Bagdá	554
Max e meu cachorro James, pouco antes da Segunda Guerra Mundial	656
No cenário de <i>Testemunha de acusação</i>	704
A Greenway House	704
Rosalind e Mathew em Pwlllywrach, 1947.....	705
Mathew e eu	705



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>